UNIVERSIDADE LaSalle

Credenciamento: Portaria N° 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

NARRATIVAS SOBRE UMA VILLA CHAMADA PARATY: OLHARES SOBRE FAZERES E SABERES EM UM PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL

Paulo Fernando Pires da Silveira

Canoas/RS, Dezembro de 2023

UNIVERSIDADE LaSalle

Credenciamento: Portaria N° 597/2017 de 5/5/2017, D.O.U de 8/5/2017

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais
Doutorado em Memória Social e Bens Culturais

NARRATIVAS SOBRE UMA VILLA CHAMADA PARATY: OLHARES SOBRE FAZERES E SABERES EM UM PATRIMÔNIO CULTURAL E NATURAL

Paulo Fernando Pires da Silveira

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Memória Social e Bens Culturais – linha de pesquisa em Memória e Linguagens Culturais.

Orientador: Patrícia Kayser Vargas Mangan
Linha de pesquisa: Memória e Linguagens Culturais

Canoas/RS, Dezembro de 2023.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587n Silveira, Paulo Fernando Pires da.
Narrativas sobre uma Villa chamada Paraty [manuscrito] : olhares sobre fazeres e saberes em um patrimônio cultural e natural / Paulo Fernando Pires da Silveira – 2023.
532 f.; 30 cm.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2023.
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan".

1. Cartografia. 2. Fotografia documental. 3. Memória. 4. Patrimônio cultural. 5. Paisagem cultural. I. Mangan, Patrícia Kayser Vargas Mangan. II. Título.

CDU: **316.7**

Bibliotecário responsável: Lucas de Oliveira Santos - CRB 10/2839

PAULO FERNANDO PIRES DA SILVEIRA

Tese aprovada para obtenção do título de doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dr.ª Iara Tatiana Bonin
Universidade Luterana do Brasil

_____

Prof. Dr. César Bastos de Mattos Vieira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Dr. Moisés Waismann
Universidade La Salle, Canoas/RS

_____

Prof.ª Dr.ª Cleusa Maria Gomes Graebin
Universidade La Salle, Canoas/RS

_____

Prof.ª Dr.ª Patrícia Kayser Vargas Mangan
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais
Curso: Doutorado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 19 de dezembro de 2023.

Clicksign 043914e5-cc3b-4d42-801b-240e542e7cb9

DEDICATÓRIA



Dona Flor, minha caiçara.

AGRADECIMENTOS | Amigos, encontros, histórias, memórias e sabores.

A criação desta pesquisa está relacionada inicialmente ao amor por Paraty e ao conhecimento que passei a desenvolver como fotógrafo a partir de 1979. Ao ex-prefeito Aloysio de Castro *(in memoriam),* por me receber em sua casa no Centro Histórico em julho de 1979 e ao padrinho Benedito Gervásio *(in memoriam),* o Dito da Viola, no bairro Caboclo. Ao IHAP, dirigido voluntariamente no período em questão por Amaury Barbosa, um grande conhecedor do patrimônio e da cultura paratiense. Ao chefe do escritório técnico do IPHAN da Costa Verde, Rafael Nascimento de Azevedo. Ao Diuner Mello, ilustre memorialista paratiense, incansável pesquisador e detentor dos saberes da cidade, que por muitas vezes me ajudou e me corrigiu sobre as histórias e as memórias da nossa cidade, através de seus comentários tão pertinentes em minhas fotografias ou em comunicações privadas [aliás, o que seria da memória de Paraty sem Costa, Cotrim, Maia, Ribas, Zezito e os griôs de suas comunidades?]. Às personalidades públicas Luciano Cordeiro, Flora Salles França Pinto [Profª Flora], por eventualmente colaborarem em minhas enquetes. A Thereza Dantas, Sérgio Salvati, Márcia e Gabriel Toledo, administradores dos grupos onde foram mais recorrentes o compartilhamento das minhas fotografias e enquetes. Ao secretário de Cultura Zé Sérgio Barros que dentro do seu tempo disponível elucidou no final da pesquisa sobre as novas políticas em prol da educação e da cultura da cidade. Somam-se a estes, as preciosas conversas na Livraria de Paraty, na Livraria das Marés, no Montañita Café, no Café Pingado, no Restaurante Netto, nas praças e pelas ruas ou desde uma visita informal, entre uma prosa e outra, partilhando um café, uma bicadinha numa Gabriela em torno da minha câmera, do meu diário de campo e gravador: ao Fernando Alcântara, o cirandeiro, José Cananeia [mestre Biba], a Bianca Paraty e Wanessa Malvar. A Claudia e Renata Castro. A Graça Braga e ao caiçara e pescador Ananias Nascimento, ambos do Pouso da Cajaíba. Ao Capitão Orlando da Praia do Cruzeiro no Saco do Mamanguá. Aos pescadores de Trindade, seu Joel e seu Hugo *(in memoriam)* por compartilharem comigo as suas histórias e os seus trânsitos por Paraty e pela América do Sul. A Dona Odete *(in memoriam),* Adilsa, Aguimaria, Ana Claudia, Heloisa e seu Álvaro [Griô da comunidade], pessoas tão queridas do Quilombo do Campinho. A todos os moradores da Ilha do Araújo, em especial: Almir dos Remédios, mestre Almir Tã [Griô da comunidade de pescadores], Éder Costa Santos dos Remédios, Roseli e Eliana Jesus dos Remédios Santos, ao Pedro, ao Vanderlei de Souza Santos e Viviane da Silva Pacheco Pereira [Vivi Pereira]. Ao Edson, Pedro e a Raquele. E da Praia Grande: José Luiz da Silva Vaz e Priscila de Deus da Silva. Aos guias de turismo Gabriel Toledo, Leidiana Nascimento da

Costa e Helena Ramos. Ao João Andrade e Pedro Campos do Forte Defensor Perpétuo. A Dona Margarida e seu Estevam que em nossas conversas no Solar dos Gerânios me ajudaram a entender um pouco mais a Paraty da primeira metade do século XX com as histórias e memórias da cidade e de seus ancestrais. Ao italiano Giancarlo Mecarelli, diretor do Paraty em Foco (PEF). Aos colegas que conheci durante as edições dos festivais e que partiram: Flávio Damm e Januário Garcia *(in memoriam),* que ampliaram a minha visão sobre o Fotojornalismo e a Fotografia Documental; aqueles que em Paraty foram os meus mestres em fotografia e memória, Andreas Valentin e o italiano Emídio Luisi. Ao Daniel De Jesus Lima *(in memoriam)*, proprietário do Sebo Cultural Paraty, pelas recomendações de leitura. A Dona Cecília da Conceição Teixeira Colaço Santos, ao Seu Herondino de Souza Santos e aos primos Laércio Domingos da Luz Araújo e José Assunção do Araújo, o mestre cirandeiro Zé Malvão, pelas histórias e memórias do bairro Caboclo. A Dona Flor, minha mãe, e aos meus irmãos paratienses Jorge, Elizabete, Roberto, Luiz Carlos e Janaina, as Tias Noêmia e Silvana Nascimento *(in memoriam),* que refugiada em Mangaratiba compartilhou comigo muitos dos seus "apagamentos/esquecimentos" até o momento de sua partida. Aos professores do PPGMSBC, que compartilharam durante os nossos encontros, conhecimentos preciosos para a execução desse trabalho. Em especial a Profª. Ana María Sosa González, a primeira a me incentivar no objeto da minha pesquisa. A Profª Zila Bernd e Lúcia Regina Lucas da Rosa pela oportunidade que me foi dada de editorar a Revista Memória e Linguagens Culturais. À Professora Judite Sanson pela indicação ao Observatório das Metrópoles da UFRJ. Aos meus primeiros orientadores Professores Lucas Graeff e Artur Cesar Isaia, que me deram total liberdade para eu descobrir sozinho os meus caminhos e descaminhos. Ao Professor Cesar Vieira (UFRGS) e a Professora Cleusa Graebin (UniLaSalle), pelos comentários e críticas que balizaram o trabalho. Ao Professor Deivisom Campos (PUCRS) por me apresentar a possibilidade de um outro olhar sobre a pesquisa. A minha terceira orientadora, Professora Patrícia Kayser Mangan, que abraçou o desafio de me acompanhar no final do meu processo e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Aos meus filhos Francesco e Pietro e a minha consorte Paola Verdun, pelo carinho e paciência com esse #eternoaprendiz.

A todas e todos, gratidão!

“Não fazemos uma foto apenas com uma câmara;
ao ato de fotografar trazemos todos os livros que lemos,
os filmes que vimos, a música que ouvimos,
as pessoas que amamos”.

Ansel Adams

“Fotografar é pôr na mesma linha de mira
a cabeça, o olho e o coração”.

Henri Cartier-Bresson

RESUMO

Paraty, cidade do litoral fluminense do Estado do Rio de Janeiro, foi tomada como objeto de pesquisa. Esta tese resulta de uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, apresentando cartografias entremeadas de narrativas, ora narrativas fotográficas e ora resultantes de saídas a campo e de entrevistas de profundidade com moradores e ex-moradores da zona urbana, rural e costeira de Paraty. Neste contexto, questiona-se que elementos característicos da cidade que não são visíveis nas fotografias no cenário de divulgação da cidade de Paraty nas mídias impressas e eletrônicas das instituições públicas e privadas? Considerando a importância de Paraty, Patrimônio da Humanidade pela UNESCO e primeiro Patrimônio Misto no Brasil, a pesquisa justifica-se pela importância dada aos seus fazeres e saberes, memória de alguns territórios que, assim como os seus sujeitos, sofrem o risco de um apagamento. O objetivo deste trabalho é construir narrativas, através de memórias, geradas a partir de uma coleta de dados documentais, do ato de escutar, ver, contemplar e fotografar os diversos moradores de Paraty, com ênfase nos caiçaras, expondo elementos pouco presentes nas narrativas oficiais da cidade ou mesmo nas redes sociais. A oralidade dos colaboradores [resultado de entrevistas de profundidade], serviram como elemento de investigação para a construção de cartografias afetivas que ajudaram a construir, também por meio de trabalhos acadêmicos e das obras dos memorialistas paratienses e paratianos, as questões sociais e de outras ordens vivenciadas ou recuperadas por eles, uma vez que a cidade carece de documentos mais antigos. As narrativas fotográficas, foram construídas inicialmente com o acervo pessoal [1979 e 1991] e do período de inspiração [2017], além do período da pesquisa [2018 a 2023]. A metodologia adotada é a abordagem qualitativa. E na vigência da pandemia de COVID-19, foi o momento da construção coletiva do conhecimento, com o uso da cartografia, assim como da netnografia, acompanhando as redes sociais de Paraty. A pesquisa possui três eixos teóricos estruturantes: Fotografia Documental, Memória e Patrimônio Cultural. Nesse sentido, dialoga-se com Achutti (1997, 2004), Assmann (2011), Barthes (2013), Boni; Moreschi (2007), Bresson (2004), Candau (2018), Collier, Jr. (1973), Deleuze; Guattari (1995), Delphim (2010), Guran (1992), Halbwachs (2006), Kossoy (2001, 2005), Luisi (1982, 2019), Mauad (1996, 2016), Pollak (1992), Samaim (2005), Spini (1982) e tantos outros. Reconhece-se, a partir das narrativas produzidas, a valorização do seu patrimônio cultural, onde nota-se também a alta importância dada ao lugar em que o turista / excursionista tem contato com o modo de vida dos moradores, as suas artes, os seus estilos de vida, a gastronomia, a música e questões singulares do seu Centro Histórico, como a arquitetura colonial portuguesa, os símbolos maçônicos e a atmosfera do fenômeno diário da maré. Além da sua paisagem cultural, que abraça as suas comunidades e a sua biodiversidade. Constatou-se com sete saídas a campo que as novas estradas provocaram o final do isolamento de quase um século e o início de um novo ciclo econômico [e também um turismo predatório] transformando-se em gatilho para a grilagem e a especulação imobiliária provocarem um trânsito de moradores e ex-moradores na cidade de Paraty. E também que a extrema pobreza, a busca por novas oportunidades e em alguns casos a pressão gerada pela gentrificação, foram algumas das questões responsáveis pela saída das famílias das terras do Caboclo [e de outros bairros], com a diluição do seus espaços e territórios.

Palavras-chave: Cartografia; Fotografia Documental; Memória; Patrimônio Cultural; Paisagem Cultural.

ABSTRACT

Paraty, cidade do litoral do Estado do Rio de Janeiro, foi tomada como objeto de pesquisa deste trabalho. Esta tese é resultado de pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, apresentando cartografias entrelaçadas com narrativas, ora narrativas fotográficas, ora resultantes de saídas de campo e entrevistas em profundidade com moradores e ex-moradores das zonas urbana, rural e litorânea de Paraty. In this context, the question arises: what characteristic elements of the city are not visible to the photographs in the promotional scenes of Paraty in the print and electronic media of public and private institutions? Considering the importance of Paraty, a UNESCO World Heritage Site and the first Mixed Heritage in Brazil, the research is justified by the importance given to its practices and knowledge, the memory of certain territories, which, like their inhabitants, are at risk of erasure. The objective of this work is to construct narratives through memories, generated from a collection of documentary data, the act of listening, seeing, contemplating, and photographing the different practices and knowledge of the residents of Paraty, with emphasis on the *caiçaras*, exposing elements that are not often present in the official narratives of the city or even on social media. The oral accounts of the contributors (resulting from in-depth interviews) served as an investigative element for the construction of affective cartographies that also helped build, through academic work and the works of Paraty's memorialists, the social issues and other experiences or recoveries since the city lacks older documents. The photographic narratives were initially constructed with personal archives (1979 and 1991) and the period of inspiration (2017), in addition to the research period (2018 to 2023). The adopted methodology is a qualitative approach. During the COVID-19 pandemic, there was a collective construction of knowledge using cartography, as well as netnography, monitoring Paraty's social networks. The research has three structuring theoretical axes: Documentary Photography, Cultural Heritage, and Memory. In this sense, it engages in dialogue with various authors such as Achutti (1997, 2004), Assmann (2011), Barthes (2013), Boni; Moreschi (2007), Bresson (2004), Candau (2018), Collier, Jr. (1973), Deleuze; Guattari (1995), Delphim (2010), Guran (1992), Halbwachs (2006), Kossoy (2001, 2005), Luisi (1982, 2019), Mauad (1996, 2016), Pollak (1992), Samaim (2005), Spini (1982), and many others. From the produced narratives, it is recognized the valorization of its cultural heritage, where there is also a high importance given to the place where tourists/excursionists come into contact with the residents' way of life, their arts, lifestyles, gastronomy, music, and unique aspects of their Historic Center, such as Portuguese colonial architecture, Masonic symbols, and the daily phenomenon of the tide. In addition to its cultural landscape, embracing its communities and biodiversity.

It was observed, through seven field trips, that the new roads brought an end to almost a century of isolation and the beginning of a new economic cycle (and also predatory tourism). This transformation became a trigger for land grabbing and real estate speculation, causing a flow of residents and former residents in the city of Paraty. Extreme poverty, the search for new opportunities, and in some cases, the pressure generated by gentrification and real estate speculation were some of the issues responsible for the departure of families from *Caboclo* lands (and other neighborhoods), with the dilution of their spaces and territories.

Keywords: Cartography; Documentary Photography; Cultural Heritage; Cultural Landscape; Memory.

Lista de Figuras

Figura 1 – Paraty / RJ – Planta de 1863 30
Figura 2 – Mapa São Paulo - Paraty / Rio de Janeiro 31
Figura 3 – Mapa Paraty / Rio de Janeiro 52
Figura 4 – Centro Histórico Paraty – bairro Caboclo 52
Figura 5 - Kodak Instamatic 101 70
Figura 6 – Mapa Paraty - Ilha Grande / Rio de Janeiro 83
Figura 7 – Centro Histórico | Utilização dos imóveis 90
Figura 8 - Paraty / Rio de Janeiro – 1959 e 2005 104
Figura 9 – Mapa | Centro Histórico e malha urbana 116
Figura 10 – Centro Histórico | Passos da Paixão 120
Figura 11 – Centro Histórico | Períodos 125
Figura 12 – Paraty / RJ - Centro Histórico / Rio Perequê-Açú 128
Figura 13 - Sítio misto Paraty e Ilha Grande Cultura e Biodiversidade 130
Figura 14 – Pousada Palmeira Imperial – Praça do Chafariz / Centro Histórico 134
Figura 15 – Casa do Dharma / Bairro Caborê – Praça do Chafariz / Centro Histórico 141
Figura 16 – Terminal Rodoviário de Paraty – Paraty Mirim 146
Figura 17 – Terminal Rodoviário de Paraty – Trindade 152
Figura 18 – Terminal Rodoviário de Paraty – Quilombo do Campinho da Independência 158
Figura 19 – Terminal Rodoviário de Paraty – Caminho do Ouro 163
Figura 20 – Mapa da Trilha dos Guaianases / Caminho do Ouro / Estrada Real 165
Figura 21 – Rua da Matriz, 210 - Praça do Chafariz / Centro Histórico 179
Figura 22 – Vista aérea – Paraty, 1950 210
Figura 23 – Workshop: A Fotografia para o Novo Normal | Pedro Vásquez 213
Figura 24 – Centro Histórico Paraty – Pousada Mar à Vista / bairro Caboclo 216
Figura 25 – Container Hospedaria / Parque Imperial – Praça do Chafariz / Centro Histórico 216
Figura 26 – Container Hospedaria / Parque Imperial 217
Figura 27 – Terminal Rodoviário Paraty - Ilha do Araújo 225
Figura 28 – Terminal Rodoviário Paraty - Ilha do Araújo | Detalhe 226
Figura 29 – Rua Projetada / Caborê – Praça do Chafariz / Centro Histórico 245
Figura 30 – Praia da Barra do Corumbê – Rua Projetada / Caborê 251

Figura 31 – Pousada Aquarium – Praça do Chafariz / Centro Histórico..... 270
Figura 32 – Pousada Aquarium – Praça do Chafariz / Centro Histórico..... 289
Figura 33 – Centro Histórico - Praia do Cruzeiro / Saco do Mamanguá – Pouso da Cajaíba 296
Figura 34 - Terminal Rodoviário de Paraty – Mangaratiba / RJ 304
Figura: 35 – Solar dos Gerânios – Praça do Chafariz / Centro Histórico..... 318
Figura 36 – Terminal Rodoviário de Paraty – Estrada Bananal..... 324
Figura 37 – Estrada Bananal – Estrada Pedra Branca 325
Figura 38 – Solar dos Gerânios / Centro Histórico – Toca do Cassununga / Jabaquara 332
Figura 39 – Paraty / RJ – Parque Nacional da Serra da Bocaina – bairro Caboclo..... 366
Figura 40 – Porto Alegre / RS – Bairro Azenha..... 370
Figura 41 - Travessia Angra dos Reis, Conceição de Jacareí e Mangaratiba – Ilha Grande... 386
Figura 42 - Centro de Formação de Economia Criativa (CEFEC)..... 435
Figura 43 – Nova Estação de Tratamento de Esgoto (ETE)..... 438
Figura 44 – As áreas alcançadas pela fase 1 do saneamento..... 439
Figura 45 – Brasão de Paraty..... 492
Figura 46 – Bandeira de Paraty 492
Figura 47 – Paraty uma cidade Paulista..... 494
Figura 48 – São Roque 496
Figura 49 – Simulação - Vila de São Roque, 1630/40 497
Figura 50 – Simulação – Vila de Nossa Senhora dos Remédios, 1730/40..... 499
Figura 51 – Paraty / RJ – Malha Urbana, Centro Histórico e a Mata Atlântica..... 504
Figura 52 – Paraty e a Mata Atlântica / entre as metrópoles: Rio de Janeiro e São Paulo..... 507
Figura 53 – Paraty / Rio de Janeiro – Setor imobiliário..... 527
Figura 54 – Paraty / Rio de Janeiro – Segurança Pública..... 527
Figura 55 – Paraty / Rio de Janeiro – Segurança Pública..... 528

Lista de Quadros

Quadro 1 - Títulos de Tombamento e Decretos Ambientais 92
Quadro 2 – Sobre o povoamento e/ou fundação de Paraty..... 99
Quadro 3 – Templos de Paraty 498

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Narrativas Fotográficas..... 47
Tabela 2 - Crescimento Populacional – Século XX e XIX 109
Tabela 3 – Calendário de Eventos Turísticos e Culturais de Paraty..... 513

Lista de Siglas

AMOQC	Associação de Moradores do Quilombo do Campinho
AMOT	Associação de Moradores de Trindade
APA	Área de Proteção Ambiental
APP	Área de Preservação Permanente
CEFEC	Centro de Formação de Economia Criativa
CV	Comando Vermelho
DGEMN	Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Lisboa / Portugal)
FLIP	Festa Literária Internacional de Paraty
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
IHAP	Instituto Histórico e Artístico de Paraty
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEA	Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPPUR	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional [da Universidade Federal do Rio de Janeiro]
MIS	Museu da Imagem e do Som de São Paulo
MMA	Ministério do Meio Ambiente
ONG	Organização não Governamental
ONU	Organizações das Nações Unidas
PEF	Paraty em Foco
PESM	Parque Estadual da Serra do Mar
PMP	Prefeitura Municipal de Paraty
PNMA	Politica Nacional de Meio Ambiente
PNSB	Parque Nacional da Serra da Bocaina
PPGMSBC	Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais
REJ	Reserva Ecológica da Juatinga
RJ	Rio de janeiro
SESC	Serviço Social do Comércio
SIPA	Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico (Portugal)
SP	São Paulo

TC	Terceiro Comando
TI	Terra Indígena
TQ	Território Quilombola
UC	Unidade de Conservação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura
UPP	Unidade de Polícia pacificadora
ZEVC	Zona de Expansão das Vilas Caiçaras (APA Cairuçu)

SUMÁRIO

1 - MEMORIAL DE UM #ETERNOAPRENDIZ 21
2 - PANORAMA DA TESE 29
3 - MINHAS LENTES 34
3.1 O ato de fotografar em Paraty 42
3.2 1979 - Três descobertas: Paraty, o bairro Caboclo e a Fotografia 49
3.3 As primeiras memórias de 1979 e 1991 69
3.4 Reflexões sobre a Fotografia Documental antes de contemplar a trilha 75
4 - PARATY – PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE 82
4.1 A patrimonialização de Paraty 85
4.2 Histórias e memórias da antiga cidade 115
5 - CONTEMPLANDO A TRILHA 131
5.1 A inspiração | Paraty, 13 à 17 de Setembro de 2017 132
5.2 Saída de Campo 1 | Paraty, 16 à 19 de Setembro de 2018 141
5.2.1 #diariodecampo em Set. 2018 143
5.2.2 A Vila de Paraty Mirim 146
5.2.3 A Vila de Trindade 151
5.2.4 O Quilombo Campinho da Independência 157
5.2.4.1 A fotografia como passaporte 159
5.2.5 A Trilha dos Guaianases 162
5.2.6 #mochilapronta em Set. 2018 177
5.3 Saída de Campo 2 | Paraty, 16 à 23 Setembro 2019 178
5.3.1 #diariodecampo em Set. 2019 180
5.3.2 Caminhar e contemplar com o mestre italiano 196
5.3.3 #mochilapronta em Set. 2019 206
5.4 Saída a campo virtual | Paraty, 2020/2021 207
5.4.1 Os desafios para manter o foco online 208
5.4.2 #diariodecampo em Out. 2020 211
5.5 Saída de Campo 3 | Paraty, 21 Outubro à 4 Novembro 2021 215
5.5.1 #diariodecampo em Out./Nov. 2021 218
5.5.2 Patitiba, o bairro ao lado 218
5.5.3 Bairro Caboclo, 31 de Outubro de 2021 229
5.5.4 #mochilapronta em Out./Nov. 2021 244

5.6 Saída de Campo 4 | Paraty, 8 Janeiro à 4 Fevereiro 2022 254
5.6.1 Barra do Corumbê | vila de pescadores 250
5.6.2 Bairro da Penha 254
5.6.3 #diariodecampo em Jan./Fev. 2022 268
5.7 Saída de Campo 5 | Paraty, 27 Junho à 4 Julho 2022..... 270
5.7.1 #mochilapronta em Jun./Jul. 2022 279
5.7.2 #diariodecampo em Jun./Jul. 2022 288
5.8 Saída de Campo 6 | Paraty, 20 à 28 Setembro 2022 289
5.8.1 As primeiras horas de volta à cidade 291
5.8.2 Pensando no bolo de fubá 292
5.8.3 Rumo ao Saco do Mamanguá 294
5.8.4 Próxima parada, Pouso da Cajaíba 296
5.8.5 Quilombo do Campinho da Independência, o retorno 300
5.8.6 Rumo à Mangaratiba 303
5.8.7 Morro da Vila Velha 304
5.8.8 #mochilapronta em Set. 2022 306
5.8.9 #diariodecampo em Set. 2022 316
5.9 Saída de Campo 7 | Paraty, 27 Fevereiro à 1 Março 2023 318
5.9.1 Solar dos Gerânios 319
5.9.2 Edinho, o festeiro 321
5.9.3 Depois do pirão de peixe 322
5.9.4 Paraty, 28 de fevereiro 323
5.9.5 A Fazenda Bananal 325
5.9.6 Um encontro com Gabriela 329
5.9.7 Padaria Esperança fechada 330
5.9.8 O último café da manhã 332
5.9.9 Jabaquara 333
5.9.10 #diariodecampo em Fev.Mar. 2023 346
5.10 Chegar em Paraty 347
6 - PAISAGENS E MEMÓRIAS ALÉM DAS CORRENTES..... 350
6.1 Bairro Caboclo, o que não é mais 350
6.1.1 Dona Flor e família 353
6.1.2 O primo Laércio 375
6.1.3 O primo Zé Malvão 377

6.1.4 Tia Silvana 385
6.1.5 # diariodecampo em Fev./Mar. 2023 389
7 - PARATY POR OUTROS OLHARES 393
7.1 O diretor voluntário 394
7.2 O guia de turismo 401
7.3 Uma caiçara do Pouso da Cajaíba 406
7.4 O fotógrafo e *videomaker* 408
7.5 O caiçara cirandeiro 409
7.6 A caiçara atriz 413
7.7 A carioca da gema atriz 421
7.8 Três desabafos 425
7.8.1 Xenofobia 426
7.8.2 Lucimar e os seus sete filhos 426
7.8.3 Sonhar é possível 427
7.9 Ajustando o foco 428
8 – CONTEMPLAÇÕES IMPERMANENTES DE UM #ETERNOAPRENDIZ 441
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 457
COLABORADORES 470
APÊNDICE A - BREVE HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA 472
APÊNDICE B - A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL EM QUESTÃO 477
APÊNDICE C - O FOTÓGRAFO DOCUMENTAL 480
APÊNDICE D - 1982 E 2019, A ETNOFOTOGRAFIA NO BRASIL 486
APÊNDICE E - 1997 E 2004, A FOTOETNOGRAFIA 489
APÊNDICE F – SÍMBOLOS DE PARATY 491
APÊNDICE G – PARATII, UMA VILLA PAULISTA 494
APÊNCICE H - SANTOS & SANTAS DE PARATY 496
APÊNDICE I – PARATY, ENTRE O MAR, AS MATAS E A CULTURA 502
APÊNDICE J - A PRIMEIRA PROCISSÃO 517
APÊNDICE K - A SEGUNDA PROCISSÃO 520
APÊNDICE L – DEPOIS DA SÉTIMA SAÍDA A CAMPO 525
APÊNDICE M - ENTREVISTA 1 - COM MEMBROS DO GRUPO DO FACEBOOK: PARATY UMA FOTO POR DIA 530
APÊNDICE N - ENTREVISTA 2 - COM OS MORADORES PARATIENSES E PARATIANOS 531

APÊNDICE O - ENTREVISTA 3 - COM OS MORADORES DO BAIRRO CABOCLO ANTES DO CICLO DO TURISMO 532

1 - MEMORIAL DE UM #ETERNOAPRENDIZ

Eu sou Paulo Fernando Pires da Silveira[1], mas socialmente uso apenas o nome Fernando Pires. Poderia ter sido Fernando Nascimento, mas aí seria um outro caminho ou descaminho, como o próprio tema desta pesquisa me provoca constantemente. E dela, já recortei muitos outros caminhos. Então neste primeiro capítulo, em forma de memorial, tenho como objetivo narrar fragmentos do meu percurso acadêmico, profissional e pessoal, que por muitas vezes tiveram a fotografia como atriz principal ou, no mínimo, como uma forte coadjuvante.

A minha primeira fotografia, capturei em meados de 1976, em visita a um parque ambiental no Rio Grande do Sul: eu deveria ter entre 15/16 anos, e foi apenas um clique, com uma câmera alheia, durante uma excursão escolar – uma foto "roubada" cujo resultado nunca vi [antes disto eu só me imaginava fotografando quando piscava os olhos ao contemplar as belezas pelas ruas de Porto Alegre]. Da primeira foto lembro-me de uma linha de horizonte, com muitas árvores e um campo com vários tons de verde e alguns terrosos também. Mas foi em 1979, quando fui conhecer Paraty / Rio de Janeiro, minha terra natal, em viagem de férias, que emocionado com a arquitetura, a natureza, os paratienses e os paratianos[2], nasceu o interesse pela fotografia. De forma observadora e contemplativa naquele momento fazia uso de uma câmera fotográfica "das mais amadoras"[3] – muito similar aquela do primeiro clique - para documentar as minhas primeiras histórias e memórias da cidade, inclusive do bairro Caboclo, o território onde nasci e o qual em meados de 1964, a minha família biológica se viu obrigada a deixar para trás devido a motivos que vão desde à extrema pobreza e a questões de saúde de meu pai. Estas primeiras fotografias despertaram uma paixão e, aproximadamente em 1984, quando eu trabalhava como desenhista projetista para a Cia. Cervejaria Brahma, a fotografia de hobby passaria a ser também a minha profissão. A reação da minha nova família [que me adotou logo ao chegar em Porto Alegre], durante um almoço de domingo, ao saber deste desejo, acabou gerando um afastamento [necessário] de mais de três anos, já que ser fotógrafo, naquela época, não era considerado ter uma profissão digna que pudesse causar orgulho e tranquilidade financeira aos nossos pais. Tornei-me então um amante da fotografia e alguns

[1] Fotógrafo, *Designer* Editorial, Mestre em Educação e Doutorando em Memória Social e Bens Cultural pela Universidade La Salle.

[2] Embora paratiano, não seja um termo que todos historiadores, memorialistas e moradores paratienses ou não,

[2] Embora paratiano, não seja um termo que todos historiadores, memorialistas e moradores paratienses ou não, aceitem ou considerem esse termo pejorativo, para se referir aos "de fora", como dizem alguns moradores, eu adoto eventualmente nesta pesquisa, de forma carinhosa e acolhedora aqueles que já no primeiro olhar se apaixonaram pela cidade e num ato de amor e coragem se desapegaram dos seus passados e fizeram de Paraty o seu novo lar.

[3] Câmera fotográfica KODAK Instamatic 101 - XERETA. Produzida nos anos 1970 pela Eastman Kodak Company. É um modelo de foco fixo muito básico para filmes 110mm.

dos seus segmentos, fazendo um investimento permanente para desenvolver o olhar fotográfico. Entre sorrisos e lágrimas, confesso que já pensei e tentei abandoná-la no mínimo duas ou três vezes, mas acabamos reinventando a nossa relação e seguindo em frente.

Trinta e três anos depois da minha emoção de retornar a Paraty em 1979 e perceber os muitos significados que uma boa fotografia pode produzir, resolvi apurar o olhar sobre um "amor antigo", a Fotografia Documental com ênfase no patrimônio cultural. Então, depois de ter investido no segmento da Fotografia Editorial e Publicitária, em 2012 participei, na França, da Imersão Fotográfica Paris-Champagne, um *workshop* sobre o Novo Documentarismo, sob orientação de Jean-Luc Monterosso (filósofo e diretor da MEP – Maison Européenne de la Photographie, de Paris), Cristianne Rodrigues (socióloga e diretora do FotoRio na Europa) e o mestre Milton Guran (fotógrafo, antropólogo e diretor do FotoRio).

Na permanente busca pela especialização, atualmente, procuro inspiração nos fotógrafos italianos. Então, em 2014, no Brasil, realizei cursos com os fotógrafos Danilo Russo (Genova) e Fabiano Avancini (Padova). Em 2015, em Florença / Itália, tive aula de iluminação com o fotógrafo Gildardo Gallo. Em Janeiro de 2016, Setembro de 2017 e Janeiro de 2018, retornei à Itália para dar continuidade a um projeto autoral. Em meados de setembro / outubro de 2015 realizei em Pisa, na Itália, com a colaboração da Assessoria de Relações Internacionais da ULBRA Canoas e da Unità Promozione Internazionale da UNIVERSITÀ DI PISA, um ensaio de inspiração etnográfica para um projeto autoral em construção intitulado Giovani Studenti Universitari: (Come) Esprimire L'identità (O La Personalità) Attraverso I Vestiti, (Como Jovens Universitários Exprimem Suas Identidades Através da Moda).

Ao longo desta caminhada realizei vinte e duas exposições individuais e catorze coletivas. Paralelo à atividade de fotógrafo, venho conciliando para um pequeno grupo de clientes, geralmente da área da Cultura e da Educação, a atividade de *designer* gráfico e editorial, tendo sido responsável, por exemplo, do material gráfico para divulgação das cinco primeiras edições do Festival Internacional de Teatro de Rua de Porto Alegre no RS.

No ano de 1998 iniciei carreira docente nos cursos de Fotografia do SENAC Porto Alegre e após 1999 passei a coordenar e ministrar periodicamente os meus próprios *workshops* de Fotografia. Desde então ministro cursos e *workshops* de iluminação e produção fotográfica, tendo também proferido palestras sobre este tema em seminários realizados na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS), Universidade de Caxias do Sul (UCS), Universidade de Passo Fundo (UPF), além de eventos ligados à fotografia no Rio Grande do Sul. De 2006 à 2015 integrei a equipe de professores no Curso Anual de Fotografia da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) de Porto Alegre; e em 2009 passei a trabalhar como professor no Curso Superior de

Tecnologia em Fotografia da ULBRA de Canoas, onde iniciei ministrando as disciplinas de Iluminação e Fotografia Ambiental. Posteriormente assumi também as disciplinas de Laboratório P&B, Fotografia Documental, Fotografia de Arquitetura, Fotografia Editorial e Publicitária e Fotografia Autoral, atuando também como Coordenador de Atividades por dois anos. Atuei como professor na Câmera Viajante – Escola de Imagem em Porto Alegre e em projetos sociais. Então, hoje sou mestre em Educação (Ulbra Canoas); Especialista em Arte Contemporânea e em Criação (Ulbra Canoas), em Produção de Narrativas Multimídia: foto, vídeo e som (ESPM Sul) e Graduado em Fotografia (Ulbra Canoas). Atualmente sou aluno bolsista da Capes no curso de Doutorado em Memória Social e Bens Culturais (UniLaSalle Canoas).

Profissionalmente realizo Ensaios e Retratos. E de forma autoral, dentro dos conceitos da Fotografia Contemplativa e/ou da Fotografia Documental (e suas vertentes, as ciências da etnofotografia e a fotoetnografia) - faço Fotografias de Patrimônios e Paisagens Culturais e do Comportamento Humano em especial na minha Paraty, onde ao retornar no segundo semestre de 2017 e começar um caminhar dentro do Centro Histórico e avistar no horizonte o Parque Nacional Serra da Bocaina, foi inevitável a recordação de quando capturei a minha primeira foto, aquela que eu nunca vi. No semestre seguinte ingressei como aluno especial no PPG em Memória Social e Bens Culturais. E já foram as duas primeiras disciplinas, Patrimônio Cultural e Natural e Seminário Paisagens Identidades Urbanas, que me fizeram apaixonar pelo Curso, pois vi a possibilidade – pelo seu caráter multidisciplinar – de trabalhar a fotografia, mais especificamente a Fotografia Documental [etnofotografia/fotoetnografia] como ferramentas em pesquisas de patrimônio cultural e paisagem cultural. Em 2019 fui contemplado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) [4], que me permitiu dar continuidade e intensificar a realização do presente trabalho. Os novos saberes, como a importância em dar atenção à narrativa oral – descobrindo assim, através dos relatos dos moradores contatados para a construção desta tese, um contexto que eu desconhecia do espaço onde nasci, que além de serem carregados de emoção, trouxeram outras – relevantes - experiências individuais que não foram possíveis recordar ou mesmo, pela tenra idade da época, não ter chegado a vivenciá-las. O aprimoramento na construção de mapas mentais, através de aplicativos e plataformas online, colaboraram para nortear a pesquisa, evitando também que se desviasse das prioridades. Muitos são os novos aprendizados, os novos autores, alguns apontaram caminhos, outros fizeram-me prestar

[4] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

atenção nos fragmentos, pois eles eventualmente podem representar a conexão para as nossas memórias. E mesmo naquele cenário surreal, das pandemias – saúde e política - que estivemos vivenciando, onde tudo inicialmente pareceu parar, as conexões virtuais, com o PPGMSBC e também com os grupos de Paraty, evoluíram consideravelmente. Poder em uma das aulas do segundo semestre de 2020 percorrer o bairro Caboclo através do *Google Earth* - com a liberdade que eu não tive presencialmente em 2018 - foi uma experiência ímpar, emocionante. O ano de 2020 foi um ano atípico onde os corpos, embora isolados, não foram impedidos para que as nossas mentes e corações fortificassem os laços sociais. Assim, literalmente, no meio de um percurso apaixonante, reconheço que desde os primeiros caminhos trilhados, os mesmos estiveram ligados a um fazer etnográfico: olhar, ver, ouvir, contemplar, escrever, [re]escrever… Talvez por influência do budismo a identificação com esse método vem sendo produtiva, por ser leve e ao mesmo tempo intenso, fluido, rizomático e impermanente como todos os fenômenos da vida. A fotografia, embora também sempre em movimento, já estava enraizada na mente, no coração e também no corpo, pois quando em campo, a câmera transforma-se em prótese, uma extensão do corpo. Na sequência das primeiras aulas, das disciplinas cursadas ainda como aluno especial, remexendo nas memórias da Fotografia Documental, conheci a etnofotografia (SPINI, 1982) e revisitei alguns conceitos da fotoetnografia (ACHUTTI, 1997). E poder nos últimos semestres, eventualmente, colaborar com o PPG, colocando também em prática os meus conhecimentos como *designer* [um sonho que foi parcialmente adormecido pela fotografia], editorando algumas edições da Revista Memória e Linguagens Culturais, criando artes e logotipos para atividades acadêmicas, foi muito gratificante.



Uma qualificação antecipada quatro meses, a troca de orientador por duas vezes e a pandemia de COVID-19 [o momento em que a mente quer e precisa produzir mas o corpo paralisa], foram alguns dos desafios no processo do segundo tempo da pesquisa. Até e após a qualificação, mesmo ainda diante da indefinição se a pesquisa seria uma coletânea de artigos e ensaios ou um formato clássico de tese, desde o início, o desejo era de criar um diálogo entre a minha fotografia, o patrimônio cultural e as memórias do bem tombado, o conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade de Paraty [o Centro Histórico, o bairro Caboclo, lugar onde eu e os meus ancestrais nascemos representando a zona rural e outras comunidades tradicionais que representassem a zona da costeira]. Diante dos imprevistos causados pela pandemia, transitei por vezes por mais de uma metodologia. A agenda de 2021 não foi nada

monótona. Em Janeiro, assistia as últimas aulas da disciplina que cursei pelo Observatório das Metrópoles, mas com a missão de nas próximas semanas concluir a escrita do ensaio para encerrar oficialmente o compromisso com o IPPUR da UFRJ. No âmbito pessoal, não só pela pandemia, mas pelo setor da cultura e da educação estarem caóticos no país, fez-se necessário praticarmos alguns desapegos materiais. No mundo acadêmico a participação no projeto Universidade do Sentido[5] - *Universidade Schola*, uma iniciativa do Papa Francisco, além de todo conhecimento somado me ampliou a visão e a percepção da importância de compartilhar saberes e praticar a escuta, de saber escutar o outro. Na UniLaSalle, o fato de ter criado as logomarcas para o Mnemocast[6] e MnemoDiálogos[7] e de ter sido o responsável pela editoração das edições de Nº 18, 19/20 da Revista Linguagens foi muito gratificante, além de relembrar a atividade de *designer* gráfico que há tempo eu não praticava, pois acabei aprendendo a lidar, da noite para o dia, com novas ferramentas de edição. Como professor na despedida do Curso de Fotografia de Universidade Luterana do Brasil, a oportunidade de ministrar aulas online nos últimos dois semestres do Curso, as novas disciplinas de Patrimônio Natural e Patrimônio Material e Imaterial. E na mesma instituição, foi um ano de [re]aprender para melhor ensinar sobre Identidade Visual para os Cursos de Design e aprender para ensinar sobre Produção Visual para os alunos do Curso de Publicidade e Propaganda. Tratavam-se das últimas turmas destas disciplinas, pois os referidos cursos também estavam em processo de extinção. E na ansiedade com o futuro, durante a pandemia de COVID-19, paralelo ao Doutorado, participei de seminários e cursos livres alusivos ao patrimônio, memória e fotografia no Campanário (RS)[8], no GEPPC[9], na Caixa Mágica (PR)[10], e no evento anual Semana do Patrimônio Fluminense[11], visando o meu aprimoramento e que também me ajudaram a rever e fortalecer alguns conceitos aprendidos no PPGMSBC. E, principalmente

[5] Criado em 2020, inspirada na nova lógica da cultura da escuta, do encontro, da solidariedade e do cuidado, a Universidade do Sentido integra a Fundação Pontificia Scholas – Fonte: https://www.unilasalle.edu.br/canoas/noticias/voluntarios-da-universidade-do-sentido-ja-estao-atuando-em-acoes-de-partilha - Acesso em: 05 mai. 2023.

[6] Arquivo de áudio, produzido por mestrandos, doutorandos e professores do PPGMSBC e divulgado com periodicidade regular e com conteúdo semelhante ao de um programa de rádio.

[7] Arquivo de áudio e vídeo, transmitidos em tempo real, produzido por mestrandos, doutorandos e com a participação dos professores do PPGMSBC e divulgado com periodicidade regular e com conteúdo semelhante ao de um programa de entrevistas.

[8] Cursos Livres sobre Patrimônio Cultural coordenado pelo Professor Jorge Luís Stocker Jr, - Fonte: https://www.instagram.com/ocampanario/ - Acesso em: 05 mai. de 2023.

[9] Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio Cultural coordenado pelos Professores Luciano Chinda Doarte e Felipe Augusto Tkac – Fonte: https://geppcpr.wixsite.com/geppc - Acesso em: 05 mai. 2023.

[10] A Caixa Mágica: Diálogos sobre História da Fotografia - curso de extensão acadêmica vinculado à Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP/UNESPAR - Campus I) e ao grupo de pesquisa Navis (Núcleo de Artes Visuais). Fonte: https://acaixamagica.wixsite.com/turma2021 - Acesso em: 05 mai. 2023.

[11] Cursos livres, manifestações culturais e seminários sobre o Patrimônio Fluminense – Fonte: http://www.patrimoniofluminense.rj.gov.br/ - Acesso em: 05 mai. 2023.

com a falência de algumas universidades particulares, iniciei e concluí uma nova especialização, desta vez em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação (com bolsa institucional da Ulbra Canoas). A dedicação à pesquisa acabou resultando, através das minhas fotografias, em uma menção honrosa e também em um segundo lugar na Mostra Cultural de Fotografia e Poesia "Olhares sobre o Patrimônio Fluminense" da 13ª Semana do Patrimônio Fluminense - "Povos originários: cultura e desafios".[12]

Em maio veio a questão: o que você vê? ...pois eu ainda não via, o que precisava ver ou [re]ver: o[s] problema[s] e objetivos da minha pesquisa. Uma semana depois dos meus questionamentos, o meu corpo trava, o braço direito, as pernas, a lombar, e conseguir sair da cama e ficar em pé todas as manhãs era um evento. Meses desafiadores viriam. Em outubro de 2021, já tinha o movimento do braço direito recuperado, o meu caminhar ainda era lento, mas combinaria com o Centro Histórico de Paraty. Relutei, no momento mais crítico, quanto ao uso de uma bengala. Pausa na fisioterapia para retornar a campo, ainda com um pouco de dores, na alma e no corpo, mas sem bengala.

Assim, apresentar o patrimônio cultural e as memórias de Paraty, do bairro Caboclo e outros lugares, com o uso da fotografia [documental], fez por muitas vezes o meu humor oscilar, das doces às dolorosas recordações. Paraty, é um grande município, que possui ambientes tão diferentes, que houve alguns momentos que me pegava na dúvida do que documentar: o legado histórico ou os reflexos da sua impermanência? A beleza e a simplicidade da cultura popular na zona rural e costeira observada e/ou relatada pelos colaboradores entrevistados, a cultura mais elitizada, dita erudita, dos frequentadores das pousadas e dos eventos mais sofisticados do Centro Histórico ou uma composição/soma de ambos os temas.

Acredito que por ser um amante do design, da fotografia e do cinema, mas principalmente da fotografia, as minhas pesquisas / os meus escritos, em alguns momentos são apresentados de uma forma mais orgânica e poética, revelando a minha forma de olhar e ver / contemplar constantemente tudo o que me cerca. E por gostar de fotografar mais as pessoas, procurei então por respeito e para não gerar nenhum incomodo, desviar o meu foco e/ou compor de uma forma que elas se tornassem um complemento das paisagens que registrei, fosse no meio urbano, rural ou na costeira. E assim também contive-me, por muitas vezes, em entregar-me ao ato fotográfico e não seguir por um viés mais artístico e, sim, documental.

---

[12] Fonte: https://encurtador.com.br/dgqX7 - Acesso em 19 fev. 2024.

Pela leitura de obras acadêmicas mas também, principalmente, dos escritores e pesquisadores da história local, procurei entender e ver aquilo que eu não conseguia perceber devido ao tempo e a época já passada, pois a cultura em Paraty transita entre o erudito e o popular, dentro de um outro paradigma, a tradição e a novidade trazida e compartilhada diariamente, mesmo que involuntariamente, pelos turistas/o estrangeiro ou os "de fora" como se referem alguns moradores mais antigos.

Assim, apresento, nas páginas que seguem, uma cidade do litoral fluminense. Uma cidade que em 28 de fevereiro de 2023 completou 356 anos de histórias. Trata-se da cidade de Paraty e do bairro onde nasci, o bairro Caboclo - a cultura tradicional de uma pequena comunidade com em torno de dez famílias - onde alguns desconhecem as suas origens, a formação de sua própria identidade, para afirmar sua forma de viver no século XX para o XXI, em um espaço onde hora parecia uma aldeia, hora parecia um quilombo. Lanço um olhar para as histórias de luta destas famílias, pela sua sobrevivência, que se entremeiam com a identidade de outras comunidades caiçaras. Para a transformação social que se percebe no bairro Caboclo, se é recorrente em outros bairros, com mais ou menos intensidade, ou não. Este olhar, além de apoiar-se nas narrativas fotográficas produzidas especialmente para esta pesquisa, então analisa entrevistas com alguns dos seus moradores e ex-moradores.

Contemplando as fotografias do meu acervo de 1979 e 1991, as imagens mais antigas desta pesquisa, com as fotografias produzidas durante as saídas a campo – é possível observar algumas mudanças sociais e culturais. Pelas ruas, percebe-se menos caiçaras e mais turistas. E os próprios novos moradores do Centro Histórico e de outros bairros são diferentes, no caminhar, no vestir e no falar. Desde a metade do século XX, Paraty vem mudando e não é apenas na sua área urbana, mas também na zona costeira e rural, em especial no Caboclo, bairro onde eu, minha mãe e minha vó, nascemos. Desde o início do seu novo ciclo econômico, em meados de 1960, o Centro Histórico e alguns bairros começaram a passar por um processo de gentrificação. Durante o desenvolvimento desta tese gerei algumas tensões nas redes sociais ao afirmar que Paraty é hoje algo que ela nunca foi. Em parte, essas inquietações que foram externalizadas nas redes que dão origem à hipótese tal como será explicado posteriormente, e que se busca investigar, ao apresentar as narrativas fotográficas de 1979, 1991 e a documentação fotográfica produzida no processo da tese.

Paraty é feita de fronteiras visíveis e invisíveis: são as correntes que marcam o perímetro do Centro Histórico; os dois rios, que no passado eram as margens da cidade e a pista do aeroporto que separa os dois dos bairros mais fragilizados. Desde a segunda metade do século XX, com as desapropriações na zona rural, devido a construção das novas estradas;

a grilagem e especulação imobiliária da zona da costeira principalmente, estes e outros bairros foram crescendo de forma acelerada e desordenada.

Muito foi escrito e documentado sobre Paraty. Nas últimas décadas, nas redes sociais as comunidades/grupos se multiplicaram e no *Youtube* podemos contemplar Paraty por diversos vieses. A proposta nesta tese é principalmente a valorização de suas comunidades caiçaras, tão sofrida e explorada com a grilagem, especulação imobiliária e a violência. Além dos historiadores e memorialistas paratienses e paratianos que trago para dialogar nos eixos sobre patrimônio e memória, inúmeros textos acadêmicos foram produzidos, desde ensaios e artigos até dissertações e teses. E depois de 2019, quando veio o título de Patrimônio Misto pela UNESCO, o interesse por evidenciar não só a sua paisagem cultural, mas também os seus caminhos e descaminhos, desde os que dizem respeito às questões sociais, religiosas, ambientais, inclusive causos e malassombros, cresceram consideravelmente. Trazemos aqui uma contribuição a ser desdobrada certamente em muitas outras.

2 - PANORAMA DA TESE

Paraty cidade a beira mar
Meu cantinho adorado
Tens o céu bordado de estrela
És tu Paraty amado.

Um leito de cetim feito de rosas
Um belo pedacinho do Brasil
Paraty, oh minha terra
És linda como um céu de anil.[13]

Para este trabalho foi tomada como objeto de pesquisa a cidade de Paraty[14] (Figura 1), do Estado do Rio de Janeiro, com aporte do material fotográfico coletado antes, durante e/ou depois do Paraty em Foco – o Festival Internacional de Fotografia – nas edições de 2017[15], 2018[16], 2019[17], 2021[18] e 2022[19] e outras saídas a campo em 2022 e 2023. O evento, que ocorre anualmente desde 2005, é um dos destaques no calendário cultural da cidade. No panorama nacional, está naturalmente entre os mais relevantes festivais de fotografia, atraindo os amantes desta arte de toda a América Latina e contando com convidados internacionais.

A escolha pela cidade histórica inclui, além do contexto pessoal já apresentado, o fato de ser Patrimônio da Humanidade da UNESCO e o primeiro patrimônio misto (cultural e natural) no Brasil. Paraty é uma cidade de beleza peculiar, que antigamente era reduto dos indígenas coletores Guaianás ou Guaianases (do tupi antigo gûaîanã), foi fundada no século XVI e conforme a historiadora Thereza Regina de Camargo Maia (1976), se estabeleceu durante três séculos, devido a sua localização geográfica, ligando o Vale do Paraíba e das Minas Gerais com o Rio de Janeiro. Hoje, depois de vivenciar eras de apogeu: ouro, café e

---

[13] O Hino Oficial – Exaltação a Paraty. Letra de autoria de Aldmar Gomes Duarte Coelho e música do maestro Benedito das Flores, mais conhecido como Maestro Potinho. Tornou-se hino oficial através da Lei Municipal Nº 587, de 19 de Setembro de 1980 (MELLO, 2009, p. 17).

[14] O governo municipal, através da Lei Nº 1553/2009, de 22 de março de 2009, adotou oficialmente a grafia Paraty. Originalmente, no século XVI, escrevia-se "Paratii", isso para informar que a palavra era oxitona. Ao longo do século XVIII começaram a aparecer em documentos diversas formas gráficas: Paratii, Paraty, Parathy e até mesmo Pirati, porém a forma mais usual era a grafia com Y (MELLO, 2009, p. 14).

[15] 13ª Ed.: FOTOGRAFIA: DOCUMENTO E FICÇÃO – Nota: Ao longo do trabalho será escrita a sigla "PEF" seguida [ou não] do ano ou "Festival Internacional de Fotografia" para se referir ao evento. - https://www.pefparatyemfoco.com.br/2017 - Acesso em: 21 Abr. 2023.

[16] 14ª Ed.: FOTOGRAFIA: UTOPIA / DISTOPIA - https://www.pefparatyemfoco.com.br/2018 - Acesso em: 21 Abr. 2023.

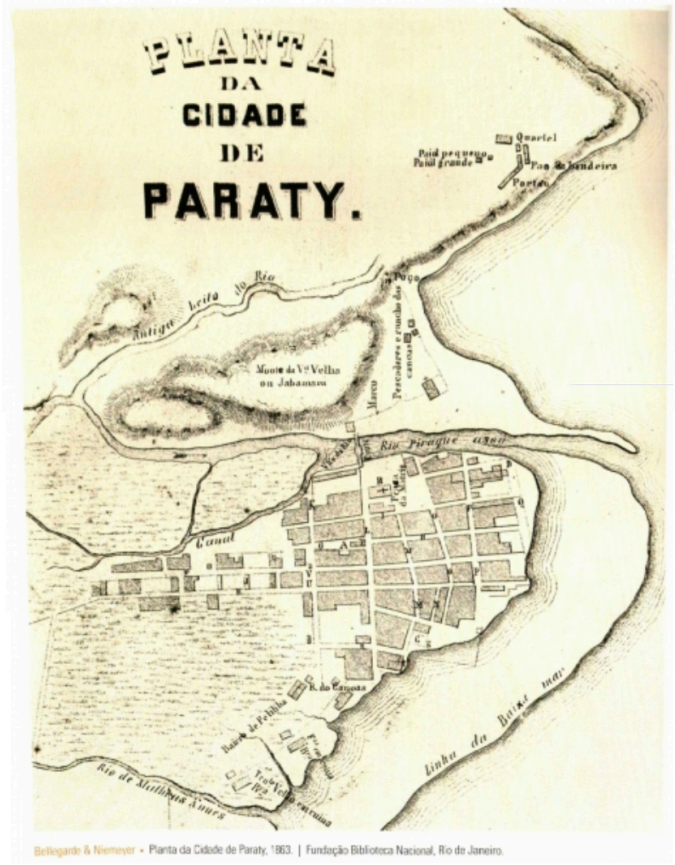
[17] 15ª Ed.: MIGRAÇÕES - Um Evento para Todos os Olhares - https://www.pefparatyemfoco.com.br/2019 - Acesso em: 21 Abr. 2023.

[18] 17ª Ed.: FOTOGRAFIA SOLIDÁRIA - https://www.pefparatyemfoco.com.br/2021-1 - Acesso em: 21 Abr. 2023.

[19] 18ª Ed.: HORIZONTES DA FOTOGRAFIA - https://www.pefparatyemfoco.com.br/2022 - Acesso em: 21 Abr. 2023.

cana de açúcar e suportar/experienciar um longo período de isolamento, segundo o memorialista Diuner Mello (2009), a situação econômica paratiense é proveniente: 75% do turismo, direta ou indiretamente; 15% da pesca e 10% da indústria de aguardente e agricultura. Reconhece-se, a partir do material em fotos produzidas, o valor do seu patrimônio cultural e natural. E também nota-se a alta importância dada ao lugar em que o estrangeiro / turista tem contato com o modo de vida dos paratienses, com os seus patrimônios culturais - material e imaterial. As suas artes, os seus estilos de vida – a gastronomia, a música e a atmosfera do fenômeno diário da maré no Centro Histórico, são consideradas especiais e também seu patrimônio natural - suas cachoeiras, ilhas, parques, praias, etc.

Figura 1 - Paraty / RJ – Planta de 1863



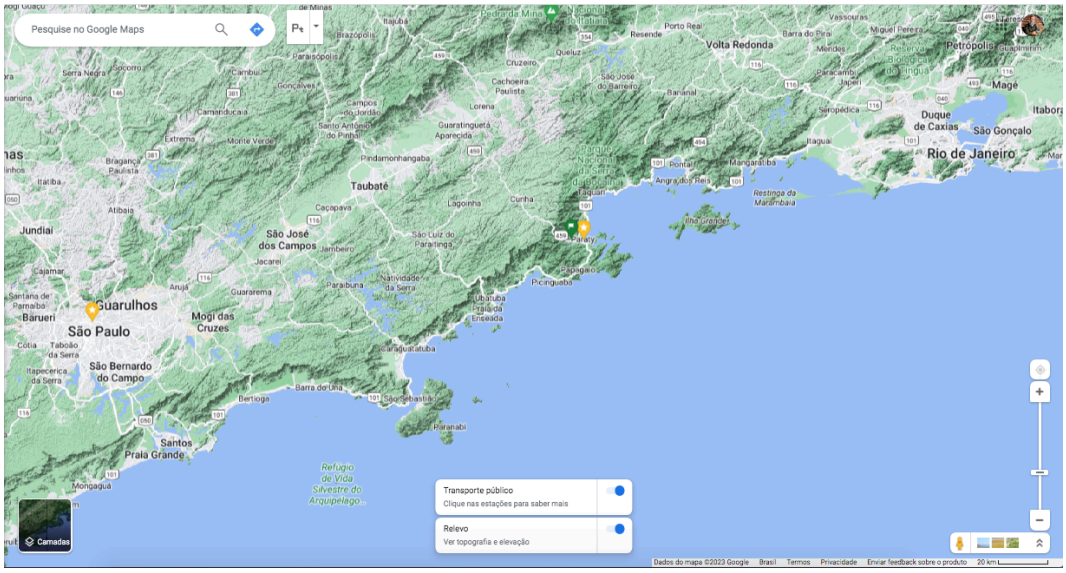
Fonte: Fundação Biblioteca Nacional Rio de Janeiro - 1863

Para a instituição portuguesa - Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico (SIPA)[20], Paraty trata-se de uma "cidade situada em margem fluvial. Vila de

[20] O SIPA – Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico é um sistema de informação e documentação sobre património arquitetônico, urbanístico e paisagístico português e de origem ou matriz portuguesas gerido pela Direção-Geral do Patrimônio Cultural (DGPC) - Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20186 - Acesso em: 03 maio 2022.

fundação régia portuguesa. Núcleo urbano de matriz colonial, estruturado na segunda metade do século XVII e no século XVIII, tendo-se consolidado no século XIX" (2003). Situada a 258 km da capital Rio de Janeiro (Figura 2) e tendo como municípios limítrofes Angra dos Reis (RJ), Cunha (SP) e Ubatuba (SP), é palco de diversas festas e festivais, tornando-se, após a década de 1970, um destino cultural e turístico.

Figura 2 – Mapa São Paulo - Paraty - Rio de Janeiro



Fonte: *Google Maps*[21]

O seu pequeno mas charmoso Centro Histórico, cravado entre a beleza do mar e as montanhas cobertas pela exuberante Mata Atlântica é extremamente propício aos encontros.

Apresento nos Capítulos 4, 5 e 6 informações importantes sobre a história do patrimônio, memórias e paisagens de Paraty. Com este panorama inicial, é possível perceber que hoje o turismo é uma das principais fontes de recursos para o município. Frente a isso formulamos como **problema de pesquisa**: que elementos característicos da cidade que não são visíveis nas fotografias no contexto de divulgação da cidade de Paraty nas mídias impressas e eletrônicas? Junto a esta e outras indagações, parto da **tese** que é possível construir uma narrativa sensível, usando fontes orais e fotográficas, para desinvisibilizar moradores e características importantes da cidade, a qual permita explicitar características do patrimônio cultural de Paraty.

[21]https://www.google.com/maps/@-23.3836853,-45.0233347,9z/data=!5m2!1e4!1e2?entry=ttu - Acesso em: 12 set. 2023.

Objetivos e Justificativas

Considerando a importância de Paraty - patrimônio da humanidade pela UNESCO[22] a partir do que está sendo descrito, o objetivo do presente trabalho é construir narrativas, a partir de documentos, depoimentos e fotografias, sobre diferentes fazeres e saberes dos moradores de Paraty, com ênfase nos caiçaras, expondo elementos pouco presentes nas narrativas oficiais da cidade. Este objetivo geral se desdobra em três específicos:

1. Realizar um levantamento de espaços e sujeitos de referência para os moradores de Paraty.
2. Propor narrativas fotográficas inspiradas a partir da etnofotografia e da fotoetnografia, mostrando como a fotografia pode servir de ferramenta de uma pesquisa etnográfica ao abordar o patrimônio cultural e a paisagem cultural de uma cidade.
3. Problematizar sobre o que nas fotografias não é possível ver, no contexto de divulgação da cidade de Paraty nas mídias impressas e eletrônicas, inclusive se, diante do movimento/trânsito provocado pelo ciclo do turismo, os moradores (paratienses ou paratianos) ainda podem se considerar sujeitos da sua cidade.

A pesquisa justifica-se pela importância de registrar fazeres e saberes, memórias de um território que – assim como os seus sujeitos - sofre um apagamento. Ao mesmo tempo que o município comemora o reconhecimento mundial ao conquistar o tão almejado título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, primeiro Patrimônio Misto no Brasil, que teoricamente gera ao município a possibilidade de mais trabalhos formais e informais para os seus moradores, há muitas situações complexas pouco discutidas.

O movimento/trânsito dos moradores, provocado pelo ciclo do turismo, foi observado até a sétima saída a campo: caiçaras pressionados pela grilagem e/ou especulação imobiliária saem dos seus paraísos na costeira, os moradores da zona rural [principalmente bairros altos como o Caboclo]; fazendo com que ambos na maioria das vezes acabem mudando-se para os bairros periféricos mais fragilizados – em relação à malha urbana e ao Centro Histórico. Por sua vez, os moradores da antiga cidade, hoje Centro Histórico, são pressionados a vender os seus imóveis e mudarem-se para bairros mais distantes, para a zona rural ou até para fora do

[22] Paraty e Ilha Grande (RJ) recebem título de Patrimônio Mundial da UNESCO em 05 de julho de 2019, pelo Comitê da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), durante reunião em Baku, Azerbaijão. Fonte: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5164/paraty-e-ilha-grande-rj-ganham-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco - Acesso em: 19 Fev. 2020.

município. O novo ciclo [que trouxe também um turismo predatório] foi o gatilho para a grilagem e a especulação imobiliária provocarem esse movimento/trânsito na cidade.

Há ainda relevância neste trabalho no campo da Fotografia Documental. A fotografia é um instrumento amplamente utilizado pelas instituições municipais e privadas, que promovem os eventos culturais e religiosos de qualquer cidade. É utilizada como ferramenta de divulgação nas mídias impressas e eletrônicas dos patrimônios materiais e imateriais e bens naturais, assim como acontece em Paraty. Nesse sentido, o pesquisador pode aprender, além do domínio da técnica fotográfica, o desenvolvimento da sensibilidade no momento de realizar a leitura e a interpretação de uma imagem, para além do que aparentemente ali está, apura-se não só o olhar, mas principalmente o ver, o contemplar.

3 - MINHAS LENTES

Apresento, nesta tese, Paraty através de lentes ancoradas em três eixos teóricos: Fotografia Documental (etnofotografia e fotoetnografia), Memória Social e Patrimônio Cultural. Os eixos navegaram nas linhas e nas narrativas deste texto, mas sem fronteiras engessadas, procurando construir discussões pela premissa do olhar, escutar, ver, contemplar e fotografar. Nessa pesquisa observa-se o diálogo entre a fotografia documental, o patrimônio cultural e as memórias que permeiam os bens tombados, o conjunto arquitetônico e paisagístico da malha urbana da antiga cidade, hoje Centro Histórico de Paraty, e do bairro Caboclo, lugar onde eu e os meus ancestrais nascemos, representando a zona rural e outras comunidades tradicionais, algumas representando a zona da costeira. Por exemplo: quando eu mostro a foto da trilha dos Guaianases, não foi só a trilha que me inspirou a escrever, mas sim o que ela representa hoje ou já representou, os seus agenciamentos, as suas múltiplas funções - ou seja, os diálogos que uma ou um conjunto de fotografias pode fazer com o nosso imaginário, quando somada[s] às experiências sensoriais de todas as ordens no ato de contemplar a trilha. E dentro desse formato rizomático os eixos navegaram de um capítulo ao outro, conectando-se às fotografias, aos mapas, as tabelas, às questões ora sobre o patrimônio cultural, ora sobre a paisagem cultural e a memória. Seja da antiga malha urbana, hoje Centro Histórico ou da zona da costeira ou da zona rural, onde se encontra o meu caríssimo bairro Caboclo. Respiro e procuro aprender com a multiplicidade de opções que uma inspiração etnográfica pode me provocar a fazer, possibilitando-me inclusive [para superar imprevistos e obstáculos] trabalhar com outras metodologias.

A metodologia adotada para esta pesquisa, diante das diversas possibilidades que Paraty apresenta [uma variedade de perspectivas possíveis de serem pesquisadas], foi uma abordagem qualitativa, exatamente por não ser, segundo Godoy (1995, p. 23), uma "proposta rigidamente estruturada". E, ao passo que os caminhos foram se apresentando a cada nova saída a campo, para avançar alguns escopos/fins o projeto passou a transitar por dois dos múltiplos caminhos para realizar uma pesquisa qualitativa: a pesquisa documental e a etnografia (GODOY, 1995). A pesquisa documental vem se constituindo tanto de materiais escritos como obras literárias e acadêmicas, como iconográficos: mapas, documentários, fotografias. E é exatamente esse processo: "o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminados, buscando-se interpretações novas e/ou complementares" (GODOY, 1995, p. 24), que retratam uma pesquisa documental. Também houve entrevistas de profundidade, que colaboraram para o

entendimento dos contextos de algumas identidades e comunidades. Dessa forma, um olhar inspirado pela “etnografia” - que em uma compreensão mais abrangente pode ser percebida segundo Fetterman apontado por Godoy (1995, p.28) como “a arte e a ciência de descrever uma cultura ou grupo”, seja ele uma comunidade social urbana, indígena, quilombola ou caiçara - em comunhão com a Fotografia Documental, estão sendo eficazes para olhar e ver alguns “fenômenos reais e atuais” (GODOY, 1995, p. 21-24).

E neste caminhar inicialmente curioso e impermanente, que pela perspectiva Haseman (2015), permeado de um leque de abordagens de investigação e métodos que serão apresentados a seguir, uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, atributos que foram percebidos e decifrados dos costumes, reações e objetos (GODOY, 2015), capturados seja pelas contemplações, entrevistas, análises de artefatos ou das fotografias que assumem em alguns momentos uma narrativa mais informal e visual. É como Haseman (2015) esclarece, amparado em Schwandt (2001, p. 213), uma pesquisa qualitativa tem como objetivo principal “apreender o sentido da ação humana”. E todos estes elementos, como afirma Haseman (2015, p. 42), “são estudados durante o processo de investigação, e as descobertas são representadas como baseando-se em uma variedade de fontes e abordagens” .

Muitas das questões narradas durante as sete saídas a campo fazem parte do meu ato de escutar, contemplar e fotografar. Outras, que até o presente eu não estava conseguindo ver, foram comigo compartilhadas por oito colaboradores, paratienses e paratianos, todos eles moradores da cidade. Alguns temas, inicialmente, não faziam parte dos roteiros anotados em meu diário de campo, mas naturalmente e de forma recorrente passaram a surgir, e foram me convidando a contemplar. Ao ingressar no PPGMSBC, já nos primeiros caminhos trilhados, ainda como aluno especial, estiveram ligados ao fazer etnográfico: olhar, ver, escutar, escrever, [re]escrever, enfim contemplar. A fotografia, embora também em movimento, já estava enraizada na mente e no coração, mas através das novas leituras proporcionadas pelo PPGMSBC, conheci a etnofotografia dos italianos Sandro Spini (1982) e Emídio Luisi (1982, 2019) e reencontrei a fotoetnografia de Achutti (1997, 2004). Então, em alguns capítulos, além da inspiração provocada pelas duas ciências, trouxe para dialogar sobre os caminhos e descaminhos da minha amada Paraty, o antropólogo e professor americano John Collier Jr (1973), que em algum momento do processo da criação das referidas ciências inspirou os seus respectivos autores.

Nesse sentido, ao encontro dos pensamentos de Godoy (1995) e Haseman (2015), este trabalho constituiu-se inicialmente também a partir de uma coleta de dados recortados dos sites da Prefeitura Municipal de Paraty e de outras instituições públicas e privadas ligadas a

cultura, educação e ao turismo, assim como de registros fotográficos durante as saídas a campo. E do acervo fotográfico pessoal de 1979 e 1991 e de trabalhos acadêmicos escritos sobre Paraty. E na busca por evidências do bairro Caboclo foram efetuadas visitas a três instituições, pela relevante importância na preservação da memória, do patrimônio e da cultura da cidade, através dos seus acervos fotográficos e documentais: Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Biblioteca Municipal Fábio Villaboim. Após as saídas a campo foram mantidos contatos, via correio eletrônico e redes sociais, com o IHAP e o IPHAN, para pesquisas complementares. O chefe do escritório técnico da Costa Verde o Rafael Nascimento de Azevedo[23], colaborou sempre que solicitado e buscando soluções as vezes distantes para solucionar as minhas questões. O percurso para coleta de todo o material utilizado para esta Tese se constitui de uma série de caminhos inspirados pela Fotografia Documental, sendo que tive a oportunidade, em setembro de 2019, de realizar um *workshop* de etnofotografia com o próprio fotógrafo italiano, o Luisi. Também, apresento os resultados de entrevistas de profundidade, feitas com moradores que adotaram a cidade como Amaury Barbosa, diretor voluntário do IHAP, Wanessa Malvar, atriz, e com os guias de turismo Gabriel Toledo, Helena Ramos e Leidiana Nascimento da Costa. Com os paratienses Fernando Alcântara, cirandeiro, Graça Nascimento Braga, Desenhista Técnica e Assistente Social e Bianca Nascimento [Bianca Paraty], atriz. As entrevistas e sucessivas conversas, com os moradores e ex-moradores do bairro Caboclo, foram fundamentais na construção da memória coletiva que norteia esta pesquisa e da minha própria identidade. E as conversas preciosas com os caiçaras Ananias Nascimento, seu José Cananeia [o mestre Biba], primo Laércio Domingos da Luz Araújo e o primo José Assunção do Araújo [o mestre cirandeiro Zé Malvão]. E com a Dona Margarida e seu Estevam do Solar dos Gerânios. As tantas questões, dúvidas, correções sanadas com ajuda do memorialista Diuner Mello, um ícone na cidade, detentor das historias e das memórias de Paraty.

As entrevistas em profundidade tornaram-se fundamentais no processo de construção desta pesquisa, com ênfase no Capítulo 7 - PARATY POR OUTROS OLHARES, apresento a fala de nove moradores e três dos muitos desabafos que acompanhei via mídias sociais no período de pesquisa, onde procuro no final realizar uma análise desses olhares sobre o patrimônio e a paisagem cultural de Paraty. Inspirando-me e seguindo a perspectiva de

[23] Após quase dois anos, a gestão do arquiteto Rafael Nascimento de Azevedo, terminou no final da primeira quinzena de Maio de 2023, quando assumiu de forma interina a chefia do escritório técnico da Costa Verde o Chefe Substituto Roberto Mazzarone.

Tedesco, Sade e Caliman (2016), ter contato com as “experiências de vida” ou o que os colaboradores entrevistados “viveram das experiências”, foram vitais para cartografar a cidade ou os seus respectivos lugares de fala. As entrevistas não foram engessadas, ganhavam especificidades conforme o lugar ou o território do entrevistado. Para Tedesco, Sade e Caliman (2016, p. 109), “a condução flexível e aberta interessa à cartografia, contudo, pode não ser suficiente”. E na minha metodologia, praticar o exercício da escuta foi tão importante quanto saber a hora de fazer algum colaborador entrevistado retomar a fala principal, quando este desviava radicalmente [sem apresentar outros elementos pertinentes ao tema da pesquisa] de alguma questão formulada.

Entrevistar os colaboradores em seu lar ou local de trabalho e em dias e horários previamente agendados ajudaram na paz do processo. Com uma exceção, as entrevistas foram executadas em espaço reservado e silencioso e de forma isolada, para que o entrevistado em momento algum fosse constrangido em expor os seus pensamentos e sentimentos com a presença de terceiros. Escutar o outro exige atenção, transcrever e analisar o que se escutou exige muito mais. As transcrições mais longas foram terceirizadas, algumas foram realizadas pela minha consorte e as mais curtas eu mesmo realizei. O momento de analisar as experiências apresentadas pelos colaboradores [emocionalmente] foi desafiador.

As entrevistas também foram a base do Capítulo 6 - PAISAGENS E MEMÓRIAS ALÉM DAS CORRENTES, onde me dedico a narrar o bairro Caboclo, pelo meu olhar e dos meus colaboradores. No contexto do bairro Caboclo; começo a desenvolver e compreender o sentido de território e desterritorialização, eixo central na obra de Deleuze e Felix Guattari (2009). Reconheço, pela complexidade do tema, que há muito ainda a ser assimilado sobre a obra dos dois autores e mesmo daqueles que foram inspirados ou influenciados por eles, como Haesbaert (2002), Onuma e Misoczky (2012), para a existência de um diálogo harmonioso com o texto.

As entrevistas em campo predominaram, mas também houve a necessidade de agendar encontros remotos pelo *Meet* e/ou *WhatsApp*, devido ao período de isolamento causado pela pandemia de COVID-19 ou pela distância entre os envolvidos.

Assim como **escutar**, **cartografar** foi essencial para **ver**.

Procurei, ao desenvolver alguns capítulos dessa pesquisa e a narrativa das sete saídas a campo, produzir uma cartografia mais afetiva, para ir apresentando ao mesmo tempo em que ia vivenciando os espaços, os lugares. Além do registro fotográfico, praticando a contemplação, a escuta, busquei também apresentar, ora através da imagem, ora através das palavras, descrevendo fazeres, saberes [e sabores], questões nas quais nunca havia prestado

atenção antes. A beleza da simplicidade, do rústico, do natural, tentando reaprender como era caminhar, viver diariamente entre a Mata Atlântica e o mar. Buscando também, para dialogar com as minhas fotografias - mapas, gravuras, documentos atemporais. Ao mesmo tempo em que apresento, aprendo o que antes os meus olhos não conseguiam ver, sobre uma cidade diversa, singular, potente. Um lugar onde tudo conta história - uma rua, uma casa, uma esquina, um telhado, uma calçada. E onde é possível também montar histórias e memórias com a oralidade dos seus moradores. Pela perspectiva de Kastrup e Passos (2016), a pesquisa de campo via de regra nos expõe a um território que desconhecemos. Conforme apontam Kastrup e Passos (2016, p. 24), "a aposta da cartografia é na construção coletiva do conhecimento", um projeto comum entre o pesquisador e os colaboradores. Para Barros e Silva (2016), a atividade demanda uma troca contínua de experiências e conhecimentos múltiplos que nos guia a um processo contínuo de mudança das ações que executamos. Portanto, seguindo esse pensamento, "estar em campo ao pesquisar não implica solidão. A atividade de pesquisa tem memória. Nunca entramos em campo sozinhos", apontam Barros e Silva (2016, p. 149). Penso que a ideia dos autores, independente se a minha ação é contemplar, entrevistar, escutar ou fotografar, vai ao encontro do que afirmam Tedesco, Sade e Caliman (2016, p. 94): "o cartógrafo não varia de método, mas faz o método variar", conforme o caminho que precisa ou quer trilhar.

Nesta pesquisa as fotografias e a oralidade, como elemento de investigação para a construção destas cartografias afetivas dos colaboradores, ajudaram a construir, também por meio de documentos, as questões sociais e políticas vivenciadas por eles. Por meio da união das fotografias de 1979, 1991 e do período de inspiração [2017], além da pesquisa [2018-2023], procurei cartografar com cada relato que os colaboradores trouxeram, transportando-me a uma época passada e auxiliando-me no processo. As escolas onde estudaram, as instituições onde trabalharam, o que cada lugar representou para si e para sua família, enfim, toda memória produzida foi importante. Espero que, com a minha escuta e transcrição, consiga manter vivas as memórias destas pessoas, famílias, bairros ou da própria cidade. Devido alguns movimentos/trânsitos, geralmente realizados contra a vontade, foram muitos os momentos que tiveram a força de nos fazer voltar a um determinado tempo ou ao lugar vivido, sorrir e/ou emocionar.

Essa cartografia afetiva começou em um nível mais individual, desde o contemplar das cores esmaecidas das poucas fotografias impressas de 1979 que eu consegui localizar em meus arquivos, das lembranças de cada lugar. Mas isso foi o que bastou para iniciar a produção de um novo acervo de fotografias e a coleta de relatos, para ela passar para um nível

mais coletivo e inevitavelmente assumir em alguns momentos um caráter mais social, principalmente quando os depoimentos começaram a trazer temas que não estavam na pauta, mas que tornaram-se recorrentes [a violência por exemplo]. Foram momentos em que as falas provocavam alegria, tristeza e muita contemplação. O processo de construção assim aconteceu graças às falas de paratienses e também de paratianos, que escolheram Paraty como o seu segundo ou novo lar. São pessoas que se entregaram de mente e coração a um novo lugar e por isso conseguem traçar um retrato fiel da comunidade onde optaram em viver. Acredito que futuramente os colaboradores desta pesquisa, ao lerem novamente o resultado de suas falas, traduzirem em palavras a sua identidade ou da sua família e o panorama do lugar, além das emoções outras memórias virão.

Então, nos Capítulos 4 – PARATY, PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE e 5 - CONTEMPLANDO A TRILHA apresento uma seleção de fotografias das narrativas fotográficas, desenvolvidas nas sete saídas a campo em Paraty. Algumas fotografias do Centro Histórico, aparentemente, "sem alguma coisa ou alguém" não estão vazias, elas estão carregadas da ausência do morador e daquela serenidade existente até o início da segunda metade do século XX. É preciso lembrar que "as fotografias são sempre invisíveis: não são [exatamente] elas que nós vemos" (BARTHES, 2013, p. 14). E muito do que eu não conseguia contemplar das minhas fotografias de 1979 e 1991, antes de ingressar do PPGMSBC, passou a ser diferente a cada nova saída a campo. Para Flusser (2002, p. 22), "o fotógrafo é aquele que produz símbolos, manipula-os e os armazena. E o resultado da sua atividade são mensagens [livros, quadros, projetos...], elas não servem para ser consumidas, mas para informar: ser lidas, contempladas, analisadas e levadas em conta nas decisões futuras". Pelo olhar do autor, é a partir dos símbolos produzidos com a caixa preta [câmera] que o fotógrafo exerce poder sobre quem contempla as suas fotografias.

Quando apresento no Capítulo 4 - PARATY – PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, as minhas três descobertas em 1979 - Paraty, o bairro Caboclo e a Fotografia; a patrimonialização de Paraty; os seus primeiros títulos e decretos ambientais; as histórias e memórias - conto com o aporte de autores como Rocha e Eckert (2013), Zevi, (1996), Silva (2013), Choay (2001), Chuva (2009), Santos (2013), Bauman (2012) e Paes (2015). Estes autores [e outros mais] foram fundamentais para eu começar a compreender alguns conceitos sobre cidade, cultura, patrimônio cultural e paisagem cultural. Da mesma forma, no Capítulo 5 - CONTEMPLANDO A TRILHA, onde narro o meu retorno à cidade, após 38 anos, articulo alguns conceitos com o apoio de Assmann (2011), Barthes (2013), Benjamin (1987), Boni; Moreschi (2007), Bresson (2004), Candau (2018), Castriota (2009), Funari; Pelegrini

(2006), Guran (1992), Halbwachs (2006), Kossoy (2001, 2005), Paes (2015), Pollak (1992), Mauad (1996), Samain (2005), Sontag (2004) e Vásquez (2020). Estes autores [e outros mais] me ajudaram a dialogar melhor a fotografia, ora com o patrimônio, ora com a memória. Inevitavelmente [e felizmente], estes autores citados acima e tantos outros do eixo da fotografia, do patrimônio, assim como a memória, transitam ao longo do texto, borrando fronteiras, cruzando inclusive as correntes do Centro Histórico.

Em campo ou virtualmente, com a netnografia, a necessidade de estar alerta para novos indicadores foram vitais, pois como aponta Godoy (1995), elementos novos surgiam a todo o momento, colaborando no desenvolvimento da pesquisa, seja na soma ou no encaminhamento para uma nova direção.

De abril de 2020 a julho de 2021, períodos programados para a realização de saídas a campo em Paraty, mas que não aconteceram, devido ao isolamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19 pelo Brasil e pelo mundo, que manteve a cidade fechada para o turismo, optou-se então por dialogar com os moradores/colaboradores já contatados de forma remota e acompanhar os acontecimentos relacionados com patrimônio, memória, cultura e turismo, em um conjunto de páginas e grupos[24] pelas redes sociais[25], onde o foco é Paraty e o seu entorno. E desta forma experienciei, naquele momento atípico da história, a netnografia[26] de Kozinets, pois esses grupos (comunitários, culturais, estilos de vida, étnicos, *hobbys*, sociais...) têm uma existência tangível para seus membros, devido a muitas particularidades do comportamento, e assim produzem resultados significativos que agregam dados reais e atuais à pesquisa (KOZINETS, 1998). Estes personagens que encontrei online não são irreais, são seres reais em um ambiente virtual, povoando comunidades reais, o que explica por que muitos acabam se encontrando presencialmente (KOZINETS, 2014). A ocasião foi propícia para aproveitar as "interações e socialização de informações em escala global", o que "vem influenciando diversos aspectos culturais e sociais no mundo" (MANGAN, 2017, p. 47),

[24] Paraty – Patrimônio e Turismo Cultural, Paraty, Visite Paraty, Instituto Estrada Real, Paraty Online, Cultura Paraty, Setoriais de Cultura Paraty, Paraty em Foco, Paraty Em Rede, Vai Paraty, Vai Paraty Notícias, Paraty – Uma foto por dia, Trindade, Paraty/RJ, Nós - Movimento Cultural de Paraty. - Acesso em: abr. a out. 2020.

[25] Segundo Recuero (2009), "as redes sociais na Internet são as redes de atores formadas pela interação social mediada pelo computador" (p. 14); "são dinâmicas e estão sempre em transformação (p. 60). "centram-se em atores sociais, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais" (p. 134).

[26] A netnografia é uma abordagem da pesquisa online de observação participante que segue um conjunto de procedimentos e protocolos distinto. A netnografia é apropriada para o estudo tanto de comunidades virtuais quanto de comunidades e culturas que manifestam interações sociais importantes virtual- mente. Considerações norteadoras do uso e coordenação do campo de trabalho netnográfico e etnográfico incluem: o grau de integração de comportamentos sociais online e face a face focais, a relativa importância da observação corporificada em vez da autorrepresentação verbal ou de outro tipo, e a necessidade de identificação individual. (KOZINETS, 2014, p. 72).

fazendo uso da internet e das redes sociais. Para esta pesquisa virtual, o acompanhamento das redes sociais e para compreender os recursos da netnografia a inspiração em Kozinets (2014), Recuero (2009) e Mangan (2017), foram fundamentais e colaboraram para manter o foco, durante e depois do período de isolamento social recomendado.



Sete questões antes de começar a narrar o meu ato de fotografar: para apresentar Paraty, o bairro Caboclo e os meus ancestrais, usei da primeira pessoa do singular; Eventualmente em algumas sáidas a campo, devido a presença da minha consorte Paola Verdun, usei da primeira pessoa do plural. Em alguns momentos da minha escrita de inspiração etnográfica [beirando o poético], quando, por exemplo, julguei desnecessário criar uma nova seção, usei de um conjunto de diafragmas, uma ilustração que criei no período do Mestrado em Educação; para diferenciar autores de colaboradores, optei em colocar a data da entrevista ou conversa [entre colchetes]; e da mesma forma os meus muitos pensamentos [as tantas vozes que povoaram a minha mente] durante a pesquisa;

Quanto as minhas fotografias apresentadas nesta pesquisa no formato de narrativas ou no mínimo em pares, não apresento legendas, para seguir o mais próximo da inspiração da etnofotografia e fotoetnografia, que será melhor abordado no próximo capítulo e com material complementar que consta nos APÊNDICES. No Capítulo 5 - CONTEMPLANDO A TRILHA usei em alguns momentos a #eternoaprendiz e em outros #mochilapronta. A primeira *hashtag* faz alusão a breves análises e conclusões durante as saídas a campo. A segunda, o momento de contemplar sobre o caminho percorrido.



Na próxima seção**,** como parte da minha metodologia, narro de maneira concisa o meu ato de fotografar na cidade de Paraty. Entretanto, um material mais denso, "O #ETERNOAPRENDIZ E SEUS 33 PASSOS [OU +]", onde procuro detalhar a minha metodologia [híbrida e mutante] adotada para esta pesquisa, foi transformada em artigo. Em ambas produções autores como Carrol (2014), Freeman (2012), Tavares (2018), Gibson (2016) e outros fotógrafos e mestres já citados, me ajudaram a ver e melhor contemplar a fotografia.

3.1 - O ato de fotografar em Paraty

O ato de fotografar é um processo de contemplação sobre um determinado tema. E a fotografia, como toda e qualquer atividade criadora, tem que responder a duas questões básicas: o que fazer e como fazer – que definirão o conteúdo e a forma de sua produção (GURAN, 1992, p. 9). Assim a fotografia carregará um significado, que poderá contar, por exemplo, o cotidiano de um sujeito ou da sua comunidade e/ou ainda narrar o meio onde se encontram: urbano, costeiro, rural, etc. A cada clique da câmera interagimos e nos entrosamos com o nosso tema, com o líder de uma comunidade ou com a própria comunidade. Neste processo a fotografia constitui-se essencialmente de um tema (pesquisa/projeto), a técnica fotográfica e olhar (arte e técnica) do fotógrafo. A imagem formada carrega dentro de si o lugar e a fração de tempo na qual foi construída. E este conjunto de informações colabora para a análise da imagem, colaborando para que possamos meditar sobre a mesma.

No início do processo desta pesquisa, desejei fotografar Paraty, procurando exaltar não apenas a beleza do seu Centro Histórico e por uma questão de memória afetiva, o bairro Caboclo, mas também outros territórios, com a finalidade de documentar, de maneira sutil, a movimentação dos moradores desde o início do Ciclo do Turismo. Devido ao isolamento ocasionado pela pandemia de COVID-19 e suas variantes, este planejamento foi adiado e parcialmente alterado. Na intenção inicial do trabalho continha o desejo de contribuir para o amadurecimento da fotografia como documento no ambiente acadêmico, pelo viés das narrativas fotográficas, e de alguma forma colaborar para o não apagamento das culturas das comunidades tradicionais, principalmente os caiçaras, que desde os anos de 1960 sofrem com a gentrificação e a especulação imobiliária, reflexos do ciclo do turismo. Desde então, como mencionado anteriormente, os moradores estão em trânsito, os da zona da costeira e da rural deslocam-se para os bairros periféricos da malha urbana e os do centro histórico para a zona rural, ou ambos acabam optando por buscarem novas oportunidades fora da cidade.

Apoiado em Spini, Luisi (1982, 2019) e Achutti (1997, 2004), torno este trabalho documental em um conjunto de breves narrativas visuais, “inspiradas” nas duas ciências – etnofotografia e fotoetnografia - onde optei em trazer as fotografias, geralmente próximas do final de cada capítulo ou seção e sem legendas, para que não possam influenciar/induzir o pensamento do leitor. Por vezes me deixo levar pelo que as minhas fotografias contam depois de captadas, pois também compreendo uma metodologia que vai se construindo ao longo do processo, colocando a minha atenção “no desdobrar dos acontecimentos que se vão suceder

para poder captar seus momentos mais significativos e poder traduzi-los fotograficamente, fazendo uma descrição visual dos mesmos" (Achutti, 2004, p. 112-113). E assim procuro construir a minha narrativa interpretativa, lançando mão de um ou outro modo de pesquisar e realizar as minhas fotos, conforme sinto que posso fazer um ou outro, levado pela minha emoção, como já afirmou Achutti (2004) apoiado por Verger (1999). Assim, por vezes, procuro me "distanciar da técnica para que [o meu] olhar possa mergulhar no universo que constitui o objeto de [minhas] pesquisas" (p. 113), possibilitando-me aprofundar nas narrativas construídas. E, por vezes, recorro a elas reiteradamente, para conseguir me ancorar novamente na fotografia, buscando o que preciso para documentar a narrativa visual que virá a seguir. Algumas vezes não é possível interromper o acontecimento para tomar a técnica de volta e captar a imagem apenas apoiado nela, pois o momento está pedindo algo mais: escutar o outro, sem um gravador ou um diário de campo, para anotações, por perto. E aí depois, na intimidade do momento de escrever, o que pode acontecer horas, dias ou semanas depois, recupera-se as evidências que escutei ou testemunhei.

As fotografias são fragmentos do meu olhar, da minha contemplação em campo, onde procuro traduzir para um futuro observador uma representação da minha perspectiva sobre uma fração da 'realidade' do outro ou de uma paisagem cultural. As margens de uma fotografia, como se refere Achutti (2004, p. 111), "delimitam as escolhas feitas pelo fotógrafo para demarcar o tempo e o espaço". Elas não guardam apenas a memória de um momento, mas também todas as decisões prévias, que me cabem como fotógrafo e que apresento no final deste capítulo, na minha metodologia: a escolha da objetiva, diafragma, velocidade, ISO... Pois, o fotógrafo, segundo Achutti (2004, p. 96), "deve pensar ininterruptamente na construção da imagem, precisa sempre decidir qual será o melhor enquadramento, o que deverá entrar no campo e o que deverá ficar fora do mesmo". Hoje, com o advento da fotografia digital, já podemos deixar para decidir se vamos optar por cor ou preto e branco no momento entre a edição e o tratamento, mas tem fotos, que já no olhar pelo visor da câmera, a intuição diz: esta é preto e branco!

Mas não basta apenas apontar a câmera para um determinado assunto [no meu caso o patrimônio cultural e a paisagem cultural de Paraty] e disparar o obturador. É fundamental além do conhecimento sobre arte, técnica fotográfica e uma possível estética. Quanto mais pudermos nos aprofundar em entender o nosso equipamento, indiferente o seu modelo ou sua marca, mais poderemos contar com ele. Dominando o equipamento, a possibilidade de se produzir uma boa fotografia será maior. Ang (2010, p. 230) também trata da necessidade de dominar a técnica fotográfica, pois este fator somado a uma pró-atividade, tanto na Fotografia

Documental e/ou no Fotojornalismo, vão permitir que "a habilidade chave, que é o reflexo intuitivo para compor uma foto em tempo real e numa fração de segundo" possa ser melhor aperfeiçoada.

E no momento de realizarmos a edição, a análise do material fotográfico produzido, se apresentará a nossa eficácia em coletar dados / informações da cultura de uma comunidade, os seus fazeres e saberes e que servirão de fonte de inspiração para a pesquisa. Como recorda Benjamin [fazendo alusão as câmeras da virada dos séculos XIX - XX], "a câmera se torna cada vez menor, cada vez mais apta a fixar imagens efêmeras e secretas, (BENJAMIN, 1994, p. 107). Em campo em 1979, para a minha felicidade, acredito que fotografava com uma das menores câmeras dos anos 1970, preciosa para fotografias "efêmeras e secretas" como se refere o autor. Mas depois, na minha trajetória profissional o caminho foi o inverso, embora muito "apta a fixar imagens" as minhas câmeras cresceram e tornaram-se pesadas.

Em campo, para a pesquisa, quando o meu tema era retratar os patrimônios materiais, como as edificações / os casarios coloniais de Paraty, e eu por algum motivo perdia a inspiração, recomeçava experimentando as diagonais, as perspectivas, que geralmente me ajudavam a "destravar" o olhar. Na primeira fase da pesquisa, dentro de áreas urbanas, busquei aprimorar as minhas fotografias de patrimônio inserindo espontaneamente uma ou mais pessoas dentro da composição. Pois ter uma noção de escala do tema principal pode fazer diferença na hora de analisar e organizar uma narrativa. Mantinha atenção, evitava fotografar uma pessoa que demonstrasse não querer ser fotografada. Pois uma coisa é eu fotografar uma igreja com uma pessoa passando no fundo e outra é eu fotografar uma pessoa passando, em primeiro plano, com uma igreja no fundo. Na segunda fase, busquei documentar mais as pessoas, os seus comportamentos. As fotografei mais distantes quando estavam vindo na direção da câmera e mais próximas quando estavam indo.

Quando o meu caminhar foi para documentar o Patrimônio Natural, tentei fotografar causando o mínimo impacto à natureza. Caminhando pelas trilhas já existentes, não criando novas trilhas, respeitando os ecossistemas. Cuidando para não retirar e nem mesmo danificar a vegetação. Evitava deixar lixo espalhado, levando sempre comigo um saco plástico para este fim. Desta forma, não poluía as águas e as matas. E no interior dos Parques e Reservas ambientais fotografava em silêncio, tendo como regra: mais escutar do que ser escutado.

Nos momentos em que o meu tema era um Patrimônio Imaterial - os fazeres e saberes de uma comunidade por exemplo -, após solicitar autorização, mesmo que verbal, me aproximava do assunto, fosse um artefato ou uma pessoa. Enchia o quadro da câmera com o tema em questão, sem receio. Uma foto distante, ao mesmo tempo em que pode mostrar

muito, pode não levar a reflexão nenhuma pelo excesso de informação. Ao entrar em uma comunidade, busquei não chegar apontando a câmera para tudo e para todos. Tentava dialogar primeiro, conhecer/interagir com os membros da comunidade local, procurava conhecer o líder e explicava a razão do meu trabalho. Depois então fotografava.

Em Paraty, ao me aproximar das pessoas para iniciar um contato, falar de mim ou mostrar naturalmente o meu passaporte - uma foto da Dona Flor [como aconteceu na primeira Saída a Campo no Quilombo do Campinho da Independência] - foi possível transformar alguns momentos da pesquisa. Nas comunidades tradicionais, principalmente, a reação do outro, quando descobrem que sou paratiense, terceira, talvez quarta geração de uma família do bairro Caboclo e nascido de parteira, fazem as relações mudarem, é como se uma grande fronteira fosse rompida em um passe de mágica. Assim como é para todo etnógrafo, esclarece Achutti (2004, p. 114), "é extremamente importante que se estabeleça um diálogo desde o início, se faça conhecer, fale de si, daquilo que lhe interessa, do tipo de trabalho que deseja realizar". E procuro ter muita cautela, pois a câmera fotográfica, pode ser um agente inibidor, então no anseio de fotografar o outro, com a câmera baixa ou na mochila, primeiro procuro conversar, explicar que sou um paratiense que no momento mora distante e que realiza uma pesquisa sobre a cidade e o seu bairro. Assim, como Achutti (2004, p. 116), eu também não busco, "com a fotografia, fazer uma duplicata da realidade", pois essa possibilidade não existe, então procuro interpretá-la pela minha perspectiva e busco fazer escolhas de maneira que os resultados possam dialogar com a minha pesquisa. E uma destas escolhas, diz respeito a iluminação. Sendo um apaixonado pela luz ambiente, evito usar flash, que na minha opinião, além de prejudicar a plasticidade e a naturalidade da cena, considero o relâmpago do flash quase que uma agressão ao outro. Prefiro trabalhar apenas com a luz ambiente, mesmo que para isso acontecer de forma eficaz eu tenha que estabilizar a câmera com o uso de um tripé ou deixar a câmera sobre uma mesa, um aparador ou cadeira (ACHUTTI, 2004) (GURAN, 2012, 2020) (LUISI, 2019).

Devido o meu tempo e orçamento disponível para poder ficar em campo, independente do tipo de patrimônio, procurei aceitar e aproveitar as condições atmosféricas apresentadas. Então se houvesse nuvens no céu, usufruía, pois sempre são bem vindas em uma composição, assim como o sol, a chuva, o vento... Fotografar após a chuva era normalmente uma excelente oportunidade, pois tanto no meio urbano ou ambiental, tudo ganhava mais brilho com a água refletindo mais luz nas superfícies do que em dias secos. Para os dias excessivamente nublados ou chuvosos, também pude 'pensar em P&B'. A opção por fotografia em preto e branco, além de poder se tornar uma solução plástica, pode ser mais

impactante do que uma fotografia com cores esmaecidas. E quando minha possibilidade de tempo e orçamento permitia, retornava eventualmente aos mesmos lugares, mas em horários diferentes, pois a luz nunca era a mesma. Observava como a luz do sol incide – nas diferentes horas do dia - sobre as edificações e a própria natureza. Como o meu projeto era de longo prazo, procurei retornar a campo inclusive em estações diferentes. Eventualmente pode acontecer da composição estar perfeita, mas a luz ideal para aquela cena acontecer em outro momento bem distante.

A edição das fotografias, produzidas ao longo das sete idas a campo, não foi uma tarefa tranquila, demandou muito tempo e investimento. A compra de dois HDs Externos de 2T, foi fundamental para armazenar as mais de 21.500 fotos realizadas, para ficar tranquilo, principalmente quando em campo. O processo da organização é quase que permanente, à organização das fotos, hora é por data, hora é por tema, hora é por formato, etc., conforme a necessidade de alimentar não só a Tese, mas os ensaios e artigos que ao longo do processo do doutorado foram produzidos, bem como as redes sociais que precisavam ser alimentadas, com uma certa periodicidade, para manter o diálogo com os meus interlocutores, principalmente no período mais intenso da pandemia de COVID-19. E quanto as escolhas, é exatamente como prevê Achutti (2004), à medida que o processo da pesquisa avança, sentimos a necessidade de substituir algumas fotografias, trocar a ordem de outras, acrescentar algumas mais recentes, por motivos que vão desde a eliminação de um personagem ou a busca por uma composição melhor ou uma iluminação mais atraente, tendo como objetivo final gerar um conjunto mais harmônico de imagens. Para Luisi (2019), o processo clássico de gerar primeiro as provas fotográficas de todo processo, com a ajuda de uma lupa conta fio, circundar as selecionadas, ampliá-las e expor todas sobre uma mesa, seria o ideal, para se poder ordenar e realizar algumas substituições ou eliminações. Este método além de nostálgico é um gatilho para a minha memória, principalmente a afetiva. Mas, esse método ideal por ter um custo financeiro alto, não pode ser adotado nesta pesquisa.

Quanto ao pensar na decisão do tratamento final para as imagens que iriam compor a Tese, sempre me causou uma certa ansiedade, pelo simples fato de que eu sou um apaixonado pela fotografia em preto e branco. Este foi o laboratório dentro do qual me desenvolvi como fotógrafo, assim como quase todas as minhas referências imagéticas da fotografia apresentadas na tese. E Paraty, pelo menos a sua paisagem urbana, é de um colorido harmonioso, cativante e que nos desafia, como se perguntasse: vais ter a coragem de me representar em preto e branco? Depois vem o grande conflito e experiências, e decido-me então por trazer as narrativas fotográficas no formato de provas fotográficas, sendo que as de

1979 e as de 1991 são apresentadas da forma que foram capturadas, as primeiras em filme cor[27] e a segunda em filme preto e branco[28]. E as imagens produzidas no processo da pesquisa, em digital/cor. Em uma visão macro, todas elas me mostram o comportamento e como se vestiam as pessoas, assim como os detalhes das edificações ou até mesmo a ausência dos detalhes ou das próprias edificações. Então, conforme apresento no início desse capítulo, **cartografar** para **ver**, foi essencial no processo de criar essa pesquisa, e as narrativas fotográficas foram construídas com os seguintes títulos:

Tabela 1 – Narrativas Fotográficas

Paraty, Julho 1979 | Centro Histórico / mais ao norte
Paraty, Julho 1979 | Centro Histórico / O Entorno do Cais
Paraty, Julho 1979 | Depois do Perequê-Açu
Paraty, Julho 1979 | Morro da Vila Velha [Morro do Forte]
Paraty, Julho 1979 | Bairro Caboclo
Paraty, Fevereiro de 1991
Paraty, Set. 2017
Quilombo | Os passaportes, 2018
Paraty | Centro Histórico e Caborê, Set. 2018
Vila de Trindade, Set. 2018
Quilombo Campinho da Independência, Set. 2018
A Trilha dos Guaianases, Set. 2018
Bastidores, Set. 2018
Centro Histórico, Set. 2019
Centro Histórico, Set. 2019 | O Festival Internacional de Fotografia
A maré alta e a prainha Terra Nova, Set. 2019
O Rio Perequê-Açu, Set. 2019
Pontal, Set. 2019
Cemitério, Set. 2019
Jabaquara, Set. 2019
Centro Histórico / Noite, Set. 2019
Maracatu, 2019

[27] Kodak Safety Film - 110mm – 125 ASA.
[28] ORWO NP22 135mm - DIN22 ~ 125 ASA.

Paraty | O caminhar com o mestre italiano, 2019
Patitiba, Out. 2021 - O bairro ao lado
Centro Histórico, Out. 2021
Paraty / Centro Histórico, 2021 | Comércio, turismo e pandemia
Baía de Paraty, 2021 | Fomos ver o mar
Paraty / Centro Histórico | O “muro preferido”, Jan. / Fev. 2022
Paraty / Centro Histórico, Jan. / Fev. 2022
Centro Histórico – O atelier do caiçara, Jan. 2022
Barra do Corumbê, Jan. 2022 - Vila de pescadores / Comunidade Caiçara
Praia Grande / Prainha, Janeiro / 2 e 3 Fev. 2022 - Vila de pescadores / Comunidade Caiçara
Praia Grande | Nossa Sra. dos Navegantes, 2 Fev. 2022
Bastidores e memórias, Jan. / Fev. de 2022
Praia Grande, 2022 | A Travessia
Ilha do Araújo, 2022 | Uma Vida Caiçara
Centro Histórico, Jun./Jul. de 2022
Patitiba, Jun./Jul. de 2022
Centro Histórico, Set. 2022
Centro Histórico | Mutuá, Set, 2022
Museu Forte Defensor Perpétuo, Set. 2022
Saco do Mamanguá, Praia do Cruzeiro, Set. 2022 | Comunidade Caiçara / Vila de pescadores
Pouso da Cajaíba, Set. 2022 | Comunidade Caiçara / Vila de pescadores
Quilombo do Campinho da Independência | O retorno, Set. 2022
Centro Histórico, Fev. 2023
Patitiba, Fev. 2023
Fazenda Bananal, Fev. 2023
Alambique Paratiana, Fev. 2023
Centro Histórico, 28 Fev. 2023 | O aniversário
Perequê-Açu e Pontal
Solar dos Gerânios, Fev. 2023
Paraty | Enquanto contemplo, 2023
Paraty / Bairro Caboclo, Setembro de 2018
Bairro Caboclo, Outubro de 2021
Bairro Caboclo, Outubro de 2021 | Contemplando

Bairro Caboclo, Outubro de 2021 | O Primo Laércio
Bairro Caboclo, Outubro de 2021 | Memórias
Ilha das Cobras, 19 de Janeiro de 2022 | O Primo Zé Malvão
Centro Histórico, 21 de Setembro de 2022 | O Primo Cirandeiro
Mangaratiba, 23 de Setembro De 2022 | Tia Silvana
Mangaratiba, 23 de Setembro de 2022 | Centro Histórico e a Ilha Grande
Paraty | Artefatos Culturais, 2017 - 2023
Apêndices
J - Ilha do Araújo, 29 de junho de 2022 | A Primeira Procissão
K - Ilha do Araújo, 3 de julho de 2022 | A Segunda Procissão

Fonte: Construído pelo autor, 2024.

3.2 - 1979 - Três descobertas: Paraty, o bairro Caboclo e a Fotografia

"Assim, quando fotografamos,
devemos nos considerar empenhados
num trabalho de sutilezas"
(COLLIER, 1973).

Em julho de 1979, volto ao Litoral Fluminense, para conhecer Paraty, o bairro Caboclo e a Fotografia, com um olhar curioso, por gostar, desde cedo de contemplar e documentar [antes através do desenho e da poesia]. O meu anfitrião foi o ex-prefeito[29], o seu Aloysio de Castro[30] "compadre da Dona Flor", minha mãe e a hospedagem foi em sua residência bem no Centro Histórico. Eram outros tempos. Foi através do seu Aloysio que cheguei no bairro Caboclo, onde encontraria o meu padrinho Dito, que dentro de sua simplicidade já guardava uma fama que eu desconhecia. Foram dias de muita emoção e fotografia. E foi dispondo e vivenciando o Centro Histórico e o bairro Caboclo como cenário que na perspectiva de Dubois (1990), eu me tornei um amante da fotografia, e nunca mais nos

[29] O seu primeiro mandato foi em 1955-1958, o segundo em 1967-1970 e o mandato de 1989-1992, foi o seu terceiro e último. Fonte: https://www.paraty.rj.gov.br/o-governo/galeria-exprefeitos - Acesso em: 06 jul. 2020.

[30] Aloysio de Castro: leiteiro, açougueiro, produtor rural, queijeiro. Aloysio nasceu em 24 de Fevereiro de 1925, em Paraty, RJ, em uma terça-feira de Carnaval. Casou-se aos 26 anos com Maria Paschoa. Por toda uma vida viveu, com sua esposa Mariazinha, da produção de leite, laticínios em geral e também no trato bovino e suíno dos dois sítios que tinham na zona rural de Paraty. Aos 28 anos, Aloysio torna-se o Prefeito mais novo da história do Município. Fonte: http://www.castroassociados.com.br/?page=artigos_detalhe&id=71. Acesso em: 06 jul. 2020.

separamos. E, com o passar dos anos as fotografias de 1979 e depois as de 1991, em um breve retorno, tornaram-se minhas companheiras, parceiras. Foi possível visitá-las várias vezes durante o desenvolvimento desta pesquisa. E em alguns momentos, para a minha surpresa, a cada visita, elas estavam lá nos arquivos antes físicos, hoje digitais/eletrônicos, solícitas, mas sempre diferentes. Pois a cada visita que fazia vinha uma nova recordação. A imagem fotográfica depois de fixada, tem esta magia, esta natureza de impermanência, que mesmo tendo congelado um tempo, um lugar, que não é mais presente fica me transmitindo novas mensagens. Isso talvez porque trabalho inspirado por Henri Cartier-Bresson e Ansel Adams, quando o primeiro afirma, mesmo o que nos parece ser uma pequena questão pode ser tornar um grande tema e, o segundo, que não realizamos uma fotografia apenas com a nossa câmera, mas que ao ato de fotografar trazemos todas as nossas leituras, os filmes a que assistimos, as músicas que ouvimos e inclusive as nossas paixões e amores. Na medida em que a nossa bagagem imagética, os nossos saberes, são ampliados, percebemos que as pequenas coisas que as fotografias apresentam podem carregar grandes significados. Nós vemos e fazemos ver, numa espécie de testemunho, o mundo que nos envolve, e é o evento por sua própria função que produz o ritmo orgânico das formas. Pois "fotografar é colecionar fragmentos, parte de tudo um pouco" (ACHUTTI, 2011, p. 73).

As minhas antigas fotografias preservaram momentos significativos da cidade e da história de um bairro e do contexto vivido pela minha própria família, deixando literalmente um convite/desafio, para 40 anos depois, procurar contemplar as possíveis diferenças culturais e sociais surgidas neste espaço de tempo.

> A fotografia feita para contar é aquela que visa especificamente a integrar o discurso, a apresentação das conclusões da pesquisa, somando-se às demais imagens do corpus fotográfico e funcionando sobretudo na descrição e na interpretação dos fenômenos estudados. É geralmente produzida quando o pesquisador já pode identificar os aspectos relevantes cujo registro contribui para a apresentação de sua reflexão. (GURAN, 1997, p. 10).

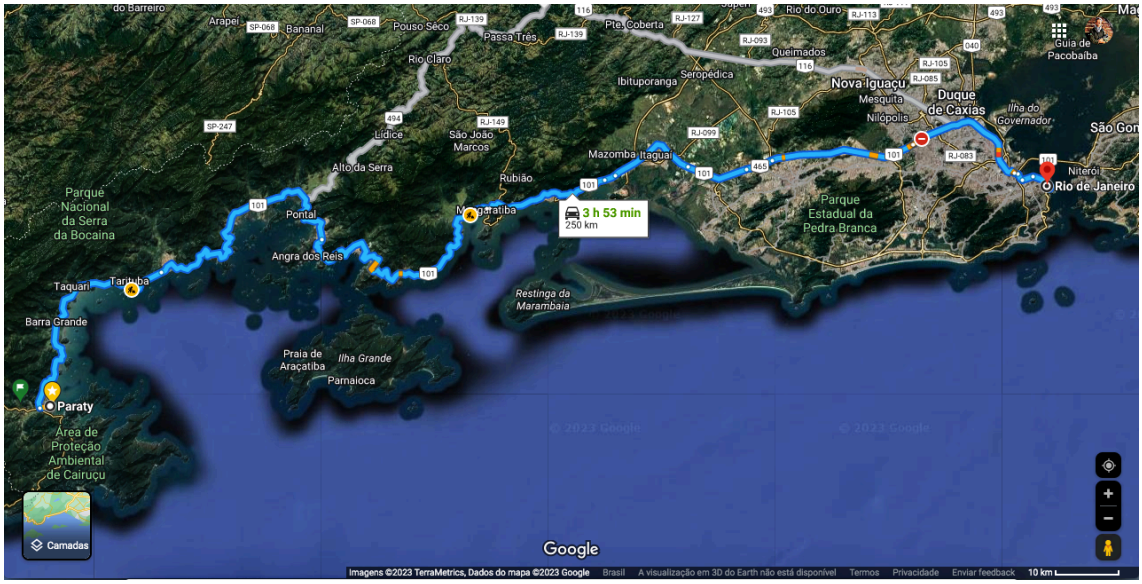
Embora, nos dois momentos eu ainda não estivesse em busca de registrar para gerar futuras reflexões, hoje as fotografias capturadas em 1979, do Centro Histórico e do bairro Caboclo, mais as de 1991, de algumas cenas do cotidiano paratiense passaram a ser visitadas por mais tempo. Diante das primeiras imagens produzidas em campo é possível perder-me em pensamentos, contemplar/divagar. Estas fotografias, impressas ou em arquivos digitais, pelo prisma de Barthes (2013), me passam um sentimento tão inegável como a memória. Dialogando com Samain (2005), elas convertem-se nas mensagens das quais necessito, para

potencializar a escrita e/ou [re]escrita desta pesquisa ou de fragmentos para outros textos. As fotografias podem tornar-se em um fragmento do nosso imaginário, mas antes disto, lembrando o antropólogo e fotógrafo Guran (1992), elas são uma tentativa de se fazer um recorte do 'real'. Para Guran (1992, p. 15), "a fotografia é uma extensão da nossa capacidade de olhar, e se constitui em uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível". As fotografias são capazes de transportar uma infinidade de sinais/símbolos, assim como tantos outros temas interessantes existentes referentes ao comportamento dos sujeitos retratados, sejam eles da zona urbana, rural ou costeira no caso de Paraty. Com este momento, este exercício de contemplação desses registros, veio a constatação de que então, naquela viagem de 1979, mesmo sem ter o conhecimento, mas inspirado, pratiquei o que anos depois reconheceria como Fotografia Documental. Caminhando solitário, como são vistos alguns fotógrafos documentais, mas dedicado a observar e registrar intuitivamente os patrimônios, a cultura e o comportamento humano dos moradores da minha terra natal e do meu bairro.

O tempo passou e foi justo no meu retorno à Paraty e ao bairro Caboclo (Figuras 3 e 4), espaço onde nasci e vivi, que tornei-me um amante da fotografia, um #eternoaprendiz e passei a fazer um investimento permanente para desenvolver o meu olhar e o meu ato fotográfico, algo que continua até hoje. E foi em 2012, após participar da Imersão Fotográfica Paris-Champagne, com os dois mestres: Milton Guran[31] e o filósofo francês Jean-Luc Monterosso[32], onde o que estava em questão era "O Novo Documentarismo" que ficou claro o desejo de querer aprender e poder aplicar um olhar voltado mais para o patrimônio cultural, a paisagem cultural e o comportamento humano.

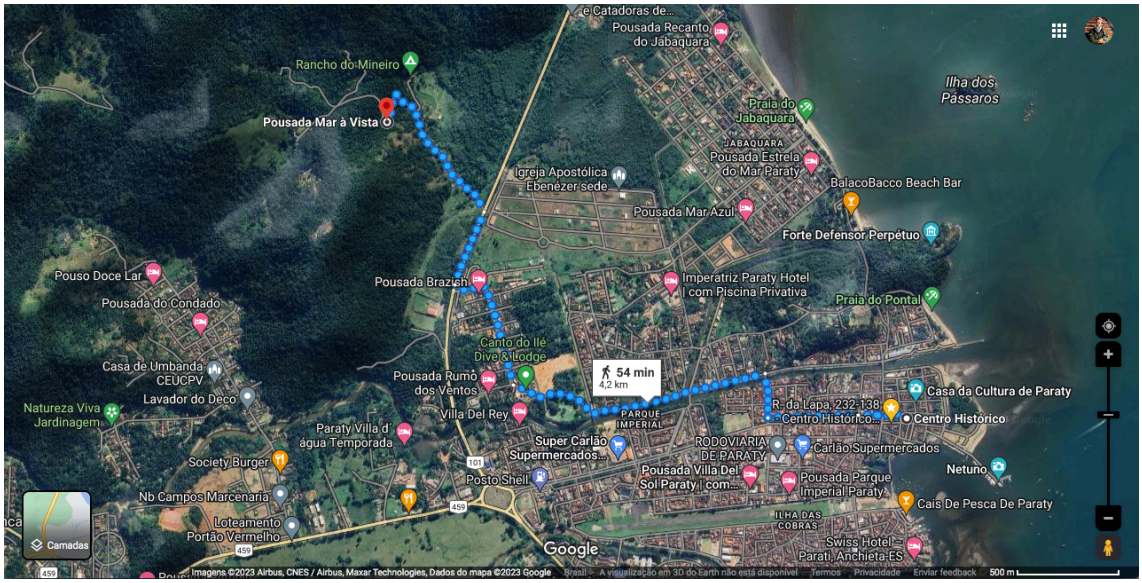
[31] Milton Guran, fotógrafo brasileiro, mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília e doutor em Antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Marselha, França.
[32] Jean-Luc Monterosso, graduado em filosofia e um dos fundadores e diretor da Maison Européenne de la Photographie (MEP) em Paris, França.

Figura 3 – Mapa Paraty / Rio de Janeiro



Fonte: Google Maps[33]

Figura 4 – Centro Histórico Paraty – bairro Caboclo



Fonte: Google Maps[34]

Neste sentido, comecei desde o início do processo do doutorado a realizar saídas a campo na zona urbana, rural e costeira de Paraty, onde além da produção fotográfica foram realizadas também algumas conversas, questionários e entrevistas de profundidade. E, de acordo com o que começou a ser levantado desde a primeira saída a campo em 2018, alguns membros da família Nascimento [e outras do Bairro] se espalharam pela cidade, estado, país e

[33] Fonte: https://encurtador.com.br/bfpxO - Acesso em: 14 Ago. 2023.
[34] Fonte: https://encurtador.com.br/orLPZ - Acesso em: 14 Ago. 2023.

até para o exterior. Tinha-se que as décadas de 1970/1980 foram períodos em que praticamente os últimos familiares deixaram de habitar o bairro Caboclo. Mas, com as saídas efetuadas em 2021 e 2022, com um período de permanência maior em campo, a história começou a mudar, pois para a minha surpresa encontrei alguns primos e outros familiares morando ainda em Paraty, tanto no referido bairro como em outros bairros, alguns periféricos. Até a sétima saída a campo, em fevereiro de 2023, observei que esse trânsito dos moradores do bairro Caboclo se tornou recorrente em muitas famílias, desde o início do Ciclo do Turismo.

Nesta década assim como a fotografia, Paraty tornou-se uma paixão, mas de ambas eu pouco sabia, e com certeza que sobre a cidade histórica menos até aquele momento, assim como não podia prever que a fotografia se transformaria em profissão seis, sete anos depois. Já percebia que além da questão estética uma imagem podia contar histórias e despertar reflexões, principalmente quando desvinculada de extensas legendas que tendem a nos conduzir a análises e conclusões que não são nossas, mas sim de terceiros.

Desta forma, na teoria de Andrade (2002, p. 110-111), "a antropologia visual não almeja, dentro dos novos padrões de pesquisa, apenas esclarecer o saber científico, mas humanisticamente compreender melhor o que o outro tem a dizer para outros que querem ver, ouvir e sentir". Os recursos visuais não são apenas um suporte de pesquisa, mas um meio de comunicação e expressão do comportamento cultural e dos contextos sociais. Por esta perspectiva, a fotografia é uma oportunidade de exploração e investigação que produz resultados conforme afirma Kossoy (2001, p. 32), "na medida em que se tentar sistematizar suas informações, estabelecer metodologias adequadas de pesquisa e análise para decifração de seus conteúdos, e por consequência, da realidade que os originou"

Ao analisar Paraty, pela perspectiva de patrimônio material, por meio das fotografias pinçadas do acervo de 1979 para esta pesquisa, a cidade parece estar sendo mais cuidada e conservada. Seguindo o pensamento de Achutti (2011, p. 73), as "fotografias foram desiguais desde o princípio, embora sempre âncoras da memória". Agora, só pelas fotografias, difícil seria decidir em que período a cidade era melhor para o morador, paratiense ou paratiano. Ao mesmo tempo que, ao contemplar as fotografias de 1979 e 1991 com as que foram produzidas entre 2017 e 2023, percebo que Paraty é hoje algo que, esteticamente, ela nunca foi. A minha memória, nesta contemplação, inicialmente é feita só com as fotografias de 1979 e 1991, pois como afirma Philippe Dubois (1998, p. 314), "uma foto é sempre uma imagem mental". Em um segundo momento da pesquisa, os aromas, os sabores e as experiências sensoriais como

caminhar com os pés descalços, também me fizeram mergulhar em doces e dolorosas lembranças.

Na perspectiva de Pollak (1992), é no processo de construção da memória individual, cujos elementos se constituem dos acontecimentos vividos pessoalmente. E remetendo ao "modo de afiliação do sujeito ao seu passado", seguindo o pensamento de Candau (2018, p. 23), percebo, hoje, que em 1979 não se sabia muito sobre esta cidade. E já estava tornando-se comum a gentrificação nos anos de 1970, a ponto de eu, um paratiense do bairro Caboclo, ser confundido com alguém de nacionalidade francesa. No Centro Histórico, algumas lojas mantinham por fora a fachada original, mas por dentro já eram tão requintadas quanto às lojas dos *shoppings* que se encontram hoje nas grandes capitais. Já era a cidade nos anos 1970 passando, com base nos estudos de Mendes (2015, p. 214), por um "processo de emburguesamento".

Para Kossoy (2005, p. 42), "a fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado". Pela perspectiva de Kossoy (2005) a fotografia desperta a memória individual, aquela que "grava, recalca, exclui, relembra" segundo Pollak (1992, p. 5). Neste sentido, analisando uma fotografia em especial do acervo de 1979, onde eu registrava a Rua do Comércio [Rua Tenente Francisco Antônio], nas proximidades de onde era o Hotel Coxixo[35], percebe-se que naquele período o Turismo ainda era discreto, o Centro Histórico ainda encontrava-se tomado com postes e fios, e mulas e cavalos ainda transitavam tranquilamente pela cidade. Em uma das tentativas para preservar elementos do o passado e obter novamente suas características originais, na busca, junto à UNESCO, da categoria de Paisagem Cultural, entre outras questões, o projeto de iluminação do Centro Histórico teve que ser reavaliado. Narram alguns dos colaboradores entrevistados nesta pesquisa, que na penúltima tentativa antes de obter o título, uma das cobranças foi mais atenção às comunidades tradicionais. Nas entrevistas ficou claro o desabafo dos moradores quanto à disparidade entre o cenário encontrado na zona rural e costeira e o que é divulgado nos documentos e na mídia pelas instituições.

A fotografia, com intervenção ou não, é apenas uma tentativa de registrar um fragmento do 'real', como apresentei no capítulo anterior. Como afirma Kossoy (2005, p. 40), a "fotografia é memória e com ela se confunde". Partindo deste pensamento, afirma ainda que:

[35] Em 1979, na Rua do Comércio, 362 situava-se o Hotel Coxixo de propriedade de Maria Della Costa. O antigo hotel, um dos mais tradicionais da cidade, reabriu em meados de 2013 com novo nome, Pousada Literária, sendo eleita a hospedagem oficial da FLIP.

> todos sabemos que imagens fotográficas de outras épocas, na medida em que identificadas e analisadas objetiva e sistematicamente com base em metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário, assim como do mais recente. (KOSSOY, 2005, p. 40).

Tendo em vista essas colocações, algumas fotografias de 1979 e 1991, na Rua do Comércio, Centro Histórico, são um testemunho de que na medida em que transfiro o meu olhar de nativo ou de turista para um olhar de pesquisador, com novas lentes e saberes, faço novas leituras das imagens que resgato dos arquivos pessoais. Ang (2010) já trazia a questão de que a fotografia de cunho documental pode ser equiparada a uma máquina do tempo, por ter o dom de nos transportar para o passado. Seguindo a proposição de Ang (2010, p. 232), a fotografia "só não registra um documento visual, como também ajuda a recriar o senso de um momento histórico, de modo de vida, moda e cultura e talvez até mesmo possa evocar anseios e sentimentos do passado" Antes de começar a desenvolver esta pesquisa o "olhar" apaixonado por esta cidade, por saudade ou para mostrar a alguém, não permitia "ver" alguns detalhes simples das fotografias do Centro Histórico de 1979, desde os postes e fios, as portas de garagens que algumas seriam suprimidas da paisagem anos depois, janelas que pareciam portas, a ausência de jardins em frente às fachadas, assim como de mesas e cadeiras em frente aos estabelecimentos comerciais e como a presença [tranquila] de moradores em frente as suas residências ou comércios. É como pela perspectiva do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), a fotografia tem essa singularidade/atributo [mágico] de revelar a presença da ausência, e desta forma ora pode produzir sentido, ora pode produzir memória ou ambos.

Paraty, Julho 1979 | Centro Histórico / mais ao norte.




SINDICATO DOS TRABALHADORES
RURAIS DE PARATY



HOTEL

DON QUIJOTE




PARCHEROS







POUSADA
CANDEIAS


RESTAURANT
CALEIRA
DO ENGENHO
HOTEL



Paraty, Julho 1979 | Centro Histórico / O Entorno do Cais



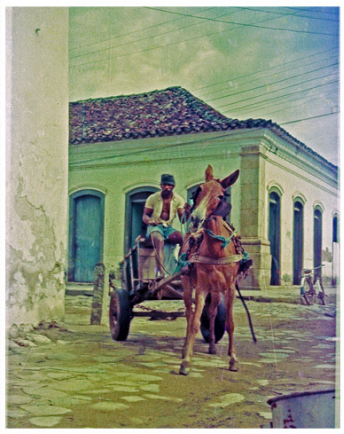

BAR







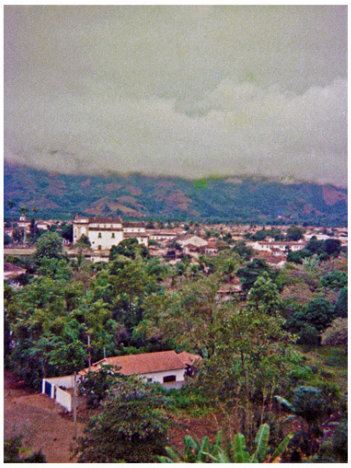







Paraty, Julho 1979 | Depois do Perequê-Açu.

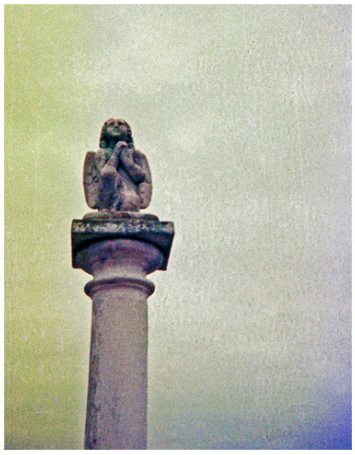





CEMITÉRIO MUNICIPAL
S. FRANCISCO DE ASSIS
30-12-1550
OBRA EXECUTADA NA ADMINISTRAÇÃO DO PE SANTOS ROQUA




UM ANJO DE DEUS
ESTEVE CONOSCO
MARIA COUPE DANTAS
* 2-1-1915 † 29-1-1975

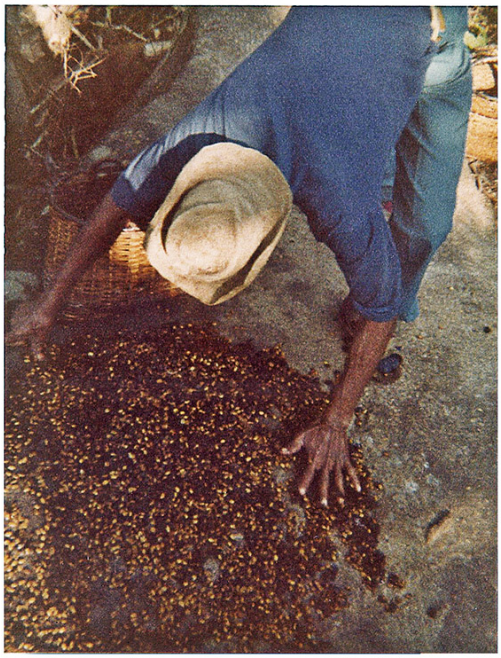


Paraty, Julho 1979 | Morro da Vila Velha [Morro do Forte].



Paraty, Julho 1979 | Bairro Caboclo






3.3 - As primeiras memórias de 1979 e 1991

Em alguns momentos da viagem de 2017 [do meu retorno após 26 anos], naturalmente procuro relembrar alguns acontecimentos e pontos por onde passei em 1979 e em 1991. Lembro que ao entrar no bairro Caboclo pela primeira vez, após quinze anos vivendo no sul do país, tive a sensação de encontrar a liberdade, de estar seguro em casa, embora exposto a todos os perigos que a mata pudesse oferecer. O cheiro das folhas, o variado gorjeio dos pássaros, a sombra das grandes árvores, o barulho distante da água, batendo nas pedras... A luz do sol que desviava dos galhos... O cheiro do café, sendo preparado... O crepitar da lenha no fogo, que me fez recordar uma travessura de criança, que marcou não só na memória mas também no corpo, ao querer esconder na dobra da perna, atrás do joelho, um pequeno pedaço de lenha em brasa...

Em 1979 não fazia a mínima ideia de que as ruas silenciosas de Paraty pudessem conter tantas histórias e tantas memórias. Me detinha em caminhar na beira do mar, a juntar umas pequenas conchas, cônicas no formato, na praia do Pontal, que hoje não se vê mais. E observar e fotografar os seus casarios e a sua gente, indo e vindo. Uma cidade em reconstrução, independente de algumas ruínas, tudo era poesia, as suas janelas, as suas portas, os sobrados e os seus mirantes. Tudo me inspirava. Os ruídos, os cheiros, as sensações... Ao mesmo passo que descobria a cidade, descobria também a fotografia, mesmo que os meus

cliques de 1979 tivessem sido capturados com uma Kodak Instamatic 101[36], uma das muitas câmeras feitas pela Kodak, fabricada no Brasil na década de 1970 (Figura 5). Relembrando que desde 1888 com o interesse popular e com o aumento das fotografias propagadas nos veículos de comunicação daquele período, somados ao olhar visionário de George Eastman, em particular pelo seu slogan "você pressiona o botão, nós fazemos o resto"[37], possibilitou que a fotografia chegasse aos lares, colocando nas mãos de uma fatia maior da população um equipamento menor, mais leve e de uso descomplicado (KOSSOY, 2007). Desde então, com a diminuição do tamanho das câmeras e a invenção do filme em rolo, a prática fotográfica começa a ficar ainda mais facilitada, mesmo para pessoas que estavam começando a descobrir a fotografia, como eu.

Figura 5 - Kodak Instamatic 101



Fonte: https://www.kodak.com/en/company/page/history. Acesso em 29 nov. 2020

Era um modelo de foco fixo, muito básica, uma pequenina câmera de bolso, sem nenhuma regulagem, munida apenas do obturador. Ela serviu de certo modo, para descobrir inicialmente sobre composição, praticar perspectivas e outras questões. Em 1991, embora tenha passado brevemente por Paraty, assim como ter fotografado bem menos, portando uma câmera 135mm [acredito que era uma *Praktica* MTL3] o meu olhar estava focado em

[36] Fonte: Museus Victoria - Crédito: Cortesia de Kodak (Australásia) Pty Ltd - https://collections.museumsvictoria.com.au/articles/17038 - Acesso em: 1 set. 2023.
[37] George Eastman (1854-1983), fundador da Kodak, e inventor do filme em rolo, tinha como objetivo com esse slogan a facilitação ao acesso à fotografia, ao torna-la "tão conveniente quanto um lápis". Fonte: https://www.kodak.com/en/company/page/history. Acesso em 29 nov. 2020.

documentar [além do meu primogênito] mais as edificações abandonadas, deterioradas e alguns detalhes das fachadas do conjunto arquitetônico do Centro Histórico, do que em 1979.

Paraty, Fevereiro de 1991

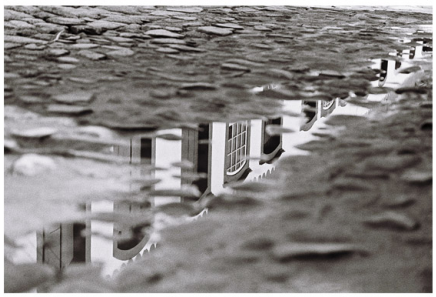





SANTA CASA
DE
MISERICORDIA
FUNDADA EM
12 DE OUTUBRO DE
1922
PARATI














PARATY
YACHTING
GEAR
A. N. S.
DOS
REMEDIOS
TAVERNA
PUB
FRADE
POUSADA PARATY

3.4 Reflexões sobre a fotografia documental antes de contemplar a trilha

> "É preciso chegar à compreensão da fotografia como um meio de amplas possibilidades, receptiva a uma farta gama de intenções e que não se esgota na transcrição do real"
> (Luiz Carlos Felizardo).

E daqueles que trabalham a fotografia conectada à documentação etnográfica e/ou a antropologia visual, atuantes em território brasileiro, dialogo com alguns expoentes como o francês Pierre Verger [1902-1996] [38], a suíça [naturalizada brasileira] Claudia Andujar [1931], o português Orlando Azevedo [1949], Marc Ferrez (1843-1922), Sebastião Salgado [1944], Cristiano Mascaro [1944], Miguel Rio Branco [1946], Mário Cravo Neto [1947-2009], Luiz Carlos Felizardo [1949], Pedro Martinelli [1950] e Miguel Chikaoka [1950]. E não poderia deixar de mencionar entre os amigos e/ou mestres aqueles nomes que me inspiraram nesta pesquisa, além do ato fotográfico, da mesma forma na escrita: André Dusek [1956], Millard Schisler e Milton Guran [1948] e também Emídio Luisi [1948] e Luiz Eduardo Robinson Achutti [1959], com suas respectivas ciências, a Etnofotografia (1982, 2019) e a Fotoetnografia (1997, 2004). Desde o início da minha jornada como fotógrafo e pesquisador, antes mesmo de começar a me debruçar sobre estas duas ciências, certos nomes despertavam meu interesse. Entre eles, o peruano Martin Chambi [1891-1973], os franceses Eugène Atget [1857-1927] e Henri Cartier-Bresson [1908-2004] e os norte-americanos Edward Sheriff Curtis [1868-1952], Ansel Adams [1904-1984], e W. Eugene Smith [1918-1978]. Por isto procuro dedicar, no desenrolar dessa seção, uma atenção especial à Fotografia Documental, pois parte dos seus fundamentos transitam pela Etnofotografia e a Fotoetnografia.

Dos gêneros fotográficos a Fotografia Documental é o que melhor se enquadra quando o objetivo é de documentar e narrar alguns momentos da vida cotidiana dos moradores da Paraty desta segunda década do século XX, registrar os eventos, as histórias dos seus bairros e as suas questões sociais, ambientais e outras tantas. A Fotografia Documental é uma importante ferramenta quando se há o interesse em contemplar e fotografar o comportamento humano, as suas experiências diárias dentro de suas nas comunidades tradicionais, assim como procurar acompanhar as suas culturas que estão em transformação desde meados do século XX devido ao ciclo do turismo.

[38] A escolha por trazer os autores com o ano de nascimento e morte entre colchetes se dá para conferir uma noção cronológica aos nomes e às colocações sobre a fotografia, como em uma revisão sistemática. E para diferenciar das datas das obras dos autores, que estão entre parênteses.

Em campo, o meu compromisso através da Fotografia Documental, foi de investigar a paisagem cultural das comunidades tradicionais [grupos sociais] através da imagem, como elas efetivamente são, sem transformar a originalidade dos seus fazeres e saberes. Registrar os acontecimentos, que vão compor parte da sua história e preservando a natureza/íntimo da cultura da comunidade analisada. Pode-se considerar fotografia documental a que procura constituir uma relação estreita com uma representação mais próxima da 'realidade', a que documenta as condições e o meio em que se desenvolve o homem, tanto de uma forma individual como social. Cabe a este segmento da fotografia produzir recortes de um determinado tema, sejam eles o registro de algum evento cultural, histórico ou político importante ou do comportamento humano. A fotografia, quando utilizada como documento, torna-se um fragmento da história ou a própria história, que procura-se representar, seja de uma comunidade ou de um rastro desta. E mesmo tratando-se de um recorte/um fragmento, manter o foco pode ser o mais trabalhoso conforme o seu objeto de pesquisa.

Também, na sequência as imagens poderão servir de estopim para a memória narrar uma história bem mais ampla. E são os antropólogos, etnógrafos, fotógrafos documentaristas, etc, os que podem dispor de mais autonomia para se manifestarem, além do que, se comparados ao fotojornalistas por exemplo, geralmente desfrutam de mais tempo para produzirem um projeto fotográfico com a finalidade de contar uma história, atravessando fotografia e memória. Para Didi-Huberman (2017),

> É porque ela é atravessada pela memória, ela mesma veículo de memória, que a imagem fotográfica admite aqui, pelo intérprete suplementar do epigrama que acentua sua antiguidade virtual, uma função épica, alegórica e lírica, como transgredindo sua natureza imediata de documento da história" (HUBERMAN, 2017, p. 160-161).

Pelo olhar de Didi-Huberman (2017), entrelaçadas pela memória, as "imagens nos abraçam: elas se abrem para nós e se fecham para nós, na medida em que evocam em nós algo que poderíamos chamar de experiência interior". Os elementos constitutivos do registro fotográfico são construídos conforme a intenção que está relacionada com o olhar que o fotógrafo/pesquisador tem sobre o tema estudado, a tecnologia e o seu próprio conhecimento/cultura. Pois a cada clique ele realiza naturalmente a fotografia com os seus filtros culturais, estéticos, filosóficos, sociais, técnicos e tantos outros, ajudando a desenvolver um olhar crítico e próprio acerca dos grupos sociais a partir da sua cultura e da cultura e dos costumes da comunidade analisada. Pelo olhar de Vieira (2012), a fotografia transforma a 'realidade', pois ela pode alterar, modificar, pelas próprias particularidades do equipamento

fotográfico incluindo a óptica da objetiva escolhida. Seguindo ainda a perspectiva do autor, embora o registro fotográfico de uma cena [ou fração dela] seja construído de acordo com o olhar do fotógrafo e somada a outras decisões operacionais (VIEIRA, 2012), ele terá que, através da sua maestria, apresentar uma imagem tecnicamente eficaz, clara, com uma boa composição de maneira que contribua para a leitura e interpretação de todos os elementos da fotografia. Da mesma forma que ao fotógrafo documental cabe procurar evidenciar e representar algo que seja o mais próximo da 'realidade', pois literalmente ele – e sua equipe, quando houver - são responsáveis pela memória da humanidade (LUISI, 2019; KOSSOY, 1999).

Na busca por problematizar a questão do que se acreditava nos primórdios de sua história, que a Fotografia Documental deveria ser uma 'realidade' absoluta, encontro na obra de Kossoy (1999), a reflexão que este faz, quando se refere à fotografia como uma 'realidade' não absoluta, como fonte de uma ambiguidade fundamental, que ao mesmo tempo que registram o passado revelam somente uma parte do 'real', que a fotografia é tomada de duas 'realidades', a primeira 'realidade' de um assunto é permanente, fixo, uma vez que representa um passado no seu contexto espacial. Já a segunda pode ser cambiante/impermanente, uma vez que está sujeita aos diferentes olhares dos leitores. Pelo olhar de Vieira (2012), um fato a ser observado e que pode ser decisivo a fim de que a percepção do leitor/receptor seja aproximadamente 'fiel' com a 'realidade' é se o mesmo dispõe entendimento do ato fotográfico e se os métodos de produção, bem como equipamentos e técnicas, aplicadas na construção da imagem específica a qual contempla lhe foram previamente explicitados. Acompanhando o pensamento do autor, uma vez que tenha domínio desses princípios, o leitor/receptor tem a oportunidade de recriar na direção oposta da trilha percorrida pelo fotógrafo/pesquisador, agora, viabilizando uma concepção mental, da fotografia, o mais semelhante à 'realidade' experienciada. Segundo Vieira (2012, p. 33), "essa é uma condição necessária e fundamental em todas as outras formas de representação e que na fotografia não costuma ser respeitada, [visto que], aparentemente, para o senso comum, a fotografia é de fácil leitura".

Não há uma construção, mas sim uma representação de 'realidades'. E Kossoy (1999, p. 38), enfatiza, "a realidade fotográfica não corresponde [necessariamente] à verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência". As minhas fotografias são uma representação ou interpretação do meu 'real', pois é preciso considerar que cada pessoa vê a 'realidade' conforme os seus filtros culturais.

Mas o que torna uma Fotografia Documental um documento que ensina, que demonstra algo? O que a torna documental é justamente o fato de informar, ensinar e instigar os olhares que por ela passam. Assim, o objetivo essencial da Fotografia Documental é assimilar/interpretar a vida do homem, bem como as suas características culturais, analisando cenários ambientais, familiares, políticos, sociais, históricos, religiosos e outros tantos, para que elas possam ser utilizadas oportunamente, por exemplo, em pesquisas acadêmicas, por diversas perspectivas, mas também em outros setores da vida humana. A Fotografia Documental é um ato interessado, proposital, voluntário, a representação de um recorte da 'realidade'. E, para que isso ocorra, o fotógrafo deve planejar os seus trabalhos, criar um roteiro para cada saída a campo, para, a partir disso, por exemplo, conforme a dimensão do que pretende representar, saber escolher o processo/método mais adequado para a realização dos mesmos.

Devido à afinidade com que a fotografia captura a 'realidade', Vieira (2012, p. 298) afirma, "que sua origem técnico/científica induz a crença de que a 'fotografia nunca mente', o leitor/receptor despreparado e ingênuo pode ser levado a acreditar que o que está sendo apresentado é uma imagem 'fiel' do mundo 'real'". Sendo assim, pela perspectiva do autor, o entendimento de mundo que o leitor/receptor imaginará através da imagem registrada pode ser bastante divergente da 'realidade' (VIEIRA, 2012).

Também, os movimentos do fotógrafo e sua câmera, não devem atrapalhar ou invadir de maneira alguma o objeto/tema a ser estudado, tratado, fotografado. Deve-se meditar na concepção da imagem, no seu enquadramento, encontrando seu lugar, sem ser demasiadamente invasivo, criando uma narrativa visual e procurando não alterar possíveis elementos que se encontrem próximo do tema e nem mesmo adicionar à luz ambiente, outras luzes artificiais. Embora existam incontáveis formas de documentar a história, a fotografia após o seu surgimento, passou gradativamente a ser a mais utilizada. E desde a segunda metade do século XX, com o uso de tecnologias como a internet ajudam a documentar eventos relevantes com uma velocidade extraordinária, alguns em tempo real (GURAN, 2012; LUISI, 2019; ACHUTTI, 2004).

A Fotografia Documental colaborou no processo desse trabalho para apresentar a preservação do patrimônio cultural e da paisagem cultural da cidade de Paraty, e foi uma forma de visibilizar aspectos da identidade de suas comunidades, indiferente do seu tamanho - em alguns momentos foi só um bairro, uma rua ou uma casa - no registro da produção dos seus fazeres e saberes, dos seus bens. Nos anos 1930 os fotógrafos documentaristas, com o propósito de mudar a situação social ou política vigente, buscavam estipular seus valores a

partir do tripé: verdade, objetividade, credibilidade (PRICE, 1997). A Fotografia Documental é um trabalho que exige um tempo maior de observação se comparado ao Fotojornalismo, e também exige preparação e um breve estudo do objeto em a ser analisado/fotografado.

Considerando que é impossível enquadrar toda Paraty em uma única foto, documentar a cidade histórica exige fazer escolhas, sendo algumas muito difíceis. Fotografar não é apenas decidir o que enquadrar de um espaço [rua, bairro, comunidade...], mas também e muitas vezes, principalmente o que excluir ou o que não registrar na hora de disparar o obturador. E pode ser tarefa mais difícil ainda, ter que explicar o porquê da exclusão, o porquê de achar que tal ambiente ou fração do mesmo, pode não representar o lugar/o tema que está sendo documentado (FLUSSER, 2002). Algumas das minhas fotografias ficam divididas entre a razão e a emoção. Sinto que se alguém passar a contemplar o conjunto de fotografias desta pesquisa, vai acabar encontrando vestígios das minhas escolhas rotineiras quando em campo, das minhas preferências do que mostrar e/ou do que excluir (SONTAG, 2003). Possível que seja para me eximir do sentimento de culpa por tantos cortes/exclusões, que acabei fotografando dez vezes ou mais além do necessário para esse trabalho. O golpe do corte no ato fotográfico pode ser também um ato de violência, como um golpe de machado, pois na minha mente eu terei a cena completa, mas o espectador jamais saberá o que foi excluído/rejeitado (DUBOIS, 1998). A Fotografia Documental ou Fotodocumentarismo, em que, para Jorge Pedro Souza, estabelece-se uma das grandes motivações da fotografia no século XX: "o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa. [Pois] as palavras eram insuficientes" (SOUZA, 1998, p. 30). Por esse ponto de vista, a razão de existir do fotodocumentarismo está na função de uma representação social ou política da existência humana. Trata-se da perspectiva sobre uma determinada paisagem que oportuniza discussões e análises a respeito (SOUZA, 1998).

E, antes de passar para o Capítulo 4 – PARATY – PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, gostaria de deixar registrado que não é possível listar aqui todos os grandes nomes que documentaram os inúmeros e diferentes acontecimentos do século XX. No entanto, além dos que foram citados anteriormente, destaco também Robert Capa, W. Eugene Smith, Dorothea Lange, George Hurrell, Robert Frank, Steve McCurry, Garry Winogrand, que compõem uma pequena e breve lista.

Quando a fotografia é utilizada como instrumento principal na realização de uma pesquisa etnográfica, esta poderá se tornar, por exemplo, um trabalho embasado na etnofotografia (SPINI, LUISI, 1982) ou na fotoetnografia (ACHUTTI, 1997), duas vertentes da Fotografia Documental. Ambas as ciências, a etnofotografia ou fotoetnografia, segundo os

seus respectivos autores Spini (1982) e Achutti (1997), tem como finalidade documentar a sociedade em que habita o ser humano, sempre registrando sem manipulação o que está ocorrendo e o que é significativo para a sociedade no presente, preceitos da Fotografia Documental, como já havia apresentado na seção anterior. E que frequentemente não está centrada em uma só imagem, que pode ser trabalhada com uma coleção de imagens que melhor representam e narram o factual ou um fragmento deste. Ainda na esteira dos autores, as imagens não deveriam servir apenas para ilustrar um trabalho acadêmico, mas sim para apresentar e preservar a história de um tema pesquisado, um grupo ou uma comunidade que conectam um certo tempo e espaço com o nosso presente.

Para Spini (1982) e Luisi (1982, 2019), a etnofotografia é na verdade uma ciência que se ocupa do estudo do homem, da casa, do trabalho, dos seus hábitos, a sociedade de uma maneira geral. E a fotografia toma um aspecto, a função de uma documentação em si. E a legenda que acompanha a fotografia tem hoje na etnofotografia a mesma atribuição que tinha a fotografia nos textos antigos. Em certo sentido, na perspectiva desses dois italianos, se inverteu a função, e a fotografia passa a ter uma atribuição primordial dentro dessa ciência. Em uma narrativa, o texto passa a ser um acessório / um suporte (SPINI, 1982). Isso embora a fotografia, segundo Collier Jr. (1973, p. 34) "ofereça modos singulares de observar e descrever a cultura, o que pode fornecer novas indicações para a significância das variáveis".

Para Achutti (1997, 2004), a fotoetnografia é uma ciência que visa documentar formas culturais por meio de narrativas fotográficas, que possuam um fio condutor. Observa-se que sempre deve haver um propósito na forma como as fotografias serão apresentadas na narrativa. "Trata-se de uma apresentação de elementos da cultura que se associam a descrições por meio de palavras, não as substituindo, mas guardando certa autonomia, isto é, comunicando algo sobre a cultura estudada" (ACHUTTI, 1997, p. 98). Então, pelo olhar do autor, o fotógrafo documental, para registrar acontecimentos ou momentos memoráveis e inclusive narrar recortes da história ou da cultura de uma comunidade, os seus fazeres e/ou saberes, além de um olhar que revele os dados devem também, do mesmo modo que pensava Collier Jr (1973), primar pela ética.

De um modo geral, para Spini (1982) e Achutti (1997), ambas as ciências refletem sobre a propriedade da fotografia e sua aplicação na documentação de grupos humanos: os seus saberes, seus fazeres e o seu ambiente, e como se relacionam com e significam tudo isso. Buscam gerar fotos documentais (retratos, cenas do cotidiano, detalhes, flagrantes...), com um olhar crítico e personalizado, de uma cidade, seja da sua paisagem cultural, como um todo ou só do seu patrimônio material, natural e/ou imaterial. Envolvendo o elemento humano, no seu

território tradicional, seja ele urbano, rural ou costeiro, visa-se produzir e concretizar projetos fotográficos de caráter documental, adotando um ritual investigativo e interativo, para instituições acadêmicas, públicas e/ou privadas. Nas saídas a campo procurei desenvolver uma observação participante dos sujeitos e das suas culturas, suas ruas, comunidades e cidades. Então equipado, passei a praticar um caminhar inspirado pela Fotografia Documental e suas vertentes, a Etnofotografia e Fotoetnografia.



No **Apêndice D - 1982 e 2019, a Etnofotografia no Brasil**, narro como essa ciência chegou no Brasil em 1982, o primeiro curso com o arquiteto e fotógrafo italiano Sandro Spini, onde teve como assistente Emídio Luisi, também italiano, que já residia no Brasil e que logo em seguida começou a aplicar a Etnofotografia como ferramenta em suas pesquisas em solo brasileiro (BONI; MORESCHI, 2007) (LUISI, 2019).

No **Apêndice E - 1997 e 2004, a Fotoetnografia**, abordo a metodologia e a prática dessa ciência quando em campo. Para tanto, valho-me dos livros *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho* (1997) e *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim* (2004), ambos de autoria de Luiz Eduardo Robinson Achutti, fotógrafo, professor, antropólogo e idealizador desta ciência.



Embora o próximo capítulo destine-se à apresentação mais atenta da cidade de Paraty, de sua zona urbana, costeira e rural, além dos autores do campo de estudos da memória, do patrimônio cultural e da paisagem cultural, retomo alguns autores aqui apresentados, uma vez que a fotografia permeia todo o processo da pesquisa e a minha vida.

4 - PARATY – PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

O título conferido a Paraty e Ilha Grande (Fígura 6), de Patrimônio Misto, por agregarem um valoroso patrimônio cultural e um exuberante patrimônio natural, chancelado pela UNESCO, é uma promessa que o ambiente natural fascinante de Paraty e o seu valor cultural singular – e as comunidades locais - estarão [ou pelo menos deveriam ser] preservados inclusive da especulação do setor imobiliário. Um artigo da Organização Mundial do Turismo (OMT), que merece uma atenção é o 5º - O turismo, atividade benéfica para os países e comunidades de acolhimento, o item 2:

> As políticas turísticas devem ser conduzidas de tal forma que contribuam para a melhoria do nível de vida das populações dasregiões visitadas e respondam às suas necessidades. A concepção urbanística e arquitetônica e o modo de exploração das estâncias e alojamentos devem visar a sua melhor integração no tecido econômico e social local. Em caso de iguais habilitações deve ser prioritariamente selecionado o emprego de mão de obra local; (OMT, 1999, p. 5).

Por esta perspectiva que alguns moradores da cidade comemoram a cada título ganho, na esperança que os frutos do desenvolvimento chegue a todas as comunidades, inclusive as mais periféricas e/ou fragilizadas pelo crime organizado. Ao mesmo tempo em que comemora o título, algumas instituições municipais, segundo o relato de alguns colaboradores que foram entrevistados, se preocupam em conter o volume excessivo de "excursionistas" que cruzam o Centro Histórico, mas sem nenhum interesse pelo Patrimônio Cultural, apenas para chegarem às praias e ilhas.

Figura 6 – Mapa Paraty e Ilha Grande / RJ.



Fonte: *Google Maps*[39] – Acesso em: 20 set. 2020.

Freire (2012) afirma que, foi "em 1991 a primeira tentativa de fazer Paraty Patrimônio da Humanidade. [...] Entretanto, segundo constou, o processo não foi conduzido dentro dos requisitos exigidos e a solicitação não chegou a ser apreciada" (p. 62). Segundo o memorialista, "em 1999 Paraty voltou a pleitear o título de Patrimônio da Humanidade, ainda dessa vez sem sucesso" (FREIRE, 2012, p. 62). Segundo Silva (2013), inicialmente, apenas o Centro Histórico associado ao Ciclo do Ouro e do Café foi patrimonializado.

> E num segundo momento as políticas de preservação passaram a resguardar também a fauna e a flora locais numa perspectiva paisagística. Posteriormente, reconheceu-se o valor ecológico da região, quando da criação de diversas áreas de proteção ambiental. E, atualmente, momento em que a cidade almeja o título de Paisagem Cultural Mundial, surge estratégias de preservação e reconhecimento de grupos até

[39] https://www.google.com.br/maps/@-23.1539212,-44.8176825,90981m/data=!3m1!1e3 - Acesso em: 20 out. 2020.

> então marginalizados, como os caiçaras e um antigo povoado de escravos (quilombo), bem como as práticas culturais destes grupos. (SILVA, 2013, p. 784).

Em 2007, de acordo com Silva (2013) a cidade preparou-se para mais uma candidatura, novamente à categoria de Paisagem Cultural. Conforme aponta Silva (2013), foi quando o comitê elaborou outro dossiê intitulado O Caminho do Ouro[40] em Paraty e sua paisagem.

> Mais uma vez, o corpo técnico da UNESCO responsável por avaliar o caso resolveu por não conferir à cidade a chancela pretendida. Os argumentos para a negativa foram os mesmos, a articulação entre os elementos naturais e culturais do sítio não estava bem fundamentada. A despeito do fracasso daquele ano a candidatura trouxe uma série de repercussões para a cidade. Para tentar se enquadrar nas exigências da UNESCO, o projeto de iluminação da cidade foi reformulado, cabeamentos de telefonia e encanamentos de água e esgoto, por exemplo, foram totalmente embutidos no subsolo, entre outras alterações. (SILVA, 2013, p. 13).

Em contraponto a tantas belezas e cumprimento às exigências, durante as sete saídas a campo, percebe-se, pelos diálogos com os moradores entrevistados além dos presenciados em restaurantes, cafés, pousadas, hostels etc, que o paratiense, cada vez mora e vive mais longe do Centro Histórico, para bem "além das correntes" que dividem o centro do restante da cidade, onde o natural nos dias de hoje é cruzar com os moradores sazonais os veranistas ou os turistas nacionais e estrangeiros, "os de fora" como preferem chamar alguns nativos. É frequente notar a presença de argentinos, uruguaios, portugueses, franceses, italianos, holandeses e "globais", não apenas na condição de turistas, mas também como proprietários dos estabelecimentos comerciais e residenciais. Neste sentido, cabe lembrar a perspectiva de Paes (2015), quando afirma que:

> Desde os anos 1970, após a construção da BR-101, muitos migrantes, inclusive estrangeiros, chegam à cidade, o que faz alterar o seu perfil social e econômico. Além de trabalhadores para a construção civil e para os serviços terciários, com menor poder aquisitivo, há a formação de um grupo mais hegemônico no que concerne às decisões políticas, vindos, sobretudo, do Rio de Janeiro e de São Paulo, composto por profissionais liberais, empresários, artistas, intelectuais, cientistas, ambientalistas, entre outros, o qual seria decisivo para mobilizar uma mudança nas posturas políticas, sobretudo no que concerne à cultura, ao meio ambiente e às escolhas do município em relação ao turismo. (PAES, 2015, p. 8).

Esses eventos, seguindo o pensamento de Chuva (2009, p. 146), foram agregados "a ampliação da noção de patrimônio, processada notadamente a partir do final da década de

[40] Uma trilha que ligava as tribos de Paraty às tribos do Vale do Paraíba já havia sido feita pelos índios Guaianás. O chamado "Caminho do Ouro", aproveitou esta trilha indígena. Fonte: http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/paraty_historia.html. - Acesso em: 31 mai. 2018.

1970 e começo da de 1980, no Brasil e no mundo, e foi acompanhada de uma ampliação da ação pública relativa à preservação cultural".

A condição especial de Patrimônio Misto era reivindicado principalmente pelo seu Patrimônio Imaterial - os conhecimentos tradicionais mantidos na cidade e por todos os seus bens naturais, como as suas praias, ilhas[41] e a Mata Atlântica[42]. No contexto do seu Patrimônio Natural, encontram-se uma de suas belezas, o Parque Nacional da Serra da Bocaina, a Área de Proteção Ambiental do Cairuçu – APA Cairuçu, onde está a Vila da Trindade, a Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, e ainda, faz limite com o Parque Estadual da Serra do Mar. Ou seja, Paraty está em meio à Mata Atlântica.

4.1 - A patrimonialização de Paraty

> ...e então o Senhor começou a distribuir terras pelo mundo. A certa altura, d'Ele se acercou Pedro, reclamando seu quinhão.
> - É lá, disse o Senhor – aquilo é para ti!
> (MAIA, 2000)[43]

Nesta seção procuro apresentar a importância do patrimônio cultural e da paisagem cultural da cidade de Paraty, antes mesmo do seu atual ciclo econômico do Turismo, que a cidade vive desde as décadas de 1960/1970 e que gera recursos e reconhecimento mundial para o município. Conceitualmente apoio-me em Rocha; Eckert (2007) e Spini (1982). Também, apresento alguns resultados das entrevistas de profundidade e conversas, realizadas com paratienses e paratianos, como o Guia de Turismo Gabriel Toledo e com o Amaury Barbosa, Diretor do Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP) e com outros relevantes moradores, ícones em suas respectivas gerações. Conforme anteriormente apresentado, metodologicamente, propõe-se a análise das entrevistas em diálogo com os artigos e livros escritos pela comunidade acadêmica, historiadores e memorialistas sobre Paraty, assim como o acervo fotográfico particular de 1979 e 1991 e as fotografias desenvolvidas durante as sete saídas a campo.

Para contextualizar as memórias e histórias das ruas do Centro Histórico e dos bairros no seu entorno, das zonas rurais e costeiras analisadas e fotografadas, reuniu-se um conjunto

[41] Cerca de 60 praias e 65 ilhas compõem o cenário idílico da Baía de Paraty. Fonte: http://www.paraty.com.br/. - Acesso em: 31 mar. 2018.
[42] Fonte: http://pmparaty.rj.gov.br/page/historia.aspx. - Acesso em: 31 mar. 2018.
[43] MAIA, Thereza Regina de Camargo. Paraty para ti / Thereza e Tom Maia. 1 ed. – Lorena, SP: Stiliano, 2000. (p. 17).

de documentos que consistem em uma coleta de dados recortados dos sites de instituições públicas e privadas ligadas à educação, cultura e turismo, como da Prefeitura e Biblioteca Municipal Fabio Villaboim, Casa da Cultura de Paraty, Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Assim, sob um olhar etnográfico, beirando o poético, com base nesta investigação documental, apresento alguns importantes aspectos históricos relacionados ao patrimônio cultural e à paisagem cultural de Paraty e algumas fronteiras estabelecidas a partir dos "caminhos e descaminhos" ocasionados pelo ciclo do turismo, o que possibilitou estabelecer algumas problematizações a respeito. Paralelamente, propõe-se cruzar as representações sobre fotografia documental, memória, patrimônio cultual e paisagem cultural, evocadas pelos moradores entrevistados. Para Carlos Fernando de Moura Delphim (2010), arquiteto-engenheiro, idealizador do conceito do jardim histórico brasileiro,

> [...]a paisagem cultural é aquela que registra de forma harmoniosa a marca do homem e o legado da natureza. E o conceito de Paisagem Cultural da UNESCO é diferente do conceito do IPHAN. [...] O programa da biosfera da UNESCO [por exemplo], ele é voltado apenas para unidades de conservação que exclui o homem. Na verdade cuida-se apenas da ecologia, ou seja, dos aspectos biológicos, da relação entre flora e fauna. (DELPHIM, 2010).

Pelo olhar de Delphim (2010), o IPHAN se esforça em conservar e considerar o homem nessa questão. Pois elementos culturais, naturais e mesmo afetivos que aparentemente não tem valor para a UNESCO, na interpretação do IPHAN, são elementos essências de uma determinada paisagem cultural, tendo um valor importantíssimo. Reconheço as paisagens culturais de Paraty, através do ponto de vista do autor. Paisagens magníficas, que reúnem a mão do indígena, do caiçara, do quilombola e a mão da própria natureza, por meio da belíssima Mata Atlântica, com morros, cachoeiras, rios e o seu Centro Histórico a beira mar.

Além da mão do homem, o tempo e as intempéries alteram constantemente a paisagem, o que eu contemplei em Paraty em 1979 e 1991, no período da pesquisa já estava diferente e quando eu voltar daqui um ano ou mais já vai ser outra paisagem. E para Delphim,

> o tombamento não é um instrumento adequado para tratar a paisagem, porque o tombamento, ele é muito restritivo e a paisagem, ela pode ter certas intervenções. E a paisagem cultural, de forma diferente do tombamento, ela não procura definir formas gerais para todas as paisagens, cada paisagem tem a sua vocação, cada paisagem vai ter uma forma de utilização e você vai ter que permitir intervenções nessa paisagem (DELPHIM, 2010).

Pelo olhar de Delphim (2010), a paisagem cultural de um lugar, de uma cidade, carece ser analisada por outra ótica do que a do tombamento de patrimônios culturais edificados, pois além de terem tendências desiguais ela é impermanente se comparada aos patrimônios materiais e se faz necessário pensar também numa política para o desenvolvimento sustentável dos povos e das comunidades tradicionais[44].

> Agora, pela Portaria Nº 127[45] do IPHAN, que estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira, uma paisagem cultural é diferente de um tombamento, pois os protagonistas dessa paisagem vão ter a liberdade de atuar nela, vai existir apenas uma restrição quanto à forma de atuação. Por exemplo, se você tem uma paisagem cultural e você quer construir um prédio vermelho, com uma textura desagradável ou vertical demais em relação ao contexto da paisagem, você vai ter apenas que adequar o seu projeto e integra-lo à paisagem, mas não vai ser impedido de executa-lo. (DELPHIM, 2010).

Quanto ao senso comum, de que é preciso conscientizar a população em preservar a paisagem, Delphim (2010) afirma ser algo muito perigoso:

> (...) eu não posso fazer a consciência do outro, eu posso apenas sensibilizá-lo, envolvê-lo e obter a participação dele. Então quando nós trabalhamos para a paisagem cultural nós não queremos conscientizar a população, nós queremos que a população, tire de dentro dela o que ela tem de sentimento em relação à paisagem [...] que se enriqueçam e que a paisagem nos enriqueça. (DELPHIM, 2010).

Ao caminhar por Paraty, impossível não lembrar ou relacionar com as palavras/colocações de Delphim, sobre o que pode nos encantar em uma paisagem, desde os gatos andando sobre os telhados nas primeira horas da manhã ou até o momento em que eu fiquei contemplando o atrevimento de um felino que estava sobre o telhado espreitando um urubu, além dos próprios telhados que são algo que há muito tempo me encanta. A beleza das praças, do jardim que fica na esquina da Rua da Lapa com a da Matriz, com as suas bananeiras, jabuticabeiras e pitangueiras, assim como os encantadores jardins internos do Solar dos Gerânios. Esses elementos fazem parte da identidade do Centro Histórico e dos próprios moradores.

Em 2017, durante a 13ª edição PEF, conforme apresento no Capítulo 5 – CONTEMPLANDO A TRILHA, no relato das saídas a campo, a hospedagem foi na Pousada Imperial, situada no Bairro Chácara da Saudade, que é um dos bairros à direita quando se entra na cidade pela Avenida Roberto Silveira [principal via de comunicação e acesso ao

[44] http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Decreto_6040_2007_cta.pdf - Acesso em: 2 Ago. 2023.
[45] Portaria IPHAN Nº 127, de 30 de abril de 2009 - http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_127_de_30_de_Abril_de_2009.pdf - Acesso em: 30 Jun. 2023.

Centro Histórico], local próximo da Rodoviária e do aeroporto do município [uma das linhas imaginárias que divide a cidade]. Segundo o memorialista paratiense Diuner Mello (2009), Chácara, é um dos primeiros bairros a surgir na cidade,

> ainda no Século XVIII e resulta da expansão da vila, ao longo da Rua do Rocio, hoje Presidente Pedreira, que era o acesso natural ao caminho da serra que ligava Paraty a São Paulo e às Minas Gerais. Às margens desta rua, surgiram então as primeiras casas residenciais e comerciais. Com a decadência do município, no final do Século XIX, muitas moradias ruíram [...]. Os fundos das casas desta rua eram ocupados por algumas chácaras, daí o nome do bairro (MELLO, 2009, p. 70).

Segundo Mello (2009), no período citado, estas chácaras eram conhecidas pelos seguintes nomes: Chácara do Pe. Hélio Pires, Chácara da Dona "Maroca" Gama, Chácara da Saudade, Chácara do Portão de Ferro e Chácara do "Seu Niquinho". Zezito Freire (2012), outro memorialista, recorda que "a Chácara da Saudade, antiga propriedade de João da Silva Miranda, foi loteada em meados da década 1960, nascendo ali o bairro com o mesmo nome. Pouco a pouco a cidade foi crescendo, expandindo-se para além das antigas ruas, que passou a ser chamado de Bairro Histórico" (FREIRE, 2012, p. 145).

Em 2017, o momento que Paraty tornou-se inspiração para essa pesquisa, sem guias e mapas convencionais, mas também um pouco no papel de flâneur[46], foi realizado um caminhar pelas ruas irregulares do Centro Histórico de Paraty, fugindo incialmente das propostas oferecidas pelas agências de turismo e procurando traçar o próprio caminhar investigativo. E o olhar, inspirado por Rocha e Eckert (2013), foi frequentemente capturado pelo seu patrimônio material, os detalhes arquitetônicos, as diferenças das suas portas e janelas, com os seus coloridos intensos e variados. E também pelo comportamento humano de seus moradores. Segundo Carlos Fernando Delphim (2010), "a Constituição Federal distinguiu com muita clareza que o patrimônio tem duas dimensões. Uma dimensão material e uma dimensão imaterial". Delphim explica: "o oriental diz assim "eu sou um corpo" e nós ocidentais pensamos que temos um corpo e temos uma alma. Não existe essa divisão, nós somos uma coisa só". E neste sentido "o patrimônio também. Tudo que é material no patrimônio tem uma correspondência a algo imaterial" (DELPHIN, 2010)[47]. Por exemplo, vendo Paraty, pela perspectiva do autor, a cidade não é só patrimônio material, não são apenas os seus casarios coloniais, pois tem também documentada a sua história, testemunhos do seu

[46] Personagem da obra de Charles Baudelaire (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 21).
[47] Arquiteto Carlos Fernando Delphim – Técnico em Patrimônio Natural do IPHAN – Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=YmBB4FDx31I - Acesso em: Set. de 2020.

passado, “tem uma alma, tem uma vida, tem um espírito, o espírito do lugar como nós chamamos”.

Por esse viés, os caminhos percorridos durante a realização dos primeiros registros levaram a observar e fotografar não apenas o patrimônio material, mas também o comportamento humano dos sujeitos nas ruas - e quando possível também no interior dos estabelecimentos - o que é algo que tem me fascinado muito. Em algumas estações do ano e mesmo em certos horários do dia, conforme a luz, as sombras e o clima da região sudeste, que geralmente é quente e úmido, muito úmido ressalvo, assim como os humores e os comportamentos das pessoas também mudam. Da mesma maneira as linhas, as formas e as texturas na arquitetura também podem ficar mais ou menos evidentes, mas o potencial para a captação de uma fotografia geralmente está lá, apenas aguardando um olhar mais apurado.

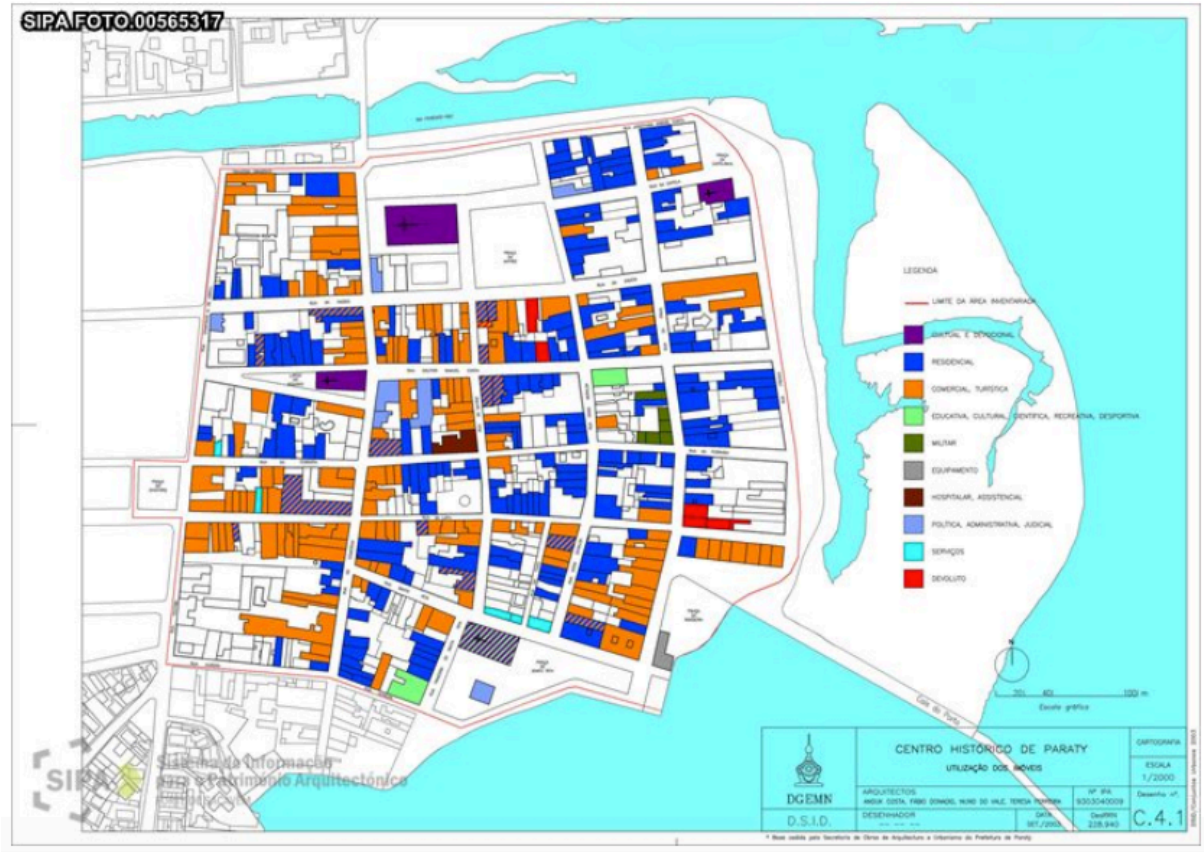
Pela perspectiva de Zevi (1996, p. 187), “em arquitetura, as dimensões influem antes de mais nada sobre o valor espacial, mas também influem sobre ele centenas de outras considerações: a luz e a posição das sombras; a fonte de luz atrai a vista, criando a sugestão de um seu próprio movimento independente”. Pelo ponto de vista de Zevi (1996), esse diálogo permanente com o tempo, a luz e o olhar, reflete no resultado do espaço a ser fotografado ou que se vai abandonar, não o fotografando ou decidindo também se vai produzir uma imagem que evidenciará por exemplo as linhas verticais, para dar um ar mais imponente aos sobrados coloniais, uma ilusão de maior, ao patrimônio do Centro Histórico.

Na Paraty do século XXI, é possível observar em alguns restaurantes, bares e cafés que as mesas e cadeiras de estilo bem eclético avançam as ruas. E são poucos os proprietários que se preocupam com a estética do mobiliário usado no lado externo de seus estabelecimentos comerciais, não havendo um ordenamento. Nas discretas placas e cartazes/*banners*, removíveis, sim, é mais recorrente observar uma estética mais afinada com um *design* que remeta ao período colonial. Com base na pesquisa de Priester (2016), o Decreto-lei n°51/47 do Código de Obras do ano de 1947, proíbe no Centro Histórico a aplicação de elementos estranhos à sua linguagem arquitetônica, como por exemplo janelas venezianas, calhas de beiral em seus telhados e a construção ou adequação de marquises, bem como a instalação de anúncios, cartazes e letreiros em suas fachadas sem o consentimento do IPHAN.

Segundo o levantamento do IPHAN e da instituição portuguesa SIPA (2003) os cerca de 500 imóveis existentes no Centro Histórico dividem-se na sua maioria entre residenciais e comerciais (Fígura 7). Mas há também aqueles utilizados pelas áreas da educação, cultura, turismo, saúde, segurança [marinha] e serviços [cafés, hotéis, padarias, restaurantes...]. Em

1979 calcula-se que deveria haver em torno de 1000 pessoas residentes nesta cerca de 500 imóveis que compõem a antiga malha urbana da cidade, hoje Centro Histórico. Neste período, conforme descreve Tsukamoto [2023][48], "havia mais residências e com famílias maiores que as de hoje, muitas casas vazias e menos comércio". O escritor e memorialista Diuner Mello [2023] acredita que "na década de 70 deviam morar no Centro Histórico em torno de 800 pessoas, pois muitos já tinham vendido suas casas de negócios e se mudado para a Chácara". Nesta segunda década do século XXI, surpeendemente, não deve chegar a 100 o número de moradores fixos.

Figura 7 – Centro Histórico | Utilização dos imóveis.



Fonte: IPHAN / SIPA - Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico – 2003.

De acordo com Silva (2013, p. 782), patrimônio cultural "é composto por bens envoltos por uma atribuição de valor por parte de um segmento maior ou menor da sociedade e, geralmente, estão sujeitos a algum tipo de política de proteção". O potencial de oportunidades que o patrimônio apresenta sempre foi importante para o turismo de Paraty,

[48] Kimy Tsukamoto e Diuner Mello, ambos em resposta a minha questão sobre o número de moradores na antiga cidade, hoje Centro Histórico, lançada nos grupos de Paraty no *facebook*.

pois este abarca um amplo conjunto de elementos locais diversificados, desde o seu patrimônio material e imaterial e sua paisagem cultural. O International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) define patrimônio como "tudo o que abrange paisagens, locais históricos, sítios e ambientes construídos, bem como a biodiversidade, coleções, práticas culturais passadas e continuadas, conhecimentos e experiências vividas" (ICOMOS, 1999). Choay (2001, p. 11) definiu patrimônio histórico como "um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum". Pela perspectiva de Choay (2001), encaixam-se nesta descrição as obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, bem como os trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. Já na visão de Chuva (2009), a noção de patrimônio se dá quando o contexto histórico e o artístico assumem uma dimensão instrumental e passam a ser empregados na produção de uma representação de nação.

> A noção de patrimônio é, portanto, datada, produzida, assim como a ideia de nação, no final do século XVIII, durante a Revolução Francesa, e foi precedida, na civilização ocidental, pela autonomização das noções de arte e história. O histórico e o artístico assumem, nesse caso, uma dimensão instrumental, e passam a ser utilizados na construção de uma representação de nação. Em termos jurídicos, a noção de patrimônio histórico e artístico nacional é referida pela primeira vez no Brasil (embora não exatamente com essa denominação), como sendo objeto de proteção obrigatória por parte do poder público, na Constituição de 1934. (CHUVA, 2009, p. 37).

Vale lembrar que a criação de um Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Brasil, aconteceu em 1936, próximo a dois eventos que foram importantes para a vida cultural e política do país na primeira metade do século XX: o movimento modernista e a instauração do Estado Novo, em 1937. Segundo, os seus representantes/colaboradores eram intelectuais, como Lucio Costa, Paulo Thedim Barreto, Alcides Rocha Miranda, Gilberto Freyre, Oscar Niemeyer e Godofredo Rebelo de Figueiredo Filho (REZENDE, GRIECO, TEIXEIRA e THOMPSON, 2015).

E como aponta o memorialista Mello (2009, p. 11), com "a finalidade de preservar o conjunto arquitetônico da cidade de Paraty, seu entorno imediato e a paisagem do município, algumas edificações e determinadas áreas foram tombadas pelos governos federal e estadual".

Em 2012, o Sr. José Cláudio de Araújo[49], então prefeito, afirmou que Paraty é uma das cidades brasileiras que mais tem títulos de tombamento (Quadro 1):

Quadro 1 - Títulos de Tombamento e Decretos Ambientais

1937 – Inscrita no livro de Tombos do Patrimônio Nacional - IPHAN – Em 30 de novembro de 1937. Pelo Decreto-Lei Nº. 25. Não apenas a cidade de Paraty, mas sim o Município de Paraty ou seja, os 917 km quadrados, a ambiência a paisagem cênica e o conjunto arquitetônico; **1945 –** Sítio Histórico de Paraty: o quadrilátero compreendido entre o mar e a Rua Patitiba e entre os Rios Perequê-Açu e o Patitiba, foi considerado **Monumento Histórico do estado do Rio de Janeiro** – Em 18 de setembro, pelo Decreto Nº 1.450 – assinado por Ernani Amaral Peixoto. "Quando foram elaboradas as primeiras leis de proteção ao conjunto arquitetônico e sua malha urbana"; **1958 -** Tombamento em 13 de fevereiro, pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o mesmo sítio histórico foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. "Posteriormente esta área foi ampliada, englobando a Santa Casa de Misericórdia, o Forte Defensor Perpétuo e suas adjacências"; **1966 –** Em 24 de Março, pelo Decreto Nº 58.077 – assinado pelo Presidente Castelo Branco, Paraty e convertida a **Monumento Histórico Nacional**; **1972 –** Parque Nacional Serra da Bocaina (Plano de Manejo) – Decreto Nº 68.172 de 04 de fevereiro de 1971 / Criado em 08 de junho, pelo Decreto Nº 70.694. "Abrange toda a Serra do Mar e se estende por outros municípios do estado do Rio de Janeiro e São Paulo. Abriga inúmeros e raros exemplares da flora e fauna nativas da Mata Atlântica como cedros, jacarandás, peroba, canela, oitis, onças, jaguatirica, macacos, pacas, porcos do mato, aves e pássaros silvestres como sabiás, papagaios, tucanos, periquitos, macucos, socós, jacutingas e gaviões, entre muitas outras espécies"; **1972 –** Parque Estadual do Paraty Mirim – criado em 29 de novembro de 1972, pelo Decreto-Lei Nº 15.927, "engloba a Enseada de Paraty Mirim e o Saco do Mamanguá. É altamente recortado em sua geografia e exibe em seu interior inúmeras praias abrigadas, ilhas, enseadas, rios e cachoeiras"; **1974 –** Todo o município é inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e no Livro de Belas Artes; **1976 -** A área de proteção ambiental criada em 29 de novembro de 1972, pelo Decreto Nº 15 927, pelo Decreto Estadual Nº 996, de 17 de novembro, passou a denominar-se "Área Estadual de Lazer de Paraty-Mirim"; **1983 –** Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, mais conhecida como APA Cairuçu, uma Unidade de Conservação Federal de Uso Sustentável, em 27 de dezembro, pelo Decreto Nº 89.242, visando a proteção das 63 ilhas da Baía de Paraty "e se superpõe, em alguns lugares, ao Parque Nacional da Serra da Bocaina e ao Parque do Paraty Mirim. Em sua área existem diversas madeiras nobre e grande diversidade de animais, aves e pássaros silvestres"; **1983 –** Lei Municipal de proteção aos Manguezais; **1984 –** Área de Proteção Ambiental da Baía de Paraty – Criada em 11 de outubro, pela Lei Municipal Nº 685 "e complementada posteriormente, protege o Saco do Mamanguá, a Enseada do Paraty Mirim e a Baía de Paraty desde a Ponta do Boi até a Boa Vista. Inclui também as encostas do Morro do Forte, da Ilha do Tu e os manguezais destas áreas como Zona de Proteção da Vida Selvagem"; **1990 -** Estação Ecológica de Tamoios - Unidade de Conservação Federal. Em 23 de janeiro, pelo Decreto Nº 98.864. ESEC Tamoios está localizada entre os municípios de Angra dos Reis e Paraty. **1992 –** Estação Ecológica Tamoios – criada em 30 de outubro, pelo Decreto Nº 98864; **1992 –** Reserva Ecológica Estadual da Juatinga (REEJ), que protege o território da península da Juatinga, com 9.797 hectares - Diploma legal de criação: (Lei Nº 1.859, de 01/10/91; Em 30 de outubro, pelo Decreto Nº 17.981). "Em seu interior encontram-se manguezais, costões rochosos, praias abrigadas e oceânicas, ilhas, rios, cachoeiras e pequenas comunidades caiçaras. Superpõem-se à parte da APA Cairuçu".

[49] Documentário sobre Paraty. Mandala Filmes. Fonte: www.youtube.com/watch?v=4-SKNdZHqGA. - Acesso em: 25 Jun. 2023.

2001 – APA das Praias de São Gonçalo e São Gonçalinho – Criada em 11 de junho, pela Lei Municipal Nº 1.239; **2016 –** Em 14 de Julho de 2016 pela Lei Nº 7371 - Art. 1º Fica instituída, como patrimônio material e imaterial do Estado do Rio de Janeiro, as canoas caiçaras de produção artesanal do Município de Paraty; **2017 –** Paraty, passou a integrar, a partir de 31 de outubro, a Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UNESCO Creative Cities Network - UCCN) como cidade da gastronomia; **2019 –** O Comitê de Patrimônio Mundial da UNESCO, confere a Paraty e Ilha Grande, em 05 de julho, o primeiro título de Patrimônio Misto localizado no Brasil; **2023 -** Festa do Divino - Patrimônio Cultural Brasileiro.

Quadro cronológico elaborado com base nas seguintes fontes:
Prefeitura Municipal de Paraty / Secretaria de Cultura, www.iphan.gov.br, Maia (1976) e Mello (2009).

Apesar da legislação alusiva aos títulos de 1958 e 1966 garantissem a proteção dos bens culturais de Paraty, muito de sua história já havia se perdido. Segundo Leão e Freire (2021, p. 93), isso foi quando, "durante a Revolução Constitucionalista de 1932, o próprio interventor da cidade pôs fogo em grande quantidade de documentos, por considerá-los "papéis inúteis"". Ainda diante dos primeiros títulos, Priester e Thompson (2016) argumentam: se, por uma perspectiva, os títulos de 1966 e 1945 não estabelecem compromissos jurídicos alusivos a transformações nos patrimônios sancionados, por outra, o tombamento de 1937, produz um conjunto de limitações para as intervenções nesses patrimônios, as quais estão sujeitas à fiscalização e às normatizações do IPHAN.

> Ao observarmos a atuação do IPHAN no conjunto arquitetônico de Paraty, percebemos que, embora as normativas e os critérios internos de intervenção da instituição tenham sido modificados ao longo do tempo, as noções de autenticidade, homogeneidade e integridade estiveram constantes nessa trajetória (PRIESTER, THOMPSON, 2016, p. 1).

Priester aponta que "na época do tombamento do conjunto arquitetônico de Paraty, criou-se uma retórica holística ao se atribuir ao Bairro Histórico a representação da memória coletiva ou da identidade coletiva da cidade de Paraty e de seus moradores" (PRIESTER, 2016, p. 10). E quanto ao tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Município de Paraty, em 1974, "foi uma garantia à proteção do entorno paisagístico, no raio de 5 km, previsto quando da elevação a Monumento Nacional" (PRIESTER, THOMPSON, 2016, p. 6).

Segundo Freire (2012), "as limitações impostas pela lei que criou o Parque Nacional da Serra da Bocaina foram dando fim aos bananais e ao cultivo da mandioca [entre outros produtos cultivados para subsistência]. Faltou atenção do governo, com medidas que permitissem ao lavrador continuar na sua lida" (p. 164). Isso motivou o então prefeito,

Benedito Gama, a dar mais atenção à zona rural, que estava se esvaziando, com esse movimento dos lavradores estarem se transferindo para a periferia da cidade, com a intenção de viver de biscates, uma vez que os novos decretos o proibiam de plantar. Da mesma forma aconteceu com algumas comunidades da costeira, como foi evidenciado pelos colaboradores durante as entrevistas, onde "os de fora" podiam comprar as suas terras [algumas de maneira inescrupulosa] e construir, mas os moradores não podiam ficar com suas casinhas de pau a pique e nem ter uma roça para a sua subsistência.

Paraty, embora já fosse considerada pela UNESCO o conjunto arquitetônico colonial mais harmonioso do país, encontrava-se desde os anos 1990 no processo de buscar o título de Patrimônio Mundial da Humanidade. O complexo edificado do Centro Histórico[50] contém aproximadamente quinhentas unidades. Onde é possível observar, em suas fachadas contínuas e alinhadas, que compreendem dois tipos morfológicos de parâmetro: o sobrado e a casa térrea. Nos primórdios, geralmente a área residencial ocupava os fundos dos estabelecimentos comerciais que eram de um pavimento, a casa térrea. Já nos de dois pavimentos, os sobrados, o primeiro pavimento era designado ao comércio ou instalações de suporte ao segundo pavimento, destinado em geral à moradia dos proprietários (SIPA, 2003).

> Este tecido edificado apresenta significativa uniformidade tipológica, que se pode considerar estabilizada no final do séc. 18 e 1ª metade do séc. 19. Apesar de ser possível identificar vestígios do séc. 17 em algumas habitações, verifica-se que os ciclos construtivos se foram adaptando às sucessivas posturas municipais e à respectiva norma edificatória (SIPA, 2003).

No caso de Paraty, há muito tempo que estrangeiros vem adotando a cidade. Segundo o relato de alguns colaboradores entrevistados, um dos meus bisavôs, o de sobrenome Rameck [de origem exata ainda desconhecida] seria um dos muitos exemplos. Alguns estrangeiros vêm para morar e acabam operando como agentes culturais e sociais para a cidade, como é o caso das argentinas Agustina Navarro (professora de yoga/Casa do Dharma) e Mon Idzi (pães integrais na porta), da portuguesa Cecília C.T. Colaço Santos (Pousada Mara a Vista), do português Nuno Damas (advogado/amante da fotografia) e do extrovertido fotógrafo italiano, Giancarlo Mecarelli, criador e diretor do Festival Internacional de Fotografia. Em todas as edições que acompanhei foi possível avistar Mecarelli, atendendo

[50] Memorialistas e moradores, consideram nove, os principais pontos turísticos ou culturais: Chafariz do Pedreira, Igreja da Matriz, Igreja Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Igreja Santa Rita, Antiga Cadeia Pública, Fórum, Casa da Cultura e o antigo Mercado de Peixe. Há de se considerar também os seis Passos da Paixão.

com entusiasmo aos participantes do *workshops*, expositores, políticos e público em geral, conversando e dando atenção ao mesmo tempo que organizava o evento.

Na noite de abertura da edição do PEF2017, a então Secretária de Cultura, a Sra. Cristina Maseda, relatava a importância do evento dentro do calendário cultural do município e outras questões socioeconômicas, como o fato de que em um período aproximado de quarenta e sete anos a população quase triplicou, ou seja, "todos querem vir morar em Paraty", e de preferência no centro urbano. Maseda também destacou que o Governo Estadual estava há dois anos sem fazer nenhum repasse de verbas as quais o Município tem direito. Sua fala foi muito semelhante ao texto da missão da Secretaria de Cultura de Paraty, que "é formular e implementar políticas públicas visando a ampliação do acesso aos bens culturais, a descentralização das atividades, o fomento à produção cultural e a valorização do patrimônio cultural"[51]. Assim, esta poderia ser uma forma de viabilizar novos caminhos para a integração e a sustentabilidade dos paratiense e paratianos.

Pelo olhar de Silva (2013) as transformações espaciais que cidades como Paraty experimentam são de diversas ordens - econômica, política, urbana, cultural, demográfica e social, também pelo grande número de pessoas que passam a circular e acabam por permanecer na cidade: profissionais temporários, turistas em geral, veranistas, donos de segunda residência, empresários, entre outros grupos.

> Tem-se, portanto, que a população nestas cidades é bastante híbrida no que diz respeito as suas referências culturais e demandas acerca do patrimônio da cidade, havendo no local um tecido social extremamente complexo e fragmentado. O caso de Paraty é um exemplo claro deste processo. Marco da ocupação portuguesa no Brasil e associada aos períodos econômicos do Ouro e do Café, experimentou severa estagnação econômica do último quartel do século XIX até a década de 70 do século passado. Com a abertura da BR-101 (Rio-Santos) Paraty tornou-se facilmente acessível a carro, ocorrendo o boom do turismo naquele município. Embora esta maior acessibilidade tenha permitido a recuperação do centro histórico paratiense, com a apropriação dos imóveis por empresários do ramo hoteleiro e de serviços voltados aos turistas, por outro lado também acarretou um adensamento populacional abrupto e aleatório – fato que se observa na visível desordem urbana que há fora do perímetro caracterizado como o "Centro Histórico" que é delimitado por correntes. Em busca de melhores condições de vida e de emprego, muitos migrantes e imigrantes mais que dobraram a população em quatro décadas. (SILVA, 2013, p. 787).

Durante as saídas a campo, em especial as realizadas em setembro e/ou outubro, a questão da "desordem urbana" mencionada por Silva (2013), não foi percebida, onde questões como água e energia elétrica – de infra estrutura básica - foram cobrados pelos turistas e

[51] http://pmparaty.rj.gov.br/page/sobreasecretaria.aspx?tipo=secretaria-de-cultura - Acesso em: 12 Mai. 2018.

moradores durante a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)[52], repercutindo inclusive na imprensa internacional[53]. Mas, durante a saída de campo mais prolongada do mês de janeiro até início de fevereiro de 2022, estas e outras questões puderam ser vivenciadas.

Em Paraty, o turismo apresentou-se como um setor da atividade econômica em crescimento desde a década de 1960 e com mais ênfase a partir de 1970, o que contribuiu para que a cidade se recuperasse do longo isolamento que vivenciou, viabilizando um avanço nas condições de vida das comunidades, embora os eventuais imprevistos logísticos de alguns grandes eventos. Segundo o artigo 3º dos Estatutos da Organização Mundial de Turismo (OMT/UNWTO), "os objetivos do turismo são os de contribuir para a expansão econômica, compreensão internacional, paz, prosperidade e respeito universal". Para a OMT, turismo é também "o conjunto de relações e fenômenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal". Enquanto que, para a *Association Internacionale des Experts Scientifiques du Tourisme* (AIEST) o conceito de Turismo Cultural[54]:

> É o conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadas em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros. Estas pessoas, que se movimentam para outro destino, agrupam-se sob o termo visitante e são divididas em dois conceitos: turistas, quando permanecem mais de vinte e quatro horas no local visitado e excursionistas, quando a sua visita é inferior a vinte e quatro horas.

No processo desta pesquisa, deparei-me com "o Código Mundial de Ética do Turismo" estabelecido pelos membros da Organização Mundial do Turismo (OMT), cujos objetivos foram reafirmados[55], conscientes do papel "decisivo e central", na promoção e desenvolvimento do turismo. Destaco o Artigo 3º - O turismo, fator de desenvolvimento sustentável, item 5:

> O turismo de natureza e o ecoturismo são reconhecidos como formas de turismo especialmente enriquecedoras e valorizadoras, sempre que respeitem o património

[52] A Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), surgiu em 2003 de um desejo difícil: promover em Paraty, cidade distante das capitais, uma experiência de encontro permeada pelas artes. Fonte: https://www.flip.org.br/historico/ - Acesso em: 15 jun. 2020.
[53] AXER, Stéphanie. TURISMO CULTURAL: O MUNICÍPIO DE PARATY E A FLIP – Revista Itinerarium v.2 2009 - UNIRIO – 2009.
[54] O Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC – World Travel & Tourism Council).
[55] Assembleia-Geral em Santiago do Chile neste 1 de Outubro de 1999.

> natural e as populações locais se ajustem à capacidade de acolhimento dos lugares turísticos. (OMT, 1999, p. 3).

Sobre respeitar ou considerar as populações locais e se ajustar a sua capacidade e contexto, me faz contemplar sobre o que escutei de alguns caiçaras sobre os proprietários de escunas criarem novas rotas, desviando e não ancorando mais nos pequenos estabelecimentos caiçaras existentes ao longo da zona da costeira. Antigamente, quando o turismo não era tão predatório, os passeios eram realizados em menor escala e pensando nas pequenas comunidades tradicionais espalhadas pela costeira, que ao venderem lanches e/ou refeições típicas da região, conseguiam gerar uma renda extra para ajudar no sustento de suas famílias.

Inspirado por Bresson (2004), contemplo: como negar um tema quando ele se impõe a nós fotógrafos/pesquisadores? A exemplo de Paraty, o patrimônio cultural, os fazeres e saberes, assim como tantas outras discussões relevantes existentes nas suas ruas, além dos seus símbolos, na relação dos moradores paratienses e paratianos, fixos ou sazonais, com os turistas e excursionistas que fazem dela a sua casa, mesmo que por um curto período e alguns para sempre. Impossível ignorar. Ainda que haja a beleza, a singularidade e o romantismo de suas trinta e três quadras, pelo olhar de Cotrim (2012), algumas questões devem ser consideradas e esclarecidas sobre o seu patrimônio material: “apesar de surgida no século XVII, a Paraty que conhecemos hoje é quase toda uma cidade dos séculos XIX e XX, mesmo seguindo um modelo do fim do século XVIII”. Outra questão é que narrar a história de Paraty, mesmo que de forma breve e “omitir terem ali existido duzentos anos de contrabando de [homens africanos escravizados] equivaleria a ir à praia e negar ter visto mar”, como aponta Cotrim (2012, p. 12). Um ponto de ligação entre as ideias dos muitos historiadores e memorialistas que escrevem sobre Paraty, é que apesar destas questões preliminares não se pode negar que foi uma das portas de entrada para este novo mundo, porto importante e parada obrigatória dos navios oriundos da Europa, uma "cidade livre” em grande parte construída por mãos escravizadas. E que chegou a ser o segundo maior porto do país no século XVIII, por onde se escoava das Minas Gerais, o ouro e as pedras preciosas que embarcavam para Portugal, mas que desde o século XVI já servia de trânsito para outras especiarias. Hoje, Paraty é uma lembrança do período colonial, uma joia particular situada numa baía fechada e protegida do mar aberto por, pontas, penínsulas e 65 ilhas. O seu antigo núcleo urbano, hoje nomeado de Centro Histórico, construído à beira-mar, possui nas suas imediações um litoral de aproximadamente 180 km e com 65 praias [algumas fontes chegam a citar 300], sendo algumas com acesso por estrada, mas a maioria com acesso apenas pelo mar.

Embora os relatos mais recorrentes apontem que, antigamente, antes mesmo do ciclo ouro ou do café e cana, o território do atual município de Paraty era ocupado com mais frequência pelos indígenas Guaianás, também conhecidos por Goyanás, Guayanás, Guaianases ou Goiamimins, segundo Maia (2000), por muito anos, inúmeras tribos, haviam habitado as terras da atual Paraty. No ano de 1554, Hans Staden[56], mercenário alemão, deles ficou prisioneiro, tendo permanecido em torno de um ano por esse litoral, nos aldeamentos de Cayruçu, Tacuary e em Mambucaba. Este fato gerou o primeiro registro escrito sobre a região. Os Guaianases costumavam habitar o litoral desde Ocarauçu [hoje Angra dos Reis], até Cananéia do Sul, onde iam confinar com os Carijós. E apesar de fisicamente se assemelharem com os Tamoios, não matavam os seus prisioneiros e eram hospitaleiros com o homem branco. Segundo os autores, os Tamoios procuravam viver em harmonia com os Guaianases, pois frequentemente desciam pelas trilhas de serra acima até o mar, não só pelo peixe, mas por acreditarem que as águas das praias de Paraty eram saudáveis, a ponto de curar. E como aponta Maia (2000), foi desse trânsito, de muitas tribos, vindas de serra acima, no Vale do Paraíba, até Paraty e vice-versa, em busca de peixe e saúde, que nasceu a Trilha Guaianás, origem do Caminho do Ouro.

Paraty[57] – este nome tupi-guarani já foi traduzido como "peixe branco", "peixe de rio" e também como "viveiro de peixes". Mas como afirma Mello (2009, p. 13), “segundo Teodoro Sampaio, ilustre geógrafo e historiador brasileiro, em “O Tupi na Geografia Nacional”, significa: jazida do mar, o golfo, lagamar e informa ainda, não confundir com Pirati: peixe da família das tainhas muito comum na região”. Paratii, Parati, Paraty... Existem também controvérsias por quem e em que ano dá-se a sua descoberta ou fundação (1531, 1608, 1660, 1667...), contradições assim acontecem como na própria história do Brasil, onde em 1500 foi oficializado, pelo olhar dos nossos próprios colonizadores como um “descobrimento sociológico”, pois acredita-se que o “achamento da terra de Vera Cruz” já

[56] O primeiro registro escrito sobre a região da atual Paraty é o livro do mercenário alemão Hans Staden, "História verdadeira e descrição de um país de selvagens..." (Marburgo, 1557), que narra a estadia deste por quase um ano em aldeias Tupinambás nas regiões de Paraty e de Angra dos Reis (MAIA, 2000).

[57] Nos meses de inverno, os indígenas desciam a serra em busca de pescado, pois sabiam que o peixe parati, entre os meses de março a setembro, subia os rios para desova, tornando-se presa fácil. Por este motivo os indígenas chamavam essa região de paratii que significa água do parati (“parati” = espécie de peixe da família Mugil; “i = rio ou água). Os jesuítas catequizadores dos índios e os primeiros a estudar suas línguas, tinham o costume de substituir o duplo “i” pela letra “y” ficando assim o nome da cidade de “Paraty”. (...) Apesar da grafia “Parati” ser aceita, o correto é a forma “Paraty”. Fonte: https://maconariaparaty.mvu.com.br/site/historia-de-paraty/5YstJcZBntk-3/atr.aspx. - Acesso em: 04 dez. 2019.

havia acontecido, antes de Cabral, por outros navegadores como Pinzón, Pereira e Ojeda, em expedições sigilosas que aqui já tivessem atracado com as suas embarcações[58].

Assim como o seu nome, a data oficial de seu povoamento e/ou fundação também diverge entre os historiadores e memorialistas. Apresento no quadro 2 uma cronologia contruída tendo com bases dados da Prefeitura Municipal de Paraty / Secretaria de Cultura, do IBGE e do IPHAN.

Quadro 2 – Sobre o povoamento e/ou fundação de Paraty

1531 - 16 de agosto, dia de São Roque: provável nascimento do povoado onde hoje é Paraty;
1540 / 1560 – A existência de um núcleo devotado a São Roque no Morro da Vila Velha (hoje Morro do Forte);
1597 - A primeira notícia que se tem do povoado é quando Martim Corrêa de Sá, filho do governador Salvador de Sá, empreende uma expedição contra os índios Guaianás do Vale do Paraíba. À época, a região encontrava-se compreendida na capitania de São Vicente;
1630 - A condessa do Vimieiro fez doação em sesmaria das terras onde posteriormente se implantou Paraty, a favor de Maria Jácome de Melo. Construção de uma capela em louvor de São Roque, no morro, junto à povoação;
1640 - A transferência do núcleo, chamado Paratii, do Morro do Forte para o local atual;
1646 - Início da construção da Igreja Matriz, em estilo neoclássico, no local doado por Maria Jácome de Melo, para devoção a Nossa Senhora dos Remédios. A primeira igreja foi construída em madeira e sapé nesse mesmo ano, passando a povoação a ser conhecida como Nossa Senhora dos Remédios de Paraty;
1652 – A transferência do povoado de São Roque para a área envolvente à Igreja Matriz;
1654 - Primeira revolta popular em Paraty pela independência em relação a Angra dos Reis;
1660 - Segunda revolta popular, comandada pelo capitão Domingos Gonçalves de Abreu, que suspendeu a subordinação política de Paraty a Angra dos Reis;
1667 - Freguesia criada com a denominação de Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii, por carta Regia de Dom Afonso VI, em **28 fevereiro 1667**, quando este território se separou da Vila da Ilha Grande, hoje Angra dos Reis, e pelos Decretos Estaduais n.º s 1, de 08 Mai. 1892 e 1-A, de 03 Junho 1892;
1720 - A Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii é anexada à Capitania de São Paulo;
1726 - Carta Régia de 06 janeiro 1726 separa Paraty da Capitania de São Paulo, voltando a pertencer ao Rio de Janeiro;
1813 - Paraty recebe o título de condado;
1814 - Paraty recebe foros de Cidade.

Quadro cronológico elaborado com base nas seguintes fontes:
Prefeitura Municipal de Paraty / Secretaria de Cultura, IBGE, IPHAN,
SEBRAE/RJ, SIPA (2003), Mello (2009) e Freire (2012).

Assim como outras fontes, Mello (2009), afirma que se desconhece a data exata do aparecimento do povoado. Para Maia (1976) e Freire (2012), como a rigor, não há uma data

[58] Vicente Pinzón e Jean Cousin, em 1488; Duarte Pacheco Pereira, em 1498; Alonso de Ojeda, em 1499 e novamente Vicente Pinzón, em 26 de janeiro de 1500. E Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500. – Fonte: Revista VISÃO História – Nº 50, p. 16 – Dezembro 2018 – Paço de Arcos / Portugal.

incontestável sobre a fundação do povoado, mas como para este tendo sido erguido uma capela[59] em louvor a São Roque, tem-se como evidente que ocorreu em um 16 de agosto, santo daquele dia. Freire (2012) reforça as colocações de Mello e Maia, e apesar de não haver um documento que defina a data com convicção, podemos estabelecer a constituição do povoado de São Roque entre a expedição de Gonçalo Coelho, em 1502, ano da fundação de Angra dos Reis; e a Expedição de Martim Afonso de Souza, em 1531, ano da fundação de São Vicente.

Mello, em 28 de fevereiro de 2023, data do aniversário da cidade, reforçando uma de suas antigas publicações nas redes sociais, diz lamentar, profundamente, que o governo municipal insista em datar a criação da Vila de Paraty em 1667, com 356 anos. E explica:

> Em 1660 o Capitão Domingos Gonçalves d'Abreo liderou uma revolta popular que separou Paraty da Vila da Ilha Grande, hoje Angra dos Reis. Este ato cria de fato a Vila. É importante lembrar que Paraty foi a primeira vila do Brasil, criada pelo povo e não por carta régia. Exatamente por este motivo os angrenses nos apelidaram de "Os Alevantados", ou seja, os insubordinados, revoltados. Durante sete anos Paraty manteve-se vila de fato e não de direito. Em 28 de Fevereiro de 1667 o Rei de Portugal, Dom Afonso VI, emite uma Carta Régia reconhecendo a criação da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty. Ora, na verdade, oficializou uma vila que já existia extraoficialmente. Quando foi criado o Brasão de Armas do Município a data que dele constava era 1660. Depois, no afã político de se comemorar mais um "tricentenário" alteraram a data do brasão para 1667. [MELLO, 28 Fevereiro 2023]

Mello [2023], "pessoalmente e historicamente", afirma aceitar a criação da Vila de Paraty em 1660. O memorialista prefere a revolta popular que gerou a vila do que a data que a legalizou. E deixa transparente o seu desejo: "que o Governo Municipal, como elogio aos bravos e revoltosos paratienses, aceitasse a data de 1660 como a mais corretamente histórica".

Geograficamente, tomando como referência os dados do IBGE[60], o primeiro núcleo organizado de povoamento surgiu num morro distante 25 braças para o norte do rio Perequê-Açu, em princípios do século XVII. E foi São Roque[61] o seu primeiro padroeiro. Mais tarde

---

[59] A primeira capela de Paraty foi a de São Roque, no Morro do Forte. Era pequena, construída de pau-a-pique e coberta de sapé, no final de 1500 ou início de 1600. A segunda capela foi a de Nossa Senhora dos Remédios, em tudo semelhante à de São Roque e utilizando dos mesmos materiais construtivos, por volta de 1646. Já instituída como paróquia, em 1668 iniciou-se a construção de uma Igreja Matriz, em alvenaria de pedra, que foi concluída em 1712. A terceira capela é a de Nossa Senhora da Conceição do Paraty Mirim, edificada por Antônio da Silva, renovada e ampliada pelo Coronel Jorge Pedroso de Souza e consagrada em 1746. - Fontes: Memórias Históricas do Rio de Janeiro, de Mons. José de Souza Azevedo Pizarro; Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty, séculos XVIII, XIX e XX, de Maria José S Rameck e Diuner Mello; Paraty Estudante de Diuner Mello [MELLO, 31 mai. 2022].

[60] Fonte: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paraty/historico. Acesso em: 04 dez. 2019.

[61] Documentos comprovam que o primeiro padroeiro de Paraty foi São Roque, um santo místico esotérico, que percorreu como peregrino o caminho de San Thiago de Compostela. De certo modo, talvez isso explique o motivo da presença maçônica em Paraty. Fonte: http://www.paraty.com.br/maconaria.asp. Acesso em: 04 dez. 2019.

seus moradores deslocaram-se para um local mais amplo e auspicioso e ergueram, por volta de 1646, um templo sob o orago de Nossa Senhora dos Remédios, em terreno doado por Maria Jácome de Melo[62].

Por volta de 1700, a maior parte das edificações da cidade, então conhecida como Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii, tinham o propósito de servirem de armazéns e postos comerciais. Em 1717, Paraty era uma pequena vila com menos de 50 casas térreas, ainda construídas em taipa e cobertas com palha. O pequeno núcleo servia-se dos seus dois principais rios navegáveis, Perequê-Açu e Mateus Nunes, assim como das suas praias como locais de embarque e desembarque. Aproximadamente em 1746, a sua população rural e urbana era estimada em 2.700 habitantes (SIPA, 2003). Quase cem anos depois, no ano de 1822, revivendo os bons tempos coloniais, Cais do Porto movimentado e não só do café, mas também de outras mercadorias e de ideias, pois grande parte das embarcações ao transportar passageiros, traziam à Villa notícias novas, do litoral ou do interior do país, pelos inúmeros tropeiros (COSTA, 1922)[63]. No ano de 1844, ainda no período econômico do café, com mais de cinquenta estabelecimentos comerciais, a Villa torna-se cidade[64]. Em 1856 a população da zona urbana e rural somadas totalizam a 12.000 moradores, transformando-se em uma cidade imperial de destaque.

A estrada de ferro, na década de 1870 – foi uma solução para a logística da produção de café de outras cidades, mas para os produtores de Paraty, constituiu um golpe de morte, o trem substituia a tropa e os trilhos substituiam o velho caminho"[65]. Em 1888, a abolição da mão de obra escravizada decretou de forma decisiva o desinteresse pela preservação do caminho velho, o que resultou na plena interrupção do comércio com o Vale do Paraíba e cessando a produção nos engenhos (MAIA, 1976, 2000). Em 1892, quatro anos após a abolição da escravatura, período inicial do seu declínio econômico, a cidade contava [ainda] com 12.488 habitantes[66]. No final do século XIX a população urbana e rural começa a reduzir, devido ao deslocamento de antigos moradores para as novas cidades onde era iminente o progresso devido à via férrea (SIPA, 2003). Em 1907, a média já era de 10.000

[62] Em 1646, o povoado transferiu-se para um local maior e plano, entre os rios Perequê-Açu e Patitiba, onde se desenvolveu e deu origem ao atual Centro Histórico. Este novo local fora doado por Dona Maria Jácome de Melo, sob duas condições: a primeira, de que se edificassem uma capela sob invocação de Nossa Senhora dos Remédios a quem era devota, e a outra, que não se molestassem os índios que aqui viviam. A partir daí o morro do núcleo de São Roque passou a se chamar Morro da Vila Velha. Fonte: Sec. Turismo - http://visiteparaty.tur.br/historia/. Acesso em: 24 jun. 2018.
[63] Artigo publicado em 29 de Outubro de 1922, na edição de Nº 22 do Jornal "A Razão", p. 1 e 3.
[64] Fonte: MAIA, 2000, p. 126.
[65] Fonte: MAIA, 2000, p. 127 e 129.
[66] Fonte: MELLO, 2009, p. 31.

habitantes[67]. Neste mesmo ano estava em pauta um importante projeto de ligação férrea, afinal, era evidente nas últimas décadas do século XIX a decadência dos portos de Paraty e de outras cinco cidades litorâneas[68]. Segundo Maia (2000), estas cidades não estavam conformadas com o declínio econômico e buscavam com garra e esperança uma solução viável. E a melhor delas era a ligação férrea com o Vale do Paraíba. Paraty em 1907 esteve muito perto desta solução, quando buscou a sua ligação com Guaratingueta, fato noticiado com destaque nos peródicos das duas cidades.

"O projeto do ramal ferroviário para Cunha" que já vinha em desenvolvimento, desde o final do século XIX, contou com relevantes/significativos estudos, da parte de Paraty, executados pelo engenheiro Justin Norbert. Infelizmente, não foi à frente "porque não havia possibilidade de êxito" segundo o parecer do Presidente do Estado do Rio de Janeiro. Existe também a triste versão, que o Dr Alfredo Casemiro Rocha[69], um dos maiores interessados no projeto, teria perdido a concessão da ferrovia em uma mesa de jogo de baralho em um salão de Guaratinqueta[70].

Relatos minuciosos e instigantes sobre Paraty, no contexto do século XIX, mais precisamente em 1822, podem ser encontrados na obra organizada pelo memorialista Diuner Mello, sobre a obra do paratiense Dr. Samuel Nestor Madruga Costa, intitulada: *Paraty No Anno da Independência*[71]. É onde Mello (2000) apresenta algumas ilustrações, uma coletânea, poemas e artigos que o prestigiado paratiense Samuel Costa (1882-1930), como era mais conhecido popularmente, publicou no Jornal "A Razão". Destes, no artigo publicado em 24 de Dezembro de 1922, narra que todas as ruas daquele período já estavam abertas para o público transitar desde 1822, onde o perímetro urbano tratava-se do mesmo demarcado em 1726 e ratificado em 1757. E que o núcleo urbano era mais composto de casas térreas, então só após meados de 1830, quando se intensificou o comércio, é que começaram a erguer muitos sobrados. Costa coloca que no século XIX a Vila era acima de tudo comercial, que só posteriormente um bom número destas construções foram adaptadas para serem habitadas, onde os comerciantes mais modestos residiam nos fundos de suas edificações térreas, e os mais abastados faziam uso do pavimento superior de seus sobrados para moradia, ficando o

[67] Fonte: FREIRE, 2012, p. 69.
[68] Angra dos Reis, Mambucaba, Ubatuba, Caraguatatuba e São Sebastião. Fonte: MAIA, 2000, p. 129.
[69] Parlamentar da República Velha, político e médico, então residente em Cunha / São Paulo (COSTA, 1922).
[70] Com um dos Rodrigues Alves, que disputava a mesma verba para um projeto semelhante, para outra região, a partida teria ocorrido num salão, em Guaratinguetá sob a condição de que o que a perdesse renunciasse à disputa da verba. Interessantes documentos sobre o assunto, podem ser encontrados no Museu Frei Galvão, em Guaratinguetá (COSTA, 1922).
[71] Fonte: COSTA, Samuel. Paraty no Anno da Independência: outros textos e outros poemas / Samuel Costa; seleção e organização de Diuner Mello. – Rio de Janeiro: Litteris Ed.:, 2000.

térreo para o comércio. Embora a Vila não estivesse ainda toda edificada no ano da independência, na segunda década do século XX, devido à prosperidade comercial ter paralisado, destas muitas construções só restavam os alicerces (COSTA, 1922).

Segundo o IBGE, depois da abertura, do caminho novo,

> na segunda década do século XVIII, para as Minas Gerais, o qual partindo do Rio de Janeiro através da Serra dos Órgãos, Paraíba (do Sul) e Borda da Campo (Barbacena), encurtava para 15 dias a jornada para os sertões do ouro, Paraty sofreu o primeiro declínio. Ainda assim, continuou importante porto de mar até fins do século XIX. As caravelas que vinham da Europa ali faziam escala quase obrigatória. Companhias líricas vinham da Europa representar no teatro de Paraty, que também recebeu atores nacionais do vulto de João Caetano. Continuavam a chegar imigrantes às suas terras férteis. (IBGE, 2020).

Em artigo publicado no Jornal "A Razão", em 24 de setembro de 1922, o paratiense Samuel Costa relata que Paraty, no ano da independência, tratava-se de um interessante núcleo de atividade comercial, onde embora fosse visível o seu progresso material, não se descuidava da cultura da sua comunidade. Um momento em que um desejo de emancipação/autonomia, que se passava não só na Corte do Rio de Janeiro, mas que envolvia a então ainda colônia brasileira. E que aconteceu, segundo Costa (1922, p. 41-42), em virtude da forte presença daquele que tornou-se o primeiro Imperador destas terras. Conforme outro artigo, de 15 de outubro de 1922, publicado na edição de N.º 21 do Jornal, no mesmo ano de 1822, aconteceu o "lançamento da pedra fundamental da Santa Casa de Misericórdia de Paraty", uma edificação, como reza a escritura, "cinquenta braças em quadra além do rio Paraty-Guaçu [atual Rio Perequê-Açu], no lado Setentrional desta vila". Em novo artigo, publicado em 29 de outubro, relata que no mesmo período estimava-se [devido aos raros dados estatísticos], que a população deveria ser em torno de 8.000 habitantes e que havia no município, mais de dez engenhos de açúcar e mais de cem de aguardente de notória reputação. E que a lavoura também prosperava no mesmo ritmo que o comércio, apontando que esse cenário de prosperidade se manteve até 1850, fazendo um contraponto: no entanto, o panorama em 1922 era outro, pois restavam poucos dos antigos engenhos (MELLO, 2000).

> Por volta de 1863 ainda existiam 12 engenhos e 150 fábricas de aguardente. Com a abolição da escravatura, em 1888, e o êxodo dos trabalhadores rurais, verificou-se o colapso de sua economia, baseada na cultura da cana e do café. Em consequência do abandono das terras, vários cursos de água tiveram seus leitos obstruídos, ficando as várzeas férteis sujeitas a inundações. (IBGE, 2020).

Isolado, o conjunto urbano de Paraty, hoje chamado Centro Histórico, com as suas trinta e três quadras, número relacionado à maçonaria[72], de acordo com alguns historiadores e memorialistas, parou no tempo. E como é possível observar, comparando a planta de 1863 (Figura 1) com a foto via satélite de 1959 (Figura 8), percebe-se que em quase um século pouco mudou. Ainda na Figura 8, imagem da direita/um registro de 2005, apresenta-se o resultado da periferização, o movimento/trânsito desordenado dos moradores da zona da costeira e rural para a zona urbana.

Figura 8 - Paraty / Rio de Janeiro – 1959 e 2005



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional Rio de Janeiro - 1863

Acompanhando a história de Paraty, não se pode dizer que o "abandono do Estado de seu território"[73] foi intencional, mas uma soma de acontecimentos que levaram a sua região e setores ainda no século XIX a um processo de estagnação[74]. Assim, pode-se concluir que até ser esquecida, a sua história estava diretamente ligada a alguns dos principais momentos sociais, políticos e econômicos do Brasil. Com base na pesquisa de Souza (2008), na virada

[72] Tem-se certeza que, no século XVIII as portas e janelas da maioria das casas de Paraty eram pintadas em branco e azul, o chamado azul-hortênsia da Maçonaria Simbólica. A exemplo de Óbidos, em Portugal, que é uma cidade maçônica, também pintada de branco e azul-hortênsia, Paraty foi urbanizada por Maçons. (...) Outro sinal da presença maçônica são os três pilares (cunhais) de pedra lavrada, encontrados em algumas esquinas, que, segundo diz o povo, foram colocados para formar o triângulo maçônico. (...) Em Paraty, "até as plantas das casas, feitas na escala 1:33.33, têm a marca da simbologia dos maçons, desta vez da Ordem Filosófica, cujo grau máximo é o de nº 33. Este número é uma referência muito forte. Paraty possui 33 quarteirões e, na administração municipal da época, existia o cargo de Fiscal de Quarteirão, exercido por 33 fiscais". Fonte: http://www.paraty.com.br/maconaria.asp. Acesso em: 16 dez. 2020.

[73] Alusivo a Aula N.5 do Observatório das Metrópoles, ministrada pelas Professoras: Cláudia Monteiro Fernandes; Inaiá Maria Moreira de Carvalho e Thêmis Amorim Aragão, em 23 out. 2020.

[74] Capítulo de Livro de minha autoria: "Entre as Metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo existe uma Villa chamada Paraty" – Organizadores: Luciano Chinda Doarte; Felipe Augusto Tkac / GEPPC - Instituto Memória Editora – Curitiba / PR – 2022.

do século XVII, por exemplo, a vida de quase toda colônia, bem como de Paraty por seu porto e a Trilha dos Guaianases ser o único acesso existente, foi alterada com a descoberta do ouro, no local hoje denominado de Minas Gerais. Na perspectiva do memorialista Diuner Mello (2009), o ápice do Ciclo Portuário de Paraty pode ser definido de 1600 à 1880. Infelizmente, após o ciclo do Ouro (meados de 1700 à 1750), mas com uma maior expressividade, o da Cana (1700 à 1900) e do Café (1800 à 1900), a cidade imergiu em um período de estagnação e segregação por quase um século. Após a abolição da escravatura e a implantação da estrada de ferro São Paulo – Rio de Janeiro, Mello (2009, p. 12) aponta, que "o período compreendido entre 1900 e 1960 caracterizou-se por acentuada decadência, uma vez que o porto de Paraty deixou de ser utilizado para a exportação do café e outros produtos produzidos no Vale do Paraíba". Embora a decisão dos cafeicultores do Alto Paraíba, e mesmo de regiões do Vale do Paraíba, em optarem por transferir o seu produto para o porto de Santos pela Estrada de Ferro, reduzindo a circulação do dinheiro na cidade, Freire (2012, p. 23) afirma que, "o grande baque na economia e na produção do município foi a abolição da escravatura". Embora nem todos os historiadores e/ou memorialistas trabalhem com essa versão, para Freire (2012), foi na verdade a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, que pegou desprevenidos os coronéis alambiqueiros de Paraty, e com a consequente falta do braço do homem negro escravizado uma série de engenhos foi desativada e mesmo aqueles que permaneceram em suas fazendas gradativamente foram desistindo de produzir.

No início do século XX, os paratienses que resistiram e permaneceram no município,

> assistiam às ruínas de velhos sobrados transformarem-se em terrenos baldios, e estes em depósitos de lixo, de móveis imprestáveis, atirados ao meio do mato rasteiro, onde medrava carrapicho, juá, picão, encobertos pelos pés de mamona e pelas tralhas de bucha que neles vicejavam [...] dos 120 engenhos de aguardente (cachaça) nem a metade existia e os engenhos de açúcar não passavam de lembrança [...] Paraty era, então, uma cidade decadente, onde a malária era endêmica e a verminose incidia assustadoramente. (FREIRE, 2012, p. 17).

Segundo Freire (2012), distante do progresso pela precariedade de acesso, as fortalezas de Paraty que tinham a função de defender a sua baía foram sendo desativadas ou transformando-se em ruínas; à procura de trabalho os jovens da cidade partiram para o Rio de Janeiro e os do meio rural, para a cidade de Santos em São Paulo; como havia apenas escolas do ensino fundamental o analfabetismo cresceu; nem mesmo os descendente de algumas antigas famílias de poder, ficaram na cidade. Não bastando todo esse panorama, ainda no início do mesmo século, em 16 de fevereiro de 1901, pelo Decreto Nº 667, "Paraty voltou ao estado de Termo Judiciário da Comarca de Angra dos Reis, perdendo a condição de Comarca,

que prevalecia desde 16 de agosto de 1897" (p. 18). Pela perspectiva do autor, um ano depois, o município, ainda com iluminação pública à querosene, um costume do século XIX, contava com apenas dezenove estabelecimentos comerciais.

Seguindo as observações de Freire (2012), percebe-se que os paratienses resistiam, e mesmo que em escala reduzida, a economia ainda era sustentada pela aguardente. Na zona costeira os caiçaras viviam da pesca artesanal e na zona rural, da mandioca plantada para fazer farinha, base da culinária local. Milho e feijão faziam parte da agricultura de subsistência, eventualmente sobrava algo para ser trocado ou vendido "na cidade", como chamavam, hoje o Centro Histórico e a sua modesta vizinhança. "O café plantado, colhido por catação, dava apenas para o consumo. Nos pequenos sítios e fazendas era criado gado de má qualidade, como também o eram os porcos que iam para a engorda e as galinhas de poucos ovos" (FREIRE, 2012). Desde aquele tempo, segundo o memorialista, e como pude observar atualmente nas saídas a campo, a banca do peixe já era o local de maior movimento desde as primeiras horas do dia.

> Lá se encontravam aqueles que iam comprar peixe para a refeição do dia, quem ia tratar de negócios e desocupados atrás de boatos ou das notícias que se incumbiam de propalar. O dizimeiro era o responsável pela limpeza e pela cobrança do dízimo de 10% sobre o valor das vendas, que o pescador pagava resmungando, apesar da maior parte sonegada. O Comércio se valia de boa parte da produção do município de Cunha, que os tropeiros traziam para a comercialização: milho, feijão, batata, galinhas, ovos, mantas de toucinho e frutas da estação – pêssegos, marmelos, peras, pinhão - que revendiam para o comércio de Angra dos Reis. As tropas de mulas retornavam a Cunha levando peixe salgado ou seco, que existia de fartura. (FREIRE, 2012, p. 20).

Freire (2012) relata ainda que, no ano de 1918, o mesmo em que foi instalada a Agência da Capitania dos Portos, a gripe espanhola, que vinha dizimando o mundo, acabou fazendo vítimas também em Paraty. E que no ano de 1943, a partir do mês de fevereiro, a cidade foi arrasada por uma epidemia de tifo. Adequaram-se o hospital da Santa Casa de Misericórdia e o Lazareto, popularmente conhecido como "hospitalzinho", para isolar os enfermos com diagnóstico comprovado. Foi apontada a condição de sujeira da cidade, totalmente desacolhida pela administração municipal, o motivo do contágio. Com base nas narrativas de Freire (2002, 2012), ainda no final da primeira metade do século XX tifo era uma doença extremamente grave, com uma significante ocorrência de óbitos. E foi assim, mesmo com a falta de uma documentação mais antiga, mas com base nos preciosos relatos dos historiadores e memorialistas como os de Samuel Costa, Thereza Regina de Camargo Maia, Zezito Freire e Diuner Mello, que passei a [re]descobrir e a perceber melhor a Paraty do

final do século XIX e do início do século XX, com os seus pequenos avanços e grandes recuos, empobrecendo a cada ano, uma pobreza que procurava atenuar ou mascarar com os "folguedos constantes", como relata Freire (2012).

Embora exista toda uma narrativa aceita do isolamento ser uma das consequências da decadência de Paraty, Freire (2002, p. 9) afirma que "a cidade vivia mais ou menos isolada do resto do mundo", mais ou menos porque as ondas de rádio já haviam alcançado a cidade, e bastava "um toque mágico em seus botões" para os moradores, principalmente os da zona urbana, ficarem conectados às notícias mais longínquas. Posteriormente, Freire (2012) reforça a sua própria colocação de que Paraty nunca esteve totalmente isolada, pois haviam as linhas de navegação[75], o correio e o telégrafo. O autor esclarece que para sair da cidade rumo à capital, por exemplo, ou o oposto, a opção eram as Lanchas de Carreira. Embora o transporte realizasse viagens vagarosas e desconfortantes, de Paraty – Mangaratiba - Paraty, de dois em dois dias ou de quatro em quatro, de acordo com a demanda de passageiros, fazia com êxito a conexão com o Ramal de Mangaratiba, da Estrada de Ferro Central do Brasil (FREIRE, 2002, 2012). E mesmo com a lentidão e o desconforto descritos, alguns colaboradores entrevistados mostraram-se saudosos do tempo das lanchas de carreira.

Freire (2012) afirma que todo esse contexto foi até o fim do Estado Novo, que aproximadamente só com o fim da ditadura de Getúlio Vargas é que a decadência foi estancada. E que dentro deste panorama, o paratiense, na sua maioria,

> não tomou conhecimento que a cidade ficaria sujeita a uma nova situação, e os poucos que souberam não gostaram. Não o consideravam prêmio, como as autoridades estaduais queriam fazer crer, mas, sim, um ônus a mais para a cidade que só merecera aquela honraria pelo tempo em que ficou abandonada pelos poderes públicos, e apenas por isso as residências não se beneficiaram das reformas que trariam conforto, sem mencionar as casas que chegaram ao estado de ruínas ou foram demolidas. Na cidade pobre, abandonada, os munícipes não tinham recursos para melhorar suas residências. No dizer dos antigos, sobrados já não existiam nem a metade. O decreto foi mantido e o povo não foi ouvido. O regime era ditatorial, não havia como questionar, e as reclamações se restringiram às conversas de esquina. (FREIRE, 2012, p. 57).

Parece que em certos quesitos Paraty não mudou muito, assim como em meados de 1945, e hoje alguns paratiense ainda ficam pelas esquinas e praças a confabular e a apontar os caminhos e descaminhos da cidade como patrimônio. Não foi raro encontrar, no caminho da

[75] No início do século e até poucos anos depois, existiu a Empresa de Navegação Garcia, sediada em Paraty; Com a construção do Ramal de Mangaratiba, da Estrada de Ferro Central do Brasil, entrou em funcionamento a Empresa de Navegação Sul Fluminense, que faziam viagens de dois em dois dias ou de quatro em quatro, com lanchas que receberam a cognominação de lanchas da carreira; a cidade era servida também pelos navios das empresas Pereira Carneiro e Lloyd Brasileiro, que faziam a linha Rio-Santos, com parada em Paraty de 15 em 15 dias. (FREIRE, 2012).

pesquisa, moradores que naturalmente discutiam e comentavam sobre questões relacionadas. Pelo olhar de Freire (2012), quase vinte e um anos depois de ter sido declarada Monumento Histórico do estado do Rio de Janeiro, em "outro ato ditatorial, que se transcreve, Paraty é elevada à condição de Monumento Nacional" (2012, p. 59).

Retroativo a estes fatos, sustentados por Freire (2012), acredita-se que por ter o presidente Washington Luiz Pereira de Souza, visitado Paraty em 1927, que nesta mesma década foi iniciada a construção da Estrada Nova da Serra, hoje RJ 165, a Paraty-Cunha. O processo de construção foi interrompido por diversas vezes, até parar de vez. O reinício dos serviços só aconteceu em fevereiro de 1936, com a visita do então governador, Almirante Protógenes Pereira Guimarães. Mas o governador em questão ficou doente, sendo substituído pelo Doutor Alfredo Neves, que passou a interferir, reduzindo o número de trabalhadores, afetando o ritmo da obra até 1938. Com a instituição do Estado Novo o interventor nomeado, Ernani do Amaral Peixoto, declara falta de capital por parte do estado e ordena a paralisação da obra (FREIRE, 2012).

Na obra de Freire (2012) é possível observar que em meados de 1930 a rede de iluminação elétrica passou a ser com postes de ferro. Foi o paratiense Samuel Costa, o primeiro prefeito eleito, quem trouxe a luz elétrica para a cidade. Foi de Samuel Costa também uma manifestação realizada na Assembleia, em 1915, onde deixou transparecer a sua notável apreensão com a educação, em Paraty: "Oxalá pudéssemos ter nas cidades uma escola em cada esquina e nos nossos campos uma em cada encruzilhada de caminhos"[76]. Segundo Freire (2012), Samuel Costa não só, literalmente, livrou a cidade da escuridão, pois os antigos lampiões a querosene forneciam uma iluminação precária às ruas e somente até às 22 horas. Observo que, entre as minhas narrativas fotográficas dos anos de 1979 e 1991 e as de 2017 à 2023, o projeto de iluminação do Centro Histórico foi todo reformulado, e que praticamente não há terrenos baldios, edificações abandonadas e/ou deterioradas como nas décadas de 1970 e 1990.

Conforme relata Maia (2000), nas primeiras décadas do século XX, enquanto, mês a mês, um velho sobrado ruía, os moradores que permaneceram, seguiram presenciando o abandono da cidade, chegando o tempo em que circulavam, entre adultos e crianças, apenas 600 habitantes. Neste ciclo de abandono, a pesca artesanal e a produção da banana em larga escala foi, por meio século, a principal subsistência dos moradores que resistiram e ficaram na cidade. Nos anos de 1960, quando Paraty passa a vivenciar um novo período econômico, já se

[76] Fonte: Da obra organizada por Diuner Mello: Paraty no Anno da Independência, Samuel Costa, (MELLO, 2000, p. 27).

percebe pelos dados levantados a volta de um crescimento populacional na cidade. No ano de 2022[77], segundo o IBGE, a população estimada era de 44.872 pessoas (Tabela 2).

Tabela 2 – Crescimento Populacional – Século XX e XIX.

Ano	Número de Habitantes
1940	9.673[78]
1960	12.085[79]
1970	16.800[80]
1980	20.622[81]
1991	23.928
2000	29.544
2006	33.395[82]
2010	37.533
2022	44.872

Tabela cronológica elaborada, com base nas seguintes fontes:
IBGE, Plano Diretor de Desenvolvimento e Freire (2012).

Recorde-se que em setembro de 1945 o Centro Histórico de Paraty foi declarado Monumento Histórico do estado do Rio de Janeiro e em Março de 1966 a cidade foi declarada Patrimônio Histórico Nacional pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, hoje IPHAN. Paralelo aos primeiros títulos do município e com a conclusão da Estrada Paraty-Cunha [em 1954], antiga freguesia do Facão, pela qual os paulistanos passaram a vir veranear, iniciou o ciclo do Turismo e o final do isolamento. E a inauguração da Estrada Mário Covas – BR 101 - a Rodovia Rio-Santos [em 1973], veio para consolidar o novo ciclo econômico, de acordo com Maia (1976) e Mello (2009), convertendo o turismo sazonal em diário e sendo responsável pelo seu sensível crescimento populacional.

[77] A população de Paraty (RJ) chegou a 44.872 pessoas no Censo de 2022, o que representa um aumento de 19,55% em comparação com o Censo de 2010. Os resultados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foi o maior aumento populacional registrado na Costa Verde e um dos maiores do Estado do Rio de Janeiro. O Censo constatou ainda que cidade registra uma média 2,79 moradores por domicílio e uma densidade demográfica de 48,55 pessoas por km2. – Prefeitura Municipal de Paraty - Acesso em: 29 jul. 2023.
[78] Fonte: FREIRE, 2012, p. 110.
[79] Fonte: FREIRE, 2012, p. 132.
[80] Fonte: FREIRE, 2012, p. 154.
[81] Fonte: FREIRE, 2012, p. 165.
[82] Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. Secretaria Executiva de Governo. Comissão Permanente Pró Sítio Do Patrimônio Mundial De Paraty. Dossiê: O Caminho do Ouro em Paraty e sua paisagem - a importância do reconhecimento de Paraty como Sítio do Patrimônio Mundial da UNESCO. Paraty / RJ, 11 de setembro de 2007.

Mas antes mesmo destas duas estradas serem concluídas e também da Paraty – Angra dos Reis, é bom lembrar que no ano de 1946 foi construído um campo de pouso[83], sobre parte dos terrenos de três chácaras[84]. E "no dia 6 de dezembro de 1949, numa pista de 300 metros, sob o comando do Tenente Viegas, pousou o primeiro avião, um teco-teco, que trouxe como passageiro o Dr. Alfredo Coutinho" (FREIRE, 2012, p. 32).

Com o aparente crescimento, por volta de 1954 é construído uma segunda adutora, "desde a cachoeira do bairro Caboclo até a cidade", em funcionamento até hoje, como constatei. E, em 1957 – pelo Decreto Nº 3.3382, de 12 de setembro de 1957, Paraty voltou à condição de comarca, "enchendo de júbilo a sociedade paratiense, que mais uma vez via o Poder Judiciário local livre da tutela da comarca de Angra dos Reis", da qual estava submissa desde 1901 (FREIRE, 2012, p. 128).

Foi o próspero comerciante Theophilo Rameck[85] que em 1965 inaugurou o primeiro hotel de apartamentos de Paraty, o Motel dos Candeeiros. Em 1971, a atriz Maria Della Costa inaugura o seu Hotel Coxixo. E na sequência, ano depois, surge na cidade a Pousada Pardieiro, de propriedade do ator Paulo Autran e do advogado Fabio Villaboin de Carvalho, ambos investimentos, adequando reformando, restaurando antigas edificações do Centro Histórico (FREIRE, 2012). E com o passar do tempo, Paraty foi se tornando um polo turístico de fama nacional e internacional, apresentando detalhes extremamente interessantes, além do seu Patrimônio Histórico, pois em seu entorno encontram-se parques municipais, estaduais e nacionais, áreas de proteção ambiental, reservas ecológicas e o principal, as comunidades tradicionais indígenas, caiçaras e quilombolas, que são a alma / o espírito, de sua paisagem cultural.

No início do século XXI, segundo o IBGE[86] e o Plano Diretor de Desenvolvimento, a distribuição por área urbana / situação domiciliar no ano de 2000, a população residente urbana era de 14.066 e passou para 27.689 em 2010. Já a população por área rural de 15.478 para 9.844 nas mesmas décadas, apontando além do crescimento um forte movimento da zona rural para a urbana. Com o censo demográfico registrando o crescimento da população, ano a ano, tanto na zona rural

[83] Por iniciativa dos senhores Drs. Alfredo Lima de Moraes Coutinho e Mario Moura Brasil do Amaral (FREIRE, 2012, p. 32).
[84] A Chácara da Sinhá Madureira do Dr. Alfredo Lima de Moraes Coutinho, a Chácara do Padre de Mario Moura Brasil do Amaral e a Chácara da Saudade, de João da Silva Miranda (FREIRE, 2012, p. 32).
[85] Theóphilo Rameck era de família síria ou libanes que veio para Paraty no início de 1900. Foi um grande comerciante, com uma casa comercial onde se vendia de tudo, a Galeria Rameck, a última casa da Rua Da. Geralda, esquina com a Praça da Santa Rita. Casou- se com Maria Gibrail, também de familia siria ou libanesa. Tiveram filhos: Theóhilo Rameck Junior, Elisabete Gibrail Rameck, Douglas Gibrail Rameck e Sueli Gibrail Rameck [MELLO, Maio, 2022].
[86] IBGE: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paraty/panorama e Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty, 2003, p. 69. Acesso em: 28 out. 2020.

como na urbana, Maia (1976), em sua obra, já apontava que na década de 1970 a nova preocupação dos habitantes era: quais seriam os destinos que a rodovia Rio-Santos poderia apresentar à Paraty, no momento que o futuro da cidade passava a estar ligado não mais só ao mar, mas sim e principalmente às estradas? Infelizmente bastou poucas décadas para os moradores obterem a resposta. Conforme as obras mais recentes e o acompanhamento constante das redes sociais, no período desta pesquisa, percebe-se que há um aumento da criminalidade na cidade, o que poderia estar diretamente relacionado, segundo as fontes, a este aumento no número populacional, o qual poderia ser causador de mais desigualdades sociais. E para corroborar esta hipótese, uma declaração da imprensa afirma a presença de grupos de tráfico de drogas rivais na localidade:

> Paraty, com seus [aproximados] 40.000 habitantes[87], aparece no Mapa da Violência 2015 como a segunda cidade mais violenta do Rio de Janeiro, atrás de Cabo Frio. Apesar de pequena, a cidade vive uma rixa entre grupos de traficantes de drogas instalados em seus dois bairros mais carentes e violentos – Ilha das Cobras [controlado pelo Comando Vermelho] e Mangueira [pelo Terceiro Comando] – que em grande parte justifica a violência expressa na taxa, este ano, de 43,9 óbitos por 100.000 habitantes. (MORAES, 2015, p. 11). [Grifo do autor].

Seguindo a perspectiva de Moraes (2015) e Paes (2015), percebe-se que depois do ano de 2008 a dominação exercida pelos grupos organizados do narcotráfico atingiu inúmeros municípios da região, coincidindo com o período de implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) na cidade do Rio de Janeiro. Analisando e comparando-os a dados tão alarmantes, percebe-se o quanto de fato não é possível "separar estas questões em um país de desenvolvimento desigual" como o Brasil. O cidadão paratiense precisa, para exercer sua cidadania e consumir neste contexto, de um poder aquisitivo que as atuais circunstâncias não lhe oferecem. O acesso à segurança ou ao consumo cultural não é democraticamente distribuído, segundo Paes (2015, p. 115), apoiado pela perspectiva de Borja e Castells (1997) visto que deles desfrutam apenas os "usuários solventes, público que será sempre bem resguardado e protegido nos lucrativos eventos culturais". A criminalidade também pode ter aumentado em razão da revolta da população diante do que os mesmos autores consideram "os eventos tão glamourosos quanto fantasiosos em relação à realidade local, na qual a maior parte dos moradores vive" (PAES, 2015, p. 115). Nesse sentido vale lembrar Paes (2015, p. 113), na afirmação de que "as luzes que focam o patrimônio cultural e atraem o turismo também colocam em evidência os problemas socioespaciais do lugar".

[87] População: 42.630 habitantes. http://paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre. Acesso em: 28 out. 2020.

Recordo-me que em setembro de 2018, a procura de uma suposta instituição cultural, realizei uma incursão no bairro Ilha das Cobras, seguindo algumas orientações sugeridas pelo motorista do taxi: que teríamos que circular com as janelas abertas, evitar movimentos bruscos e não ostentar ou mesmo usar câmeras, celulares, *tablets*... Dentro desse panorama, desconhecendo a fragilidade do bairro, ao descer do veículo evitei retirar a câmera da mochila, uma vez que apontá-la para qualquer direção, após aquelas advertências, estava fora de questão. Segundo o motorista do táxi, tem colegas e inclusive quem faz *Uber*, que se nega a transitar a noite na Ilha das Cobras e na Mangueira.

A sobrevivência do morador esteve geralmente atrelada às mudanças econômicas, que foram sempre permeadas pelas novas profissões e pelo acúmulo de outras. As crises de uma economia para outra influenciaram também a relação emprego e trabalho, fazendo alguns moradores, paratienses ou paratianos, procurarem se reciclar. Outros não resistiram à pressão das mudanças e simplesmente – diante da extrema pobreza - abandonaram as suas terras, ou diante da especulação imobiliária as negociaram por valores que fizeram alguns se arrependerem depois. Não fugindo dessa lógica e pelo prisma de Almeida e Alves (2012, p. 4), estes fatores são próprios do sistema capitalista: "há ainda que se considerar que os processos de metamorfose do mundo do trabalho, percebidos de maneira mais contundente a partir da crise estrutural dos anos 70, tem potencializado o crescimento da informalidade e da precarização do trabalho".

Embora as mudanças no contexto do trabalho tenham ocorrido no mesmo período em que Paraty entrava em uma nova fase econômica, o patrimônio material da cidade que eu deixei mudou! Ainda é possível trilhar pelos mesmos caminhos que a memória guardou. Mas as suas ruas agora são um desafio, pois os altos e baixos em que se transformaram o seu calçamento "pé de moleque" tendem a nos engolir. O Centro Histórico não tem avenidas largas como as grandes metrópoles, nem mesmo a mais movimentada delas: a tradicional Rua do Comércio [Tenente Francisco Antônio], é muito larga. O seu patrimônio histórico, sua memória, foram quase desconfigurados durante o seu intervalo de abandono. As placas publicitárias, pavimentação, jardins internos e externos, muros, postes e fios da rede elétrica... E tantos outros itens que começaram a mudar o seu cenário urbano, na verdade são apenas detalhes se comparados às memórias das pessoas, que chegam por tabela (POLLAK, 1992), pela fala dos compadres, familiares, moradores, pelas publicações acadêmicas, periódicos jornalísticos e os seus essenciais memorialistas. O bem mais precioso de Paraty são as pessoas, que precisam estar em trânsito na sua cidade em busca de novos territórios e de paz para viverem ou sobreviverem.

Durante a adolescência costumava traçar, de forma imaginária, a cidade histórica, seus casarios, suas ruas estreitas, o seu porto, o cortador de cana, o caiçara pescador... Naquele período não imaginava quantos ciclos os paratienses e paratianos tiveram que aprender a ultrapassar, compreender os seus significados na medida em que outros se apropriavam do seu lugar, das sua casa e da sua identidade. O cenário na zona urbana, assim como na rural e costeira, mudava, e alguns atropelos não foram lentos na vida do indígena, do caiçara e do quilombola. Para o caiçara, creio que o atropelo foi [ou melhor, ainda está sendo] maior, pois logo surgiram – primeiro, como resultado da grilagem de terras, a especulação imobiliária e depois, com a gentrificação[88] - novas culturas, línguas e cores. E a diferença das classes passou a ser mais visível. Alguns dos seus moradores perderam os seus lugares de memória e, com eles, o seu emprego e o seu trabalho. Outros foram abduzidos pelas novas formas de ocupar a cidade, tanto social quanto política. Parte do que era tradição, costume, pouco a pouco passou a ser colecionado como história urbana. Contemplar os movimentos, aprender a ver os novos sujeitos, com novos sotaques, idiomas e cores chegarem e os velhos sujeitos: negros, pardos, índios e pobres terem que ficar a margem para [sobre]viver. O que tinha-se na memória, dos caiçaras com os pés descalços indo e vindo da pesca, da roça, agora só é possível ver nas fotografias. Na perspectiva de Barros (2011, p. 8), compreende-se que "a fotografia é apreendida [...] como uma captura [de um fragmento] do real, diferentemente da pintura, e não como uma construção deste real". Nas fotografias realizadas da cidade além do Centro Histórico, percebe-se o seu crescimento na medida que o morador - empurrado para outras periferias - incorpora outras identidades para sobreviver, algumas fixas e outras líquidas. No início do novo período econômico, com os novos moradores advindos de outras cidades brasileiras ou do exterior circulando pela cidade, o choque cultural foi inevitável. O caiçara tomou consciência da sua identidade e, pensando na esteira de Bauman (2005, p. 18), que "a descoberta de que a identidade é [ou pode ser] um monte de problemas", por certo tempo passou a negá-la.

> Estar total ou parcialmente "deslocado" em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa "se sobressaiam" e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder e barganhar. (BAUMAN, 2005, p. 19).

[88] Entre os estudiosos do patrimônio cultural, desde aproximadamente meio século, o conceito de gentrificação tem vindo a designar um processo de recomposição (e substituição) social verificado em meio urbano, ligado, muitas vezes, a ações de reabilitação urbana das habitações nos centros antigos das cidades. Isto mediante investimentos, quer públicos, quer privados. Por definição, a gentrificação passou, assim, a designar o movimento de chegada de grupos de estatuto socioeconômico mais elevado, geralmente jovens e de classe média, a áreas centrais desvalorizadas e abandonadas da cidade. (Mendes, 2015, p. 214).

Dialogando com Bauman (2005), vejo Paraty hoje habitada por uma excepcional hibridização de grupos étnicos, crenças religiosas, idiomas e comportamentos. O crescimento da cidade embora seja um processo natural, não dá para afirmar que seja sem problemas, uma vez que a questão da violência mal resolvida das grandes capitais acaba reverberando no litoral fluminense[89], que hoje encontra-se na faixa que engloba a cobiçada Costa Verde, retraçando na memória uma nova cidade. E neste cenário as correntes que cercam a cidade e que passaram a fazer fronteira entre o velho e o novo, tiveram o poder de segurar o carro do morador, do turista ou excursionista, mas não de segurar a bala, o assalto, o sequestro e a morte, não impedindo assim que corpos caiam no asfalto, "lá fora, na periferia", mas também nas ruas irregulares do seu Centro Histórico.

A impermanência é vivenciada de súbito, assim como a prática do desapego. Toda vez que o seu sujeito parte para longe do espaço onde aprendeu a ser criança, ser adulto, onde desenvolveu o seu primeiro ofício e teve o seu primeiro emprego. Pois Paraty, a cidade tranquila do passado, tornou-se no presente uma cidade visível para o País e para o mundo, hora por suas belezas materiais, imateriais e naturais, hora pela tristeza das notícias sobre a violência e a falta de segurança. É como nos apresenta Bauman (2005, p. 33), "no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam". Os mesmos grandes eventos internacionais que trazem trabalho extra para a cidade, se não forem bem pensados, acabam também sufocando e deixando à margem o morador mais carente, ficando assim mais visíveis as suas fragilidades. É como define Bauman (2005, p. 37), "as comunidades guarda-roupa, são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides". Ou seja, durante os eventos, alguns desses sujeitos aparecem pelo Centro Histórico fazendo parte do cenário festivo da cidade, mas depois que os eventos acabam, voltam para as suas difíceis realidades. Uma boa parcela deles não se identifica com alguns dos eventos, como apontam as falas de alguns colaboradores durante as entrevistas. E este fato, questionado por parte de paratienses e paratianos, para outros é irrelevante.

Em 2019, ao sair para fotografar a paisagem cultural da Rua do Comércio no Centro Histórico, se faz existir no nosso imaginário como é o comportamento humano dos seus

[89] Fluminense termo erudito, derivado do latim *flumen* (rio), adotado no século XVIII para designar os naturais ou residentes no Rio de Janeiro, numa tentativa de substituição da designação "carioca". Revista VISÃO História – Nº 50, p. 98 – Dezembro 2018 – Paço de Arcos / Portugal. Então o litoral fluminense se refere ao litoral do Estado do Rio de Janeiro (Angra dos Reis, Paraty, etc).

moradores, o que para outros sujeitos [em trânsito] pode ser algo invisível. As imagens produzidas com a presença do fotógrafo italiano e professor Emídio Luisi (2019) e em outros momentos num caminhar solitário e contemplativo, contribuíram para a apresentar o espaço público como lugar de memória, lazer e de trabalho. Mesmo que seja de forma temporária, a ocupação / a apropriação de um espaço urbano ou da própria cidade para lazer ou trabalho é realizada pelos seus sujeitos. A contemplação do tempo, do calor, do frio, a convivência com a diferença, o ato de olhar e ver o trabalho e o emprego, o público e o privado, o bêbado, a criança, o cachorro, que passam e que às vezes param e buscam interagir, enfim, as diferenças e os deslizamentos sejam elas de ordem social, política ou religiosa. Neste viés, articulando o pensamento de Barros (2011), percebo a importância da memória da cidade quando relacionada ao uso do espaço urbano e a construção deste espaço ontem e hoje, das formas e condições em que se vivencia a cidade e se trata dos significados dados às experiências de vida dos seus sujeitos perante contextos sociais desiguais.

4.2 - Histórias e memórias da antiga cidade

Até a construção da Igreja de Nossa Senhora das Dores, no século XIX, era da Rua da Praia, atual Rua Dr. Pereira, que se tinha contato visual, direto com o mar. Com a construção da popular "Capelinha das Dores" e na sequência dos quarteirões que foram surgindo a sua esquerda, mesmo nas áreas mais alagadas, a cidade ganhou um novo limite (SIPA, 2003). Fato ocorrido, segundo os memorialistas locais, por causa dos sucessivos aterros.

Saindo da Rodoviária ou do Aeroporto [linha que literalmente divide a cidade], rumo ao Centro Histórico (Figura 9) – entrando pela Rua da Lapa e cruzando o antigo núcleo urbano, através da Rua do Mercado ou Dona Geralda [nome atual] - uma das ruas mais importantes da cidade[90] - observo que esta parte da cidade apresenta detalhes extremamente interessantes: um deles, o rebaixamento do meio fio de algumas quadras, o que permite até hoje a livre entrada e saída das marés mais altas, ao mesmo tempo que as casas foram edificadas em torno de trinta centímetros acima do nível da rua, não permitindo que a água do mar invada os estabelecimentos.

[90] Não apenas por seu longo percurso, entre a Praça da Matriz e o largo de Santa Rita, mas principalmente pela homenagem que presta a uma ilustre paratiense: Geralda Maria da Silva […] que ao falecer, no dia 20 de fevereiro de 1890, com 83 anos, […] foi sepultada na Matriz, junto ao seu pai. (MAIA, 2000, p. 97).

Figura 9 – Mapa | Centro Histórico e malha urbana.



Fonte: *Google Maps*[91] – 20 out. 2020.

Como foi possível vivenciar e documentar nas saídas a campo, devido ao fenômeno natural das águas dos mares serem atraídas pela massa da lua e do sol, geralmente duas vezes por dia, a maré invade algumas ruas do Centro Histórico, principalmente as Rua da Praia [Ruas Doutor Pereira], Rua do Mercado [Dona Geralda], Santa Rita e Rua da Lapa [Maria Jacomé de Melo], começando próximo da Antiga Fortificação e da Praça da Bandeira. E segundo registros de sites de algumas instituições públicas e privadas ligadas a cultura e ao turismo, e também na fala diária de alguns artistas de rua que atuam como guias de passeios turísticos como forma de subsistência - o escravo Anderson[92], o pirata Warley Back[93] que atuam no Centro Histórico, historiadores e memorialistas locais - as águas do mar invadem a cidade, pois "as ruas tem o formato de canal, que permite rápido escoamento das águas pluviais e das águas das marés" (MELLO, 2009, p. 47). E, entre os meses de maio a agosto, principalmente nos dias de luas cheia ou nova, percebe-se que as marés são mais marcantes.

[91] Fonte: https://www.google.com.br/maps/@-23.2154822,-44.7346199,2842m/data=!3m1!1e3 - Acesso em: 20 Out. 2020.
[92] https://www.youtube.com/watch?v=72J6-6aLiXg - Acesso em: 24 jun. 2018.
[93] https://www.youtube.com/watch?v=Oc1HPWAto2Y - Acesso em: 24 jun. 2018.

Já nos dias de luas quarto crescente e quarto minguante, as águas não sobem tanto. "Esse engenhoso sistema de escoamento de águas é encontrado ainda em algumas cidades portuguesas. Esta convivência e interação – mar/cidade – é uma singularidade paratiense desde sua urbanização e mantida até os dias atuais" (MELLO, 2009, p. 47). Este processo foi um recurso natural de saneamento do século XVIII, período em que Paraty não tinha sistema de esgoto, então além dos excrementos dos cavalos e das mulas, tinha também a dos próprios moradores que, por não haver sistema de esgoto, tinham o costume de jogar pela janela os seus dejetos. Apenas em 1932 começou a ser implantado um sistema de esgoto, pelo menos em parte da cidade.

> Motivo este que justifica as construções terem sido erguidas em média trinta centímetros acima do nível das ruas, traçadas do nascente para o poente e do norte para o sul, com linhas traçadas de forma estratégica para proteger a cidade dos ataques piratas e para que o sol iluminasse igualmente as casas, bem como para evitar tantos "ventos encanados", que à época se acreditava propagar doenças. (SITE WWW.PARATY.COM.BR)[95].

Neste período da história Paraty era o segundo principal porto do país, por onde ainda escoava o ouro vindo das Minas Gerais e que partia para a Europa, então era preciso ter muito cuidado com as questões de saúde e saneamento.

Entrar então no Centro Histórico de Paraty é entrar em outra época, retornar aos séculos XVIII / XIX, cruzando uma fronteira onde o tempo e a velocidade mudam, pois até o caminhar é obrigatoriamente sereno/tranquilo, apropriado ao pavimento "pé-de-moleque" de suas vias. E isso possibilita contemplar na Rua da Lapa [Rua Maria Jacomé de Melo], o talento do músico sentado em seu banquinho, tocando o seu violão e na Rua do Mercado [Rua Dona Geralda], entre tantas belas edificações, duas referências culturais da cidade, o Teatro Espaço e a Casa da Cultura de Paraty. Durante o período da pesquisa foi possível constatar – e também ouvir dos moradores – que o calçamento de suas ruas encontram-se um tanto desnivelado e desconfortável para se caminhar mesmo que em passos lentos, em maior parte em virtude a ausência de um método eficiente na reposição das pedras logo após as instalações da rede de esgotos, que passou a ser executada nos anos de 1980. A proibição do tráfego de automóveis nas ruas internas do Centro Histórico

> contribui para esta viagem pelo "túnel do tempo". Suas ruas, protegidas por correntes que impedem a passagem dos carros, preservam ainda o encanto colonial, aliado a um variado comércio e a expressões culturais e artísticas muito intensas. (SITE_WWW.PARATY.COM.BR[96]).

[94] https://www.paraty.com.br/centro_historico.asp - Acesso em: 24 jun. 2018.
[95] https://www.paraty.com.br/centro_historico.asp - Acesso em: 24 jun. 2018.
[96] Fonte: www.paraty.com.br/historia.asp. Acesso em: 15 Jun. 2020.

Todas as entradas das ruas foram fechadas com grossas correntes, pois como o fluxo de veículos na cidade se tornou intenso, no início dos anos 1970, chegando a dificultar o trânsito de pedestres e obstruindo inclusive as portas de residências, com os carros estacionados em qualquer lugar, o que transformava a cidade em um caos, principalmente nos finais de semana prolongados, devido a feriados. Foi então que o prefeito Lacerda, na segunda metade dos anos 1970, interditou o tráfego de veículos nas ruas do Centro Histórico, "sob a alegação de que veículos pesados trepidando sobre o calçamento irregular colocavam em risco as estruturas das casas seculares" (FREIRE, 2012, p. 158). Com esta medida de prevenção e conservação do patrimônio, os carros, inclusive pequenos veículos de carga que abastecem o comércio local, passaram a circular livremente apenas pelas ruas que fazem limite com o Centro Histórico: Patitiba [Domingos G. de Abreu][97], Aurora [Jango Pádua] e Rua Fresca. Embora tenha recebido críticas iniciais, logo todos os comerciantes apoiaram a medida, pois a antiga tranquilidade voltou à cidade. Pelo olhar de Funari e Pelegrini (2006) a ampliação da noção de patrimônio, por influência dos movimentos em defesa do meio ambiente também foram importantes, para que incluísse não apenas a cultura, mas também a natureza:

> O meio ambiente e a cultura foram, muitas vezes, valorizados por seu caráter único e excepcional. Com o despertar para a importância da diversidade, já não fazia sentido valorizar apenas, e de forma isolada, o mais belo, o mais precioso ou o mais raro. Ao contrário a noção de preservação passava a incorporar um conjunto de bens que se repetem, que são, em certo sentido, comuns, mas sem os quais não pode existir o excepcional. (FUNARI, PELEGRINI, 2006, p. 25).

Hoje, basicamente, além da pesca e comércio em geral, a cidade vive do Turismo, graças à valorização de sua cultura e principalmente do patrimônio histórico e cultural. Como afirma Choay (2001, p. 224), a "indústria do patrimônio cultural desenvolveu recursos de embalagem que também permitem oferecer os centros e os bairros antigos como produtos do consumo cultural". E, se "a ideia é não esquecer", como afirmam Schwarcz e Starling (2015, p. 500), a Secretaria Municipal de Cultura e a de Turismo de Paraty, no ato de suas ações para divulgar a memória e a paisagem cultural estão trabalhando neste quesito.

Dos arruamentos do Centro Histórico, a Rua do Fogo além da sua beleza pela vegetação, é uma rua que carrega muitas histórias e lendas. As demais ruas apresentam uma

[97] A maioria das ruas do Centro Histórico tem dois nomes, fruto de decretos municipais conflitantes com o costume já instalado. Fonte: http://www2.uol.com.br/paraty/paratycentrohistorico.html - Acesso em: 23 Nov. 2019.

plena carência de vegetação arbustiva, em consonância com as praças (SIPA, 2003) e os jardins internos das edificações residenciais. A Rua do Fogo é abrigada do vento, por isso, como o vento que vinha do mar corria no sentido contrário, então no meio do seu percurso, "era onde acendiam o primeiro fogo, o fogo inicial", para depois irem distribuindo e acendendo todos os lampiões da cidade. E pelo folclore / cultura popular, virou a rua dos bordeis "onde o fogo pegava mesmo", por ser perto do Cais e dos marujos. Mas o contraponto para essa fantasia é a rua em questão, que é muito perto da Igreja Santa Rita, onde o padre estava sempre ciente de tudo que estava acontecendo no local. "É natural que em volta do fogo o povo costuma se reunir para conversar e que pode acontecer da conversa evoluir para outra coisa..." Para a rua dos bordeis... "Mas não existe prova histórica sobre isso não..." [*risos*] [TOLEDO, 2019]. Já o memorialista Diuner Mello [2022] defende a versão de "que não existiam bordeis", pois como afirma "o sexo acontecia na rua mesmo".

Outra especulação ou alegoria é sobre os setenta cunhais de pedra que cheguei a desenhar e mapear em meu diário de campo e fotografei quase todos pelo Centro Histórico. Muitas de suas esquinas [geralmente cruzamentos] segundo Maia (2000), "apresentam um aspecto arquitetônico original, são sempre em ângulo vivo com três cunhais de pedra, sendo o quarto ângulo no mesmo estilo, mas em reboco, formando, assim, na união dos cunhais de pedra, um triângulo [plano] imaginário" (p. 96), um dos principais símbolos relacionados com a maçonaria. Mas o mito "ou a extensão do mito" está na existência de dois cunhais verticais [colunas] em cantaria [pedra lavrada] - praticamente totens, por serem mais altos que os demais espalhados pelo Centro Histórico - existentes em duas esquinas distantes. Um destes totens aparece na esquina onde atualmente é o Margarida Café [esquina da Rua Patitiba com a Rua da Ferraria] e o segundo fica na esquina da Travessa Santa Rita com a esquina Santa Rita. Então Toledo [2018] narra que tentou encontrar um terceiro, para formar um triângulo imaginário sobre a cidade, mas o único com formas e altura similares foi encontrado por um guia de turismo que é maçom, no meio de um quarteirão, e não em uma esquina, como seria o esperado. Então a regra é aceita por alguns, mas por outros não. Para outros historiadores e memorialistas a função dos cunhais era de balizamento para o traçado das ruas e o alinhamento das edificações no processo de [re]construção da cidade.

Ao caminhar pelo Centro Histórico, com um olhar mais observador na arquitetura, é possível avistar na fachada de algumas edificações, grandes portas de madeira. Essas portas são chamadas de "Os Passos da Paixão" e são abertas uma vez por ano. As Portas dos Passos da Paixão são seis fora da igreja e uma dentro da igreja (Figura 10). No seu interior, "são pequenos altares públicos destinados às procissões "dos Passos" ou "do Encontro" e "do

Enterro", na Semana Santa. Dos seis originais restaram dois [...] os outros quatro, demolidos em 1929, foram reconstruídos recentemente pelo IPHAN" (MELLO, 2009, p. 35-36). No dia de Páscoa acontece uma linda festa religiosa, que conta com uma procissão onde quase toda a população residente participa e os turistas também. Todos caminham segurando uma vela acessa na mão e passando por todos os Passos da Paixão [TOLEDO, 2018]. O itinerário dos Passos da Paixão demonstra a importância das Ruas do Mercado e do Comércio enquanto eixos estruturantes da malha urbana, da antiga cidade, conectando a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios com a Igreja Santa Rita, localizadas nos quadrantes Norte e Sul da cidade (SIPA, 2003). Comparando as fotografias produzidas para esse trabalho com as que realizei em 1979, percebo a ausência de um dos Passos da Paixão na Rua do Mercado esquina com a Rua da Cadeia, assim como a diferença na reconstrução de outro na Rua do Comércio, que antes tinha o formato de janela e agora é o de uma porta como todos os demais.

Figura 10 – Centro Histórico | Passos da Paixão



Fonte: IPHAN / SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetônico – 2003.

A Rua da Matriz [Rua Marechal Santos Dias], paralela à Rua do Fogo, também guarda algumas histórias e memórias. Uma delas é o porquê de tantas cores nas portas e janelas das casas. Segundo o relato do Toledo [2018] – e também dos sites da Secretaria de Cultura - o número nas fachadas é algo relativamente novo nas casas do Centro Histórico. Antes do

século XX, a relação do morador e casa, era feita pela cor dos batentes das portas e das janelas. Então, dizia-se: “o Gabriel Toledo mora na Rua da Lapa na casa com a porta amarela de batente verde, e de porta amarela”, e as pessoas, os carteiros por exemplo, chegavam na sua casa. Nesta mesma rua está situada a primeira casa de dois andares, com data de construção do ano de 1.699. Embora não exista um documento oficializando, para alguns moradores trata-se da mais antiga edificação da cidade, única do século XVII, informção da qual alguns memorialistas como Diuner Mello [2022] discordam. O imóvel se distingue dos demais sobrados pela sua sacada de estilo francês. Uma “falsa sacada”, pois não chega a avançar a estrutura da casa, servindo, na verdade, de proteção.

A minha hospedagem em 2019, via plataforma de serviços online de locação, foi no número 210 da Rua da Matriz, onde o Guia de Turismo Toledo morou por oito anos com a sua família. O endereço em questão fica, casualmente, ao lado da casa [embora sempre fechada] do Boris Casoy, jornalista popular por exercer a função de apresentador âncora de telejornais brasileiros. Mais ao lado, já na esquina, localiza-se um tradicional café gourmet, onde ao tostarem os grãos de café o aroma toma conta da rua. Ao caminhar por esta e outras ruas,

> é de salientar que todos os quarteirões se encontram bem delimitados, já que foi obrigatória a construção de muros a simular fachadas de casas térreas onde não existem edificações. Por trás destes muros erguem-se árvores de grande porte, como as palmeiras, que proliferam nos logradouros, atingindo alturas superiores ao próprio imóvel construído. (SIPA, 2003).

O que é possível contemplar, quando se caminha pela Rua da Matriz e cruza-se a Rua da Lapa - a noite, são os rasantes dos morcegos. A residência em frente possui, atrás de seu alto muro, um imenso pátio contendo, para o deleite dos morcegos, além das palmeiras imperiais, pitangueiras, goiabeiras, bananeiras, laranjeiras e ameixeiras. Então, “os pingadinhos”, nas paredes brancas do imóvel do outro lado da rua são oriundos destes seres, que após comerem as ameixas e outros petiscos saem voando deixando rastros do suco das frutas.

Nestas ruas situam-se vários imóveis relevantes ao patrimônio da cidade, um deles é onde presume-se que seja a antiga cadeia. Pois, é uma edificação que se difere das demais, por uma parte da fachada não ter janelas ou portas no andar térreo, apresentando apenas algumas pequenas e verticais aberturas nas paredes, para que os possíveis prisioneiros pudessem respirar. No seu interior o pé direito é bem mais baixo, se comparado aos imóveis de uso residencial. Na outra parte da fachada, as poucas aberturas também diferenciam-se das

outras casas, pois são de pedras, onde antes de passarem por reformas havia grossas barras de ferro. Nos batentes de pedra é possível ver as marcas dos furos, de onde foram retirados as barras de ferro. Toledo [2019] relata que o atual proprietário é um empresário, e que eventualmente até convida os turistas para conhecerem o interior da sua propriedade ao mesmo tempo em que lamenta o seu alto investimento em pintura, pois certos turistas, para tirarem as suas *selfs,* encostam-se no imóvel e apoiam-se com os pés nas paredes.

É possível avistar, dos telhados de algumas propriedades, os detalhes arquitetônicos chamados de eira, beira e tri onde se originou, em Portugal, o ditado popular "sem eira e nem beira". Ou seja, aquele sujeito que "não tem bens materiais, não tem nada", pois os moradores com muita posse possuíam a "tribeira" em seus telhados, que tratava-se, em séculos passados, de um "sinal superior de riqueza". E, assim como para outras, para esta história também há controvérsias. Na área inventariada é frequente a existência de telhados com mais do que duas águas. Creio que por gostar de desenhar telhados, devido ao meu antigo ofício de projetista, e hoje de fotografá-los, é que nas saídas a campo, dedico um certo tempo para contemplá-los. E com uma especial atenção para aqueles com janelas no sótão ou mirantes repletos de musgos, flores e vegetações diversas que tomaram conta dos seus arredores.

Ao se caminhar pelas ruas do Centro Histórico percebe-se que foram praticamente traçadas em um xadrez, do leste para o oeste e do norte para o sul. E que algumas ruas, principalmente aquelas que são paralelas e mais próximas ao mar, foram construídas em curva como forma de defesa contra os piratas, conforme contam alguns historiadores, memorialistas e guias de turismo. Pois em outros tempos, a ordem ou o código era: quando se ouvia um tiro de canhão, significava que havia piratas na cidade. Os habitantes e seus amigos rapidamente escondiam-se no interior de suas casas e os que estavam em curso, colocavam-se contra a parede e, assim, quem passava pelos extremos da rua não conseguia ter uma visão completa do trajeto e, por não avistar ninguém, prosseguia. Outra defesa é que quase todos os imóveis residenciais ou comerciais não possuem pátios ou jardins nas suas fachadas ou de fácil acesso. Esses espaços, quando situados na fronte ou lateral dos imóveis eram geralmente cercados por altos muros, dificultando a sua transposição.

Para Maia (2000), outra justificativa ou versão para as ruas serem feitas com uma leve curvatura, inclusive a preferida pelo "arruador Antônio Fernandes da Silva", responsável pelo "entortamento" de várias vias, era para evitar o vento encanado, protegendo a saúde dos moradores de constantes resfriados (p. 96). E também por ser o vento considerado na época um transmissor de doenças, pois havia em Paraty um enorme temor com a salubridade, por

causa das epidemias de febre amarela e cólera[98] que ocorriam em outras vilas do Rio de Janeiro. Nesse sentido, outra medida de proteção no projeto da "Villa de Paraty", foi o calçamento das ruas com pedras arredondadas, no estilo "pé-de-moleque", que reduziam a poeira quando os tropeiros cruzavam a cidade a cavalo conduzindo sua tropa[99] de mulas, rumo ao Cais do Porto. Segundo Mello (2009, p. 47), "o calçamento das ruas iniciou-se em 1776, por ordem do Ouvidor Geral Antônio Pinheiro. As obras começaram a ser feitas em frente à Igreja do Rosário e se estenderam até meados do século passado". As ruas, pavimentadas em "pé-de-moleque", apresentam perfil transversal suavemente côncavo no centro, para escoar a água da chuva e das marés, pois o traçado urbano da cidade foi estruturado desde o início do século XVIII, no nível do mar (SIPA, 2003), conforme mencionado anteriormente.

No nº 06 da Rua da Matriz observa-se um imóvel de beleza ímpar com uma longa fachada e quase em toda a sua extensão só se avistam janelas envidraçadas com molduras brancas e de batentes azuis. E no seu interior algumas possuem cortinas brancas rendadas. Este prédio singular abrigou o antigo hospital do município. A ausência de portas e existência das inúmeras janelas era para proporcionar a privacidade necessária aos pacientes. E assim permanece, pois atualmente funciona neste imóvel, desde 24 de abril de 1955, o Asilo São Vicente de Paula, doado pelo industrial paratiense Gibrail Nubile Tannus e sua esposa dona Maria Leni de Andrade Tannus (FREIRE, 2012). O movimento na instituição começa cedo, em torno de 6h da manhã já é possível observar os funcionários do turno chegarem. No presente o asilo atende em torno de 15 idosos.

A diversidade de cores e composições das fachadas dos casarios é algo que encanta. A propósito, durante as saídas a campo realizadas no Centro Histórico, foi possível observar que "as variações compositivas, construtivas e decorativas são mais comuns nos sobrados, enquanto a maioria das casas térreas apresenta significativa simplicidade e homogenia" (SIPA, 2003). O mais recorrente nas propriedades de um pavimento são as fachadas com uma

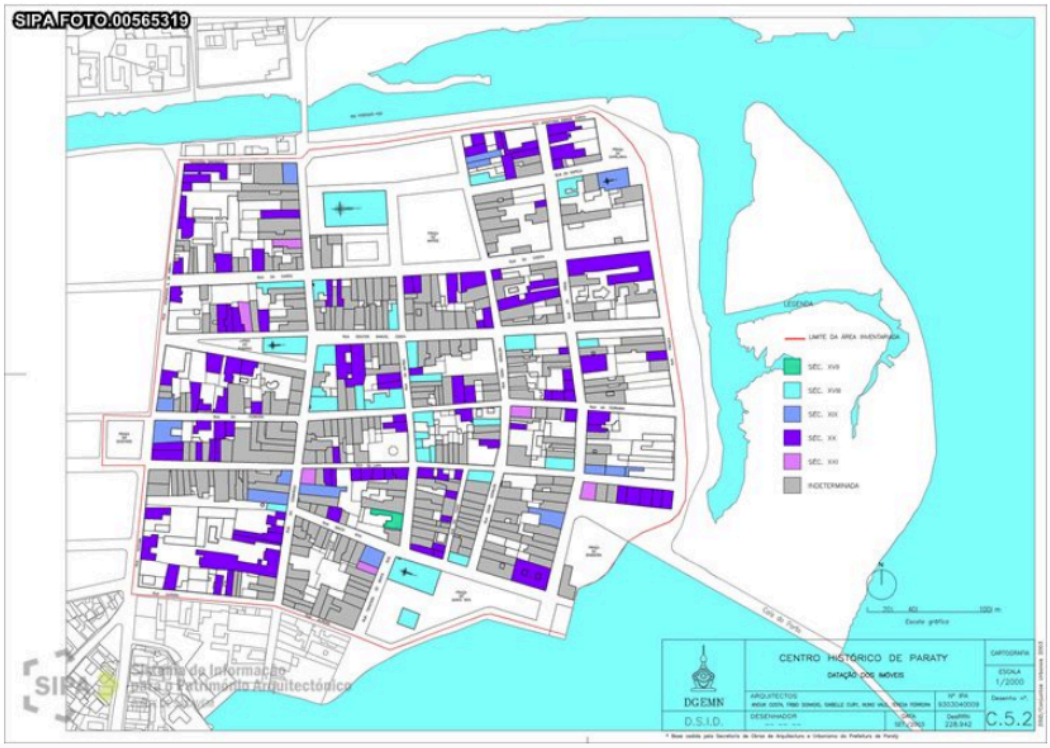
[98] As novas epidemias de febre amarela e de cólera, ocorridas nessa conjuntura de consolidação política imperial, tornaram-se igualmente um marco na história da saúde pública no Brasil oitocentista. (...) A cólera, uma das mais temíveis doenças de que se tinha então notícia, e suas devastações mundo afora eram conhecidas. (...) Desde a manifestação do cólera, em 1855, relatos médicos brasileiros apontam seu viés social, que, no caso do país, implicava a alta mortalidade de escravos e livres pobres. Do ponto de vista histórico, entretanto, a epidemia e sua dinâmica foram pouco estudadas. (KODAMA; PIMENTA; BASTOS; BELLIDO; 2012).

[99] As tropas eram divididas por lotes – pequenas porções de cargueiros – conduzidos por um "camarada", também chamado de tocador ou tangedor, e contavam ainda com um cozinheiro e um cão de guarda. Os lotes variavam de tamanho, dependendo da região: 7 mulas no Rio de Janeiro, 9 em Minas Gerais e 11 no estado de Goiás. Cada animal era capaz de levar de 6 a 12 arrobas de carga, ou seja, entre 90 e 180 quilos. As tropas podiam ter de até 200 ou 300 animais. Assim, considerando uma tropa de 200 cargueiros e tomando uma média de 8 arrobas por mula, temos que, numa só viagem, podia-se transportar 24 toneladas de carga, um feito inigualável para a época. (RIBAS, 2003).

porta e três janelas e, eventualmente, até mesmo com uma porta e duas janelas. Algumas propriedades maiores de um ou de dois pavimentos não possuem janelas, apenas quatro portas no andar térreo, sendo que algumas destas portas são divididas em duas seções, ganhando também a função de janela e conferindo uma maior privacidade e segurança aos atuais moradores. Outras tiveram as suas fachadas alteradas parcialmente, transformando de uma até três destas quatro portas em janelas. Em 2018, em visita ao IPHAN, tive acesso a um dos arquivos fotográficos onde constavam algumas dessas mudanças analisadas e autorizadas pela comissão do Escritório Técnico na Costa Verde. Isso é o resultado da cidade perder gradativamente a partir do século XVIII a sua função de entreposto comercial, onde quase todas as propriedades funcionavam a serviço deste fim. Apenas após o anoitecer é que pode ficar um pouco mais claro a que função atual se destinam certos imóveis, indo desde um centro da *Seichonoie*, uma Galeria de Arte, uma loja de artesanato ou uma loja de moda. Em raríssimas propriedades encontram-se hoje em suas fachadas uma porta de garagem, fruto de alterações executadas antes da proibição da circulação de veículos na parte interna do Centro Histórico nos anos 1970.

Outro dado interessante, da pesquisa realizada em 2003 pelo Sistema de Informação para o Património Arquitetônico - SIPA, em parceria com o IPHAN [embora alguns moradores e memorialistas discordem de algumas datas] é sobre o número de edificações que datam do século XVII até o XXI (Figura 11).

Figura – 11 – Centro Histórico | Períodos



Fonte: IPHAN / SIPA - Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico – 2003.

O espaço construído, residencial ou comercial, combina casas térreas e sobrados, sendo raras as edificações com mirante. “Os mirantes eram sótãos que se abriam nos telhados, dizendo-se que serviam para controlar a entrada de navios e, assim, a chegada e o preço de produtos, prevenindo-se, ainda, de um possível ataque de corsário” (MAIA, 2000, p. 100).

Ao caminhar pelas ruas do Centro Histórico pode-se observar que alguns sobrados, construídos em meados do século XIX – ou reedificados, com supervisão do IPHAN, no século XX - passaram a se destacar pelo acréscimo de marcantes singularidades arquitetônicas, hora nos trabalhos de madeira, hora na arte em ferro forjado, bem como pelos frisos e/ou pilastras ornamentadas, novamente, de provável influência maçônica.

> Como uma resposta natural às transformações que a riqueza proporcionava aos hábitos e à tecnologia até então estabelecida para as construções, surgiria uma arquitetura própria, característica, apresentando, concomitantemente, “paredes de pedra e cal, tijolos e taipa de mão. Gradis de ferro e ornamentos em relevo ao lado das peças decorativas de porcelana”, que Carlos Lemos caracterizou como a “arquitetura litorânea do café”, e que Gomes Cardim Filho descreveu como “as casas térreas, de porta e de uma, duas ou quatro janelas; seus sobrados de um andar, encimados com o tradicional sótão; suas vidraças de caixilharia de rótulas variadas; seus balcões marcados pelos buzinotes trabalhados, com grades de madeira, reboco ou com telhas coloridas, de louça portuguesa; a cor de suas fachadas e janelas, na pura intensidade de vermelhão com azul-cobalto, ou de um marrom-escuro e, de quando em vez, um verde-garrafa...” (MAIA, 2000, p. 100-101).

Segundo levantamento desenvolvido em 2003, pela Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN – Lisboa / Portugal), de cerca dos 460 imóveis do sítio histórico, 375 encontravam-se em bom estado de conservação, 74 em estado razoável e 11 em mal estado. Destes, identificaram que 17 edificações destinavam-se para fins públicos (3 culturais, 2 serviços, banco, correio, 6 militares e 6 administrativos), 173 são residenciais e 144 são comerciais. Diante do que contemplei, quando em campo, acredito que a diferença na contagem pode se dar por dois fatores: primeiro por que um bom número das edificações de uso residencial estão geralmente fechadas, pois uma boa parcela dos novos proprietários, quando aparecem, é só nos finais de semana ou nos feriados - são moradores veranistas. Segundo Souza (2008), no olhar dos moradores fixos [que resistem], esse contexto sazonal deixou a cidade mais triste e ficam saudosos dos tempos em que, embora a vida fosse mais difícil, havia mais calor humano. Segundo, pelo número elevado de imóveis a venda no Centro Histórico. No acervo fotográfico que construí, é possível observar que as edificações térreas predominam e dos setenta e cinco sobrados, um em especial se destaca bela beleza de suas janelas confeccionadas com vidros azuis vindos de navio da Europa. Algumas propriedades possuem grandes e lindos jardins internos, que às vezes chegam a alcançar até o outro lado da quadra. Conforme, descreve Delphim (2010), "os jardins históricos registram um sentimento muito refinado que o homem tem com a natureza. Se você tem uma casa antiga e um jardim histórico você vai compreender muito mais o espírito da pessoa que ali viveu, que construiu aquela obra" (DELPHIM, 2010). Certas edificações possuem fontes e outros têm até piscina, que já foram alvo de polêmica, pois receberam do IPHAN uma notificação para remoção, por alterarem a paisagem quando vista de cima. Os batentes de pedra, das portas e janelas de algumas edificações residenciais e comerciais, são um símbolo de ostentação mesmo na época do Ouro, período rico do município, então não era qualquer um que podia bancar adereços especiais vindos de navio da Europa. Hoje em dia no interior de alguns sobrados no Centro Histórico já há até elevador. Por outro lado, não há regra ou lei que obrigue o proprietário a reformar a fachada do imóvel [TOLEDO, 2018].

A Rua da Ferraria, onde antigamente encontravam-se os ferreiros, era a rua principal da cidade. E por ficar no sentido do Cais do Porto era considerado também o final do Caminho do Ouro. Também, por se tratar da rua principal, ficava a guarda, e esta – para um melhor controle do movimento - não podia ter um ponto cego, mas na esquina com a Rua da Matriz, por exemplo, tinha vários. Como as ruas fazem uma curva, nas duas esquinas ainda há um único ponto privilegiado para que dois guardas, um em cada esquina, pudessem vigiar e

defender a cidade por terem a visão das principais entradas. Em um destes locais, exatamente na esquina das duas ruas que se cruzam, era possível um guarda avistar o muro da Igreja Santa Rita, que é no final da Rua e é possível olhar para fora do Centro Histórico. Olhando-se então para o outro sentido, tinha-se uma visão privilegiada da Praça da Matriz. E para lhe dar cobertura, na outra esquina ficava outro guarda. Como os piratas não tinham este tipo de conhecimento ou informação, podiam ser surpreendidos [TOLEDO, 2018, 2019].

> Ao longo do século XIX, o território abriu-se a novas influências e introduziram-se novos gostos, visíveis nas formas de ornamentação e respectivos materiais, embora se tivessem mantido as técnicas construtivas tradicionais da época colonial. Assistiu-se, por exemplo, a uma substituição gradual das rótulas, muxarabis e portadas cegas de madeira por janelas envidraçadas, e as guardas de varandas em madeira formadas por reixas cederam lugar ao gradeamento em ferro forjado e fundido, com motivos ornamentais mais complexos (SIPA, 2003).

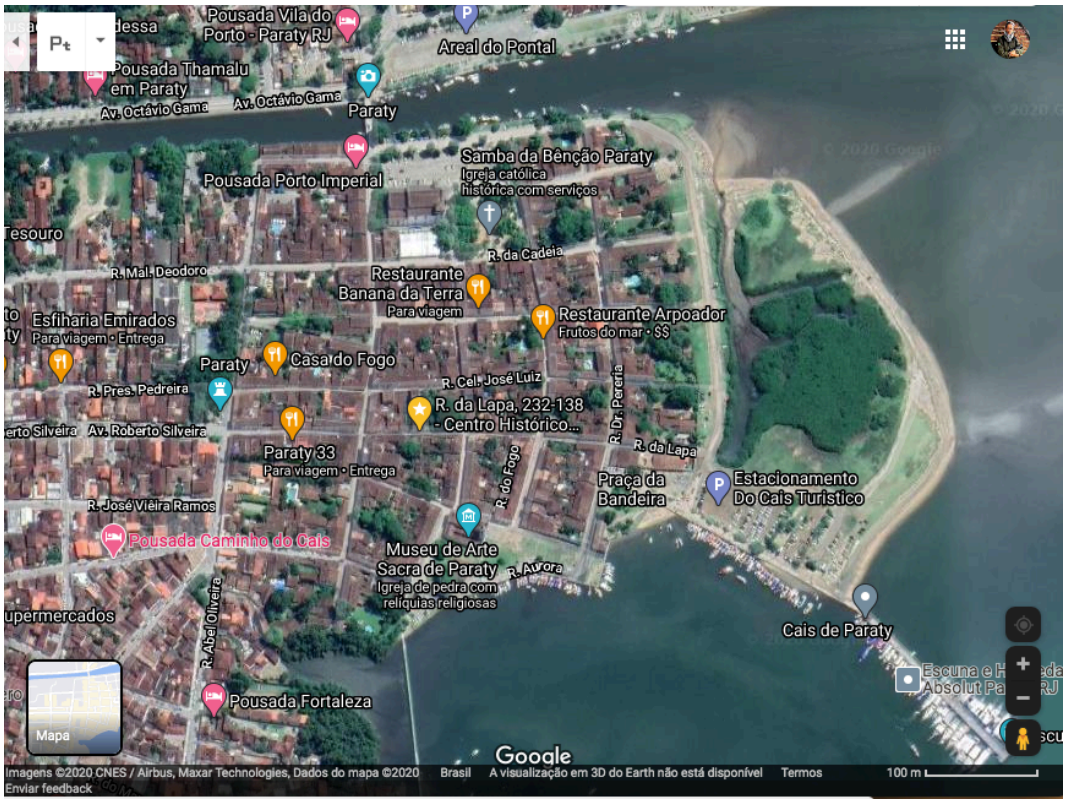
O Final do *City Tour*[100] foi na esquina da Rua da Ferraria com a Rua do Comércio no sentido da ponte que cruza o Rio Perequê-Açu rumo à Praia do Pontal e ao Caborê (Figura 12). Pontal é um dos bairros mais antigos de Paraty, nele se encontram dois relevantes monumentos históricos: o Forte Defensor Perpétuo, de 1703 e a Santa Casa da Misericórdia, de 1822, hoje Hospital Municipal São Pedro de Alcântara. Como descreve Maia (2000 p. 100) [uma imponente] edificação medindo 200 palmos na frente para o mar, exibe "14 janelas e porta larga no centro, que se alcança por cindo degraus". E no espaço entre estes dois monumentos encontra-se também, desde 1850, o Cemitério Público Municipal. Já no Caborê, bairro vizinho do Pontal e mais contemporâneo, concentra-se um bom número de hotéis e pousadas, mas também é uma tranquila área residencial, com casas e diversos condomínios, cercados de amplas áreas verdes. Por opinião de seus residentes, suas ruas receberam preferencialmente nomes de pássaros [MELLO, 2009]: Rua Beija-Flor, Rua Saíras, Rua Sabiá, Rua Andorinhas, Rua Colibri, entre outras.

A Ponte do Pontal, sobre o Perequê-Açú, é um cruzamento, um encontro do passado com o presente, onde as épocas/períodos arquitetônicos se encontram. Do centro da Ponte se vê a Rua do Comércio e se percebe o movimento, o burburinho dos turistas e excursionistas, do comércio em funcionamento, onde todas as principais empresas, fábricas/indústrias estão ou já estiveram no decorrer dos séculos.

---

[100] *City tour* é um passeio pelos pontos turísticos de uma cidade. No caso desta pesquisa, como o objetivo era conhecer mais da história e da cultura de Paraty, Gabriel Toledo, o guia de turismo mais recorrentemente indicado nas redes sociais, ofereceu-nos uma caminhada pelo Centro Histórico para contar as histórias e memórias que aqui são relatadas.

Figura 12 – Paraty / RJ - Centro Histórico / Rio Perequê-Açú



Fonte: *Google Maps*[101] – Acesso em: 20 out. 2020

E ao entrar na antiga cidade, se olho para o final das Ruas da Cadeia ou do Rosário no sentido do mar, sinto o silêncio, o sossego, e às vezes no início da semana é possível avistar alguns moradores e proprietários de restaurantes ou pousadas sentados nas soleiras ou em cadeiras em frente as suas edificações. São paratienses e paratianos que resistem e não abrem mão do velho costume, mesmo com o clima de violência que vivenciam algumas cidades da Costa Verde, principalmente devido ao tráfico. No caso de Paraty, também devido às facções que atuam principalmente nos bairros vizinhos Ilha das Cobras e Mangueira. Vale ressaltar, segundo Corrêa (2021, p. 93), "que atualmente esses bairros [sim] são dominados por facções criminosas rivais e geram conflitos entre si, no entanto, o aspecto violento dos bairros, segundo os relatos de moradores antigos, vem muito antes da invasão de território por parte dessas facções".

A cultura e o folclore de Paraty são repletos de "encantos & malassombras", dos quais não me atreverei aqui adentrar, pois já existe a obra de Thereza e Tom Maia (2018)[102], dois ilustres paratianos, merecedores em 1984 do título de cidadãos paratienses, que ao meu ver já

[101] Fonte: https://www.google.com.br/maps/@-23.2194853,-44.7151363,710m/data=!3m1!1e3 - Acesso em: 20 out. 2020.
[102] MAIA, Thereza e Tom. **Paraty: encantos & malassombras: guia cultural, história, festas, folclore.** Ilustrações de Tom Maia. – Guaratinguetá, SP: Edição dos Autores, 2ª edição, 2018.

deu conta de forma eficaz desse tema. Por outro lado, algo que me desperta interesse para uma futura pesquisa, são as segundas versões os contrapontos de palavras/expressões, como: o calçamento "pé-de-moleque", o acabamento dos telhados "eira, beira e tribeira" e as próprias telhas "feita nas coxas". Para estes e outros termos, existem no mínimo uma segunda versão, assim como outros temas em Paraty, que merecem em outro momento serem contempladas e narradas.



No **Apêndice F – Símbolos de Paraty** - apresento os símbolos oficiais de Paraty: o Brasão de Armas e a bandeira do município de Paraty, trazendo pelo olhar de Mello (2009), a leitura do seu escudo, cores, formas, que representam alguns dos seus patrimônios através dos séculos.

No **Apêndice G - Paratii, uma Villa paulista**, recordo através de Maia (1976) que, na segunda década do século XVIII, a Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii foi anexada à Capitania de São Paulo, um conflito que durou até 06 de janeiro de 1726.

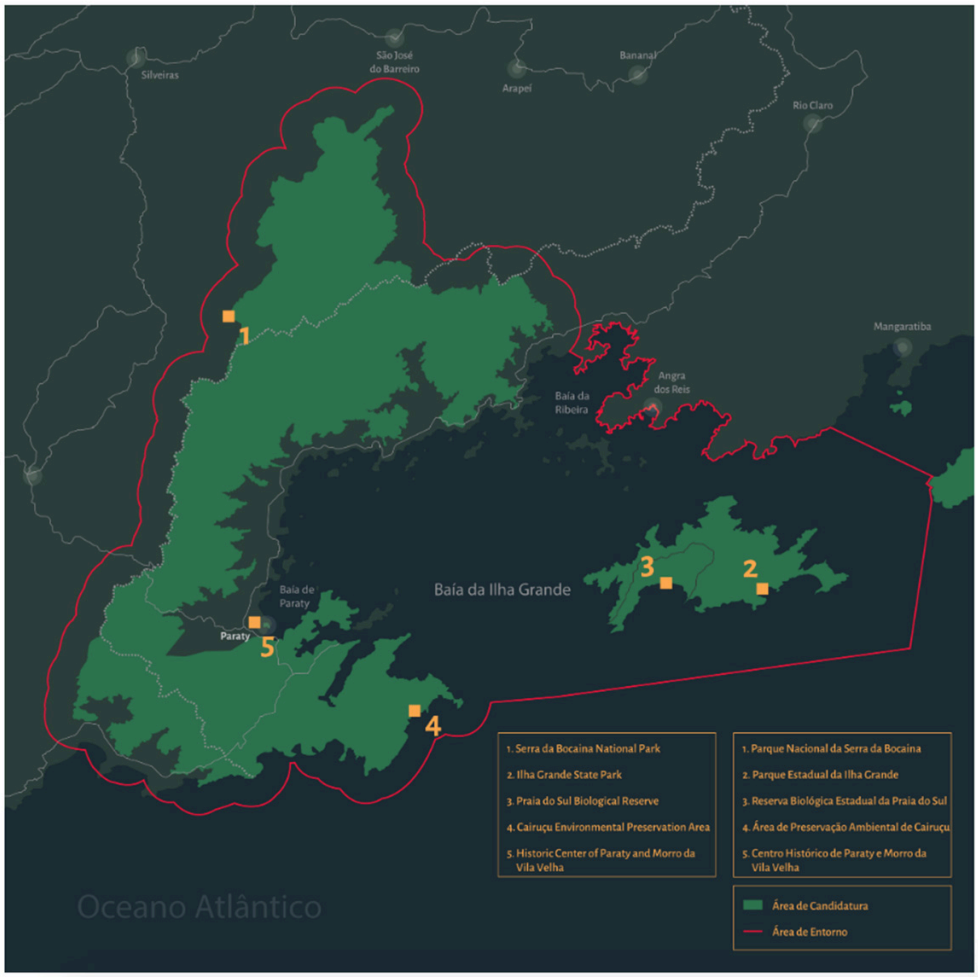
No **Apêndice H - Santos & Santas de Paraty**, compartilho o início de uma pesquisa desde São Roque, seu primeiro padroeiro no Morro da Vila Velha [hoje Morro do Forte], até os seus templos atuais. Quando foram construídas e para quem foram sendo destinados, questões que povoam o imaginário da sua população, compondo o seu riquíssimo patrimônio material e o patrimônio imaterial com as suas crendices e liturgias.

No **Apêndice I - Paraty, entre o mar, as matas e a cultura**, compartilho alguns patrimônios materiais e imateriais de Paraty que se estendem além das correntes que isolam o Centro Histórico dos 925,392 KM² do município[103]. É possível constatar incontáveis rios, uma fauna e flora fascinantes, praias paradisíacas, ilhas belíssimas, algumas bem próximas do continente, outras um pouco mais isoladas e as comunidades indígenas, caiçaras e quilombolas, vivendo e experienciando as suas respectivas riquezas culturais e imagéticas. Apresento também parte da história dos bairros mais populosos, desta cidade edificada de forma estratégica entre a capital de São Paulo e a capital do Rio de Janeiro. E o seu Calendário de Eventos Turísticos e Culturais de Paraty, fazendo da cidade um palco de eventos e de tradições da cultura popular. Paraty, o município fluminense, com as suas unidades de conservação ambiental, tornou-se um refúgio perfeito entre a Serra do Mar e o

[103] Fonte: http://paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre. - Acesso: 04 jul. 2020.

Atlântico. E desde 2019 é o primeiro sítio misto do Brasil (Figura 13) na lista do Patrimônio Mundial Reconhecido pela UNESCO, tornando-se sinônimo de "cultura e biodiversidade"[104]

Figura 13 - Sítio misto Paraty e Ilha Grande Cultura e Biodiversidade



Fonte: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5151/paraty-e-ilha-grande-rj-podem-se-tornar-o-proximo-patrimonio-mundial-brasileiro - Acesso em: 8 Ago. 2023.

Paraty tornou-se um refúgio, com múltiplos lugares repletos de histórias e memórias que compõe um patrimônio imaterial imensurável. Na impossibilidade de apresentar todas as riquezas culturais de suas comunidades, dentro do espaço e tempo que disponho, no Capítulo 6 – PAISAGENS E MEMÓRIAS ALÉM DAS CORRENTES, escolhi o bairro Caboclo para representar a zona rural.

[104] "Paraty: Cultura e Biodiversidade" é o título do dossiê de candidatura entregue à UNESCO. Documenta, na região, a coexistência da cultura viva e ancestral em um ambiente natural exuberante. Fonte: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5151/paraty-e-ilha-grande-rj-podem-se-tornar-o-proximo-patrimonio-mundial-brasileiro - Acesso em: 8 Ago. 2023.

5 - CONTEMPLANDO A TRILHA

O processo desta pesquisa aconteceu depois de um momento de "inspiração", no ano de 2017, somada a sete saídas a campo quando, por conta da pandemia de COVID-19, houve uma interrupção de aproximadamente dezoito meses, devido ao momento, que manteve a cidade fechada ao turismo – de forma polêmica. E mesmo depois de uma reabertura, que inclusive foi contestada por parte dos moradores, as comunidades tradicionais as quais pretendia-se visitar para subsidiar a pesquisa mantiveram-se fechadas por um período mais prolongado, assim como alguns eventos que migraram temporariamente para o formato online. Dentre as opções possíveis, optamos por narrar os acontecimentos e as atividades vivenciadas em ordem cronológica, destacando-se os lugares, os moradores, as minhas próprias sensações quanto às paisagens culturais analisadas e já alguns breves resultados. As imagens que compõem este capítulo, ao longo das sete saídas a campo, geralmente foram apresentadas simulando o formato de provas fotográficas [com raras exceções, em casos muito pontuais]. Desta forma, além da realização de um saudosismo, poderei apresentar ao leitor narrativas visuais mais amplas. E para dialogarem com a proposta de Spini e Luisi (1982, 2019) e Achutti (1997, 2004), que inspiram a minha metodologia, vou suprimir a numeração original dos arquivos digitais e deixar as fotografias livres de legendas, que permitirão o leitor localizar alguns pontos [se não todos] da minha narrativa textual, dando-lhe a liberdade também para ir mais longe e contemplar inclusive questões que não fazem parte da proposta desta pesquisa ou que a minha mente e o meu coração ainda não conseguem ver.



Com o ato de olhar e ver / contemplar, as novas fotografias produzidas do Centro Histórico, comparadas com as de 1979 e 1991, testemunho não só um crescimento do patrimônio material, com o retorno das edificações que haviam ruído no início do século passado, mas um crescimento nas possibilidades de compartilhar cultura, memória e novas formas de trabalho, através dos artefatos produzidos pelos sujeitos fotografados. Símbolos dos patrimônios materiais e imateriais dos paratienses e paratianos, aqueles sujeitos que um dia estiveram em trânsito mas que acabaram adotando a cidade. Os seus fazeres, saberes [e sabores] transportam memórias singulares e narram as suas histórias através das cores, formas, texturas e aromas.

Os artefatos, "a culinária paratiense, tipicamente caiçara, uma mistura de iguarias indígenas, portuguesas e algumas de uso africano" (MELLO, 2009, p. 68) são resultados do

trabalho da memória passado de geração a geração pelos pais, avós ou mesmo pelos griôs, aqueles sujeitos mais velhos e/ou mais experientes, mestres portadores da cultura de suas comunidades. O sabor da cozinha paratiense, partindo da soma de tantas origens, são reproduzidos diariamente em alguns de seus restaurantes, mesmo aqueles pratos especiais, salgados, bolos e/ou doces, destinados a certas liturgias religiosas. Segundo Maia (2000), dentre tantas receitas[105], podem ser destacadas: "Peixe Azul Marinho, Paçoca de Banana, Peixe na areia [herança indígena], Camarão Casadinho, Purê de Fruta – Pão, Bolinho de Arroz (doce), Bolinho de pobre, Pé de Moleque, Massapão, Paspalhão, Manauê ou manuê de bacia, Café com garapa" e tantas outras (p. 111-112). Conforme os nossos filtros culturais, nelas poderão ou não estar representadas as fronteiras das diferenças, a aceitação ou não das narrativas que herdamos ou de que nos apropriamos, quando entramos em contato com culturas externas. O que serve e/ou que servirá para outras gerações, as memórias instigadas da cidade e suas respectivas ideologias que poderão não existir mais.

5.1 - A inspiração - Paraty, 13 à 17 de Setembro de 2017

Contemplando o meu acervo fotográfico: de setembro de 2017 - A viagem, o retorno a Paraty – que depois de 1979 e 1991 - inspirou a pesquisa que iniciou em 2018/2019. Embora desde 2012 já estivesse planejando prestigiar o evento, somente no PEF2017 foi possível participar, isso após fazer alguns ajustes na minha agenda acadêmica e profissional. E sobre o tema: "Documento e Ficção"[106], percebo hoje, que nada foi por acaso.

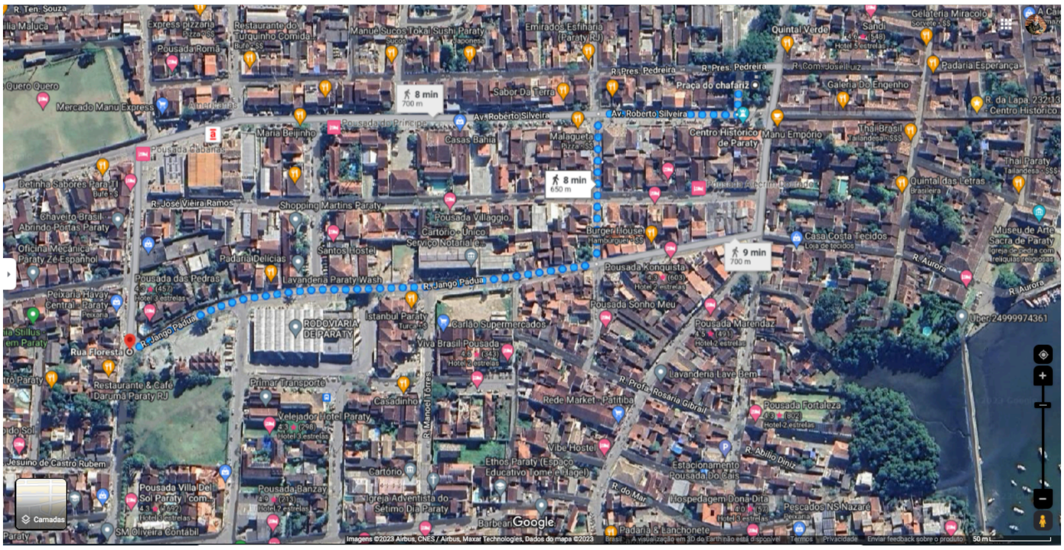
A chegada em Paraty aconteceu no sentido norte-sul, capital do Rio de Janeiro – Paraty. No caminho foi possível contemplar a parte sul do litoral fluminense, que hoje integra a cobiçada Costa Verde. Passamos por Mangaratiba e Angra dos Reis. A hospedagem foi na Pousada Palmeira Imperial, muito próxima do aeroporto, da rodoviária e distante umas sete quadras do Centro Histórico, algo em torno de 10 a 15 minutos até a Praça do Chafariz (Figura 14). O interesse naquela ocasião era reconectar com o ambiente urbano da cidade, o

[105] Existem publicações que procuram preservar esses receituários. Data de 1978 "A culinária no litoral fluminense", registrada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, Divisão de Folclore, sob a ccordenação geral de Cáscia Frade. A comida típica paratiense foi também reunida em "Delícias de Paraty", no ano de 1997, com produção de Gislana Peçanha e receitas fornecidas por senhoras de antigas famílias de Paraty. (MAIA, 2000, p. 110).

[106] "A fotografia traz em si o poder documental, de testemunho. Ela é também uma chave para a ficção, para a construção de novas realidades, a criação de novos contextos e possibilidades" – Fonte: https://www.pefparatyemfoco.com.br/2017 - Acesso em: 07 Abr. 2023.

Forte Defensor Perpétuo; a Baía de Paraty, o mar, conhecer algumas ilhas e praias e, de quebra, prestigiar e participar do Paraty em Foco.

Figura 14 – Pousada Palmeira Imperial – Praça do Chafariz / Centro Histórico.



Fonte: Google Maps[107]

Caminhando e contemplando o Festival de Fotografia em processo de montagem, com o olhar atento, depois de tantos anos sem vir a Paraty, em um clima onde tudo é novidade, são vislumbrados casarios na vizinhança da praça da Matriz transformados em pousadas, bares e restaurantes. Em uma das esquinas, frente à Praça da Matriz, o belo sobrado que abriga o IPHAN, na mesma rua, duas esquinas depois, rumo à Capelinha das Dores, a casa do seu Aloysio de Castro [que tão generosamente me hospedou em 1979] em processo de restauro. As muitas bicicletas pelas ruas do Centro Histórico. As lojas de moda, uma moda jovem contemporânea, similar as que encontramos nas lojas dos grandes shoppings.

Acordar cedo para ver o sol nascer é uma terapia / uma meditação. O sol nasce no sentido do mar para a serra. Se, para observá-lo, sentamos no muro que cerca a Capela das Dores, percebemos que nasce um pouco mais para a esquerda ou mais para a direita do horizonte, conforme a estação do ano. As ruas do Centro Histórico de Paraty são mais tranquilas pela manhã, algumas chegam a ser desertas até umas 9 ou 10h. Momento em que cães, gatos e muitos urubus[108] ainda transitam livremente, e estes personagens – gostemos ou não - já fazem parte de sua paisagem. A paz e o silêncio na rua, além de me permitirem fotografar sem a interferência humana ocasionada pelo excesso de turistas durante os grandes

[107] Fonte: https://encurtador.com.br/RT269 - Acesso em: 1 set. 2023.
[108] Devido o descarte do lixo dos moradores nas ruas, principalmente dos bares e restaurantes.

eventos, possibilitam observar nas edificações os detalhes arquitetônicos e os coloridos das janelas e portas dos casarios. E, também, as árvores dos jardins internos que ultrapassam os altos muros e decoram algumas ruas com as suas cores primaveris.

Na medida que a manhã avança alguns estabelecimentos comerciais vão abrindo as suas portas e janelas. A canoa, o remo caiçara e pinturas dos casarios do Centro Histórico, são alguns dos artigos que são recorrentes em várias lojas. Nos sobrados, a variedade de modelos de sacadas e balcões encantam os olhos e despertam curiosidades, sobre o período de suas existências e as suas origens. E as bicicletas dos trabalhadores e estudantes cruzam pelo transeunte desde cedo da manhã. No primeiro dia em que chegamos as exposições do Festival já estavam sendo montadas no espaço público. Foi muito gratificante nesta edição conhecer e encontrar, pelas ruas e cafés, profissionais como os cariocas Walter Firmo e Nana Moraes, o porto alegrense Flávio Damm, assim como um belo grupo de integrantes do coletivo Fotógrafas Brasileiras, além de outros tantos talentos nacionais e internacionais. A noite de abertura do Festival Internacional de Fotografia na Casa da Cultura, com a presença do criador e diretor, o italiano Giancarlo Mecarelli, e a então secretária da cultura Cristina Maseda.

Os nostálgicos lampiões da cidade, agora não mais a óleo/querosene, mas sim a luz elétrica, dão um charme a mais aos casarios coloniais. Mas algo que me causou estranhamento neste retorno à cidade, por conhecer o Centro Histórico de outras cidades na América Latina e na Europa, também patrimonializados: a quantidade de mesas e cadeiras em frente aos restaurantes e cafés.

Durante o dia, os gatos passeiam pelos telhado, ou sobre as janelas observam o movimento da rua. As charretes transitam com turistas, onde os condutores contam de forma única e sucinta a história da cidade, e embora muito criticadas por protetores dos animais, devido ao uso de burros que carregam no lombo essas pessoas, resistem e continuam atuando no Centro Histórico. Cada rua, cada esquina onde se faz a presença da maré entrando pela cidade, faço as clássicas fotos de reflexos das fachadas portas e janelas dos casarios, documentando as edificações com símbolos maçônicos, procurando recordar e repetir o reflexo que fiz em 1991, quando trouxe o meu primogênito aos 6 anos de idade para conhecer Paraty. Já na entrada do Cais do Porto contemplo os coloridos dos barcos, mas não mais barcos de pescadores como em 1979, pois praticamente todo o Cais hoje é destinado para o turismo. No seu extremo encontram-se as escunas, algumas com capacidade para 50/60 pessoas, mas existem outras embarcações maiores capazes de transportar 200 ou mais pessoas.

Na Rua do Comércio[109] a noite emoldura os trabalhos dos artesãos, os restaurantes praticamente lotados, em algumas esquinas os tradicionais e concorridos carrinhos de doces que despertam o interesse de quem visita Paraty pela primeira vez a saborear algumas delícias da região. E próximo da Praça da Matriz outros carrinhos de pipoca, cachorro quente, crepe... movimentam a cidade. Embora admirando a beleza da noite de Paraty, algo que também me causava estranhamento, se comparada ao cenário observado em 1979 e até um pouco com a de 1991: os moradores, onde estavam os moradores? Aqueles que costumavam ficar debruçados nas janelas ou sentados em frente as suas residências, proseando, alguns até o final da tarde, outros até o avançar da noite.

Na manhã do terceiro dia, aproveitei para fazer uma produção de moda, um ensaio, exercício para uma das disciplinas da pós-graduação na ESPM a qual estava cursando, momento em que aproveitei para unir a beleza da minha consorte com as encantadoras perspectivas das ruas em curva do Centro Histórico de Paraty.

Caminhando pelo trapiche do Cais do Porto é possível observar a constante movimentação de pequenas aeronaves chegando e saindo do terminal aéreo, situado no entorno dos Bairros Mangueira e Portão de Ferro II. Do mesmo ponto é possível avistar à direita da Baía de Paraty, barcos e iates de grande porte. À esquerda a bucólica prainha Terra Nova, na qual em 1979 fotografei a carcaça de um pequeno barco pesqueiro, tipo traineira. Na medida que caminha-se em direção à ponta final do trapiche o tamanho dos barcos vai aumentando, até chegar no final, onde encontram-se as escunas. Nesta ocasião realizei o meu primeiro passeio de escuna pela Baía, embora esse não fosse o meu primeiro retorno a Paraty. Passei pelo chamado castelinho onde foram gravadas algumas cenas da Saga Crepúsculo. Na costa de praias desertas percebe-se a água cristalina onde é possível ver peixes exóticos no fundo do mar. Neste passeio, talvez por ter ficado um longo tempo sem contato com embarcações, e o mar, acabei enjoando devido a uma crise de enxaqueca. Na medida que a embarcação contorna a costeira, cruza com outras escunas que realizam o mesmo roteiro ou similar. Após desembarcar reparei no Cais a existência de alguns barcos à venda, assim como casas no Centro Histórico e nos bairros no seu entorno.

Pela Rua do Comércio, grupos de crianças de escolas locais e também de outros municípios, realizam um *city tour* onde professores e guias procuram desenvolver um

[109] Por um saudosismo, que acredito não ser só meu quando se trata de Paraty [um saudosismo coletivo], chamo aqui as ruas do Centro Histórico pelo seus antigos nomes. E eventualmente, quando julgar necessário, o nome atual aparecerá entre colchetes.

sentimento da importância da preservação nas crianças através de aulas de educação patrimonial.

A maré pode entrar com mais intensidade e por um tempo mais prolongado, atingindo as ruas mais centrais. Mesmo as casas que carecem de um restauro [para o meu olhar], produzem reflexos fantásticos ao terem as suas fachadas espelhadas na água parada sobre as pedras pé de moleque. Aproveito o contraluz no final da tarde para fotografar os casarios e o Rio Perequê-Açu, sempre acompanhado da minha consorte. A luz do sol passando pelas árvores e projetando sombras orgânicas nos casarios provocam uma atmosfera agradável em todas as ruas, mas principalmente próximo da Praça da Matriz.

Desde o início deste meu retorno a Paraty, inicialmente literalmente como "o turista", algo que me encantou foi a diversidade que encontrei no Centro Histórico, tanto cultural, como religiosa. E a Rua do Comércio foi um ótimo lugar para vivenciar isso. Em uma de suas esquinas encontramos uma artista de rua coreana, em outra um belíssimo som latino, com voz e flauta, próximo da Igreja do Rosário um grupo de crianças indígenas. E cruzando pelos fundos da Igreja Matriz, um templo católico, deparamo-nos com jovens entoando os seus mantras em louvor a *Krishna*[110] e outras de suas deidades. Aparentemente parece haver um respeito a diferentes manifestações culturais e religiosas. Do interior dos bares e restaurantes escuta-se, em alguns, a música popular brasileira; e em outros a estrangeira; no entanto, observei que não está presente a música local, como a ciranda caiçara ou outras modinhas de pescador - estas que são tocadas e dançadas durante alguns encontros e eventos religiosos e encontradas em redes como o Youtube ou em CDs de músicos locais. Mesmo assim, a sonoridade diversa se entrelaça com os aromas dos frutos do mar, assim como da pizza e, também com o do pastel, do cachorro quente e da pipoca dos carrinhos no entorno da Praça da Matriz.

Nas noites seguintes após a abertura do 13º Paraty em Foco a Casa da Cultura ficou mais agitada e visitada. Não só pelos amantes da fotografia, mas também por muitos turistas que acabam sendo atraídos pela energia e o encantamento da fotografia. Em 2017 a cidade estava repleta de turistas, muitas pessoas produzidas, com sotaques, comportamentos, vestimentas e cores diferenciadas. Caminhando pelas ruas da Lapa, do Comércio e Rua do Rosário, observa-se mais e mais pessoas chegando a Paraty e não é só pelo Festival, mas porque o fim de semana se aproxima. Nas últimas noites paramos algumas vezes para ouvir a jovem artista de rua coreana mencionada antes – em trânsito por Paraty - e a sonoridade

[110] Krishna é um deus personificado do hinduísmo, representante das manifestações de Deus Supremo no mundo, segundo a tradição hindu. (Fonte: www.significados.com.br).

harmoniosa e encantadora do seu *hang drum*[111], um instrumento musical zen, exótico e hipnotizante, relacionando-se perfeitamente com a egrégora das esquinas da Rua do Comércio. O Brasil fazia parte do seu roteiro pela América Latina.

Nos primeiros momentos o caminhar ficou concentrado no Centro Histórico para apreciação das fartas atrações: *workshops*, palestras e outros momentos de integração com os profissionais e amadores da fotografia que se reúnem lá todo ano. Ali começaram muitas reflexões e questionamentos sobre a cidade e o olhar para a mesma começou a sofrer importantes transformações, levando-me, quase que naturalmente, a pesquisar para saber mais sobre a cidade.

E sobre o Paraty em Foco é preciso dizer que mesmo já tendo sido visitada e revisitada por diversos fotógrafos nacionais e internacionais, desde os anos de 1960/1970, Paraty até 2005 ainda não contava com um evento alusivo à Fotografia. Faltava alguém com coragem e determinação chegar à cidade. E foi em junho de 2004 que o italiano "Giancarlo Mecarelli, fotógrafo e diretor de arte", em uma viagem a trabalho ao Brasil, conheceu Paraty. E seduzido pelo Centro Histórico e a beleza que o envolve e com o propósito de criar uma galeria e produzir um evento de fotografia, Mecarelli decide então trocar a Itália pela cidade histórica do litoral fluminense. Em janeiro de 2005 se estabelece, no Centro Histórico, onde abriu em parceria da artista plástica e fotógrafa Maxime Demotte, a Galeria Zoom de Fotografia de Paraty, dando origem então ao Festival, um dos importantes produtos culturais produzidos no município[112]. Na perspectiva de Rubim (2008), para que um sistema cultural funcione, há necessidade de vários atores: os criadores ou inventores, como Mecarelli e Demotte, que seriam os primeiros, por serem os autores/agentes do produto cultural.

O PEF, "produto de uma história de migração", geralmente conta, em suas edições, com debates, projeções, *workshops* e exposições em galerias e principalmente pelas ruas da cidade, reunindo fotógrafos e artistas visuais do Brasil e do exterior. Seja pelo viés da Fotografia Documental ou pela autoral, ambos os caminhos cumprem um papel indubitável afirmando a sua importância para a memória e a preservação dos patrimônios de uma nação. A primeira edição, o Festival de 2005[113], iniciou ponderado: "com cinco palestras, uma exposição na Igreja Santa Rita com trinta imagens dos jovens alunos do Itae e um leilão com obras doadas por fotógrafos". Segundo Mecarelli, o evento agregou por volta de oitenta

[111] O hang drum é um instrumento musical [místico] da classe idiofônica criado em 2000 por Felix Rohner e Sabina Schärer em Berna, Suíça, exibido pela primeira vez em Frankfurt em 2001. Os pratos de mão são frequentemente chamados de "tambores de mão". É considerado um verdadeiro "Santo Gral" dos instrumentos. Fonte: https://encurtador.com.br/qsuwP - Acesso em: 08 abr. 2023.
[112] Fonte: https://www.pefparatyemfoco.com.br/ - Acesso em: 21 abr. 2023.
[113] Fonte: https://www.pefparatyemfoco.com.br/historico - Acesso em: 25 jul. 2020.

pessoas e reuniu convidados como o brasileiro Cristiano Mascaro e o holandês Thomaz Farkas (PEFPARATYEMFOCO.COM.BR). Mascaro[114], arquiteto e fotógrafo, dedicado a documentar em preto e branco as cidades brasileiras e Farkas[115], fotógrafo, professor, produtor e diretor de cinema, a documentar com as suas fotografias o comportamento humano e cenas recorrentes dos grandes núcleos urbanos e cooperar para a disseminação da cultura popular do interior do país.

[114] Cristiano Alckmin Mascaro (Catanduva, São Paulo, 1944). – Fonte: https://revistazum.com.br/colunistas/encontros-cristiano-mascaro/ - Acesso em: 19 abr. 2022.
[115] Thomaz Jorge Farkas (Budapeste, Hungria 1924 – São Paulo, São Paulo, 2011). – Fonte: https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-thomaz-farkas/ - Acesso em: 18 abr. 2022.

Paraty, Set. 2017








i





















5.2 - Saída de Campo 1 | Paraty, 16 à 19 de Setembro de 2018

A hospedagem na 1ª saída a campo foi num quarto alugado por uma plataforma de locação, na Casa do Dharma – na Rua Beija Flor no Bairro Caborê, algo em torno de 15 a 20 minutos da Praça do Chafariz (Figura 15) – dos proprietários Agustina Navarro (natural de Villa Dolores – Córdova / Argentina) e Bruno Zen (natural do Rio de Janeiro). O roteiro escolhido para ser documentado nesta saída a campo foi o Centro Histórico, o Caminho do Ouro, o bairro Caboclo, a Aldeia indígena, o Quilombo do Campinho da Independência, o distrito ou vila de Trindade, Paraty Mirim, algumas praias e ilhas da Baía de Paraty; e o Paraty em Foco. E a realização de entrevistas e/ou conversas que seriam gravadas para posterior transcrição.

Figura 15 – Casa do Dharma / Bairro Caborê – Praça do Chafariz / Centro Histórico.



Fonte: Google Maps[116]

Nessa saída optei em sair de São Paulo, mais especificamente da rodoviária do Tietê. Fazendo o caminho da serra paulista para a carioca, embora as eventuais obras e as infinitas curvas ate chegar em Ubatuba, o fato de poder avistar o verde da mata atlântica de um lado e o azul do mar do outro na maior parte do percurso, compensa. Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba... Costa Verde Tabatinga... A viagem dura em média seis horas, duas horas mais que no sentido Rio - Paraty. Faltando em torno de 70 quilômetros o motorista faz a única parada

[116] Fonte: https://encurtador.com.br/jINX1 - Acesso em: 1 set. 2023.

do percurso. Restando aproximadamente 45 quilômetros para o término da viagem, aproxima-se da sede administrativa da deslumbrante paisagem do Parque Estadual Serra do Mar.

Quando o ônibus cruza pelo Quilombo Camburi, ainda em Ubatuba, pela janela é possível acompanhar a movimentação das crianças na beira da estrada pegando o transporte público e indo para a escola. É um vazio, cercado pelo verde da natureza, se compararmos com a agitação das metrópoles e do cinza do concreto. O quilombo sinaliza que a divisa São Paulo com o Rio de Janeiro está muito próxima e logo se aproximará a primeira parada, a preferida pelos paulistanos: Trindade. Mais alguns minutos, passando o Rio Carapitanga, já vamos avistar à direita a entrada rumo a Paraty Mirim, na sequência à esquerda o Alambique da Cachaça Coqueiro e quando menos se espera já é possível avistar a Marina Porto Imperial, o mar e ao fundo, Paraty. Ao sair da Rio-Santos, rumo a Avenida principal de Paraty, o primeiro símbolo que se destaca é o esquadro e o compasso, símbolo que sinaliza a presença da Maçonaria na cidade. Além de Ubatuba (SP), as outras cidades limítrofes, mais próximas são Angra dos Reis (RJ) e Cunha (SP).

Quando chego em Paraty, pela estrada de Cunha, impossível não viajar no tempo sempre que vejo no trajeto os totens da Estrada Real. Na entrada da cidade, no interior do Camping do Portal, situado na Avenida Roberto Silveira, ainda é possível ver as ruínas do muro e do Portão de Ferro, antiga entrada da cidade. Os muros do campo de futebol que já serviram de galeria para o Festival Internacional de Fotografia, neste ano estão pintados com grafismos e cores que remetem as bandeiras de sinalização náutica. E na Praça do Chafariz, localizada quando Avenida Roberto Silveira encontra-se com uma das entradas ao Centro Histórico, acha-se o primeiro ou o último totem, dependendo de quem chega ou parte de Paraty pelo mar. Este lugar é um dos pontos de encontro preferidos pelos guias na espera dos turistas para a realização de um *city tour*.

Nos dias de hoje, caminhar por ruas como Presidente Pedreira e Marechal Deodoro, entre a Av. Roberto Silveira e o Rio Perequê-Açu é em parte nostálgico. Pois me transporta um pouco para o Centro Histórico de 1979, aquele cenário com postes, fios, alguns carros estacionados, casarios coloniais com as fachadas coloridas, os comerciais [embora poucos] mais de conveniência e menos voltados para os turistas, alguns inclusive, com os seus nomes comerciais pintados na própria fachada.

Depois de alojados, a primeira parada foi o SESC Santa Rita, para prestigiar a exposição de fotografias de pássaros do polo socioambiental do SESC Pantanal (Mato Grosso) e rever o amigo cirandeiro Fernando Alcântara. Na ocasião recebi de cortesia quatro obras incríveis da série Conhecendo o Pantanal, com temas relacionados ao seu Patrimônio Natural, publicadas

pelo SESC Pantanal. Na Rua do Comércio estava aquele movimento costumeiro, das mulheres e homens indígenas vendendo o seu artesanato; na esquina com a Rua do Rosário, o menino no carrinho de doce com as delícias típicas da região [manauê ou manuê de bacia, pé de moleque, cocada...]; os bares e restaurantes movimentados. A novidade na cidade, durante essa saída a campo, é o [retorno do] cinema, em frente a Praça da Matriz. Ao seu lado, na esquina, com janelas e porta abertas, está a Pousada Solar dos Gerânios a meia luz e as bicicletas no entorno do verde da praça também fazem parte da paisagem cultural de Paraty, principalmente do ambiente urbano. É um meio de transporte que completa a imagem da paisagem das cidades do litoral fluminense já pré-estabelecida na mente. A Igreja da Matriz está movimentada. Ao lado, próximos à quadra de esportes já estão os carrinhos de churros, pastel, pipoca e da "Caipifruta do Renato", todos alinhados aguardando a noite trazer mais movimento, mais turistas. Quando o final da tarde se aproxima e os raios de sol entram de oeste a leste cortando literalmente as sete ruas do Centro Histórico, a luz poética dos lampiões frente aos sobrados desenham em suas paredes belíssimos efeitos de luz e sombras. As outras seis ruas, as que ficam no sentido sul a norte, ganham uma agradável luz dourada, enquanto as pedras pé-de-moleque ficam sob duras sombras e as paredes opostas ficam na penumbra. Ao retornar para a Casa do Dharma pela Rua do Comércio, não resisto e acabo comprando um pau de chuva [um instrumento musical de percussão originário do Chile]. O detalhe é que é quase três vezes maior que a minha mala. É Rio de Janeiro, é setembro e, abstraindo a presença de alguns mosquitos insistentes, o frescor da noite é agradável.

5.2.1 - #diariodecampo em Set. 2018

Da janela do quarto ou do jardim da Casa do Dharma, todas as manhãs antes de sair a campo, já realizava algumas fotografias enquanto fazia os primeiros ajustes operacionais na câmera fotográfica, conforme as intempéries. Nesta primeira saída a campo, munido da câmera fotográfica, diário de campo e eventualmente um *tablet*, realizei quase que diariamente um caminhar, pelas ruas irregulares do Centro Histórico e outros lugares pontuais de Paraty, fugindo inicialmente das propostas oferecidas pelas agências de turismo.

Neste "retorno [a campo] do *flâneur*"..., o olhar passou a ser o de pesquisador, ciente do clima de insegurança que ronda/toma constantemente a cidade e sabendo que o Centro

Histórico, assim como todo o município, não está blindado ao crime, que fazer um *flânerie*[117] em Paraty, uma vez consciente de suas fragilidades, não é assim tão simples de se pôr em prática. Não era mais possível ser um sujeito contemplativo, viajar nos detalhes do seu patrimônio cultural, percorrer aquele mesmo caminho realizado em 2017 pelas ruas irregulares do Centro Histórico de Paraty, como se eu fosse um personagem do século XIX, com aquele olhar contemplativo, à *flâneur*, alheio aos assassinatos, estupros e recorrentes assaltos. Ficar parado, disperso, nas esquinas contemplando e procurando, por exemplo, decifrar os símbolos maçônicos dos sobrados, poderia tornar-se perigoso. Passo então a expressar esse "retorno [a campo] do *flâneur*" pela escrita e pela fotografia – a escrita com a luz, sendo o fotógrafo narrador de histórias e memórias, aquele "observador apaixonado" descrito por Charles Baudelaire.

O meu *flânerie* está então em metamorfose. Com a entrada no curso de Doutorado em Memória Social e Bens Culturais muitas ideias se transformaram. Os novos conhecimentos e sentimentos sobre as questões da memória, patrimônio e da própria fotografia, adquiridos no percurso do PPG, influenciou o meu ato de fotografar e de como fotografar. A minha capacidade visual, o meu ato de olhar e ver/contemplar, tendo agora novos filtros / novas culturas, começou a transformar os próprios cliques, que agora têm o intuito de não me fazer parecer artístico demais. Com o olhar artístico pareço, neste momento, correr o risco de ocultar dados importantes, através de ângulos e composições/enquadramentos radicais ou luzes e sombras, e impedir que as informações ficassem claras, não permitindo depois que as fotos fossem interpretadas e analisadas como pretendido na pesquisa.

Nesta saída a campo, como pesquisador, o interesse era conhecer mais das memórias do Centro Histórico, do Caminho do Ouro, de Paraty Mirim, da Aldeia Itaxim Guarani M'Biá, Trindade, do Quilombo do Campinho da Independência e do bairro Caboclo. Com esse propósito, aluguei um quarto na Casa do Dharma, um sobrado contemporâneo que além de servir de residência era um centro de meditação e yoga, localizada na outra margem do Rio Perequê-Açu. E, na ocasião, um dos lugares visitados foi o Quilombo do Campinho da Independência, onde conversei com integrantes da AMOC - Associação de Moradores do Quilombo Campinho da Independência, que mantém periodicamente um roteiro étnico-

[117] Alusivo a uma resenha escrita por Benjamin em 1929, apresentado em aula/palestra online, "Walter Benjamin e os (des)caminhos de *flâneur*" pelo Prof. Phd. Ernani Pinheiro Chaves da Universidade Federal do Pará – 2022.

ecológico do Quilombo, para os interessados em conhecer a cultura quilombola, com a gastronomia tradicional, oficinas de jongo[118], plantio e cestaria[119].

Paralelo às saída a campo, comecei a analisar alguns grupos no *Facebook* e perfis no Instagram. E foi nas redes sociais que tomei conhecimento da existência do romance "Escalpo", de Ronaldo Bressane, que retrata, como o próprio escritor narra: "... parte dessa bárbara realidade camuflada pelas belezas naturais e os interesses turísticos de Paraty. Segundo uma das personagens do romance, cruzar a fronteira entre Ilha das Cobras e Mangueira, é algo que não são todos os moradores que arriscam a fazer, dando pistas do panorama enfrentando pelos moradores diariamente, bem distante do que a mídia apresenta. Traz à tona os ciclos econômicos, desde o ouro de Minas Gerais, da cana de açúcar, dos negros escravizados da África, dos dólares e euros dos turistas apaixonados e, nas entrelinhas, as questões da falta de saneamento básico, da gentrificação e da violência, com direito a assassinados em praça pública. As duas facções rivais, Terceiro Comando e Comando Vermelho, organizações criminosas, controlam os dois bairros periféricos mais populosos, Mangueira e Ilha das Cobras. Como os críticos se referem: "paradisíaca, sangrenta e dividida, Paraty tem sua violência exposta em livro".

Assim, o sentimento de paixão por Paraty, que nunca diminuiu, agregou-se a outro tão intenso quanto: o medo. O viajante *flâneur* curioso e louco pela sua terra natal agora é invadido por sentimentos confusos e apenas uma certeza: a de que não é mais possível contemplar sua cidade como foi na primeira vez, em 1979. E nas redes sociais que hoje nos trazem outras visões de mundo e outras faces das verdades que se constroem, está muito presente a violência e os descasos com a população mais pobre e com os caiçaras, em total contraste com as publicações que, ao contrário, só exaltam a cidade. E daquele ano em diante, não pude mais deixar de acompanhar nas redes sociais, tanto as notícias e denúncias envolvendo a violência, quanto as postagens de anúncios diversos em Paraty.

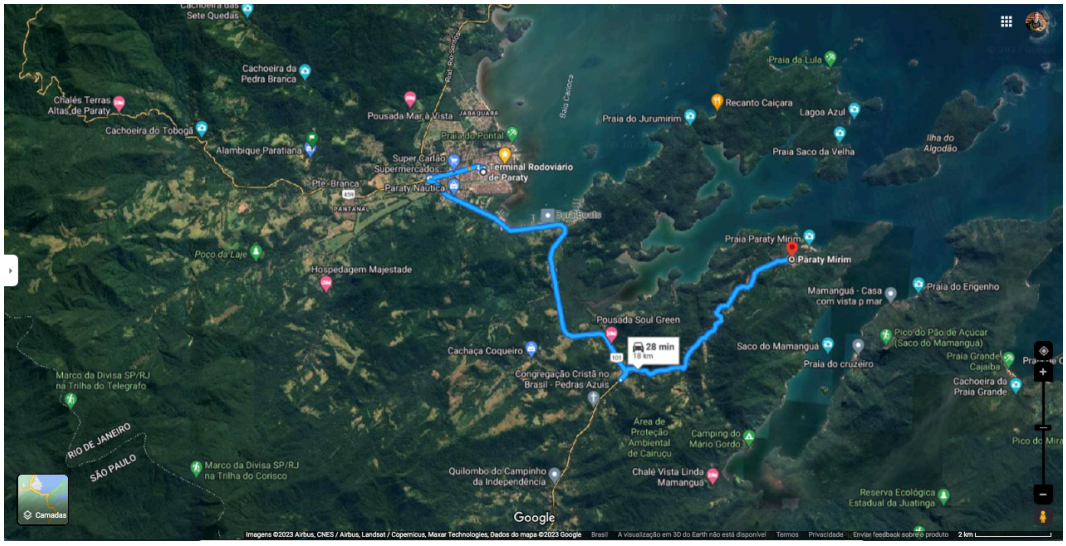
[118] Oficina de Jongo – dança afro-brasileira nascida na senzala na época da escravidão realizada como limpeza espiritual e momento de se organizarem com estratégia de fuga. Hoje o grupo continua levando essa prática mais como resistência na comunidade. Fonte: AMOC – Associação de Moradores do Quilombo Campinho da Independência.

[119] Oficina de Cestaria – artesanato feito a partir de diversas matérias-primas extraídas da própria floresta do quilombo (bambú, cipós, táboa, fibra de bananeiras). Fonte: AMOC – Associação de Moradores do Quilombo Campinho da Independência.

5.2.2 - A Vila de Paraty Mirim

Outro dia, uma manhã nublada de outono chego na Vila de Paraty Mirim, o objetivo inicial era documentar a Igreja Nossa Senhora da Conceição e a sua redondeza, ruínas e a Área de Proteção Ambiental de Cairuçu (Figura 16). Foram investigados também os caminhos para as comunidades caiçaras mais distantes, onde só é possível chegar pelo mar. Ao alcançar as proximidades do ponto final do transporte público, fiquei perplexo com as ruínas de um casario com quatro janelas e uma porta na sua fachada. Era o descaso com um patrimônio, colocando no chão parte das histórias e memórias desta Vila, que bem ou mal, exerceu um papel na história da cidade. As fortes raízes invadiam as paredes do casario ao lado da Igreja Nossa Senhora da Conceição, a mais antiga de Paraty. Avistar este lugar, do mar para a serra, embora muito pitoresco, uma capela e casarios, também é triste, pois são ruínas que apagam acontecimentos de séculos passados. Nos fundos de ambos os prédios encontrava-se outras ruínas. Tristeza em ver a história e a memória de um lugar esfarelar. Seria descaso ou seria proposital? Uma forma de planejar o apagamento da história e da memória do lugar? É importante preservar mesmo que o lugar guarde tristes memórias. Pois assim serve de alerta para que a história não se repita em novas gerações.

Figura 16 – Terminal Rodoviário de Paraty – Paraty Mirim



Fonte: Google Maps[120]

[120] Fonte: https://encurtador.com.br/ACFGX - Acesso em: 3 Set. 2023.

Para quem desce a estrada de chão batido, no sentido da serra para o mar, o templo religioso pode passar desapercebido a alguns, devido ao volume das árvores na sua diagonal, da praia ou do mar, e embora haja uma faixa contínua de mangue a sua frente é possível avistá-lo devido a sua altura. O mangue em questão é o habitat de enormes, coloridos e cobiçados caranguejos, que escondem-se a qualquer movimento. Na extensão da praia encontram-se alguns barqueiros que oferecem a travessia / passeios até o Saco do Mamanguá, a Praia do Cruzeiro para poder subir o pico do Pão de Açúcar ou a Praia Grande. E para quem quiser conhecer mais sobre a realidade da cultura caiçara, e puder pagar pela travessia, poderá ir mais além e conhecer o Pouso da Cajaíba.

Mais próximo da praia encontra-se um posto da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro Comando de Polícia Ambiental, o UPAm Juatinga. Esta área pertence à Reserva Ecológica Estadual da Juatinga. Mais ao sul, seguindo por uma pequena trilha, no entorno o prédio do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), vestígios de outras ruínas, estas praticamente cobertas pela densa vegetação da Reserva, são mais memórias e histórias apagadas. Seguindo a caminhada, depois de alcançar o extremo de um longo trapiche que avança o mar é possível avistar, na margem do continente, um aglomerado de casas contemporâneas de alvenaria. Não são moradias de caiçaras, pois na sua maioria são casas de veranistas que mudam a paisagem da Reserva Ecológica da Juatinga.

O pequeno Posto de Saúde, um ponto do agência de correios compartilhando o espaço da parada de ônibus, que faz o percurso Parati-Mirim rodoviária Central, são algumas das características desta parte da Vila. A comunidade de Paraty Mirim conta com uma Associação Caiçara e com uma Associação de Moradores, que foi a responsável pelos recursos da construção do Posto de Saúde. Enquanto aguardávamos o ônibus conhecemos Donana, uma senhora muito simpática e solícita, proprietária da pousada Casa da Donana, situada a poucos metros do ponto de ônibus. Próximo há também outras pousadas, chalés e camping.

No interior do ônibus é possível avistar as crianças indo e vindo da escola, em um dia chuvoso onde nem todas elas possuem um guarda-chuva para se proteger, além de terem que enfrentar a lama das ruas que não são asfaltadas, são ruas de chão batido. Dia chuvoso mas para as crianças assim como os seus pais a chuva e o sol, fazem parte da natureza, então eles brincam correm trabalham ajudando o seus pais e os fazeres domésticos e outros relacionados ao artesanato. No entanto, são crianças em trânsito sozinhas em estradas com pouquíssimo movimento e nenhum adulto as acompanha. É um cenário bem diferente das metrópoles onde vivemos. A presença de indígenas também é intensa, principalmente de mulheres com os seus filhos pequenos, alguns no colo e outros pelas mãos ou agarrados em suas roupas. Eles

embarcam no ônibus levando os seus produtos/artesanatos para vender na cidade. No caminho há camping, hostel e pousadas, em muitos lugares para se hospedar, sendo uma área de turismo para pessoas que gostam de uma vida simples em contato com a natureza. No ônibus, para não esquecer, já procurei anotar no diário de campo os nomes das pessoas, as informações do local. Tenho procedido assim, mesmo quando gravo as conversas com o devido consentimento das pessoas, anotando alguns tópicos ou rabisco, algum desenho alusivo ao tema, e esse ato me ajuda a internalizar o assunto documentado.

O mesmo transporte que leva até a vila de Parati-Mirim passa pela Aldeia Itaxim Guarani M'Biá Paraty Mirim. A aldeia está situada na Área de Proteção Ambiental Cairuçu, um corredor ecológico entre diversas - Unidades de Conservação do Estado (UCs) [121]. No mesmo momento em que desembarcamos embarcam mais crianças indígenas com sua mãe, carregadas de produtos/artesanatos possivelmente rumo ao Centro Histórico para vender. O semblante dessas crianças traz uma inocência e uma alegria, a pureza de pequenos seres que crescem vivenciando duas línguas e dois mundos, a dos brancos e a herdada pelos seus ancestrais.

Paramos na aldeia, e antes mesmo de atravessar a estrada já se escutava uma outra sonoridade, o silêncio da mata diante de uma chuva fina e a alegria das crianças, muitas crianças. Para mim foi uma surpresa descobrir que integrantes desta aldeia são originários do Rio Grande do Sul, inclusive alguns de Porto Alegre. A revelação veio por parte do indígena, pai de família, com o qual conversei, ele vestia a camiseta vermelha do Sport Club Internacional, afirmando que já havia morado na capital gaúcha e sorrindo não negou a sua preferência pelo time gaúcho. Onde o futebol é uma das diversões na aldeia, as camisetas do clube favorito já fazem parte da vida diária das meninas e meninos, assim como a calça jeans e as sandálias havaianas. Com sol ou chuva, as crianças brincam livremente umas com as outras na terra molhada. A Estrada Paraty-Mirim é literalmente colada à escola e a loja.

Na manhã que resolvi visitar a aldeia era dia de reunião com representantes do SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena na sede da Arandu Renda Tava Mirim, traduzindo: Escola Indígena Bilíngue Tava Mirim. Nesta escola, criada em 15 de agosto de 2005, é onde os indígenas desenvolvem o próprio idioma guarani e o português. Na aldeia observo a alegria e a força de um povo que é vulnerável à ganância do homem branco. Muitos indígenas estavam reunidos no prédio anexo à escola, para escutar ao lado de sua líder. Quanto a minha

[121] Fonte: https://www.icmbio.gov.br/cairucu/destaques/117-aldeia-itaxi-mirim-localizada-na-apa-de-cairucu-publica-o-seu-protocolo-de-consulta-previa-o-primeiro-do-estado-do-rio-de-janeiro.html - Acesso em: 06 mai. 2023.

presença, a orientação da griô era primeiro mostrar no espaço onde comercializam os seus artesanatos o trabalho de cestaria, bijuterias, utensílios domésticos e de decoração, produzidos pelas artesãs da aldeia, depois conversar e tirar fotografias. Os mais idosos são os guardiões da memória, em 2018 o cacique Tataxi, Miguel Karai Tataxĩ Benites estava com 118 anos e quem estava no comando era a indígena vice-líder da tribo.

A cor vermelha, amarela, verde e eventualmente lilás são cores que predominam no artesanato desta aldeia. Já nos grafismos que decoram a fachada da escola, o amarelo o preto e o vermelho são predominantes. Fiquei encantado com o número de crianças que brincavam em torno da escola durante a reunião que acontecia na área semiaberta anexada à Escola Indígena Estadual Guarani Tava Mirim. As edificações na aldeia são trabalhadas desde alvenaria, chapas de compensado resinado, tábuas largas de 30 ou 40cm até pau-a-pique "telhadas de folhas de guaricanga (espécie de palmeira) ou sapé" e chão batido [como no bairro Caboclo]. "E para construção da Opy ou casa de rezas é usado o pau-a-pique"[122]. As peças com mais ventilação são feitas com troncos finos de árvores [eucalipto eu creio] ou de bambus e as coberturas variam desde as telhas de barro, cimento amianto e eventualmente de lona plástica preta. A cozinha simples, de chão batido, geralmente fora da casa [também lembram o bairro Caboclo]. A cena da panela de ferro sobre pedras e tijolos como suporte e/ou para proteger o fogo do vento é recorrente e me traz uma memória afetiva. As casas que pude observar ficavam distantes uma das outras variando de 50 a 100 metros, não havendo muros ou cercas entre elas. O uso do bambu assim como outros recursos naturais é constante na confecção do artesanato, utensílios domésticos e na construção de suas moradias.

Quando retornamos a cidade já começava anoitecer e foi no instante que a maré entrava pelas ruas do Centro Histórico. Difícil dizer se o encantamento desse evento da maré é mais belo de dia ou a noite, quando se pode observar os turistas refletindo sobre as águas, tendo o seu corpo emoldurado pela escuridão do céu. Na rua do Comércio mesmo em noites de pouco movimento os indígenas levam os seus produtos para serem vendidos. Tem vezes, que o número de indígenas mulheres é bem superior aos homens. É quando a rua do Comércio encontra-se com rua do Rosário, que concentra-se um bom número de restaurantes e outros estabelecimentos comerciais. Seja durante o dia ou a noite, trata-se de um dos pontos mais movimentados do Centro Histórico. Uma das esquinas mais movimentadas. Inclusive esquina preferida pelos artistas de rua e pelos músicos. E dia e noite, paradas ou em movimento, as bicicletas compondo o ambiente do centro histórico.

[122] Fonte: https://paraty.com.br/indios-guarani-em-paraty/ - Acesso em: 29 mai. 2023.

Na manhã seguinte, caminhando pela Rua Presidente Pedreira, no Bairro Patitiba, indo rumo ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fotografei a Cruz das Almas, um pequeno altar público construído em alvenaria. Uma das versões segundo escritores locais é que trata-se de um oratório destinado em séculos passados à última oração dos que eram condenados à morte. Ainda hoje observa-se que é um local onde os católicos às segundas-feiras acendem velas pelos seus mortos. E tornou-se também um depositório de artefatos religiosos que as pessoas não querem mais. A dificuldade em realizar uma boa fotografia do altar é que geralmente há algum veículo estacionado bem em frente.

Durante todo o dia veículos particulares e comerciais de pequeno e médio porte transitam pela Rua Presidente Pedreira e outras ruas que ficam no entorno do Centro Histórico e quanto mais próximo do final de semana mais intendo fica esse movimento. Fico feliz quando vejo transitar entre esses veículos e/ou pelas ruas protegidas do Centro Histórico algum indígena, caiçara e/ou quilombola. Fortalece aquela sensação que eles ainda pertencem a esse lugar, que eles continuam sendo o espírito do lugar, caso contrário ficaria sem sentido Paraty ter um título de Paisagem Cultural.

Ainda no Bairro Patitiba, mais próximo da margem do Rio Perequê-Açu está a Capela da Generosa. Quando a vi pela primeira vez em 1979, nos meus 20 anos de idade, me imaginei casando naquela capelinha: eu, a noiva, o padre e os padrinhos no interior, os respectivos pais, na porta, e outros convidados já teriam que ficar do lado de fora do pequenino templo. O Beco da Generosa é um recanto que me encanta, lembra um bucólico e rústico vilarejo português. Moraria em uma de suas casas se houvesse oportunidade.

Das margens do Rio Perequê-Açu até o Cais do Porto era possível passar por pequenos banners com a frase: "Paraty Patrimônio de todos". E aquele "de todos" inevitavelmente me fazia pensar no embate desproporcional [que dura cinco décadas] de uma comunidade caiçara contra os donos do PIB no Brasil[123]. No meu primeiro contato com o IPHAN [que situa-se em um belíssimo sobrado na esquina da Rua do Mercado com a Rua da Capela], após explicar a minha pesquisa à técnica que me recebeu, aproveitei [visando futuros escritos] para reproduzir diversas fotografias antigas, onde algumas documentavam as autorizações concedidas pelo Instituto a alguns proprietários. Um bom número referente à alteração de portas para janelas, uma vez que a maioria das edificações da "Villa de Paraty"

[123] Retiro de veraneio de algumas das famílias mais ricas do Brasil, o condomínio Laranjeiras vive um conflito com comunidades tradicionais que vivem em seu entorno desde sua criação, nos anos 1970. Localizado entre reservas ambientais, a construção de Laranjeiras bloqueou a passagem de caiçaras, que dependem da autorização do condomínio para chegar ao ônibus que leva a Paraty. Após acordos no MPF que desagradaram as comunidades, lideranças apostam no diálogo com o empreendimento para resolver o conflito. Fonte: TV - Folha de São Paulo - https://www.youtube.com/watch?v=L0zoi2agzEA - Acesso: 29 Mai. 2023.

tinha a finalidade comercial, então eram poucas que possuíam janelas em suas fachadas, principalmente as de um único pavimento.

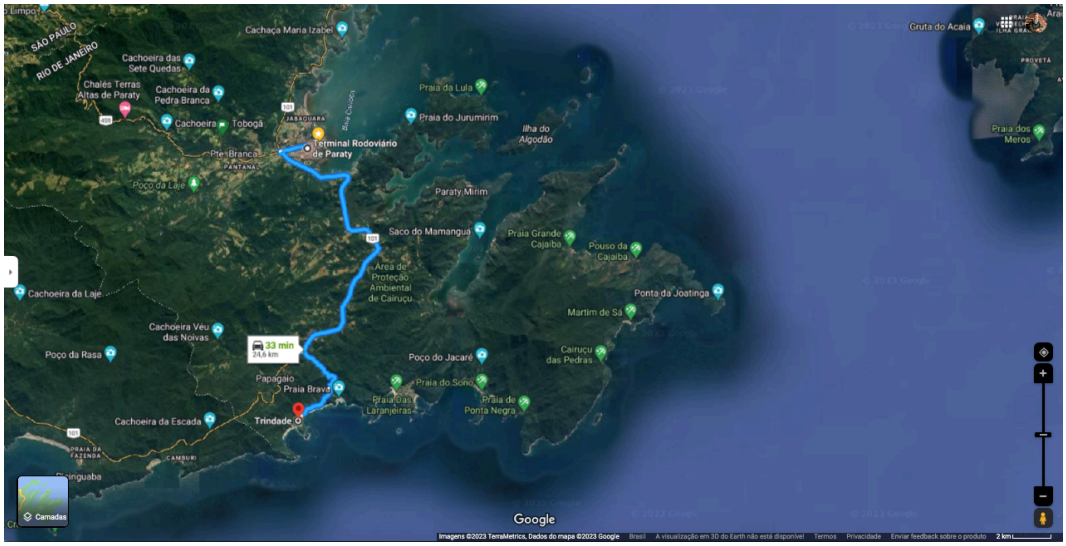
Aproximando-se da hora do crepúsculo, caminhar pelo calçadão na outra margem do Rio Perequê-Açu ou por algumas ruas do Centro Histórico, como a Lapa ou a do Rosário, é um verdadeiro espetáculo. Poder ver as cores do céu alterarem em um degradê que vai desde os tons de um laranja amarelado para os azuis, às vezes com brilho, às vezes acinzentado. Até a hora em que o azul predomina no céu e contrasta com a cor quente da luz dos lampiões. Neste momento muitas silhuetas começam a tomar conta das ruas e os carrinhos de doces nas esquinas ficam iluminados. É também, quando algumas portas e janelas se abrem, fazendo um convite à contemplação. Como acontece na Rua do Rosário, com os estabelecimentos vizinhos de porta, como o centro da Seicho-No-Ie e a galeria de arte Aécio Serti. No centro, a coordenadora em leitura, aguarda os praticantes chegarem, no estabelecimento ao lado, o galerista atualiza-se no celular, enquanto aguarda apreciadores de arte entrarem. No avançar da noite, na Praça da Matriz, eventualmente o grupo Maracatu Tira o Mofo se reúne para ensaiar, cantar, tocar e dançar o maracatu. A sonoridade forte da percussão toma conta do lugar, a vibração dos tambores batidos, alguns com baquetas outros com as mãos, a coreografia dos corpos, as saias girando, nos remetem ao candomblé.

5.2.3 - A Vila de Trindade

Certa manhã foi dia de ir na Vila de Trindade. De ônibus de linha urbana, operado pela [polêmica] empresa Colitur, observando a rotina de quem está indo ou vindo para a escola ou para o trabalho. A Vila de Trindade está a 24 km do Centro Histórico de Paraty e o seu conjunto de praias e recantos naturais são indescritíveis, não é atoa que trata-se do lugar preferido pelos turistas que chegam pela Rio-Santos (Figura 17). A porta de entrada é a Praia do Cepilho, geralmente tranquila e mais vazia, preferida por surfistas; na sequência está a Praia de Fora, a mais próxima de toda infraestrutura da vila, um convite à contemplação. Em toda a sua extensão as ondas variam, podem ser tanto calmas quanto fortes e traiçoeiras, trazendo vida ao local, mas também causando afogamentos. As edificações em frente ao mar variam em formas e material, desde o pau-a-pique, madeira e bambu, até à alvenaria. Em Trindade, a Praia dos Ranchos, Praias do Meio e Caixa-d'Aço integram o Parque Nacional da Serra da Bocaina. Todas as praias têm um diferencial que encanta, seja pela quantidade de rochas e grandes pedras espalhadas pela areia, pela tranquilidade das ondas ou transparência

das águas. A Praia do Meio costuma ter o mar calmo, creio que por ser dividida por uma extensa composição de rochas conhecida por Ilhote. Nas placas que sinalizam a área do parque fica o convite: “aprecie com consciência, aprecie devagar”.

Figura 17 – Terminal Rodoviário de Paraty – Trindade



Fonte: Google Maps[124]

Desta praia, para quem não quer ir caminhando pela trilha do Parque, partem pequenas lanchas para a Praia do Caixa D’aço e a Piscina do Caixa D’aço. Os barqueiros são filiados a Associação dos Barqueiros e Pescadores Tradicionais de Trindade (ABAT). Nas trilhas é comum encontrar placas rústicas confeccionadas pelos moradores com madeira de demolição, com frases que buscam conscientizar moradores e turistas da importância da preservação da natureza: “A praia é mais bela sem lixo”, “Senhor forasteiro o seu LIXO é seu, e não da Natureza” e “Leve uma sacola e traga seu lixo nela”, eram algumas delas.

Um dos propósitos em Trindade era de chegar até o caiçara, para conversar sobre os saberes e documentar o ofício, os fazeres desse sujeito nativo que compõe, desde séculos passados, a comunidade paratiense e de outras cidades do litoral fluminense assim como do litoral paulista. Sinalizado por profusos significados, o entre-lugar é enaltecido pelos realinhamentos globais e pelos movimentos ideológicos iniciados nos anos oitenta, quando a desmistificação dos imperialismos apresenta-se de imediato. Hoje, graças a estas misturas, o caiçara já é um outro sujeito, pois tem caiçara de pele clara, olhos azuis, olhos verdes.

Os conceitos do entre-lugar ou do espaço intersticial tornam-se principalmente férteis para desenhar as fronteiras borradas entre o Centro Histórico, os bairros e os três distritos de

[124] Fonte: https://encurtador.com.br/cfrL7 - Acesso em: 3 set. 2023.

Paraty, por já terem vivenciado momentos de apogeu e isolamento. Naquela perspectiva, se durante os períodos econômicos do ouro, do café e da cana (que também servia de moeda de troca por homens escravizados vindos da África) as fronteiras entre o Centro Histórico eram borradas. Nos meados da consolidação do novo momento - o do turismo - as suas fronteiras ganhavam correntes, fazendo de Paraty um espaço de trocas e mudanças, movediço, para alguns dos seus sujeitos um terceiro ou espaço novo, intersticial, uma formação de entre-lugares.

Segundo Mello (2009), a ocupação de Trindade iniciou nas primeiras décadas do século XX, com famílias vindas do norte do estado de São Paulo. Na década de 1970 os moradores sofreram intensa e violenta ação por parte dos proprietários da Fazenda Laranjeiras que queriam expulsá-los para lá construir um condomínio de alto luxo[125]. Os trindadeiros resistiram com bravura e determinação a todas as tentativas de expulsão e transformaram a vila numa região bastante popular e relevante por suas belezas naturais. Diuner Mello comenta/relembra (2009, p. 78-79), "que esteve presente no imaginário dos moradores de Paraty uma lenda sobre a existência, naquela região, de um rico tesouro abandonado por piratas e, não raro foram os aventureiros que o buscaram, sem nada encontrar".

Em Trindade há cachoeiras e muitas praias paradisíacas, por isto costuma receber em um dia de verão uma média de quinze mil turistas. A gastronomia local é variada, inclusive para quem vai ao mar mas não gosta de frutos do mar. Após uma longa caminhada com o sol forte e a pino, a procura de uma sombra e um local para almoçar, olhei para os muitos restaurantes que havia em nossa volta. Entre tantas opções acabei sendo seduzido pelos dizeres da placa do restaurante A Cabana, que ficava mais distante do mar: "cozinhar não é um serviço é um ato de amor". Era muito aconchegante, arejado. A própria *chef* nos atendeu e depois, curiosa, veio perguntar como estava o prato. Nas suas primeiras palavras já havia percebido um sotaque. Então perguntei: há quanto tempo você está em Paraty? Prontamente ela respondeu: faz cinco anos que saí da Argentina. A garçonete que prosseguiu nos atendendo, também argentina, havia chegado há dois meses na cidade vindo direto para a Vila.

[125] A empresa Trindade Desenvolvimento Territorial S.A., um braço da multinacional ADELA, criada com a finalidade de construir um condomínio na localidade de Trindade, no Segundo Distrito de Paraty, foi constituída em 1976. As questões judiciais levantadas pelos posseiros foram retardando o empreendimento, que não chegou a ser concretizado. Da ADELA, a empresa foi transferida para o grupo Pascovitk, que desmembrou a propriedade, passando uma área para os antigos posseiros. Como também não puderam levar adiante nenhum projeto condominial, entregaram a empresa ao Banco Auxiliar (Corporação Bonfiglioli) que só investiu na manutenção da posse. (FREIRE, 2012, p. 164).

Mas quero contar que a caminho desse restaurante, passei por um senhor de avançada idade, barba branca, pele marcada e castigada pelo sol, olhos amendoados, um caiçara raiz - pensei. Ele acabou reduzindo o passo, entrando e sentando no bar e restaurante da esquina. O seu olhar era fixo para o horizonte, como se observasse o mar, o vento. O seu rosto, a sua pele marcada pelo sol e pelo tempo, aquele semblante típico de um homem do mar que trabalhou a vida toda de sol a sol, me levou a pensar: encontrei, eis aqui, um "legítimo" caiçara. Naquele instante não quis importuná-lo, mas no momento em que a chef avisou o tempo que o almoço levaria para ficar pronto, resolvi aproveitar e voltar até a esquina e pedir permissão para retratá-lo. Voltei, cumprimentei o Seu Hugo com um aperto de mão, balbuciei algo sobre o sol, o calor, enquanto me apresentava, falando que era nascido no bairro Caboclo, mas que morava no Sul, já há algumas décadas [isto funcionava, abria portas, pois deixava claro que eu não era um grileiro ou qualquer outra coisa que pudesse criar barreiras]. Pedi permissão para retratá-lo e ele de pronto levantou-se, procurando alinhar-se melhor para a câmera. Foi logo depois do primeiro clique que indaguei: Seu Hugo, você nasceu aqui / morou sempre aqui? Surpreendentemente, com o sotaque inconfundível de um caiçara, ele respondeu: "Não! Sou argentino, nasci em Buenos Aires, fugi em 1966, durante a revolução". Eu, estupefato, contemplava a forma como ele ficou ali em pé por minutos narrando a sua vinda para o Brasil, e parecia que todo o longo processo tivesse acontecido ontem: "Lembro que estive um tempo em Porto Alegre, mas logo vim para o Rio de Janeiro e finalmente, Paraty". Para explicar o Senhor Hugo, em seu terceiro espaço ou espaço intersticial, de forma antropológica, eu preciso desconstruir a imagem atual que eu tenho dele, como legítimo caiçara e falar/escrever algo sobre ele, que não mais o representa. Para construir a sua imagem entre o ser e o ser outro, entre o ser explicado e o destruído, entre o ser constituído, mas não o ser explicado caiçara. É como afirma o brasileiro Silviano Santiago: ou bem nos explicamos, ou bem nos constituímos. E quanto ao ato de fotografá-lo, pela perspectiva de Sontag (1983, p. 14), "é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa [ou artefato]. Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo".

Mas o que é / quem é o caiçara? As melhores respostas – e/ou mais espontâneas - até agora foram encontradas no documentário produzido pela Prefeitura de Paraty, intitulado: O

Caiçara de Paraty[126]. A primeira foi a do biólogo Paulo Nogara, destacando sua origem e o estereótipo de marginalização que eventualmente recebe.

> A palavra caiçara né... dicionário tupi guarani significa um cercado de pau a pique né... Fazendo referência aos cercados que protegiam as tabas. Daí depois você encontra muito no litoral sul de São Paulo, a palavra caiçara ligada às armadilhas, aos cercos fixos, são cercos de praia, que são as armadilhas de bambu né, que partem da praia do costão e o objetivo cercar o peixe, sobretudo a tainha. Né... Agora... Depois de todo esse processo de especulação imobiliária e retirada do caiçara do local de origem dele, você também encontra o vocábulo caiçara com alguns sinônimos até de vocábulo de pessoas vagabundas. E isso é uma coisa muito desagradável né, porque já é uma marginalização de uma população aí que é um pouco a história do nosso país (NOGARA, 2002).

A segunda resposta, a da historiadora Marina de Mello de Souza, que trabalhou durante cinco anos em Paraty percorrendo trilhas a pé para entrevistar moradores, traduz um pouco do biotipo do caiçara do litoral fluminense, descrevendo-o principalmente em seus aspectos físicos:

> Esse tipo que a gente chama de caiçara é um tipo físico... Ahh... Que é um mestiço basicamente de português com índio... Então é um sujeito de olhos amendoados, cabelo liso, é... Um moreno né, mas não é um moreno do índio, mas também com uma pintada do africano, porque a mão de obra escrava estava aí espalhada e mesmo os escravos fugidos né, iam se misturar com os povos que estavam vivendo nestas praias mais afastadas. (...) Tem algumas regiões aqui de Paraty, com um tipo físico muito claro, de olhos claros, de cabelos claros, que são, provavelmente, descendentes desses holandeses, franceses, que andaram pirateando por esta costa e cá ficaram então aí deixaram a sua marca nas pessoas que estão vivendo nesta praia até hoje (SOUZA, 2002).

Já para a arquiteta do IPHAN Isabelle Cury (2002), o caiçara é aquele sujeito com hábitos próprios, mas que eventualmente adere aos hábitos estrangeiros, como é parte de sua história.

> Importante saber, que aqui em Paraty ainda se guardam estes hábitos né, estes hábitos mais simples do cidadão, que são as suas músicas que eles próprios produziram, que vinham do exterior, que vinha de Portugal, através dos que chegaram aqui, que se miscigenaram com os índios e depois se miscigenou com o negro, todo este conhecimento é muito importante (CURY, 2002).

De acordo com o então prefeito José Cláudio Soares, o caiçara ainda existe somente em comunidades consideradas caiçaras autênticas.

---

[126] Fonte: O CAIÇARA DE PARATY | Documentário realizado em 2002 pela Prefeitura de Paraty com o apoio do Consulado Americano. Direção: Nena Gama. https://www.youtube.com/watch?v=wN4cV992kYE - Acesso em: 31 mar. 2018.

> No nosso litoral, litoral sul fluminense o único reduto de comunidades autênticas que ainda sobrou de toda essa região, com esse "grande... movimento turístico", é ainda esse lado de Paraty, são as sete comunidades que integram a Reserva da Juatinga. E não é só, essa paisagem natural, é a sua gente... É o seu povo... O seu modo de vida (SOARES, 2002).

Segundo o Museu do Caiçara, "a palavra caa-içara é de origem tupi-guarani. Separadas, as duas palavras sugerem uma definição: *caa* significa galhos, pau, enquanto que *içara* quer dizer armadilha"[127].

Passado o início da fase do turismo, que expôs repentinamente o caiçara à outras culturas, hoje ele tem orgulho de ser quem é, um povo guerreiro, a exemplo das comunidades de Trindade. Com a valorização dos costumes, fazeres, saberes "que foram passados pelos pais e pelos pais dos pais"[128], um cenário um modo de vida de acordo com a natureza, hora ligado ao mar, hora à floresta, sujeitos conhecedores da natureza, das ervas, das técnicas de agricultura, dos saberes ligados a sobrevivência da sua e de outras comunidades, em parte herdados dos africanos que além de trazerem de suas terras as sementes, trouxeram técnicas de agricultura, trouxeram algo que literalmente não tem preço: seu conhecimento.[129]

Embora tenha todas as definições de historiadores e memorialistas, para alguns griôs das comunidades caiçaras por onde passei, aprendi que o seu Hugo é um daqueles paratianos que vão chegando na cidade e se moldando aos seus costumes, as suas práticas, tornando-se um caiçara por direito.

Após o almoço, ao realizar uma segunda caminhada, encontrei na Praia do Meio, na sombra de uma árvore, o seu Joel, um caiçara, pescador, enquanto ele costurava sua rede. Um mestre caiçara, com os cabelos brancos e a pele queimada do sol. Logo que me apresentei contou-me um pouco da história quando jovem, dos tempos que ia à cidade, mas que geralmente era só para comprar algum mantimento ou medicamento. Recorda que às vezes o vento mudava então pernoitava na cidade e voltava só na manhã seguinte. Depois da experiência desse dia resolvi rever essa minha questão sobre estereótipos, pois percebi que chegar ao legítimo caiçara, um nativo, um "caiçara de verdade, não é uma tarefa possível.

Na Vila, antes de retornar, visitei a Associação dos Moradores de Trindade (AMOT), onde conheci um pouco mais dos protestos e da constante luta dos caiçaras desta parte do município. De quebra pude apreciar uma belíssima exposição fotográfica com fotos da

---

[127] Fonte: Museu Caiçara – http://www.muscai.com.br - Acesso em: 16 mai. 2022.
[128] Verino de Barros, caiçara / cirandeiro de Trindade (2002).
[129] Fonte: Documentário O CAIÇARA DE PARATY - https://www.youtube.com/watch?v=wN4cV992kYE - Acesso em: 31 mar. 2018.

metade do século XX. Eram retratos dos fazeres e saberes de uma comunidade que aprendeu a resistir as pressões e os reflexos do novo ciclo econômico de Paraty. Em um primeiro olhar, a Vila de Trindade[130] me pareceu ter vida própria, além do comércio básico de produtos e serviços é repleta de pousadas, *hostels* e *campings*.

Assim como o Seu Hugo, a *chef* de cozinha e a atendente, argentinos encontrados em Trindade, estrangeiros vêm para somar e acabam fazendo uma grande diferença, seja na pesca, na gastronomia ou como agentes culturais e sociais para a cidade, como é o caso do fotógrafo italiano, Giancarlo Mecarelli, diretor do Paraty em Foco [e outros que apresento nestas narrativas]. Simpáticos estrangeiros que romperam fronteiras, encararam a xenofobia e, com a realidade de um território, fazem da cultura híbrida de Paraty um caminho de outras possibilidades.

Ao observar a transcrição das conversas e entrevistas percebe-se que alguns moradores [da Zona Rural e costeira] ainda dizem: "*eu fui na cidade"* ou *"eu vou na cidade"*. Bem, de volta *"à cidade"* como se referem não só os antigos, a tempo de observar mais uma montagem de exposição do Festival, nesse ínterim, cruzo por um grupo de estudantes e seus professores, finalizando uma aula de Educação Patrimonial onde o professor, que já me é familiar pelas lentes da câmera, envolve as crianças no reconhecimento e valorização dos bens culturais e das pessoas que constituem a paisagem cultural de Paraty. Desde o início das manhãs e até o entardecer, sempre há estudantes de diversos níveis de escolaridade visitando o Centro Histórico. A luz do crepúsculo sutilmente aquece as silhuetas dos estudantes que partem observando as exposições, em fase de finalização do Festival Internacional de Fotografia. Durante essa saída a campo, experimentei em algumas fotos baixar a velocidade do obturador para que tudo que estivesse em movimento ficasse registrado com efeito borrado.

5.2.4 - O Quilombo Campinho da Independência

Foi na tarde do dia 18 de setembro, procurando desapegar daquele olhar de um nativo apaixonado pela sua cidade e seus territórios, que cheguei pela primeira vez ao Quilombo Campinho da Independência, com a câmera fotográfica, o *tablet* para possíveis gravações

[130] Trindade já foi habitada por índios, piratas e portugueses. Na década de 1970, virou abrigo e símbolo de hippies. Na mesma época, a empresa ADELA - Agência de Desarollo de Latino América, multinacional com sede em Luxemburgo, invadiu a vila de pescadores com o objetivo de expulsar os moradores e criar na vila um balneário com vistas ao turismo e um condomínio de luxo. A empresa era na época a Brascan, hoje a Brookfield Asset Management, que também construiu o luxuoso Condomínio Laranjeiras, a 5 km da Vila de Trindade. Posteriormente a empresa Cobrasinco fez acordo com os trindadeiros e escriturou suas propriedades na área por eles escolhida e a paz voltou a reinar. Nos anos 80, aventureiros vinham de toda parte para acampar nas praias paradisíacas. Desde 1990, grande parte da procura por Trindade vem do turismo. - Acesso em: 31 mar. 2018.

[com fotos da família], sem um guia de turismo, apenas com o desejo de conhecer um pouco da sua história (Figura 18). Embora a surpresa da visita não tenha sido agendada, fui bem recebido - na casa edificada em 2001, onde o trabalho de artesanato da comunidade fica exposto para venda - por duas senhoras quilombolas, mãe e filha, que auxiliam a comandar o quilombo, verdadeiras "guardiãs da memória". Em diálogo com elas, foi possível descobrir que a comunidade surgiu no final do século XIX com o fim do regime escravocrata. Período este, segundo o relato do Dr. Mário Moura Brasil do Amaral, até meados do século XX, em que só havia um homem negro morando no núcleo urbano, pois a maioria dos negros alforriados e suas famílias, que não haviam partido para outros lugares, estavam na fazenda da Independência, que devido à abolição, entrou em declínio econômico. Situação que [segundo alguns autores] levou o senhorio a transferir a sua propriedade para três mulheres da Casa Grande[131]: Vovó Antonica, Tia Marcelina e Vovó Luíza[132], que fomentaram a comunidade (MAIA, 2000). No Quilombo essa história é contada de modo diferente: que o senhorio em questão, simplesmente abandonou as terras e as pessoas que trabalhavam para ele. Ao longo desses anos a comunidade Quilombo Campinho da Independência se organizou socialmente, mantendo como base o regime matriarcal.

Figura 18 – Terminal Rodoviário de Paraty – Quilombo do Campinho da Independência



Fonte: Google Maps[133]

[131] Onde realizavam serviços privilegiados, tais como tecer, bordar e pentear para os brancos. Fonte: https://www.icmbio.gov.br/cairucu/visitacao/atrativos-culturais.html?start=1 - Acesso em: 16 mai. 2022.

[132] "Foram essas três mulheres que acolheram os outros libertos, dando início a "um grupo original de descendência escrava, com uma história própria e singular", segundo registrou a antropóloga Neuza Maria Mendes de Gusmão, que desde 1984 convive e luta por essa comunidade histórica, e foi a responsável pelo relatório sobre o antigo Mocambo, através da Fundação Cultural Palmares. (MAIA, 2000, p. 134).

[133] Fonte: https://encurtador.com.br/sAB79 - Acesso em: 3 set. 2023.

Passei horas agradáveis contemplando e fotografando a comunidade – com gente bonita, repletas de paz e energia e cheias de histórias para contar. Percebi o quanto os quilombolas da comunidade estão dispostos e atentos aos benefícios de um turismo cultural sustentável organizado, que mesmo com a "visita surpresa" demonstraram o quanto estão preparados para receber os visitantes. Elas não escondem a satisfação e o orgulho em relatar a conquista da comunidade quilombola: além do riquíssimo artesanato, feito com taboa, taquara e cipó, é produzido basicamente para a comercialização, o restaurante com a prática de uma culinária sustentável, *"experiência que temos na cozinha vem dos nossos ancestrais"* usando ao máximo os produtos da terra em pratos elaborados e feitos pela comunidade. Os turistas não são os únicos clientes, os moradores do município também frequentam o restaurante, inclusive em dias de semana. Dependendo do período do ano, o público muda, chegam grupos de alunos e professores, gente que vem ministrar cursos, oficinas etc. E os eventos culturais que acontecem no Centro Histórico em geral acabam refletindo no Quilombo.

5.2.4.1 - A fotografia como passaporte

Embora com uma certa reserva, a conversa fluía, enquanto narravam as suas histórias e demonstravam os seus artesanatos, até o momento que resolvi contar que havia nascido no bairro Caboclo. Por alguns segundos, um silêncio repleto de olhares surgiu, elas ficaram literalmente me escaneando. "Como assim, branco, alto, nascido no bairro Caboclo?" deveriam estar pensando. Foi necessário, para romper aquele breve silêncio, mostrar a elas no *tablet* duas fotos minhas com a "Dona Flor", minha mãe biológica, em dois momentos diferentes. A primeira foto de meados de 1980, documentada pelo meu irmão Júlio César no Morro Santana em Porto Alegre, no Estádio do Esporte Clube Cruzeiro, onde o meu pai trabalhava como zelador. A segunda, registrada pela minha irmã Elisabeth Maria, em 2004 no Parque Harmonia, situado no bairro Cidade Baixa da mesma cidade.

Quilombo - Os passaportes, 2018





A mudança do contexto foi instantânea, da desconfiança ou surpresa para a contemplação dos traços da minha mãe biológica, onde um estrangeiro talvez não conseguisse definir se tratar de uma mulher negra ou uma indígena. Para Sontag (1983, p. 16), "fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar, mas de que duvidamos, parece comprovado quando nos mostram uma foto". Bem, após o desconforto, surge o convite para sentar, tomar um café e desta forma as memórias de ambos os lados fluíram. Pela primeira vez vivenciou-se a função de "passaporte" que uma fotografia pode ter, nos ajudando a cruzar fronteiras.

> As imagens fotográficas possibilitam ampliar a visão do historiador, colocam em cena atores sociais em diferentes situações de atuação e permitem que se conheçam os cenários em que as atividades cotidianas desenvolvem-se, como também, a diversidade das articulações e das vivências dos atores sociais que atuaram em um determinado contexto sócio-cultural. (CANABARRO, 2005, p. 25).

Por esta perspectiva as fotografias articulam fragmentos de atitudes e comportamentos, resgatando momentos significativos do nosso passado. A memória coletiva e social do quilombo era o "passado preservado" daquelas duas senhoras e a soma da memória dos outros sujeitos da comunidade. Analisando o contexto do quilombo, pela perspectiva de Halbwachs (2006), onde a memória coletiva é compartida / transmitida pelo grupo, as recordações têm um importante significado para a comunidade.

Atualmente, o Quilombo não é só casa de sapê, aliás isto é o que menos se encontra, pois atualmente as casas são de alvenaria, com telhas de barro ou de fibrocimento. No cenário percebe-se que alguns dos seus moradores têm carro e têm antena via satélite de TV por assinatura. Isso ao mesmo tempo em que, sobre a pitoresca e nostálgica cerquinha de madeira, está aquela plaquinha de madeira anunciando que ali naquela casa "tem o picolé caseiro". O quilombo é organizado, tem associação, tem líderes, tem artesanato, oficinas que permitem o pesquisador e/ou turista vivenciar dos encantos que constituem um quilombo, os seus fazeres e saberes. Hoje, quase todos os moradores são descendentes das três irmãs que deram origem à comunidade. No ano de 1983, com a criação da área de Proteção Ambiental Cairuçu, que acabou incluindo a comunidade do Campinho, veio a proteger/conservar a natureza e esta população tradicional que ali já estavam estabelecidos (MAIA, 2000).

> Ao longo das décadas de 1960 e 1970, os quilombolas do Campinho da Independência enfrentaram uma acirrada disputa por suas terras. A construção da rodovia BR-101 (Rio - Santos), entre os anos de 1970 e 1973, trouxe a supervalorização da área em que se encontra a comunidade. Toda a região de Paraty passou a ser foco de interesse de empreendimentos turísticos, e, como consequência, grande parte da população tradicional foi expulsa de suas terras. Foi nessa ocasião que grileiros começaram a tentar se apossar das terras de Campinho. No entanto, a comunidade não aceitou essa expropriação e resistiu. Em 1994 os quilombolas de Campinho da Independência fundam a Associação de Moradores do Campinho (AMOC) e começam, então, a exigir a titulação coletiva de suas terras. Em março de 1999 a área da comunidade foi finalmente titulada coroando mais de 30 anos de luta pelo direito à sua terra.[134]

O Quilombo é um território de resistência. A forma de falar e de expressar das duas senhoras, o olhar envergonhado das crianças e o caminhar do velho quilombola que me remete ao caminhar do Seu Benedito, o "tio Dito" na fotografia de 1979 e a outras lembranças do meu bairro, o bairro Caboclo. Embora o sustento esteja garantido no lugar, conforme aponta a ICMBIO, muitos quilombolas precisam trabalhar nos condomínios de alto padrão localizados próximos à comunidade para completar a renda familiar. Geralmente, as mulheres como empregadas domésticas e os homens como caseiros. Desta forma, conforme relata o

[134] Fonte: https://www.icmbio.gov.br/cairucu/visitacao/atrativos-culturais.html?start=1 - Acesso em: 16 mai. 2022.

Instituto, o desafio constante da comunidade quilombola do Campinho, junto a sua Associação de Moradores é buscar alternativas de geração de renda que possam ser concebidas/produzidas através dos 287,94 hectares do seu próprio território.

O bairro Caboclo e o Quilombo do Campinho são unidos pela BR-101 a Rio-Santos, o bairro Caboclo situado no km 575 e Quilombo no km 584 em direção a Ubatuba, um pouco mais retirado do Centro Histórico Paratiense. Ambos têm em seus entornos o visual encantador da Mata Atlântica e entre Quilombo e o mar, encontra-se a Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, outro cenário paradisíaco. E o bairro Caboclo literalmente é um dos portais para o Parque Nacional da Serra da Bocaina. Estes dois territórios são carregados de memória e história, principalmente o Quilombo do Campinho, por ser o primeiro a conseguir legalizar as suas terras no Estado do Rio de Janeiro. A titulação[135], é o resultado da busca constante dessa comunidade tradicional, que passou a ter direito à propriedade de suas terras em 1999, no dia que marca o Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, "21 de março, data em que ganhou foros de quilombo" (FREIRE, 2012, p. 172). Em 1994 foi criada a Associação de Moradores do Quilombo do Campinho, AMOQC, que segundo as quilombolas assumiu um trabalho coletivo, hoje deveras atuante no seu foco voltado à sustentabilidade e geração de renda. Resultado esse da busca por manter vivos os seu valores, os seus patrimônios imateriais, os seus fazeres e saberes.

5.2.5 - A Trilha dos Guaianases

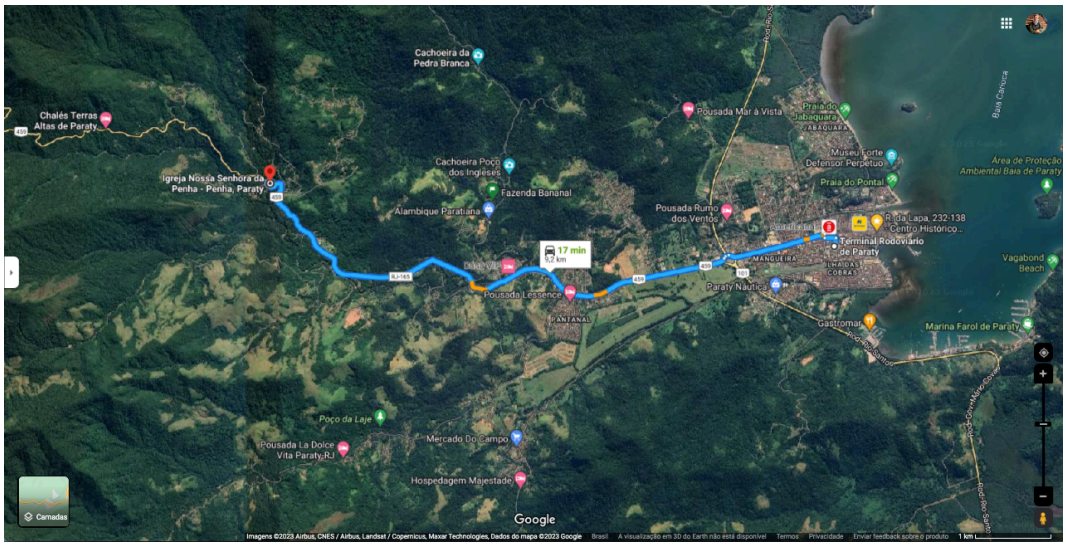
Um dia dedicado ao Caminho do Ouro. Com a presença do guia de turismo Gabriel Toledo, chegamos no bairro da Penha, para conhecermos o Caminho do Ouro ou Estrada Real (Figura 19). É assim, com esses dois nomes, que popularmente é conhecido esse trecho preservado em Paraty, embora eu simpatize mais com Trilha dos Guaianases[136]. Já na parada para a primeira foto, impressiona o estado de conservação da pavimentação, as pedras pé-de-moleque na sua grande maioria com um nivelamento bem superior ao do Centro Histórico. O bom estado das escadas confeccionadas de troncos de árvores, em alguns trechos a

[135] Essa titulação, entregue pela Vice-Governadora do Estado do Rio de Janeiro, Benedita da Silva, foi feita de forma coletiva, em nome da Associação dos Remanescentes, e em obediência às tradições culturais dessas populações. O ato foi enriquecido com a presença do Embaixador da Africa do Sul. (MAIA, 2003, p. 135).

[136] Embora a trilha usada pela nação dos Guaianás ou Guaiamimins - para ligar a aldeia de cima (no Vale do Rio Paraíba) à aldeia de baixo (Paraty) conhecida por suas praias de efeitos medicinais – seja conhecida/referenciada também por tantos outros nomes como: Estrada da Serra do Facão, Estrada Geral da Serra do Mar, Caminho Velho, Caminho da Serra eu optei em chama-la no máximo pelas três formas mais recorrentes: Trilha ou Trilhas Guainases, Caminho do Ouro ou Estrada Real.

pavimentação tem níveis diferentes, acredita-se que para escoamento d'água em dias de chuva intensa. Na beira da trilha em meio à Mata Atlântica é impactante ver a vegetação toda entremeada, bambus, samambaias, palmito juçara, bananeiras... É a natureza oferecendo desde o alimento até os materiais que são utilizados na confecção de artesanato e utensílios domésticos. São as sementes que não germinam e secam, podendo virar pulseiras e colares e os ramos do palmito juçara e as palhas secas da bananeira, artefatos decorativos, como jogo americano, esteirinhas / porta panela, esteira de praia, tapetinhos, cestas, etc.

Figura 19 – Terminal Rodoviário de Paraty – Caminho do Ouro



Fonte: Google Maps[137]

Com o passar das décadas as fortes raízes romperam a trilha em muitos pontos, assim como as erosões causadas pelas chuvas. Destacam-se pelo volume as pedras da vigia e pela quantidade os micos. O seu Américo, o guardião da trilha, procura manter tudo em equilíbrio.

Na mata a marca do tempo e da força da natureza estão pelo caminho, sejam nas grandes árvores caídas e/ou nas raízes que mudam a configuração das pedras pé-de-moleque. Algumas árvores caem, mas resistem lançando as suas raízes ao solo novamente e se não forem removidas continuam brotando novos galhos para o alto em busca da luz. Foram diversos os momentos em que me peguei indagando como podem, em longos trechos depois de séculos, ainda existirem tantas pedras tão bem colocadas e alinhadas, propiciando um calçamento mais nivelado como era o do Centro Histórico até meados da metade do século XX.

[137] Fonte: https://encurtador.com.br/ryP26 - Acesso em: 3 set. 2023.

A mata fechada é um refúgio para a vida selvagem, enquanto se observa pode estar sendo observado e seguido e nem perceber. É preciso ficar atento aos sinais. Em alguns momentos da trilha o movimento de alguns galhos provocavam o cair das folhas mais secas. Eram saguis que acompanhavam os nossos passos, do alto das árvores pulando de galho em galho. Estes pequeninos são originários do Nordeste e passam a viver em um ambiente que não é o deles, sendo vistos como invasores, pois, além de competir com outras espécies da região, tornaram-se predadores naturais da diversidade de pássaros de Paraty. Estes pequenos animais, como já consegui observar e fotografar, também são vistos constantemente pelas árvores dos bairros mais próximos das áreas de Mata Atlântica: bairro Caboclo, Portal das Artes, Caborê, mas alguns destes micos, por estarem em busca de alimento, chegam até as praças do Centro Histórico. Os saguis em Paraty, segundo alguns Guias de Turismo, podem ter sido vítimas do tráfico ilegal de animais silvestres no país [TOLEDO, 2018], acabando soltos em meio à Mata Atlântica, em fuga de uma intervenção policial, como é comum acontecer.

Caminhando e documentando este trecho da Estrada Real ou Caminho do Ouro, como Trilhas dos Guaianases e as cachoeiras próximas, fico a contemplar, quantas tribos indígenas já percorreram por esta trilha e banharam-se neste lugar em séculos passados. Hoje, alguns moradores desta região, já bem acostumados com o lugar, fazem exibições [em troca de algumas moedas] de como escorregar em pé pelas extensas pedras da cachoeira até chegar no seu final e cair em uma piscina natural.

O final do trecho recuperado e conservado da trilha, termina próximo das cachoeiras e da Igreja Nossa Senhora da Penha e do Alambique Engenho D'Ouro. Depois desse ponto uma boa parte já foi asfaltada ou segue paralela à estrada RJ165 – a Paraty-Cunha como é possível observar, antes mesmo de cruzar a estrada BR171 – a Rio-Santos, quando se está a caminho da malha urbana, a trilha, mas de chão batido, bem ao lado do asfalto, sinalizada pelos totens da Estrada Real (Figura 20). Há relatos dos moradores de que além do trecho aberto ao público existe mais outro, inclusive com as ruínas da Casa do Registro[138], onde era fiscalizado o deslocamento do ouro e de outros bens que vinham das minas para o Rio de Janeiro.

Guias e moradores, acreditam que desde 1600, começaram a surgir os primeiros alambiques em Paraty, tornando-se a mais importante região produtora de pinga no Brasil

[138] Carta Régia de 9 de maio de 1703 manda que se instale em Paraty, no alto da Serra do Facão, uma Casa do Registro do Ouro ou Casa de Quintar para controlar o fluxo do ouro da minas para o Rio de Janeiro e de pessoas e mercadorias no sentido oposto. – Fonte: https://paraty.com.br/cronologia-do-caminho-do-ouro/ - Acesso em: 07 mai. 2023.

Colônia. Desde meados de 1700, devido a sua qualidade, na Corte assim como na Colônia, uma dose de Paraty tornou-se sinônimo de aguardente, fato que perdurou até metade do século XX. Dos mais de 100 alambiques que operaram na cidade nesta época, hoje apenas 6 encontram-se ativos e abertos à visitação, com toda uma produção realizada de forma artesanal. E um deles está do outro lado da estrada Paraty-Cunha, em frente ao templo de Nossa Senhora da Penha: o Engenho D'Ouro. Para o meu olhar, a parte triste desta história é a cachaça ter servido de moeda de troca para trazer da África para o Brasil homens negros escravizados. Então, depois de literalmente fotografar cada metro quadrado do Caminho do Ouro, hora de retornar a cidade, pela estrada Paraty-Cunha.

Figura 20 – Mapa da Trilha dos Guaianases / Caminho do Ouro / Estrada Real



Fonte: http://www.institutoestradareal.com.br – Acesso em: 06 dez. 2020

Após chegarmos à Casa do Dharma resolvemos caminhar pelo calçadão do Caborê, rumo à Praia do Pontal para analisar a luz frente o suntuoso prédio da Santa Casa de Misericórdia de Paraty. Por fazer este trajeto repetidas vezes durante os últimos dias para se chegar na Rodoviária, no IPHAN, no IHAP ou em outras atividades no Centro Histórico, lembro que passei em vários momentos observando um casarão branco, estilo colonial, com um forte muro protegendo. Mas as condições nem sempre eram favoráveis para uma boa foto, geralmente era a luz que não me agradava e quando estava perfeita para mim, havia um ou mais veículos estacionados ou pessoas conversando na frente, até que uma certa manhã houve um sincronismo, a luz estava adequada, não havia carros e nem pessoas entre o muro e eu, finalmente fotografei, mas sem dar ênfase à casa e sim às grandes e fortes raízes de uma árvore que havia dominado o lugar. Parecia estar sentada sobre o muro, ouvindo as histórias que passavam na sua frente e disposta a contar muitas outras para quem ali por alguns minutos parasse.

O Rio Perequê-Açu, entre Caborê e Patitiba, parece uma Veneza sem as gôndolas, mas com muitos barcos e algumas poucas canoas caiçaras atracadas. Seguindo o calçadão, além da Ponte do Pontal confesso que sem planejamento e pretensão, tirei algumas fotos, buscando repetir [de memória] algumas composições capturadas em 1979, quando praticamente não havia barcos atracados junto a paisagem da Igreja Matriz e também da Capelinha das Dores.

Entre uma foto e outra, olho para o norte e percebo que a paisagem da Praia do Pontal não mudou muito se desconsideramos o número de quiosques, bares e restaurantes, mas lá na encosta continuam aquelas duas mesmas casas que eu fotografei em 1979, embora hoje uma delas seja um restaurante. O que recordo-me e sinto falta é de detalhes minúsculos deste cenário, na década de 70, é que havia em abundância espalhados pela areia da praia pequeninas conchas de formato espiral e cônicas, e hoje não as encontro mais.

No decorrer do meu processo, enquanto fotografo, experimento não só a harmonia do ambiente arquitetônico, mas também os aromas, a sonoridade da cidade do interior, os seus moradores, a agitação dos turistas e o aconchego da Mata Atlântica em seu entorno. O valor do conjunto de imagens produzido, está na possibilidade dele fazer recordar o período que se caminhava pelas ruas, sentindo o pulsar do Centro Histórico, ao mesmo tempo em que se escutava as conversas/as histórias dos seus sujeitos e dos estrangeiros em trânsito. Para Collier Jr. (1973, p. 34) "o valor da fotografia, nesta circunstância, é que ela oferece modos singulares de observar e descrever [uma] cultura, o que pode fornecer novas indicações para a significância das variáveis". Reforçando o pensamento de Collier Jr. (1973), Kossoy (2001, p.

74), afirma que “as fotografias, como todos os documentos, monumentos e objetos produzidos pelo homem, têm atrás de si uma história”. Nesse sentido, as experiências vivenciadas durante uma saída a campo são essenciais para captar / constatar uma série de resultados que instigam, após uma primeira análise, a retornar a campo no dia seguinte, com um foco mais apurado e objetivo procurando por respostas que ontem ficaram incompletas e que possam gerar novos desdobramentos para a pesquisa. Nessa perspectiva, como afirma Collier Jr. (1973, p. 49), “as ruas da cidade podem ser um laboratório prático para análise fotográfica de fenômenos sociais. Através de todas as inter-relações complexas da cultura urbana, o rastreamento fotográfico assume importância estatística na análise de massas humanas”.

Em volta da Praça da Matriz, a montagem do Paraty em Foco está em andamento, enquanto alguns estabelecimentos comerciais dão uma orquestrada em seus jardins internos. Enquanto isto, documento o Centro Histórico, que parece estar em permanente restauro. Na Rua do Comércio a artista caiçara Sueli com as suas aquarelas, no mesmo ponto em que eu a fotografei na primeira vez. Das memórias de 1991, lembro da localização da pousada onde fiquei na Rua da Lapa, quase chegando na Rua Patitiba, a Pousada Centro Histórico, mesmo sem ter certeza se é o mesmo lugar ou se já tinha esse nome, me faz recordar quando trouxe o meu filho Francesco para conhecer Paraty. Lembro que devido a uma forte chuva no Rio de Janeiro acabamos perdendo a reserva que havíamos feito em uma outra pousada localizada em frente a Praça da Matriz. O contratempo nos fez chegar depois do combinado, acredito que quase umas seis horas. Já era tarde da noite e um menino na porta do estabelecimento, acompanhando a situação, se ofereceu para nos levar até uma outra pousada, onde ele sabia te antemão que teria vaga. Recordo-me do casal que nos atendeu naquela noite chuvosa, numa época em que não havia celular, nem e-mail e muito menos *WhatsApp*. Na manhã seguinte, durante o café da manhã o mesmo casal que tomava conta do estabelecimento me observava bastante, até que o proprietário emocionado e meio sem jeito veio falar comigo, perguntando de onde eu era e quem eram os meus pais. Quando contei a ele a minha história, que era filho do Avelino e da Floripes que moravam no bairro Caboclo, os olhos desse senhor brilharam ao mesmo tempo em que ele puxou a esposa para mais perto e disse para ela: “eu sabia ele é filho do Puf!” Abraçado com a esposa ainda com os olhos brilhando e com um sorriso trêmulo comentou: “Você é igualzinho ao Puf, quando o irmão dele levou todos vocês embora para o Sul, em uma kombi”. Ele narrava em detalhes a despedida, como se o momento houvesse acontecido coisa de poucos meses atrás... E completou: “éramos bons amigos! O seu pai era um grande jogador de futebol, todos disputavam ele na hora da escalação dos times”.

Eu já havia visto fotos do meu pai biológico trabalhando no Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre e até ouvido falar que gostava muito de futebol, mas não lembrava ou desconhecia o tamanho do seu talento. Pela perspectiva de Halbwachs (2006), a memória é coletiva. Não há memória que seja puramente individual. E as narrativas das recordações desse senhor se formou a partir de uma situação social fornecida, ou seja, com a minha presença naquele lugar, a sua pousada.

Indiferente se o dia está ensolarado ou nublado, artistas e artesãos se distribuem pela Rua do Comércio, e para alguns é a forma de aumentar a renda da família enquanto para outros é vital estar no Centro Histórico, pois trata-se do seu único meio de sobrevivência. Na rua observa-se também que hoje a diversidade religiosa se faz mais presente em Paraty, inclusive no Centro Histórico, onde embora os templos sejam católicos, há um centro Seicho-No-Ie e esporadicamente um grupo que caminha pelas ruas entoando os seus mantras e vendendo a sua literatura. Além das correntes do Centro Histórico, em bairros próximos existem centros espíritas Kardecistas e de Umbanda e Candomblé, assim como um bom número de igrejas evangélicas. Na zona rural ou vilas mais distantes há outros templos católicos e de outras linhas, inclusive um Santuário Espiritual em meio à Mata Atlântica, o Eco Vila de Goura Vrindávana, situado nas montanhas de Paraty, no Sertão Indaitiba em Graúna.

Há três livrarias no Centro Histórico, onde em duas é possível saborear um delicioso café e uma boa leitura com obras sobre a cidade, festas, cachaça, caminho do ouro e tantos outros temas que Paraty proporciona. Após algumas caminhadas e contemplações, não é exagero dizer que o Centro Histórico está em constante movimento e manutenção, pois ainda não houve uma saída a campo que eu não me deparasse com um restauro de fachada, telhado, muro ou reformas internas de edificações residenciais, comerciais ou públicas. E sobre livros raros, tive a oportunidade de usar o espaço de estudos da Biblioteca Municipal Fabio Villaboim, um ambiente para leitura e trabalho, pensado justo para as pessoas que precisam escrever artigos científicos e desenvolver teses acadêmicas. Este foi o momento em que tive acesso a algumas obras da sua "Coleção Paratiana", entre elas, o único exemplar dedicado a presença da Maçonaria na cidade, de autoria do memorialista paratiense Diuner Mello.

No lado sul, antes de chegar no Cais do Porto, encontra-se o antigo Mercado de Peixe, hoje espaço destinado aos artesãos e que em ocasiões especiais funciona até o anoitecer. No lado norte, no terreno ao lado da Igreja Matriz, que desde a segunda metade do século XX virou um espaço multiuso e inclusive estacionamento quando não há nenhum evento programado, situavam-se os casarios que ruíram e que antes formavam, segundo alguns

memorialistas, a 33ª quadra. Foram uns dos poucos e raros casarios que não foram reerguidos, e um deles era o único com três andares na cidade.

Ao longo desta saída a campo, caminhando pelos quatro cantos do Centro Histórico, encontrei casas fechadas no período da manhã, tarde e noite, às vezes de domingo a domingo. Alguns dos novos proprietários veranistas raramente aparecem. Em períodos de grandes eventos até se consegue ver mais imóveis com vida no seu interior. Alguns possuem residência em Paraty, mas também em Mangaratiba (RJ), Angra dos Reis (RJ), Ubatuba (SP), etc. São verdadeiros colecionadores de vazios, pois parece que poucos se preocupam com a alma do lugar.

Geralmente final de tarde, no transitar do crepúsculo, alguns moradores, paratienses e paratianos, aproveitam o apaziguar do sol para caminhar pelo Centro Histórico, encontrar e prosear com os amigos, vizinhos e parentes. Até onde presenciei, todos se conhecem pelo nome e sobrenome e se você diz que é paratiense, torna-se conhecido também, mas lógico que não falta a clássica pergunta: *...filho de quem? ...que família?* Em um destes finais de tarde, contemplando a prosa alheia, pela primeira vez avistei a trupe do Paraty Pedagógico preparando-se para entrar em ação, divertindo o público ao mesmo tempo que compartilhavam as histórias e memórias da cidade.

No avançar da noite aproveito para olhar e retratar pela última vez as fotografias na praça, pois chegava ao fim a edição do Festival Internacional de Fotografia. Mesmo à noite é possível perceber algumas portas remanescentes de garagens, do tempo em que era permitida a entrada de veículos no Centro Histórico. A cidade está lotada e os restaurantes também. Geralmente são de quinta à sábado as noites de mais movimento, e é quando há uma maior concentração de artistas e artesãos espalhados pelo Centro Histórico, principalmente ao longo da Rua do Comércio. Ao retratar o movimento das ruas e os artesãos à noite, procurei conservar nos registros a mesma luminosidade que eu presenciava no momento, corrigindo o mínimo possível as sombras captadas no ato do clique com uma pós-produção.

Indo para a Casa do Dharma repousar encontro pelo caminho, na calçada dos fundos da Igreja da Matriz, na última quadra da referida rua, o jovem Itemberg, um caiçara da Praia do Sono, filho de pescador, que nas noites de maior movimento vem para o Centro Histórico vender o artesanato típico da sua cultura: réplicas, em tamanhos diversos, da canoa caiçara e outros modelos de barcos e balões. Confessou que os balões feitos com porongo, miniaturas coloridas de balões dirigíveis, com direito a cesta de vime para a tripulação, produzidos também em grande escala e diferentes tamanhos, não fazem parte da cultura caiçara. Foi uma encomenda especial de uma comerciante local, para um evento ocorrido anos atrás e o

produto deu tão certo que ele nunca mais parou de produzir. Agregou a sua produção os balões individuais em três tamanhos ou em formato de móbile. Os barcos e os balões, emoldurados pela escuridão da noite, ganham brilho e têm a beleza do seu colorido ressaltado, quando Itemberg liga sobre a sua arte uma luminária de LED a bateria. Nesta noite ele foi um dos poucos caiçaras encontrados trabalhando na Rua do Comércio. O artesão contou que herdou do seu pai o ofício de fazer canoas caiçaras em miniatura. Ao observar a qualidade dos barquinhos e balões, diz ser resultado de muita atenção e contemplação, ao ver o pai trabalhando. E que a aprendizagem aconteceu através de um processo contínuo, com acertos e erros, repetições que o levaram ao aprimoramento.

No final da jornada, contemplando todas as histórias dos sujeitos agora conhecidos, a que mais marcou foi a do senhor Hugo, um testemunho da heterogeneidade das culturas nacionais no contexto das Américas. Em um primeiro momento, com o olhar do estereótipo, depois, percebendo que trata-se de estrangeiro ajustado, reorganizado, onde a sua vida hoje tem um novo sentido, vivenciando um entre-lugar ou, segundo H.K. Bhabha (1998), um espaço novo, intersticial. O seu corpo, mente e coração vivem uma vida que tem um novo sentido e que não é originalmente a sua, pois a sua, de argentino, não mais lhe pertence. As novas impressões sobre a cidade, a paisagem cultural da Vila de Trindade, a história do seu Hugo me inspiraram nesse período a iniciar a escrita de "PARATY: ENTRE CICLOS E LUGARES"[139]. Um artigo publicado em 2019, onde discuto um pouco mais sobre a ideia de entre-lugar ou de espaço intersticial, conceitos que tornam-se férteis para se desenhar as fronteiras borradas da cidade de Paraty e de seus moradores.

[139] Artigo – "PARATY: ENTRE CICLOS E LUGARES" - Revista Memória e Linguagens Culturais – Volume 15 – https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/e6babe859f88dc416eee195900c56739.pdf - Universidade La Salle - 2019.

Paraty | Centro Histórico e Caborê, Set. 2018
















PARATY
Centro
Histórico










































Vila de Trindade, Set. 2018







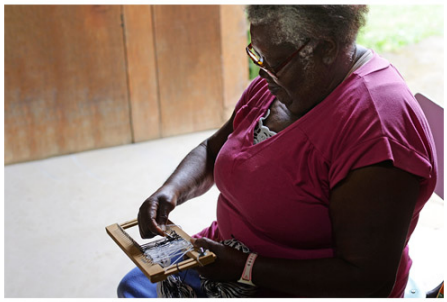








Quilombo Campinho da Independência, Set. 2018

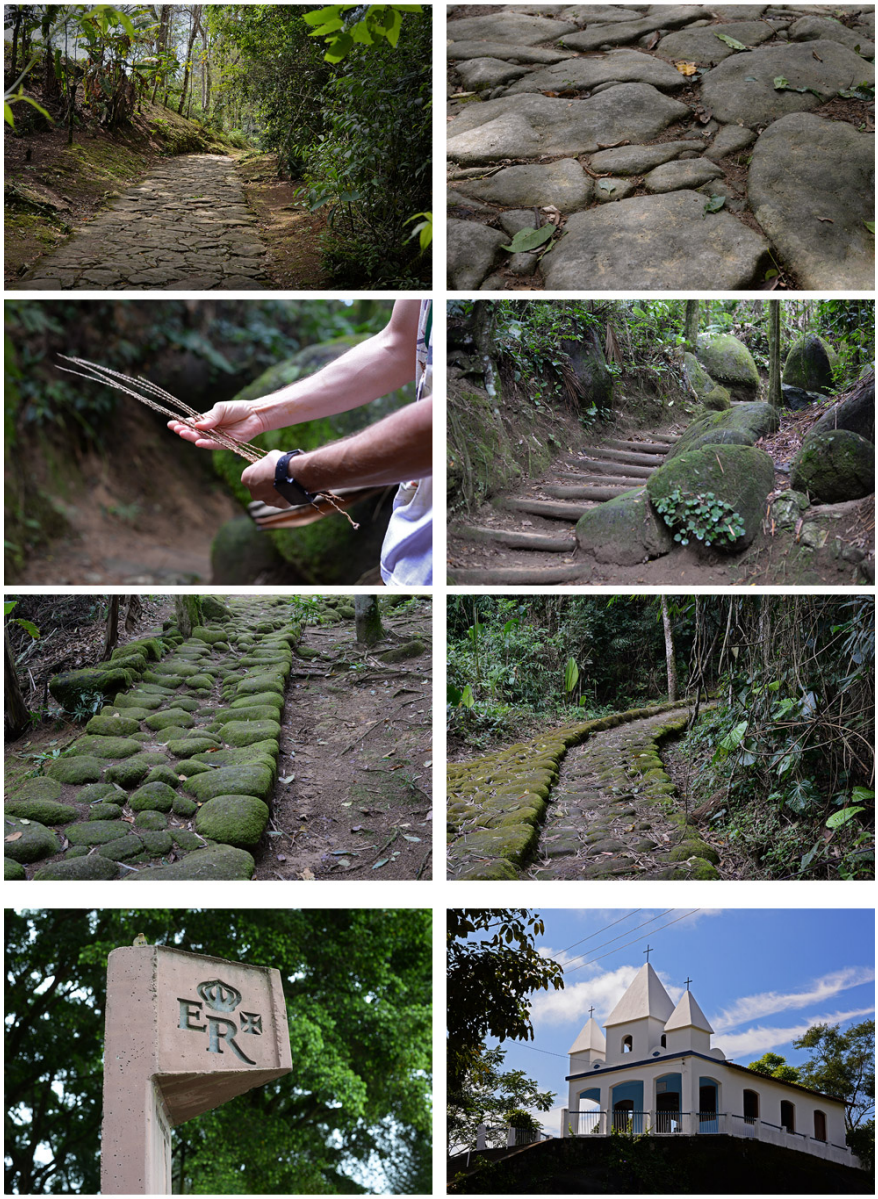









A Trilha dos Guaianases, Set. 2018



5.2.6 - #mochilapronta em Set. 2018

Antes de fechar a mochila para partir, fazer as últimas anotações no meu primeiro diário de campo, reservei um tempo para fotografar o Pedro, o cão dos nossos anfitriões, e também eles e mais o Geraldo, um *chef* vegano que estava hospedado na Casa do *Dharma* e que preparou um delicioso almoço vegano, nossa última refeição daquela saída a campo. Na partida observo da janela do ônibus algumas ruas da área urbana ainda serem de chão batido como muitas outras eram em 1979. Ao cruzar a ponte sobre o Rio Matheus Nunes bate aquela sensação de despedida ou de até breve.

Bastidores, Set. 2018

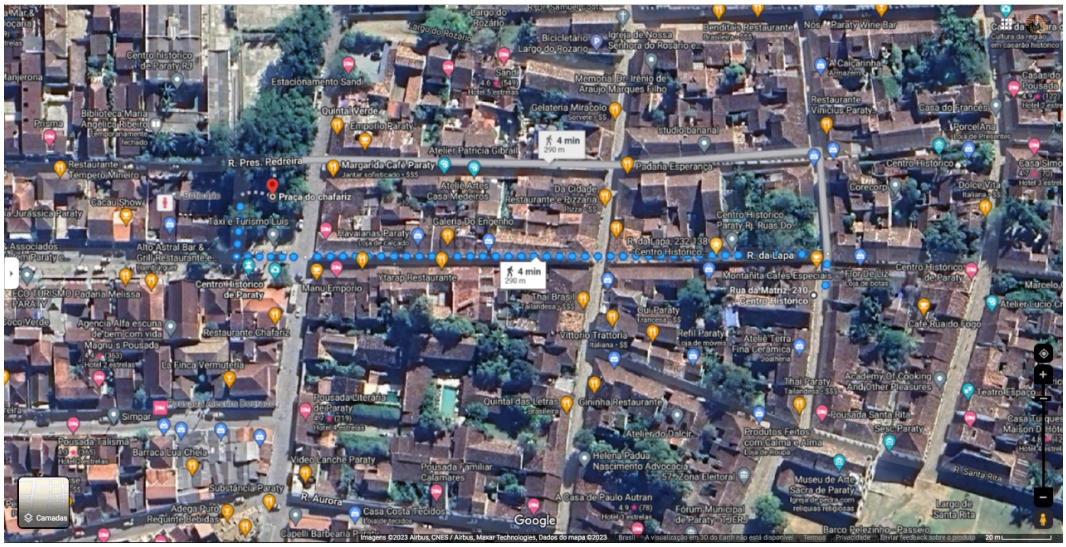




5.3 - Saída de Campo 2 | Paraty, 16 à 23 Setembro 2019

A hospedagem aconteceu via uma plataforma de locação, na Rua da Matriz, 210, em uma casa que pertencente a uma família mineira, Marcia Toledo (mãe) e Gabriel Toledo Pires (filho), o guia de turismo, natural de Belo Horizonte que me conduziu no Caminho do Ouro e no bairro Caboclo em 2018 (Figura 21). A sua irmã, a paratiense Samia Toledo Klink, fez as honras de anfitriã, me aguardando na soleira com as chaves da propriedade. Samia trabalha como psicóloga na Prefeitura Municipal de Paraty. Desta vez a hospedagem foi além da Praça do Chafariz, o meu ponto de referência nas últimas viagens. Foi dentro do Centro Histórico.

Figura 21 – Rua da Matriz, 210 - Praça do Chafariz / Centro Histórico



Fonte: Google Maps[140]

A escolha ou decisão de investir em se hospedar no Centro Histórico, deu-se porque o pré-roteiro para essa saída a campo estava concentrado em algumas atividades do Paraty em Foco e no processo de entrevistas/conversas, uma delas com o próprio Gabriel Toledo, paratiano desde meados de 1990 e Amaury Barbosa, diretor voluntário do IHAP – Instituto Histórico e Artístico de Paraty. Também paratiano, há mais de quarenta anos.

Em um momento que a humanidade se torna cada vez mais nômade, "MIGRAÇÕES" foi o tema do Festival Internacional de Fotografia de 2019. E a fotógrafa documental suíça Claudia Andujar (1931) foi a homenageada dessa 15ª edição. Após perder grande parte de sua família na Segunda Guerra Mundial ela chegou em terras brasileiras, em 1955[141]. Assim que se estabeleceu, Andujar, sentiu-se atraída pelo modo de vida e as lutas dos povos indígenas, que desde então já sofriam um extermínio lento, com a constante migração do homem branco, o avanço do desmatamento e da grilagem, da mineração, das madeireiras e do agronegócio. Sua impactante obra documental é um alerta constante em combate a essa condição. Nesta mesma edição, outras duas personalidades que também escolheram o Brasil para viver estiveram presentes no evento foram, o já citado, Emídio Luisi, italiano, que vive em São Paulo e Orlando Azevedo (1949), português da Ilha Terceira dos Açores, que vive em Curitiba, desde 1963. Ambos desenvolvem trabalhos como fotógrafos documentaristas e pesquisadores das migrações e imigrações e da multiplicidade étnica e cultural no território brasileiro. Esta edição do PEF contou com a participação do talentoso fotógrafo brasileiro

[140] Fonte: https://encurtador.com.br/alrF3 - Acesso em: 2 set. 2023.
[141] Fonte: https://www.pefparatyemfoco.com.br/2019 - Acesso em 30 abr. 2023.

Januário Garcia (1943), o qual tive a satisfação de conhecer e retratar. Um ícone, um bravo militante do movimento negro. Atuou em mais de um segmento da fotografia, mas o que mais me impactou do trabalho que apresentou foi a documentação de afrodescendentes em diversos meios: social, político, cultural e econômico. A sua forma de atuar contra o racismo, era participar de espaços onde o foco fosse a memória, a arte e a cultura do povo negro[142]. Embora nesta edição a Galeria Zoom já não existisse fisicamente, continuava na concretização do PEF, buscando na sua 15ª Edição, "afirmar-se como "um evento para todos os olhares", dando espaço assim às várias vertentes da expressão fotográfica"[143].

5.3.1 - #diariodecampo em Set. 2019

Com uma inspiração etnográfica, troquei o *tablet* por um mini gravador e permaneci usando a objetiva fixa de uso comum, como mencionei: a AF-S NIKKOR 50mm 1:1.8 G, pois além da leveza, me permite uma aproximação maior do artefato ou sujeito retratado ao mesmo tempo que evita grandes distorções. Para Guran (1992), as objetivas de uso comum podem ser divididas em três grupos: normal, grande angular ou tele; existem também as micro [ou macro], específicas para fotografar fragmentos e pequenos artefatos a uma distância muito curta. Guran (1992, p. 47) enfatiza que "em todo o processo de realização de uma fotografia, a escolha do momento é o ponto de maior liberdade do fotógrafo". E o discernimento que a decisão do clique depende só dele, não pode haver interferência do equipamento, luminosidade, intempéries ou qualquer outra limitação. E para melhor aproveitarmos "o momento de liberdade" na hora de um clique, conhecer e ter domínio sobre o nosso equipamento é fundamental.

O subtítulo para essa saída a campo poderia ser: O ITALIANO LUISI E O MARACATU. Já havia reservado onde ficaria hospedado e as passagens de ida e volta, quando na véspera observei na programação completa da 15ª edição do PEF, a presença de Emídio Luisi, um dos italianos que eu conheci em texto sobre Fotografia Documental (etnofotografia e fotoetnografia) e que inspiraram o artigo/relatório da primeira disciplina que cursei ainda como aluno especial e que gerou a proposta/projeto para este trabalho. E na última noite, atraído pela percussão que ecoava pelas ruas do Centro Histórico o encontro, na esquina da Rua do Comércio com a do Rosário, com o cortejo do maracatu.

[142] Fonte: 15ª Edição do Paraty em Foco.
[143] Fonte: PEFPARATYEMFOCO.COM.BR – Acesso em: 07 jun. 2023.

Rua da Matriz, 210, foi neste endereço que por alguns dias fui vizinho de porta do jornalista e apresentador de telejornais, o paulista Boris Casoy. Em século passado a minha referência seria: estou hospedado na Rua da Matriz, na casa de porta verde escuro, com batentes verde claro ao lado da casa de porta e janela amarela, com batentes verdes. Na esquina tem o café mais cheiroso de toda cidade, não tem como errar. Além dos lugares internos em mesinhas e cadeiras na rua [embora me cause um estranhamento] são um convite para sentar e saborear o café e a cidade.

Saindo da casa, no final da rua à direita, é possível avistar a lateral direita da Igreja Santa Rita e uma das seis Portas da Paixão. Na esquina esquerda um café... e, em frente, uma das casas que quebram a harmonia do conjunto colonial, pois suas fachadas foram edificadas toda com tijolos à vista. A rua ao lado, que faz esquina, trata-se da Rua da Lapa, atualmente uma das mais movimentadas do Centro Histórico, principalmente durante o dia, que por ficar de frente para a Avenida Roberto Silveira tornou-se um corredor de acesso para a Rua do Comércio, assim como para outras ruas e principalmente para os trabalhadores e turistas chegarem até o Cais do Porto. A Rua da Lapa leva também à Rua do Fogo, uma pequena travessa, a preferida pelos moradores e turistas, de dia pelas cores da vegetação que foi crescendo em frente algumas edificações e a noite pelo clima de mistério que a envolve, devido as histórias do seu passado. Histórias e causos, com duas versões, coisa que aprendi ser comum em Paraty. As Ruas com dois nomes, os casarios com duas numerações e as histórias e causos com duas ou mais versões.

Ao longo da Rua da Matriz [e em outras também], turistas inspirados por alguns moradores, sentam na frente das pousadas e ficam conversando e observando outros turistas realizando um *city tour*. Os guias de turismo aproveitam os períodos das festas e dos festivais para atenderem manhã, tarde e noite. No caminhar pelo Centro Histórico inevitavelmente ouve-se de guias e também de professores de educação patrimonial, o início ou fragmento da história: que "os primeiros habitantes foram os indígenas Guaianás ou Guaianases, foram eles que abriram a trilha [ou as trilhas, dirão alguns] que ligavam o mar ao vale do Paraíba", outros vão ir mais além, contarão também que "depois foram os Tamoios e os Tupinambás" e que relato similar, para quem procura saber mais, poderá ser encontrado na obra "História verdadeira e descrição de um país de selvagens…", escrito em 1557, pelo mercenário alemão Hans Staden[144]. Mesmo com estes apontamentos, de quinta a domingo, para quem prefere um caminhar mais tranquilo [ou que tem pressa] e quer fugir do frenesi da Rua do Comércio, a

[144] STADEN, H. Duas viagens ao Brasil. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 9.

Rua da Matriz é uma ótima escolha para se caminhar de ponta a ponta do Centro Histórico. Na Rua da Lapa, Rosário, Cadeia e do Comércio as cachaçarias de portas abertas, são um convite à visitação, mesmo para quem não bebe, só para apreciar o ambiente, a decoração, as cores e os aromas já será uma experiência que ficará na memória, sobre uma referência da história da cidade.

Embora acordar às 6h - 6:30h faça parte da rotina, acordar mais cedo em Paraty e poder sentir no silêncio das ruas e nos primeiros raios de sol – ou mesmo nas gotas de chuva – a energia do lugar, também torna-se rotineiro. Os primeiros trabalhadores cruzam o Centro Histórico, a grande maioria no sentido do Bairro da Ilha das Cobras para o Bairro e Praia do Pontal ou Cais do Porto. Às 7:30 Mecarelli e o seu amigo e colega Danilo Peres cruzam a ponte sobre o Rio Perequê-Açu. Para quem está nos bastidores do Festival o dia começa bem mais cedo.

Nesta saída a campo, com o intuito de ampliar os meus conhecimentos em fotografia e memória, foi o momento de conhecer o carioca Andreas Valentin[145] e o italiano Emídio Luisi. Com Valentin participei do *workshop* [RE]MEMÓRIA e com Luisi do *workshop* A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DO INSTANTE TRANSITÓRIO. Luisi, a quem continuo mencionando em outros momentos desta tese, trabalhou como assistente para outro italiano, Sandro Spini, arquiteto e fotógrafo, que por meio do Museu de Imagem e do Som de São Paulo (MIS) e o Instituto Italiano de Cultura; ministrou em 1982, um curso de um ano de duração sobre etnofotografia. A atividade proposta durante o *workshop* por Emídio Luisi foi de documentar a paisagem da Rua do Comércio, onde optamos em começar pela ponte que cruza o Rio Perequê-Açu até o outro extremo da cidade.

Após o café preto da manhã com bolo de milho e alguns grãos, outro caminhar rápido até o Cais do Porto. Antes dos primeiros compromissos, o café com bolo ajuda a pensar sobre os fotógrafos documentais que conheci no dia anterior. O movimento do Cais próximo das 8:30 é calmo, como relatei nas primeiras saídas, e atualmente em frente à Igreja Santa Rita é mais turístico, então o ir e vir sobre o trapiche é de funcionários reabastecendo as embarcações, ao contrário dos carrinhos de outros cais que neste horário ou até bem mais cedo chegam repletos de peixe. Antes de se chegar no trapiche, ainda no calçamento de pé-de-moleque, do lado esquerdo as barracas de produtos artesanais e vestuário / moda praia já estão sendo organizados. Do ir e vir no trapiche escuto aquela presença caiçara, na área das

[145] Pós-doutorado no Instituto de História da Arte da Freie Universität Berlin. Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fotógrafo, escritor e pesquisador. Documentou e pesquisou a Amazônia durante quinze anos, resultando num banco de imagens com mais de vinte mil fotografias. Fonte: https://www.ppgartes.uerj.br/andreas-valentin/ - Acesso em: 24 abr. 2023.

barracas, um espanhol, argentino ou uruguaio talvez. Só não identifiquei se o sotaque era dos turistas ou dos proprietários. Quase na margem da prainha Terra Nova, uma vez que outra, tem algum viajante com uma kombi estacionada na areia. Geralmente chegam de madrugada e sem conhecerem as regras da cidade, por ali tentam se estabelecer com os seus veículos, e há inclusive andarilhos com as suas barracas. Caminhando até o extremo da praínha, passando o mangue, é possível avistar a Igreja da Nossa Senhora das Dores, a Capelinha das Dores. Este cenário é um dos cartões postais da cidade, e mesmo em dias nublados e com garoa tem a sua beleza.

Entre o mar e o bairro Caboclo existe o bairro e a praia Jabaquara. Este lugar estava na lembrança de alguns dos meus colaboradores entrevistados sobre o bairro Caboclo. Jabaquara sempre foi o caminho mais curto para se chegar ao mar, fosse para pescar, fosse para banhar-se. E não foi apenas para fazer ou refazer os passos dos meus ancestrais que fui até Jabaquara, estava também ansioso por ver pessoalmente alguns lugares que estavam sendo destruídos pelo avanço da especulação imobiliária. Avanço este em que, pelos relatos dos moradores [tanto no contato pessoal como no virtual], infelizmente, nenhuma parte do mangue foi poupado.

O bairro é repleto de pousadas e campings e o mar de Jabaquara é calmo, em parte por ter a sua frente a Ilha dos Pássaros que quebra a força das ondas que chegam na Baía Carioca. E pude experimentar, contornando a referida ilha remando e sentindo a diferença das ondas para o mar aberto. No caminho, ao contornar a ilha, passei por três jovens caiçaras em suas canoas, dois deles em pé sobre as embarcações recolhendo a rede do mar. Para os caiçaras a pesca de canoa é uma prática tradicional, herdada dos seus ancestrais. Um momento que requer força e equilíbrio.

Centro Histórico, Set. 2019






TEMOS
DOSES DE
CACHAÇA


197
Saberes
PARATI
26
309
Pains
&
Chaires
8
384
La pousada
Arte Colonial
59
292
VENDO

Centro Histórico, Set. 2019
O Festival Internacional de Fotografia



A maré alta e a prainha Terra Nova, Set. 2019



O Rio Perequê-Açu, Set. 2019



Pontal, Set. 2019



Cemitério, Set. 2019



Jabaquara, Set. 2019



Centro Histórico | Noite, Set. 2019



Maracatu, 2019



5.3.2 - Caminhar e contemplar com o mestre italiano

O *workshop* estendeu-se até o final da tarde. O fotógrafo italiano Emidio Luisi, que através de uma metodologia inspirada na etnofotografia de Spini (1982), nos guiou incentivando a produção de uma narrativa que valorizasse não apenas a composição das imagens mas também e principalmente o tema proposto. Algo que esteve em questão foi a organização das fotografias após o término da saída a campo. A recomendação de separar as fotografias em pastas por assuntos/temas e não apenas pela data do dia [como eu vinha fazendo nas primeiras saídas a campo], embora mais trabalhoso e exigir mais tempo, compensa na hora em que preciso fazer uma busca. Isso facilita o trabalho que vem depois, no processo de edição, onde é possível construir uma narrativa de forma mais profícua e de forma a sustentar a leitura de inspiração etnográfica proposta para a atividade. Henri Cartier-Bresson (2004, p. 25), com o seu dom contemplativo, já afirmava que "a composição deve ser uma de nossas preocupações constantes, mas no momento de fotografar ela só pode ser intuitiva, pois estamos às voltas com instantes fugidios em que as relações são instáveis". Este processo vai na direção oposta ao que foi profetizado por Bresson (2004): que um dia venderiam os esquemas da "seção áurea" gravados nos equipamentos fotográficos. E embora hoje seja possível encontrar inclusive nas câmeras dos celulares e *tablets* a opção de visualizar ou não os tais esquemas para facilitar a composição, ainda acredito na intuição, mente/coração, na hora de apertar o botão do obturador.

Diante de todos os parâmetros da técnica fotográfica, lembrando o artigo de Boni e Moreschi (2007), que reforça o pensamento de Collier Jr. (1973), quando ambos concordam o quanto é relevante levarmos em conta o conhecimento pessoal do pesquisador sobre as técnicas fotográficas. O transitar pelo Centro Histórico durante as saídas a campo, em diferentes períodos do ano, por exemplo, me possibilitou uma melhor observação e sintonia com a diversidade do meio ambiente nas diferentes horas do dia de uma cidade com clima tropical.

Quando nos propomos a fazer uma saída a campo coletiva para documentar um tema planejado, foco e determinação são fundamentais. Segundo Guran (1991, p. 43), assim como "uma mesma cena se organiza, se desorganiza e se reorganiza sucessivamente, sempre de forma diferente", algumas eventualidades foram "organizadas, reorganizadas" e imortalizadas por mais de um olhar, e eventualmente por outra estética. E, mesmo para quem já conhece grande parte dos sujeitos que atuam no Centro Histórico, um caminhar pela Rua do Comércio acaba apresentando novidades. E neste caminhar não foi diferente: por volta das 10:30,

quando ainda na Ponte do Pontal cruzei com duas lindas menininhas negras / duas gêmeas, embora estivessem tímidas posicionaram-se frente a minha câmera aguardando que as retratassem. Era bem no meu ponto de partida, a ponte que cruza o Rio Perequê-Açu e que serve de entrada para a Rua do Comércio. E mesmo com a necessidade de foco para a pesquisa, eventualmente, não há como negar um pedido assim. Após as gêmeas serem fotografadas, quase que simultaneamente, um grupo de sete extrovertidos motociclistas, que ao me observarem trabalhando com a câmera fotográfica – também pediram para serem fotografados sobre a ponte, com a Rua do Comércio ao fundo em perspectiva [fotografias que acabaram entrando para a minha narrativa e também na lista das "fotos pedidas", como se refere Pedro Vasquez (2020).

Neste dia atípico chegaram a indagar-me se depois de fotografar já seria possível imprimir e entregar a foto na hora. Após capturar as fotografias na ponte, alguns passos mais, na primeira quadra, no momento em que eu começava a acompanhar a conversa do Daniel, proprietário de uma Kombi transformada em livraria, a "Sebo Cultural Paraty", com uma gentil senhorinha e mais três clientes, todos conversando no entorno do veículo. A carismática senhorinha, trajando um vestido em tons de azul com pequenos grafismos em rosa, ao perceber a câmera na minha mão, também solicitou para ser fotografada, bem no seu ponto favorito, na lateral da velha Kombi [outra "foto pedida"]. Por estes felizes e contagiantes imprevistos, que inicio essa narrativa com essa série de três "fotos pedidas" (VÁSQUEZ, 2020).

Ao fotografar o proprietário do Sebo Cultural Paraty escutava-se a conversa sobre como estava complicado manter um negócio diante da situação econômica do país, sendo possível observar nos seus olhos e em sua fala a paixão que confundia-se hora com trabalho, hora com hobby. Creio que ele não se encaixe no pensamento de Albornoz (1999, p. 98) quando este afirma que "há quem julgue o trabalho como um dever".

A Rua do Comércio literalmente funciona em turnos: nas primeiras horas da manhã você vai ver circular por ela os garis da prefeitura trabalhando, os catadores de latinha revirando as lixeiras, trabalhadores e muitos estudantes, sendo que os menores são acompanhados por seus pais. Todos em passos largos, driblando sempre o calçamento irregular do Centro Histórico. Os pequeninos transportam em suas mochilas os seus "deveres escolares (...) a serem verificados pelos professores", podendo-se dizer, pelo olhar de Albornoz (1999, p. 9), que eles já relacionam "deveres" com "trabalho". Depois da metade da manhã moradores e turistas transitam, cada um no seu tempo, na sua velocidade.

Após algumas profícuas interrupções, consegue-se retornar à caminhada. E logo ao sair do sebo caminha-se por uma pequena praça, nos fundos da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Remédios e contempla-se um novo artesão sentado no banco da praça. Puxei a conversa, e ele gentilmente passa a explicar que o seu ofício era produzir bonecos *cosplay*. Em breve conversa esclarece que não é de Paraty, trata-se de um artista andarilho, vindo do Paraná, que estava de passagem e inclusive precisava retornar logo para entregar uma encomenda - "um personagem *cosplay* em escala natural". Para alguns sujeitos, os primeiros trabalhos surgem ainda na infância em casa e depois na escola com a orientação dos professores. No início da infância brincar poderia ser fruto de trabalho, muito trabalho. E produzir bonecos / cosplay, vai neste sentido - aquele artefato que outrora era brinquedo, hoje é trabalho.

Entre um pausa e outra para uma conversa, explicar quem você é e saber quem o outro é, as horas voam, quando se vê, as mesas e cadeiras em frente alguns restaurantes já estão organizadas para o almoço. Na proximidade da Igreja do Rosário, logo após passar a Rua da Cadeia, começa a ter uma concentração de turistas e por todo o caminho notam-se as tradicionais bicicletas. Prosseguindo com a caminhada, chega-se na esquina da Rua do Rosário, onde vem passando e para na minha frente o bem humorado fotógrafo Andreas Valentin, posando e simulando não estar vendo a minha câmera. Valentin, me fez recordar Barthes (2013): "a partir do momento em que se sente olhado pela objetiva, tudo muda: prepara-se para a pose, fabrica instantaneamente um outro corpo, metamorfoseia-se antecipadamente em imagem" (BARTHES, 2013, p. 18-19). Assim como Barthes (2013), percebo a transformação, que o ato fotográfico pode fazer gerar um novo corpo quando se percebe a presença da câmera.

Esse é o ponto de maior movimento da Rua do Comércio, esquina com a Rua do Rosário em frente à Igreja do Rosário onde costumam se aglomerar vários artistas de rua, músicos e artesãos. Percebo, nas imediações da Igreja, no chamado Largo do Rosário, uma leveza, uma alegria. Embora exista a necessidade de marcar o espaço para poder exercer o seu trabalho, a relação entre os artistas parece ser tranquila, de modo que "numa sociedade feliz, sem classes, o objetivo supremo não será mais o rendimento, o desempenho, mas a criação" (ALBORNOZ, 1999, p. 98). Esclareço que na Rua do Rosário, assim como na Rua do Comércio, concentram-se vários restaurantes, um verdadeiro polo gastronômico que traz muito trânsito de pessoas que podem adquirir os produtos expostos no local.

Neste ponto, em outras saídas a campo, encontrei Jacqueline Guimarães, uma jovem caiçara, artista, pintora com os seus quadros e cartões pintados com aquarela que, ao contrário

do artesão da Praia do Sono, está praticamente todas as tardes e noites na Rua do Comércio e geralmente sentada sobre uma colcha estampada com uma mandala, entre duas das portas da Biblioteca Municipal. Literalmente, vem batendo o ponto diariamente, dia ou noite, ano após ano. Por outro lado percebe-se, pelo olhar de Albornoz (1999), que mesmo estando presente no Centro Histórico todos os dias, a jovem caiçara, assim como outros artesãos, por não ocupar uma vaga de emprego assalariado, mesmo que não o faça de modo clandestino ou informal, ainda assim – por uma perspectiva mais capitalista – poderá considerar-se desempregada ou subempregada.

Há poucos metros desta jovem avistei um expositor indígena sentado no degrau da porta de uma residência, que pela sua indumentária exuberante pareceu não tratar-se de um Guarani. Aproximando-me do seu espaço e contemplando os artefatos diferenciados expostos sobre um manto estendido no chão, indaguei a sua origem: Amazonas, respondeu, e logo apontou para o outro lado da rua mostrando o restante da sua família e afirmando que estavam de passagem por Paraty. Considerando que o encontrei novamente em 2019, 2021 e 2022, parecendo mais tranquilo e pertencendo mais ao cenário, concluo que ele também deve ter entrado para a lista dos que adotaram Paraty. Em frente, do outro lado da rua, encontrava-se uma senhora quilombola, sentada em uma cadeira plástica vermelha, produzindo os seus artefatos e ao seu redor uma variedade de outros produtos provenientes da sua comunidade: o Quilombo do Campinho. Importante ressaltar que tanto os produtos dos Guaranis, assim como dos quilombolas, são provenientes da mata local. Neste sentido "o trabalho seria, como para Hegel, o fator que faz a mediação entre o homem e a natureza" (ALBORNOZ, 1999, p. 69). O autor ainda destaca que "nas comunidades isoladas o trabalho serve apenas indiretamente à subsistência" (p. 16), assim como observado nesses sujeitos encontrados expondo o trabalho produzido anteriormente na comunidade onde vivem. Ou ressignificando, como é o caso de uma artesã que, sentada no seu banquinho, executava com afinco um trabalho lindo e minucioso de esculpir/lapidar moedas antigas ou novas, desenhando nelas dragões, símbolos exotéricos. Antes de cruzar com a Rua da Ferraria encontrou-se um jovem artesão de *dread* acompanhado de sua filha, para que ela não fique sozinha em casa, ele sentado direto no chão e ela em pé, deliciando-se com guloseimas de uma loja próxima, enquanto ele produzia pulseiras de linha com missangas. Logo depois avisto uma adolescente indígena de calça jeans customizada, sentada sobre uma sacola plástica. Ela, além dos quatro anéis identitários, usa dois *pearcings* metálicos – um nos lábios e outro no nariz – enquanto tecla no celular e observa quem se aproxima dos produtos que trouxe da aldeia para vender.

Percebo que é um espaço concorrido, pois muito próximo a eles os indígenas das tribos locais e quilombolas também o dividem.

Durante a atividade, enquanto documentava o movimento e o comportamento dos turistas, surge a oportunidade de registrar o encontro dos dois mestres, o italiano Emídio Luisi e o português Orlando Azevedo. O sol quase a pino e as placas com as propostas e os valores em promoção dos pratos dos restaurantes sinalizam o avançar das horas. Nas esquinas da Rua do Comércio os carrinhos de doces da região, têm o seu movimento garantido. Nas janelas das lojas é possível ver Iemanjá, Nossa Senhora e São Jorge, entre outros santos, peças em cerâmica, artesanato forte na região, com direito a Encontro de Ceramistas em Paraty nos meses de abril. Também as portas dos Passos da Paixão, que para muitos passa desapercebido.

Na Rua do Comércio, antes de se chegar até o seu final, há um intervalo no fluxo provocado pelas correntes, pois na Rua Aurora há trânsito dos veículos que contornam a cidade ou que vão até o entorno da Praça da Bandeira levando mercadorias para os estabelecimentos comerciais e na grande maioria, de turistas rumo ao Cais do Porto.

Na sequência, apresento algumas das imagens captadas durante a experiência etnofotográfica com o italiano Emídio Luisi. As fotografias mostram que o cantar, esculpir, fotografar, pintar e tecer, por exemplo, possam ser considerados como artes, mas são simultaneamente representações de trabalho e que a maior parte dos artistas/artesãos não são paratienses, mas adotaram a cidade ou estão de passagem.

Paraty | O caminhar com o mestre italiano, 2019


































90
Nossa
FORMIDÁVEL
FEIJOADA
2

PICADINHO
CHEF
FILÉ de FRANGO
PEIXE EMPANADO










A fotografia funciona aqui como um documento, um testemunho do patrimônio imaterial das comunidades caiçaras, indígenas, quilombolas, mesmo que sejam uma minoria se comparadas as outras que a Rua do Comércio naturalmente passou a agregar, desde que o turismo passou a ser a principal economia de Paraty. É a narrativa fotográfica dando suporte à ciência da etnofotografia delineando / investigando os fazeres e saberes do homem na sociedade (SPINI, LUISI, 1982).

Os breves diálogos com alguns destes personagens já fotografados apontam que a eficácia dos seus respectivos ofícios se dá por meio da atenção/contemplação, da busca por aprendizagem e o aprimoramento é atingido mediante um processo contínuo de repetições. Constata-se durante os períodos visitados a existência de um clima de paz entre estes sujeitos. É como se circulasse uma energia de generosidade entre estes artistas que fazem da Rua do Comércio, mesmo sem precisar bater ponto, ter chefes ou supervisores, o seu local de trabalho. E, eventualmente, mesmo com os corpos cansados pelas distâncias que precisam percorrer para chegarem até o Centro Histórico, estão geralmente com a mente e o coração em paz, sorrindo. Os problemas, sejam da ordem que for, parecem amenizar. Trabalhar (fisicamente e/ou mentalmente) é o que os mantêm

vivos! ...por um olhar romantizado complementaria: talvez por poderem levar até outras pessoas a sua arte, a sua técnica e outras habilidades e também por aprenderem / desenvolverem outras novas. Ou, por um prisma mais capitalista: pela simples necessidade de sobreviverem. O processo de observação da Rua do Comércio e de seus atores ajuda a perder (um pouco, pelo menos) da timidez e do receio nas ruas de Paraty, devido ao clima de violência, sobre o qual há muitos silenciamentos, mas que assola a cidade. E ajuda, pela observação, a saber tomar iniciativas rápidas com as adversidades que a fotografia de rua apresenta, as intempéries da natureza, os infortúnios humanos, como o público que para ou que não para, diante da sua cena. Compreende-se que precisa aprender a conviver com as outras pessoas, respeitar as nossas diferenças, que todos têm o direito de conquistar o seu espaço, seja ele formal ou informal.

Durante a experiência etnofotográfica com o italiano Emídio Luisi, em setembro de 2019 fotografamos o seu Cidinho, irmão do escritor Zezito Freire, sozinho em frente a sua casa no Centro Histórico. O seu Cidinho e Dona Josina eram um dos casais que resistiam e gostavam de ficar sentados em frente de sua casa. Dona Josina veio a falecer em dezembro e o seu Cidinho também, durante o período da pandemia de COVID-19. Fernando Alcântara, o amigo cirandeiro, tem boas lembranças do querido casal da Rua Marechal Deodoro: “todo ano no meu aniversário ela me dava presente, quando nasci fez roupinhas costuradas a mão, sempre nos levava doce de São Cosme e Damião (ALCÂNTARA, 2023). Outro fato observado e documentado durante a atividade com Luisi, foi o aumentou do número de imóveis com placas anunciando que estão a venda. Nos últimos dois anos, as ofertas de casas térreas e sobrados, cresceram dentro e fora dos limites do Centro Histórico.

A noite, para atender a minha memória afetiva, a caminho do Restaurante Santos, na Rua da Lapa, para saborear aquele pirão de peixe, fui atraído pela percussão do maracatu que ecoava na esquina da Rua do Comércio com a do Rosário. Toda aquela sonoridade da percussão, a vibração dos tambores, as saias girando dos ensaios da Praça da Matriz, agora multiplicados tomando conta do Centro Histórico. No pavimento molhado pela chuva fina, a coreografia combina passos marcados e corpos girando, em movimentos afros que encantam e entusiasmam o púbico. Os figurinos de alguns praticantes remetem às culturas africana e portuguesa. A sonoridade do maracatu é tão imponente que, se no cortejo tem dez instrumentos, parecem ter cem. O cortejo terminou poucos metros da esquina onde eu estava alojado.

5.3.3 – #mochilapronta em Set. 2019

No final de cada saída a campo, no retorno para a casa, a mente procura coordenar e filtrar todas as novas informações. É difícil mensurar as lutas e as dores, seja do lado dos moradores que resistem no Centro Histórico, dos caiçaras em suas comunidades ou daqueles que foram arrancados de suas terras. Os caiçaras, são pessoas simples, que não têm a ambição de acumular patrimônio material do homem contemporâneo. Embora muitos resistem, desde a segunda metade do século XX, acabam sofrendo com a constante pressão imobiliária. Os grileiros que chegaram em Paraty, não tiveram compaixão com o caiçara, literalmente "atropelaram" muitas famílias tirando-os das terras onde já viveram os seus ancestrais e jogando-os para a periferia da malha urbana, bairros como Ilha das Cobras e Mangueira. E para somar, diante dos novos decretos ambientais que não o permitia plantar e construir, "teve caiçara vendendo a sua terra por mixaria, alguns chegaram a trocar por motor velho e por geladeira velha"[146]. Neste ano de 2019, dentro de um processo de revitalização, o espaço do Cais de Pesca e do novo Mercado de Peixe ganhou do poder municipal uma passarela que passou a conectar os bairros Ilha das Cobras, Mangueira e o Centro Histórico*,* viabilizando assim um transito mais prático e justo para os moradores das duas áreas que precisam acessar o Cais de Pesca ou o Cais de Turismo para trabalhar ou turistas que desejam visitar. Mas acima de tudo, dando mais dignidade aos moradores dos dois bairros periféricos.

O momento de inspiração para esse trabalho, durante o mês de setembro de 2017 realizado de forma intuitiva e a primeira saída a campo pela Rua do Comércio durante o mês de setembro de 2018 foram aproximações prévias inesperadas com um fértil campo empírico e com os seus trabalhadores, diferindo-se desta última, quando tive a oportunidade de experienciar a ciência da etnofotografia com o mestre italiano Luisi. Um fator importante nesta experiência foi "evitar produzir um trabalho simplesmente folclórico [como o olhar de um turista, por exemplo], fotografando apenas aquilo que [considera] belo" (SPINI; LUISI, 1982). Entretanto, como afirma Humberto (1983, p. 46) "a manipulação do conteúdo de uma fotografia pode ocorrer desde o momento de sua captação [escolha da objetiva, da composição...] até a distorção das intenções originais que a geraram por parte de quem a utiliza". Então, seguindo os pensamentos de Spini (1982) e Humberto (1983), a fotografia é resultante de um ato de decisão [geralmente][147] individual.

[146] Fonte: Depoimeto de Ticote ao documentário Carta Caiçara - https://www.youtube.com/watch?v=xTF81v7aEEk - Acesso em: 30 abr. 2023.

[147] Grifo meu por prever a participação, em eventuais trabalhos etnográficos ou etnofotográficos, de antropólogos, arquitetos, etc que assumem um papel de "diretor de fotografia".

> É passível de interpretações as mais diversas, dependendo do universo do conhecimento, predisposição ou percepção de quem a contempla, havendo deste modo um amplo risco de distorção de quem a contempla, havendo deste modo um amplo risco de distorção dos verdadeiros propósitos que a geraram, mas as imagens sempre transmitem ideias que podem ser ampliadas em função da capacidade de imaginação do receptor e, deste modo, expandirem sua atuação a nível da esfera do estímulo intelectual, o que lhe confere uma importância muito maior do que ser simplesmente elemento de comprovação de realidades. (HUMBERTO, 1983, p. 47).

E mesmo a fotografia "sendo o resultado de uma visão fragmentada, pinçada de uma [representação da] realidade e desvinculada do contexto do qual foi extraída" (HUMBERTO, 1983, p. 47), percebe-se nas fotografias selecionadas que a Rua do Comércio é um espelho / uma amostra da transformação da nossa materialidade no Brasil e no mundo, que estamos revivendo uma nova fase, onde percebe-se nos sujeitos retratados a máxima de que trabalho é diferente de emprego.

5.4 - Saída a campo virtual | Paraty, 2020/2021.

Em 2020 não houve saída a campo, devido à pandemia de COVID-19. Praticamente dois anos sem poder ir a campo. Diante do evento que assolou o Planeta, da sobrecarga de atividades acadêmicas online e por questões de saúde o cronograma da pesquisa precisou ser alterado. Neste momento, a cidade manteve-se fechada para o turismo. E as atividades e eventos culturais na cidade, aconteceram 90% online. Manter a pesquisa durante a pandemia foi um grande desafio, primeiro pelo distanciamento imposto pelas autoridades da saúde, pelo negacionismo e *fakenews* que só colaboraram para atrasar uma possível cura ou pelo menos reduzir o número de mortes. E também pelo próprio corpo que adoeceu. Então o planejamento de ir a campo mais vezes este ano, foi adiado. Neste panorama, o meu acompanhamento foi praticamente todo online, remotamente, inclusive algumas falas de colaboradores entrevistados. O uso da netnografia como método, a busca pela conexão virtual, que era para ser algo eventual passou a acontecer também quase que diariamente, através das redes sociais que no início giravam por volta de 15 grupos ou comunidades que versavam sobre Paraty e a Costa Verde ou sobre fotografias de patrimônio e restauro. Depois esse número foi sendo reduzido para dez e no final sete grupos: Amigos de Paraty (933 membros), Paraty – Uma foto por dia (44,9 mil membros), Paraty sem limites (57,8 mil membros), Paraty Patrimônio e Turismo Cultural (2,3 mil membros), Paraty em rede (14,3 mil membros), Paraty antiga e seus

moradores (6,4 mil membros) e Fotos de Paraty (3,6 mil membros). Criei também um grupo particular de estudos sobre a cidade, o Villa de Paraty – Patrimônio da Humanidade, para onde ia transferindo alguns assuntos que poderiam ser pertinentes para esta pesquisa e/ou continuar escrevendo sobre a cidade.

5.4.1 - Os desafios para manter o foco online

A oferta de atividades online, *workshops*, seminários, cursos de curta e longa duração no período da pandemia, cresceram. Ao fazer contato com Bruno Zen, criador da Casa do Dharma em 2014, com o objetivo de realizar uma entrevista, fui informado que o espaço de hospedagem e práticas havia fechado as portas, devido à pandemia. Hoje, assim como outros profissionais, Bruno ministra aulas online e trabalha presencialmente com aulas particulares a domicílio.

Para entender mais as comunidades tradicionais, cheguei a participar de um curso online denominado "Nhandereko - o modo de viver indígena como prevenção e cura". Reconheci no referido curso que muitas práticas indígenas foram absorvidas pelas comunidades caiçaras, quilombolas e mesmo por aqueles moradores que não se enquadram em nenhuma destas comunidades. Outro exemplo foi a instituição Rede de Qualificação Profissional em Turismo Litoral Norte / SP, que ofertou um curso online de Turismo Regional Base Comunitária, visando os moradores das comunidades indígenas, quilombolas e caiçaras maiores de 16 anos com certificado emitido pela MTur/USP. Esse tema gera interesse, pois percebi em campo que é recorrente nas comunidades tradicionais de Paraty e de outras cidades da Costa Verde. A Casa da Cultura de Paraty, esteve presente em diversos momentos, tanto online como presencial, seguindo os protocolos de segurança, criando Ciclos de Formação para a Interpretação do Patrimônio e Ciclos de Qualificação Profissional, Imersão no Saco do Mamanguá, Curso de Educação em Cultura e Biodiversidade com aula prática: Leitura Interpretativa da Cultura e Biodiversidade expressa no território urbano. Atividades que tiveram como patrocinador a Lei de Incentivo a Cultura e Instituto Cultural Vale. E como Apoio Institucional e Patrocínio, a Prefeitura de Paraty e a Fundação Roberto Marinho.

Pelas redes sociais observa-se que o comércio virtual, "as lojinhas virtuais" começaram a crescer nesse período, desde para atender as necessidades básicas e urgentes do momento, como as máscaras faciais e álcool em gel, até a comercialização de produtos

artesanais e utilitários domésticos[148]. E não só o virtual, os serviços a domicílio também, como barbeiro, cabelereiro e outros na área da estética e saúde. Anúncios como "precisa de um corte de cabelo e um trato na barba?" eram recorrentes. Todos com a promessa de seguir as precauções sanitárias para um atendimento seguro.

As tecnologias digitais, aliadas as redes sociais, permitiram me aproximar quase que em tempo real de muitos fatos e acontecimentos, desde questões sociais, religiosas, políticas e ambientais, assim como as preocupações constantes em Paraty, como a Cultura e o Patrimônio em diálogo com o Turismo. As publicações das minhas fotografias e de outros membros nos grupos referidos acima, e os comentários que estas provocavam, por parte dos outros membros, me faziam perceber com mais facilidade de alguns cenários que eram apontados em textos acadêmicos, referentes ao meio ambiente e as comunidades tradicionais em risco, o crescimento da violência após o final do isolamento de quase um século, com as novas estradas, a gentrificação e principalmente com a especulação imobiliária - literalmente expulsando para cada vez mais longe os antigos moradores do Centro Histórico e os caiçaras de suas comunidades tradicionais para os bairros periféricos ou tirando deles o direito de ir e vir – a liberdade de locomoção, um direito básico de qualquer sujeito previsto na constituição.

Quando resolvi pesquisar Paraty, achava que sabia do tamanho do desafio, mas que se tornou maior a cada saída a campo, pois a cidade apresenta múltiplas possibilidades, profusos "caminhos e descaminhos", como descreve Ribas (2016) em suas obras sobre Paraty. E o desafio cresceu mais ainda, com o cenário da pandemia que assolou quase todo planeta, antes mesmo de eu chegar a qualificação. Esta pesquisa é a soma de um amor pela cidade, não de uma paixão cega, que possa impedir de perceber hoje que ela precisa de cuidados, alguns urgentes, como toda e qualquer cidade brasileira, principalmente as turísticas e patrimonializadas.

E em respeito a esse amor, alguns dos meus objetivos iniciais, diante dos obstáculos gerados pela pandemia do COVID-19, tiveram que ser repensados e redimensionados. Traduzindo, para não colocar em risco as comunidades tradicionais mais distantes e não me colocar em risco também. O meu foco na primeira fase da pesquisa concentrou-se no Centro Histórico, no bairro Caboclo, no Quilombo do Campinho, e nas Vilas de Paraty Mirim e Trindade, começando a dar ênfase ao caiçara.

Vale recordar aqui, que o Centro Histórico até início do século XX, constituía literalmente o núcleo urbano de Paraty e era comum os seus moradores da Zona Rural e/ou

[148] Fonte: Grupo - Vai Paraty Notícias – Acesso em: 16 mai. 2020.

Costeira se referirem a ele, como *"ir na cidade"* e/ou *"ir a Paraty",* como se Paraty fosse um outro lugar, um outro município (Figura 22). Na verdade, como irei narrar nas futuras saídas a campo, isso acontece até esse momento.

Figura 22 – Vista aérea – Paraty – Cidade Monumento, 1945



Foto: Autor anônimo[149]

Acreditar em uma Paraty permanente é utopia, pois Paraty é hoje algo que ela nunca foi. Afirmo isto, porque as fotografias revelam isto, e não falo apenas com base nas minhas fotografias de 1979 e/ou de 1991 se comparadas com as documentadas no período desse trabalho, mas de muitas outras, mais antigas ou do mesmo período, publicadas no Grupo ao qual fui indicado a participar: "Paraty antiga e seus moradores". As casas coloridas, portas e janelas alteradas, a antiga pavimentação [mais plana e uniforme] que dá saudade e os moradores, que se reuniam para conversar hora no Cais, hora no Mercado de Peixe ou em frente de suas casas na cidade, hoje Centro Histórico. Havia uma paz e uma segurança, que nem as histórias dos temerosos corsários de séculos passados poderiam abalar. As fotografias revelam memórias individuais. Que geram pelos membros do grupo comentários, discussões, que geram histórias que transcendem a própria imagem referente. Comentários, depoimentos e desabafos que diariamente me provocaram a escrever sobre outras questões que afetam a

[149] VILLA DE PARATY (COTRIM, 2012, p. 139).

cidade que carrega agora o título de patrimônio da humanidade. São memórias individuais que se apoiam na coletiva, por ser mais ampla (SOUZA, 2008). É uma memória coletiva que se constitui a cada publicação minha ou de outro membro, firmando a identidade do sujeito – seja ele paratiense ou paratiano - e do próprio lugar. Por enquanto, tenho colecionado a maioria para futuros escritos.

E praticamente cada casario centenário ou não do Centro Histórico tem uma história, tenha o seu uso sido comercial ou residencial. Mesmo as mais de cem construções que datam do século XX, que representam as edificações que desabaram no século passado possuem o poder de transcender histórias, seja pelos seus antigos moradores ou mesmo pelos novos. Geralmente, pelo ditado popular, "quem conta um conto [uma memória] aumenta um ponto", mas há também a possibilidade de poder de diminuir/subtrair um ponto, com a intenção de apagar detalhes do passado, seja por interesse individual ou coletivo.

Pesquisar Paraty, através das imagens, da observação das suas linhas, da sua arquitetura, belezas naturais e de sua gente, seria uma forma de descobrir além da terra natal, a minha própria origem fazendo algo que está enraizado em mim, que é o ato de contemplar.

Mas foi necessário mais, além de ter construído o meu próprio dossiê sobre Paraty, através de textos acadêmicos e artigos publicados pela imprensa. Senti a necessidade de escutar primeiro alguns ex-moradores e depois moradores, pessoas com mais de 60/70 anos... Que vivenciaram a cidade, a zona rural e a costeira, no período em que o ciclo econômico começou a mudar. E escutei os mais jovens também, entre 20/30 anos. Algumas entrevistas, mesmo após autorizadas, precisaram ser revistas ou até descartadas, a pedido dos envolvidos. Bem compreensível, diante dos tensos relatos de moradores pelas redes sociais analisadas, principalmente daqueles ligados a cultura e a educação, sobre perseguições e retaliações com àquelas pessoas que discordam de certas posturas das autoridades e/ou dos empresários e instituições que detêm o poder econômico na cidade. Literalmente, Paraty em alguns aspectos [assim como outras cidades brasileiras], parece ser uma terra de coronéis, onde os direitos humanos não são uma prioridade.

5.4.2 - #diariodecampo em Out. 2020

Em 2020, participei de um número expressivo de atividades online [onde os temas estavam ligados direta ou indiretamente à Fotografia e ao Patrimônio Cultural e/ou Natural] não só como professor, mas principalmente como aluno, como #eternoaprendiz. E mesmo em

tempos da pandemia de COVID-19 pelo Brasil e pelo mundo, a fotografia sustentou sua capacidade inerente ao se colocar à frente de temas atemporais ou contemporâneos [ambiental, social, político...]. E em Paraty, não foi o diferente. Com a maior parte da programação online, transmissões pelas redes sociais do Paraty em Foco e na de parceiros, houve entrevistas, palestras, cursos e leituras de portfólios virtuais, com o mesmo padrão de edições anteriores. Para Mecarelli (2020), os festivais de fotografia são propagadores fundamentais dos clássicos e dos novos olhares. E o Festival Internacional de Fotografia entrou em seu 16º ano procurando, através "do documental clássico ou das expressões mais conceituais e artísticas", retratar o MEIO AMBIENTE, um tema sempre atual e de alta relevância por se tratar do nosso patrimônio natural.

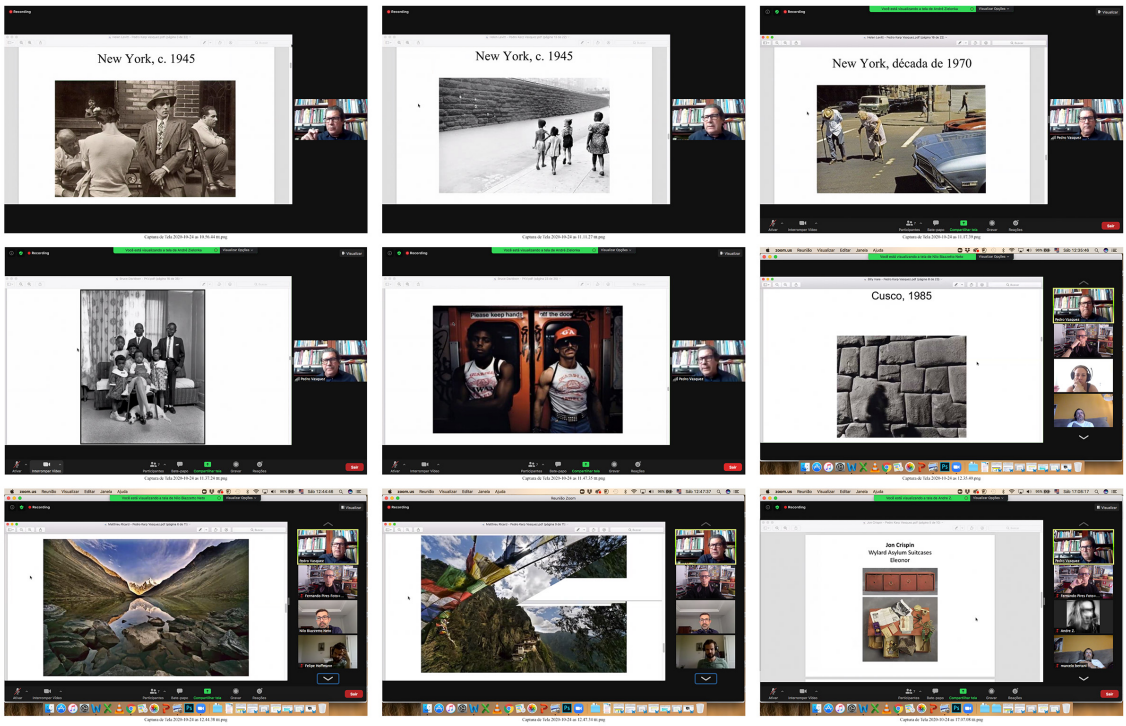
Seja pelo viés da fotografia documental ou pela autoral, ambos os caminhos cumprem um papel indubitável afirmando a sua importância para a memória e a preservação do patrimônio de uma nação. Confiantes na compreensão da comunidade fotográfica, dos patrocinadores, apoiadores, parceiros e todas as instituições comprometidas os organizadores do Festival Internacional de Fotografia, cientes de sua responsabilidade e em diálogo constante com a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura e com outros organizadores de eventos na cidade, estabeleceram um novo formato para o Festival e um novo calendário, para que estas celebrações ocorressem num ambiente o mais seguro possível. Na edição de 2020[150] foi necessária uma apropriação do "caráter virtual da informação", permitindo "a sinergia e a interface entre todos os processos de criação de informação, gravação, comunicação e simulação" (MANGAN, 2017, p. 48). A programação online, me permitiu participar do *workshop* online A FOTOGRAFIA PARA UM NOVO NORMAL, com Pedro Vásquez. Para o escritor e fotógrafo,

> A pandemia de coronavírus ainda em curso, como todos bem sabem, não mudou a vida apenas das famílias das vítimas da COVID-19, afetou em verdade toda a humanidade que se vê obrigada agora a se "reinventar" se adequar ao que ficou conhecido como "novo normal". A fotografia, na qualidade de meio de expressão visceralmente preocupado com a humanidade e sua interação com a natureza, também terá que mudar para se adequar à nova realidade na qual, de fato, "nada será como antes". (VÁSQUEZ, 2020)[151].

[150] PEF2020 – 17ª Ed.: EMERGÊNCIA / PERMANÊNCIA
- https://www.pefparatyemfoco.com.br/2020 - Acesso em: 21 abr. 2023.
[151] Fonte: https://medium.com/@ConvocatoriaPEF2020/fotografia-para-o-novo-normal-2d883679aa23 - Acesso em: 25 out. 2020.

No *workshop* foram apresentados e analisados ensaios e projetos – correlacionados com a Fotografia Documental (Figura 23), de talentos como Helen Levitt, Bruce Davidson, Billy Hare, Matthieu Ricard, Josef Sudek, Zeca Linhares, André Kertész e Jon Crispin.

Figura 23 – *Workshop*: A Fotografia para o Novo Normal | Pedro Vásquez



Fonte: *Print* de Fernando Pires, 24 out. 2020.

O objetivo de Vásquez (2020) foi de "oferecer alguns caminhos viáveis para a prática da Fotografia Documental, tanto na esfera profissional quanto na pessoal", seguindo a linha dos portfólios apresentados, "bem como para projetos de pesquisa ou de curadoria".

Frente ao cenário desafiador a parte presencial do evento [projeções, exposições...] foi produzida no entorno da Praça da Matriz e outras principais ruas da cidade, dentro dos protocolos de segurança, guardando o distanciamento físico e acolhendo as normas dos organismos de saúde (PEFPARATYEMFOCO.COM.BR, 2020). Em campo, foi possível observar nas outras edições, que na falta de patrocinadores expressivos os organizadores, e com a compreensão do seu público alvo, conseguiram cobrir os custos cobrando inscrições para as atividades (palestras, leituras de portfólio, *workshops*, convocatórias...) e também com parcerias.

Durante a pandemia, depois de criar uma mesa de reprodução de negativos com uma luminária de LED, procurei escanear os negativos de 1979 e 1991, que serviu para dar os

primeiros passos e decidir que valeria o investimento de escanear na íntegra todos os filmes de 1979, pois algumas pessoas, diferenças nas edificações e na função de muitos imóveis passou a ser percebido com mais clareza. Algumas portas sumiram, outras apareceram, outras se transformaram em janelas, alguns muros surgiram e outros se transformaram em residência ou comércio. O retorno de algumas portas dos Passos da Paixão, algumas iguais outras em novos formatos. Sem falar no caminhar das pessoas pelas ruas, era mais sereno. Ainda transitavam cavalos, mulas, carroças. Pelos relatos e publicações que acompanhei nas redes sociais durante a pandemia de COVID-19, o Centro Histórico recebeu as correntes um ano antes do meu retorno a Paraty. O medo que as correntes afastassem o turista foi recorrente em vários estabelecimentos comerciais, principalmente nas pousadas. Mas não foi necessário muito tempo para perceberem que o que parecia ser um mal para os negócios, acabou impulsionando o novo ciclo econômico, além de trazer mais liberdade e paz para aos moradores, que na época ainda eram mais numerosos. Era o fim de carros bloqueando as saídas das casas, pois os turistas estacionavam seus veículos como se aqueles casarios fossem só um cenário e não morasse ninguém. Sem falar no excesso de trepidação que poderia trazer danos estruturais as 33 quadras.

Com a pandemia, Paraty e Ilha Grande não receberam oficialmente o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, concedido no último encontro anual do Comitê, em 2019. Os dois destinos fluminenses tiveram que aguardar. São os primeiros bens do país a serem tombados como misto (cultural e natural). São patrimônio cultural particularmente em razão de Paraty, ponto que ligava no século XVII o Caminho do Ouro ao mar e patrimônio natural porque contemplam quatro áreas protegidas de Mata Atlântica, em especial a fascinante Serra do Mar.

A violência continua em Paraty, mesmo que a imprensa da Costa Verde omita algumas notícias outras chegam nos jornais da capital, como foi o caso no início do ano, do turista da Lituânia, torturado e assassinado a facadas, no interior da casa que havia alugado na Praia do Sono. A sua mulher, brasileira, foi estuprada e alvo de pauladas, mas sobreviveu[152]. Em novembro de 2021, o Fórum de Mulheres de Paraty organizam manifestação para pedir políticas públicas de segurança e cuidado para mulheres e meninas. O estopim para iniciar essa luta em nome das inúmeras mulheres que são violentadas e expostas todos os dias, foi o assassinato da *designer* de moda Thalissa Nunes Dourado, com um saco plástico na cabeça e

[152] Fonte: https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/02/5864518-turista-e-assassinado-a-facadas-em-paraty.html - Acesso em: 24 abr. 2023.

com as mãos amarradas nas costas. Thalissa (27 anos), era moradora do Bairro Caborê, situado a cinco/dez minutos do Centro Histórico.

No cenário pandêmico muitos partiram, diretamente por causa do vírus ou devido as suas consequências. O colega fotógrafo Flávio Damm (92 anos), que eu havia conhecido e fotografado durante o PEF2017, faleceu no Rio de Janeiro. Deixo documentado parte ou a primeira fase desse momento pandêmico na cidade de Paraty, ao desenvolver o artigo de opinião "PA_RA_TY ISOLADA NO SÉCULO XXI"[153].

Neste clima de impermanência, em uma busca quase que solitária, que aguardei inquieto e ansioso, uma ou mais conversas que me orientassem e definissem um novo caminho para a pesquisa. Diante dos múltiplos caminhos que Paraty oferece, procurei me desapegar de questões que eu não teria como dar conta e com uma certa dificuldade comecei a filtrar o que ficaria. A procura de afinar os meus objetivos e de sustentar o meu problema de pesquisa, acabei fazendo um novo contato com o IPHAN, foi quando conheci virtualmente o Rafael Nascimento de Azevedo, o novo chefe do escritório técnico da Costa Verde, o qual me forneceu o inventário feito em 2003 pelo Sistema de Informação para o Patrimônio Arquitetônico (SIPA). O documento, produto de uma investigação executada pela SIPA, instituição portuguesa em parceria com o IPHAN, ampliou as possibilidades de pesquisa, mostrando novos dados sobre a Paraty do século XVII ao XXI.

5.5 - Saída de Campo 3 | Paraty, 21 Outubro à 4 Novembro 2021.

Por uma questão de logística e também econômica, a hospedagem, desta vez, teve dois momentos: o primeiro no bairro Caboclo (Figura 24) – onde os anfitriões foram a Sra. Cecília C.T. Colaço Santos (portuguesa) e ao Seu Herondino de Souza Santos (paratiense) e o segundo momento (Figuras 25 e 26), na Suíte Laranja Container, de um interessante complexo de Containers no Bairro Parque Imperial – via plataforma de locação – onde Célia foi a Anfitriã [a qual acredito ser paulista, pois tivemos pouco contato, trocando mais foi com a Franciane, sua nora]. Um fator importante na escolha dos dois estabelecimentos, foi a garantia de ter wi-fi, pois embora estivesse em campo precisava dar conta dos compromissos acadêmicos, tanto como aluno ou como professor: a participação no projeto Universidade do Sentido - *Universidade Schola*, a criação e os ajustes das logomarcas para o Mnemocast e

[153] Artigo - PA_RA_TY isolada no século XXI – Revista Memória e Linguagens Culturais – Volume 16 - https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/8a4f982b556a4be4c2770daf94067581.pdf - Universidade La Salle - 2020.

MnemoDiálogos e a editoração da Revista Linguagens da Universidade La Salle. Na Universidade Luterana do Brasil, como professor do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia, acompanhar os projetos dos alunos nas disciplinas de Patrimônio Natural e Patrimônio Material e Imaterial e como aluno, as atividades da especialização em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação, além de da participação em seminários e outros cursos livres, já descritos na saída a campo deste ano.

Figura 24 – Pousada Mar à Vista / bairro Caboclo – Praça do Chafariz / Centro Histórico



Fonte: Google Maps[154]

Figura 25 – Container Hospedaria / Parque Imperial – Praça do Chafariz / Centro Histórico



Fonte: Google Maps[155]

[154] Fonte: https://encurtador.com.br/rvJNY - Acesso em: 3 set. 2023.
[155] Fonte: https://encurtador.com.br/tvA35 - Acesso em: 3 Set. 2023.

Figura 26 – Container Hospedaria / Parque Imperial



Fonte: Paola Verdun – Em 27 out. 2021.

O roteiro planejado para essa saída a campo incluía: investigar e documentar o bairro Caboclo, procurar alguns vínculos e referências com as fotos de 1979; continuar documentando algumas particularidades do Centro Histórico; e conhecer, documentar e realizar algumas entrevistas / conversas no bairro Caboclo [Zona Rural] e nas comunidades caiçaras e vilas de pescadores da Praia Grande, Prainha e a Ilha do Araújo [Zona Costeira]. Para me organizar e alcançar tais objetivos, cheguei em Paraty uma semana antes do Paraty em Foco, e que maravilha se pudesse ser sempre assim, mas como a cidade histórica não distingue morador de turista, menos ainda de pesquisador, faz parte o pesquisador descobrir meios de permanecer mais tempo em campo.

Quebrando a tradição do mês de setembro, a 17ª edição do Festival aconteceu em outubro. As vezes uma inofensiva troca de data pode colocar em risco um evento, só pelo fato de ficar muito próximo do período de outros eventos do mesmo segmento/o mesmo tema no Estado vizinho de São Paulo. Repetindo a rota preferida via São Paulo, da Rodoviária Tietê rumo à Rodoviária de Paraty, só que desta vez o tempo de seis horas previsto para a viagem quase dobrou, primeiro porque ainda pelo interior paulista, o motorista da empresa Reunidas foi alertado que havia uma queda de barreira e foi orientado a pegar um desvio, mas se

perdeu. Os anfitriões, preocupados por saberem que estes deslizamentos de terra são frequentes na Rio-Santos, começaram a monitorar a viagem a ponto do Seu Heron ir até a Rodoviária para conduzir minha esposa [que me acompanhava nesta viagem] e eu até o bairro Caboclo. Chegamos na pousada já era tarde da noite.

5.5.1 - #diariodecampo em Out./Nov. 2021

Por questões que envolveram desde a simples redução de peso na mochila, devido a coluna/lombar, e quando se previa que a permanência em campo seria de dez horas ou mais, ou para poupar o sensor da câmera, diante das intempéries, com as sucessivas trocas de objetivas ao ar livre, após as minhas primeiras saídas a campo, optei em trabalhar com uma objetiva zoom AF-S NIKKOR 24x70mm 1:2.8. Pelo motivo deste tipo de objetiva possuir diferentes distâncias focais o que me possibilitaria fotografar temas variados em espaços distintos. Por exemplo, quando a questão era dar ênfase ao ambiente, optei em trabalhar com duas distâncias focais, geralmente em 50mm e eventualmente em 35mm, quando tratava-se de ambientes/espaços reduzidos, como algumas ruas estreitas do Centro Histórico, em ambientes internos, como nas casas dos colaboradores entrevistados e nos espaços de algumas instituições, como a Casa da Cultura de Paraty, Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Na fotografia do outro, como nos retratos dos entrevistados, dos artesãos da Rua do Comércio ou dos sujeitos das comunidades tradicionais, optei em trabalhar com a distâncias focais que passaram a variar de 50mm a 70mm[156], tanto para retratos de grupos ou para individuais.

5.5.2 - Patitiba, o bairro ao lado

Na manhã seguinte, chegar no Centro Histórico pela Rua da Presidente Pedreira é uma boa opção para fugir do movimento turístico da Av. Roberto Silveira. O Bairro Patitiba, ainda guarda uma Paraty de ontem, mais natural, sem muita rigidez com o purismo necessário do Centro Histórico, seja nas edificações comerciais ou residenciais. Em contraste com outras edificações religiosas devido ao seu volume, mas que desperta curiosidade, encontra-se na

[156] Embora a minha preferida para fotografias de retratos seja a objetiva AF-S NIKKOR 85mm 1:1.4, que além de muito luminosa, me proporciona uma melhor perspectiva, sendo muito útil para comprimir e simplificar o assunto.

Rua Presidente Pedreira, conforme já mencionei anteriormente a Cruz das Almas, um altar público do Séc. XIX. Segundo a crença popular tratava-se na época de um lugar de orações para aqueles que eram condenados. Hoje ainda há quem faça suas orações, seus pedidos, ascenda velas e, também, use para se desapegar de artefatos como imagens de santos, rosários, bíblias, etc. E finalmente desta vez, depois de já tentado em outras saídas a campo, consegui registrar uma foto do altar sem nenhum veículo na frente. Em todas as tentativas anteriores havia objetos religiosos no seu interior.

Ao passar pelo tradicional CEMBRA – Colégio Estadual Engenheiro Mário Moura Brasil do Amaral[157], já é possível avistar o limite do Centro Histórico, que em dias úteis é fácil identificar, pois geralmente durante o horário comercial, na Rua da Cadeia com a Rua Patitiba com sol ou chuva, há uma fila em frente da agência dos Correios, cruzando de uma esquina à outra. As intermináveis filas já servem de referência para se localizar a citada agência. Do mesmo lugar é possível escutar claramente o sino da Igreja Matriz. Após caminhar mais duas quadras, resolvi entrar para fazer uma pausa e respirar, observando entre muitos turistas alguns devotos, felizmente de diferentes idades, sexo, profissões e cor. Outros tempos, contrário de séculos passados onde, nesta vila, brancos, negros e pardos não frequentavam o mesmo templo. Saindo da Matriz, atravessando a Praça, seguindo a Rua da Capela, então passo pela casa da Família Castro, e vêm algumas memórias de 1979, tempos onde além de haver mais moradores por essas ruas e ainda menos turistas, havia mais segurança para ambos. Na mesma quadra, virado para o mar, o sobrado do Príncipe João, que me faz pensar nas possíveis densidades das histórias e memórias de cada família. Os saberes dos mais antigos, vindo de geração a geração. Hoje é quase uma raridade conseguir registrar ou observar algum morador na janela ou na porta de sua residência, então quando isso acontece procuro documentar. Quantas histórias e memórias já tiveram que partir da cidade sem terem o tempo necessário para serem repassadas ou no mínimo documentadas. Assim como as edificações, mesmo as reerguidas no século XX e XXI, com a autorização do IPHAN, precisam periodicamente de reparo ou restauro, os nossos saberes também carecem não só dos novos conhecimentos, mas dos conhecimentos dos nossos ancestrais também.

Passando pela lateral da Casa da Cultura e depois seguindo no sentido da Igreja do Rosário, momento em que a tarde começa a se encaminhar para o seu final, o contraluz nas

[157] Segundo o pesquisador Renan Pinto (2017), durante algum tempo funcionaram em dois prédios no mesmo terreno o Grupo Escolar Samuel Costa (GRESC) e o Centro Educacional Engenheiro Mário Moura Brasil do Amaral (CEMBRA). Por fim, decidiu-se que deveria ter apenas um nome para o Colégio Primário e o Colégio Secundarista. Houve uma eleição e venceu o segundo nome. Os paratienses da época detestaram a troca do nome do querido Dr. Samuel Madruga Costa para CEMBRA. Fonte: https://guiarenan.wixsite.com/travel-blog-pt/single-post/2017/07/19/o-col%C3%A9gio-cembra - Acesso em: 02 mai. 2023.

fachadas, nos corpos em movimento dos turistas, na própria pavimentação, revela um volume e uma textura quase que palpáveis. Nos arredores do Cais do Porto as áreas que são permitidas estacionar estão lotadas e o movimento começa a ficar mais intenso com o retorno das escunas e barcos de passeios. Embora a cidade já esteja aberta para o turismo, a pandemia não acabou, mas percebo no meu entorno que o uso da máscara para a grande maioria dos turistas e também de alguns moradores, parece ser um item sem importância.

Para Collier Jr. (1973, p. 19), "é através da percepção, amplamente visual e auditiva, que nos relacionamos com os homens à nossa volta". Da mesma forma que Collier Jr. (1973), Spini e Luisi (1982) acreditam que a luz ambiente forneça uma interpretação mais precisa das condições de vida reais, afirmam que hoje "a legenda que acompanha a fotografia tem na etnofotografia a mesma função que tinha a fotografia nos textos antigos". Percebe-se que, em certo sentido, se inverteu essa função, a fotografia passa a ter um papel primordial dentro dessa ciência, assim como pensa Achutti (1997, 2004) na fotoetnografia. Pela perspectiva de Spini (1982), em uma narrativa etnofotográfica, o texto passa a ser um suporte. Um grupo de imagens bem produzidas e ordenadas, além de deixarem uma memória para as futuras gerações "que pretendam se aproximar do próprio passado soterrado" (BENJAMIN, 1987, p. 239), fazendo relações com as identidades dos seus antepassados, podem também se tornarem independentes de legendas com longas explicações que poderiam inclusive induzir a reflexões impertinentes e/ou incertas sobre os instantes registrados (LUISI, 2019)[158].

> Soterrado sob memórias, nosso passado compõe-se de fragmentos desconexos que, como planos de um filme ou fotografias, precisam ser ordenadas para lhes conferir sentidos e, assim, construir narrativas de vida. Essas imagens mentais, abstratas e enterradas, superpõem-se àquela materiais, como objetos, documentos, textos, diários e, principalmente, registros fotográficos e fílmicos, colecionados por nós e por nossos antepassados ao longo de nossas existências (VALENTIN, 2019)[159].

Além disso, depois que as fotografias são produzidas e fizerem parte de uma narrativa fotográfica, se inspirada na etnofotografia, a legenda caso exista, tem outra abordagem, podendo ser usada como complemento da imagem, mas para indicar, por exemplo, bairro, rua, ou o número do estabelecimento que está sendo analisado. Ou em forma de título como prefere Achutti (1997, 2004), indicando/informando ao iniciar cada narrativa, o nome do tema ou do lugar. Ou seja, tanto na etnofotografia ou fotoetnografia, com a única função de organizar uma pesquisa, uma narrativa visual: evitam-se questões como quem/o quê, onde,

[158] LUISI, Emidio. *Workshop* A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DO INSTANTE TRANSITÓRIO. PEF - Paraty / RJ, 2019.
[159] VALENTIN, Andreas. *Workshop* [RE]MEMÓRIA. PEF - Paraty / RJ, 2019.

quando, como e outras que seriam comuns pelos métodos de análise documentária de fotografias aplicadas em arquivos ou acervos fotográficos (MANINI, 2002). Porém, quando aplicadas em textos, podem limitar a contemplação e a investigação de uma imagem, pois pode não haver uma correspondência entre a linguagem utilizada na legenda e a bagagem imagética do leitor, que pode ser diferente da do autor da narrativa.

Na Rua Aurora, limite sul do Centro Histórico, onde é permitido observar circular e estacionar veículos de pequeno e médio porte, a pavimentação da rua não é exclusivamente das chamadas pedras pé-de-moleque e existem trechos com paralelepípedos. Este caminho acaba tornando-se uma preferência, para precisar chegar de bicicleta ao Cais ou nos bairros que ficam na outra margem do Rio Perequê-Açu. E longe dos carros, bicicletas, nas pedras e nas areias que contornam o Cais é possível ver os caranguejos atentamente observarem o movimento.

Nas proximidades, entre a Rua Aurora ou Jango Pádua [como é chamada quando a mesma via adentra no Bairro Patitiba] e a José Vieira Ramos, são inúmeras as opções de pousadas e gastronomia, e lembro que em 2017, em companhia da minha corsorte, antes mesmo de entrarmos no Centro Histórico, paramos no Restaurante Chafariz para almoçarmos. Trata-se de uma quadra bem movimentada, a última do Bairro Patitiba, com lojas de artesanato, moda praia e moda evangélica. Durante as entrevistas com alguns dos meus colaboradores, percebi que não existe um consenso, se as próximas quadras ao Sul ainda pertencem ao bairro Patitiba ou se já é o estigmatizado bairro Ilha das Cobras. Existem muitos templos religiosos nestes bairros, alguns, dependendo da fé que professam, embora sirvam de orientação para afastar os jovens das facções criminosas, acabam por exemplo sendo um obstáculo para a manutenção da Ciranda Caiçara, pois para alguns líderes religiosos a ciranda ou o ato de cirandar é algo profano, não é de Deus.

Na esquina da Rua da Lapa com a Matriz, está uma das edificações que causam uma dissonância na harmonia do conjunto arquitetônico do Centro Histórico, apontada no levantamento produzido pela instituição portuguesa SIPA, junto com o IPHAN em 2003. Por conta da sua fachada e lateral, são toda em tijolo à vista, quando compartilhei uma foto da referida casa, esse foi um dos vários comentários no Grupo Paraty Sem Limites, “essa é a casinha da discórdia. Diferente de todas as outras. Motivo de ações judiciais. Sobressai por não ser padrão. Muita história por trás dessa diferença! [L.L., 23 Jun 2022]” Na sua diagonal, na outra esquina por detrás do alto muro de uma propriedade, esconde-se um imenso jardim, com muitas plantas ornamentais como palmeiras, palmeirinhas e árvores frutíferas como bananeiras, jabuticabeiras e pitangueiras, onde durante o dia os pássaros se deliciam e a noite

é a vez dos morcegos. E estes, após comerem e alçar voo, acabam respingando o caldo colorido das frutas pelas paredes brancas das casas mais próximas, deixando manchas bastante evidentes, quase que pinceladas abstratas.

Na outra esquina da Lapa, com a Rua do Fogo, tem a loja de *souvenirs* do Seu Sérgio França, e numa prosa no balcão do seu estabelecimento acabei descobrindo que em décadas passadas ele jogou futebol com o "Puf", apelido do meu pai biológico em Paraty. As memórias dos moradores mais antigos simplesmente transcendem o tempo. Através da memória coletiva, dos antigos e dos novos moradores, vou construindo a história da família que não cheguei a viver ou que vivi, mas esqueci devido à tenra idade ou a bloqueios emocionais devido a transição entre famílias. E para garantir novas memórias, comprei do seu Sérgio um pandeiro, pois quero em um futuro próximo aprender a tocar em uma ciranda. Pela perspectiva de Aleida e Jan Assmann (2013), "a memória é dinâmica e conecta as três dimensões temporais: ao ser evocada no presente, remete ao passado, mas sempre tendo em vista o futuro"[160]. Pelo olhar dos autores podemos salvar a memória [uma atividade que envolva nossos fazeres e saberes por exemplo], relembrar e reagrupar ao longo das nossas próximas gerações.

Enquanto contemplo [degusto] uma história aqui, uma memória ali, aproveito para documentar as placas dos estabelecimentos comerciais do Centro Histórico e algumas do Bairro Patitiba que possuem um *design* criativo ou singular. Quando a Rua Santa Rita se encontra com a Rua do Comércio, observo a única casa do Centro Histórico que foge totalmente do estilo colonial. Ao lado desta, há um estabelecimento, um misto de armazém e restaurante – Celeiro Armazém Tropical, em que sua decoração interna relembra um antigo armazém, com um baleiro giratório e produtos como queijos e ovos são expostos em estantes e balcões de madeira, pães em cestos de vimes e os grãos como arroz e feijão condicionados em grandes sacos de juta e vendidos a granel, prática muito comum em décadas passadas. Os quadros-negros ou verdes escritos a mão com giz branco, fixado nas portas, janelas ou fachadas de bares e restaurantes, das Rua do Comércio, do Rosário, da Cadeia e outras, chamam a atenção por trazerem uma nostalgia e serem menos agressivos ao cenário colonial do que certos banners contemporâneos utilizados por alguns estabelecimentos.

O bom gosto e a sofisticação estão presentes na maioria dos cafés, restaurantes, cachaçarias, galerias e lojas de moda. São produtos e serviços com altos valores que

[160] Fonte: Comunicação oral na Conferência Memórias Comunicativa e Cultural - http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural - Acesso em: abr. 2023.

geralmente não estão de acordo com a condição social do pescador e/ou dos moradores das outras comunidades tradicionais.

Quanto à arquitetura das edificações religiosas, a forma e o volume imponente da Igreja Matriz diante mesmo dos maiores sobrados do Centro Histórico é algo que sempre impressiona quando paramos para observá-la atentamente. A cada saída a campo, a cada jardim interno que tenho a oportunidade de conhecer, mais me encanto. Só me entristece quando os donos dos estabelecimentos onde estes se encontram, transformam o imóvel em comércio e do jardim nada sabem ou procuram saber. A cada morador que parte, parte com ele histórias e memórias. Alguns jardins parecem pátios de monastérios, recantos cheios de energia e silêncio, ótimos para preces e meditações. Segundo Delphim (2010), "os jardins históricos, eles são considerados como qualquer bem patrimonial, a diferença é que a natureza é muito cambiável, dinâmica e instável. Os jardins estão sempre em processo de mutação e as pessoas vão mudando". Pelo olhar do autor, mesmo que outras plantas sejam introduzidas pelos moradores, pelo menos o seu desenho deveria ser preservado.

Dos poucos veículos autorizados a circularem pelo Centro Histórico, estão aqueles que prestam ao município serviço de manutenção e reparo da rede elétrica, água e esgotos e a kombi branca do Lar dos Idosos de Paraty ou "Lar dos Velhinhos", como alguns moradores preferem carinhosamente chamar, a instituição São Vicente de Paulo.

Era uma segunda-feira, passando das 13h, quando minha lente retratou num caminhar sereno, passando pelos trabalhadores da Rua do Comércio, a imagem e o reflexo espelhado na poça d'água da chuva ou da maré talvez, um senhor de cabelos brancos e de túnica clara e máscara branca, sandálias e bengala de madeira, e com alguns livros em baixo do braço esquerdo, era o Diuner Mello, um escritor, memorialista e aplicado pesquisador, chegando na Biblioteca Municipal. Mello é um morador paratiense muito popular, tanto pela cidade quanto pelas redes sociais e documentários no YouTube onde o tema é Paraty. Sempre solícito e disposto a colaborar com outros pesquisadores. Muitos acertos e dúvidas resolvidas sobre a cidade durante a minha escrita, devo à generosidade de Diuner Mello.

Mas a Rua do Comércio não é só trabalho, trata-se também de palco de outras manifestações populares produzidas em Paraty, sejam elas religiosas, culturais, performáticas e inclusive arquitetônica, pois é nela que encontro aquela única edificação que não se harmoniza com o Centro Histórico, pois foge totalmente do estilo colonial. Segundo Freire (2012), no ano de 1933 chegou à cidade Oscar Lopes, um mestre de obras, contratado para executar uma série de serviços na Igreja Matriz, entre eles, colocar o novo piso de cerâmica, que resiste até hoje. Após ter executado os serviços na Igreja Matriz e outros mais para a

Prefeitura, construiu para o Sr José Olímpio do Amaral Viana, uma casa na Rua do Comércio. Como na época ainda não existia o IPHAN, nem mesmo o SPHAN, e o mestre de obras não era um seguidor do estilo colonial, ergueu no Nº 58, da referida rua, uma casa de estilo eclético. Esta é uma das dissonâncias do Centro Histórico, uma outra, também fica na mesma rua distante apenas duas quadras. Trata-se da edificação situada no cruzamento com a Rua da Ferraria [Rua Comendador José Luiz], a única com a esquina chanfrada. Propriedade que em 1958 despontava como o Bar do Abel, ponto de encontro preferido de pintores, artistas e empresários cariocas, paulistas e mineiros que passaram a frequentar Paraty. Um exemplo foi Djanira. Provavelmente atraída por outros artistas, "a pintora Djanira passou a ser frequentadora assídua e da cidade" (p. 130). Adquiriu propriedade no Centro Histórico, construiu na Praia da Barra do Corumbê e chegou a montar o seu ateliê na cidade, onde pintou vários quadros. Enfim, a Rua do Comércio é um espaço multidisciplinar, que vai bem além do comércio, um ponto de encontro em suas esquinas, sejam nos cafés, restaurantes, sorveterias, cachaçarias ou nos bistrôs contemporâneos. Seguindo a Rua do Comércio, além do Centro Histórico, depois da Ponte do Pontal, próximo da Praça Vanessa de Oliveira Porto, onde também há vestígios de uma arquitetura colonial, o comércio gastronômico e hoteleiro estão presentes e se expandindo. Segundo Souza (2008), o principal motivo da preservação de Paraty, da sua arquitetura colonial e das suas riquezas naturais estão associadas ao seu isolamento total, ou parcial, como defendem outros autores.

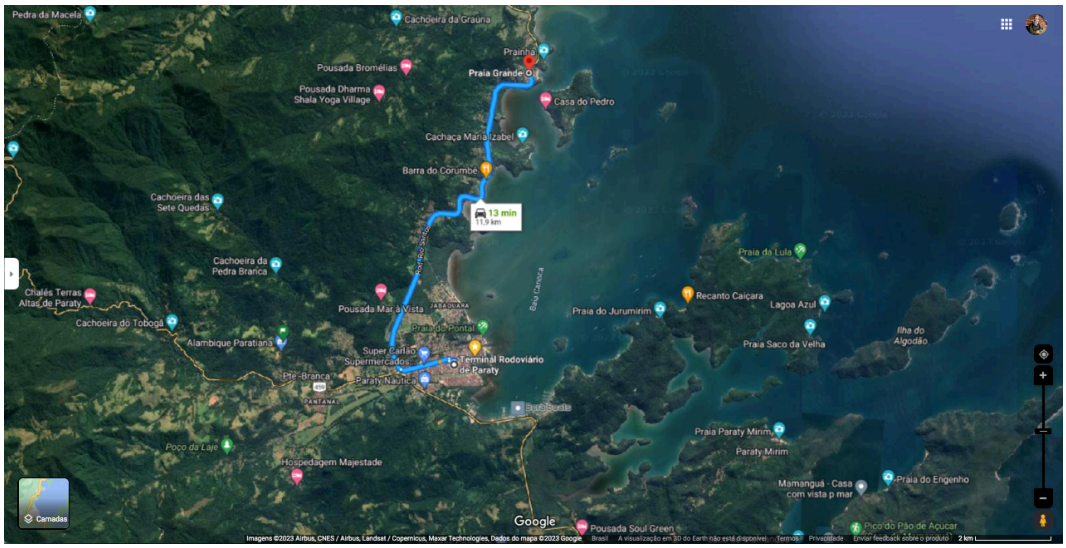
Ao longo do tempo e da prática um fotógrafo documental e/ou pesquisador com o desenvolvimento do olhar já consegue perceber mais facilmente os detalhes da arquitetura, a luz e a sombra e eventualmente, devido o horário, os ruídos, até prever o abrir de janelas e portas e os movimentos dos sujeitos que caminham pelas ruas ou que fazem destas o seu ambiente de trabalho, como os artesãos indígenas, quilombolas, caiçaras e outras origens e etnias, que cruzam ou que se estabelecem encantados pela cidade, expondo e vendendo os seus fazeres e saberes. Em fotografia, já afirmava Bresson (2004), "a menor das coisas pode ser um grande tema". Para o fotógrafo francês, "nós vemos e fazemos ver, numa espécie de testemunho, o mundo que nos circunda, e é o acontecimento por sua própria função que provoca o ritmo orgânico das formas" (BRESSON, 2004, p. 20). E para ver melhor o propósito deste caminhar pela Rua do Comércio, excepcionalmente, além do material produzido durante o período da saída a campo de 2019, valho-me também de fotografias selecionadas do meu acervo referente às edições anteriores e também de saídas a campo realizadas fora do período do Festival Internacional de Fotografia.

Quando a maré avança geralmente rende além de ótimos reflexos, algumas reflexões também, provoca a fotografar mais e mais, em busca de um diferencial dos reflexos já documentados, até o ponto de ter coragem para convidar um casal de turistas, estranhos a mim, para servirem de modelos, posando junto de uma bicicleta que não pertence a eles e nem a mim. Segundos antes, quando tacitamente os fotografei passando, algo me dizia: eles vão voltar.

As bicicletas são o meio de transporte do morador da cidade, da zona rural e costeira, seja ele estudante ou trabalhador. Novas, usadas, velhas, não importa o modelo ou se já saíram de linha, se são originais ou adaptadas para suportarem cestos, caixas plásticas, para carregarem ferramentas, latas de tinta, pães, quentinhas ou peixes. São ótimas para cruzar o Centro Histórico quando a maré entra por suas ruas. É uma tristeza quando o crime não perdoa, roubam até esse bem tão precioso do morador. Assim como inúmeros moradores, alguns dos meus colaboradores, como a Bianca Paraty, o Fernando Alcântara e o primo Zé Malvão são bicicleteiros.

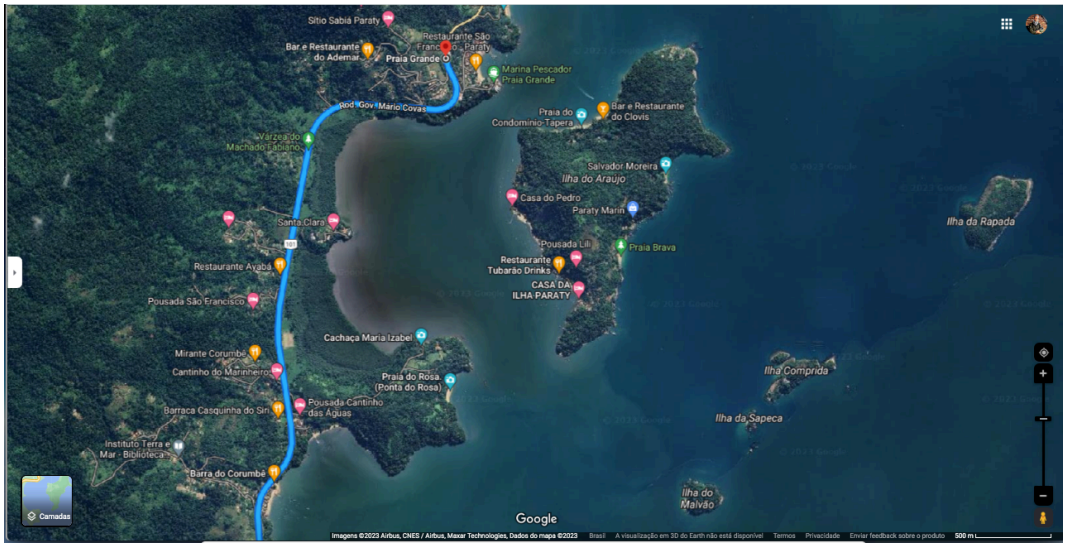
Certa manhã reservei para ir conhecer a Ilha do Araújo, a segunda maior ilha de Paraty (Figuras 27 e 28). As narrativas sobre essa travessia do cais da Praia Grande até o cais frente a Igreja de São Pedro, a bela paisagem da vila de pescadores, a casa do Amir Tã, griô da comunidade, os ranchos de pesca e as coloridas canoas caiçaras e outras questões desta primeira e breve vivência na ilha, apresentarei em futuros artigos e ensaios.

Figura 27 – Terminal Rodoviário Paraty - Ilha do Araújo



Fonte: Google Maps

Figura 28 – Terminal Rodoviário Paraty - Ilha do Araújo | Detalhe



Fonte: Google Maps[161]

Na cidade, mesmo com a chuva o circular de turistas pelas ruas não para, sorte para aqueles cafés, bares e restaurantes que possuem um bom espaço interno e não dependem das mesas extras em frente ao estabelecimento. Pois, assim como certas residências foram compostas com a compra de duas ou mais casas, outras não são vendidas na sua íntegra, algumas são fragmentadas e negociadas em partes com um novo proprietário. E dependendo do fim que este dê a sua fração do imóvel, o espaço interno nem sempre é o suficiente, principalmente se o objetivo é transforma-lo num bar ou restaurante.

A existência de uma praça nos fundos da Igreja do Rosário e não na frente quebra um padrão de urbanismo das cidades do interior, principalmente das pequenas. Segundo a guia, especialista em turismo étnico, trata-se de um recurso aplicado em séculos passados para evitar que o povo negro se reunisse em frente à igreja na entrada ou na saída das liturgias [COSTA, 2022]. Uma forma de controlar o seu tempo de permanência em uma de suas principais ruas da antiga cidade.

Na Rua do Rosário esquina com Rua da Matriz, existe hoje o Café Pingado, aqui agendei algumas entrevistas para a pesquisa. Com sol ou chuva, é sempre um lugar acolhedor. Enquanto aguardo o café ou o entrevistado, fico debruçado na janela fotografando e ao mesmo que procuro visualizar um dos achados na pesquisa: que até o ano de 1712, a Praça da Matriz, era exatamente na quadra em frente. Em um final de tarde com muita chuva, é um bom momento para um café [pingado ou não] e uma conversa sobre: ciranda, cirandeiros, cultura, educação e os patrimônios de Paraty com o cirandeiro Fernando Alcântara. E quem

[161] Fonte: https://encurtador.com.br/bOQ17 - Acesso em: 3 set. 2023.

apenas acompanhou o início da entrevista foi a sua esposa Mariana Vergara, fotógrafa e *videomaker*. Mariana, uma paulista, que demonstra o seu carinho pela cidade, desenvolvendo alguns acervos pessoais sobre Paraty, documentando, em foto e vídeo, as festas religiosas da cidade e os mestres e mestras cirandeiros. Nesta mesma noite, mas em outra mesa, minha consorte Paola Verdun aproveita a oportunidade para conhecer duas das suas colegas do curso de dança contemporânea online, realizado através do SESC Santa Rita.

Nas saídas a campo que coincidiram com o período do Paraty em Foco, geralmente deixo para fazer a última caminhada da noite pela Praça da Matriz e na quadra de esportes, ao lado da Igreja Matriz, para contemplar as exposições fotográficas. Com chuva as imagens ganham um brilho adicional. Em frente à praça, no sobrado da Família Klink, fica a sede ou QG do Festival, onde o italiano Mecarelli, sua esposa e assistentes afinando os detalhes do evento e superando mais uma vez as adversidades criadas pela pandemia, fazendo do Festival um meio/ferramenta de mostrar a fotografia exercida por tantos ao redor do mundo, desde os seus primórdios[162].

Foi numa quinta-feira à tarde, no café da Pousada Selina Paraty na outra margem do Rio Perequê-Açu, o momento de conversar com Bianca Paraty sobre Cultura, Educação, Teatro, Patrimônio e Ciranda. O tempo volta a ficar instável, com a chuva o tempo esfria e a primavera fluminense acaba não se diferenciando muito da primavera da capital gaúcha. Na mesma tarde encontro casual com os italianos Giancarlo Mecarelli e Antonello Veneri[163], expositor e palestrante convidado do Festival de 2021. Não há uma vez que eu cruze com Mecarelli, com sol ou chuva, onde o italiano não esteja correndo envolvido com o Festival, desde os pequenos detalhes, como ajustes de banners na Praça da Matriz ou na CASA PEF KLINK, ou contatando com fornecedores, palestrantes e sua equipe.

Tem dias que a chuva dá uma trégua, pelo menos por alguns momentos. Ótimo para o comércio, principalmente quando isso acontece em um sábado, quando mais turistas voltam a circular, as crianças ficam mais alegres. O movimento na Casa da Cultura de Paraty, seja para conferir as exposições do Festival Internacional de Fotografia ou ir até uma de suas sacadas contemplar a paisagem externa fica mais intenso. Aliás, a beleza dos telhados visto do alto, os detalhes da arquitetura e artefatos nas fachadas, como os abacaxis, as cornetas, que foram outrora símbolos da riqueza.

---

[162] Fonte: https://www.pefparatyemfoco.com.br/2021-1 - Acesso em: 30 abr. 2023.

[163] Antonello Veneri nasceu em Tione di Trento, na Itália, em 1973, é formado em literatura e história italiana e foi jornalista e editor-chefe da revista Questo Trentino de 1999 a 2009, quando passou a viver no Brasil. Desenvolve projetos de documentação social, que narram as histórias e o cotidiano das periferias e dos invisíveis das principais cidades brasileiras. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=U6xJPu_o8rg - Acesso em: 30 abr. 2023.

Lembro que certo dia optei entrar num café da Rua da Praia, próximo da Praça da Bandeira, para além do café, observar o movimento e o comportamento do ir e vir dos trabalhadores, mas também dos turistas que procuram o Cais do Porto. A Rua da Praia, a Rua do Mercado e a Rua Fresca em certos horários do dia, possuem mais urubus que turistas. Embora seja um processo natural a procura de alimento, as lixeiras distribuídas pela cidade, não comportam o volume de lixo e o descarte inconsciente em algumas vias, na Rua Fresca, paralela ao mangue [que não existia em 1979] é um exemplo. Os urubus se acostumaram com esse processo diário, os moradores nem tanto, alguns turistas se chocam e com o passar dos anos eles acabam integrando a paisagem e não só do Centro Histórico.

Em um clima ainda pandêmico, algumas pessoas circulam mascaradas, outras nem tanto, principalmente na hora daquela *selfie* na Rua do Fogo, onde sempre tem alguém a aproveitando como cenário. O ciclo do turismo, de certa forma, acaba beneficiando desde o mais humilde trabalhador até o mais alto comerciante, a vendedora de água e refrigerante que circula pelo Centro Histórico com o seu carrinho de mão feito de madeira, os indígenas do amazonas... Dos proprietários dos carrinhos dos doces aos estabelecimentos mais sofisticados, dos trabalhadores ligados ao turismo e até aquelas ligadas ao setor imobiliário, sabem ou aprendem que a dedicação para conquistar o seu espaço pode ser árduo, principalmente se a pessoa vem de fora e não tem uma referência na cidade, não está ligado a nenhuma rede.

Os desabafos de que uma parcela dos moradores de Paraty são excludentes e xenofóbicos é um tema atemporal, discutido tanto nas redes físicas, esquinas e praças, como no virtual, nas redes sociais e vão ao encontro da narrativa da colaboradora Corrêa [2023]. Uma cidade linda para quem está de passagem, mas que pode ser um grande desafio para quem decide ficar. No processo da pesquisa construí passo a passo, uma rede de amigos, conhecidos, que de certa forma me auxiliariam e muito no desenvolvimento desse conteúdo. Encontrei pessoas orgulhosas de serem paratienses e de possuírem família em diversos pontos da cidade, assim como encontrei paratianos apaixonados pelo lugar e dispostos a lutarem para fazer dela um lugar melhor.

Enquanto o pensamento está nos menos afortunados, olho para o céu como se buscasse uma resposta divina e percebo: realmente como é lindo o telhado da Casa dos Bonecos. A chuva volta, mas não é desculpa para aqueles que são apaixonados por sorvete escolherem uma mesa na esquina das Ruas do Comércio com a do Rosário, abrir os seus respectivos guarda-chuvas e curtir em família. Do outro lado da cidade, no sentido do mar, a noite chega, a Capela das Dores está diferente, sua fachada e lateral norte, está iluminada. A

chuva fica mais intensa, hora de pensar na janta, passar no mercado [me sentir um pouco paratiense na fila do caixa] e voltar para o contêiner laranja.

5.5.3 - Bairro Caboclo, 31 de Outubro de 2021

Certa manhã experimentamos o pão da Mon Idzi, uma argentina, natural da cidade de Posadas Misiones. Há seis anos, ela mesma faz, ela mesma entrega com a sua bicicleta de cestinho os pães integrais que produz. Após o café, aproveitei a manhã para fazer uma visita ao primo Laércio, mas esse retorno ao bairro Caboclo deixei para narrar no Capítulo 6 – PAISAGENS E MEMÓRIAS ALÉM DAS CORRENTES. Depois de entrevistar o primo e antes de retornar a cidade fiz uma parada para uma prosa na casa dos anfitriões do primeiro momento desta saída a campo. A portuguesa Cecília e o paratiense Heron, uns queridos. Ele relembra em detalhes o dia que acertou a compra do terreno onde construíram a sua casa e tempos depois, os dois apartamentos para iniciar a pousada. Lembra que além do dinheiro que tinha para completar o valor da propriedade, deu também o carro, alguns utensílios e até uma máquina fotográfica. Cecília narrou o seu caminho nas artes e na produção artesanal de peças em madeira, conta feliz que alguns dos seus artefatos fizeram parte de algumas produções da Rede Globo. Contaram sobre como é difícil fazer relacionamentos na cidade, e a preocupação diária de Heron, com a mãe, uma antiga moradora do Centro Histórico.

Depois de um vinho e algumas fatias de queijo veio o momento de regressar à cidade, assim como o retorno da chuva. Logo ao chegar do bairro Caboclo no Centro Histórico pela ponte que cruza o Rio Perequê-Açu rumo à Praia do Pontal, passamos por um cartaz de venda de uma propriedade, colado em uma parede próxima à quadra de esportes no entorno da Praça da Matriz. E o fato de termos voltado para ler a placa com mais atenção provocou uma longa conversa, não programada, com um antigo morador paratiense, que deveria ter em torno de cinquenta anos. Uma conversa daquelas que provoca reflexões, sana dúvidas e traz revelações. O monólogo em tom de desabafo fluiu desde os falsos heróis, mas sim verdadeiros destruidores da natureza, referindo-se ao mangue do Bairro Jabaquara e outras áreas, aos três/quatro empresários mais poderosos da cidade que compram tudo que podem e os bons prefeitos que Paraty já teve. A pessoa em questão já sabia até dos lotes de terra no bairro Caboclo, que o meu parente havia decidido colocar à venda, comentando em tom de crítica, que estava barato demais, lembrando que em Paraty a média mínima dos imóveis no Centro Histórico ou muito próximos é a partir de oito milhões.

E assim como este momento, aconteceram outros. Acredito que o caminhar mais lento provocado pelo calçamento do Centro Histórico propicie estas interrupções e acaba-se escutando respostas para perguntas ainda não formuladas, assim como outras histórias e memórias. E até no interior das livrarias, cafés e nas filas dos pequenos ou grandes mercados situados na avenida principal da cidade, a Roberto Silveira, como o Mercado Carlão e o Extra, o boca a boca das notícias concorre com as redes sociais. Talvez o cara a cara seja uma forma eficaz de amenizar a apatia de alguns moradores que acham que está tudo certo e lindo [com todos] em Paraty.

Se antes já era natural o desejo de documentar os detalhes arquitetônicos e as dissonâncias do Centro Histórico, depois da leitura do relatório de 2003 da SIPA e do IPHAN, durante a situação da pandemia, retornei a Paraty com esse desejo ampliado. Aprendi que não se pode acreditar em todas as datas que existem estampadas em algumas edificações, que levam turistas, alguns moradores e até as mais nobres instituições a crerem que certas edificações foram de fato erguidas no século XVIII e até no século XVII. E que sim, conforme o relatório, a harmonia do conjunto arquitetônico eventualmente é quebrada por algumas diferenças abruptas. Alguns são questionados legalmente, outros por motivos que os próprios moradores desconhecem, vão se internalizando à paisagem urbana da antiga cidade.

Nesta saída a campo contemplei o intenso movimento de turistas pelo Centro Histórico, aqueles que ficam e aqueles que simplesmente cruzam rumo ao mar sem nada observar, nem mesmo olhar. Tem os que usam máscaras, álcool gel e os que não se preocupam com essas questões. Como o turismo voltou aquecer o comércio, os avisos de "use máscara" ao entrar nos estabelecimentos, tornaram-se objetos de decoração. Mesmo com a chuva, ao contrário dos turistas que só almejam as praias e vão para as redes sociais reclamarem que nada acontece em Paraty, o turista que vem ao Centro Histórico vai às ruas, seja para apreciar o seu patrimônio cultural, consumir ou simplesmente viver. E enquanto eles admiram a cidade, eu como um *flâneur* contemplo os seus comportamentos através das portas e janelas dos meus estabelecimentos preferidos.

As marés de outubro foram generosas, assim como as ressacas, impedindo que algumas embarcações saíssem para o mar. E já que não podiam sair, alguns pescadores/proprietários aproveitaram para retocar a pintura dos seus barcos. Aproveitando o clima da ressaca, dois cães de rua tiravam um cochilo sob o Titanic, uma canoa caiçara emborcada frente à Praça da Bandeira.

Enquanto algumas coisas não mudam, como as intermináveis filas em frente à agência dos Correios, onde mesmo com a pandemia o distanciamento não é respeitado, outras,

infelizmente acontecem, como a pichação do patrimônio. O longo muro branco de uma residência na Rua da Capela, relativamente próximo da residência da família do seu Aloysio de Castro, foi pichado de ponta a ponta. E os jardins internos que expandem as suas belezas acima dos muros competem com os externos criados na frente de algumas edificações e que não deveriam existir, pois vão de encontro a um ordenamento antigo da cidade patrimonializada de não manter nem mesmo um singelo jardim ornamentado eventualmente com vasos ou floreiras. Essa é uma discussão para se refletir: pois, como seria a Rua do Fogo, considerada a mais bela do Centro Histórico, sem a exuberância do seu verde e o colorido de suas flores, que lhe ornamentam e dão vida?

Houve dias que a carga de informação era tanta, que a melhor opção para o dia seguinte [principalmente se fosse chuvoso], embora também houvesse a sede de querer obter novas informações/dados, era ficar no container. Talvez, nem sair com a câmera e procurar caminhar pelas ruas mais próximas no máximo com o caderno de notas e o mini gravador, como se eu fizesse parte da rua, pois assim como eu observei o comportamento de muita gente, eu também era bastante observado. E numa visão macro de fato seria difícil alguém me ver como um nativo: a câmera, o gravador, o meu caminhar à *flanair,* as vestes, quase tudo em mim colaborava para que não parecesse. E quando eu decidia sair com o velho colete de fotógrafo, aí sim, não tinha como pensar o contrário, eu era o outro, um de fora. Deveriam pensar: será que está investigando a destruição do mangue ou a derrubada de tantas áreas verdes onde surgirão os novos empreendimentos?". E por que ele fotografa tanto estas placas de Licença Ambiental Simplificada, será que é o do Ministério Público?". "Ele fotografa tudo, até as áreas onde não restou nenhuma árvore ou animal silvestre para fotografar, será um grileiro?".

Na véspera de retornar ao Sul, foi agendado para irmos ver o mar, conhecer novas ilhas e praias e rever outras. Por ter apoiado um grupo de teatro local, no período mais crítico da pandemia, ganhamos dois bilhetes para um passeio de escuna. Mas antes fui ao cartório providenciar uma cópia da Certidão de Nascimento de minha "mana Bethy". Na fila do estabelecimento, até informação eu dei, para quem chegava depois de mim. E, naquela manhã não me senti um turista, cheguei a pensar: estou voltando a ser paratiense.

Ao mesmo tempo que contemplo a beleza da biodiversidade da cidade, a mente não para e observando os passageiros e a tripulação da escuna me pergunto quantos moradores sem acesso pelo mar já tiveram a oportunidade de fazer um passeio por toda Paraty. Desfrutar as belezas que a natureza oferece gratuitamente?

O movimento no Cais é intenso, com muitos turistas e excursionistas. Muitas escunas, barcos e lanchas de todos os portes saindo rumo ao mar com crianças, adultos, idosos e as respectivas tripulações de cada embarcação. Na nossa escuna, durante o percurso, a grande maioria não fez uso da máscara e do álcool gel para higienizar as mãos na hora dos lanches ou da refeição. O distanciamento era mínimo e isso realmente parecia não preocupar 70% dos passageiros que nos acompanhavam. Mesmo com as mortes por COVID-19 continuando, a mídia negacionista determinou que a pandemia havia acabado e parecia que [por conveniência talvez] a maioria acreditou.

Rever e/ou conhecer a beleza das novas ilhas e praias seria necessário, embora houvesse a tensão do momento pandêmico, para compartilhar o que foi contemplado. Seria uma extensa narrativa fotográfica e textual, tarefa que ficará então para futuros artigos. Depois de quase seis horas no mar, escutando e produzindo novas fotos, desembarcamos no Cais do Porto [Turístico]. O crepúsculo se aproximava. Reparei no Cais que o número de barcos à venda, assim como o número de casas no Centro Histórico e além de suas correntes, aumentaram. Para quebrar o fluxo natural da saída do Cais, evitei seguir pela Rua da Lapa e optei pela Rua Fresca, creio que a menos fotografada, durante a pesquisa. Trata-se da Rua em que conto na pesquisa, onde são raríssimas as propriedades de frente para o mar, sendo uma delas o sobrado do príncipe, a residência de Dom João Henrique de Orleans e Bragança, Dom Joãozinho como alguns o chamam. No final da Rua Fresca, ao norte, está a Capela das Dores, uma esquina onde em tempos passados havia uma fortificação para defender a cidade.

Ao longe já era possível avistar a torre da capelinha, mas antes mesmo de poder visualizar por completo a sua fachada, escutei de longe uma sonoridade que já havia se tornado familiar. Era o maracatu, ensaio daquele mesmo grupo de 2017, o Maracatu Tira o Mofo, só que com muito mais componentes, em frente à Capelinha. Os moradores da casa ao lado abrem as portas de suas casas, para assistirem aquele múltiplo espetáculo, as cores do crepúsculo e a sonoridade e o movimento dos corpos do maracatu. O crepúsculo traz com mais intensidade as ruas da cidade, o turista, a procura do comércio de *souvenir*, das cachaçarias lotadas, dos restaurantes e das atividades na Casa da Cultura ou nas imediações da Praça da Matriz. No meu caso, agora, depois de mais um dia intenso com a câmera, o objetivo era chegar a tempo de encontrar a Padaria Esperança de portas abertas, e pelo caminho aproveitar para contemplar a beleza do Centro Histórico emoldurado pelo anoitecer.

Patitiba, Out. 2021 - O bairro ao lado
















Centro Histórico, Out. 2021










TITANIC



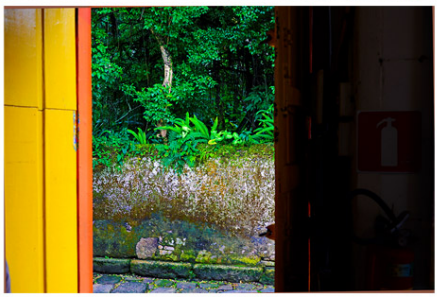
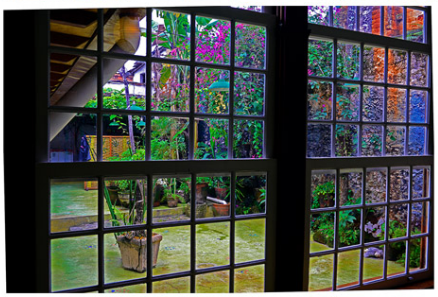

















FOTOGRAFIA SOLIDÁRIA

FOTOGRAFIA SOLIDÁRIA





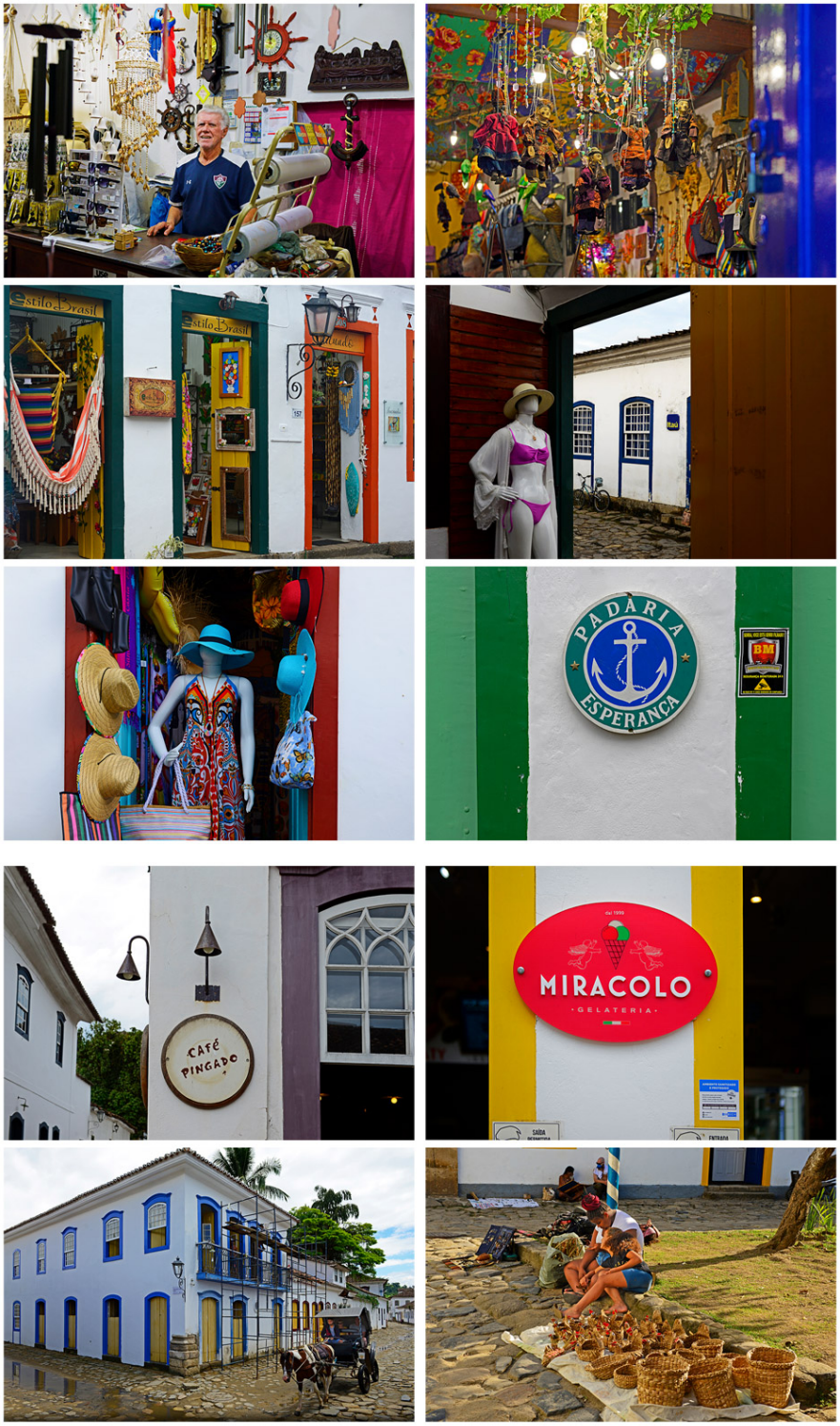









Paraty / Centro Histórico, 2021 - Comércio, turismo e pandemia








"SOMBRA DE VITÓRIA"












Baía de Paraty, 2021 | Fomos ver o mar



5.5.4 - #mochilapronta em Out./Nov. 2021

Do final do crepúsculo a noite escura, a ponto de não se ver mais no horizonte as montanhas cobertas pela Mata Atlântica, é hora de retornar à pousada, o container laranja, descarregar as fotografias, limpar a câmera, pois na manhã seguinte era o momento de voltar. O retorno ao sul desta vez foi de ônibus, longa viagem para se refletir sobre os encontros no bairro Caboclo, as entrevistas com os paratienses, paratianos e dar início no planejamento para uma saída a campo mais longa, no mês de janeiro de 2022.

Relembro então que, bem antes de outubro: em maio, aos 121 anos, o cacique Tataxi, Miguel Benites faleceu de causas naturais, deixando esposa e oito filhos; em junho, aos 77 anos, faleceu de COVID-19 no Rio de Janeiro, o mineiro Januário Garcia, o fotógrafo, pensador e ativista do movimento negro, que eu havia conhecido e retratado em 2019, durante a 15ª edição do PEF. Daquela manhã, além das suas impactantes imagens, impossível esquecer as suas palavras: "existe uma história do negro sem o Brasil, o que não existe é uma história do Brasil sem o negro" [GARCIA, 2019].[164] E contemplativo, voltando para casa, me veio à mente: existiria uma Paraty sem o caiçara? ...sem o indígena e o quilombola?

5.6 - Saída de Campo 4 | Paraty, 8 Janeiro à 4 Fevereiro 2022.

A hospedagem na 4ª saída a campo, via plataforma de locação, aconteceu em um quarto numa casa na Rua Projetada, no Bairro Caborê na outra margem do Rio Perequê-Açu (Figura 29). O pretensioso roteiro, além de procurar materializar a cartografia do Centro Histórico e do bairro Caboclo, incluía retornar, em companhia da minha consorte, à Praia Grande e Ilha do Araújo; conhecer a Praia da Barra do Corumbê, a Igreja Nossa Senhora dos Navegantes do Corumbê e Corumbezinho [embora não seja oficial este nome, a prainha em frente ao templo é chamada assim por alguns frequentadores]. Retornar no bairro Caboclo, no Quilombo do Campinho e na Aldeia para rever e conversar com os primeiros contatos, mostrar as fotografias realizadas em 2018 e através delas desenvolver novas narrativas, novas falas, também estavam na pauta. Assim como também estava procurar documentar as tradicionais atividades culturais e religiosas do período, dentro da malha urbana e nas comunidades tradicionais/vilas de pescadores mais distantes, aproveitando para fazer novas

[164] Januário Garcia - Comunicação Oral – Em set. 2019.

conversas e entrevistas. E ainda dentro da Costa Verde, mas fora de Paraty, um único objetivo: ir até Mangaratiba, para conhecer pessoalmente uma das minhas primeiras colaboradoras entrevistadas: tia Silvana Nascimento, natural do bairro Caboclo.

Figura 29 – Rua Projetada / Caborê – Praça do Chafariz / Centro Histórico



Fonte: Google Maps[165]

A viagem da Rodoviária do Tietê de São Paulo até a Rodoviária de Paraty levou dez horas, quatro horas a mais devido às chuvas intensas. Quando cruzamos a divisa dos dois estados, comecei a combinar o translado até a hospedagem com a Roberta, motorista de aplicativo, bem conhecida pelas redes sociais da cidade como “A braba”. Ao chegarmos na rua da casa onde locamos o quarto percebi que ela é a única habitada, mas ainda sem calçamento no bairro. Devido ao horário e o cansaço, não saímos para jantar e a nossa anfitriã nos ofereceu um lanche. Na manhã seguinte fizemos a primeira caminhada no barro, desviando das poças d’água, para ir até o Mercado Carlão fazer umas compras básicas para as nossas próximas refeições. Foi aí que começamos a perceber [não só no mapa] o quanto estávamos distantes do Centro Histórico se comparado as nossas outras hospedagens dentro da malha urbana.

Chegamos em Paraty com um objetivo [sonho] paralelo à pesquisa, de estudar as oportunidades de trabalho e calcular como seria continuar analisando Paraty, vivendo em Paraty, em uma espécie de imersão. Bem, todas as saídas a campo possuem o seu grau de intensidade e dificuldades, pelos mais diversos motivos. E nestes trinta e poucos dias creio que pude, em companhia da minha consorte, vivenciar muito do que eu vinha lendo durante o

[165] Fonte: https://encurtador.com.br/bipq3 - Acesso em: 3 set. 2023.

processo da pesquisa a respeito da cidade: os problemas com as intempéries, a falta de luz e o racionamento de água por dias, questões sociais, políticas e de segurança, principalmente. Chegamos na semana em que ocorreu crime onde um jovem casal de turistas, após desembarcarem na rodoviária de madrugada, esperaram o amanhecer para, a pé, seguirem até o local onde iriam se hospedar, até aí uma prática comum de viajantes. No entanto, ao tentarem cruzar a Ponte do Pontal sobre o Rio Perequê-Açu, que dá acesso ao Centro Histórico, foram abordados por dois menores e uma maior de idade. Era um assalto. E um dos assaltantes não hesitou em puxar o gatilho e acertar um tiro no rosto do jovem que recusou em entregar a sua mochila. A cena foi tão dantesca que de um outro corpo também tombado dias antes nas proximidades da Praça da Matriz não se ouviu mais falar. E poucos dias depois foi encontrado em um terreno, o corpo, já sem vida, do assaltante que havia puxado o gatilho.

Independente das experiências iniciais, procuramos fazer uma espécie de retiro urbano como havíamos combinado e sair apenas para resolver questões pertinentes à pesquisa e fazer das quartas-feiras o nosso domingo, para evitar as aglomerações da cidade. Mas os acontecimentos não colaboravam. Encontrei a cidade com um número de turistas e excursionistas bem superior das saídas anteriores. Era uma Paraty cheia, dividida e confusa, entre manter o distanciamento e isolamento devido à pandemia de COVID-19, que naquele momento aumentava novamente os índices de contaminação por uma nova variante do vírus, ou comemorar/celebrar o ano que iniciava com alguns eventos que retornavam ao presencial.

E, ao mesmo tempo, circulava nas redes sociais o desabafo de vereadores que foram procurados para votarem contra a construção de um centro educacional na cidade, visando capacitar e profissionalizar a juventude local. Paraty, então, mesmo com os seus "caminhos e descaminhos" (RIBAS, 2016), cresce em outros setores como educação e cultura, graças à resistência da gestão atual. Identifiquei a presença de Polos EAD de três universidades. No bairro Portão de Ferro II, por exemplo, havia se instalado a unidade EAD da Anhanguera - Campus Paraty. Enquanto alguns poderosos querem continuar escravizando as novas gerações com subempregos há os que procuram abrir caminhos e oportunidades.

Uma das fronteiras invisíveis para quem é turista, é o alto custo de vida para os moradores, e outra é a discriminação, a não aceitação dos *"de fora"* [inclusive por aqueles que um dia chegaram na cidade com o mesmo propósito] e sonham em ter uma vida no mínimo digna em algum recanto da cidade Patrimônio da Humanidade.

"Dos caminhos", fiquei feliz em ver que a Santa Casa de Misericórdia de Paraty cresceu, tornou-se um hospital, ampliado e melhor equipado. Nas imediações do antigo muro de entrada da cidade, já existe uma clínica Unimed, assim como outras clínicas particulares

que abriram na cidade. Acredito que devido à pandemia, cresceram também ou se tornaram mais frequentes as ofertas de terapias alternativas e de pessoas ministrando na beira das praias mais próximas, principalmente Pontal e Jabaquara [onde era possível manter a distância recomendada], aulas e oficinas de yoga, dança e atendimentos de massagens.

Com o intuito de organizar a agenda, uma das primeiras caminhadas com câmera no meio urbano, foi no limite do bairro Patitiba e Centro Histórico, para ver se já havia alguma decoração para a Folia de Reis na vizinhança da singular Capela da Santa Cruz de Gragoatá, uma edificação de 1901, popularmente conhecida como Capela ou Capelinha da Generosa. Havia no jardim ao lado um belo presépio coberto por uma tenda azul decorada com algumas guirlandas com florezinhas vermelhas, lilases e brancas e anjos tocando clarins dourados. O belo e singelo evento do dia 6 de janeiro, organizado por um grupo de moradores que em parte eu já conhecia, infelizmente, devido à intensa chuva no horário que começou e à falta de transporte, acabei não conseguindo documentar. Na verdade, transporte público é uma das maiores reclamações no município. Do local onde eu estava hospedado não há transporte circular que pudesse me deixar próximo ao Centro Histórico. Chamar carro de aplicativo é recomendado apenas em casos extremos, pois por um trajeto mínimo [imaginário] de uma volta na quadra, por exemplo, em Paraty, paga-se, no mínimo, umas cinco vezes mais do que em uma metrópole. E os preços dos táxis não ficam muito distantes disso também. A defesa dos motoristas é o exorbitante valor do combustível na cidade. Além da questão que, dependendo da origem ou do destino da viagem, muitos recusam alegando a falta de segurança no bairro de destino. No dia seguinte, diante do acontecido, acredito ter sido mais um presságio ou um alerta, que não seriam dias fáceis, pois se não consegui observar e documentar um evento que era tão próximo, como seria querer, durante aquelas cinco semanas seguintes, documentar várias outras atividades em distâncias bem superiores.

Em outro dia, então, após fotografar o presépio, um diferencial na Capelinha, segui caminho pela Rua do Comércio até o IHAP com o objetivo de comprar uma obra indicada pelo escritor paratiense Diuner Mello. No caminho, chegando próximo da Rua da Santa Rita, fotografei novamente aquela casa amarela que quebra radicalmente a harmonia de toda a Rua, para não dizer de todo o Centro Histórico, desta vez com uma outra luz, devido ao horário. Já narrei parte da sua história durante a saída a campo anterior. Na lateral da Santa Rita, quase em frente ao SESC, retratei as tão debatidas charretes com tração animal. Os seus proprietários continuam lucrando com os turistas que não querem ou não podem se molhar na chuva, alguns principalmente por estarem acompanhadas de crianças. As charretes, por serem cobertas, permitem um passeio mais acolhedor. Até que para um chuvoso sábado de manhã,

há um razoável movimento na cidade e isso é bom para um comércio que passou meses fechados e depois teve que acompanhar um rodízio de abrir e fechar, acatando as recomendações da OMS. A chuva não deu trégua todo final de semana, a temperatura mudou, o número de guarda-chuvas aumentou, as obras de restauro e manutenção em diversas edificações estavam paradas.

Um dos pontos positivos desta saída a campo, foi que optou-se por contratar um serviço por uma plataforma de serviço online comunitário para realizar um *city tour* no centro histórico da cidade para conhecer alguns detalhes de sua história. Foi uma "Caminhada Pelo Preto da História", ou seja, pela pesquisa e ponto de vista de Leidiana Nascimento da Costa, uma guia de turismo negra.

> Sou uma mulher brasileira preta, desafiando as estatísticas e realidades impostas a mim, quebrando todos os dias um elo na corrente que ainda arrasto. Sou Guia de Turismo Regional, Nacional e Latino-Americano, credenciado pela Embratur. Trabalho em Paraty como Guia local, cidade que me acolheu e que aprendi a amar. Adoro contar a história, as estórias, e as curiosidades históricas sobre a vida em Paraty, é sempre uma alegria receber visitantes que querem aprender e entender um pouco mais sobre esta cidade que eu amo tanto. Especialmente me encanta poder contar o lado protagonista da diáspora africana que está relacionado a esta história. [Leidiana Nascimento da Costa, 2021].

Costa [2021] contou detalhes importantes sobre o Centro Histórico e como os negros foram tratados, como trabalhavam, como viviam e se expressavam em sua cultura, sua arte e seus conhecimentos de agricultura, que se misturava aos brancos, quando não eram reprimidos, desde a chegada de seus ancestrais à cidade, como escravizados.

> Paraty é uma vila colonial repleta de belezas naturais e construídas por mãos humanas. Ao longo deste passeio será apresentada a história e curiosidades de Paraty a partir do protagonismo dos povos africanos que deixaram contribuições diversas, serão abordados múltiplos assuntos e temas, contextualizando a história desde a visão histórica da diáspora africana no Brasil. [COSTA, 2021].

Costa [2021] conta que chegou um momento em que não havia, na cidade, moças de família para casarem-se com os homens brancos europeus que ali povoavam. Só havia homens negros, mulheres negras e prostitutas. Então foram trazidas essas mulheres brancas para casar. Como as igrejas onde ocorriam as reuniões sociais da época também seriam frequentadas pelos negros, essas mulheres mandaram construir uma igreja para eles. E assim iniciou então, de fato, a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Paraty.

Neste dia, em alguns momentos da caminhada, a chuva concedeu uma pequena trégua. Foi importante saber e perceber o olhar do outro, e não só para a pesquisa mas por estas

questões estarem presentes na formação da minha identidade, uma vez que por parte de mãe, o meu bisavô Pedro Gervásio era um homem negro escravizado e a minha bisavó Maria Rita, uma mulher indígena. Nos despedimos em frente a uma cachaçaria. Ela tornou-se minha colaboradora.

O local onde estávamos hospedados encontrava-se mais próximo do acesso à zona rural, mais perto do bairro Caboclo que do próprio Centro Histórico, então era possível, durante as nossas eventuais caminhadas [para substituir a minha fisioterapia] encontrarmos além dos moradores com as suas bicicletas, outros com os seus cavalos. Entre os bairros Caborê e Caboclo fica o Bairro chamado de Portal das Artes, que no sentido norte-sul é uma das primeiras entradas de veículos que dá acesso ao Centro Histórico. É um bairro com várias pousadas e casas sofisticadas. No limite do bairro, na margem do Rio Perequê-Açu, está localizada uma outra unidade do SESC, uma espécie de sede campestre. Muito caminhamos nesse bairro, por ser um ótimo atalho para o primeiro ponto de ônibus que havia na Rio-Santos, para se chegar a pé no bairro Caboclo e para dar uma paradinha na padaria Portal do Pão, o único comércio com delícias naquele caminho. Em várias ocasiões saímos da nossa caverna para tomarmos um café naquele agradável local. Além das delícias, como citei, era muito bom, enquanto tomava o meu café, observar o comportamento daqueles que ali frequentavam, grande maioria moradores, trabalhadores, polícia militar ambiental e, eventualmente, entrava algum turista que estivesse hospedado no bairro ou de passagem, quando motorizado. Mas além da padaria encontra-se, naquele trajeto, uma boa concentração das criticadas placas de Licença Ambiental Simplificada, o desmatamento de grandes áreas de terra e outras placas já anunciando a venda destas áreas, divididas em lotes. Quando o sol aparece, traz junto o barulho dos motores dos tratores, das patrolas e tombadeiras que ali trabalham.

Para fazer uma oposição à arquitetura sofisticada encontrada entre o Portal das Artes e o Caborê, existe nestes bairros que costeiam o Rio Perequê-Açu do lado norte, principalmente, quase em excesso, um estilo de condomínio composto de pequenas casas, de modo que às vezes chega a ter, na mesma quadra, várias construções desse tipo. Quando novas até se destacam, devido ao colorido ou à repetição das formas. São casas pequenas, algumas chamadas de estúdio ou *loft,* mas que em tamanho/metragem chegam a equiparar-se aos JKs das cidades metropolitanas. Algumas possuem dois quartos, quase todas têm dois andares, onde no primeiro piso, em uma área aberta, estão a sala, a copa e a cozinha; e no piso superior estão o quarto ou quartos e o banheiro. Alguns desses condomínios foram erguidos com o único objetivo de serem alugados via plataformas de serviço online de locação. Mas

em geral, a ideia que se tem é que para fazer multiplicar o valor dos lotes, constroem nos terrenos estas pequenas casas, coladas umas às outras, com um pátio comum a todas, geralmente sem garagem, e os carros, quando há, amontoam-se pelas ruas, fazendo desta forma o investimento aumentar sensivelmente, dependendo do número de casas que são vendidas. Pode ser uma forma de morar em Paraty, para quem chega com um certo capital. Dependendo do condomínio escolhido basta saber abstrair a sonoridade e outros incômodos comumente encontrados em uma vizinhança.

Durante a segunda semana em campo a chuva voltou a cair torrencialmente, mesmo assim no Centro Histórico foi possível encontrar, nas esquinas, alguns carrinhos de doces protegidos com lonas e plásticos. Os turistas que não se intimidam com o tempo, levavam os filhos no colo, todos agarrados em seus guarda-chuvas. Era verão, mas com a intensidade das chuvas a temperatura baixava um pouco ao anoitecer, o que é típico do clima tropical. Na pequenina e bela Rua do Fogo procuro pela porta de entrada do atelier de um artesão caiçara. A sua oficina é um fábrica de sonhos, tem miniaturas de barcos de pesca e canoas caiçaras nas mais diversas fases de produção, assim como o tradicional remo caiçara em muitos tamanhos e de um colorido intenso, que ora parecem estampas/motivos tribais e afros e ora parecem outros.

5.6.1 - Barra do Corumbê | vila de pescadores

Quarta-feira, 12 de janeiro, a chuva para, dia de aproveitar para ir até a Barra do Corumbê (Figura 30). Resolvemos ir caminhando, pois a maior parte do trajeto se faz pelo encostamento da Rio-Santos. Em pouco mais de uma hora e trinta minutos vencemos uma média de oito quilômetros, considerando as paradas, como para uma prosa rápida com o Seu Heron, que já foi nosso anfitrião em 2021 e/ou para contemplar algumas paisagens. Diria que a Praia da Barra do Corumbê é menor que a Praia Grande, com o mar calmo, um refúgio mais familiar. Na primeira parte da praia tem um grande restaurante de frente para o mar com a gastronomia tradicional da costeira. Mais adiante, por outra trilha, talvez mais um quilômetro, após passar por algumas casas de moradores com os seus quintais cheios de galinhas e pintinhos soltos, chegamos até o meu objetivo: a Igreja de Nossa Senhora do Corumbê. No momento o templo estava passando por um processo de restauro supervisionado pelo Escritório da Costa Verde do IPHAN.

Descendo outra trilha estreita e íngreme e com uma vegetação mais densa, a ponto de que quem estiver no mar não consegue ver por completo a fachada da Igreja, caminha-se entre um conjunto de casas de uma pequena vila de pescadores. Na praia, enquanto um pescador observa o mar e o vento, o outro, no canto do seu rancho, costura a sua rede. Esse recanto mais ao norte da Praia da Barra do Corumbê é chamado carinhosamente, por alguns, de Corumbezinho, mas não é oficial. Na margem direita da praia fotografei a casa, já em processo de degradação, que pertenceu a artista plástica Djanira. Confesso que só fui ter essa informação após compartilhar uma das fotos nas redes sociais, inicialmente por comentários de moradores e depois por aprofundar a pesquisa. Foi esta a casa que na década de 60 a pintora construiu [a qual relato na 3ª saída a campo] e transferiu sua residência para esse vilarejo, propriedade em que se dedicou à lavoura de banana, tema recorrente em suas pinturas na época. *"Viajar e pintar são os verbos do meu destino"* era o seu lema[166]. Uma mulher de muitos talentos: pintora, desenhista, ilustradora, cartazista, cenógrafa e gravadora, Djanira da Motta e Silva, morreu no Rio de Janeiro, em 1979.[167]

Figura 30 – Praia da Barra do Corumbê – Rua Projetada / Caborê.



Fonte: Google Maps[168]

O domingo de 16 de janeiro iniciou sem chuva. Cansados de tanta chuva e outras questões referentes a nossa hospedagem, resolvemos quebrar o nosso combinado de não irmos ao Centro Histórico nos finais de semana. No caminho, próximos da Ponte do Pontal, já avistamos os estacionamentos próximos da Praça da Matriz cheios e a Igreja da Nossa

[166] Fonte: http://www.acervo.sp.gov.br/ArteDetalhe/Djanira/3DMS.html - Acesso em: 9 mai. 2023.
[167] Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9397/djanira - Acesso em: 9 mai. 2023.
[168] Fonte: https://encurtador.com.br/vzD08 - Acesso em: 5 set. 2023.

Senhora dos Remédios repleta de turistas, felizmente uma grande porcentagem usando máscara. Muitos Guias de turismo já encontravam-se procurando revezar-se frente às principais edificações para narrar as suas histórias, causos e memórias. Os cafés, bares e restaurantes, todos preparados para atender, com as suas mesas e cadeiras alinhadas na via pública. Os moradores abriam as suas portas e janelas, deixando o ar e o sol entrarem, enquanto os filhos e netos corriam um pouco, aproveitando que a pavimentação pé-de-moleque estava seca da chuva e que no momento não havia maré.

Enquanto procuro por sótãos e mirantes, fotografo os largos e altos muros de pedra que ao mesmo tempo em que guardam muitas memórias, contam histórias e malassombras. Da vida atemporal de Paraty, segundo Maia (2018)[169], "não se pode separar a vida do imaginário popular. Seria como um corpo sem a sua alma". Afinal o que seria desta paisagem, desde os seus tempos de vila, sem o seu precioso Patrimônio Imaterial.

O sol, a luz, trazem também as atrizes, atores e diretores globais com suas equipes de produção para usarem a cidade como cenário de filmes e mini séries. A felicidade de alguns moradores é que para estas gravações geralmente surge a oportunidade para alguns trabalharem com figurantes em uma ou mais cenas.

Na quarta-feira, 19 de janeiro, com ajuda do amigo cirandeiro Fernando Alcântara, foi dia de ir no Bairro Ilha das Cobras conhecer José Assunção do Araújo, o primo, mestre cirandeiro, "Zé Malvão". Mas as histórias e memórias desse ex-morador do bairro Caboclo, deixo para narrar na segunda seção do Capítulo 6 – PAISAGENS E MEMÓRIAS ALÉM DAS CORRENTES: Bairro Caboclo, o que não é mais. No retorno, ao sair caminhando uma meia dúzia de quadras, rumo ao atual Cais de Pesca, é difícil não se deixar levar pelo imaginário coletivo/senso comum ao observar as pessoas que ficam nas esquinas ou sentadas nas soleiras das portas mais próximas da entrada do bairro [somado ao fato de já conhecer como funciona o controle dos olheiros do ir e vir em comunidades dominadas pelo tráfico].

Diferente do traçado urbano em xadrez das Ruas do Centro Histórico, na Ilha muitas das ruas próximas ao Mercado de Peixe Tenente Luiz Berto Moura são em curva ou em diagonal, e leva-se um pouco mais de tempo para se familiarizar com o lugar. Do Mercado já é visível o caminho mais próximo para retornar: a passarela que passou a unir os dois bairros, uma recente obra da prefeitura, que acabou gerando conflito com o IPHAN. A passarela além de agregar os moradores da Ilha das Cobras, quebrando um isolamento existente desde o início da formação do bairro, veio a facilitar a vida diária daqueles que trabalham no Centro

[169] Fonte e sugestão de leitura: PARATY ENCANTOS & MALASSOMBRAS de Thereza e Tom Maia, 2018.

Histórico ou além dele ou também porque precisam por algum motivo acessar o Cais do Porto. Ela termina nas proximidades da Rua Aurora com a Travessa Santa Rita, onde vamos encontrar os prédios do Fórum Juíza Albaliz Nascimento e o Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP), envolto pelo Largo de Santa Rita. Na área verde existente entre as duas instituições geralmente há dezenas de urubus sobrevoando a procura de alimento.

Neste mesmo dia, enquanto a mente não parava de refletir sobre o encontro na Ilha das Cobras, aproveitei para fotografar frente ao Fórum mais uma prova de que as bicicletas são as responsáveis por moverem as almas de Paraty. E depois fotografei, metro a metro do meu "muro preferido", um longo muro que existe na esquina da Rua da Lapa com a Rua do Mercado. A sua cor e textura não escaparam da ação do tempo, marés, sol e chuvas e aquela vegetação que vinha do jardim interno e tentava encobri-lo mas só conseguia ornamentá-lo e deixá-lo mais significante. Para mim, só de pensar quantas mãos pretas escravizadas foram necessárias para erguê-lo, trata-se de uma obra prima.

Eram 12h20, quando fizemos uma pausa no Restaurante do Netto, para comer um pirão de peixe. Trata-se de uma questão de alimentar aquela minha memória afetiva, etc e tal. No dia seguinte descobri um site que sinaliza os horários das marés de Paraty, para fazer uma pausa nos estudos e movimentar o corpo "6.2", caminhei até o Centro Histórico e resolvi experimentar, procurei chegar uns trinta minutos antes e fiquei aguardando. Incrível, funcionou. Acompanhei e fotografei o fenômeno do início ao fim. Este foi um dos raros momentos em que conseguia parar, respirar e não pensar em soluções para as questões que surgiram na qualificação e muitas novas que se revelaram após, e procurava desenvolver alguma fotografia de caráter mais autoral, ao mesmo tempo em que já voltava a pensar, o quão distante estaria esta minha imagem da Fotografia Documental que desenvolvo para a minha pesquisa? Mesmo enquanto nestes breves devaneios, eu fotografava, e depois fotografava novamente o chafariz da praça, em outro angulo e com outra luz, uma janela que antes estava vazia e que agora tinha um morador canino observando atentamente os meus movimentos.

No dia 20 de janeiro tinha a intenção de ir até o Pouso da Cajaíba documentar a Festa de São Sebastião. Inicialmente fiz contato com Graça Braga, uma moradora do Pouso e colaboradora desta pesquisa, que conheci em uma visita técnica ao IHAP durante a saída a campo em setembro de 2018, e que embora estivesse distante naquele momento, me passou a indicação de barqueiros e dois contatos com quem eu poderia alugar um quarto. A alternância da pandemia e das chuvas e com a proximidade do evento, acabei não conseguindo obter a resposta referente às hospedagens em tempo. Quanto ao valor do transporte pelo mar, variava

entre 600 e 800 reais. Estava propenso a fazer o investimento, mas para aproveitar melhor, não queria voltar no mesmo dia. A intenção era passar no mínimo uma noite para no dia seguinte conhecer com calma uma das tradicionais comunidades caiçaras que eu já vinha analisando em documentários e acompanhando pelas redes sociais. Este foi o segundo evento, também religioso, em que não consegui estar presente durante esta saída a campo. Imerso na cidade, acabei descobrindo pelas redes sociais outros eventos que aconteceriam naqueles próximos dias: Batismo do Milho na Aldeia Paraty Mirim (17-20 Jan.), Batismo Nhemongaraí na Aldeia Araponga (24-30 Jan.), Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na Praia Grande (2-6 Fev.) e Iemanja (5-6 Fev.). Algo inquietante é que ano após ano, nem todos os eventos do município constam no calendário oficial e, como no caso da Festa de São Sebastião, embora haja o esforço dos organizadores, a divulgação começou muito próximo da data. O ideal é que houvesse um calendário com todos os eventos, religiosos ou não, principalmente para aqueles menos elitizados e que não costumam receber apoio das instituições municipais ou privadas.

Depois de mais alguns dias com chuva intensa, uma caminhada para desfrutar a luz do final da tarde, aproveitando para melhor fotografar nas fachadas dos casarios os detalhes arquitetônicos que remetem à maçonaria e outros, como os tradicionais lampiões, a arte em ferro de algumas sacadas, os turistas aglomerados e o grupo Hare Krishna em silêncio passando pela cidade para divulgar a sua comunidade.

5.6.2 - Bairro da Penha

Em 27 de janeiro, quando o clima firmou, minha consorte e eu resolvemos fazer da quinta-feira o nosso domingo e aproveitar a luz, sair do núcleo urbano para ir até o Bairro da Penha na expectativa de refazer algumas fotos, aproveitando que desta vez o céu não estava encoberto de nuvens escuras. Fiz então novos registros da Igreja Nossa Senhora da Penha, um templo construído sobre uma imensa rocha no ano de 1985, localizada no bairro da Penha, e muito próxima do final do trecho recuperado do Caminho do Ouro. Esse conjunto de atrações fica bem ao lado da estrada Paraty-Cunha e distante cerca de 8km do núcleo urbano de Paraty. Após captar as novas fotos, entramos na Mata Atlântica e fomos caminhando pelas trilhas acompanhando a sonoridade das aguas das cachoeiras e das vozes dos turistas. Próximo de uma piscina natural, atravessando uma longa ponte de corda, está o único restaurante existente nesta parte da mata. Por estar lotado, não nos animamos a ficar. Creio que éramos os

únicos que estávamos usando máscara. Aproveitei para sentar nas pedras, molhar os pés na água gelada, enquanto observava o movimento e o comportamento das pessoas. As cachoeiras que encontram-se nesse entorno, com o tempo, foram ganhando novos nomes e, segundo Mello [2022],

> Em Paraty, como em muitos outros lugares de atração turística, os agentes de turismo vão dando novos nomes aos lugares "turísticos". O Pior é que substituem os nomes tradicionais e antigos por nomes já utilizados em outras cidades, em uma total falta de criatividade, já que se trata de uma repetição. [...] Aqui, há muito tempo, a Cachoeira dos Penhas passou a se chamar "Do escorrega" e, por fim, "Tobogã". Perdem-se assim nomes singelos, simpáticos, tradicionais e verdadeiramente caiçaras, por mais que o povo se diga e se orgulhe de ser um autêntico caiçara. [MELLO, 7 jan. 2022].

Horas depois da caminhada, antes de retornar à cidade, atravessamos a estrada Paraty-Cunha para documentar no Engenho, o pequeno mas muito simbólico acervo que a administração local reuniu e transformou em um Museu Rural. A casa de pau-a-pique repleta de artefatos utilizados no dia a dia doméstico e da produção de cana, desde o século passado. Na porta dos fundos há um pequena roda d'água movida através de *"água entaquarada"*. Descendo o terreno, no lado externo do engenho, há uma grande roda d'água e no seu interior os alambiques feitos de cobre batido a mão. Alguns engenhos hoje já tocam a sua produção com energia elétrica, mas costumam manter alguns artefatos do processo antigo para ornamentação do lugar. Para a nossa surpresa o local contava com restaurante.

No dia seguinte a chuva voltou com força, saímos de casa apenas a tarde, para irmos até o SESC Santa Rita, pois era literalmente dia de cinema, um projeto da instituição em exibir documentários sobre comunidades tradicionais. Na saída aproveitamos para passar na Casa da cultura e prestigiar o trabalho dos amigos moradores, os seus fazeres e saberes e de outros artistas e artesãos. Pelo caminho observei que, com o movimento mais tímido, outros amantes da fotografia aproveitam para fazer fotos mais elaboradas, usam do tempo e da tranquilidade para estabilizarem as câmeras sobre um tripé ou no próprio chão, em cima de uma pedra-pé-de-moleque mais alta e plana ou sobre alguma mesa de restaurante exposta na rua.

Final de janeiro, de volta ao quarto locado no Caborê, aguardando um retorno do meu orientador, literalmente um pedido de socorro, sobre questões pós-qualificação, recebo uma ligação do sul: era ele, me comunicando que estava para se desligar da universidade nos próximos dias. Respiro e termino de arrumar a mochila para o próximo compromisso, o último antes de regressar. Depois dos trinta dias em campo, após embarcar na van no ponto

próximo do Bairro Portal das Artes, rumo à Praia Grande [com o corpo exausto e a mente querendo produzir], não sei se sonhei ou se de fato observei o motorista ultrapassar na Rio-Santos uma carreta puxada por dois bois. A noite, analisando as redes sociais, descubro os eventos que aconteceriam no mês de fevereiro e optei em documentar a liturgia em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes que aconteceria na Praia Grande.

Primeiro de fevereiro, a agenda da manhã era passar rapidamente no IPHAN e no SESC Santa Rita e no caminho aproveitar o cenário da maré que estava especial, pois era dia de lua nova. Pensando bem, especial para turistas e outros *flâneur*, porque para o morador não deve ser nada bom, ter água na porta de casa duas vezes por dia e correndo o risco de entrar quando é Lua Nova ou Cheia, sem falar das super marés que acontecem em média umas quatro vezes por ano.

No período da tarde o sol partiu e a chuva voltou, mas não importava, pois era momento de retornar à Praia Grande e ficar na pousada com a sonoridade da chuva, aguardando o momento da singela comemoração à Nossa Senhora dos Navegantes. Ainda estávamos na ocorrência da pandemia de COVID-19. A Praia Grande trata-se de uma vila de pescadores, principal ponto de conexão com a Ilha do Araújo, no seu píer principal, onde desde muito cedo da manhã há um grande movimento de pessoas que estão saindo do continente e indo trabalhar nas ilhas próximas e também de pescadores voltando do alto mar ou da pesca de costeira. Embora tenha este nome, Praia Grande, trata-se de uma pequena praia, algo em torno de uns 500m e onde há algumas pousadas, um mercado de peixes, alguns bares e quiosques em frente à praia. Foi neste recanto de Paraty que foi possível, na noite de 2 de fevereiro às 19h30, contemplar a missa em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, na Igreja de São Cristóvão e Nossa Senhora dos Navegantes. Chegamos pouco antes de iniciar e fui carinhosamente apresentado à comunidade presente na celebração, pelo Senhor José Luiz da Silva Vaz[170], um catequista local que fez uma breve explicação para os irmãos da paróquia, sobre por que eu estar ali fotografando e gravando aquela liturgia: por se tratar de uma pesquisa narrativa sobre a comunidade. O cortejo iniciou-se do lado de fora da igreja, onde cada um dos presentes recebeu uma vela que foi acesa, uma a uma com o repasse da chama, antes de adentrar ao espaço cuidadosamente preparado para a cerimônia. A missa aconteceu entre as reflexões propostas pelo Padre Milton Fontoneli e a linda voz melodiosa da jovem Priscila de Deus da Silva, que intercalava os cantos de louvor entoados. Ela conta que sempre antes das missas, celebrações, adorações são separados/escolhidos os cantos que serão

[170] José Luiz da Silva Vaz – Comunicação Oral – Praia Grande / Paraty, 2022.

entoados, e que depois disso haverá o ensaio para relembrarem os cantos que já conhecem, ou para aprenderem novos [SILVA, 2022]. No altar havia do lado esquerdo uma belíssima imagem da Santa, envolta de um ornamento de flores brancas e rosas, sob um pedestal de madeira escura, e no centro, um vaso claro com flores. No decorrer da missa foi levado para a frente do vaso claro um grande cesto de vime, carregado por dois moradores, contendo doações de alimentos não perecíveis, que posteriormente seriam doados para os Vicentinos[171]. No momento de homenagear Nossa Senhora dos Navegantes e pedir as bênçãos aos navegadores locais e para todos os presentes, cerca de dez mulheres das que estavam presentes dentro da igreja, foram selecionadas pelo Senhor José Luiz, como é mais conhecido pela comunidade, para levar uma rosa a ser colocada em um jarro marrom localizado aos pés da santa, em sinal da força feminina trazida ao mundo por ela e por Maria, Mãe de Cristo. Naquela noite havia, no interior da igreja assistindo à missa, vinte e uma pessoas e mais onze, contando com o Senhor José Luiz e o Padre Milton, para que se realizasse. Segundo Silva [2022], "a comunidade tem um grupo bem pequeno de fiéis praticantes que estão ali presentes nas missas, celebrações e adorações, de vez em quando recebemos visitantes (fiéis) de outras cidades e também irmãos de nossa paróquia". Neste período, o normal é a comunidade fazer um tríduo[172] em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, mas assim como no ano anterior, devido à pandemia de COVID-19, "não foi possível realizar e assim foi feita somente a missa no dia dedicado a ela" [SILVA, 2022].

Após a missa agradeci ao Sr José Luiz o acolhimento e antes de retornar à pousada onde passaríamos a noite, seguindo por um atalho na vila de pescadores, fomos até um restaurante situado de frente para o mar e de frente para a Ilha do Araújo. Enquanto aguardava o nosso jantar, contemplava o silêncio das ondas de um mar calmo, ao mesmo tempo em que pensava na missa e nos membros da comunidade que estavam presentes, dos quais, segundo o Sr. José Luiz, "setenta por cento são do pescado". Assim como a maioria dos presentes, o Sr. José Luiz (58 anos) e o seu pai já foram pescadores, nasceram e se criaram na Praia Grande. O mesmo contou que apenas a sua mãe é nascida na Ilha Grande e que ele se dedica à igreja nos finais de semana e também alguns dia da semana, quando não está trabalhando, hoje como eletricista e/ou encanador [VAZ, 2022]. A dona da linda voz melodiosa e tecladista Priscila de Deus da Silva (30 anos), conta que desenvolveu o seu lado artístico impulsionada por sua mãe. A evolução começou quando foi estudar na cidade e participou de um projeto da

[171] Os Vicentinos é um (grupo/pastoral) que arrecada alimentos, roupas... para distribuir a famílias carentes. Comunicação Oral: Priscila De Deus da Silva, em 12 mar. 2022.
[172] Tríduo (festa que dura três dias sucessivos) em honra de Nossa Senhora dos Navegantes (Priscila de Deus da Silva – Comunicação oral, 2022).

prefeitura de Paraty voltado para música, onde iniciou as aulas de canto, flauta e teclado. Embora seja professora, atualmente trabalha na Agência de Correios e Telégrafos de Paraty e nas horas que sobram, também trabalha com artesanato. E mesmo com todos os seus compromissos diários, sempre que pode, quando convidada, participa de festas e festivais para celebrar em outras comunidades [SILVA, 2022]. No dia seguinte, observei que o movimento turístico visando gastronomia concentra-se nos restaurantes localizados do lado direito do píer da Praia Grande e quem procura pelo mar segue uma estreita trilha existente do lado esquerdo do píer e do mercado de peixe, para se chegar à chamada Prainha, um paraíso por ser isolada pela Mata Atlântica que atinge a costeira.

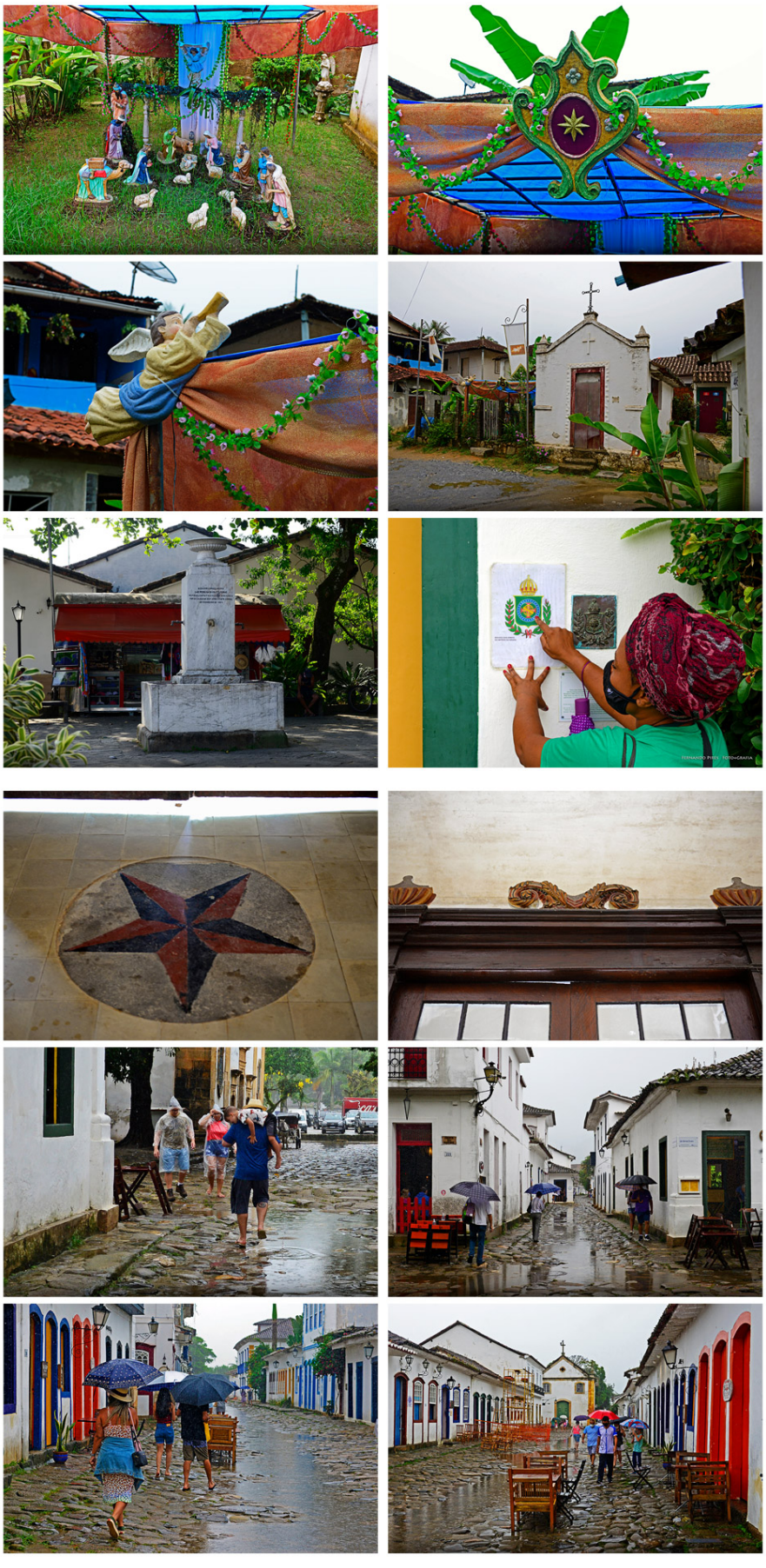
Depois que iniciou o novo ciclo econômico, se tem a impressão que os eventos em Paraty, sejam eles produzidos no Centro Histórico, nas zonas rurais ou costeiras, além do compromisso original [cultural, social ou religioso], passaram a ter uma responsabilidade maior, o da manutenção econômica da cidade. Em meu artigo "PARATY ENTRE FESTAS E FESTIVAIS: DA PARCERIA AO MARKETING CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA"[173], publicado em 2021, faço um estudo preliminar sobre essa questão.

Paraty / Centro Histórico | O "muro preferido", Jan. / Fev. 2022



[173] Artigo - "Paraty entre Festas e Festivais: da parceria ao marketing cultural em tempos de pandemia", foi publicado na Revista Diálogo, N 48 - https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/8548 - Universidade La Salle – 2021.

Paraty / Centro Histórico, Jan. / Fev. 2022







MARINHA DO BRASIL





ARTESANATO
PARATY



INFÂNCIA




VENDE
GRUPO DA TERRA






Rua
João Guimarães Rosa
(R. 14)
Núcleo de Mídias
Avenida
Cardeal Portocarrero



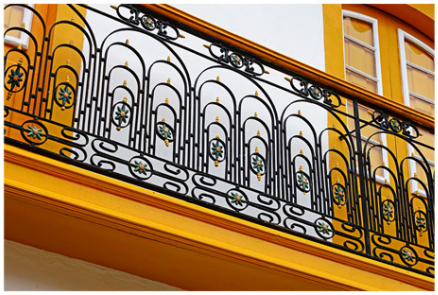











Centro Histórico | O atelier do caiçara, Jan. 2022

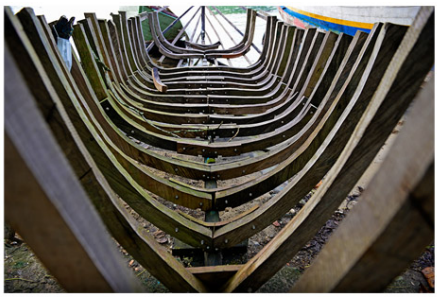


Barra do Corumbê, Jan. 2022
Vila de pescadores / Comunidade Caiçara



Praia Grande / Prainha, Janeiro / 2 e 3 Fev. 2022
Vila de pescadores / Comunidade Caiçara






ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E
PESCADORES DA PRAIA GRANDE
"PRAIA LIMPA, POVO CIVILIZADO"
AJUDE A MANTER A PRAIA LIMPA,
COLABORE COM O MEIO AMBIENTE
ATENÇÃO









Praia Grande | Nossa Sra. dos Navegantes, 2 Fev. 2022

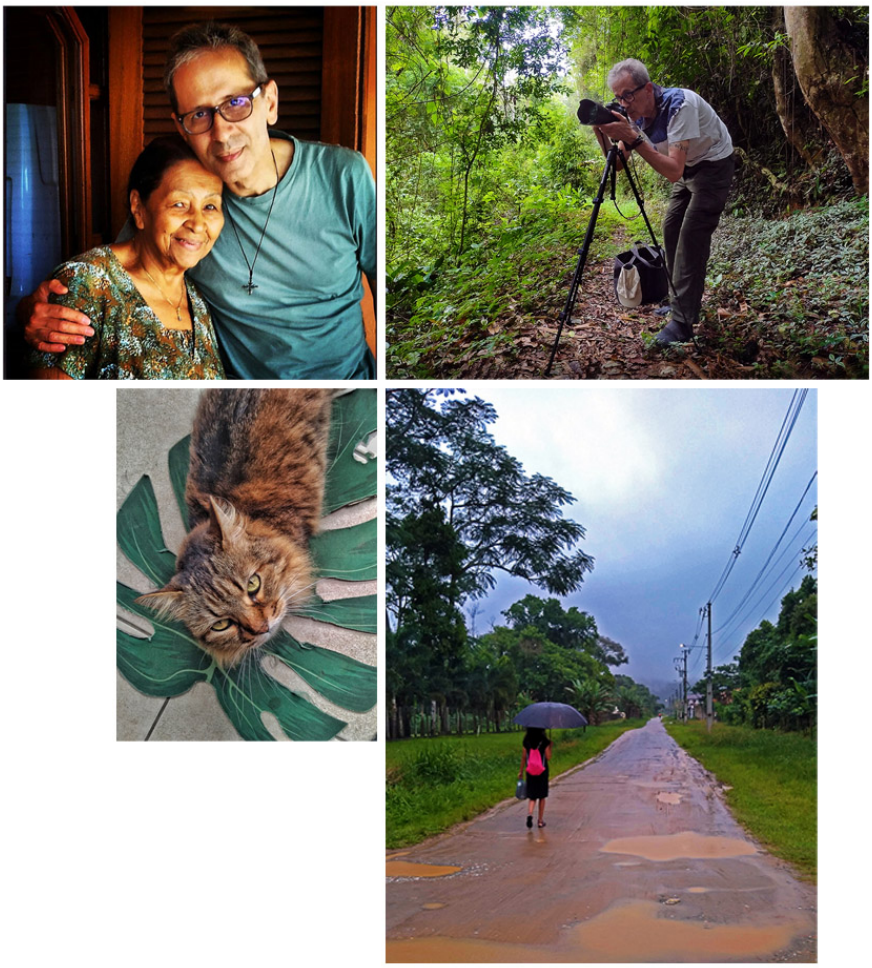


5.6.3 - #diariodecampo em Jan./Fev. 2022

Nas primeiras manhãs de fevereiro, próximo do retorno ao sul, recebemos a notícia que, em Trindade, um turista foi responsável por tirar a vida do morador Josiel Lopes de Oliveira (49 anos), diante da família. Josiel, proprietário do restaurante, um querido da comunidade, foi morto a facadas por ter advertido o cliente, que apresentava sinais de embriaguez evidentes, pelo comportamento inconveniente que vinha tendo no interior do seu estabelecimento. A comunidade local, antes de silenciar em luto por Daniel, acredito que por estarem cansados das impunidades em Paraty, linchou o responsável pelo crime.

Na manhã em que partimos, na mala, além dos novos livros adquiridos sobre Paraty, guardamos encomendas de goiabadas e cachaças Gabriela. Durante os trechos Paraty-São Paulo e São Paulo-Porto Alegre, todos de ônibus, entre um cochilo e outro, aproveitava para analisar os áudios das conversas, as notas do diário de campo, o que me fez perceber que de 1979 até agora, diferente do extremo cuidado com o Centro Histórico, pouco mudou na vida de algumas comunidades caiçaras, e a resistência contra a especulação imobiliária e a luta para se manterem em suas terras continua. Não foi possível cumprir todos os itens do roteiro planejado para essa saída a campo. A falta de uma divulgação prévia de todos os eventos, a pandemia de COVID-19 com suas variantes a falta de segurança e os altos custos para a execução de algumas atividades, foram alguns motivos do impedimento. Os relatos e as fotografias do retorno a Ilha do Araújo, desta vez com mais calma, para vivenciar a paisagem cultural desta grande comunidade caiçara, narro em um próximo capítulo. E neste momento de contemplação, vejo também algumas imagens salvas no celular: Dona Flor, eu documentando uma antiga trilha no bairro Caboclo, o nosso vizinho felino no bairro Caborê e os 33% da nossa caminhada diária no verão de 2022, sempre que precisávamos ir até o Centro Histórico ou ao mercado.

Bastidores e memórias, Jan. / Fev. de 2022



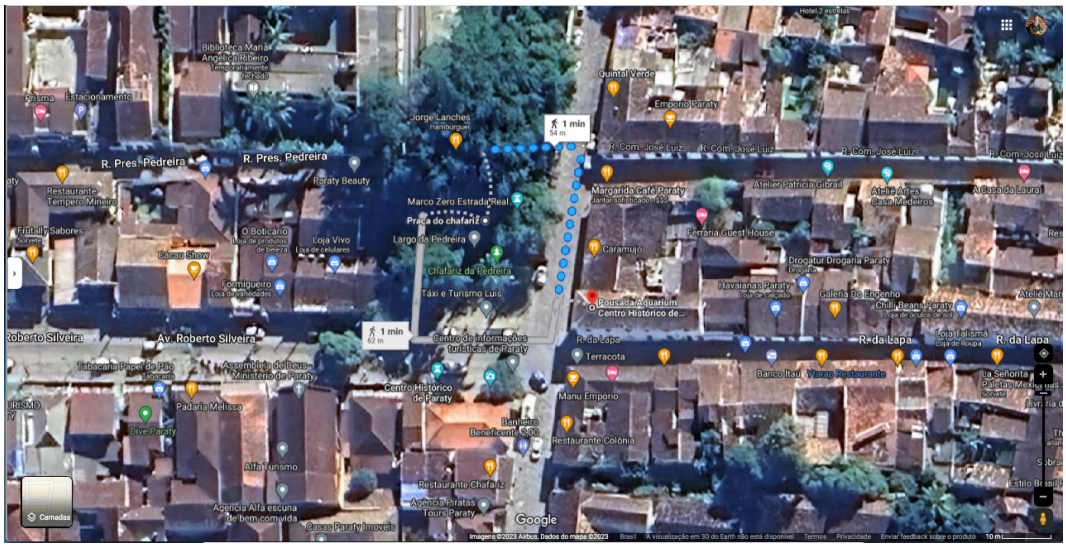
Das boas lembranças de uma das saídas a campo com início, meio e fim tensos, ficam aqueles dias em que conhecemos a Praia da Barra do Corumbê, que retornamos à Praia Grande e a Ilha do Araújo, todas três, tradicionais vilas de pescadores / comunidades caiçaras. Assim como o precioso encontro com o primo, o violeiro Zé Malvão e as agendas culturais do SESC Santa Rita e da Casa da Cultura de Paraty. E saber que no setor da educação Paraty já tem polos EAD de Curso Superior, que a Casa da Juventude (Caju) tem ofertado vários cursos profissionalizantes e programas voltados ao primeiro emprego e que os Centros de Educação Integral Cairuçu (CEIC) [174]da Vila Oratório, Patrimônio e Ponta Negra estão com uma programação intensa em prol da juventude, dão um alívio e me fazem crer que em Paraty, sim, mesmo diante de alguns descaminhos, "o seu povo é o maior patrimônio".

[174] Os Centros de Educação Integral Cairuçu (CEICs) são espaços socioeducativos onde oferecem atividades gratuitas voltadas a crianças e jovens. Eles estão localizados nos bairros do Patrimônio, Vila Oratório e Ponta Negra, territórios próximos e conectados entre si, porém com características socioculturais distintas, dentro da diversidade cultural e natural de Paraty. Na Ponta Negra, o CEIC que ficou conhecido como "casinha", está inserido em uma comunidade tradicional caiçara, de difícil acesso, que conta apenas com a educação formal multisseriada até o primeiro segmento. Fonte: https://cairucu.org.br/site/centros-de-educacao/ - Acesso em: 09 Maio 2023.

5.7 - Saída de Campo 5 | Paraty, 27 Junho à 4 Julho 2022

A hospedagem, nesta quinta saída, foi alternada. Primeiro, na Pousada Aquarium na entrada do Centro Histórico (Figura 31), sendo alternada em dois momentos com a Pousada Tubarão, na Ilha do Araújo. Com um roteiro mais conciso e objetivo: retornar à Praia Grande e fazer a travessia para a Ilha do Araújo com o objetivo de documentar dois grandes momentos da Festa de São Pedro e São Paulo; prosseguir contemplando a comunidade caiçara / vila de pescadores; e no Centro Histórico, entre um compromisso e outro, realizar entrevistas e conversas com moradores. Adicionei no meu roteiro também, desenvolver uma espécie de "antes e depois" ou seja, procurando os lugares que eu fotografei em 1979, na busca de procurar repetir os mesmos enquadramentos, e fotografando novamente para mostrar como eles estão agora.

Figura 31 – Pousada Aquarium – Praça do Chafariz / Centro Histórico



Fonte: Google Maps[175]

O primeiro amanhecer desta saída a campo, 06h34. As janelas estão embaçadas pela umidade da noite, a iluminação pública em formato de lampião da esquina ainda está aceso e junto com o sol nascendo a cidade já começa a acordar com o movimento dos seus moradores que cruzam pelas Ruas Patitiba ou Lapa na esquina da Pousada Aquarium, antiga Pousada do Careca. Na Rua da Lapa outros tantos lampiões ainda estão acessos, nesta rua, frente à Pousada Aquarium, está a Pousada Centro Histórico. Tenho algumas lembranças confusas dos

[175] Fonte: https://encurtador.com.br/kmuH8 - Acesso em: 3 Set. 2023.

dias em que estive em Paraty no verão de 1991. Às vezes, conscientemente, apagamos ou tentamos apagar algumas memórias. A questão é que, junto delas, outras parecem ser apagadas também. Aguardando a hora do café ser servido, aproveito para executar outras fotos do meu projeto "Antes e Depois". Nas proximidades, fotografo a esquina da Av. Roberto Silveira com a Patitiba, onde era o Posto de Saúde e hoje é a Central de Informações Turísticas. Documento também em outra esquina próxima, a da Rua Patitiba com a Rua da Ferraria, o prédio onde funcionou o Sindicato Rural e hoje é uma agência de turismo. Quando publiquei no Grupo PARATY ANTIGA E SEUS MORADORES as fotos de 1979 destes dois lugares foram surpreendentes os comentários. Outra fotografia em que os comentários foram intensos, foi a do casarão onde desde a segunda metade dos anos 1980 funciona o Hotel Sandi[176]. Além de identificarem alguns dos moradores que passavam em frente, membros dos grupos observaram as alterações arquitetônicas da fachada do referido hotel, desde as portas que antes não e existiam, às janelas que sumiram: "O Sandi não tinha ainda a porta virada para o Largo do Rosário" [M.C.], "Tininho do Banerj [*risos*]" [TM],"Sobrado do francês, antigo prédio escolar!" [D.C.]. Pela perspectiva de Sontag, as fotografias capturadas apresentam "as pessoas incontestavelmente presentes num lugar e numa época específica de suas vidas; agrupam pessoas e coisas que, um instante depois, se dispersam, mudaram, seguiram o curso de seus destinos independentes" (2004, p. 85). O referido grupo no *Facebook* parece cumprir a função de manter vivo o ato diário de recordar, principalmente de mostrar às novas gerações que em ciclos passados, embora encarassem a falta de estradas e as dificuldades econômicas, havia mais paz e felicidade na antiga Paraty.

Antes de chegar na cidade, mais precisamente em 22 de junho, Helena, Guia de Turismo, se apresentou via *Facebook*, parabenizando-me pela pesquisa e elogiando as minhas fotografias de 1979, publicadas no Grupo PARATY ANTIGA E OS SEUS MORADORES. *"Além de lindas, são históricas! Emotivas para tantos que nasceram aqui..."* disse ela e desejando negociar cinco das minhas fotos de 1979, para mostrar para os sues clientes/turistas durante o *city tour*. Uma das habilidades de Helena é atender grupos de turistas franceses.

Além da pauta Antes e Depois, mas também inspirado pelo relatório da SIPA (2003), comecei a dar mais atenção, pensando em futuros escritos, em quantas edificações possuem mirantes em sua cobertura, principalmente de frente para o mar. Justificativa aplicada em séculos passados: que eram para o controle das embarcações que se aproximavam da baía. E

[176] Nos anos 80 e 90 havia propagandas do Hotel Sandi nos filmes em VHS da Paris Filme. Essa poderia ser uma outra longa história, Sandra Foz e Alexandre Adamiu (filho do imigrante Romeno e fundador da Paris Filmes, Sandi Adamiu), uma família que adotou Paraty. Fonte: https://sandihotel.com.br/nossa-historia/ - Acesso em: 16 mai. 2023.

para a série de “fotos pedidas”, em uma certa tarde, ao retornar de uma das caminhadas no Bairro do Pontal, conheci a menina Sophia, que estava acompanhada da mãe e da tia. A “foto pedida” acabou transformando-se em um ensaio, onde Sophia com os seus belíssimos cabelos crespos contrastando com o azul do céu, pulava dos molhes do Pontal para a areia da margem do Rio Perequê-Açu. É frequente presenciar o ambiente de Paraty sendo utilizado como cenário. A prova foi que, momentos depois em uma tarde agitada no Centro Histórico, registro de longe na Rua do Comércio toda uma equipe de produção trabalhando com um jovem casal de noivos. Eles passavam entre os veículos que estavam a serviço da prefeitura, numa atividade de prevenção da rede elétrica além do caminhão do sistema de saneamento (água/esgoto) do município. Em tardes de céu azul, a luz após às 16h é fantástica. A beleza do crepúsculo em dias assim e logo depois a noite escura emoldurando as pessoas e os casarios parecem, pelos semblantes dos trabalhadores que retornam do Cais pela Rua da Lapa, ajudar a amenizar as suas mazelas e os perrengues do dia.

Naquele dia iniciava o mês de Julho. Eram 06h33 e da janela do quarto era possível ver uma neblina encobrindo os morros distantes e os telhados dos sobrados também. Aproveito a promessa de sol e caminho até a frente da Capelinha das Dores, para acompanhar seu nascimento. Essa caminhada matinal além de servir para meditar me ajuda a ordenar o dia. Na outra margem do Rio Perequê-Açu já existe um grupo de moradores praticando atividades físicas com um instrutor. No Bairro do Pontal, o prédio da Santa Casa de Misericórdia de Paraty continua cercado por tapumes para restauro. Na sua frente, um homem dorme no banco de madeira, acompanhado do seu cão que lhe serve de travesseiro. Pelas havaianas, bermudas e ausência de mochila, ou qualquer saco e sacola, não me parece um andarilho “de fora”, talvez pelos vestígios sob o banco, alguém que não tenha conseguido voltar para casa depois de uma cerveja a mais. No meio da manhã, na Praça do Chafariz movimentada, a Secretaria de Saúde promove uma campanha de vacinação bem em frente à Pousada Aquarium. No período da tarde saio pela Rua do Comércio para fazer outras fotos Antes e depois. Neste momento conheci e conversei com Dona Aguimaria, uma senhora quilombola que tem como ponto preferido o Largo do Rosário bem em frente à Biblioteca Municipal. Conversa vem, conversa vai e entre uma foto e outra, fico sabendo que a Dona Odete que conheci e fotografei em 2018, não resistiu à pandemia e veio a óbito após contrair COVID-19. E que a Adilsa, a outra quilombola que nos recebeu e conversamos na loja da Associação, é filha do Seu Valentim (91 anos), o mestre / o griô do Quilombo do Campinho da Independência. Um paratiense ilustre, que conquistou respeito e admiração além do território do Quilombo. O seu Valentim é filho de Margarida Maria da Conceição (1905), neto

da Rita Camila (1885) e bisneto da vovó Luiza (da segunda metade do século XIX, tempo da escravatura). Vovó Luiza e suas primas Marcelina e Antonica, foram as três mulheres escravizadas que moraram e deram vida à história do Quilombo.

A cidade começa a ficar repleta de turistas na mesma medida em que o tempo fica encoberto. Nota-se que é preciso se acostumar com as mudanças climáticas em Paraty. E que o movimento nos carrinhos dos doces está calmo por enquanto.

No dia seguinte, na Rua Fresca, desde cedo acontecem os preparativos em frente à Capelinha das Dores para a festa junina que vai acontecer após o entardecer. As charretes e os carroceiros permanecem trabalhando pela cidade, e a polêmica nas redes sociais sobre o uso dos animais também continua. Em algumas das redes sociais que optei em acompanhar é quase como se existisse um acordo entre os membros de não se publicar fotos ou vídeos de nenhum veículo com tração animal, para não continuar estimulando essa prática, que em outras cidades históricas como na Colônia del Sacramento, Patrimônio Cultural da Humanidade no Uruguai [concedido pela UNESCO em 1995], já foi substituída por carrinhos de golfe.

De volta à pousada na cidade, revisei no diário de campo duas das atividades que havia planejado para executar no Centro Histórico nessa saída, caso houvesse tempo e as intempéries colaborassem: a primeira seria documentar as edificações [re]erguidas no século XX. E a segunda, a captação de fotografias que eu chamei de "antes e depois", buscando produzir composições e/ou enquadramentos similares às fotografias de 1979. Isso mesmo ciente da afirmação de Sontag (2004, p. 105), de que "ninguém tira a mesma foto da mesma coisa, [pois] a suposição de que as câmaras propiciam uma imagem impessoal, objetiva, rendeu-se ao fato de que as fotos são indícios não só do que existe mas daquilo que um indivíduo vê" num determinado momento de sua vida. Para Barthes (2013, p. 12), "o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente", pois assim como os elementos da paisagem o nosso ato de olhar e ver/contemplar também muda.

O objetivo destas duas produções, e outras, é desenvolver futuros ensaios visuais ou artigos, para tratar desta impermanência no patrimônio cultural de Paraty. Embora seja um projeto em clima de gincana, foi bem diferente de 2018, quando eu fiz algumas fotos por pura inspiração e impulso, pois desta vez eu havia salvo no meu celular as provas fotográficas de 1979, para servirem de roteiro.

Na Rua da Praia, enquanto procuro o enquadramento exato para repetir uma das fotos de 1979, observo que entra na cena um morador passeando com o seu pet, além de um veículo

branco com uma equipe a serviço da Prefeitura, que executava a manutenção na rede de água/esgoto. E foi no momento em que capturava uma outra destas fotos, quando estava na calçada da Praça da Matriz em frente ao sobrado da família Klink e fotografava atentamente a esquina da Rua da Cadeia com a Rua do Mercado, que escutei alguém me chamando: "Fernando! Você é o Fernando, fotógrafo?" Vinha de uma das sacadas do sobrado do IPHAN, era o Rafael Nascimento de Azevedo, o novo chefe do escritório técnico da Costa Verde. Desceu para conversarmos e nos conhecermos pessoalmente. O meu olhar atento e persistente na referida esquina era porque eu havia descoberto, observando uma das minhas fotos de 1979, que nesta mesma esquina não havia mais uma das portas que representam os Passos da Paixão [aquelas que são abertas uma única vez ao ano] e agora ela está de volta no seu lugar de origem.



Sobre as procissões marítimas, alusivas à Festa de São Pedro e São Paulo, documentada na Ilha do Araújo, assim como as narrativas fotográficas das respectivas liturgias em homenagem aos dois Santos, apresento nos Apêndices.

No **Apêndice J – A primeira procissão**, apresento a singular procissão que aconteceu no dia dedicado aos santos, 29 de junho, nas imediações da ilha só de canoas caiçaras, esta que teve a sua tradição recuperada nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia de COVID-19. No trajeto da procissão, as canoas ornamentadas avançando no mar, ao som de cânticos. O padre Milton Fontoneli faz a tradicional bênção dos anzóis e no final teve a Celebração da Palavra e a Ladainha. A liturgia e a animação da festa deste dia ficou por conta da comunidade São Pedro e São Paulo da Ilha do Araújo.

No **Apêndice K - A segunda procissão,** narro desde a chegada dos barcos com os vizinhos da comunidade da Praia Grande no sábado, a novena com a Celebração da Palavra e Ladainha da última noite da Festa. E no domingo, descrevo este evento [inclusive os imprevistos], os muitos barcos enfeitados, as crianças brincando livres frente ao templo, as imagens dos Santos chegando, os aromas das comidas típicas, os ruídos das panelas no restaurante ao lado da igreja, até os últimos momentos da ciranda caiçara. Os apêndices contêm as suas respectivas narrativas fotográficas.



Os fazeres, saberes [e sabores] desta que é uma das maiores comunidades caiçaras de Paraty, de onde é possível narrar mais destas experiências e do encanto da costeira, deixei

para apresentar nos ensaios visuais[177] produzidos em paralelo com a tese. Narro, desde a trilha na Praia Grande que leva ao pequeno ancoradouro utilizado pelos moradores para a realização da travessia, como um pouco da experiência do griô da comunidade de pescadores, o mestre Tã, do seu sobrinho Eder Costa, do pescador Vanderlei e de outros colaboradores desta pesquisa, assim como sobre a travessia diária de crianças e adultos para o continente, para estudarem e trabalharem. E do grupo de mulheres, onde algumas trabalham há décadas na limpeza do camarão, um dos ingredientes da deliciosa culinária caiçara.

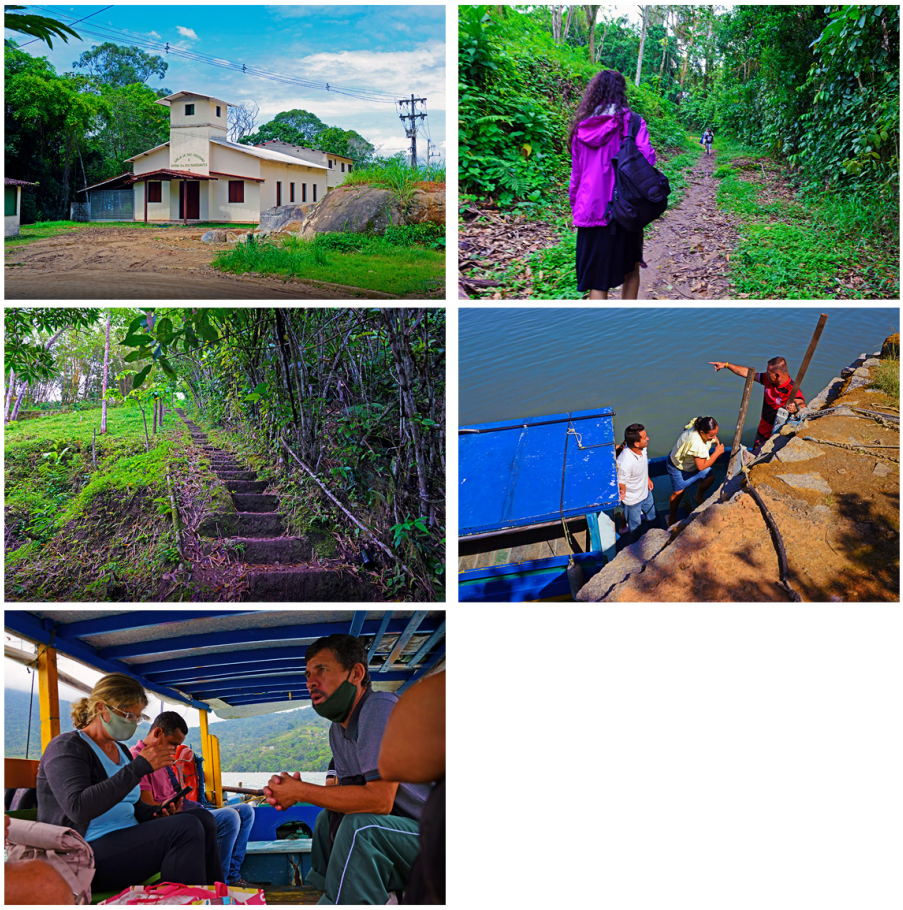


No último dia da Festa de São Pedro e São Paulo, aguardando uma carona para retornar direto ao Cais do Centro Histórico, ajudo um grupo de senhoras a subirem no barco que as levaria até a Praia Grande. Depois que todos se acomodaram e o barqueiro já estava começando a manobrar para partir, um senhor de aproximadamente uns setenta anos, de cavanhaque branco e chapéu estilo panamá, de dentro do barco me olha, me aponta e diz: **"...você é filho da Floripes, do Caboclo, conheci muito a Senhora sua mãe..."**. E o barco partiu e eu fiquei ali parado, sem tempo nem de perguntar: qual o seu nome? ...ou de obter qualquer outra informação.

Alguns minutos depois, retorno para o continente no barco Rosália – Ilha Rasa. Durante a viagem, vim conversando com um outro fotógrafo que conheci na Ilha, próximo de dois caiçaras que acompanhavam a prosa. Em um certo momento um deles me apontou o dedo, bem na hora que eu o havia fotografado e falou: **"...você é o cara das fotografias de 1979..."** E contou que me reconheceu por causa do mantra budista *"Om Mani Padme Hum",* que eu tenho tatuado nos dois braços. O seu Luiz Alvarenga, filho de um outro morador que aparece numa das fotos que eu havia feito em 1979 no Cais, contou que o pai já faleceu e/mas que quando chegasse em casa contaria ao seu filho, que havia conhecido o autor da foto do avô no Cais. Conversas, contemplações e novas amizades. No desembarque, olho para o horizonte em direção da serra e só vejo a silhueta dos muitos barcos alinhados no Cais.

[177] "A Travessia", "Praia Grande e Nossa Senhora" e "Vida Caiçara"

Praia Grande, 2022 | A Travessia



Ilha do Araújo, 2022 | Uma Vida Caiçara.

















Encontre um
Belo lugar e se
Perca nele




















PADOCA DA ILHA



5.7.1 - #mochilapronta em Jun./Jul. 2022

Segunda-feira, 04 julho. Os momentos finais da minha estada reservei para respirar Paraty. O meu tempo de permanência no Centro Histórico, mesmo tendo feito a Pousada Aquarium de quartel general, foi reduzido se comparado a outras saídas a campo. Mesmo assim, aproveitei para contemplar as possíveis impermanências. Caminhar, documentar a cidade, os novos restauros, os telhados, o andarilho com os seus pertences, dormindo no chão da Praça da Matriz, os vendedores de vassouras, a impactante exposição de bustos gigantes em homenagem aos 100 Anos de Ariano Suassuna, os trabalhadores de bicicleta indo e vindo, as crianças no portão da escola. Caminhando pela Rua da Matriz, ao cruzar a Rua do Rosário, fico atento à tranquilidade dos dois lados desta via, geralmente uma das mais movimentadas. Na Rua da Cadeia, próximo e no sentido da Rua Fresca, um morador aproveita essa paz para passear com o seu cão na coleira. Dando a volta na quadra da Capelinha das Dores, vou até a margem do Perequê-Açu para ver o nível de suas águas. Pode parecer um detalhe insignificante, mas é possível deduzir pelo seu nível, excluindo os horários das marés, se houve ou não chuvas intensas nos últimos dias. Atracadas na sua margem, estão coloridas canoas caiçaras. Quase ao lado da sede do IPHAN, uma pequena casa, cujo telhados e janelas eu havia fotografado na saída a campo anterior, estava sendo restaurada. Assim como ela, outras casas, outros muros estavam no mesmo processo de cuidado.

E que felicidade em ver, na frente do IPHAN e próximo do calçamento da Praça da Matriz, os testes que estão sendo feitos com três opções de pedra, para procurar resolver uma questão antiga em Paraty: a acessibilidade quanto à pavimentação do Centro Histórico.

Segundo Helena Ramos, a Guia de Turismo, a pedra que for escolhida será utilizada em uma primeira rota [ponte velha da Matriz, passando pelo estacionamento e dando acesso/ligando a praça] como projeto piloto, visando facilitar a circulação de cadeirantes e portadores de outras deficiências.

Enquanto realizo as fotografias, recordo-me que caminhar por Paraty na década de 1970, em que era bem mais tranquilo do que agora, eu podia caminhar e olhar para os lados, para cima, sem a preocupação de tropeçar e cair. O calçamento nas ruas do Centro Histórico era mais nivelado, não havia tanta falha e assimetria como agora devido às recorrentes obras na rede elétrica e de saneamento (água e esgoto). As grandes pedras e principalmente as pedras menores que ajudavam a manter um nivelamento acabam não voltando para o mesmo lugar.

Em 1979 eu conhecia Paraty através daquilo que a mídia da época, as novelas, os clipes musicais mais divulgavam, ou seja, o Centro Histórico. Assim como, provavelmente, muitos turistas que vêm à cidade, conhecem o Centro Histórico e, quando muito, algum alambique próximo, e acredita que conheceu Paraty. A cidade é muito mais, mesmo antes do século XX a zona rural e costeira já era muito representativa da sua cultura, dos fazeres e saberes de suas comunidades indígenas, caiçaras e quilombolas. Tem lugares onde praticamente há vida própria, como as Vilas de Trindade e Paraty Mirim, em que muitos caiçaras que nelas vivem não se sentem chamados pela cidade [Centro Histórico].

A rede de amigos e conhecidos vem crescendo. Consegui perceber que a quinta vez em campo começou a se tornar o momento mais intenso da pesquisa. A ponto das pessoas me pararem na rua para perguntar: “você é o autor das fotografias de 1979?. Saudosas, recordam dos amigos e parentes que aparecem nas fotografias, algumas que mudaram-se para longe ou que já partiram deste plano. Narram emocionados os seus nomes, me transportando e me fazendo de alguma forma pertencer àqueles momentos que foram significativos em suas vidas. Outros moradores me escrevem pedindo para publicar mais fotografias, principalmente as que aparecem pessoas. Porque estas trazem recordações dos familiares, dos amigos...

Pelo prisma de Bernd (2003), o interesse de Benjamin (1985) pela fotografia está em certa medida associado à questão do resíduo, pois conforme a autora sustenta,

> a fotografia capta uma imagem em um determinado período da vida de uma pessoa ou grupo, podendo ser interpretada também como rastro, como captação do efêmero, que permite ao observador, anos mais tarde, a partir de um pequeno detalhe (um sorriso ou um olhar), recompor um traço da personalidade do fotografado ou um episódio marcante de sua trajetória. Permanece como “impressão”, marca do vivido. (BERND, 2003, p. 57-58).

Seguindo o pensamento de Bernd (2003), as minhas velhas fotografias de 1979 e 1991 estabelecem um elo entre passado e presente: seguir os rastros, as pistas deixadas por estas fotos, fazem não apenas com que o passado de um antigo morador ou de toda uma família seja lembrado, mas de todo um grupo ou comunidade na qual estes estão inseridos.

No final do dia, depois de ter aproveitado para *flanair* o espírito de uma segunda-feira em Paraty e dividido entre o desejo de ficar e retornar ao Sul, para me despedir da cidade, me dedico a fotografar pacientemente a silhueta da Igreja Santa Rita. É noite de maré nas ruas do Centro Histórico.

Centro Histórico, Jun./Jul. de 2022









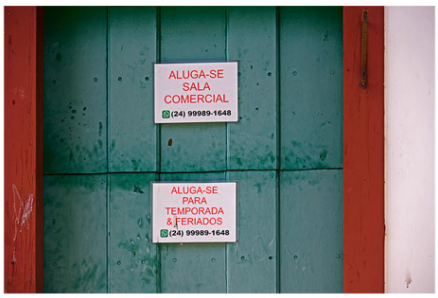




1858


85




ALUGA-SE
SALA
COMERCIAL
(24) 99989-1648
ALUGA-SE
PARA
TEMPORADA
& FERIADOS
(24) 99989-1648






SEDE
BANDA
SANTA
CECÍLIA
CASADAMÚSICA
180




110












1851


AGENCIA DE CORREIOS · 1930






SECRETARIA DE SAÚDE




























Patitiba, Jun./Jul. de 2022



5.7.2 - #diariodecampo em Jun. 2022

Durante essa saída a campo, o tempo se manteve estável com um sol aprazível, que além de aquecer o inverno do sudeste, colaborou com uma luz agradável, me permitindo fotografar as duas procissões com mais tranquilidade. Paraty é uma cidade especial, ela é outra em junho e julho, bem adversa dos meses de janeiro e fevereiro. Além do clima, como nos traz Ribas (2011), *"Paraty tem um público que se modifica a cada semana"*. Acredito que quem gosta de monotonia não conseguiria viver na Zona Urbana da cidade, e talvez na Rural ou na Costeira sim.

Alguns apontamentos previamente planejados [e outros desejos que surgiram no decorrer dos dias] para essa saída a campo não aconteceram, alguns por colisão de horário com as atividades da Ilha do Araújo, que desta vez era a prioridade. Um destes desejos era conhecer o trabalho do Teatro Espaço, e o seu diretor e fundador Marcos Caetano Ribas[178], um mineiro dedicado, pesquisador e autor dos livros A HISTÓRIA DO CAMINHO DO OURO EM PARATY (2003) e DESCAMINHOS (2016), que muito me ajudaram nesta pesquisa e na publicação do meu primeiro ensaio visual[179]. Também, de ir até o Bairro do Jabaquara, para documentar a Toca do Cassununga e no seu entorno o Mangue, tema frequente nas redes sociais de Paraty. Havia também reservado na agenda uma manhã para pesquisar na Biblioteca Municipal Fábio Villaboim, a sua Coleção Paratiana, um acervo de obras disponíveis apenas para leitura nas dependências da biblioteca, e o acervo de livros artesanais da Maria Thereza Correa Ermlich[180], mas novamente não tive acesso, pois ainda sobre influência da pandemia o seu funcionamento estava restrito apenas para moradores associados que queriam retirar ou devolver livros. Fiquei triste, mas compreendi.

Por outro lado, fiquei feliz ao saber que a casa em processo de deterioração que eu fotografei na vila de pescadores da Praia da Barra do Corumbê no início deste ano, onde viveu a pintora Djanira, e que compartilhei nas redes sociais de Paraty, recebeu neste mês de junho a visita da secretária de Estado de Cultura do Rio, Danielle Barros. A proposta do

---

[178] Marcos Caetano Ribas, diretor e fundador do Teatro Espaço e do Grupo Contadores de Estórias. Inaugurou o Teatro Espaço em 14 de julho de 1985, numa casa da Rua Dona Geralda (Rua do Mercado), que segundo o escritor e pesquisador paratiense Zezito Freire já tinha sido um armazém e também o primeiro cinema. Atualmente, além das apresentações do grupo residente, que já se tornaram uma opção imperdível para quem visita Paraty, o Teatro é sede das atividades artísticas, educacionais e de turismo cultural desenvolvidas por seus integrantes. Fonte: https://teatroespaco.com.br/ - Acesso em: 10 mai. 2023.

[179] A CULTURA NA TRILHA DOS GUAIANÁS - UMA INSPIRAÇÃO ETNOFOTOGRÁFICA NO CAMINHO DO OURO - Revista Iluminuras – UFRGS – Fonte: https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/101035 - Acesso em: 10 mai. 2023.

[180] Paratiense, cronista de sua infância, vendia seus preciosos livros artesanais nas ruas do Centro Histórico de Paraty, encadernados por ela com uma fita colorida e uma árvore frutífera desenhada a lápis.

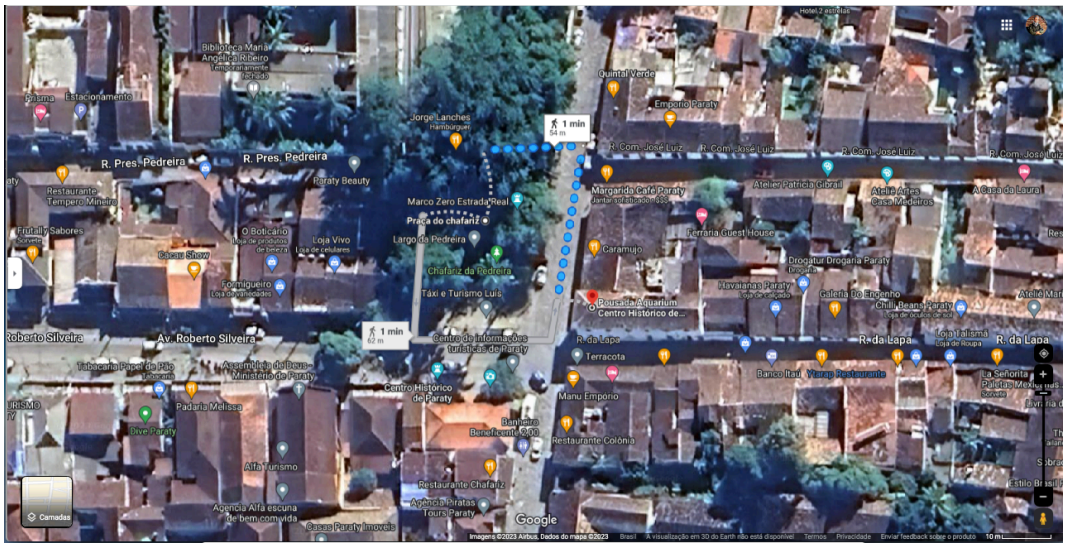
prefeito paratiense, Luciano Vidal é, com apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro, restaurar a casa que se encontra degradada pelo tempo e abandono e transformar em um espaço cultural para que as pessoas conheçam o trabalho de Djanira.[181] Fiquei muito feliz com a notícia, pois é triste voltar em um lugar, como aconteceu em Paraty Mirim, e encontrar um casario que guarda tantas histórias e memórias, no chão.

Mochila pronta, hora de regressar ao Sul. Após o meu retorno a Porto Alegre e depois de ter descoberto no meio do semestre através de colegas do PPG que o meu orientador ainda permanecia na instituição, conseguimos no início de Julho voltar a conversar sobre algumas demandas para a pesquisa.

5.8 - Saída de Campo 6 | Paraty, 20 à 28 Setembro 2022

Na sexta saída a campo a hospedagem aconteceu novamente na Pousada Aquarium, antiga Pousada do Careca, por ser estrategicamente bem localizada, bem em frente à Praça do Chafariz, umas das principais entradas do Centro Histórico (Figura 32). Pela manhã, da janela é possível ver a movimento dos jovens chegando ao tradicional Centro Educacional Moura Brasil (CEMBRA).

Figura 32 – Pousada Aquarium – Praça do Chafariz / Centro Histórico



[181] A prefeitura de Paraty faz planos para prestar uma homenagem à pintora Djanira (1914/1979), um dos grandes nomes da arte brasileira e que viveu um período em Paraty, na localidade do Corumbê. A pintora ainda tem quadros expostos no Museu Nacional de Belas Artes e foi a primeira artista latino-americana a ser representada no Museu do Vaticano, com a obra 'Sant'Ana de Pé'. Ela faleceu de causas naturais em sua casa no Rio de Janeiro em 1979. Fonte: https://tribunalivrejornal.com.br/paraty-planeja-centro-cultural-para-homenagear-a-pintora-djanira/ - Acesso em: 09 mai. 2023.

Fonte: Google Maps[182]

O Roteiro planejado desta vez incluía: refazer algumas fotos do Centro Histórico; conhecer o Saco do Mamanguá, Pouso da Cajaíba, Praia Grande da Cajaíba [conversar com o seu Altamiro dos Santos, líder da comunidade], Calhaus, Itanema, Martins de Sá e na Praia do Sono, fazer um primeiro contato, conversar com os líderes destas comunidades tradicionais / vilas de pescadores; documentar a Igreja de São Sebastião no Pouso da Cajaíba; fazer uma nova visita ao Quilombo do Campinho para gravar uma fala do griô e outras duas mulheres quilombolas representantes da comunidade; ir conhecer e conversar com a nova gestão do Forte Defensor Perpétuo, na companhia da Guia de Turismo Helena Ramos.

Por duas vezes consecutivas hospedado na Pousada Aquarium, na Rua Domingos Gonçalves de Abreu [antiga Patitiba], esquina com a Rua da Lapa, atualmente uma das principais entradas do Centro Histórico, principalmente para quem chega caminhando pela Avenida Roberto Silveira. E por estar em um dos limites do Centro Histórico o acesso torna-se fácil no momento em que se chega ou se sai de Paraty. O retorno à Pousada Aquarium vai um pouco além do seu ponto estratégico, estando também relacionado ao fato de eu gostar do rompimento do silêncio da madrugada, dos ruídos dos passos, quando cruzam em frente minha janela os primeiros moradores, trabalhadores e estudantes. Os moradores, ao contrário de alguns turistas, costumam geralmente passar em silêncio. E quando o tempo está nublado este silêncio é ainda maior. Outros, mais eufóricos com a presença da chuva ou com a luz do sol, que hora vaza pelas esquinas hora pelos telhados, passam aos gritos. Na mesma Rua da Lapa, poucos metros da referida Pousada, encontra-se o Restaurante Netto, onde por diversas vezes, durante as sete saídas a campo, parei para fazer uma ótima refeição e atualizar as atividades dos meus roteiros relacionados à pesquisa. Trata-se de um restaurante que vem de mais de uma geração, assim como o do seu vizinho o Restaurante Galeria do Engenho, também tradicional em Paraty, que há trinta anos pertence a mesma família.

Paraty, 06h - 06h30, amanhecendo. Da pousada são apenas cinco quadras para se olhar o mar. O cheiro do pão, da Padaria Esperança, já se faz presente duas esquinas depois. Caminhar para ver o mar, o sol, antes mesmo do café da manhã, tornou-se um hábito desde as últimas saídas a campo. Um exercício para a lombar e a cervical, um momento de procurar esquecer as ansiedades e receios de circular por Paraty, diante da insegurança relatada pelos moradores e noticiada na mídia da Costa Verde. No meu caminhar matinal, inevitável não me transportar para a serenidade das memórias da Paraty de 1979, ao mesmo tempo que me

[182] Fonte: https://encurtador.com.br/fxQR9 - Acesso em: 3 set. 2023.

questiono, o que de fato lembro das cenas/paisagens que registrei? ...ou as minhas lembranças seriam apenas frutos das fotografias daquelas cenas/paisagens? Agora, mais de quarenta anos depois, torna-se difícil narrar com exatidão o que estava além do enquadramento/das margens das minhas fotografias de 1979, aquilo que nelas não ficou registrado, mas que no momento do ato fotográfico eu contemplei, escutando, tocando e sentindo os aromas.

Quando retornei a Paraty, em 1979, cheguei com duas pequenas câmeras de bolso, marcas diferentes, mas similares no tamanho e no formato. Uma delas, infelizmente me foi furtada, talvez por ter deixado sobre um móvel no nível da janela que dava de frente para a calçada. Havia filme dentro, registros que nunca vi ou verei, então fico curioso em tentar rememorar os meus passos, o que fotografei com ela. Como fazer existirem as imagens que não foram reveladas e nem impressas no papel fotográfico? Por mim, mas talvez pela pessoa que furtou as minhas memórias... O meu esquecimento... Fica uma lacuna. Que histórias mais, estas imagens contariam, que identidades elas reforçariam, onde estariam estas outras fotografias de 1979?

Nos primórdios dos tempos da fotografia contemplava-se um daguerreótipo na palma da mão, como uma joia. Com muitos opositores, incrédulos que tal evento fosse ter vida longa. Logo em seguida, algo de 15 anos, surgiram as *carte de visite*[183], o modismo era trocar, colecionar... E assim passaram-se os séculos e hoje continuamos contemplando fotografias na palma da mão, através dos *smartphones* as milhares de imagens que são compartilhadas em um só dia.

5.8.1 - As primeiras horas de volta à cidade

Digamos que cheguei na cidade determinado a descobrir ou visualizar algumas questões lidas nas obras dos memorialistas de Paraty e no relatório da SIPA, tipo o alinhamento de todos os terrenos, as falsas fachadas / muros altos que foram erguidas para seguirem esse ordenamento. Onde eu ia chegar com essa informação não sabia exatamente, só sentia a necessidade de saber. Talvez, hoje me façam entender porque alguém construiria um muro sem graça e um casario com uma fachada graciosa às vezes um metro e meio atrás. Lembro que neste mesmo ano cheguei a tirar algumas dúvidas a esse respeito com Diuner

[183] Em 27 de novembro de 1854, um fotógrafo francês chamado André Adolphe-Eugène Disdéri (1819-1889) patenteou um novo tipo de apresentação da imagem fotográfica: *carte de visite.* Fonte: - https://sistema.funarte.gov.br/dicionariofotografia/index.php?termo=carte+de+visite&inicial= Dicionário técnico da fotografia clássica - Acesso em: 12 set. 2023.

Mello, quanto à localização destas edificações. Pois a conclusão que chego é a de que nem todas as informações que constam no relatório de 2003 da Instituição Portuguesa estão corretas. Nesta e em outras atividades nas últimas saídas a campo, tenho lembrado do fotógrafo e professor Cesar Vieira (UFRGS), sobre a sua preferência pela objetiva 35mm, principalmente quando onde os espaços são reduzidos e mesmo eu me posicionando nas diagonais dos ambientes não consigo fazer uma boa foto. Uma que mostre por exemplo a nova e falsa fachada e também a antiga. E nesta busca de fotografar as falsas fachadas me deparei, na Rua da Lapa, com um detalhe que nunca havia notado antes: um Santo Antônio, sem os braços, num nicho no alto da parede externa de um sobrado.

As muitas reformas e restauros continuam, aliás neste [teórico] pós-pandemia parece haver mais reformas acontecendo, assim como há mais placas de VENDE-SE em propriedades dentro do Centro Histórico, na Patitiba, Pontal, Jabaquara e outros bairros. Na cidade o calendário de eventos não para, termina um e começa outro, as vezes dois no mesmo período. E se considerarmos os eventos não elitizados, talvez mais. Na 33ª quadra, entre a Igreja Matriz e o Rio Perequê-Açu, onde em séculos passados localizavam-se outras edificações e que hoje virou um espaço multiuso, desde estacionamento até espaço para feiras, shows, festivais, sempre há movimento de montagens e desmontagens de tendas, palcos e exposições. Se ainda existissem neste local aqueles casarões demolidos em 1927, provavelmente seriam hoje um espaço cultural, inclusive segundo Freire (2012), entre eles estava a única edificação de três andares que a cidade teve. Daqui, no meio do estacionamento, de um vazio de memórias perdidas, seguindo a linha do Rio Perequê-Açu, rumo à serra, é um ótimo lugar para contemplar o sol desaparecer na Mata Atlântica.

5.8.2 - Pensando no bolo de fubá

São 06h16, o embaçar dos vidros, a sonoridade da rua lá fora convidando para ver a neblina cobrindo parte dos telhados, onde só a torre da Santa Rita fica descoberta. Durante a minha primeira caminhada, observei que na Praça da Matriz, algumas das exposições do Festival Internacional de Fotografia de 2022 já estavam montadas. Ainda não são 07h00, o nível do mar estava baixo, a ponto de se poder que ver uma parte do fundo do mangue que corre paralelo à Rua Fresca. Estava tão baixo que também me permitiu atravessar para o outro lado da margem, sem molhar os pés, e fotografar a Capela das Dores de um ângulo para mim inusitado, de um dos extremos da Praia Terra Nova. Uma prainha que, observando os mapas

antigos da obra de Cotrim (2012), deve ter ganho um novo desenho como resultado dos aterros ocorridos na orla junto ao Centro Histórico. Aproveitando o novo ângulo, fotografei também o "sobrado do Príncipe", a residência de Dom João Henrique de Orleans e Bragança. Do outro lado do rio, no Bairro Pontal, o imponente prédio da Santa Casa de Misericórdia, continua cercada por tapumes metálicos, em processo de restauro. A única parte descoberta é o seu fundo, que embora desgastado e precisando de reparos, me agrada bastante pelo seu belo jardim e por sua atmosfera me remeter ao estado da maioria das edificações de quando conheci Paraty. Este jardim faz divisa com o novo Hospital Municipal Hugo Miranda, inaugurado em 2019, e as suas modernas instalações substituíram o antigo Hospital Municipal São Pedro de Alcântara.

Enquanto caminhava, recebo uma mensagem do barqueiro que me levaria nas comunidades caiçaras mais distantes ainda pela parte da manhã. Mas que, devido a um alerta emitido pela Defesa Civil de Paraty, sobre a intensidade de chuvas na cidade, somado à chuva constante que já caia há mais de 24 horas, por conta de uma frente fria que havia chegado do sul, a primeira tentativa de ir até o Saco do Mamanguá, Pouso da Cajaíba e outros recantos próximos, teriam que ser adiados, talvez para o dia seguinte. Devido à tragédia acontecida no final do último verão em Paraty e que deixou marcas na comunidade, as equipes da Defesa Civil já estavam em estágio máximo de alerta, assim como barqueiros, pescadores e principalmente comunidades em áreas de risco. Com a mudança na minha agenda, no meio da manhã acompanho como guia até a Vila de Trindade, quatro colegas fotógrafos que vieram do Sul para o PEF2022. Ambos pertencem ao Fotoclubeportoalegrense. Meses depois, fiz a curadoria de duas exposições sobre Paraty, para esses colegas. A Vila de Trindade sempre bela. As praias do Meio, a Piscina Natural do Caixa D'Aço, São alguns dos seus pontos exuberantes que tanto atraem, não só o turista paulistano e outros, mas o próprio morador de Paraty. Relembrando que estas belezas naturais e tantos outros recantos de Trindade se encontram no Parque Nacional da Serra da Bocaina, embora houvesse muitas nuvens no céu, em alguns momentos o sol conseguiu iluminar a praia e as imensas e belas formações rochosas da Praia do Meio. É preciso se acostumar com a impermanência do tempo em Paraty, pois o sol foi escondendo-se atrás das escuras nuvens, o mar ficou mais violento e a chuva voltou, permanecendo por uma boa parte do dia.

À noite, o italiano Giancarlo Mecarelli estava emocionado por conseguir, mesmo diante de tantos obstáculos que os eventos culturais vêm tendo para sobreviver no Brasil, abrindo oficialmente a 18ª edição do PEF, o mesmo Festival em que após a sua 11ª edição o

seu ex-sócio colocou para a mídia que estava fadado a acabar[184]. No final da abertura, durante o coquetel, tive o prazer de rever o primo Zé Malvão acompanhado de outros cirandeiros, e ouvi-los cantar e poder fotografá-los valeu o dia todo.

5.8.3 - Rumo ao Saco do Mamanguá

Na manhã seguinte, 07h10, com o equipamento e mochila prontos, observei o céu da cobertura da pousada, que parece estar mais encoberto que no dia anterior. As nuvens escuras, visualmente pesadas, pareciam moldurar a Igreja Santa Rita, vendo melhor, na verdade todos os casarios brancos do Centro Histórico. Aproximadamente duas horas após, depois de algumas trocas de mensagens pelo *WhatsApp*, me encontro no Cais com o pescador caiçara, então barqueiro, Ananias Nascimento. Após uma breve parada nas proximidades da Marina Imperial para reabastecer, seguimos viagem até a Ilha Rasa com a intenção de tomarmos um café preto, para esquentar o corpo, pois a temperatura no mar é outra. O pequeno mas belo local parece cenário daqueles filmes do Elvis Presley ambientados no Havaí, e além do bar-restaurante aberto ao público barqueiro, tem alguns chalés para alugar. A quantidade e diversidade de ilhas na Baía de Paraty e depois seguindo a costeira é surpreendente (Figura 33). Embora a previsão do tempo fosse mais favorável que no dia anterior, o céu encoberto, o vento e o mar não me pareceram tão tranquilos. E percebe-se a força do mar quando para navegar com mais segurança é preciso em algumas vezes contornar ilhas e fazer um percurso mais longo, para não seguir pelo mar aberto onde as ondas seriam mais fortes.

Ao entrar no Saco do Mamanguá já é possível visualizar a Praia do Cruzeiro, avistando no alto o pico do Pão de Açúcar. Este lugar é mais alto que o tradicional Pão de Açúcar da capital carioca. O cenário é um dos mais deslumbrantes de Paraty. A praia do Cruzeiro, que recebe água de dois rios que deságuam no Saco do Mamanguá é uma das primeiras na margem esquerda, "um braço de mar cercado por montanhas"[185]. Um vilarejo pouquíssimo habitado, devido o difícil acesso, por mar como eu cheguei ou por uma extensa e íngreme trilha. A paisagem é composta da Igreja Santa Cruz, conjunto de casas algumas adaptadas em pousadas e contei dois restaurantes. O templo religioso de paredes brancas e

[184] Apresento de forma ampliada a história do PEF e a trajetória do italiano Giancarlo Mecarelli no Capítulo de Livro AS PAIXÕES DO ITALIANO MECARELLI: FOTOGRAFIA E PARATY. Fonte: BATISTA, Fabiano Eloy Atílio (Org.). **Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Disponível em: https://www.atenaeditora.com.br/catalogo/post/as-paixoes-do-italiano-mecarelli-fotografia-e-paraty - Aceso em: 03 dez. 2023.

[185] Fonte: Ananias Nascimento - Comunicação Oral – Saco do Mamanguá, 23 set. 2022.

porta e janelas azuis, visto do mar é o que mais se destaca. Em terra, próximo do restaurante mais na margem da praia já se visualiza pela trilha que segue a encosta algumas placas de locação de quartos, suítes e casas, alguns tratando direto com os caiçaras que ali moram, outros por plataformas de serviço online de locação. E tem também o Camping do Seu Orlando, que conheci nesta caminhada através do Ananias. O Seu Orlando Coelho, Capitão Orlando, uma pessoa fascinante e cheio de histórias. Embora seja natural da cidade de Cachoeira do Rio Grande / MG, fez da Praia do Cruzeiro o seu novo lar, sendo o responsável pela abertura da trilha que leva ao Pico do Pão de Açúcar. É dele também um dos restaurantes de comida caseira existentes no lugar.

O Saco do Mamanguá [que lembra um fiorde], a Praia do Cruzeiro, o Pão de Açúcar, estão na Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, criada pelo governo federal em 1983, com a intenção de preservar essa belíssima paisagem cultural. Após escutar boas histórias do Capitão Orlando, partimos pela encosta.

Figura 33 – Centro Histórico - Praia do Cruzeiro / Saco do Mamanguá – Pouso da Cajaíba



Fonte: Centro de Informações Turísticas - Prefeitura de Paraty

5.8.4 - Próxima parada, Pouso da Cajaíba

Na saída do Saco do Mamanguá, rumo ao Pouso da Cajaíba, momento em que o mar começa a ficar mais agitado, o motor do pequeno barco para. Ananias parece tranquilo, abre o motor, mexe aqui e ali e depois de umas três/quatro tentativas ele volta a funcionar. Confesso que eu já estava analisando o quanto eu teria que nadar para chegar nas rochas mais próximas do continente e pensando no orçamento para tentar recuperar a câmera. No trajeto passamos em frente de algumas grutas, todas naturais mas uma em especial parecia um portal recortado pela mão humana. Embora misteriosa, “quando o mar está calmo é possível se aproximar bem do local e tentar entrar”, contou Ananias. Neste dia ele apenas se aproximou para eu poder

fotografar a entrada, o que não foi uma tarefa nada fácil devido ao movimento e à altura das ondas. Seguindo viagem, embora muito distante era possível avistar a vila, e a cena parecia uma pintura renascentista.

Ao me aproximar da terra já contemplo a paisagem caiçara que tem sido recorrente pelas minhas andanças além do Centro Histórico, a rede estendida na areia em frente à igreja, alguns pescadores na praia analisando o mar, um núcleo de casa a poucos metros da praia. Ao olhar o campanário, avisto os morros verdes ao seu fundo. Além da Igreja, muito próximo da praia, ranchos, outras casas de alvenaria, com acabamentos em madeira e/ou bambu. Enquanto caminho de ponta a ponta da praia, chegam dois pequenos barcos com jovens pescadores e os seus mestres. De baixo de um rancho é feita a contagem dos peixes e a repartição da pesca, momento em que cada um se despede com uma sacola cheia de peixes e parte para a sua casa.

Já passou mais de uma hora do meio dia. Ao caminhar até o outro extremo da praia, um cãozinho branco com marrom passou a me seguir, carregando um pequeno coco na boca, me convidando para brincarmos. Parei, desliguei a câmera e brinquei um pouco, mas parece que não foi o suficiente, pois continuou me seguindo com o coco na boca e assim ficou, por mais de vinte minutos, me acompanhou até eu voltar para próximo da Igreja, pois a casa de Ananias ficava aos fundos. Nesta parte da vila, fora o espaço do posto de saúde e da Escola Municipal Cajaíba, não se vê divisões, nem muros ou cercas. Na singela escola encontrei os dizeres "quem ama preserva". Ananias defende que se um dia fossem dar um nome a escola para homenagear alguém do Pouso, que deveria ser o da Dona Ione Janote do Nascimento, a professora mais antiga que muito ajudou a comunidade do Pouso. "Uma mulher que puxou muito a minha orelha, mas soube me disciplinar".

As horas passaram e as condições climáticas pareceram mudar. Ananias convidou para almoçarmos na sua casa, convite imperdível para ouvir outras histórias da pesca e do turismo na região. Entre um causo e outro, um amigo/vizinho passava pela varanda onde estávamos, para trocar com ele algumas palavras. E todos ele convidou para vir à mesa almoçar. Neste momento conheci a sua esposa, que não almoçava conosco por ser professora e estar em reunião na escola da comunidade. Durante o almoço, entre um causo e outro, descubro que estando em Paraty, para se chegar nesse paraíso uma das opções é de barco e a outra é por trilha, uma caminhada pesada que pode durar de 6h à 7h, isso sem desviar ou fazer pausa para contemplar ou fotografar as belezas naturais[186] que vai encontrar pelo longo caminho. De

[186] Praia do Sono, Praia dos Antigos, Praia dos Antiguinhos, Praia das Galhetas, Praia de Ponta Negra, Cairuçu das Pedras e Praia Martin de Sá.

barco a opção mais econômica para fazer a travessia é saindo da praia de Paraty Mirim. E a pé se vai ter acesso a trilha pelo Condomínio Laranjeiras na Vila de Trindade.

Embora o desejo fosse de passar a noite, segui a intuição, pois agora que conheço como o mar aqui é agitado e com a promessa da meteorologia era do retorno de muita chuva e frio, resolvi voltar no mesmo dia. A sua esposa aproveitou e pegou uma carona até o Centro Histórico. No retorno, por um longo trecho muitos golfinhos nos acompanharam. Os pássaros voando muito baixo, rentes ao nível do mar, anunciavam que a chuva estava chegando [aprendi isso quando fui escoteiro]. O barco era descoberto e o guarda-chuva impossível de abrir, devido ao forte vento. Então a solução era abstrair, pois era água da chuva e água do mar ao mesmo tempo, não tinha como defender-se de nenhuma, era respirar e contemplar aquele momento. Os piores momentos são quando o barco ultrapassa a Enseada do Pouso e passa entre o continente e a Ilha Deserta e o outro é quando resolve passar por fora da Ilha do Algodão, a maior ilha de Paraty, pegando o mar aberto. Eu estava mais próximo da proa, pegando o primeiro impacto das ondas, então permanecer sentado só foi possível me agarrando dos dois lados do barco. Confesso que nestes momentos orei e fiz mantras para todas as entidades, desde o Povo da Mata, das Águas até o Povo do Oriente. Depois de passar entre o continente e a Ilha dos Mantimentos, quando já é possível olhar a baia de Paraty, a chuva vai parando, o mar e o vento vão acalmando. Com a roupa molhada e a mochila também, só pensava que se eu continuar com estas aventuras no mínimo em um case a prova d'agua para a câmera e notebook eu teria que investir, para poder relaxar.

A esposa de Ananias desceu no Cais do Porto [Turístico] e eu segui com ele até o Cais de Pesca em frente ao Mercado de Peixe[187], no Bairro Ilha das Cobras. Não via a hora de chegar na Pousada para tomar um banho quente e anotar no mínimo os tópicos de alguns momentos vividos neste dia, para depois poder desenvolver a escrita e não esquecer de nada importante, mas primeiro, mesmo molhado, precisava passar na Padaria Esperança.

O percurso, mesmo com as duas paradas no mar revolto, devido à falhas no motor, é algo que merece no mínimo um ensaio visual. Ananias, além das qualidades já citadas, é compositor, um excelente contador de histórias e defensor da cultura caiçara. E assim foi todo o momento, ele cantando as suas próprias composições e compartilhando histórias e memórias, suas e da comunidade do Pouso. Ananias, um caiçara da quarta geração, vive hoje da pesca e do turismo. Influente em sua comunidade, entre um causo e outro, naturalmente

[187] "No Cais de Pesca e Mercado de Peixes é possível acompanhar a atividade pesqueira de Paraty e comprar peixes e frutos do mar fresquíssimos. O local também recebe eventos e ações ligados à gastronomia" – Fonte: https://paraty.com.br/mercado-de-peixe - Acesso em: 17 mai. 2023.

entramos no assunto dos grileiros e da especulação imobiliária, na sua simplicidade, mas conhecedor da causa, foi prático nas palavras: "quem vende, perde o lugar... O território... Perde a identidade...". Ao ouvir as suas palavras é como se visse um filme inteiro passando em uma fração de segundos em minha mente: o bairro Caboclo, a minha família e todos os caiçaras que por algum motivo deixaram para trás as suas terras, o seu território.

Por um longo tempo, o caiçara viveu praticamente isolado e sem a preocupação do dinheiro, pois se alguém pescou quando retorna a comunidade, divide a sua pesca com quem não pode mais pescar ou com quem precisa. Se alguém colhe mandioca, milho, banana, também divide com o seu irmão. E, para o caiçara, irmão não é necessariamente aquele parente próximo, mas é aquele vizinho mais próximo ou distante, pois irmãos são todos da comunidade/da vila. Algumas comunidades mais isoladas, mesmo nos dias de hoje, parecem viver em um mundo paralelo. E durante as saídas a campo, o desejo de ficar ali, para ouvir mais, ver mais sobre esses sujeitos é apaixonante. Às vezes, de uma conversa despretensiosa como a que tive com o seu Orlando, um capitão quase aposentado, enquanto esperava o barqueiro Ananias na Praia do Cruzeiro do Saco do Mamanguá, descubro que ele já esteve navegando pelo Sul, que conheceu o mar que costeia o Rio Grande do Sul e os fortes ventos da Lagoa dos Patos e descobriu que em algumas querências não tem café, mas tem chimarrão. Essas situações tornam momentos intensos assim algo muito singular[188].

Das histórias [sérias] de pescador, a mais recorrente escutei na Ilha do Araújo e também no Saco do Mamanguá, no Pouso da Cajaíba..., que "antigamente para se pescar em Paraty bastava ficar pela costeira", mas que depois da segunda metade do século XX, devido o uso dos equipamentos empregados pelas grandes embarcações que localizam cardumes, o caiçara passou a ter que ir em alto mar, pois não há respeito pelo período de resguardo, o que seria mais adequado para que inúmeras espécies consigam se reproduzir a tempo de atender a demanda natural. É a tecnologia, literalmente atropelando de forma predatória, a pesca artesanal do caiçara.

Dia seguinte, 06h52, manhã de céu azul, uma calmaria. Nas ruas do lado Leste do Centro Histórico, encontro um final de maré. Cruzam pela Praça da Bandeira, alguns a pé, outros de bicicleta, os trabalhadores rumo ao Cais. Enquanto aguardo o horário do café na pousada, retrato as pessoas e os casarios e seus detalhes, inclusive a simpática fachada da Casa "Nº 1" que está à venda. Com porta e janelas amarelas, sendo que a porta é com duas fases com treliça na diagonal. Nas proximidades da Rua da Lapa retrato também o flagrante

[188] Estas e outras histórias compõe o ensaio visual VIDA CAIÇARA em construção sobre o Saco do Mamanguá, Pouso da Cajaíba e outras comunidades tradicionais caiçaras.

de um gatinho no telhado, só esperando um urubu pousar. Na Travessa Santa Rita, próximo das 08h, observo o comportamento das famílias que moram no perímetro urbano. Ela se difere da dos pais das Vilas Caiçaras / comunidades de pescadores, na cidade muitos pais, acompanham os seus filhos pequenos à escola, talvez seja pela violência local ou pela presença de "outros de fora". Após o café da manhã, passo pelo IPHAN para pedir uma gentileza ao Rafael Nascimento de Azevedo, de poder usar as sacadas do IPHAN, para documentar do alto o movimento da Praça da Matriz e os casarios das Ruas do Mercado e da Capela, assim como uma das exposições do PEF, com imagens impressas em sublimação [tecidos]. Do alto é possível ter também uma visão melhor do teste que está sendo feito no calçamento original, pensando na acessibilidade, agora com a inclusão de um terceiro tipo de pedra. Da sacada acompanho o movimento dos guias de turismo atendendo aos grupos de pessoas, iniciando um *city tour*. E aproveito o momento, pois como já deixei explícito, me encanta dar uma "espiadinha" do alto, nos jardins internos, pátios, nas peças ou puxadinhos no fundo dos terrenos, pois ali parece estar a essência da casa, guardiã de encontros, conversas, confabulações de séculos e muitas memórias soterradas.

Ao ir fazer um novo contato com Rafael, no IPHAN, encontro o primeiro Guia de Turismo que contatei em 2018, Gabriel Toledo. Ele estava com um grupo de turistas em volta da Praça da Matriz. O turismo e a cultura movimentam e dão vida a cidade. Acompanho pelas redes sociais o apoio que alguns moradores dão não só as festas locais, mas também aquelas que são produzidas nas cidades vizinhas mais ao sul, como as do Fandango Caiçara[189] .

Em campo, as horas e os dias passam rápido. Perto do meio dia, embarco numa Van, rumo ao Quilombo do Campinho da Independência. Procurei chegar no local umas duas horas antes do meu compromisso com as minhas anfitriãs quilombolas e fui direto para o restaurante da comunidade. Muitas reuniões aconteciam no local. Creio que não fui o único que pensou em aproveitar o compromisso agendado, para saborear a gastronomia quilombola.

5.8.5 - Quilombo do Campinho da Independência, o retorno

No [retorno ao] Quilombo do Campinho da Independência, feito nesta saída a campo, coloquei em prática a escuta: *"A Rio-Santos dividiu o Quilombo do Campinho, dividiu o*

[189] O Fandango Caiçara - registrado pelo IPHAN em novembro de 2012 - é uma expressão musical-coreográfica-poética e festiva, cuja área de ocorrência abrange o litoral sul do Estado de São Paulo e o litoral norte do Estado do Paraná. Fonte: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/83#:~:text=O%20Fandango%20Cai%C3%A7ara%20%2D%20registrado%20pelo,norte%20do%20Estado%20do%20Paran%C3%A1. - Acesso em: 20 mar. 2023.

nosso lugar e as nossas memórias", assim começa a contar o seu Álvaro, Griô da comunidade, cercado pelas solícitas quilombolas Ana Cláudia e Heloisa. Sentado numa esteira de palha, admirando os samburás de palha de taboa[190] distribuídos pelo ambiente, escuto histórias onde algumas dialogam com as histórias do bairro Caboclo, do tempo que para se chegar em Paraty, os quilombolas levavam quatro horas, para ir até a cidade de Santos em São Paulo, eram em média oito dias de viagem, os tamancos de madeira, havia escola só até a 4ª série, tempos em que a solidariedade mantinha a comunidade viva, partilhava-se "uma mistura" para se sobreviver. Segundo Ana Cláudia e Heloisa, as terras do Campinho não foram dadas conforme outras fontes narram, mas sim abandonadas, tanto que no início do ciclo do turismo, supostos herdeiros reapareceram exigindo que os quilombolas saíssem. Uma luta e resistência que só veio a ter uma paz com o reconhecimento das terras em 1999.

Assim como no ambiente urbano, ao mesmo tempo que a Rio Santos trouxe problemas, como a insegurança, poluição dos rios devido o crescimento das comunidades vizinhas, também trouxe visibilidade. O quilombo passou a ter Posto de Saúde e Escola até a 9º ano, por exemplo. O restaurante do Campinho além de ser um centro de encontro, evita que o quilombola procure trabalho em lugares como o *"Condomínio Laranjeiras",* enfatizam Ana Claudia e Heloisa. O Quilombo hoje tem em torno de 600 moradores e se encontra na sua 7ª geração, assim como algumas comunidades caiçaras, investem no turismo de base comunitária, que agrega conhecimento da cultura local: com oficinas de cestaria, jongo e outros fazeres. As histórias de parteiras, rezadeiras e benzadeiras/erveiras, são recorrentes, assim como era no bairro Caboclo. Até os anos 60/70 a religião era exclusivamente afro-brasileira, originada na cultura dos povos africanos que foram escravizados e trazidos para estas terras entre os séculos XVI e XIX. Depois começaram a chegar a Evangélica, Batista, mas o importante é que neste século, ao contrário de anteriores, passou haver mais respeito entre todas elas.

Apesar de que a luta pela titulação das terras apresente-se como um triunfo, os quilombolas até este momento encaram o desafio contemporâneo da auto-sustentação. "Ao longo de quase todo o século XIX, a comunidade viveu tranquilamente da agricultura, caça e extrativismo". Hoje, devido aos decretos ambientais, os quilombolas do Campinho não caçam e nem coletam nas matas das imediações da comunidade. As atividades produtivas estão focadas na agricultura e o artesanato. As plantações essenciais são as de mandioca e cana-de-

[190] Palha de taboa é uma planta aquática, material da própria região, utilizado na confecção de utilitários de decoração, como esteiras e samburás (cestos/balaios) - Fonte: Turismo de Base Comunitária - Quilombo do Campinho – Acesso em: 21 dez. 2022.

açúcar. Além disso, são plantados produtos para subsistência: feijão, arroz e milho. A comunidade também desenvolve um programa que denomina de turismo étnico-ecológico, incluindo 85 famílias. (ICMBIO)[191].

A conversa é tão boa com as anfitriãs e o griô que não vi o tempo passar. Quase no final deste encontro, uma nova emoção, conheci ainda no interior no Restaurante do Quilombo a Alexandra (Leka) e a Layne, nora e neta do meu primo Laércio Domingos da Luz Araújo, que mora no bairro Caboclo. Ou seja, encontrei mais parentes e desta vez no Quilombo. Em companhia das anfitriãs, saímos a caminhar de ponta a ponta do campinho, praticamente o caminho inverso que eu havia feito em 2018 em companhia da minha consorte. Para o meu olhar, todos os ambientes são motivos de foto, as moradias, as pessoas nas janelas, as crianças jogando bola no campinho, o posto de saúde, as igrejas, enfim, tudo.

No Campinho, as casas na sua maioria são de alvenaria, algumas de um colorido vivo e alegre. Embora sejam de alvenaria, muitas têm no seu acabamento ou algum detalhe decorativo em bambu. A existência de muros em alvenaria ou cercas de bambu são uma raridade. Os seus telhados variam do barro [maioria] as telhas de cimento amianto. As roupas estendidas nos varais e as poucas casas de pau-a-pique, com aberturas que variam do bambu às esquadrias contemporâneas dão um toque singular à paisagem do lugar. Ao retornar a cidade, depois de um dia intenso, antes de jantar fui até a Casa da Cultura e num encontro sincronizado fotografei o indígena amazonense de cocar, contemplando uma exposição fotográfica.

Sábado, 05h46. Eu já escutava os primeiros passos nas ruas próximas, abri a janela e aquela ponta de sol ainda não apareceu no horizonte. Aconteceu nesta data um belíssimo espetáculo afro durante o Festival Mutuá[192] - nossas vozes nossos cantos, promovido pelo Polo Sociocultural SESC Paraty. A concentração e o aquecimento com grupo "Ilú Obá de Mine" aconteceu em frente à Igreja Santa Rita. Depois de quase uma hora de um espetáculo de dança e música, iniciou-se o cortejo pela Rua Santa e Rita e seguindo pela Rua do Comércio, rumo à Praça da Matriz. Os coloridos, o movimento dos corpos, os tambores, os pontos, os gritos de guerra, o louvor às entidades... Tudo de uma beleza e energia difíceis de narrar em poucas palavras.

---

[191] Fonte: Quilombo do Campinho - Comunicação Oral – Em 23 set. 2022.

[192] O Mutuá nasce da relação entre pesquisadores das artes cênicas e artistas da cultura popular, a partir do mapeamento de manifestações tradicionais. O verbo mutuar significa troca recíproca, empréstimo, escambo. Como, nesta proposta, as tradições e saberes populares estão no centro dessa troca, deixamos a palavra fluir e se tornar Mutuá – distanciando-se da grafia original e chegando mais perto do nosso modo de falar. – SESC Sta Rita / Paraty – Em 24 set. 2022.
https://costazul.fm/sesc-paraty-realiza-festival-cultural-mutua-celebrando-a-arte-e-o-teatro/ - Acesso em: 6 set. 2023.

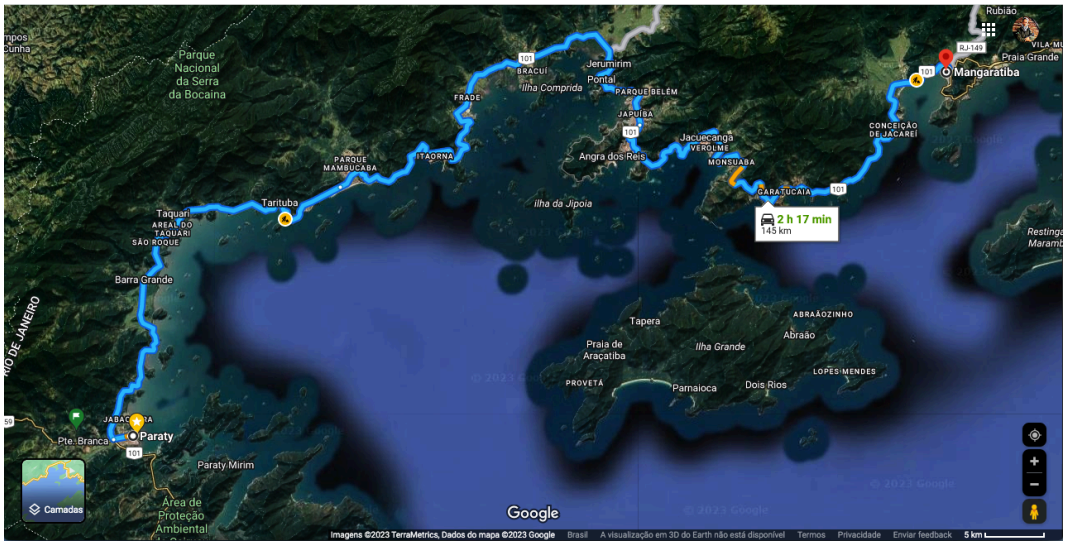
Neste dia a única provação foi a perda dos meus óculos de grau durante o cortejo. Na ocasião, o visor óptico da câmera, devido à possibilidade de ajustar a dioptria para a minha acuidade visual, passou a ser mais do que nunca a extensão do meu olhar. As dificuldades geradas por não poder olhar com precisão aquilo que está próximo, dificulta muito o meu ato de ver o que fiz, o jeito foi respirar, confiar e recordar de 1979 e 1991, quando fotografei Paraty com filme.

Após o final da apresentação na quadra de esportes, encontrei o casal da trupe Paraty Pedagógico. Simplesmente um encanto o trabalho dessa trupe. É a história contada, declamada, é prosa, verso, poesia... Também me faltam palavras para esclarecer a beleza da performance, pois eles têm o poder de prender a atenção ao mesmo tempo em que além do talento os seus figurinos nos transportam para dois ou três séculos atrás. Depois desses dois momentos de arte e cultura, saí pelas ruas na tentativa de achar os meus óculos, sem nenhum resultado, então saí pela cidade em busca de um óculos temporário. Pelo caminho registro um encontro casual na Rua do Comércio de grupos de fotoclubistas de vários estados brasileiros, incluindo os quatro colegas do Sul que eu acompanhei até a Vila de Trindade dias antes. O restante do dia resolvi me recolher, respirar, meditar sobre desapegos e me reorganizar para o dia seguinte.

5.8.6 - Rumo à Mangaratiba

Domingo, 25 de setembro. A caminho do meu destino, enquanto aguardava o horário do ônibus, para a coleção de fotos pedidas, registrei no Cais de Angra quatro jovens que estavam a passeio. Todos os transportes que foram necessários para fazer uma surpresa a minha Tia Silvana *(in memorian)*, a passagem por Angra dos Reis, as lembranças de 1991, as edificações do período colonial, até chegar em Mangaratiba (Figura 34) onde encontrei a minha tiazinha, tímida, com o seu corpo tão frágil, que apresento na 2ª Seção do Capítulo 7 – Bairro Caboclo, o que não é mais. Onde também retomo brevemente sobre a importância histórica e a conexão de Mangaratiba com Paraty em séculos passados.

Figura 34 - Terminal Rodoviário de Paraty – Mangaratiba / RJ.



Fonte: Google Maps[193]

Concretizar essa viagem a Mangaratiba, para mim tratava-se de uma questão afetiva, pois precisava conhecer pessoalmente a Tia Silvana, uma caiçara nascida no bairro Caboclo, que tanto colaborou com as suas memórias e esquecimentos para essa pesquisa e que, infelizmente, não teve tempo de contemplar este trabalho.

5.8.7 - Morro da Vila Velha

Reservei a última manhã em campo, para caminhar até o Forte Defensor Perpétuo, pela primeira vez em companhia de uma guia, Helena Ramos. Na trilha subindo o morro, Helena me falou das ervas medicinais, das árvores, da história do Forte e de Paraty. Me apresentou ao João Andrade e ao Pedro Campos Franke, que trabalham na instituição como técnicos em assuntos culturais. Na ocasião, animados com a organização da exposição que estava por acontecer a céu aberto com sinalização sobre espécies botânicas encontradas no espaço do Forte. A exposição se estenderia desde o caminho de acesso ao museu até a Praça de Armas, no chamado Morro do Forte. As conversa versaram desde o acervo de canoa caiçara, que compõem uma exposição permanente organizada onde era o Paiol do Forte, onde encontram-se hoje várias canoas, sendo que cada uma, em uma etapa da sua produção, assim como o modelo de remo utilizado pelos caiçaras. João e Pedro, mesmo com pouca verba,

[193] Fonte: https://encurtador.com.br/vyQ29 - Acesso em: 12 ago. 2023.

lutam para manter o Museu Forte Defensor Perpétuo como um lugar de promoção e valorização da história e da memória da cidade de Paraty.

Próximo do meio dia, quando estávamos para nos despedir começa uma chuva fina. Antes de descermos rumo a cidade, fomos até a lateral do Forte, que dá de frente para a Baia, local onde tem alguns canhões e além do muro, uma ladeira íngreme composta de imensas rochas. Nunca, em visitas anteriores, havia me arriscado a descer em direção à Praia do Forte, desta vez com as rochas molhadas arrisquei e resbalei, caí mas não passei da pedra e nem caí no mar, talvez tenha arranhado o ego de aventureiro, mas o que importa mesmo é que a câmera estava inteira. Depois do evento, ao descer o Morro do Forte, vim tão concentrado na tradicional história contada pelos dois agentes culturais, sobre o primeiro núcleo a ser povoado em Paraty, ter sido naquele entorno do Forte, mas que ninguém até hoje tem certeza do ponto exato do Morro da Vila Velha, que nem senti o tempo passar.

Ao cruzarmos a Ponte do Pontal, entramos na Pousada Marquesa na Rua do Mercado em frente a Praça da Matriz e no Armazém Caiçarinha na Rua da Matriz, ambos os lugares são uma viagem no tempo devido a ambientação. As varandas e os jardins da Pousada Marquesa são um encanto e o Armazém Caiçarinha além de me transportar a fase inicial da minha infância em Porto Alegre, nele encontrei massapão e manuê, doces típicos da culinária local. Enquanto eu provava uma Itubaína, Helena me explicou sobre o teste com a pavimentação em frente ao IPHAN, visando o projeto de acessibilidade, onde agora inclusive, foi acrescentada uma terceira opção de pedra. Já passava do meio dia, quando resolvemos caminhar pela Rua Fresca até chegarmos na Casa do Artesão, foi quando eu conheci duas encantadoras senhoras paratienses, ambas "arteiras". A artesã Rosangela Jotta executa um trabalho com "folhas esqueletizadas" que são de uma delicadeza ímpar e a sua colega, a outra artesã, trabalha com as escamas da taínha, criando objetos de decoração e bijuterias que me fizeram lembrar do mestre Tã, o griô da Ilha do Araújo, pois esta também é uma das suas habilidades.

Após nos despedirmos, voltei a me dedicar a uma última atividade, que me despertou o desejo de fazer, após ler o relatório referente o Centro Histórico, feito em 2003 pela SIPA, que consistia em fazer fotos onde ficassem mais evidentes as portas, janelas e sacadas com influência muçulmana, os muxarabi, as populares treliças, encontradas em alguns casarios do Centro Histórico e também alguns remanescentes nos Bairro Patitiba e do Pontal.

A chuva volta com intensidade no meio da tarde. E da janela da pousada observo a diversidade de guarda-chuvas, vestuários e o comportamento das pessoas. Desde a botas de trilha, jaqueta e calça corta frio até a bermuda com sandálias Havaiana. Enquanto algumas

caminham na paz outras correm como se o mundo fosse acabar. Neste vai e vem de turistas, algumas pousadas aproveitam para estampar a sua marca em guarda-chuvas, outras mais sofisticadas oferecem além de capas, botas para os seus hóspedes usarem nos períodos de chuva ou de maré alta. O turismo gera uma rede de possibilidades para alguém consumir algo.

5.8.8 - #mochilapronta em Set. 2022

Terça-feira, 27 Setembro, 08h35. A cada saída a campo fico mais convicto que para se viver em Paraty, permanecer uma longa temporada ou mesmo um ano [para colocar em prática um novo projeto por exemplo], duas coisas se fazem necessário: uma bicicleta e um barco, pode até ser uma canoa, pois ter independência tanto em terra firme ou no mar é fundamental, para se conseguir ir e vir mais longe, fazer no seu tempo e poder economizar.

Nestes anos de pesquisa foi possível observar que, assim como vem acontecendo nas metrópoles, o número de andarilhos e pedintes pelas ruas cresceram. Inclusive no Centro Histórico, nos bancos da Praça da Matriz e na falta deles, nas calçadas direto, do outro lado do Rio Perequê-Açu também, em frente à Santa Casa de Misericórdia. Ao anoitecer, na Avenida Roberto Silveira, alguns andarilhos se acomodam sob as suas marquises e os recuos assim que o comércio fecha. Alguns se aventuram e dormem escondidos entre a mata e o mangue próximos da Praia Terra Nova. Talvez sejam sonhadores que veem na cidade histórica a ilusão de voltar ao tempo. Eles podem ser resultados de sonhos que não deram certo.

A tranquilidade do Cais e da Baia de Paraty de 1979 ficou apenas nas fotografias. O Cais ficou pequeno para os barcos dos pescadores, que não conseguiram competir com as escunas e hoje encontram-se no Cais de Pesca na frente do bairro Ilha das Cobras, assim como o novo Mercado de Peixe, ambos revitalizados pela Prefeitura de Paraty. As marinas e *piers* particulares também cresceram, algumas assim como as públicas adotaram plataformas flutuantes para poderem atender a multiplicação das lanchas e iates dos veranistas.

Eventualmente no verão e/ou durante os grandes eventos, quando a população na cidade praticamente dobra, embora o núcleo urbano seja cortado por dois rios, a falta de água na cidade é eminente. Assim como energia elétrica, esta, segundo alguns moradores do bairro Caboclo, zona rural, geralmente é por falta de manutenção preventiva da rede elétrica, e também devido a eventuais acidentes causados pelas intempéries.

Centro Histórico, Set. 2022
















FÓRUM JUÍZA ALBALIZ DO ROSÁRIO NASCIMENTO





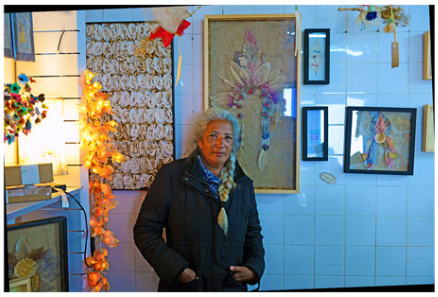
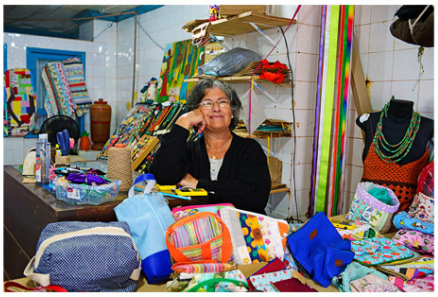










Centro Histórico | Mutuá, Set. 2022



Museu Forte Defensor Perpétuo, Set. 2022



Saco do Mamanguá, Praia do Cruzeiro, Set. 2022 | Comunidade Caiçara / Vila de pescadores





















Pouso da Cajaíba, Set. 2022 | Comunidade Caiçara / Vila de pescadores












Quilombo do Campinho da Independência | O retorno, Set. 2022



5.8.9 - #diariodecampo em Set. 2022

Uma reflexão sobre a triste impermanência do lugar e da identidade: **a**ssim como moradores da zona costeira vêm morar nos bairros periféricos do Centro Histórico [geralmente pressionados pela especulação imobiliária], uma grande parte dos antigos moradores, retiram-se do Centro Histórico para os bairros, da zona rural (SOUZA, 2008). Cada vez mais raro encontrar os moradores nas portas, janelas ou sentados em frente as suas casas proseando como na década de 1970. Como já mencionado, em outra saída a campo, na sua maioria, as edificações encontram-se fechadas, pois pertencem a veranistas ou tornaram-se estabelecimentos comerciais, desde lojas, cafés, livrarias, sorveterias, bares, restaurantes, galerias de arte, antiguidades, lojas de moda e artesanato, cachaçarias a pousadas, muitas pousadas e de todas as categorias.

Além das correntes do Centro Histórico, com a ressalva às alturas das novas edificações, de um lado do Rio Perequê-Açu, a cidade parece crescer de forma mais ordenada, embora aja casas, pousadas e condomínios de arquitetura contemporânea de todos os padrões. Já, do entorno da Avenida principal, partindo do Centro Histórico até o trevo de entrada da cidade, talvez ocasionado pela especulação imobiliária, parece não existir uma harmonia, um ordenamento na arquitetura, nem um consenso em alguns recuos e nas dimensões de algumas calçadas, sejam na sua largura ou na altura. Estas pequenas falhas na malha urbana parecem afetar o crescimento harmônico da cidade. Do outro lado da Rio-Santos, a cidade se expande para bairros mais distantes que seguem a estrada Paraty-Cunha, de onde se percebe uma exploração da natureza e a aparição de novos condomínios, em áreas que antes eram ocupadas pela Mata Atlântica. A especulação imobiliária é prejudicial para as cidades, pois provoca um movimento impermanente de mudanças, onde o mais fraco economicamente falando, cada vez desloca-se para mais longe de suas origens.

Quando o Centro Histórico, era a cidade, o núcleo urbano de Paraty, os seus ciclos econômicos estavam alinhados com a economia do próprio país. Hoje, guardando as devidas proporções, Paraty em relação ao estado do Rio de Janeiro e ao próprio país, está alinhada no quesito violência. Paraty já esteve entre as três cidades mais violentas do Rio de Janeiro. A violência no Brasil, mata muitos jovens diariamente. Mas quando um jovem morre em uma cidade pequena onde muitos dos moradores se conhecem, a revolta e a tristeza parecem ser maiores. Semanas antes da saída a campo, um jovem é morto a tiros no Bairro Ilha das Cobras. Os moradores do bairro revoltados protestam na rua e nas redes sociais o desabafo dos moradores de Paraty, que estão cansados com a falta de segurança e por crimes que

acontecem em bairros considerados periféricos ficarem sem solução. O que choca os moradores é que fica uma mensagem subliminar, que depois que as autoridades recolhem o corpo parece que tudo deve voltar ao normal, por atribuírem o fato à facção criminosa que opera neste bairro. E o mesmo acontece no bairro vizinho, Mangueira.

A pandemia ameniza, mas não termina. Em Paraty, houve mortes, e poderiam ter sido mais, se em algumas localidades os próprios moradores não tomassem a frente com ações preventivas, como na Vila de Trindade, onde a associação de moradores criou, por um longo período, barreiras que durante 24 horas fecharam a estrada de acesso as suas praias, visando a proteção dos seus anciãos. Os griôs são detentores dos fazeres e saberes, que para manutenção da identidade do caiçara, precisam ser transmitidos para as novas gerações.

No sábado, de 12 de novembro de 2022, três anos depois, a cidade de Paraty e Ilha Grande receberam o certificado de reconhecimento de Patrimônio Mundial da UNESCO[194]. A cerimônia de entrega aconteceu na Casa da Cultura de Paraty, onde ambos territórios foram reconhecidos como Patrimônio Mundial da Humanidade pelo sítio misto[195] de Cultura e Biodiversidade. O reconhecimento foi numa cerimônia na cidade de Bakur, no Azerbaijão, na 43ª reunião do Comitê do Patrimônio Mundial, em 05 de julho de 2019[196].

A intenção nesta saída a campo além de conhecer as comunidades caiçaras mais remotas como a da Praia do Cruzeiro no Saco do Mamanguá e a do Pouso da Cajaíba, conversar com os seus membros, fotografar suas vilas e os seus templos religiosos. Era também fazer o mesmo com as comunidades da Praia Grande da Cajaíba, conversar com o seu Altamiro dos Santos, depois ir em Calhaus, Itanema, Martins de Sá e na Praia do Sono. Mas as intempéries alteraram bastante a rotina do mar por aqueles dias, deixando todo cenário muito intenso, com ventos fortes, ondas grandes e chuvas intensas, que não permitiriam chegar e praticar uma escuta e contemplação tranquila como eles são dignos de merecer.

---

[194] O evento contou com a presença da coordenadora de cultura da UNESCO no Brasil, Isabel de Paula; do secretário nacional de Turismo, Fábio Pinheiro; do superintendente do IPHAN no Rio de Janeiro, Olav Shrader; e de representantes do Instituto do Meio Ambiente (ICMBio) e do Ministério do Meio Ambiente.

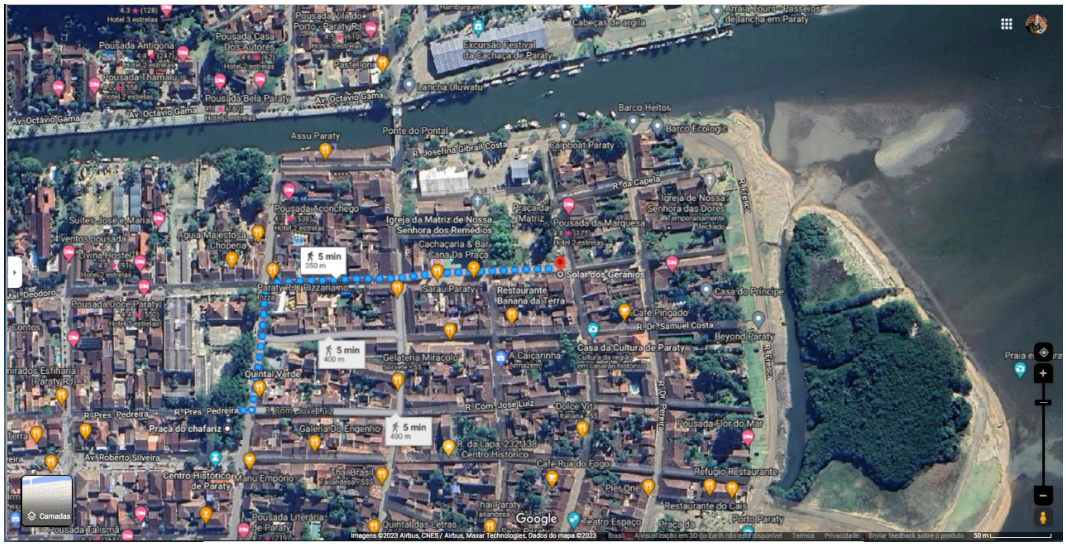
[195] Serra da Bocaina, Parque Estadual da Ilha Grande, Reserva Biológica da Praia do Sul, Área de Proteção Ambiental de Cairuçu, Centro Histórico de Paraty e o Morro da Vila Velha. Fonte: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5164/paraty-e-ilha-grande-rj-ganham-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco - Acesso em: 13 nov. 2022.

[196] Fontes: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5164/paraty-e-ilha-grande-rj-ganham-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco e https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/paraty-rj-recebe-certificado-de-patrimonio-mundial-pela-unesco?fbclid=IwAR2lU1LwAqXbCO8gzQ_jISdZFbAQ9-ZnOmwKgJcNJ9zZ13hcsDGYgkAgKq4 - Acesso em: 13 nov. 2022.

5.9 - Saída de Campo 7 | Paraty, 27 Fevereiro à 1 Março 2023

A hospedagem desta vez aconteceu no Solar dos Gerânios, situada no Centro Histórico, os meus anfitriões foram dois membros da Família Kaufmann-Kirkovits, Dona Margarida e o Seu Estevam (Figura 35). Nesta sétima saída a campo à Paraty, assim como o tempo de permanência o roteiro programado/almejado também foi reduzido, sendo que o objetivo principal foi documentar os preparativos e o aniversário de 356 anos da cidade. Antes, durante e depois da comemoração do aniversário, estava também relacionado no diário de campo[197]: conhecer e entrevistar alguns caríssimos moradores, entre eles, Dona Maria Izabel Gibrail Costa[198] e documentar o seu alambique; documentar e conhecer a história da Fazenda Bananal (antiga Fazenda Murycana) e a Toca do Cassununga (Sambaqui, Maçonaria...) no Bairro do Jabaquara. E no interim, fazer algumas entrevistas e conversas.

Figura: 35 – Solar dos Gerânios – Praça do Chafariz / Centro Histórico



Fonte: Google Maps[199]

[197] Diante do constante desafio do esquecer e recordar, o diário de campo foi um apoio fundamental à minha memória. A ferramenta mais presente desde o início da pesquisa. Usado para planejar as saídas a campo, como apoio nas entrevistas, para relacionar as fotografias por fazer ou refazer. Para rascunho de mapas mentais e geográficos, organizar os eixos fundamentais da pesquisa, datas históricas, relacionar os nomes dos principais autores e também dos moradores de Paraty, os quais fiz contato.

[198] Fazer cachaça era uma tradição na família de Maria Izabel pelo lado paterno, os Costa. Há documentos de meados do século XIX atestando, que seu bisavô, Francisco Lopes da Costa, produzia e exportava cachaça em suas três fazendas, cada uma com seu alambique: a de cima, Carretão; a do meio, Bananal; e a de baixo, Bom Retiro. Seu filho Samuel Costa – também um dos prefeitos mais importantes da história de Paraty – continuou a produção; mas esta acabou sendo interrompida em algum momento por volta da década de 1940. Maria Izabel nasceu e cresceu na fazenda do Bananal, mas lá não mais se fazia cachaça, seu pai tendo morrido cedo. Seria só muitos anos mais tarde, ao adquirir o Sítio Santo Antônio e nele começar a plantar cana, que Maria Izabel retomaria a tradição da família, ao decidir tornar-se uma produtora de cachaça como seus antepassados. Fonte: https://mariaizabel.com.br/ - Acesso em: 9 set. 2023.

[199] Fonte: https://encurtador.com.br/FVY57 - Acesso em: 3 set. 2023.

Segunda-feira, 27 fevereiro, véspera do aniversário da cidade, quando estava a caminho da pousada, no meio fio da Praça da Matriz veio o encontro casual com Valentina Cool, que há nove anos atrás saiu de Porto Alegre para passar dois dias em Paraty e nunca mais voltou. Me relatou que trabalhou no Bar Ocidente e na Casa de Cinema de Porto Alegre. Em Paraty trabalha com gastronomia, performances... Combinamos que eu enviaria a ela a questão: "sentimentos sobre Paraty, 356 anos..." visando a produção de um ensaio visual.

5.9.1 - Solar dos Gerânios

15h04, já alojado em meu quarto de esquina, com dois pontos de vista, escolhido pela Dona Margarida ao saber que eu era fotógrafo e estava na cidade para dar documentar o aniversário da cidade e dar continuidade a minha pesquisa. Da Janela da frente dá para se ter uma visão privilegiada da Praça da Matriz, avistando o alto da Igreja Nossa Senhora dos Remédios de Paraty. Do lado de cá da calçada da praç, eu sinto falta das árvores que ali existiam tempos atrás [e não é só eu, lembro que na ocasião os moradores se uniram e cobraram inclusive oficialmente das instituições competentes, do porque da derrubada de árvores que não apresentavam nenhum sinal negativo aparente]. Da porta da sacada lateral, à direita, o segundo ponto de vista, consigo ver até além da Casa da Cultura.

No primeiro dia no Hotel Solar dos Gerânios a história da Família Kaufmann-Kirkovits, proprietária do Hotel, de maneira natural e espontânea, começou a se desenhar. Tudo iniciou com a chegada dos pais no Brasil em 1952 e posteriormente em Paraty no ano de 1955. Os anfitriões Margarida e Estevam são sempre muito solícitos e como eu adoram uma conversa de "antigamente". No meio da tarde, após um breve repouso devido as 24h sem dormir, quando estava me preparando para ir até o SESC Santa Rita, recebo um convite para *"um cafezinho preto e recém passado"* [como dizem os mineiros que é uma ofensa, uma desfeita, recusar um cafezinho, aceitei de bom grado]. Do café, surgiram histórias do mesmo período que minha família viveu no bairro Caboclo. Dona Margarida e a irmã, assim como a falecida mãe, mantinham no jogo da memória – lembrar e esquecer – as dificuldades da década de 1960. Algumas, me fazem recordar das minhas leituras no início da pesquisa, referente a reforma agrária em Paraty que não deu certo. Moradores assistiram outras famílias

que durante anos lutaram em vão por terras, devido às promessas vazias do INCRA[200], de que o governo regulamentaria a situação depois, terras alheias foram tomadas, muito tranquilamente. Mas nada foi regulamentado.

Antes de seguir para o SESC, caminhei nas ruas mais próximas à margem do Rio Perequê-Açu na parte do bairro Patitiba[201], além das correntes que cercam o Centro Histórico, observei desde as primeiras saídas a campo que há um desordenamento nas formas, cores, fachadas, portas e janelas das casas neste bairro. E entre estas construções populares, que parecem ser mais dos séculos XX e XXI, encontram-se ainda, resistindo ao tempo, algumas casas do estilo colonial. E talvez por isso me desperte o desejo de querer saber mais sobre esse lugar que remete aos primórdios, quando o Patitiba, desde o final de 1800, segundo Mello [2023], foi o primeiro bairro da cidade, o núcleo urbano que hoje é chamado de Centro Histórico.

O bairro Patitiba se estende até a parte do sul do Centro Histórico, alinhando-se com o final da Rua do Comércio, onde existia um beco que saía na Rua Patitiba, chamado de Beco do Buraco Quente, que segundo moradores, foi um dos pontos de *"mulheres da vida"* e os proprietários da Pousada Pardieiro fechou alegando uso de drogas e prostituição no local (ALCÂNTARA, 2023; MELLO, 2023). E, curiosamente, a pousada privatizou o beco e passou a fazer uso desse espaço público. Os becos, travessas, espaços, jardins internos e as peças isoladas nos fundos dos terrenos das casas, ao mesmo tempo que me passam um ar de mistério, despertam aquela curiosidade de querer saber mais sobre os seus usos, as suas histórias. Quem são os seus moradores? Quais seriam as suas histórias e memórias?

Hoje o fluxo da Rua do Comércio termina de frente para o mangue, uma área cercada e protegida, mas antes não era assim, pois no seu final à direita era possível continuar a caminhada entrando no Beco ou Rua do Buraco Quente. Isso aconteceu nos anos 80. "Foi somente fechado o acesso dos fundos à Patitiba. A frente, atualmente fechada com plantas, é obra do ano 2000 em diante pelo antigo proprietário" [MELLO, 2023]. Segundo moradores, "recentemente ela foi vendida à Pousada Literária". O atual dono e nem a Prefeitura ainda não se manifestaram quanto ao fechamento do beco (ALCÂNTARA, MELLO, 2023).

Chegando ao extremo sul do Centro Histórico, já próximo da Igreja Santa Rita, encontro com o Fernando Alcântara, o jovem cirandeiro, saindo do SESC, que me levou para

[200] Sugestão de leitura, para quem deseja começar a se aprofundar nesta questão: ZUQUIM, Maria de Lourdes. Os Caminhos da Bocaina: uma Questão Agrária Ambiental - TESE DE DOUTORADO - São Paulo – setembro 2002.

[201] Comunicação por rede social, citando a obra PARATY – NO ANNO DA INDEPENDÊNCIA, 2000 – Litteris Editora LTDA (MELLO, Diuner. 00/05/2023. *Facebook*/*Messenger*).

documentar até os dois locais onde as doceiras e festeiros estavam preparando o bolo e os doces que seriam servidos no aniversário na noite seguinte. No caminho, em conversa com o Fernando Alcântara, fico sabendo que boa parte dos moradores da Patitiba, assim como dos bairros Chácara, Fátima e Pontal, "são advindos da costeira, que foram chegando e ocupando essas regiões" [ALCÂNTARA, 2023].

5.9.2 - Edinho, o festeiro

Ao cruzarmos pela quadra de esportes ao lado da Igreja Matriz, encontramos o José Sérgio, atual Secretário da Cultura, coordenando a organização da decoração para a noite do aniversário. Fiquei de enviar a ele também a questão que elaborei para compartilhar nas redes sociais de Paraty, sobre os "sentimentos destes 356 anos...". Quase chegando na primeira parada encontramos o próprio pai do Fernando, sentado na frente de um estabelecimento comercial.

A primeira parada foi na Casa Paroquial, localizada na Rua da Cadeia, onde fui apresentado para todos e depois fiquei conversando com o Edinho, Conceição e a Mima. Edinho feliz e orgulhoso era o festeiro responsável. Ele tem no seu currículo toda uma dedicação de anos com a Festa do Divino. A Casa Paroquial, que tem como um dos objetivos apoiar os festeiros na produção das festas religiosas e eventos da comunidade, muitas histórias sobre as edições passadas do aniversário da cidade e a relação dos colaboradores com o maior evento religioso de Paraty, a Festa do Divino Espírito Santo - manifestação cultural e religiosa, de origem portuguesa, que anualmente acontece desde o século XVII tem início no Domingo de Páscoa - hoje "Patrimônio Cultural Brasileiro"[202]. Incrível o interesse e as responsabilidades que assumem diante de um evento sociocultural tão lindo e repleto de significados, para o catolicismo popular brasileiro, desde a arrecadação do dinheiro, a motivação dos devotos e os esforços coletivos dos voluntários. Contam, orgulhosos, que antigamente era uma festa celebrada em muitos lugares no Brasil, mas que hoje são muito poucas que mantem essa tradição e que Paraty é a única que há décadas segue fielmente a liturgia. Inclusive, Edinho, um dos festeiros ao qual fui apresentado, faz parte da comissão que acompanha revisão do Título de tombamento da Festa do Divino. No final da conversa,

[202] Fonte: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/652/festa-do-divino-de-paraty-%E2%80%93-rj-e-o-mais-novo-patrimonio-cultural-brasileiro - Acesso em: 21 mar. 2023.

após recusar um cafezinho com pão de queijo devido o avançar das horas, tirei uma foto de parte do grupo dos festeiros e voluntários.

Depois nos dirigimos ao Centro Integrado Municipal de Educação Infantil – CIMEI PÉ DE MOLEQUE, localizado na fronteira com o Bairro Patitiba, onde havia outro grupo, entre mestres e voluntários para os quais o Fernando me apresentou e que preparavam outras especiarias, e só não provei todas porque o bacon, da paçoca de banana da terra, ainda estava na panela sendo preparado. Desse grupo, conversei com a Vanda, sobre a composição e a história de alguns doces. Somando a linha de produção dos dois lugares visitados, estavam os tradicionais doces da cultura gastronômica paratiense, manauê ou manuê de bacia (o bolo de melado de cana), massapão (lembra uma queijadinha com pastel de Belém), paçoca de banana da terra com bacon (muito consumido no café da manhã, almoço e janta), cocada e doce de leite. Todos os doces produzidos com produtos comprados da Feira do Produtor Rural, para valorizar a gente da terra.

No período colonial, depois da segunda metade do século XVIII, ao contrário do melado que era abundante, o açúcar em Paraty ainda era um artigo/mercadoria de ostentação. Daí somou-se ao talento das doceiras portuguesas a criatividade indígena e a africana, tornando uma tradição fazer o manuê de bacia, com o melado, ingrediente da cultura local. Lindo ver a alegria e a satisfação destas pessoas, dos mais diversos segmentos profissionais estarem ali doando o seu tempo e o seu amor na execução daquelas tarefas.

Hoje o *flâneur,* com tempo nublado, chuva e muitos turistas franceses circulando, contemplou mais alguns dos saberes e sabores da cidade de Paraty. No final da tarde, após me despedir do jovem cirandeiro, fui até a clássica Padaria Esperança garantir algumas delícias para o lanche da noite. Depois, ao Restaurante Netto, satisfazer a minha memória afetiva com o pirão de peixe. O tempo de espera de um jantar que mexe com a mente e o coração é o tempo para reorganizar o roteiro, as histórias do festeiro e das doceiras e respirar, na vã tentativa de compensar as 24 horas sem dormir.

5.9.3 - Depois do pirão de peixe

Nestes primeiros momentos sem câmera, apenas de pura contemplação, percebo nas imediações da Rua do Comércio com a Igreja do Rosário que aquele indígena do Amazonas, que em 2017 havia comentado que estava de passagem, ainda está em Paraty [talvez o significado de passagem para ele, seja o mesmo quando digo: estamos todos de passagem

neste plano. Ou seja, essa passagem pode ser um pouco mais longa do que o esperado ou planejado]. E com ele ou simplesmente próximo dele, existe agora uma nova família indígena, que aparentemente acredito que não sejam das aldeias de Paraty. Percebo também que houve, de setembro pra cá, uma flexibilidade quanto à presença de artistas e artesãos no Centro Histórico. Próximo das vinte e uma horas, de volta a pousada e com a porta da sacada do quarto aberta fico a observar os poucos turistas na rua e a chuva dar um brilho nas pedras pé de moleque no cruzamento das Ruas do Mercado e da Cadeia.

5.9.4 - Paraty, 28 de fevereiro

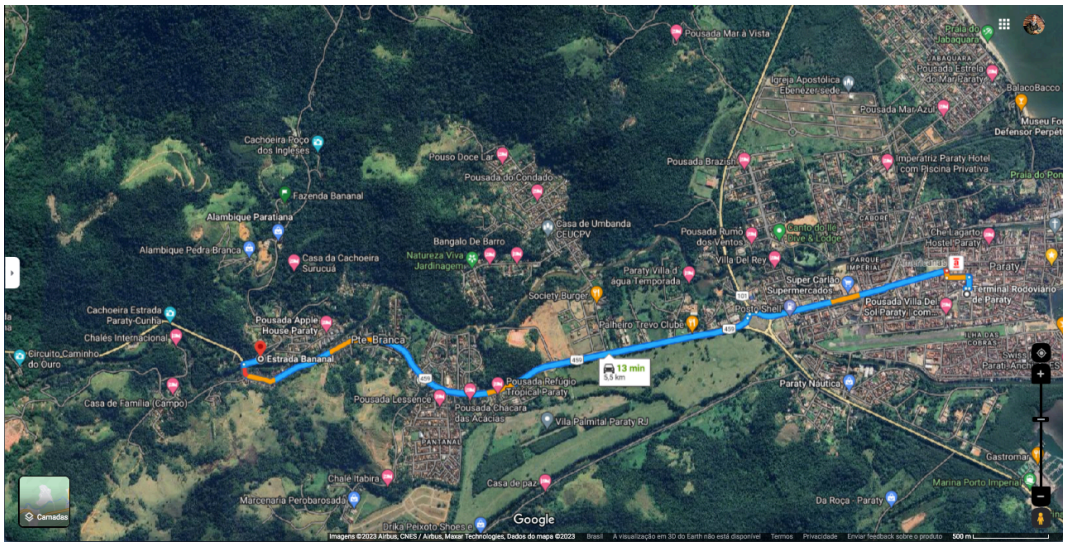
São 07h46, hoje a cidade faz 356 anos. Por enquanto o céu está num azul claro e repleto de nuvens brancas. Desço para o café e com calma passo a analisar a infinidade de artefatos que há em todos os ambiente da Pousada Solar dos Gerânios. Muitos retratos pintados a mão, recantos do Centro Histórico e outras paisagens do Paraty, assim como esculturas e outras obras de arte. A decoração, os móveis, as paredes, parece que todos os elementos a qualquer momento vão me contar uma história. E não demorou. Já no primeiro café da manhã de forma natural já começo a tecer a história da família, desde a sua chegada no Brasil. História fascinante de garra e superação da família. Hoje alguns membros moram no exterior, mas a sua maioria atuam de alguma forma na Pousada. A sala do café, fica ao lado de um encantador jardim ao céu aberto, não existem janelas ou portas dividindo os dois espaços apenas colunas e arcos. Os jardins internos, mantem os ambientes com o frescor da manhã, a diversidade de folhagens é grande, parece que ali existe uma amostra da Mata Atlântica.

Para Delphin (2010), mesmo nos jardins, “existem duas coisas muito importantes na restauração e na preservação dos bens culturais. Uma é o grau de integridade e outra é o grau de autenticidade”. Por exemplo, segundo o olhar do autor, “você pode ter um jardim muito íntegro mas que não é autêntico, e pode ter um jardim autêntico mas totalmente degradado” (DELPHIN, 2010). É da relação harmônica desses dois conceitos, por exemplo, que a UNESCO toma como parâmetro para declarar um bem como patrimônio mundial.

No salão da recepção do Solar, um gato branco e um cão preto compõe uma das cenas internas do antigo Solar. Já passam das dez horas, quando parto rumo aos arredores da Rodoviária para procurar um ônibus ou uma Van que me levassem até a Fazenda Bananal, nas proximidades da Ponte Branca (Figura 36). Eu não havia calculado, que por ser aniversário de Paraty os horários dos transportes seriam diferenciados, então tive que esperar quase uma

hora para uma Van sair, pois de ônibus o tempo seria maior. Cheguei a fazer contato com a Roberta, “a braba”, motorista, e que já me atendeu em outros momentos, mas mesmo assim, hoje ela estava de folga. Cogitei pedir um carro embora o valor ultrapassasse o orçamento planejado para essa atividade [lembrando que em Paraty carro de aplicativo e táxi não funcionam como nas metrópoles]. O bom é que quase todos os atrasos e percalços acabavam me apresentado algum retorno, friso: quase todos. E neste caso, além do motorista solícito, foi a vez de duas senhorinhas que também aguardavam a partida da Van, me contarem as suas histórias e memórias, uma delas quando cheguei já aguardava há mais tempo, pois também como eu, não haviam imaginado que os horários seriam diferenciados.

Figura 36 – Terminal Rodoviário de Paraty – Estrada Bananal.



Fonte: Google Maps[203]

Neste estágio da pesquisa, praticamente encerrando a coleta de dados, justifico o porquê de escolher a Fazenda Bananal, entre tantas para visitar. Bem, reunindo tudo o que consegui ler dos memorialistas paratienses e paratianos, consta que Samuel Costa, o primeiro prefeito de Paraty, nasceu em uma família de fazendeiros, proprietária da antiga Fazenda Bananal. E que depois passou a se chamar Fazenda Murycana ou Engenho da Murycana. Em 2017 foi adquirida pelos proprietários da Pousada Literária [leia-se pela família Marinho]. Antes de ser reaberta, foi amplamente reformada, repaginada e rebatizada como Fazenda Bananal, o seu nome original nos primórdios da história da cidade. Hoje, o objetivo dos administradores é de torná-la um modelo de fazenda sustentável. Mas, voltando a Samuel

[203] Fonte: https://encurtador.com.br/atzFS - Acesso em: 7 set. 2023.

Costa, consta no seu longo histórico, embora tenha vivido pouco, que após formar-se em direito, passou a se envolver na vida política de Paraty, onde derrotou a hegemonia oligárquica da época e implantou uma maneira mais ética de fazer política. Investir para que todos tivessem educação era uma de suas principais metas.

5.9.5 - A Fazenda Bananal

A caminho à Pedra Branca pela Estrada Paraty-Cunha, para conhecer a Fazenda Bananal [ex-Murycana e ex-Fazenda Bananal]**,** do interior da Van, percebe-se do lado direito da estrada, logo que se ultrapassa o trevo de entrada na cidade, que aumenta o avanço das obras de um novo loteamento sobre a natureza antes preservada, embora as frequentes críticas nas redes sociais sobre o desrespeito a biodiversidade [ela, que proporcionou o título de Patrimônio da Humanidade ao município] e as placas de licença simplificada. É visível no centro da figura anterior do Google Maps a extensa área verde que foi consumida pelo novo empreendimento. Creio o que mais chocou a mim e as duas senhorinhas, é que além da área plana foram derrubadas árvores de uma extensa faixa de terra logo na subida do morro existente na lateral esquerda. Quanto mais condomínios, menos Mata Atlântica. Logo ao cruzar pela antiga ponte da Pedra Branca, algo em torno de seis quilômetros de Paraty, o motorista encosta na entrada da via e me avisa: "aqui é a Estrada Bananal, seguindo, lá no fim é a Estrada Pedra Branca, onde fica a Fazenda Bananal" (Figura 37).

Figura 37 – Estrada Bananal – Estrada Pedra Branca



Fonte: Google Maps[204]

[204] Fonte: https://encurtador.com.br/kOTZ4 - Acesso em: 7 set. 2023.

Eu desci e as duas senhorinhas também. No início do caminho, uma das senhorinhas, escutando a minha conversa com o motorista, prontamente falou e já me questionando:

> [Senhorinha 1] "Eu levo você... Ah e aí o senhor tem algum conhecido lá?"

Após eu explicar o motivo do meu interesse no lugar, sob um sol intenso e muito calor, seguimos a caminhada. As duas foram confabulando e trocando lembranças entre si:

> [Senhorinha 2] "A minha coluna está doendo... A rua tá movimentada hoje... É longe onde eu moro... A gente já está idosa..." [*risos*]
> [Senhorinha 1] "Agora ali [na fazenda] tem vigia, tem câmera..."
> [Senhorinha 2] "Hoje tem até ônibus de graça"
> [Senhorinha 1] "A história desta Fazenda Murycana... Do Mazinho [Osmar Mury], ele produzia essa cachaça, a Paratiana... Ele tinha um engenho... Ele plantava cana pra fazer a cachaça, ele moía cana... Ele teve um fim muito triste... Mataram ele..."
> [Senhorinha 2] "Ele procurou..."
> [Senhorinha 1] "Depois mataram o filho dele, o único filho..."

Depois de alguns segundos de silêncio:

> [Senhorinha 2] "Ele era covarde, chicoteava os..."

Rebateu a amiga. Depois de outro breve silêncio:

> [Senhorinha 1] "Paraty tem uma história muito bonita..."
> [Senhorinha 2] "Tipo cangaceiro..." [Rebateu a amiga novamente].
> [Senhorinha 2] "Ele batia de chicote de cavalo, pra depois matar...
> [Senhorinha 1] "Nossa que calor, a festa vai dar chuva..."

Uma das senhorinhas, talvez querendo mudar de assunto passou a se referir ao clima e a Festa de Aniversário de Paraty. E reforçou:

> [Senhorinha 1] "Mas é bom tomar uma chuvinha pra refrescar"
> [Senhorinha 2] "Peguei chuva outro dia, depois fiquei resfriada"
> [Senhorinha 1] "Isso aqui melhorou muito, era chão ficava uma lama, depois asfaltaram tudo..."

Cheguei a pensar que as tais melhorias [pavimentação, iluminação pública...] pudessem ter sido orquestradas pelos empresários locais, mas segundo o ex-prefeito Carlos José Gama Miranda ou Casé [2023][205], um dos proprietários do Alambique da Paratiana, as benfeitorias foram obras da prefeitura. Enquanto a primeira senhorinha terminava de explicar

[205] Carlos José Gama Miranda ou Casé - Comunicação via rede social – Em: 10 set. 2023.

sobre as melhorias dos últimos anos, questionei se elas eram naturais de Paraty, se eram da região:

> [Senhorinha 1] "Eu nasci pra cima do Penha...
> [Senhorinha 2] "É... Eu também... Lá no Souza..."
> [Senhorinha 1] "Eu nasci dentro da bacia... Minha mãe falava que eu era chorona... Ela estava com dor. E minha vó falou assim: minha filha vai tomar um banho com erva de São João de bacia para tirar a dor... [Conta animada]
> [Senhorinha 2] "Para aumentar a dor!" [corrige a outra senhorinha].
> [Senhorinha 1] "Aí ela foi na bacia tomar o banho e eu nasci dentro da bacia... Aí a parteira veio e cortou o meu umbigo... minha mãe tinha 17 anos... O outro irmão que eu tenho também nasceu em casa, com a parteira..."
> [Senhorinha 2] "Antigamente era feito tudo assim..."
> [Senhorinha 1] "Pegavam a tesoura, queimavam no fogo... Nem álcool tinha..."
> [Senhorinha 2] "Agora tem hospital..."
> [Senhorinha 1] "Quase todos nasciam em casa..."
> [Senhorinha 2] "E era difícil uma mulher morrer do parto, hoje sempre tem alguém que morre no hospital que tem tudo..."
> [Senhorinha 1] "É a alimentação... Hoje se come muita porcaria... Antigamente era tudo colhido da roça... Tudo fresquinho... Era inhame, batata doce, feijão, ave... Vai comer um assado hoje pra você ver... Nós vivíamos bem... Minha vó botava/guardava a carne de porco na lata... Nós tínhamos [comiam durante] um mês aquela carne..."

Caminhamos juntos os três, quase 1km dos 1.4km do meu destino, depois elas pegaram uma trilha de terra cercada de mato rumo as suas casas e eu segui pela beira da estrada, ora deserta, ora movimentada por carros, vans e ônibus de turismo, pois além da Fazenda Bananal, existem dois alambiques nesta região: Pedra Branca e Paratiana.

12h11 - Entrando na Fazenda Bananal. O frescor da mata, a sonoridade das águas, o cantar dos pássaros, aliás Paraty é conhecida pela diversidade de pássaros, segundo o Projeto Observatório de Aves – Fazenda Bananal, que monitora e estuda as aves da Mata Atlântica, ocorrem cerca de 450 espécies de aves. Um dos objetivos da nova administração é de promover atividades que aproximem as pessoas deste patrimônio natural. Os jardins, a grande roda d'água em funcionamento, o casarão da fazenda com a sua estrutura original de 1846, segundo os guias/monitores, foi restaurado com base em fontes em pesquisas documentais e entrevistas. Hoje, na sua ampla varanda e no seu interior, há exposições contando a história da fazenda, a história da cultura e da biodiversidade de Paraty. É possível observar no casarão com as suas paredes de taipa e colunas de pedra e óleo de baleia. Praticamente todos os ambientes da casa, foram transformados em galerias, no primeiro salão, a peça que mais me chamou atenção foi um par de samburás suspensos no ar, em uma altura suficiente para simular que estavam no lombo de um burro [eles me fizeram lembrar direto do padrinho Dito, carregando as bananas para vender no Centro Histórico].

Quando ainda era a Fazenda Murycana, a casa mantinha os seus ambientes, dentro de um aspecto museológico, com uma atmosfera familiar. Começando na varanda, com suas colunas de pedras e sem forro, pela sala, os quartos, cozinha, que mantinham os respectivos móveis e artefatos de usos diários e mais alguns decorativos, provavelmente acervo particular dos proprietários que ali viveram. Próximo da casa havia uma singela capela rústica, os caminhos ainda eram na sua maioria de chão batido. Embora, eu não tenha meio de avaliar o nível de originalidade em relação as primeiras "três fazendas"[206], os ambientes pareciam ser mais naturais e um pouco mais próximos do cenário de uma fazenda, creio que esse também seja um dos motivos que alguns moradores sentem-se saudosos do tempo da Murycana, tempos em que a produção da cachaça ainda era mantida. A Fazenda, quando Murycana, "tinha alambique, mini zoológico, lojas e restaurantes. Foi o precursor de equipamentos voltados para o turismo, muito comum hoje" em Paraty.[207]

A nova Fazenda Bananal é o resultado de um cuidadoso e sofisticado projeto de "restauração e reflorescimento das áreas de floresta e plantio". Um espaço cultural que narra com palavras, imagens e artefatos os ciclos econômicos do açúcar, do ouro e café, assim como a decadência devido o parcial isolamento e o renascimento de Paraty, onde os seus antigos proprietários vivenciaram até *"a produção de cachaça e de farinha de mandioca"*. Hoje, no meio desta natureza e separados do casarão [embora distantes da condição social da maioria dos moradores de Paraty], há um café e um restaurante, ambos *gourmet*, onde os produtos utilizados segundo os monitores são cultivados no sistema de produção agroecológicos da própria Fazenda, incluindo as "Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)". Atualmente, os donos são os mesmos da Pousada Literária e tem como objetivo investir na Educação, a Fazenda vive um novo ciclo, o da sustentabilidade. As diversas intervenções efetuadas ao longo das décadas na casa, que foram modificando o patrimônio, foram corrigidas com o acompanhamento do IPHAN e a casa foi caracterizada como ela era há 200 anos atrás. Os visitantes paratienses não pagam, visitantes de fora sim. Essas terras faziam parte do território dos indígenas Guaianás onde exerceram as suas atividades de caçadores e coletores e que literalmente desenharam sua relevante trilha de movimentação ao

[206] As três fazendas: a de cima, era conhecido por Carretão; a do meio, Bananal; e a de baixo, chamado de Bom Retiro. Em cada uma tinha um alambique. Ainda existem registros que a cachaça enviada em garrafas de cristal para o rei Alberto da Bélgica, que estava de visita pelo Rio de Janeiro no começo do século XX, era da produção de seu Chiquinho do Carretão, como era conhecido. [...] Seu filho Samuel Costa – também um dos prefeitos mais importantes da história de Paraty – continuou a produção; mas esta acabou sendo interrompida em algum momento por volta da década de 1940. Fonte: https://mariaizabel.com.br/ - Acesso em: 27 mai. 2023.
[207] Comentário de H.A. em 19 Jun. 2023 – no Grupo "Paraty antiga e seus moradores" do *Facebook*.

interior[208]. Quando comecei a me preparar para sair da fazenda, o sol escondeu-se e passou a cair uma chuva fina, uma mudança muito rápida do tempo.

5.9.6 - Um encontro com Gabriela

Começo a retornar pela Estrada Bananal, rumo a Paraty-Cunha, mas antes paro no Alambique da Paratiana[209], para conhecer o Museu da Cachaça e pegar uma encomenda especial: Cachaça Gabriela Cravo e Canela [a cachaça Gabriela é na verdade um Licor Fino brasileiro] e um Licor de Milho Verde. O Alambique, vizinho da Fazenda Bananal, também está envolto pela Mata Atlântica, cachoeiras e memórias. O museu da Paratiana guarda a história da Cachaça, começando pelos próprios armários, que remetem aos antigos armazéns, é neles que são possíveis contemplar em torno de quatro mil rótulos de cachaça, alguns bem raros, outros consagrados ou singulares/curiosos por serem engraçados ou pelo próprio *design*. O acervo de rótulos contam um pouco da parte da história de um produto que simboliza a cultura brasileira no avançar das décadas, é um desafio tentar desvendar os seus significados, devido a sua grande diversidade. Tem rótulos de cachaça que fazem piada com ela mesma, outras fazem alusão ao bêbado, ao corno, ao santo e principalmente, à mulher. Aliás é recorrente em muitos rótulos a presença da figura feminina, através de ilustrações, assim como aconteceu em excesso no século XX a associação da mulher com a cerveja. Seus proprietários são Paulo Eduardo e o Carlos José Gama Miranda ou Casé, como é popularmente conhecido o ex-prefeito de Paraty em dois mandados [2017-2019; 2013-2016]. Segundo Leão e Freire (2021), o nome Paratiana[210] foi escolha do ex-prefeito Casé, em homenagem aos seus dois amores: Paraty e Ana, sua esposa.

Ao retornar a Estrada Bananal, abstraí a chuva fina pois estava a pé, literalmente carregado de cachaça e mais o equipamento, a procura de um ponto de ônibus na estrada Paraty-Cunha e com aquele pensamento: hoje é passe-livre, os horários são reduzidos. Creio que passei pela Mon Idzi, aquela moça natural da argentina de quem comprei pão caseiro em

---

[208] "Datada do século XVII e diretamente ligada à história da cidade de Paraty, a Fazenda Bananal era conhecida como "Três Fazendas": Bananal de Cima (próxima ao Caminho do Ouro, possuía a Casa do Senhor); a Bananal do Meio (onde habitavam os escravos) e Bananal de Baixo" - Fonte: https://fazendabananal.com.br/nossa-historia/ - Acesso em: 25 mai. 2023.

[209] Fonte: https://www.cachacaparatiana.com.br - Acesso em: 25 mai. 2023.

[210] "O nome Paratiana já existia, era uma cachaça destilada aqui na Fazenda Bananal, na época do Capitão Adolfo, que não era de Paraty, mas veio morar aqui e também investiu em cachaça, lá pela década de 1950. Não foi uma cachaça muito vendida, muito falada, tenho alguns rótulos dela guardados. Durou pouco tempo e, como não era patenteada, resolvi aproveitar o nome" (Casé, 2021) - Fonte: LEÃO, Flávio; FREIRE, Lúcio Gama. MUCUNGO – A história da cachaça em Paraty – Paraty (RJ): Ed. Autor, 2021.

2021, mas com a chuva e sem óculos não tenho certeza. Parece redundante, mas a ponte da Ponte Branca estava sendo duplicada ou substituída talvez, só em uma futura vinda, saberei se demoliram a antiga. Ao lado da ponte, tem um totem da Estrada Real, pois esse trecho da RJ-165 ou Paraty-Cunha, hoje asfaltada já fez parte da Trilha Guaianá ou Caminho do Ouro. Chegando no ponto de ônibus e cumprimentando todos ali presentes começo a ouvir as conversas alheias que giravam em torno de festas, drogas, brigas, enfim, só se falava dos conflitos da noite anterior em uma comunidade próxima. Posso a cada semestre enxergar menos de perto devido a uma hipermetropia que avança, mas para compensar tem momentos que a minha audição me surpreende.

5.9.7 - Padaria Esperança fechada

Logo ao chegar no Centro Histórico, antes de ir para a pousada para descansar as pernas e alongar um pouco, passei na Padaria Esperança para garantir o lanche da tarde e também da noite, mas para a minha surpresa, hoje, devido à data, estava fechada. E embora o tempo estivesse nublado chuvoso, a cidade estava mais movimentada, com moradores e turistas entrando no clima do aniversário.

Anoitece rápido, já são praticamente 20h e pela agitação que escuto do quarto do Solar dos Gerânios dá para perceber que a festa em breve vai começar. Reviso a câmera e o mini gravador, fecho as portas das duas sacadas do quarto e desço. Os organizadores e voluntários estão na quadra de esportes, acertando os últimos detalhes, enquanto ao lado na Igreja Matriz está para iniciar as celebrações. Uma festa assim reúne membros das comunidades tradicionais, paratienses e paratianos, turistas, artistas globais, políticos e outras tantas personalidades que mesmo não entrando na roda da ciranda, observam distantes, seja da Praça da Matriz, das portas dos bares e restaurantes em volta ou das janelas dos seus estabelecimentos. Na missa, os cantos e o hino da cidade ecoam no interior do grande templo chegando à praça. No final da liturgia chega a Banda Cecília para participar da transição do festejo. Momento em que acontece um pequeno cortejo puxado pela banda rumo a quadra de esportes ao lado da Igreja Matriz.

Em frente ao palco montado em um dos extremos da quadra o bolo é partido e compartilhado com o povo. Era muito bolo, teve gente que ganhou duas, três até quatro pedaços. Após a distribuição farta de bolos e de doces típicos da região começou a ciranda. A primeira hora de festa acompanhei pela janela de um restaurante em frente à quadra enquanto

jantava. Ao sair, volto a fotografar e circular no meio da ciranda. Do restante da festa, embora linda, confesso que acompanhei apenas a sonoridade lá da outra esquina, no aconchego do meu quarto no Solar dos Gerânios. Exausto, pois devo ter caminhado uns 10km ou mais durante o dia. Quando fazia as últimas fotos, encontrei uma das minhas colaboradoras cirandando, Bianca Paraty, que ainda brincou comigo: "...tens que parar de trabalhar e dançar uma ciranda!" (*risos*)



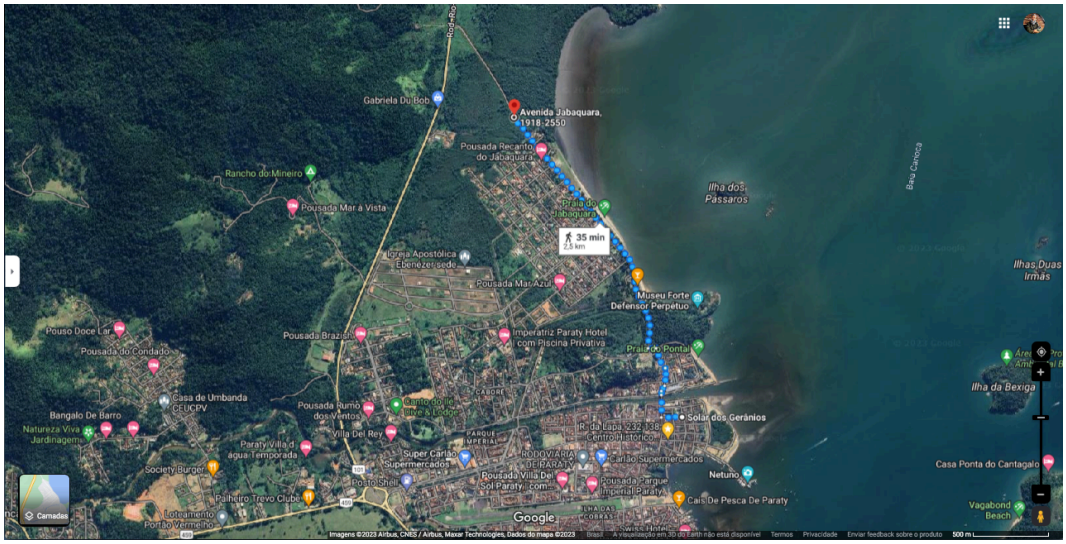
Mesmo após o momento mais crítico da pandemia de COVID-19, permaneci conectado às redes sociais de Paraty e na manhã do seu aniversário, lancei a seguinte provocação: Olá! Por favor, poderia descrever em uma palavra [ou mais] o sentimento desse momento "PARATY, 356 anos" para você morador de Paraty?

> **"(...) Um privilégio viver aqui!"** [Sâmia T. Klink – Psicóloga na Prefeitura de Paraty / paratiense].
> **"Acolhimento. Com tensão... (*Risos*)"** [Sérgio Salvati - Administrador do grupo Paraty em Rede].
> **"Finalmente em casa! (...) não sou brasileiro, e apesar de ter sido muito feliz em outros lugares, em Paraty senti-me pela primeira vez em casa"** [Nuno Damas – Advogado / português].
> **"Bem estar, qualidade de vida"** [Renata Bergo - Professora na UFF / mineira].
> **"...eu não concordo com esta data, fiz uma postagem hoje sobre este assunto. Por favor leia para entender porque não concordo"** [Diuner Mello - Memorialista / paratiense].
> **"A pequena Paraty hoje esta em festa, onde seus povos e sua tradição alimentam corpos e corações dos visitantes e moradores, com acepipes e beberagem a festa tem parabéns e bolo. És tu Paraty amada. Vivemos para ti minha pequena e eterna Paraty"** [Paraty Pedagógico - trupe teatro de rua e guias de turismo].
> **"Simplesmente espetacular nossa Paraty"** [Rita Calixto / paratiense].
> **"Apreensão"** [Leidiana Nascimento - Guia de Turismo / serrano/capixaba].
> **"Reveladora e exuberante"** [Ananias Nascimento - artista, barqueiro, compositor, pescador, guia de turismo... / caiçara]".
> **"Paraty, sinônimo de delicadeza e receptividade..."** [Eliana Jesus dos Remédios - Trabalhou na Prefeitura / caiçara da Ilha do Araújo].
> **"Paraty cultura viva"** [Amaury Barbosa, ex-diretor voluntário do IHAP].
> **"Esperança"** [Helena Ramos - Guia de Turismo]
> **"(...) eu, particularmente amo viver na cidade de Paraty, ver o desenvolvimento de forma correta em nossa cidade aquece meu coração. Eu amo Paraty e amo estar aqui!"** [Luciano Cordeiro - Vereador / paratiense].
> **"Preocupação ambiental"** [Mariana Trufelli - Educadora / paulista].
> **"Sentimento de esperança por uma cidade turística mas bem preservada"** [Flora Salles França "Professora Flora" - Professora, vereadora / paulista].
> **"Sentimento de resistência"** [Fernando Alcântara - Cirandeiro / caiçara].

5.9.8 - O último café da manhã

Primeiro de março, 05h49. No dia seguinte do aniversário, fui até a Toca do Cassununga. Antes de sair, comentei com os meus anfitriões aonde estava indo e Dona Margarida prontamente começou a falar: “sempre houve muito mistério, por ser uma toca...” Ao mesmo tempo em que Seu Estevam, complementou: “quando a gente era pequeno... Quando eu era criança, levava turista lá... Um aglomerado de pedras granito sobrepostas... Sambaqui... Que nas frestas, diziam que moravam índios... Hoje, muito andarilho... Abandonam animal ali, já acharam o corpo de uma mulher morta por lá...” Dona Margarida parecendo querer amenizar o teor da conversa, conta... “mas a gente permanece encantado... Muito bonito... Quem nasce perto da natureza, está acostumando”. “As pedras, a vegetação caindo do alto das pedras, cinco/dez metros... Uma raiz, uma vegetação pendurada... O entorno é mangue, tem muito mosquitinho maruí... Não vão deixar você fotografar, tem que levar repelente” Alertou o Seu Estevam.

Figura 38 – Solar dos Gerânios / Centro Histórico – Toca do Cassununga / Jabaquara



Fonte: Google Maps[211]

A caminho da Toca do Cassununga, passei antes pela recepção do IPHAN, para apreciar e fotografar uma exposição de maquetes [eu amo maquetes] de alguns importantes patrimônios materiais do Centro Histórico. Reproduções perfeitas, com direito a telhas de

[211] Fonte: https://encurtador.com.br/izRSU - Acesso em: 7 set. 2023.

barro. Entre elas, tinha da Igreja Nossa Senhora dos Remédios, da Igreja Santa Rita e do IHAP, que pelo minimalismo é a minha preferida. Passei nas últimas horas com dúvida se chamava um Uber para ir até a Toca do Cassununga, devido a segurança do local ou se ia a pé. E nos últimos instantes, mesmo tendo sido atualizado sobre os achados recentes na Toca, resolvi caminhar. E pelo caminho, quando descia a Avenida Jabaquara, passei por duas moças e um senhor, parlando italiano. Que saudade imensa me deu da Itália, de Firenze em especial!

E o encontro mais significativo aconteceu enquanto trilhava o calçadão em frente à praia do Jabaquara, a caminho da Toca do Cassununga, quando me deparei com o seu José Luiz Alves Cananeia. Narro sobre esse importante e provocador encontro na 2ª Seção do Capítulo 7 – Bairro Caboclo, o que não é mais.

5.9.9 – Jabaquara

Entre o bairro Caboclo e o mar, tem o Bairro e a Praia do Jabaquara. Segundo as narrativas de alguns dos meus colaboradores, ex-moradores do bairro Caboclo, além da lida da pesca, ir a pé até o Jabaquara, era um misto de lazer e aventura, devido à existência do mangue e a falta de estradas. E no Jabaquara encontra-se a Toca do Cassununga e [ainda] tem o mangue. Hoje, ao passar pelo mangue do Jabaquara, bate uma tristeza, um estranhamento. A especulação imobiliária está começando a causar danos ao mangue, um dos locais é onde segundo moradores, "havia antes uma criação de búfalos e produção de leite. Comercializavam queijo de búfalo também". O que está acontecendo com o mangue hoje é só "um somatório de questões capciosas que foram aparecendo ao longo do tempo" me narrou uma moradora que me viu fotografando. Logo após uma pinguela, encontro a Toca do Cassununga, como descreve o cirandeiro Fernando Alcântara [2023], "um sambaqui paratiense, um local que poderia ser [bem] melhor cuidado e explorado". Em 2020, Mariana Vergara, sua companheira, realizou uma vivência com alunos da Escola Comunitária Cirandas, abordando com as crianças temas sobre arqueologia, sambaquis e povos primitivos [ALCÂNTARA, 2023]. Muitas lendas e causos giram em torno desse lugar, mas o que foi possível constatar é que além dos relatos já publicados como o de que em séculos passados tratou-se de local de encontro da maçonaria e dos recentes casos verídicos citados pela Dona Margarida e o Seu Estevam, é que o local trata-se de um sambaqui. Fora esses, a lenda mais recorrente da Toca do Cassununga é a do Corpo Seco, referente a um homem que foi

enterrado ali pois devido as suas maldades a população não aceitou que ele fosse enterrado no cemitério da cidade.

> Contam que tratava-se de um português que passou a vida praticando o mal a comunidade, e ao morrer, nem Deus nem o Diabo o quiseram. A própria terra o repeliu, e um dia, mirrado e com a pele enrugada sobre os ossos, se levantou da tumba em obediência a sua sina, e vive vagando e assombrando os viventes na calada da noite[212].

Enquanto para alguns percorrer as suas trilhas é uma atividade muito relaxante para outros é muito tenso, eu diria sinistro, silencioso demais. O que achei curioso é que mesmo entre os moradores, poucos conhecem o local. Na verdade essa questão eu venho observando desde o início da pesquisa, quem é de dentro, muitas vezes pouco conhece dos outros lugares [bairros, praias, ilhas...] e quem vem de fora, chega com uma voracidade de querer conhecer tudo e alguns desejam vivenciar cada canto, cada cultura que o território paratiense abriga. Por mais que eu retratasse, creio que não conseguiria mostrar o quanto essa galeria de grandes rochas, que formam diversas pequenas grutas, mas que não são subterrâneas, é surpreendente. A vegetação entre as rochas é densa, crescem muitas samambaias e do alto além das longas raízes descem das árvores muitos cipós. Concordo com Alcântara, só por se tratar de um sambaqui, deveria ser melhor conservado e aproveitado. Na redondeza desse conjunto de rochas está o mangue, contam os antigos e memorialistas que depois da ocupação indígena esse lugar já serviu de abrigo da chuva ou para pernoite para viajantes e andarilhos.

Na volta, pensei, agora que cumpri com as minhas pautas vou caminhar na margem da praia e respirar. Tirei os tênis, as meias e fui caminhando de ponta a ponta da Praia do Jabaquara, sentindo a água gelada do mar. E contemplando: foi por esta praia e a do Pontal, que meus pais e irmãos mais velhos circulavam. Após subir e descer o Morro da Vila Velha, o Morro do Forte e ao me aproximar da Praia do Pontal [enquanto as recordações da família se esvaíam], contei sete canoas caiçaras sobre as areias da praia, enquanto novas lembranças surgiam. Desta vez, que foi por esta praia que algumas vezes caminhei em 1979, procurando na época fazer emergir de minhas memórias alguma cena da infância. Mas foi em vão, pois hoje tenho ciência que isso, apenas individualmente, pode não acontecer. Cruzei a Ponte do Pontal, segui pela Rua da Patitiba, já era perto do meio dia e havia muitos jovens saindo do CEMBRA. Depois de almoçar e antes de subir para o quarto, conversei com Dona Margarida sobre o turismo na cidade, principalmente nos messes de janeiro. Do balcão da recepção, observando através de uma das janelas do Solar dos Gerânios, Dona Margarida complementa:

---

[212] Fonte: BRASAROCK, Hugo. **O Mistério do Corpo-Seco do Cassununga**. Editora Uirapuru, 2021.

“a movimentação de humanos ultimamente está diferente, muito desrespeitosa, agressiva... Antigamente as pessoas buscavam um lugar para se instalar, eram agradecidos”.

Entre um ir e vir, as conversas sobre Paraty e o Centro Histórico eram recheadas de uma deliciosa nostalgia. Conversando sobre as muitas placas de VENDE-SE, ela aponta: “quem compra hoje no Centro Histórico eventualmente é para montar um negócio, ou pelo mero desejo de ter uma casa em Paraty” [sim, em Paraty também, pois alguns veranistas já tem uma em Angra, outra em Ubatuba], “uma espécie de fetiche, gerando um turismo sem muito interesse pelo patrimônio... pois antigamente eram mais controladas as obras, inclusive as internas, no Centro Histórico...”

Nos meses de janeiro comenta Dona Margarida que, “há um desrespeito por parte do turista com os moradores, pois não conseguem manter uma conversa harmônica, falam aos gritos”. O que observo é que uma boa parcela dos turistas, caminham sem se preocuparem se estão passando em frente a uma edificação residencial ou comercial, na verdade alguns nem olham para nada, caminham olhando um para outro, falando alto assuntos aleatórios, nada a ver sobre a memória ou o patrimônio da cidade. Outros passam teclando em seus *smartphones* e também não contemplam nada.

Dona Margarida conta que “a chegada do dinheiro em excesso atrapalhou a cidade”. Ela relembra o caso dos primeiros loteamentos, condomínios de casas populares / prédios de um andar [na verdade não dava para chamar de casas, eram kitinetes] que imaginava-se ser direcionados aos moradores, pessoal local, só que acabaram sendo adquiridos por “gente de fora”, principalmente de Angra dos Reis, trabalhadores da Usina, que queriam ter um imóvel também em Paraty. Sobre o período de isolamento, “o abandono... Paraty só existe porque antigamente houve famílias que vieram pra cá com o intuito de preservar a cidade, um pouco diferente de hoje...”.

Nesta atmosfera de recordações, narro para ela o meu primeiro contato, com o seu Aloysio de Castro, em 1979. O momento, em que um completo desconhecido chega com uma carta de outro alguém conhecido e ser bem recebido, era possível. Ela saudosa murmurou: “o seu Aloysio de Castro foi muito bacana com o meu pai”. Enquanto a conversa fluía uma de suas gatas lhe causa um ferimento. Prontamente ela faz uso da sua “solução caseira para os arranhões e mordidas felinas”. A fórmula é composta de álcool, cravo e cânfora. A receita consiste em adicionar uma pedrinha de cânfora para um litro de água e mais um pacotinho de cravo. “Deixa uns cinco dias e a solução está pronta”, finalizou Dona Margarida. Depois de uma longa prosa, subi para repousar o corpo um pouco, quando através das janelas escuto vozes de crianças e do um professor, a curiosidade foi maior que o cansaço, vou até a sacada

do quarto e vejo caminhando pela Rua do Mercado, aquele mesmo professor que encontrei em 2019 na Praça da Matriz, hoje falando também de patrimônio para um novo grupo de crianças. As últimas duas fotografias, antes de guardar a câmera, foram no final da tarde da própria sacada do quarto, a primeira de uma moça na praça, que parecia ansiosamente esperar por alguém, e a outra do belo sobrado do IPHAN.

Dois dias depois, pelo WhatsApp, contava para o Fernando Alcântara, sobre o encontro com um certo senhor na Praia da Jabaquara, contei que falamos do bairro Caboclo, das nossas famílias, do Benedito Gervásio e até de um tal Morro do Quilombo que existia no lugar. Foi quando o meu xará respondeu que eu precisa conhecer e conversar com o Mestre Biba, pois "ele conheceu o Caboclo, o pessoal de lá e do tal Morro do Quilombo". Só no dia seguinte, prosseguindo no mesmo assunto mencionei o nome do Seu José Luiz Alves Cananeia, quando prontamente Fernando Alcântara respondeu: "ele é o Mestre Biba!".

Centro Histórico, Fev. 2023

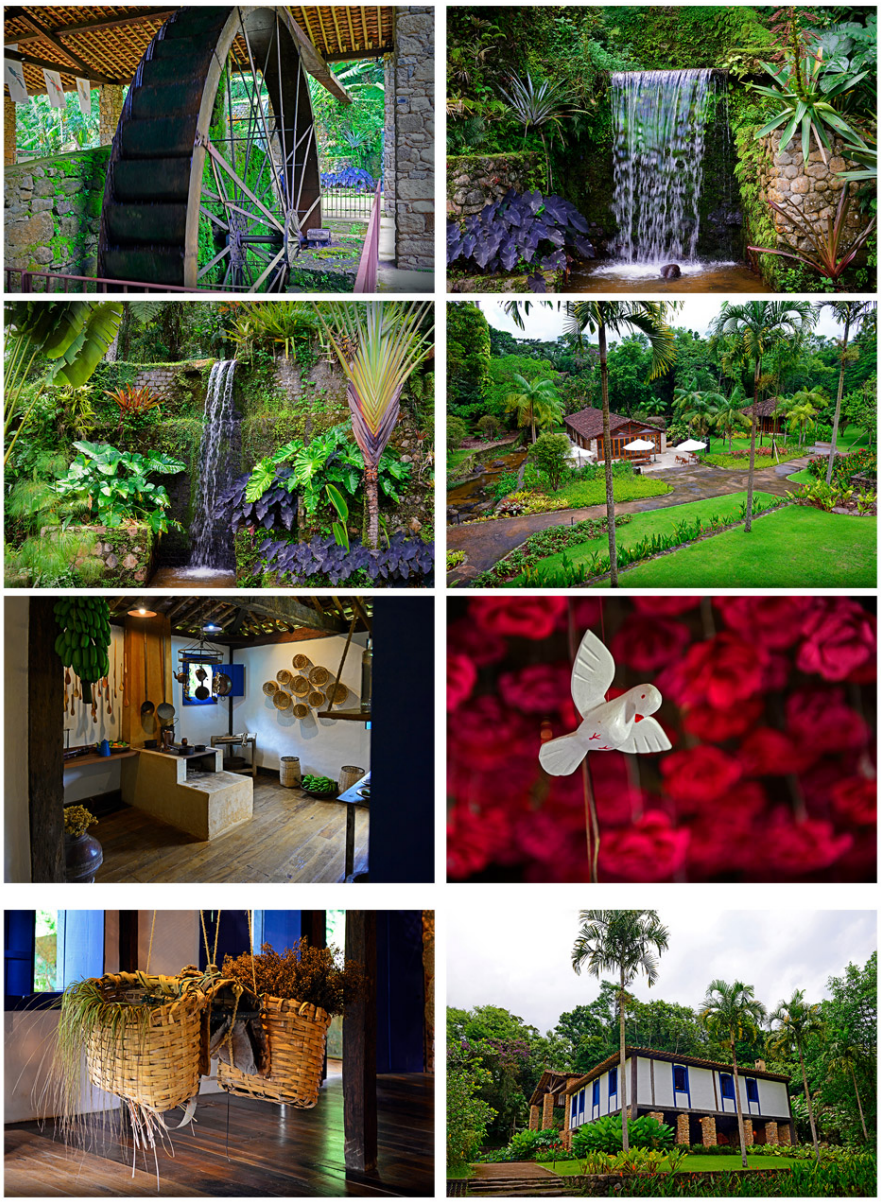


Patitiba, Fev. 2023





Fazenda Bananal, Fev. 2023



Alambique Paratiana, Fev. 2023



Centro Histórico, 28 Fev. 2023 | O aniversário
















PARATY
356 ANOS
SEU POVO
SEU MAIOR
PATRIMÔNIO







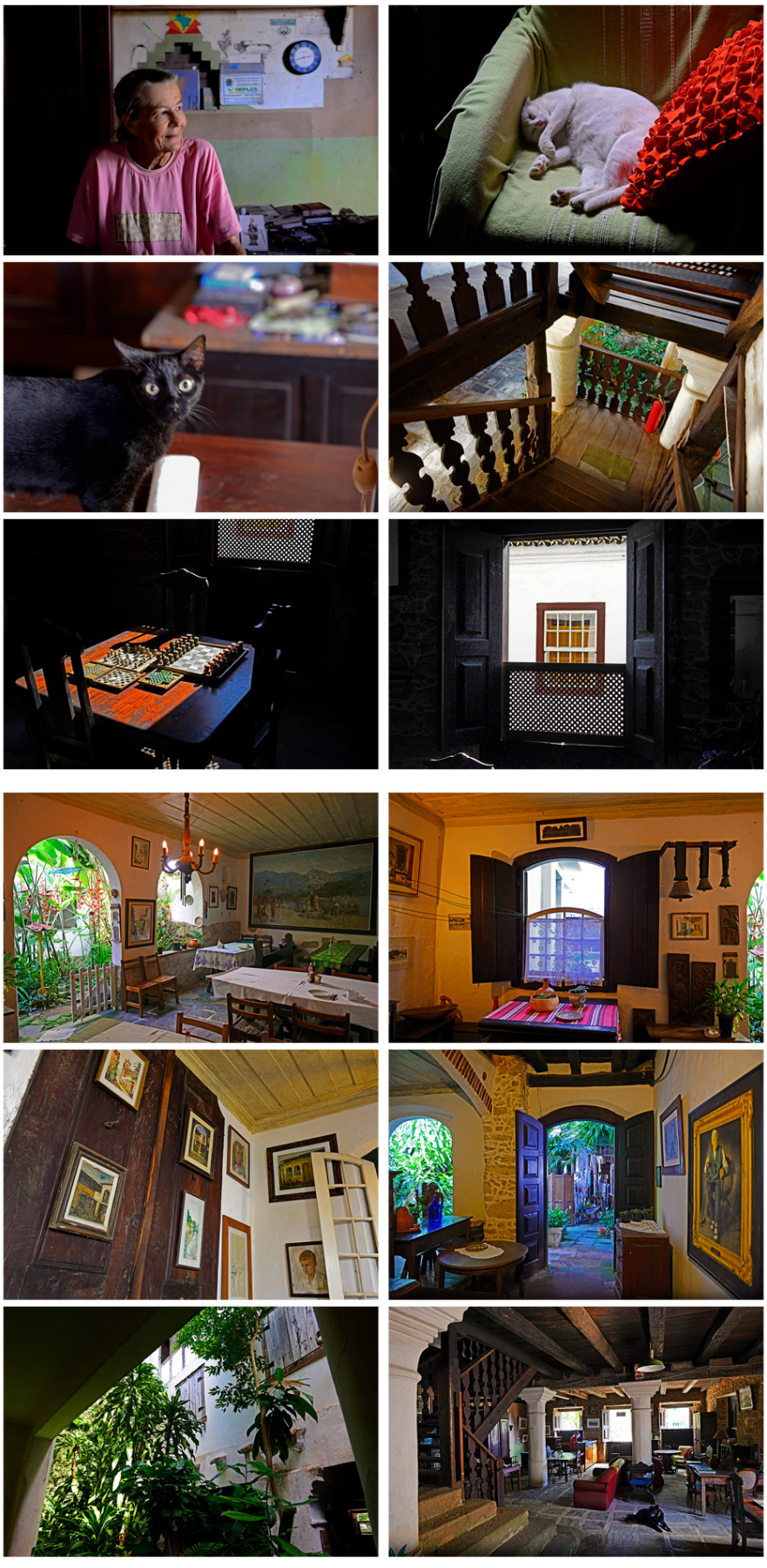





Perequê-Açu e Pontal



Solar dos Gerânios, Fev. 2023



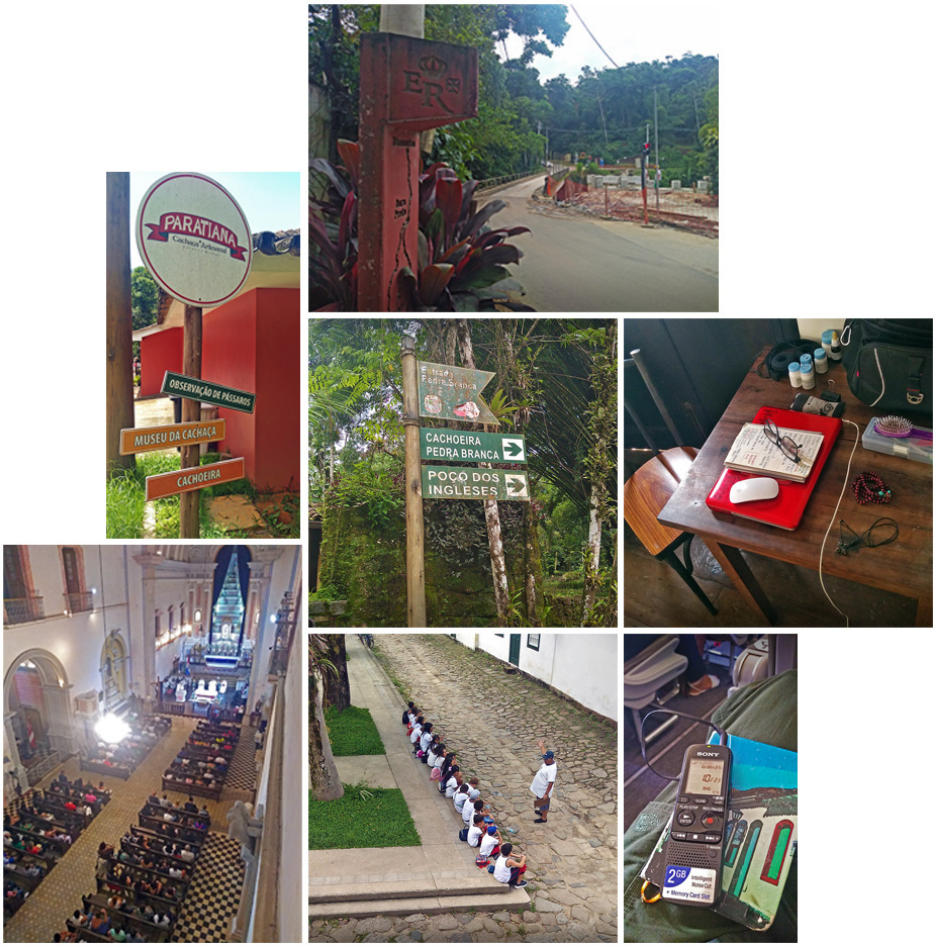


5.9.10 - #diariodecampo em Fev.Mar. 2023

E em nome do amor incondicional que tenho pela fotografia que, nessas sete saídas a campo, em diferentes dias, narrei e descrevi inúmeras vezes as fotografias anexadas a esta pesquisa. E neste processo as fotografias, como objetos da análise, nunca mudaram, sempre foram as mesmos; já as narrativas não, pois o ato de ver evolui. Bhartes (2013, p. 92) já afirmava surpreender-se sempre com a fotografia, "com um espanto que perdura e se renova inesgotavelmente". E durante as saídas a campo, assim como as narrativas foram se aprimorando/desenvolvendo, alguns relacionamentos construídos também, permitindo que além das entrevistas e conversas iniciais, contatos posteriores fossem efetuados, visando o complemento das narrativas. Entre eles, com o seu Amaury Barbosa, o ex-diretor voluntário do IHAP; Ananias Nascimento, o caiçara do Pouso da Cajaíba; Danny Nascimento, prima de Mangaratiba; Emídio Luisi, o italiano da etnofotografia; Fernando Alcântara, o cirandeiro; Giancarlo Mecarelli, o italiano criador do Paraty em Foco; com os guias de turismo Gabriel Toledo, Leidiana Nascimento e Helena Ramos. João Andrade do Museu do Forte Defensor Pérpetuo. Eder Costa e a Vivi Pereira e demais caiçaras moradores da Ilha do Araújo, que contribuíram além da tese, para a construção de ensaios visuais, assim como os moradores e ex-moradores do bairro Caboclo.

Destes relacionamentos construídos, durante uma certa manhã desta sétima saída a campo, próximo da pousada encontrei a simpática e comunicativa Leidiana Nascimento, acompanhando um grupo de turistas. Ela me apresentou a eles, explicou que eu estava pesquisando e escrevendo sobre as histórias e memórias da cidade, e que eu era paratiense nascido no bairro Caboclo. O ato da Leidiana, me deu uma sensação gostosa de pertencimento ao meu lugar de origem. Mas interessante foi, perceber o olhar de admiração de alguns turistas, creio que eles ainda não tinham visto nenhum paratiense de perto. Quando escrevo ou penso sobre o bairro Caboclo, ainda lembro da pergunta [lá do início da pesquisa, em 2018], do por que do lugar ter esse nome e agora, para a coleção de porquês ainda sem respostas, terei para pensar, também sobre o "morro do quilombo" que os antigos falavam existir próximo da casa do padrinho Dito, um lugar ligado por trilha (ou trilhas) com as Fazendas Bom Retiro e a Fazenda Bananal. Enquanto espero, respiro e contemplo.

Paraty | Enquanto contemplo, 2023



Dos itens do roteiro, dessa saída a campo, não aconteceu apenas a visita ao Alambique Maria Izabel, localizado no Sítio Santo Antônio, onde eu visava conhecer as instalações e conversar com Maria Izabel, uma mulher que nasceu e cresceu na Fazenda Bananal e tornou-se um ícone em Paraty, ao decidir ser uma produtora de cachaça como seus ancestrais. E do inesperado mas desejado, aconteceram o encontro e a boa troca de memórias com o Mestre Biba, colaborando e atestando as entrevistas com os ex-moradores sobre a vida no bairro Caboclo e na Cidade até a metade do século XX; a conversa com os Festeiros e as Doceiras que atuaram no Aniversário de 356 anos de Paraty; as muitas conversas com Dona Margarida; e o resultado da enquete pelas redes sociais sobre os 356 anos da cidade.

5.10 - Chegar em Paraty

No final da sétima saída a campo, como *flâneur*, fiquei contemplando as diferentes formas de se chegar em Paraty e as maneiras como eu já regressei. Chegar na cidade histórica,

no sentido Cunha – Paraty é uma oportunidade de viajar no tempo se pensarmos no tempo dos indígenas Guaianases, dos tropeiros e dos tantos africanos escravizados que trilharam pelo hoje chamado Caminho do Ouro ou Estrada Real. Caminhar pela floresta e sentir nas pedras do calçamento que compõe a trilha, a energia do lugar. E nos dias de brisa, o silêncio ensurdecedor da Mata Atlântica. Poder refrescar o corpo ou no mínimo molhar as mãos, o rosto e os pés em alguma das suas cachoeiras: do Tobogã, Poço do Tarzan, Cachoeira da Usina, Cachoeira da Pedra Branca... Depois, repousar os joelhos ou simplesmente sentar para dialogar com a Nossa Senhora da Penha no interior do seu templo, na saída reabastecer o cantil com água e, por que não, degustar uma cachaça em algum dos alambiques mais próximos: Engenho D'Ouro, da Pedra Branca ou da Paratiana.

Ou chegar pelo norte, pelas areais da Praia do Jabaquara, cruzar o Morro da Vila Velha e o Morro do Forte e do alto do Forte Defensor Perpétuo observar a Baía de Paraty e o Centro Histórico. Descer o morro passar pelo Cemitério Municipal São Francisco de Assis. Recordo-me que nas primeiras vezes que passei em frente a esse Cemitério, ficava a curiosidade de saber que famílias repousavam ali, assim como a expectativa de encontrar naquelas gélidas lápides um sobrenome conhecido. Passar pela Santa Casa da Misericórdia e relembrar que na adolescência, bem antes de conhecer a minha história, achar que eu teria nascido em um dos seus quartos. E antes de cruzar o Rio Perequê-Açú e entrar na Rua do Comércio, dar um tempo sobre a ponte ou atravessá-la lentamente, contemplando o encontro do rio com o mar. Houve dias que antes da missa ou depois do almoço, sentei nos bancos da Praça Monsenhor Hélio Pires, a caríssima Praça da Matriz, para respirar um ar puro sob às sombras das árvores, eventualmente escutar o sino da Igreja Matriz bater e imaginar que nesse local, em séculos passados, havia um cemitério, e séculos depois, um belíssimo coreto, que eventualmente é relembrado nas redes sociais através de antigas fotografias.

Agora, chegar em Paraty pelo mar, no Sentido Mangaratiba – Paraty, pelos colaboradores entrevistados e leituras, tratava-se, até a primeira metade do século XX, da forma mais tradicional ou única de se chegar na cidade pelo mar quando partia-se da capital. Navegando pela costeira, com o barqueiro Ananias Nascimento, e lembrando o quanto é tenso a travessia, em dia de vento e chuva. Vencendo o Saco do Pouso da Cajaíba, o Saco do Mamanguá, a Vila de Paraty Mirim... E ao passar pela Baía da Preguiça e/ou próximo da Ilha Deserta, sentir na altura das ondas a força do mar e perceber que é a natureza que está no comando e que é preciso saber respeitá-la. Depois de passar pelo castelinho da Ilha do Mantimento, avistar no continente alguns recantos como o Sítio Praia Grande do Engenho D'àgua e as praias remotas do Jurumirim e do Amir Klink, acessíveis apenas por barco.

Depois de passar pela Ilha do Cachorro, Ilha Rasa, o Forte da Tapera no continente, a Ilha Duas Irmãs e a Ilha da Bexiga e poder avistar no horizonte as torres dos templos religiosos, sinalizando os limites da cidade, já é possível sentir um alívio. Ao fazer apenas esta parte do percurso, já me fez compreender por que os antigos, embora houvesse todos os desafios provocados pelas intempéries, têm saudades desta forma de se chegar em Paraty. Chegar pelo mar, além de poder contemplar a beleza de toda a biodiversidade envolve-nos em muita energia.

Em síntese, todos os caminhos que envolve a Mata Atlântica são belos. Desde as primeiras saídas a campo, quando resolvi inverter o caminho, aquele que para muitos seria o mais lógico, por ser o mais curto, onde o tempo de viagem Rio-Paraty é de quatro horas, passei a preferir o percurso de São Paulo-Paraty, que costuma levar 6h, isso com o trânsito normal. Nos finais de semana e feriados pode levar o dobro do tempo. E o triplo, quando, infelizmente em períodos de chuva, acontece a queda de alguma barreira / um deslizamento. Embora entenda, mas isso não justifica, o porquê desta faixa de terra que vai do Norte do litoral de São Paulo até o sul do Rio de Janeiro, hoje chamado de Costa Verde, ser tão cobiçado e [mal] explorado. A exuberância da Mata Atlântica que ainda existe/resiste é surreal, vale o perigo de suas curvas pelo belo prazer da contemplação desta região. Antes da pesquisa, ao narrar para os meus entes queridos as minhas memórias, me referia a essa parte sul do Rio de Janeiro apenas como litoral fluminense. A beleza desta paisagem, de Ubatuba / São Paulo até Paraty, em muitos momentos a floresta tropical disputa atenção com o mar, baías, ilhas e praias paradisíacas. Embora depois de Paraty, a harmonia seja quebrada com as usinas nucleares de Angra dos Reis no Rio de Janeiro, o mesmo posso dizer do trajeto rumo a Mangaratiba, quando fui conhecer pessoalmente e dar continuidade a uma conversa com minha tia, Silvana Nascimento (na época 82 anos).

"Tudo isso é Paraty!".[213]

[213] Frase que tornou-se marca durante a pandemia de COVID-19, repetida por uma moradora em uma das redes sociais que acompanho (Paraty em rede – Z.S.N., 16/05/23).

6 - PAISAGENS E MEMÓRIAS ALÉM DAS CORRENTES

Esse capítulo traz uma cartografia do bairro Caboclo, com ênfase na apresentação de relatos das experiências de moradores e ex-moradores que nasceram e viveram no bairro. Se analisarmos todas as fotografias e falas dos colaboradores, observaremos que tudo conta histórias, desde como eram as casas, a lida na roça, a alimentação, o vestuário, os calçados, as brincadeiras, as ladainhas, as danças... E a própria descrição dos fazeres e saberes da comunidade, da sua vida na encantadora zona rural ou quando em trânsito na costeira. São essas memórias individuais, aprendizagens, desafios, vivências, tudo o que ficou documentado em suas mentes e corações. Inclusive as suas impressões e esquecimentos sobre o lugar e o movimento, o trânsito temporário ou permanente para um outro lugar ou uma nova cidade. A partir destes relatos, somados à observação em campo e à documentação fotográfica do território e do comportamento humano, ao movimento dos moradores nativos e sazonais [os veranistas], é possível organizar uma memória coletiva do território e do trânsito das famílias. Em maior ou menor grau, estiveram ou ainda estão sob o efeito da especulação imobiliária e da gentrificação. Para afirmar se houve grilagem, seria necessário efetuar um estudo mais aprofundado e prolongado focando apenas o lugar. Enquanto isso não acontece, apresento na próxima seção uma coletânea de histórias e memórias do patrimônio imaterial e natural do bairro Caboclo.

6.1 - Bairro Caboclo, o que não é mais

> É desde um agora-futuro que a fotografia
> que contém nossa imagem de passado está à espera.
> (LISSOVSKY, 2011).

Depois de vir para o sul quando criança, demorei em torno de dezesseis anos para voltar a Paraty, o que aconteceu em julho de 1979. A hospedagem foi na casa do ex-prefeito, o senhor Aloysio de Castro, situada na Rua Doutor Pereira ou Rua da Praia, aos fundos da Igreja de Nossa Senhora das Dores, conhecida popularmente como capelinha, bem no Centro Histórico. Eram outros tempos, quando mostrar uma carta de apresentação ditada pela Dona Flor, escrita a próprio punho e passada a limpo por uma das minhas irmãs, tinha um valor incontestável. Tempos em que uma conversa olhando nos olhos e um aperto de mão eram o suficiente para tornar um desconhecido um amigo e me oferecer hospedagem por quanto tempo fosse necessário. Foi também dentro deste cenário o primeiro contato com a extinta

revista IRIS Foto, da qual havia uma coleção no quarto que pertencia a um dos filhos do meu anfitrião, que naquele período encontrava-se estudando em Minas Gerais e pelo visto também era um amante da fotografia. E foi então Aloysio de Castro, uma pessoa ímpar, que aos 28 anos tornara-se o Prefeito mais novo da história do Município. E durante uma de suas gestões foi uma das primeiras prefeituras do Brasil a criar uma Secretaria do Meio Ambiente. Ele que, não sem antes passar na sua propriedade para alimentar suas vacas leiteiras e guardar o seu trator, me conduziu pela Rio-Santos até a estrada de chão que levava ao bairro Caboclo, apontando-me o caminho morro acima onde encontraria o Tio Dito, meu padrinho.

Na medida em que o terreno ia ficando mais íngreme, a estrada de chão batido acabava e transformava-se em uma trilha. Antes mesmo de localizar a casa do Benedito Gervásio [Tio Dito ou Dito da Viola, como era conhecido pela comunidade], já fui documentando o que para mim voltava a ser uma novidade. Era possível escutar o som da água corrente, mais a frente na margem de um córrego estreito que fluía através de formações rochosas e de um capim alto, observei uma criança brincando enquanto a sua mãe agachada sobre uma das pedras, lavava roupas e panelas. Os moradores passando de pés descalços... Cada emoção era uma fotografia. Depois de uma boa caminhada, encontro o padrinho, aproveitando o sol para espalhar o café sobre uma grande pedra. Sua casa ficava nas proximidades, perto de um barranco, era de pau a pique, toda barreada e com telhado de palha. O chão era batido, de uma cor vermelha que parecia argila escolar. O ambiente era muito arejado.

Em setembro de 2018, 39 anos depois da visita de 1979, cheguei novamente no bairro Caboclo. Inicialmente só foi possível circular no bairro com a presença de um guia local, devido a uma cerca que fechava um dos acessos. A informação que se obteve sobre o motivo, era que "certos moradores não gostam de pessoas que não são do bairro circulando no lugar" [TOLEDO, 2018]. A cada distância de estrada de terra percorrido a ansiedade aumentava, até que para grande surpresa, o pavimento da estrada mudou, e passamos a rodar sobre um pavimento de concreto, similares a estes utilizados nas grandes capitais. As lembranças começaram a ficar confusas, pois não se avistava mais as casas de pau a pique, barreadas, com telhado de palha e de chão batido. Nas terras do lado norte do bairro Caboclo só haviam algumas casas contemporâneas com cercas, muros e câmeras e do lado sul, segundo o guia de turismo, são terras que hoje pertencem ao príncipe "Don Joãozinho" [TOLEDO, 2018], herdeiro da família real Orleans e Bragança. Os meus olhos procuravam aquelas imagens de 1979, onde as crianças brincavam na beira do rio enquanto as suas mães agachadas sobre grandes pedras lavavam as roupas e as panelas com a "água entaquarada" que meus irmãos

mais velhos relataram. Onde estavam os pretos-velhos que se encontravam caminhando pelas trilhas da mata e os caiçaras que aproveitavam os dias de sol forte para espalhar o café sobre "a pedra do café cheiroso" enquanto outros preparavam as suas mulas com mercadorias da sua roça, para ir até a cidade vender? Não havia mais qualquer rastro das minhas recordações. As casas de alvenaria substituíram as casinhas de sapê, a estrada de chão batido... Segundo Assmann (2011, p. 348), "quando as pessoas ficaram dispersas pelo mundo afora, então também a memória do local se dissolve com elas". Pela perspectiva de Enes e Bicalho, na esteira da filosofia de Deleuze e Guatarrri,

> nos processos de desterritorialização/ reterritorialização, estão imbricadas as dimensões política e cultural. Um processo de desterritorialização pode ser tanto simbólico, com a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material – político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticos de integração (ENES; BICALHO, 2014, p. 196)

Nossas memórias – quando em um novo território - são "permeadas por elementos que remetem, a todo momento, a um território anterior" (ENES; BICALHO, 2014, p. 210) como mostram as narrativas das entrevistas e conversas que apresento a seguir.

Horas depois e no dia seguinte também, contemplativo com aquele apagamento e com toda a transformação social presenciada, lembrava apenas da frase final do Guia, no retorno a Paraty: **"muito lindo aqui, só não sei por que esse lugar se chama caboclo"** [TOLEDO, 2018]. Impossível não tecer uma comparação na transformação social entre os outros bairros de Paraty. Lógico que cada sujeito terá o seu olhar, podendo haver aqueles que vão classificar outros territórios como atrasados, estagnados e o do bairro Caboclo, como moderno e contemporâneo. Parece-me que, como afirma Assmann (2011, p. 321), que se "o ser humano quer realizar em si os potenciais civilizadores disponíveis, deve ser suspenso o parentesco entre homem e local, o elo afetivo deve ser cortado, a magia do solo, vencida".

Paraty / Bairro Caboclo, Setembro de 2018.



6.1.1 - Dona Flor e família

Mas afinal o que era o bairro Caboclo, quem eram os moradores e quantas eram as famílias que viviam lá? Estas foram as primeiras questões que nortearam as entrevistas e conversas – online ou presenciais / "face a face" (KOZINETS, 2014) - e os questionários com os colaboradores, da minha família biológica, alguns escolhidos/eleitos e outros descobertos

no processo da pesquisa. Abaixo enumero os irmãos, irmãs, tios, tias nascidos no bairro Caboclo e que colaboraram para a pesquisa:

Floripes Rosa do Nascimento / **Dona Flor,** 1935 [FRN]
Jorge Luiz Nascimento da Silveira, 1953 [JLNS]
Elizabeth Maria Nascimento da Silveira, 1955 [EMNS]
José **Roberto** Nascimento da Silveira, 1956 [JRNS]
Luiz Carlos Nascimento da Silveira, 1958 [LCNS]
Paulo **Fernando** [Nascimento] **Pires** da Silveira, 1959 [PFPS]
Janaina Camargo, 1961 [JC]
Silvana do Nascimento Alfredo, 1940 [SN]
Noêmia Nascimento, 1943 [NN]
Primo Laércio – Laércio Domingos da Luz Araújo
Primo Zé Malvão - José Assunção do Araújo

E para começar a falar do bairro Caboclo, a primeira colaboradora foi a paratiense Floripes Rosa do Nascimento, a Dona Flor [2020], filha de paratienses e neta de Maria Rita da Conceição, uma mulher indígena e Pedro Gervásio de Alcântara, um negro cativo [ambos de origem desconhecida, pelo que se sabe até o final da pesquisa]:

> Caboclo era o nome do lugar, a gente dividia as terras, agora porque [chamava-se caboclo] não sei dizer, né? (eu) morava perto de uma cachoeira, tinha uma casinha de sapê. A gente plantava, ajudava outras pessoas também... Morava uma irmã, tia, tio. Era praticamente a família Nascimento... Que eu me lembre tinha uma família que morava do lado da cachoeira, chamava Manoel Malvão e a esposa dele a gente chamava de tia Mana. Então eram praticamente duas famílias: A família Nascimento e essa outra família. E lá bem no alto do morro morava a sogra da minha irmã, Dona Conceição, seu Alexandre, não me lembro bem o sobrenome deles. Automaticamente o Caboclo era mais os familiares, né, por causa da terra [FRN, 2019].

Para o filho da Dona Flor, meu irmão Jorge Luiz Nascimento da Silveira (1953) primogênito da família:

> O Caboclo era tipo uma aldeia indígena, praticamente todos os moradores eram parentes da mãe (próximos e longe). A raça seria caboclo (cruza de índio e branco) tempo dos avós maternos. E demais seriam mestiços. (...) Na época talvez havia umas 10 casas no Caboclo. Uns 100 habitantes, havia muita crendice, assim, não nos aventurávamos longe [JLNS, 2019].

Jorge já morou em Porto Alegre / RS, assim como todos os membros da família após terem saído de Paraty, e residiu em diversos munícipios do Rio Grande do Sul e de Santa

Catarina. Hoje, aposentado, mora em Camboriú / SC. Conforme Silvana do Nascimento [Tia Silvana], irmã da Dona Flor:

> O tempo que eu morava lá era tudo mato, mato uma subida enorme pra gente subi de Paraty para casa quando com minha mãe era uma subida de quase três horas andando a pé e pra descer também... [SN, 2019].

E "Tia Silvana" (1940 - 2023), que morava em Mangaratiba / RJ, enfatizou:

> pra falar a verdade eu não me lembro nem quem morava lá tinha umas casinhas uma longe da outra, muito longe uma da outra e eu pequena não andava nada lá a mãe só me levava na roça e me levava na cidade para fazer compras, eu não ia na casa de ninguém, pra falar a verdade eu não sei nem quantas casas tinha lá naquele tempo, me lembro da casa dos meus tios só isso que eu me lembro e meu pai era índio, minha mãe era cabocla isso que eu me lembro, de mais nada [SN, 2019].

Noêmia do Nascimento (1943) [Tia Noêmia], outra irmã de Dona Flor, complementa: **"**Quem morava lá todos os irmãos de minha mãe com suas famílias. Havia outras famílias que não sei se eram parentes ou não mas eram todos amigos". Pelo cruzamento das histórias e constatação visual, a ocupação do bairro Caboclo deve ter começado com uma família de indígenas por parte de avós paternos e outra família de negros por parte de avós maternos. Com o tempo, devido aos novos relacionamentos afetivos, brancos foram se agregando ao território. Pela ótica de Deleuze e Guattari (1995, p. 31), o caminho dessa história parece se constituir pouco a pouco, como um rizoma, "que conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza". A vida no bairro Caboclo girava em torno de um precioso rio, uma cachoeira, na simplicidade de suas moradias de teto de palha e chão batido, mas que foram alguns dos elementos vitais para a sobrevivência da comunidade. E, segundo os colaboradores, essa sobrevivência era pautada por um relacionamento com o próximo, remontando um passado repleto de proteção, amizade e parceria em todos os afazeres. Sobre as suas moradias, Dona Flor, narra que "...as casinhas não eram assim de telha, eram de sapê, de palha, barreado, não tinha tijolo e nem nada e que eu me lembro é isso...". Ela lembra que a primeira casa da família "era grandona, era de sapê, barreada, tinha bastante flor...". Reforça a narrativa, dizendo que ela lembra como se fosse hoje e que sua mãe, "gostava muito de flor, plantava flor. Geralmente uma açucena...". Mas, que para a sua surpresa, "só aqui [em Porto Alegre] que eu fui saber que açucena é perigosa, né..."

Questionei sobre a segurança, naquela época, como que era? Viver no bairro Caboclo, viver em Paraty... E Dona Flor, prontamente, responde que "Era tudo muito calmo, não tinha... assim como se vê agora, né". Não precisava deixar a casa trancada? – pergunto. E ela rapidamente confirma: "Não! Tanto é que não tinha nem chave, era uma tramela, como eles chamavam. Botava atrás da porta pra fechar. Chamava tramela [*risos*]". Pergunto se no período em que ela morou lá existia luz elétrica. "Onde a gente morava não, era o lampião". E água encanada? – indaguei. "Também não. Era a cachoeira", afirma a Dona Flor. Essas cachoeiras que você fala: lembra se elas tinham algum nome especial?

> Não, a gente chamava de cachoeira mesmo, porque cortava automaticamente o morro todo. Era pra comer, pra beber, pra se lavar, pra lavar roupa... Pra beber a gente ia longe, que tinha uma nascente que saia debaixo da terra... Era um veio d'água, como eles chamavam, e a gente pegava pra beber água, guardava. E o mais era da cachoeira mesmo. Só tinha uma hora que era melhor pra apanhar água, né, que era logo cedo, porque os gados ficavam soltos, né, pisavam na beira da cachoeira, sujavam a água [FRN, 2019].

Como é que fazia pra lavar roupa? E tinha algum combinado, algum horário especial de lavar roupa ou não? **"**Não. Só a gente botou um horário pra pegar a água pra casa, que não tarde, bem cedo, porque aí ninguém tava usando a água, né. Como ela cortava o morro, todas as pessoas que moravam ali perto usavam a cachoeira, né".

Jorge Luiz recorda: **"**Nossa casa era de barro com taquara e sapê, com chão batido, sem luz, sem água encanada...". E logo, complementa: "Água entaquarada, eram bambus sem nós, colocados em ponto alto do Rio que levava a água por gravidade". Elisabete Maria Nascimento da Silveira (1955), filha de Dona Flor, também nascida no bairro Caboclo afirma: "lembro vagamente da nossa casa e um grande e imenso pátio, do fogão de barro, das cobras que volta e meia encontrávamos no banheiro ou dentro de algum sapato". Noêmia do Nascimento [Tia Noêmia], comenta que **"**as casas eram muito distantes umas das outras feitas de "pau-a-pique" cobertas de sapê, chão de terra batida, não havia água nem luz, fogão de lenha. A água se buscava, em uma cachoeira próxima".

A agricultura familiar e a pesca, pelos depoimentos obtidos, eram os responsáveis pela sustentação e conservação das famílias e também parte da produção era comercializada na cidade de Paraty. Dona Flor lembra que: "plantava sim. Plantava mandioca, batata. A gente plantava cana pra fazer o café. Plantava café. Tinha criação de galinha, de porcos. Uma vida normal da roça naquele tempo". Confirma que onde moravam não existia eletricidade "luz, era o lampião". E que água encanada também não, "era a cachoeira". Com o olhar distante,

Dona Flor, faz um sinal de concordância com a cabeça, ao mesmo que murmura um hãhã e diz:

> A gente plantava muito era cana, aipim, mandioca que fazia farinha pra ter em casa. A cana, pra fazer café, não tinha açúcar, era café feito com caldo de cana. Invés de ser água, a gente moía a cana, pegava garapa e fazia café. E pra tomar o café era batata doce, banana da terra, cará, aipim, ou fazia farinha e fazia biju e guardava ... Tipo assim de um biscoito grande. E botava na lata durava a semana toda [FRN, 2019].

E cará o que que é? Perguntei. Ela, de imediato, me respondeu que "é o tipo de uma batata". Mas que "o inhame também é muito bom!". E que "o chuchu era o que mais tinha. Então a gente levava o samburá, o balaio de chuchu pra vender na cidade". O meu irmão, Jorge Luiz, explica que:

> havia os que trabalhavam na roça, mais agricultura de subsistência, plantação de feijão, banana da terra, cana caiena, café, laranja, mexerica, muito inhame, mandioca e cará. Havia um rio que passava bem próximo de nossa casa, e servia para tomar banho, lavar roupas e também brincar. (...) Além da agricultura familiar havia também pesca que era feita nas águas da praia de Jabaquara, o produto da pesca era repartido e na casa do tio Dito, havia engenho de fazer farinha e usava-se também como fumero para defumar peixes pois não havia energia e nem geladeira e etc [JLNS, 2019].

O Luiz Carlos Nascimento da Silveira (1958) afirma: *"me lembro era da moenda de cana, e volta e meia no engenho com tio Dito"* [LCNS, 2023]. De todos os irmãos e irmãs, o Jorge Luiz, por ser o primogênito, teve oportunidade de vivenciar mais a paisagem cultural do bairro Caboclo. Recorda que:

> Havia pesca de caranguejo nos manguezais, normalmente em noites de relâmpagos e eram pegos com sacos de estopa, pois com esse tempo saiam para fora das tocas. Usava-se muito samburá para pegar siri. A pesca era feita a partir de um círculo de taquaras feito na água no dia anterior e na manhã seguinte passava rede ao redor e tirava as taquaras [JLNS, 2019].

A família era descendente de mestiços, dividíamos o tempo entre a roça e a pesca, eventualmente mantínhamos atividades na casa de farinha, moenda de cana... Tínhamos uma vida caiçara e não sabíamos. E sobre os afazeres do nosso pai... Jorge Luiz, após um breve intervalo, rompe o silêncio, dizendo: **"**o pai trabalhava numa alfaiataria na cidade [Paraty]". Luiz Carlos confirma: "o Pai na real trabalhava só na alfaiataria na cidade, em casa na roça nunca vi ou não lembro". Esclarece que, embora o Avelino estivesse com a família, "raríssimas vezes que brincava com todos, ou levava nós pra piquenique que era bem comum

naquela época, me lembra uma única vez, todos se divertiram muito [...] pra ele se tivesse comida tava bem, essa era a impressão que nos passava" [LCNS, 2023].

Sobre a vida na roça e alimentação, Tia Silvana, lembra que

> tinha bananal perto da caixa d'água, me lembro que minha mãe plantava muito inhame roxo, que aqui no Rio eu não vejo inhame roxo lá tinha muita gente que comia com café, a minha mãe fazia muita paçoca de banana verde, minha mãe plantava aipim era tudo, minha mãe criava muita galinha, comia lagarto, comia gambá, comia paca, comia porco do mato i muita coisa. A plantação lá era só feijão, ham que eu me lembro era feijão, mandioca, milho, só de coisa assim arroz que eu me lembro tinha café também a gente fazia café, torrava café socava no pilão, minha mãe moía a cana, tinha cana fazia café de cana era isso [SN, 2019].

E depois de tantos depoimentos, comenta "que eu me lembro era isso, também não me lembro muita coisa não" [*risos*]. Para Tia Noêmia: Conta que o trabalho era só nas roças. E que as "comadres sempre prestativas, os partos em casa; não sei quem era parteira mas sei que era muito procurada". O meio de transporte, o acesso e a relação do bairro Caboclo e os seus moradores com a cidade de Paraty para comercializar a produção das hortas, fazer compras básicas e mesmo para estudar, parecia ser uma aventura diária, uma vez que não havia grandes estradas ligando o Centro Histórico aos bairros mais distantes. Dona Flor conta que: "era duas horas de caminhada até lá. Hãhã. Até chegar a cidade". E que praticamente era

> Tudo a pé, [ou] a cavalo. Muito andei do Caboclo até Paraty a cavalo. Gostava de andar a cavalo que só vendo. Eu tinha um cavalo branco. Na cidade de Paraty era tudo pertinho, né. A gente levantava de manhã, tomava o café, passava batom, passava rouge, tudo pra ir na cidade. Comprava o que tinha que comprar e depois ia embora pra casa a pezito no mas, como dizem os gaúchos! E quando tinha muita coisa pra vender a gente botava um (...), botava na mula e vinha... [FRN, 2019].

Dona Flor, saudosa, conta: "olha, eu ia na cidade levar as coisas pra vender. Comprar as coisas que a gente não tinha na roça, as coisas que faltavam em casa ou às vezes ia em festas, principalmente festas religiosas". Que de tempos em tempos era preciso ir no armazém comprar arroz, café...

> A gente tinha que ir na cidade comprar, arroz, café, querosene, sal. Que a gente não podia ter sal, né. Querosene, não tinha luz elétrica e nem nada - a gente usava lampião, sal porque tinha que conservar as coisas, o peixe, casca de fruta. Não tinha geladeira nem nada. A gente botava no sal dois, três dias e depois se botava pra defumava, ai se guardava pra semana toda pra não faltar [FRN, 2019].

Questionei se já tinha gente na cidade [Centro Histórico e os primeiros bairros, Patitiba, Pontal...] esperando pra comprar as mercadorias. E Dona Flor:

> É. Eu me lembro que era farinha. Tinha um armazém, a gente já levava no armazém, ele já comprava. Quando era fruta ou uma coisa assim, não me lembro o nome da rua que tinha uma quitanda, ai já levava lá direto. Muito eu fiz sapatinho de lã, de nenê, levava lá pra vender na cidade. Toninho Pinto é que sempre comprava. Uma loja que tinha bem na esquina, perto da banca. Eu fazia, depois levava lá e ele comprava e eu já comprava mais lã e assim tocava pra frente. Às vezes ia pelo caminho tricotando até chegar na cidade [FRN, 2019].

Jorge Luiz, conta, que devido a idade: "na época só eu ia na escola [no grupo escolar Samuel Costa], a mãe levava a cavalo". Ainda nos dias de hoje foi possível admirar e documentar alguns moradores da Zona Rural fazerem os percursos similares à cavalo.

Dos fazeres, saberes [e sabores], a alimentação geralmente é um dos patrimônios que nos transporta no tempo e no espaço. E "o patrimônio é uma dimensão da memória" (CANDAU, 2018, p. 16). Mesmo dentro de um ambiente tão restrito, observa-se nas recordações que algumas famílias tinham mais condições de melhor se alimentar do que outras e um dos motivos para esta diferença estava no número de filhos, nas oportunidades de trabalho e na atitude e comportamento dos próprios pais. Pelas narrativas das entrevistas, observa-se também, que alguns moradores do bairro Caboclo – a cada época de colheita por exemplo - vivenciavam um "constante processo de desterritorialização e reterritorialização" da sua vida na roça, para poderem dialogar com o meio urbano da cidade, hoje chamado de Centro Histórico. "É uma des-reterritorialização, onde se abandona, mas não se destrói o território abandonado" (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 12). Um trânsito necessário – para a sobrevivência - por territórios diferentes e que "em cada um deles existem agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação muito distintos" um rompimento mesmo que temporário e parcial com a cultura da roça, da periferia, na busca de uma adaptação ao entrarem na cidade (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 12-13). Desde a detalhes narrados como "a roupa de ir na cidade, usar os tamancos..." [FRN, 2019], etc e tal.

Sobre os sabores do bairro Caboclo, ao perguntar se Dona Flor lembrava de alguma receita da época, alguma receita típica da região, ela responde que "o que a gente usava muito fazer era chuchu com camarão, que era muito bom, era uma beleza! A gente ia na praia da Jabaquara, pegava camarão, marisco... muito bom chuchu com camarão" [FRN, 2019]. E de algum doce? E Dona Flor conta que:

> O doce era de abóbora em calda, doce feito com casca de laranja também, melado, rapadura. E tem pé de moleque. Nunca comeste pé de moleque? Tem que ir gengibre, farinha. A gente moía a cana, depois fervia o caldo até dar ponto de melado, depois botava farinha, botava gengibre ralado e quando dava o ponto, descolava do fundo do tacho, a gente despejava numa tábua e cortava em pedacinhos pra vender [FRN, 2019].

Dona Flor conta que quando os vizinhos matavam um porco, ou matavam qualquer outro animal, eles dividiam com os demais vizinhos. Pois moravam tudo perto! Parece dar a entender que procuravam não deixar faltar nada, para ninguém. Que fome nunca passaram, pois uma família ajudava a outra.

> A gente fazia farinha. Na casa do meu falecido padrinho é que tinha, falando a linguagem de antigamente, tinha a roda, tinham as prensas, tudo pra fazer farinha... Todo mundo que não tinha ia fazer lá com ele. Tinha o forno, tinha essas coisas assim... (...) O Pedro, que era bem solicitado. Dai a gente colhia a mandioca, raspava, lavava e ia lá cevar, como se dizia, depois prensar pra tirar o caldo. Quando tava bem sequinha a massa a gente fazia a farinha, forneava. E do caldo a gente botava aquele caldo fora, lavava, de onde saia a tapioca, o polvilho, né, que hoje em dia chamam polvilho. A gente chamava tapioca. Dai a gente aproveitava, se fazia o biju, que a gente botava numa lata e fazia pra semana toda. Era bom! Pelo menos, a gente comia coisas saudáveis... [FRN, 2019].

Foi um período de trocas. Quando um não tinha o outro tinha, explica Dona Flor. Por exemplo, se lá tinha uma casa que não tinha pó de café o outro tinha e dava para esta pessoa. E aí, quando o outro tinha ia lá e pagava. E inclusive farinha.

> Quantas pessoas não tinham farinha. Porque lá não se usava arroz como se usa aqui, né. Mais era farinha, um feijão, um caldo de peixe, um caldo de galinha. Se tu não tinha ia lá pedir pra vizinha: "Me empresta um litro de farinha?" Era por litro ou por quarta, umas caixinhas de madeira, então era medido por ali, né [FRN, 2019].

Questiono então, se farinha era o ingrediente básico? E ela me responde com um "hãhã!" Concordando. "A farinha, o feijão e a mistura, como se chamava, peixe, carne, marisco". Luiz Carlos rememora também outros ingredientes: "Nossas comidas eram típicas, muito peixe, caldo de peixe com farinha de mandioca, frango, carne não me lembro muito, muita fruta" [LCNS, 2023]. O outro filho, o terceiro na ordem, meu irmão José Roberto Nascimento da Silveira, conta que:

> O pátio de nossa casa era grande com uma variedade muito grande de plantações, tinha pé de café o qual, colhíamos quando estava no ponto depois tardava e muitas vezes eu socava os grãos no pilão de madeira, tenho lembranças um engenho de um vizinho perto de nossa casa, onde íamos fazer farinha de mandioca, tinha uma bacia de cobre muito grande com fogo embaixo, onde ia a mandioca ralada para ser

> mexida, até se transformar em farinha, lembro que me diziam, não para de mexer se não queima. São muitas lembranças boas, que me prepararam para o que sou hoje [JRNS, 2019].

A farinha era algo presente no dia a dia destas famílias, assim como nas famílias de outras comunidades tradicionais, como pude observar e/ou experienciar durante as saídas a campo. Tia Silvana conta que se

> Fazia farinha a gente fazia muita farinha da roça lá, tinha lá o forno para fazer farinha minha mãe panhava muito chuchu, chuchu lá no mato para vender na cidade e lá na roça a gente não falava chuchu falava cusco, cusco falava cusco não era chuchu era cusco essas bobagens assim coisa de antigamente [SN, 2019].

Na sequência deste depoimento, questionei Tia Silvana, algo como, se tinha um prato preferido / uma sobremesa favorita e a resposta foi surpreendente:

> Eu não me lembro nem o que eu comia lá, nem lembro que minha mãe coitada nem fogo tinha era três pedras, três pedras no chão assim botava lenha, acendia o fogo, fazia o café, a gente tomava café com farinha, café de cana com farinha, depois cozinhava lá um feijão nem sei, nem me lembro se tinha arroz, só sei que a gente comia muito lá era mingau, era sopa d'água, sopa d'água é água com farinha, água com farinha e sal e tempero um temperinho qualquer que tivesse era sopa d'água e para as crianças era mingau de polvilho de farinha ela fazia para as criancinhas, criança bebê que não tinha leite tomava aquele mingauzinho de polvilho de farinha e a nossa comida lá era farinha, feijão, farinha se pegasse um bicho no mato comia o bicho uma galinha sei lá era difícil comer carne, era difícil comer um peixe uma coisa qualquer mais era mesmo feijão e farinha que eu me lembro era isso, mas era muito bom naquele tempo junto com a minha mãe... [SN, 2019].

A produção de farinha de mandioca, segundo Mello (2009, p. 13), "típica da região, foi ampliada sensivelmente, existindo hoje mais de cinquenta casas-de-farinha. É a farinha mais usada na culinária local, seja em residências ou em restaurantes". No bairro Caboclo, tanto no consumo como na produção, havia costumes e processos rudimentares bem típicos em relação à alimentação, marcando a cultura de uma comunidade não só naquela época, pode-se afirmar que é uma questão atemporal, se pensarmos nas práticas atuais das comunidades caiçaras visitadas em Paraty. Dona Flor lembra de um detalhe também, que acha que nem se usa mais, "quando numa família, que tinha uma grávida, que ganhava o neném, se a outra família que morasse perto tinha uma galinha, levava a galinha. Tinha que comer quarenta dias galinha [*risos*]. O presente que se levava era uma galinha. Galinha e arroz". Ela me respondeu que tratava-se de uma tradição, que as pacientes tinham que comer galinha pra ficarem fortes.

E contou que “as galinhas se criavam soltas, quando dava falta de uma galinha, daí uns tempos aparecia a galinha cheia de pintinhos”. E que, quando era pato, “era beira de cachoeira, né, e pato sempre gostava de fazer ninho em beira de cachoeira, né, então quando se via, aparecia pato descendo rio com aquele monte de patinhos atrás”. E mais outra peculiaridade dos sabores e aromas do bairro Caboclo

> era que tinha uma pedra, que chamava Pedra do Café Cheiroso. A gente quando colhia o café, socava no pilão, né. Depois botava dentro dum balaio, ia na cachoeira e lavava, depois botava em cima da pedra pra secar. Depois que secava, a gente socava de novo pra tirar as casquinhas, fica o grão, ai a gente torrava pra passar café, né [FRN, 2019].

E que todas as famílias que moravam por ali usavam a mesma pedra. Era uma pedra bem grande, parecia uma mesa, e que pegava sol o dia todo. Era o ideal, pois “o café precisa de sol pra ficar sequinho”. E quando o estoque de café, que estava no fim da colheita, desde aquela época, se misturava, milho ou fedegoso no café, pra render mais. Perguntei sobre como ficava o sabor do café com essa mistura e respondeu que “não alterava nada”. Mas “não podia botar muito. Botava pouco. Se tivesse um litro de castanha de café, ou quilo, se botava um litro de milho, ou uma espiga, um pouco de fedegoso. Pra misturar e torrar juntos, depois tu socava e passava na peneirinha fininha. Era toda essa mão de obra”. Me explicou que o fedegoso tinha o formato de “uma lentilhinha” [FRN, 2019].

Mas a vida no bairro Caboclo não se restringia ao trabalho, à lida na roça. Pelas manhãs, narra Luiz Carlos, que “muitas vezes, tomávamos café com farinha ou polenta, pois não se tinha recurso pra comprar pão pra todos ou quando a mãe ajudava o tio ganhava farinha, e fazia uns pães ou bolo, era motivo de alegria pra todos”. E das boas recordações dos finais de semana, Luiz Carlos relata também “que [a Dona Flor] tinha um pequeno fogão a gás, mas raramente utilizava, só pros finais de semana, quando assava uma galinha ou um Pato, domingo era refeições farta, digo fora do dia a dia” [LCNS, 2023].

Também, rezas, ladainhas, jogos e brincadeiras faziam parte dos seus costumes para passar o tempo. Explica Dona Flor que “só nos fins de semana que, às vezes, tinha baile na casa do meu tio Benedito, tinha uma ladainha. Primeiro eles faziam ai uma reza né, depois emendava o baile, só sábado pra domingo e dormir cedo. Dormir com as galinhas e levantar com os galos”. E sobre “ladainha” Dona Flor me esclareceu que é uma reza, e que de vez em quando o santo ou santa, era escolhido. Mas,

> mais era a Bandeira do Divino, principalmente agora nessa época de natal, assim, tinha a Bandeira do Divino que saia de casa em casa. Fim de semana, uma casa escolhida, né, a bandeira pousava lá, então eles faziam um baile... não era baile, como lá eles chamavam era xiba. É, era sim. A gente andava muito de pés descalços, principalmente na roça. Quando ia na cidade, na ocasião de festas, ai a gente botava um tamanco, né. Na época se usava. Ou uma sandália, né, que era mais difícil porque era caro [FRN, 2019].

O tamanco tratava-se do calçado da época (FREIRE, 2002). E o xiba, mencionado por Dona Flor, conforme Maia (1976, 2000), genericamente em Paraty, consiste em qualquer baile de roça, "puxado a viola", mas em sentido mais estrito, trata-se de uma dança que foi muito praticada na roça, praticamente em extinção. Independente do duplo significado, um xiba, desde outros tempos, se faz, "com boa mesa e bons amigos" (p. 61). Ou seja, pelo olhar da autora: casa cheia, doces e salgados à vontade, com o potirão [lampeão] a iluminar o ambiente, o baile segue animado. Para Mello (2009), o xiba constitui-se "em um sapateado forte, evolução entre os pares e os músicos. Os pares ficam frente a frente, em fila, depois do canto de um "repente' os pares evoluem: as mulheres giram suas saias rodadas, enquanto os homens sapateiam freneticamente à sua volta, ao som do mancado" (p. 63-64)[214]. José Roberto**,** lembra é das brincadeiras de criança:

> quando pegávamos a folha que protege o cacho dos coqueiros, que chamávamos de "totoca", subimos um barranco atrás da casinha de sapê e chão de barro batido, cada uma entrava dentro da totoca e descia morro abaixo, pra ver quem chegava primeiro, tinha muitas brincadeiras, outra coisa que eu gostava muito era quando a mãe nos levava, na casa do tio Dito, não era longe, lembro como se fosse hoje ao anoitecer acendiam as lamparinas e começava a chegar pessoas com violas, se acomodavam em um canto da sala assoalhadas de Madeira e começavam a tocar, cantar e dançar "catira" um estilo de dança que se batia as mão e os pés no ritmo de violão. Aquela ficou tão marcada em minha memória, que estes tempo dancei catira, como se fosse profissional [JRNS, 2019].

Não era apenas na cidade, que as danças / os bailes populares tinham uma presença frequente nos acontecimentos sociais e/ou religiosos, na zona rural também. Dessas danças, segundo Maia (2000), "as circulares, como a Ciranda [originária de Portugal], o Caranguejo e a Marrafa, seriam desdobramento da antiga ronda. Outros bailados populares, como Cana-Verde, por serem dançados "de mão", anunciavam e antecipavam a quadrilha, que avassalava a Europa" (p. 106). Momento em que, segundo a autora, no Brasil iniciava um novo ciclo econômico: do ouro e dos diamantes. Conforme os relatos, a Dança do Chapéu, a da Arara, entre tantas outras, faziam parte destes momentos de alegria, que costumavam terminar ao amanhecer, sempre em companhia da inconfundível sonoridade dos cirandeiros.

[214] O mancado é quem, com dois tamancos, marca o ritmo das evoluções (MELLO, 2009, p. 64).

Já Elisabete Maria lembra somente de algumas peripécias. “Brincadeiras com outras crianças na cachoeira, descer os morros sentada nas cascas de coqueiros, as traquinagens dos manos comigo”. E que lembra da vaca Milica, que deu um corridão em nós e também do Tio Dito, meu padrinho que costuma dizer: “se essa menina cortar os cabelos, vou dar uma surra de facão nela” [*risos*]. E narra que não esqueceu dos castigos que a Dona Flor nos aplicava quando brigávamos por comida: “fazia nós comermos o triplo do motivo da briga, que, no meu caso foi comer meio cacho de bananas e o Beto um panelão de arroz e feijão”. Dos casos e causos, Luiz Carlos relembra,

> passávamos o dia em volta da cachoeira, do canavial, brincando de pescar, volta e meia despistávamos a mãe e íamos até o mar pegar marisco, tinha um cachorro, um pastor alemão, ele cuidava muito de todos nós, era incrível... Me lembro uma vez que a Mãe saiu, nos deixou fechado em casa, a Beth começou a chorar que tinha fome... Imagina!!! O cachorro desapareceu de nossa vista, tempo depois escutamos um arranhado na canela, e todos meio com medo, resolvemos abrir pra ver, era o cachorro com uma penca de banana caturra na boca... Nunca esqueci esse momento. E fora outra, façanha dele, outra vez o Pai teve que tirar uns espinhos de ouriço da boca do cachorro, pois a Beth tinha ido a noite pra fora de casa, acho que ia fazer xixi, e não se deu conta e quase sentou no ouriço, o cachorro se avançou no bicho. Era nosso protetor com certeza. Nossas brincadeiras eram assim, descer o morro numa lona, ou numa totoca, tomar banho de cachoeira. Espantar a vaca do vizinho... [LCNS, 2023].

Ainda sobre as brincadeiras e afazeres no bairro Caboclo, Noêmia do Nascimento (Tia Noêmia) recorda: “para as crianças, caçar passarinho e fazer nossas pequenas roças e em noites de lua brincar no "terreiro". Para "grandes" tinha, nos fins de semana, sempre na casa de um "compadre", os "xibas" com sanfona e viola e ia até de manhã. Tinha também as folias de reis” [NN, 2020].

No decorrer da pesquisa, foi se revelando através de alguns memorialistas, o que em Paraty antigamente era xiba hoje é ciranda, uma junção de várias danças, e logo ali – em São Paulo e em outras cidades brasileiras - é chamado de fandango, ambos folguedos populares, mais comuns na roça do que na cidade. E segundo Alcântara [2021], os encontros no bairro Caboclo, na casa do Padrinho Dito [Benedito Gervásio], eram uma referência em Paraty. A vida do Padrinho Dito, esteve permeada com a vida do artista / do violeiro [o Dito da Viola como era popularmente conhecido] e a vida diária na roça.

O primo “Zé Malvão” (76 anos), filho de Manoel Malvão, toca desde os 16 anos e atualmente pertence ao grupo Os Caiçaras de Paraty[215]. No interior de sua casinha, na Ilha das Cobras e dedilhando a sua viola de dez cordas diz: “...já toquei por aí tudo...” Malvão, se

[215] O grupo, Os Caiçaras de Paraty, existe desde 1994 e hoje tem dez músicos, mas já chegou a contar com 16 integrantes [MALVÃO, 2021].

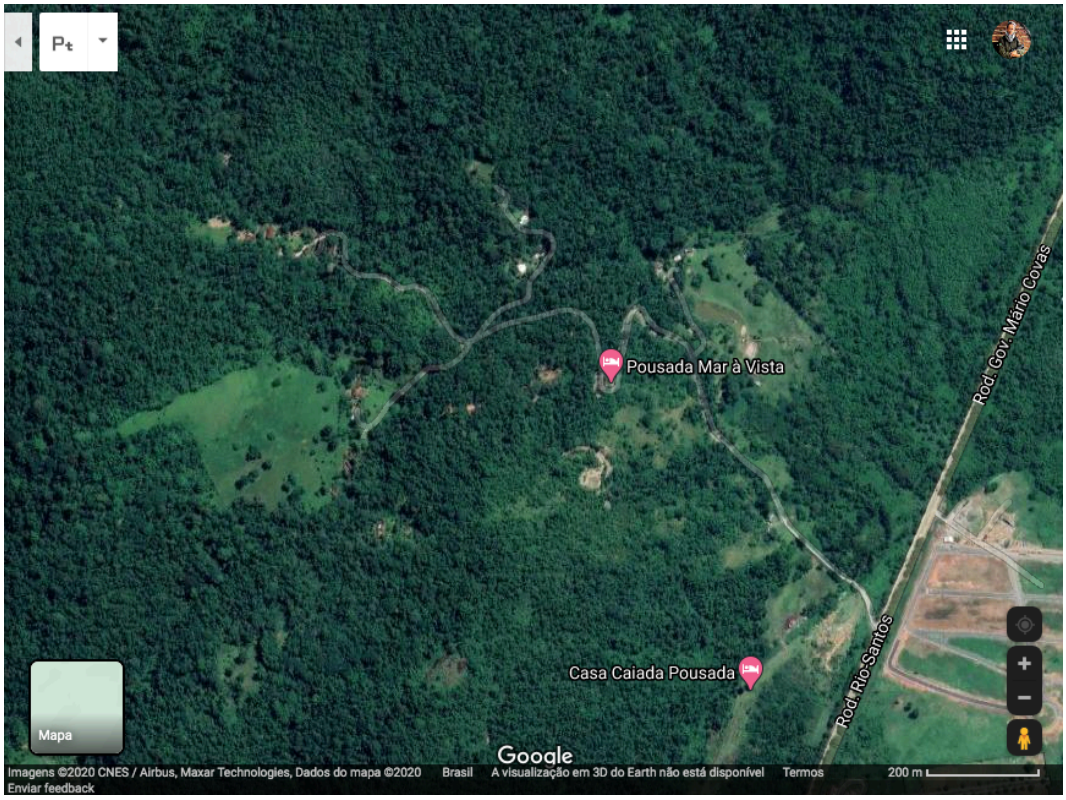
orgulha de já ter tocado com os principais cirandeiros de Paraty, entre eles: Antônio Marcolino, Pedro Jeremia, Zezinho, e Benedito Gervásio. O que observo entre os paratienses e paratianos é que não tem momento certo para a ciranda entrar na vida de alguém, pode ser quando ainda é criança, pelo simples fato de acompanhar os pais, na adolescência pela descoberta da dança ou quando adulto pelo ritmo e pelas letras das músicas, que nos transportam no tempo.

Nos bailes de roça de antigamente não existia um grupo de xiba, os colaboradores relatam que pessoas se reuniam para fazer um baile pelos mais diversos motivos: nascimento, batizado, 15 anos, casamento, etc. E como naquela época não existia energia elétrica no bairro Caboclo, na Ilha do Araújo e outras localidades, os bailes eram iluminados com lamparina a querosene. A fumaceira e o cheiro do querosene no ambiente faziam parte do cenário, até era uma desculpa para fazer uma pausa e respirar lá fora o ar fresco da Mata Atlântica. Dona Flor afirma que "tudo era no maior respeito", que nada acontecia na mata.

Embora o clima fosse tropical, indaguei a Dona Flor: e quando o inverno chegava como é que era? "Esquentava um fogão de lenha e se botava numa bacia ou numa gamela e tomar banho. Ninguém dormia sem tomar banho! No tempo da mãe, então, Deus me livre, ir dormir sem se lavar". "A mãe passava o dia lidando com a tropa" relembra Luiz Carlos [LCNS, 2023]. Das festas religiosas que aconteciam próximas do inverno, ficou na memória de Dona Flor a festa do Divino, "a festa do Divino era muito conhecida, bah! Na sexta feira tinha ressurreição de Cristo, paixão... uma coisa assim. Sei que tinha uma festa, aquela procissão enorme, Cristo ia num andor". A Festa do Divino é um dos destaques no calendário da Prefeitura, desde que comecei a ter contato com a Tia Noêmia, creio que ela esteve presente em todas. Na última inclusive, durante a liturgia, compartilhou comigo uma foto bem peculiar do interior da Igreja Nossa Senhora dos Remédios. Tratava-se de dois grandes cães de rua, sobre aquele o tapete vermelho estendido no corredor central coberto de folhas, com eles deitados bem em frente ao altar e ela legendou: "estes também são membros da comunidade, chegam antes, cumprimentam a todos e depois se acomodam e ficam até o fim, assim, no mesmo lugar" [NN, 2023] [*risos*].

Se o Centro Histórico de Paraty "é cercado pela Mata Atlântica", como é recorrente na leitura, o bairro Caboclo é literalmente uma das entradas para a biodiversidade do Parque Nacional da Serra da Bocaina. A pousada Mar a Vista (Figura 47), onde fiquei hospedado, sinaliza a entrada e o início do bairro Caboclo (Figura 38). Um ambiente cercado por uma fauna e flora riquíssima, que marcavam presença muito provavelmente antes dos chamados índios, brancos, caiçaras e negros começarem a habitar este território.

Figura 39 – Paraty / RJ – Parque Nacional da Serra da Bocaina – Bairro Caboclo



Fonte: Google Maps[216] – Acesso em: 20 out. 2020.

Dos vestígios da exuberante Mata Atlântica e da sua biodiversidade de espécies da fauna e flora, Dona Flor relata:

> Ah! Tucano aparecia. Tinha tucano. Macaco tinha caxinguelo... não sei se é a mesma coisa, que dava mais nos bambuzal, pra comer os brotos de taquara e bambu. Eram tão bonitinhos, "tadinhos", mas ninguém matava eles, não. A única coisa que eles matavam, quando aparecia lá, era ouriço, porque ouriço acaba com os cachorros, né, por causa do espinho [FRN, 2019].

Já sua irmã, a minha Tia Silvana, rememora: "(...) tinha muito mato, muito bicho muita cobra, muito lagarto, tinha onça a onça ficava andando no nosso quintal, tinha um pé de embaúba e ela ficava no pé de embaúba às seis horas da tarde fazendo aquele barulho de rasgar pano e a gente ficava com medo e corria para dentro de casa" [SN, 2019].

Até julho de 2023 constatei que a decisão das famílias – dos colaboradores contatados - de saírem das terras do bairro Caboclo, gira em torno da pobreza, da doença, da busca por familiares e por novas oportunidades. No caso de Dona Flor, ela relembra a questão de saúde

[216] Fonte: https://www.google.com.br/maps/@-23.2072981,-44.7430742,1421m/data=!3m1!1e3 - Acesso em: 20 Out. 2020.

do Avelino Pires da Silveira Filho (1932-2001), marido: "É que ele tinha ficado doente e queria vir pra Porto Alegre, porque os familiares dele moravam todos aqui. Ai resolveram pedir ajuda e o irmão dele, seu Paulo [Pires da Silveira], foi lá nos buscar. Eu passei três dias chorando" [FRN, 2019]. (*pausa/emocionada*).

Respiramos juntos e perguntei: você não queria vir? **"**Não. As crianças tudo pequenas, né. Sair assim de um lugar e ir pra um lugar estranho era meio difícil, né? Foram três dias de viagem numa Kombi e nós chegamos aqui. Eles moravam na Azenha, na casa da Damasco...". Três dias viajando? É realmente muito tempo, comentei. E Dona Flor em sinal de concordância, ... "Hãhã... E eu ainda trouxe uma gaiola de passarinho" [*risos*]. E complementou: "minha casa eu dei pra minha prima, a Noêmia. Hoje em dia ela está morando na Espanha muito bem. Por que, de uma hora pra outra como é que eu ia vender a casa? Dei pra ela" [FRN, 2019]. Jorge Luiz, recorda:

> ...saímos de Paraty em 1964, por meados de maio. Viajamos em uma Kombi, veio uma máquina de costura e alguns pássaros (pixóxó e curió) e 7 irmãos e nossos pais. Isto é o pouco que lembro. Minhas lembranças dessa época são bastantes prejudicadas, pois procurei muito apagar essas memórias por terem sido felizes [JLNS, 2019].

Creio que o conceito de "lugar de memória" pela perspectiva de Pierre Nora, caberia ser refletido associado ao sentimento de um dos meus irmãos, de querer apagar as suas memórias, pois para ele lembrar do bairro Caboclo hoje soa como algo "negativo" (BERND, 2013). No ponto de vista do Luiz Carlos, o motivo da nossa vinda para o sul talvez tenha sido por questões financeiras, pois por doença não foi. "Não lembro do pai doente [...] Nós tínhamos quase tudo pra se dar bem por lá, as pessoas eram amigas nos queriam bem, o Pai podia ter comprado as terras onde morávamos mas nunca pensou em crescer fincar raiz". Por causa das dificuldades familiares, entre outras adversidades, o irmão Luiz Carlos enfatiza: "mas foi isso que fez todos de uma certa maneira fortes" [LCNS, 2023]. Dentro desse cenário, assim como Candau (2018, p. 35), é possível afirmar que "um grupo [neste caso familiar] pode ter os mesmos marcos de memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado".

A Tia Silvana acreditava não haver mais ninguém da família morando no bairro Caboclo, ao mesmo tempo em que relacionava a brusca mudança da paisagem com a nova estrada, a BR 101, a Rio-Santos.

> "...ninguém mesmo porque saiu tudo, saiu tudo nesse negócio de passar a estrada lá saiu todo mundo se tiver gente lá morando é gente nova que a gente nem conhece, mas era muito bom lá é naquele tempo não tinha ninguém, não tinha briga, não tinha confusão. Nem conheci meu pai né, eu a minha irmã também não conheceu nossos pais, nosso pai, mas era bom" [SN, 2019].

Questionada do por quê saíram do bairro Caboclo, Tia Silvana narra uma história comovente e que na verdade representa a vida de muitas famílias e mulheres caiçaras do Litoral Fluminense.

> Porque minha mãe vivia sozinha, trabalhava na roça para sustentar a gente aí ela pegou e deu os filhos todos ia aparecendo gente lá "ah me dá, vou levar para mim lá, vou colocar na escola, vou ensinar, vou fazer e acontecer" mentira, eu pelo menos sofri muito nas mãos dos outros sai de lá com seis anos em 1946 eu nasci em 1940 um ano depois da guerra vi os navios de guerra tudo passar lá embaixo na cidade. A minha mãe deu os filhos todos porque ela não aguentava trabalhar e criar os filhos, mas também todo o ano, quase todo o ano ela arrumava um filho né, um filho de pai diferente, mas tinha filho não podia, mas tinha e a gente que sofria eu, Iolanda, Noemia, Lira tudo dado para os outros para trabalhar na casa dos outros eu pelo menos fui trabalhar numa casa de uma família de italianos nossa sofri, sofri mesmo, mas Graças a Deus, Deus é comigo, Deus está sempre do meu lado não me deixou de eu fazer coisa errada, tô viva até hoje, casei tenho dez filhos vivos tudo trabalhadores, tudo...meu marido morreu já tenho 45 anos e eu vivo sozinha, criei meus filhos tudo sozinha Graças a Deus, Graças a Deus mesmo, Deus é comigo e eu sou muito feliz Graças a Deus vou fazer 80 anos, mas tenho saúde, gosto de trabalhar, gosto das minhas coisas boa limpinha, bonitinho, sou velha mas não gosto de nada velho. É isso [SN, 2019].

Já Tia Noêmia foi enfática ao dizer o motivo pelo qual saíram do Cabloclo: "Sobrevivência! Eu saí com 7 anos fui levada para a cidade e aos 10 em 1954 para o Rio de Janeiro. Minha mãe a minha irmã Aurora foram as ultimas a saírem de Paraty no inicio dos anos 60 provavelmente". Finaliza esse diálogo, me recomendando procurar o filho mais novo do tio Dito, o Ditinho, pois este ainda mora em Paraty. E com certeza ele poderia me ajudar mais...". Recordo-me do "Ditinho" no meu retorno a Paraty em 1979, cheguei a fotografá-lo ao lado de uma mula, com os samburás [cestos] carregados de produtos da roça, preparando-se para ir até a cidade vender.

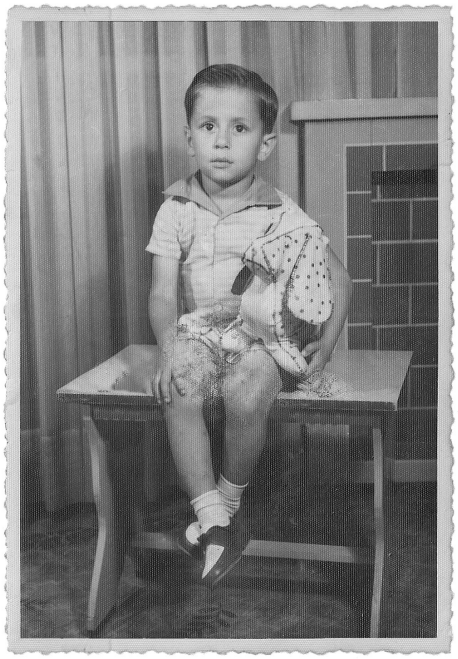
Os relatos – história oral – dos colaboradores apontam um pouco de como se deu "a construção e a destruição ou abandono" do território do bairro Caboclo, "quais foram os seus componentes, seus agenciamentos, suas intensidades" (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 1). Foi uma tarefa bem difícil e solitária, ter que no silêncio de algumas noites, recortar, suprimir alguns diálogos, por serem profundos e repletos de emotividade. Alguns, foram impossíveis de editar, usei-os na íntegra. Ao mesmo tempo que para alguns é motivo de saudades e ainda de lágrimas, para outros – talvez pelo fato de já terem desterritorializado e territorializado

tantas vezes - é preferível esquecer, justamente por guardar tantos momentos felizes. Para Deleuze e Guatarri (1995, p. 74) "só o desterritorializado é capaz de se reproduzir". As narrativas, além de serem carregados de emoção, trouxeram outras – relevantes - experiências individuais (HALBWACHS, 2006) que não foram possíveis recordar ou mesmo pela tenra idade não ter chegado a vivenciá-las. A construção de um Mapa Mental inspirado em uma árvore genealógica, me ajudou a entender um pouco mais a soma de memórias, pois representa a vinculação deste grupo de moradores/colaboradores a um determinado espaço. Os grupos, pela perspectiva de Halbwachs (2006), estão organicamente conectados a um ambiente, porque é o fato de estarem próximos num dado local que possibilita aos seus integrantes estabelecerem laços sociais. Para Halbwachs (2006, p. 172), é a memória que garante a permanência do espaço tal como ele foi, ou se não, a permanência das atitudes [e dos comportamentos] adotados pelo grupo diante dessa porção do espaço.

Segundo Pollak (1992, p. 13), "as dificuldades e bloqueios que eventualmente surgiram ao longo de uma entrevista [ou questionário] raramente resultavam de brancos da memória ou de esquecimentos, mas de uma reflexão sobre a própria utilidade de falar e transmitir seu passado". Para o autor, na escassez de uma total perspectiva de se fazer entender pelo entrevistador, o silêncio sobre as suas questões – bem oposto do esquecimento – "pode mesmo ser uma condição necessária para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente" (POLLAK, 1992, p. 13). No olhar de Assmann (2011), lembrar e esquecer passaram a ser reconhecidos como aspectos importantes para a convivência em sociedade. Para Maurice Halbwachs (2006, p. 172), é a memória que garante a permanência do espaço tal como ele foi, ou se não, a permanência das atitudes adotadas pelo grupo diante dessa porção do espaço. A casa de sapê com chão batido, sem luz e sem água encanada, onde a simplicidade era visível, fica para trás. Mas a felicidade e alegria se faziam presentes. As lágrimas que embarcaram na Kombi e duraram os três dias de viagem, junto a seis crianças pequenas, uma máquina de costura e uma gaiola com passarinhos, que somados ao choque de chegar em uma cidade grande e estranha, com novas lutas e rupturas, geraram para um dos colaboradores o desejo forte de querer "apagar essas memórias por terem sido felizes" [JLNS, 2019]. Como afirmam Deleuze e Guattarri (1995, p. 00), neste processo "nunca nos desterritorializamos sozinhos". E como os retratos apresentam, "a prática fotográfica no século XX orientou-se segundo uma nova experiência social de ver e ser visto. O regime visual vigente, desde fins do século XIX, democratizou o retrato e pluralizou as formas de representação do sujeito na esfera pública e privada" (MAUAD, 2016, p. 6). Em transe, sem entender tantos movimentos, resultado de agenciamentos, eu, o quintogênito da família

Nascimento sou alocado em uma nova família, antes de completar cinco anos, ganho um novo sobrenome, roupas novas apropriadas à condição da nova cidade e uso pela primeira vez um par de sapatos de couro de duas cores. Ao contrário de minha mãe e do primogênito da família, que vivenciaram a dor e a tristeza já no trânsito, eu não imaginava que as minhas tristezas ainda estariam por começar, após todo esse movimento [região/lugar, clima e principalmente de família] e que passaria por um apagamento diário, presenciando momentos de racismo e xenofobia, mas essa é uma outra história (Figura 40). Entende-se, pelo olhar de Deleuze e Guattari (1995, p. 16), que "todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar". Esta nova alocação também gerou para outros membros da família Nascimento outros rizomas constituídos de novos caminhos, experiências e transformações de vida.

Figura: 40 – Bairro Azenha - Porto Alegre / RS.



Fonte: Foto Azenha, 1964

Em maio de 1964 começava um novo ciclo, onde os desejos/interesses que motivaram tantas mudanças em alguns momentos das gravações e das conversas nos bastidores ficaram confusos: boemia, pobreza, saúde ou política. Para Haesbaert e Bruce (2002, p. 5) "nunca desejamos só uma coisa, desejamos sempre um conjunto de coisas".

Saber, ter a sensação que nas terras onde se nasce, em que se dá os primeiros passos e que também se aprende a correr de pés descalços, por desconhecer o que era sapato, que hoje para entrar precisa-se de autorização e justificar por que se quer entrar. A saída a campo em 2018 ao bairro Caboclo serviu de provocação mesmo diante das restrições para realizar outros retornos ao lugar e desmistificar essa arbitrariedade, que vai de encontro ao direito de ir e vir, garantido em nossa Carta Magna. Uma das poucas fotos que capturei no bairro Caboclo nesta ocasião, a de uma árvore frondosa com fortes e longas raízes rasgando e se agarrando entre pequenas e grandes pedras, até atingir o solo. Era a mais significativa e representativa desse processo de desterritorialização, e ao contemplar as suas raízes horizontais e diagonais, o pensamento remete à história de cada uma das famílias do bairro Caboclo. Cada família, assim como as raízes, ramificaram-se e espalharam-se tomando novos rumos, gerando novas rupturas e agenciamentos e novamente se ramificaram, territorializando-se em novos espaços. Um processo impermanente. Tendo em vista essas colocações, somadas ao olhar de Deleuze e Guattari (1995, p. 23), poderia-se afirmar que "existem estruturas de árvore ou de raízes nos rizomas, mas, inversamente, um galho de árvore ou uma divisão de raiz podem recomeçar a brotar em rizoma".

> Existem unicamente multiplicidades de multiplicidades que formam um mesmo agenciamento, que se exercem no mesmo agenciamento: as matilhas nas massas e inversamente. As árvores têm linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência. Como não seria necessário um enorme ciclotron para produzir partículas enlouquecidas? Como é que linhas de desterritorialização seriam assinaláveis fora de circuitos de territorialidade? (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 46).

Enes e Bicalho (2014), complementam as colocações de Deleuze e Guattari ao afirmarem também que "nos processos de desterritorialização e reterritorialização, estão imbricadas as dimensões politica e cultural". Em outras palavras, para os autores, "um processo de desterritorialização pode ser tanto simbólico, com a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material – político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticos de integração" (ENES; BICALHO, 2014, p. 196).

Embora o isolamento involuntário (pela tenra idade) da terra natal - resultado de um território que se abandona e de outro onde se é inserido - quando em Paraty sinto-me (corpo, mente e coração) menos desterritorializado do que quando no sul, esse era também o sentimento – mesmo sem saber explicar – que sentia quando criança ao conviver com outra família. Talvez frutos de uma ruptura ou um agenciamento acelerado, mal negociado, onde

para alguns foi traduzido em lágrimas e para outros em um vazio inexplicável e impermanente. Pelo entendimento de Enes e Bicalho, (2014, p. 193 e 199), desterritorialização é o "movimento pelo qual se abandona o território" produzindo, "linhas de fuga" para outros planos.

O irônico ou não, é que o sentimento de desterritorialização ampliou-se, apoderou-se, a ponto que hoje, mesmo retomando o contato / mantendo-se próximo das raízes biológicas sente-se parcialmente incongruente. Parece que o sentimento da busca por um pertencimento está sempre em trânsito – de forma impermanente –, a cada nova morada/novo espaço. (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Ao se deixar o bairro Caboclo, em busca dos desejos dos genitores "fomos ajudados, aspirados" e de forma rizomática "multiplicados". Embora com o processo da desterritorialização, termos deixados de ser nós mesmos e mesmo distante do nosso espaço podemos nos reconhecer e nos reencontrar em nossas respectivas novas moradas (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

> Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter uma às outras. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

As famílias cresceram, houve naturalmente outras novas desterriterializações, a necessidade de novos espaços, para preencher os desejos e interesses provocados pelo mundo contemporâneo e capitalista vivenciado nas metrópoles. Novos costumes e hábitos heterogêneos, que ora somam aos do primeiro território o que para alguns já é a soma de outros tantos. Na perspectiva de Deleuze e Guattari (1995, p.31), vamos fazendo rizomas com o mundo, para evoluir, se capacitar e fazer novos territórios, todos com "seus limites sempre fugidios, suas fronteiras movediças e deslocadas".

> O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32).

Assim como nômades, em busca de se constituírem, de um melhor abrigo e respostas para os seus desejos e interesses, algumas famílias vagueiam de um estado para outro, de uma cidade para outra, eventualmente "da camada central à periferia, depois do novo centro à nova

periferia" (p. 67), conforme o próprio avanço das metrópoles. Em seus pertences transportam artefatos, fotografias, memórias, "permeadas por elementos que remetem, todo momento, a um território anterior" (ENES; BICALHO, 2014, p.210). Na perspectiva de Assmann (2011), quando nos distanciamos por outros ambientes/esferas, a memória do nosso primeiro espaço tende a se dissolver em nós.

Em 2021, surpreso, descobri que um casal tinha uma pousada no bairro Caboclo, com duas suítes. Os valores estavam acima do meu orçamento, mas algo me dizia que valeria a pena o investimento. Então em uma noite de setembro, chegamos na pousada Mar à Vista, onde os anfitriões Dona Cecília da Conceição Teixeira Colaço Santos (Portuguesa) e o Seu Herondino de Souza Santos (Paratiense), nos receberam.

Na manhã seguinte, ter a satisfação de acordar no bairro Caboclo, com o gorjeio incessante dos pássaros, poder abrir a porta do quarto e ver no horizonte distante o sol nascendo, refletindo nas Baías do Carioca e na de Paraty, é difícil narrar na íntegra. Nesta primeira manhã fui recepcionado por um gatinho adolescente a procura de comida e aconchego.

A pousada fica situada em uma lomba e curva acentuada que parecia um cotovelo e [curiosamente] aproximadamente uns duzentos metros [mais a cima] de onde morava o meu padrinho Benedito Gervásio, o Dito da Viola, como era conhecido entre os cirandeiros e no meio da Xiba, hoje Ciranda. O lugar foi comprado depois por um português – contou-me o seu Heron (Herondino), que havia saído conosco para uma breve caminhada. Mas já não havia mais vestígios da casa do padrinho Dito e mesmo da casa do Português, só restava uma caixa d'água. E pela rua de baixo, pelo meu entendimento a entrada oficial da casa, havia ainda vestígios do muro, da escada e de um poste que provavelmente sustentava a entrada de energia da casa. Tudo coberto pela vegetação.

Em outro amanhecer, foi possível observar do jardim inúmeros saguis chegando na área da pousada, alguns pelos cabos da fiação elétrica, outros pelas árvores. Eles vinham para comer, primeiro subiam em um mamoeiro e depois iam para uma jaqueira que fica muito próximo do quarto onde ficamos. Antes do café da manhã eu e minha consorte resolvemos caminhar, então seguindo pela mesma via, e quase uns quinhentos metros depois, avistei o mesmo casarão que eu havia fotografado em 1979, quando saí a caminhar pelo bairro Caboclo com o padrinho, observando-o colher cachos de banana. Lembro-me dele carregando os samburás sobre a mula, preparando-se para ir até a cidade vender. Na mata, bananeiras e imensos bambus se espraiam por todos os lados. Até o referido casarão, a estrada atualmente é feita de um pavimento de concreto compactado, não mais de chão batido como era

antigamente. Através das publicações das fotos de 1979, no Grupo Paraty Antiga e Seus Moradores, descobri nos comentários que o Tio Dito aceitava encomendas para fazer samburá, similares aos grandes cestos de vime que se encaixam no lombo das mulas.

Durante a estada na referida pousada, após o reforçado e delicioso café da manhã, eventualmente ganhávamos uma carona até a cidade, em outros momentos optei em ir caminhando para eu estimular as memórias de 1979. Houve um dia em que preferi não sair do bairro Caboclo. É como se sentisse um chamado da terra, da água e de toda mata: "fique". Em uma daquelas manhãs, ao subir o morro, era audível constantemente alguma queda d'água escondida na mata. Então descobri nesta estada no bairro Caboclo, a cachoeira de onde parte um dos pontos d'água que abastece a cidade. Segundo Freire (2012), com o aparente crescimento de Paraty, por volta de 1954 foi construído essa segunda adutora. De acordo com Maia (1976) e Mello (2009), no mesmo ano em que acontece a conclusão da Estrada Paraty-Cunha, que conforme mencionado anteriormente, marca o final do isolamento e o início Ciclo do Turismo. O morro do bairro Caboclo é um sobe e desce e onde não tem a intervenção do homem a mata é espessa e o chão é um verdadeiro tapete de folhas secas e amarelas repleto de galhos e gravetos de variados tamanhos. Os enormes bambuzais dão a impressão de que estamos dentro de um set de gravações de um filme e que a qualquer momento vou escutar o rugido / ronco agudo de uma onça pintada ou ver uma onça parda sair por detrás de todo aquele enorme verde, como narrou a minha Tia Silvana. No bairro Caboclo assim como no Caminho do Ouro, a beleza estonteante da Mata Atlântica, embora boa parte não seja mata original, pode esconder o perigo, pois existem pontos, que ao lado de inocentes trilhas a densa vegetação pode encobrir além de serpentes peçonhentas, grandes barrancos, verdadeiros abismos.

As grandes pedras/rochas que encontram-se pelo caminho também se parecem com as que existem na Estrada Real, utilizadas em séculos passados pelos batedores[217], como a pedra da vigia. O bairro Caboclo com chuva e a lama escorregadia é uma aventura ao cubo. Sorte são as pedras e fortes raízes que se espalham e crescem por algumas trilhas, servindo de apoio e de escadas. Nas estações mais quentes os mosquitos e borrachudos nos fazem esquecer o cansaço e outros obstáculos.

Outro dia, acordei para acordar o sol. Eram 5:16 quando documentei a primeira foto do horizonte clareando, preparando-se para recebê-lo, e havia uma fina neblina que cobria o mar. Jabaquara ainda dormia. Era possível, através da teleobjetiva da câmera, avistar umas

[217] Aquele que vai na frente e abre caminho. Fonte: https://www.dicio.com.br/batedor/ - Acesso em: 27 abr 2023.

poucas luzes acessas na Ilha dos Pássaros, situada na Baía Carioca em frente à Praia do Jabaquara. Aquele certo felino já estava por volta da casa, e ao mesmo tempo que buscava aconchego observava os passarinhos acordando. Se morador do bairro Caboclo eu fosse deixaria ele me adotar, pois é um excelente companheiro de caminhada na mata.

6.1.2 - O primo Laércio

Nesta mesma manhã, conversa vem, conversa vai com os nossos anfitriões, quando seu Heron combina de me levar lá no final do bairro Caboclo, para me apresentar uma pessoa, que talvez tenha conhecido os meus pais ou alguém da minha família biológica. Seguimos o mesmo caminho até aquele casarão que mencionei anteriormente, mas desta vez tomamos um desvio para a esquerda, onde o pavimento hoje ainda é como antigamente, de chão batido. Após o seu Heron fazer uma breve apresentação, para a nossa surpresa, quando comecei a responder à pessoa em questão, o seu Laércio, que minha origem é de Floripes Rosa da Nascimento e ..., ele prontamente me interrompeu e falou: "Mas ela é minha prima!" Primos? ...indaguei, então somos primos! A reação de alegria do restante da família presente, foi contagiante... e depois dos abraços e de uma longa conversa, houve a merecida foto de família.

Assim como nas comunidades caiçaras que visitei, a casa do Primo Laércio não é mais de pau-a-pique, já é de alvenaria, mas a cozinha continua sendo externa, aberta, arejada, com as panelas de ferro no fogão à lenha feito de tijolos, estilo fogão campeiro. Essa é uma paisagem atemporal do bairro Caboclo: em 1979 já era assim e vinte anos antes também. Atemporal, mas não exclusiva, pois hoje em algumas outras comunidades ainda é possível encontrar casas com essa composição. Atualmente, nas terras do primo Laércio, dos seus filhos e das irmãs [minhas primas, que descobri não residirem mais no Brasil] e mesmo na parte mais remota do bairro Caboclo já tem água encanada e energia elétrica. Fiquei de passar outro dia na casa do primo Laércio para prosear e tomar um café. No caminho de volta para a pousada, contemplando todos os cenários lembro do comentário do guia de turismo em 2018: "muito lindo aqui, só não sei por que esse lugar se chama caboclo" [TOLEDO, 2018].

Uma semana depois, já hospedados em uma pousada container na cidade, após o [primeiro] café da manhã, retornamos ao bairro Caboclo, para fazer uma visita ao primo Laércio e levar uma fotografia que mandei estampar em uma cerâmica/azulejo e moldurar. Compensou a longa caminhada da cidade até a zona rural e subir o morro do bairro Caboclo,

bem como era antigamente, como narraram os meus primeiros colaboradores da pesquisa. No caminho, após o trajeto pavimentado em concreto compactado, era preciso caminhar com cautela pois tinha trechos que a estrada de chão batido estava pura lama, devido às chuvas intensas das últimas horas/dias. A visita foi com direito a mais um café preto, mas desta vez passado na hora e acompanhado de algumas histórias e memórias. Enquanto o primo se contemplava no retrato de família moldurado, nova fotografia eu capturava. A fotografia, segundo Kossoy (2007, p. 131), "é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos, documentos vivos ou mortos, é sempre a memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência". Daí a importância da fotografia para a memória da experiência humana.

> A fotografia tem se prestado, desde sua invenção, ao registro amplo e convulsivo da experiência humana. A memória do homem e de suas realizações tem se mantido sob as mais diferentes formas e meios graças a um sem número de aplicações da imagem fotográfica ao longo dos últimos anos [...] (KOSSOY, 2007, p. 132).

Pelo pensamento de Kossoy (2001), ao falar em fotografia fala-se em atravessamentos da memória da experiência humana na imagem, da fotografia enquanto ferramenta na sua preservação. Vem sendo questionada sobre sua validação e representação enquanto documento, pois contém muitas informações sobre um momento passado, uma vez que se torna uma representação de um fragmento da 'realidade' transformado em algo visível. Questiono, então, o que seria das paisagens [do bairro Caboclo], dos seus sujeitos e dos acontecimentos "sem um espelho com memória" (KOSSOY, 2007, p. 159), para gravá-los?

Durante estas conversas, enquanto pratico a escuta, acabo rabiscando ou redesenhando no meu diário de campo a árvore genealógica das famílias que viviam no bairro Caboclo. Com a câmera em punho, tanto na ida como na volta, pude recordar de 1979 e fotografar, um dos pontos por onde o tio Dito caminhava para colher bananas e levar para vender na cidade. Padrinho foi lembrado de diversas formas, quando publiquei um dos retratos que fiz em 1979, o Dito da Viola, casa onde aconteciam as melhores xibas, das suas aparições na cidade, com a sua mula carregada de bananas e das encomendas dos samburás, os cestos de vimes.

Sobre um Xiba em Paraty Mirim

Conta-se: "É causo, mas dizem que Jesus,
quando andava por aqui, vinha com São Pedro. Quando chegou em uma casa
onde estavam rezando, Pedro falou:
- Jesus, vamos pousar aqui?
- Não, Pedro, aqui não.

Continuaram a viagem, até chegar noutra casa, onde estavam dançando um Xiba mesmo entusiasmado. Aí Jesus falou:
- Pedro, vamos pousar aqui.
São Pedro se assustou:
- Mas o Senhor não quis pousar na casa onde estavam rezando, ouvindo a sua voz, Senhor! Vai pousar aqui, onde o pessoal está se acabando neste Xiba?
- Não, Pedro. Aquele pessoal estava rezando mas não estava pensando em mim, estava pensando em sair dali e fazer maldades. Aqui não. Você preste atenção como estes estão se divertindo com pureza, com o pensamento livre. Não estão pensando em maldade, apenas em brincar, em bater o Xiba..."

(PARATY para ti - Thereza e Tom Maia, 2000, p. 63)

6.1.3 - O Primo Zé Malvão

Na quarta-feira de 19 de janeiro de 2022, com ajuda do amigo cirandeiro Fernando Alcântara, foi dia de minha consorte e eu irmos no Bairro Ilha das Cobras conhecer o primo "Zé Malvão", filho de Manoel Malvão, morador do bairro Caboclo, lembrado pela Dona Flor durante a nossa primeira entrevista. Após cruzarmos a nova passarela que une o Centro Histórico com o estigmatizado [por muitos] bairro Ilha da Cobras, já foi possível avistá-lo aguardando sentado sobre a sua bicicleta, na curva da Rua José do Patrocínio, nas proximidades do novo Mercado de Peixe. O primo cirandeiro, hoje com 76 anos, toca desde os 16. No interior de sua casinha, dedilhando para nós a sua viola de dez cordas, honrado, menciona: "...já toquei por aí tudo, toquei com Antônio Marcolino, Pedro Jeremia, Zezinho, e Benedito Gervásio" [ZM, 2021]. O primo lamenta os amigos que largaram a roça e vieram morar na cidade, como o seu Júlio, Gervásio e Paulo Simão: "...tristeza, parados, sem diversão, sem nenhuma atividade física, acabaram adoecendo e logo morreram. Dos que vieram da roça, só eu estou vivo...". Na percepção de Malvão, infelizmente, falta divulgação pra ciranda. E as novas gerações tem pouco interesse nessa tradição [MALVÃO, 2022]. A falta de transmissão de um bem como a ciranda, pode gerar um esquecimento e colocar em risco toda uma ancestralidade.

Enquanto eu escutava o mestre tocando, observava na parede um quadrinho de moldura preta, que dentro do mesmo espaço tinha quatro fotos gastas pelo tempo, de quatro momentos e lugares diferentes. E do lado esquerdo da sua estante, ao lado de sua garrafa de álcool, um porta retrato em madeira com adereços que pareciam ser de prata, por trás do vidro, uma foto sua de terno, ainda jovem, de quando se preparava para servir ao exército. E do lado direito da estante, cópias do CD em que participou tocando ao lado dos seus

amigos/colegas[218], estampados na capa e contracapa. Pela perspectiva de Flusser (2002), as fotografias abrem para mim, que observo, algumas visões do mundo pelo qual o meu primo transitou ou transita. E que pelo seu comportamento e relatos, sonha em continuar transitando.

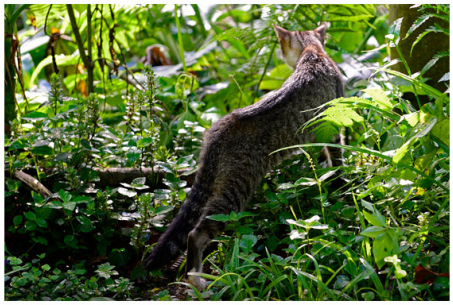
Sontag (2004, p. 28), adverte que "cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes"; argumentando que para a memória, mais importante seria uma imagem fotografada no lugar do movimento, devido a um corte abrupto ocasionado pelo fluxo, cancelando aquela imagem que veio antes. Enquanto penso nos retratos expostos do Primo Malvão, procuro ainda enfatizar a importância da fotografia para a memória das experiências humanas. O historiador Jacques Le Goff (2003, p. 466) compreende o surgimento da fotografia como um evento "que revoluciona a memória, uma vez que multiplica, democratiza e dá precisão e verdade visual de maneira nunca atingida. O que permite guardar a memória do tempo e da evolução cronológica", se convertendo à vista disso pelo olhar de Le Goff (2003), um testemunho eficiente para guardar as evidências de alguma coisa de outro tempo no presente.

Na busca de respostas sobre rupturas e agenciamentos, respostas e conclusões que provavelmente não terei por completo, busquei encontrar um dos membros da família Nascimento, o "Ditinho" [filho do Benedito Gervásio], citado pela Tia Noêmia durante uma de nossas conversas. Procurei seguir a recomendação da Tia, mas infelizmente, com a cidade fechada devido a pandemia de COVID-19 [e mesmo depois de aberta, muitas comunidades permaneceram fechadas para protegerem os seus griôs] e a reorganização do meu cronograma, não cheguei a tempo. Ditinho, que depois da construção da estrada Rio-Santos, saiu do bairro Caboclo, por ter vendido as suas terras a uma família de São Paulo, foi trabalhar no Condomínio Laranjeiras e ficou morando pelas imediações. Com o passar dos anos e os desafios de uma vida precária e a saúde fragilizada, veio a falecer em 2022.

Em setembro do mesmo ano tive a alegria de reencontrar o primo Zé Malvão. Desta vez o mestre e o seu violão de dez cordas estavam acompanhados com o seu grupo de cirandeiros. Ouvi-los cantar e poder fotografá-los, enquanto caminhávamos rumo à quadra de esportes, pela pavimentação pé-de-moleque molhada da chuva e realçando o brilho da noite, onde concentravam-se as exposições do Festival Internacional de Fotografia, valeu o dia todo.

[218] Edilson Padua (contador; toca também na Banda Santa Cecília), Julinho de Souza (barqueiro e pescador, mestre cirandeiro), Bene Padua (comerciante, toca também na Banda Santa Cecília), Fred Carvalho (enfermeiro), Maneco Pacheco (barqueiro e pescador), Adail Ricardo (taxista e lavrador) e Leonidas Passos (professor e animador cultural).

Bairro Caboclo, Outubro de 2021







Bairro Caboclo, Outubro de 2021 | Vestígios.




Bairro Caboclo, Outubro de 2021 | Contemplando.





Bairro Caboclo, Outubro de 2021 | O Primo Laércio.





Bairro Caboclo, Outubro de 2021 | Memórias.



Ilha das Cobras, 19 de Janeiro de 2022 | O Primo Zé Malvão.



Centro Histórico, 21 de Setembro de 2022 | O Primo Cirandeiro.





6.1.4 - Tia Silvana

Centro Histórico, sexta-feira, 23 setembro 2022. Anotei em meu diário de campo: rumo à Mangaratiba. A caminho do meu destino, enquanto aguardava o horário do ônibus, para a coleção de fotos pedidas, registrei no Cais de Angra dos Reis quatro jovens que estavam a passeio, aguardando a barca para fazer a travessia rumo a Vila do Abraão na Ilha Grande (Figura 41).

Figura 41 - Travessia Angra dos Reis, Conceição de Jacareí e Mangaratiba – Ilha Grande



Fonte: https://toptransferbrasil.com.br/ [219]:

O ônibus que eu aguardava seria o segundo transporte dos quatro que foram necessários para fazer uma surpresa a minha Tia Silvana *(in memorian)*, grande colaboradora com as suas memórias [e com os esquecimentos também] no início e ao longo desta pesquisa. Existem acontecimentos, ciclos passados de nossa vida, que muitas vezes desejamos esquecer ou silenciar, tamanha a dor e sofrimento. Isso foi algo recorrente na pesquisa, o que me faz contemplar a capacidade do ser humano compartilhar mais esquecimentos do que memórias (CANDAU, 2018). Em Angra, aproveitei para fotografar novamente a Igreja Matriz, lembrando que em 1991 também, enquanto aguardava o ônibus só que rumo a Paraty já havia fotografado, naquela ocasião não muito, devido ao entardecer e por estar fotografando com filme. O Centro Histórico de Angra ainda guarda algumas edificações do período colonial, mas creio que a mais majestosa é a do Convento do Carmo de Angra dos Reis, no estilo barroco rococó (século XVII – XVIII). Depois de descer do ônibus que aguardava e embarcar em uma van, finalmente chego em Mangaratiba. Após caminhar algumas quadras a procura

[219] Fonte: https://encurtador.com.br/ijntD - Acesso em: 8 ago. 2023.

da Rua e depois para achar a número 22, encontrei a minha tiazinha, surpresa, muito surpresa com a minha presença. No início da conversa, ela tímida perguntou se eu já havia almoçado, minha fome depois de tantas baldeações, era grande. Aceitei e repeti, já estava me sentindo em casa. Só lamentei nesse encontro não ter podido ficar mais tempo, passar uma noite ou duas talvez. O corpo da Tia Silvana era tão frágil, que fiquei com medo de abraçá-la. Da janela da sua casa e da casa ao lado que pertencia à Danny, minha prima, é possível avistar perfeitamente toda a baía e lançando o olhar para o horizonte em frente é possível avistar Ilha Grande. Mangaratiba e Angra são os pontos principais para se fazer a travessia para a Ilha Grande. Naquela tarde, a foto da tia, das primas e a nossa foto em família, foram as mais importantes. Da minha prima ganhei um presente, um livro sobre Mangaratiba, fruto da pesquisa de uma memorialista local, a qual vim folheando no retorno. Lindo. A conexão com Paraty em séculos passados como narro em outros pontos da pesquisa foi grande. E esse sentimento permanece na mente e no coração dos antigos. Fotografei em companhia das primas a praça, a Igreja Matriz, alguns casarios coloniais o movimento do cais e do ponto de vista do próprio cais os morros que cercam a pequena cidade procurando, no ato, encontrar a casa cor de laranja da Tia Silvana.

Finalmente consegui concretizar essa viagem a Mangaratiba, desejada durante a quarta saída a campo. Desejo que foi aguçado após leituras sobre a sua antiga ligação com Paraty, pois para muitos paratienses, em outros tempos, lá por meados de 1900, para se chegar à capital, fazia-se necessário pegar uma *"barca de carreira"* até Mangaratiba e depois o trem da Estrada de Ferro Central do Brasil. Totalizando muitas horas de viagem. Ir conhecer esta cidade pode parecer que estou desviando do meu objetivo nesta pesquisa que é de apresentar Paraty e o modo de viver dos seus moradores, mas além do importante panorama histórico[220] entre as duas cidades, para mim tinha também a questão afetiva de conhecer pessoalmente a Tia Silvana, que assim como outros parentes colaboradores entrevistados, tanto colaborou para esta pesquisa com informações preciosas, me ajudando a construir uma identidade e memória do bairro Caboclo e a sua relação com a cidade e a minha própria identidade. Sem contar que o cais do porto de Mangaratiba é o terceiro ponto para se fazer a travessia para a Vila do Abraão na Ilha Grande, parceira de Paraty no título de Patrimônio Misto.

[220] Em meados de 1907, uma das grandes esperanças de tirar Paraty do seu isolamento, era o projeto do Ramal Ferroviário para Cunha/SP, de autoria do Engº Justin Norbert, e defendido/representado pelo Dr. Alfredo Casemiro da Rocha (COSTA, 1922).

Mangaratiba, 23 de Setembro De 2022 | Tia Silvana



Mangaratiba, 23 de Setembro de 2022 | Centro Histórico e a Ilha Grande



6.1.5 - #diariodecampo em Fev./Mar. 2023

Em 1º de março de 2023 [sete meses depois], trilhando pelo calçadão da Praia do Jabaquara, a caminho da Toca do Cassununga, encontro sentado em um banco, o Seu José Luiz Alves Cananeia (1955), filho de Bento Cananeia, comerciante que em décadas passadas, antes mesmo da estrada Rio-Santos existir, possuía uma venda, segundo ele "a única na época, na Praia do Pontal". Mas contando melhor, na verdade foi o Seu José que me viu passar e chamou: **"....oi, você não é o Fernando, que estava na Ilha do Araújo àquela vez?"** Então... Eu, incrédulo, mas agradecido, pois ele foi o autor da frase enquanto o seu barco partia [que me fez ficar pensando durante sete meses], me apontou e falou: **"...você é filho da Floripes, do Caboclo, conheci muito a Senhora sua mãe..."**. Respirei e o abracei, feliz pelo encontro.

Então a tal venda, o armazém em questão, era um dos pontos em que os moradores do bairro Caboclo desciam o morro, "faziam os seus vales" e negociavam os seus produtos ou trocavam por querosene, café e outros itens que usavam na roça. Seu José relembra como se fosse ontem, do Pedro Gervásio, do Roque, filhos do Benedito Gervásio e do próprio também, o Dito da Viola, meu padrinho. Lembra dos bailes e que estes iam até o amanhecer, pois como eram crianças ainda, eram carregados no colo, uma vez que não havia quem os cuidasse.

Conta que "todos se conheciam, o respeito era mútuo... Durante o dia a criançada costumava se reunir para caçar passarinho com atiradeira... Outros tempos..." E complementou, talvez ao perceber o meu olhar de espanto: "embora hoje ainda haja pessoas que cultuem ter passarinhos presos em gaiola e até caçar" [CANANEIA, 2023].

E no final da conversa ele me questiona: "e sobre o tal morro do quilombo que ficava atrás da casa do Benedito Gervásio?" [CANANEIA, 2023]. Bem, esse suspense [ou provocação] acabou ficando para um próximo encontro não programado, só espero não precisar ficar no suspense por mais sete meses. Segui o meu caminho pensando que: de uma maneira atemporal, as histórias, os momentos e os lugares se unem, que há encontros, que em um primeiro momento parecem existir apenas para se fechar um ciclo, atestar o que outros tantos lá no início da pesquisa narraram.

Quanto ao "morro do quilombo" no bairro Caboclo, talvez tenha alguma relação com uma recente leitura que realizei sobre o chamado "Quilombo de Paraty", o qual teria existido entre os anos de 1750 à 1813". E que deste Quilombo havia uma trilha ou mais trilhas que faziam a ligação com as fazendas Bom Retiro e Fazenda Bananal. Esse é um assunto que gera sozinho outros questionamentos, praticamente uma nova pesquisa. Mas confesso que não resisti, e em 30 de março, cheguei a publicar um questionamento sobre o "morro do quilombo" nos grupos do *Facebook*, Paraty em rede[221] e Paraty - Patrimônio e Turismo Cultural[222], que são flexíveis a outras discussões:

> Olá caríssimos moradores e amantes de Paraty, estou procurando mais informações sobre o Quilombo de Paraty (1750 – 1813). Então... Gostaria de saber se alguém mais já pesquisou sobre esse quilombo? ...se tem conhecimento de onde era localizado? ...alguma indicação de bibliografia. Agradeço, qualquer informação, que possa somar a minha pesquisa.

A soma dos grupos chega a quase 18 mil membros, em quatro meses não houve nenhum comentário público e recebi duas respostas privadas, de um caiçara paratiense e uma jovem negra paratiana, trocando informações que dariam para iniciar uma cartografia sobre o tema. Pelo silêncio e a baixa interação se comparada a outras publicações que fiz ao longo desses quatro anos, a sensação foi como se eu tivesse mexido em um assunto proibido em Paraty.

---

[221] Grupo aberto com o objetivo de conectar e integrar pessoas e atividades da cidade fortalecendo nossa rede global de autogestão. De uma forma mais simples: se trata de um monte de maluco que cansou de depender de um sistema desumano e estão se juntando pra realizar coisas juntos. Administrador: Sérgio Salvatti. – Fonte: https://www.facebook.com/groups/paratyemrede - Acesso em: 01 Ago. 2023.

[222] Grupo público para divulgação das diversas atividades culturais, do patrimônio cultural, turismo e do meio ambiente, que acontecem em Paraty, RJ, e na região. Administradora: Thereza Dantas.

Três meses depois, após já ter considerado por encerrada a coleta de dados para esse trabalho [sobre pressão devido ao tempo], de um comentário matinal pelo WhatsApp com a Tia Noêmia, surgem na sua fala, as respostas para algumas perguntas que estavam em aberto: "sim, o seu bisavô, por parte de mãe, Pedro Gervásio foi um homem negro escravizado; e sua bisavó, Maria Rita, uma mulher indígena". E complementa: "as muitas terras que passaram a pertencer ao seu bisavô Pedro Gervásio no bairro Caboclo haviam sido antes um Quilombo" [NN, 2023].

O Caboclo, assim como outros bairros de Paraty, a partir da década de 1960, começaram a sofrer com a especulação imobiliária e a gentrificação, ocasionando a saída de indígenas, caiçaras, negros e brancos, causando sensível mudança na paisagem do lugar. Constatei, através das entrevistas com alguns dos ex-moradores, que a extrema pobreza e a busca por novas oportunidades também foram responsáveis pela saída de algumas famílias de lá. Esse movimento para outros bairros, municípios e estados passou a acontecer justo no momento em que Paraty saía do seu isolamento de quase cem anos. Para alguns moradores faltou oportunidades e recursos, já para outros pode ter faltado estratégia ou interesse para resistir e permanecer na terra. Também, as diferenças entre as dificuldades enfrentadas pela geração da Dona Flor e das Tias Noêmia e Tia Silvana, foram possíveis de se perceber nos relatos dos Primos Laércio e Zé Malvão, assim como da geração dos meus irmãos mais velhos.

Hoje, assim como na parte mais remota do bairro Caboclo, já tem água encanada e energia elétrica, os terrenos estão divididos em lotes, ganharam cercas, muros, portões, algumas casas ganharam inclusive grades e câmeras de segurança. As terras do ex-prefeito, o seu Aloysio de Castro, "compadre da Dona Flor", foram compradas por um empresário paulista. Este um veranista, que os moradores sabem antecipar quando ele vai chegar, pois na véspera ele contrata uma empresa para capinar toda rua que dá acesso as suas terras, assim como os jardins internos. Mas no bairro Caboclo ainda foi possível encontrar o gado alheio solto pastando em outras terras e parte da antiga trilha, embora abandonada e que dava acesso à casa do Padrinho Benedito, a outra parte do estreito caminho, transformou-se em estrada e já encontra-se pavimentada. Nesta porção de Mata Atlântica as folhas que caem das árvores não transmutam mais na terra, morrendo de vez sobre a mistura de cimento e brita.

Para alguns dos ex-moradores, o jogo de lembrar, esquecer e silenciar, foi a defesa para sobreviver e poder recriar uma nova vida, uma nova identidade. A dificuldade em admitir ou negar a pobreza, o abandono, a boemia, o assédio, o abuso, foram apenas algumas das questões observadas. Foi possível perceber a dor de relembrar pelo brilho dos olhos ou

pelo desviar do próprio olhar, a mão na boca, o abaixar da cabeça, o soluçar, o sorriso travestido às vezes de dor, às vezes de vergonha. O que a memória de cada um dos colaboradores silencia, oculta, apaga, relembra... "é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização". (POLLAK, 1992, p. 4). E foram estas algumas das defesas utilizadas para deixar certas memórias subterrâneas (POLLAK, 1992) literalmente enterradas. E como apresentei de forma similar no capítulo anterior, a decisão de silenciar o passado podem ter partido de questões pessoais, sociais ou políticas, assim como podem ter sido construídas tanto de forma consciente como inconsciente.

Eu contemplo o ato de compartilhar estas memórias, para mim e outros irmãos, primos, tias, como na perspectiva de Candau (2018), uma necessidade de acreditar que pertencemos a um mesmo grupo familiar, através destas mesmas recordações. E, também, por crer que em certo momento de nossas vidas tivemos um passado comum que se faz necessário preservar e compartilhar com as nossas futuras gerações. Outros testemunhos ficaram registrados no meu diário de campo, nos áudios obtidos com o minigravador e nas imagens captadas com a câmera fotográfica ou eventualmente através dos dispositivos móveis pela minha consorte. Não foi possível compartilhar todos os resultados aqui nesta seção, por esta e outras rações é que estou "rascunhando" um ensaio que talvez receba o título de **"Nós éramos caiçaras e não sabíamos",** devido a resposta que recebi da minha amada mãe biológica, quando eu procurava identificar para ela as comunidades tradicionais existentes em Paraty: "Caiçaras? Esses eu não conheci!" [Dona Flor, 2019].

Não que tenha se tornado uma regra, mas aqueles colaboradores que no primeiro contato me responderam que "não lembravam de nada" foram os que fizeram as mais profundas revelações em um momento posterior. Tia Silvana, uma destas caríssimas pessoas, aos 83 anos, partiu deste mundo em 7 de abril de 2023.

7 - PARATY POR OUTROS OLHARES

> "Quando os pobres brigam entre si, os ricos têm todas as razões para se alegrar" [...] "A liberdade de movimento da elite depende em grande medida da incapacidade ou falta de vontade da ação comum dos nativos. Quanto mais pulverizados estes, tanto mais fracas e diminutas as unidades em que se dividem, tanto mais a sua ira se gasta em brigas com vizinhos igualmente impotentes, e tanto menor é a chance de ação comum"
> (Zigmunt Bauman)[223].

Esse é o momento de trazer outros olhares para analisar através do patrimônio cultural e paisagem cultural. Com as sete entrevistas e três publicações [desabafos] pinçados das redes sociais alusivas a Paraty, apresento neste capítulo outros olhares sobre os movimentos que acontecem na cidade, e que retratam a impermanência da cultura, do patrimônio e da memória dos seus moradores diante de alguns dos problemas socioculturais que mais a fragilizam. Realizados em períodos diferentes, o lugar e os horários dos encontros foram negociados com os colaboradores entrevistados. E estes foram escolhidos após um período aproximado de um ano, observando-se os moradores que considerei proativos pelas redes sociais e/ou nos períodos em que estive em campo. Durante as saídas a campo e nos grupos no *Facebook* dos quais participei, recebi outras indicações, então creio que devo ter contatado com mais de vinte moradores. Diante do meu prazo que se esgota para finalizar essa pesquisa, queria ter mais tempo para dar atenção às falas dos colaboradores entrevistados, para poder analisar e valorizar mais cada palavra, cada frase desses moradores que cederam o seu tempo para abordarem comigo temas como: cultura, educação, patrimônio, memória, turismo, saúde, segurança... frente ao recente título de Patrimônio Misto concedido pela UNESCO.

Na saída a campo de setembro de 2019, agendei entrevistas com os dois primeiros moradores. No prisma da história oral, "tempo, memória, espaço e história caminham juntos" (DELGADO, 2003, p. 10), e por essa razão, na busca de documentar o movimento interno e externo de seus moradores, lembranças, vivências recorrentes, ações em defesa da cultura, da memória e do patrimônio de Paraty, resolveu-se incluir na metodologia a realização das entrevistas[224].

---

[223] BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade e busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 95-96.
[224] A pauta básica da entrevista encontra-se nos anexos.

7.1 - O diretor voluntário

No momento em que cheguei na cidade em 2019 me instalei e já fiz contato com o primeiro entrevistado, o senhor Amaury Barbosa, que na ocasião atuava como diretor voluntário do Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP). A primeira entrevista então começou por meio de um contato telefônico e, na sequência, com trocas de mensagens por *WhatsApp* em que marcamos de nos encontrarmos um dia depois do almoço. A escolha por iniciar com o diretor do IHAP e na sede da instituição deu-se por considerar, assim como Barbosa [2019], esta instituição como a guardiã da memória e do patrimônio de Paraty. Ao chegar no IHAP fomos apresentados por um dos funcionários, e na busca pelo silêncio do ambiente optamos por uma das grandes salas no interior do Instituto para iniciarmos, após uma breve conversa informal sobre quem eu era, os meus objetivos e a relação com a cidade de Paraty. Amaury Barbosa, 73 anos, naquele momento "presidente voluntário do IHAP – Instituto Histórico e Artístico de Paraty, que é o guardião da Memória da cidade", é sociólogo de formação, tem pós-graduação em Tecnologia Educacional e em Ciências Ambientais e tem Faculdade de Letras também. Conversamos sobre sua trajetória de vida e como iniciou a sua relação com o patrimônio e a memória de Paraty:

> Fui durante 12 anos Secretário de Turismo e Cultura daqui, sendo que a primeira vez que eu fui Secretário, foi antes destes 12 anos, foi em 1982, onde nós iniciamos o projeto de Paraty Projeto de Patrimônio da Humanidade, que não foi pra frente, por algumas adversidades... E... Em 2001, resgatamos novamente o trabalho né, a elaboração do Dossiê e há um mês atrás nos tornamos Patrimônio da Humanidade depois de vinte e tantos anos de labuta e de discussão, de trabalho, enfim a UNESCO conseguiu entender os nossos objetivos. [AB, 2019][225].

Ainda na busca de saber sobre a sua trajetória, conversamos sobre as suas experiências profissionais no seu trânsito Guaratinguetá - Paraty literalmente junto com a nova fase econômica: o Turismo. Questões atemporais, incorporadas em uma história oral, ajudam a construir uma narrativa. Pois, como afirma Delgado (2003, p. 10), "o tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos, que inserido à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações". Barbosa [2019], relata que após sair da sua cidade natal, e percorrer outros estados foi para o Rio de Janeiro.

> [...] para trabalhar com Dom Edmund Lais que era o vice-presidente da CNBB, trabalhei por dois anos, começamos a fazer um trabalho aqui em Paraty, porque em 76 com a abertura da Rio Santos começaram as especulações imobiliárias e também a grilagem de terra, porque Paraty fica mais de 80 anos totalmente abandonada... É...

[225] Neste capítulo são utilizados colchetes para referenciar os colaboradores e suas narrativas.

> Depois da libertação dos escravos, né... Então a CNBB começa a fazer um trabalho aqui, fiquei um ano viajando entre Rio e Paraty, Rio e Paraty, até que depois de um ano eu resolvi não voltar mais e estou aqui até hoje... [AB, 2019].

As mudanças de cidade, trabalho e outros agenciamentos auxiliam para atestar que "são os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história" (DELGADO, 2003, p. 10). Além da CNBB, outros fatores possibilitaram e/ou facilitaram Barbosa vir morar em Paraty.

> Apesar de já conhecer Paraty... Porque sou de Guará... Meus tios tinham casa aqui e vinha passar férias, mas nunca tinha pensando em morar... Tive uma barraca na Praia do Pontal, durante um ano, depois aqui do lado do Coxixo, abri uma lanchonete que se chamava Miota, é uma figura do folclore aqui de Paraty né... E durante oito anos ali do lado da Maria Della Costa, ao lado do Coxixo, e... Era o ponto de encontro dos jovens de Paraty, principalmente na década de 1980, que grandes acontecimentos, assim como... Gabriela que estava sendo filmado aqui, o Marcello Mastroiani, a Sônia Braga... Aquela parafernália toda... Foi uma das produções mais ricas que eu já vi aqui em Paraty, ficou um ano, filmando aqui... Então era um movimento muito grande mesmo, e a lanchonete nesta época bombava, era o lugar mais jovem... Tinha o Canasvieiras mas que era do pessoal mais coroa (*risos*). E... Depois vendi a lanchonete... Prestei concurso público, para o Estado / para o Município, eu sou professor na realidade, o resto eu estive e estou, professor é a minha formação é a minha vocação mesmo... E... Aí fui... Entrei no Estado / no Município comecei a trabalhar nos dois... Do município escolhi uma escola da Zona Rural, pois estava cansado da cidade e aí na época da lanchonete eu dormia as 6h... 7h da manhã, porque a noite inteira era a lanchonete, quando eu comprei este sítio eu escolhi Pedras Azuis pelo nome que eu nem conhecia, achei o nome bonito, escolhi, aí vou dormir às 6h da tarde (*risos*),5h30 6h da tarde, inverti a minha vida inteirinha, geminiano é assim mesmo, faz tudo de novo. E... depois de cinco anos trabalhando nessa escola rural e no CIEPE aqui. No CIEPE eu fui professor três anos depois fui diretor aí... Eu pulava de um lado para o outro. Aí eu fui convidado para ser assessor da secretária da Secretaria de Educação, aí eu fiquei um ano e pouquinho, nem um ano com ela aí o prefeito me convidou para ser secretário de turismo que o secretário havia saído... Aí o resto da minha vida foi assim ficava no município e ficava no estado. Então fui diretor do NEC que é Núcleo Estadual de Educação, fui diretor do Vale do CIEPE da Pequenina Calixto[226], coordenador de educação ambiental, professor sala de aula, secretário de turismo e cultura sala de aula, era uma loucura, até que três / quatro anos atrás eu me aposentei aí mudou o governo coisa e tal ai eu resolvi não fazer nada. Aí me pegaram para ser presidente do IHAP (*risos*) e aqui estou. [AB, 2019].

Já nesta primeira colaboração para a pesquisa percebe-se algo em comum com outros participantes, que é a constante impermanência dos moradores da cidade, que transitam entre moradias e ocupações laborais, ou por necessidade ou por escolha. E, também, percebe-se o quanto essas ocupações assumem um caráter multitarefas para alguns agentes. E sobre o "*me pegaram para ser presidente do IHAP",* o Instituto Histórico a Artístico de Paraty, Barbosa

[226] Escola Municipal Professora Pequenina Calixto.

(2019), conta que a primeira sensação ao receber o convite para assumir a Diretoria da Instituição foi de "negar", pois já havia sido anteriormente.

> Teve uma época que o secretário de turismo e cultura, de cultura principalmente era também o presidente do IHAP, ele coordenava as duas coisas porque o prédio aqui é um prédio do município tudo, teve uma biblioteca também que quem cuidava era o IHAP então, depois que passou para a municipalidade então a gente... Ahh... Ambas as funções. E várias vezes eu fui da diretoria como conselheiro e depois quando eu me aposentei eu falei "agora eu só quero viajar" apesar que toda a época da elaboração do dossiê a gente viajava muito pela UNESCO, mas era trabalho que a gente ficava dez dias em um lugar e só tinha o domingo as vezes para olhar um pouquinho a cidade. Aí eu resolvi voltar para todos os lugares com calma para poder ver realmente o que eu não tinha visto. E eu falei "agora eu não quero mais" só que havia acontecido uma mudança política e a presidente do IHAP como, eu ainda sou funcionário público né, mas ela não era, então ela deixaria de receber, que ela recebia como diretora de cultura, como mudou o governo muda tudo. Ai, não você tem que se candidatar, você precisa não sei o que, aquela confusão e eu iria viajar, eu estava indo para Portugal... A eleição foi em agosto e eu estava indo em outubro para Portugal, então quer dizer eu tinha um mês e pouquinho eu disse "eu não quero gente" e todo mundo vamos a gente ajuda, não sei o que, achei que não iria ganhar e acabei ganhando. Ai estou aqui até hoje. [AB, 2019].

Em 2019 fez vinte anos que Paraty, em trabalho conjunto com o IPHAN, buscava o título de Patrimônio Cultural. Na busca por manter essa relação - patrimônio, cultura e turismo - e o que é considerado cultura dentro deste momento de Paraty, Barbosa descreve primeiro como conseguiram reverter o dossiê, após várias tentativas [todas em exposição no IHAP] que, embora buscando o entendimento da UNESCO, sempre faltava alguma coisa. Foi um longo processo de busca pelo que seria um valor único em Paraty, mas considerando toda a sua [bio]diversidade.

> A gente começou em 1981... Ahhh... 2001 perdão. 1982 foi a nossa primeira tentativa, depois eu vou mostrar para você [no acervo do IHAP], tem uma cronologia de todos os dossiês que eu expus aqui, porque o instituto esteve presente desde a elaboração do primeiro que eram dois comitês, um executivo, que eu já era o presidente do executivo e um comitê popular que era os diretores do IHAP que faziam parte de um comitê popular. [...] Vieram vários consultores aqui que a gente conseguia, que a UNESCO mandava davam sugestões e a gente não tinha acertado. Eu me lembro o primeiro que veio aqui, já faleceu, Mecias Vandros ele disse assim **"vocês têm que encontrar a alma de Paraty"** e a gente não conseguiu entender nessa época tudinho, primeiro foi o Caminho do Ouro, porque tem que ter um valor universal único que eles chamam de voo [valor universal excepcional]... Então o Caminho do Ouro para nós era porque durante 250 anos esse caminho é que trouxe... Saiu riquezas, entraram coisas não só bens, mas filosofia, ciências, política, religião tudo que acontecia na Europa era por aqui... Só que eram... Um portão de entrada para o interior do país né, desde que os portugueses chegaram aqui e que um vem e determina que o caminho oficial para escoar o ouro fosse o porto de Paraty, então vira um entreposto comercial muita coisa chegava e saia. [...] Então quando ele disse **"vocês têm que encontrar a alma de Paraty"** a gente tentou várias coisas natureza, paisagem natural aí a uns cinco anos atrás a UNESCO criou uma categoria que era patrimônio misto e só tem 36 no mundo aí eles sugeriram porque vocês não

> buscam um valor único, mas inserido nesse patrimônio misto que é o natural e o material, o material com a presença do ser humano, o homem interagindo com essa natureza. Nas Américas a gente tem seis patrimônios mistos, seis agora né patrimônio misto, mas todos eles são sítios arqueológicos tipo Machu Picchu, por exemplo, e então o que que a gente iria buscar em Paraty que tivesse um valor único foi justamente a cultura as comunidades tradicionais. Porque por esse isolamento que Paraty sofreu durante 80 anos se preservou dessa troca de coisas que chegavam e saiam se preservou uma riqueza, uma diversidade cultural muito grande é.…a gente brinca, por exemplo, na Ponta da Joatinga tinha um pessoal, uma família que mora que a gente fala o japa, o japa não sabia o que que era a pouco tempo a gente descobriu que eram uns japoneses que tinham se estabelecido lá e deram origem. Você tem caiçara de olho azul de cabelo loiro, você tem caiçara de tudo que é jeito (*risos*) a maior diversidade de caiçara está aqui por esta mistura, por aqui chegavam gente de todos os lugares né, alguns fixavam e formavam famílias. E, então justamente a presença ainda que preservando seus valores culturais que é do índio, apesar de não ser os Guaianases, e sim os Guaranis mas são índios brasileiros que habitam a costa brasileira, dois quilombolas de afrodescendentes por que com a libertação dos escravos 80% dos escravos foram embora daqui ficou uma minoria aqui e numa comunidade chamada Campinho da Independência e ali criaram...uma área não era de resistência mas, era de sobrevivência não é. Ham... E os índios, os negros e os caiçaras que habita todo esse litoral nosso, não é. Então a gente tem três culturas vivas né, que preservam as suas tradições ainda convivendo com essa... Mata Atlântica, essa biodiversidade maravilhosa e com um centro né, a gente chama isso aqui de... esse espaço como se fosse uma arena, não é, todo cercado de montanhas um povoado aqui você sobe um pouquinho no morro do forte, por exemplo, você não vê o porto, você sobe a serra você não vê então ela tinha determinado... É um ponto estratégico mesmo então isso se preservou e essa cultura viva é que realmente deu o diferencial para todos os outros patrimônios mistos que já existem [AB, 2019].

Segundo Barbosa (2019), a relação Paraty – Patrimônio Misto pela UNESCO - com a Cultura, é uma questão fundamental para os moradores das comunidades, "a coexistência dela e que ela se preserve, [que] elas continuem cuidando das suas manifestações culturais da sua cultura enfim que ela está viva, a presença desse ancestral que veio de séculos né, essas tradições são premiadas até hoje, se mantêm" [AB, 2019]. Quanto à percepção, o sentimento do paratiense ou do paratiano [aquele que veio, se apaixonou e adotou a cidade], a compreensão da importância da cultura local precisou ser trabalhada. Daí pode-se afirmar que a educação patrimonial de crianças e jovens é um processo importante para a cidade, na reeducação da cultura, principalmente a caiçara, e na produção de memórias ancestrais importantes.

Este processo educativo que Barbosa [2019] tenta incentivar dialoga com Halbwachs (2006, p. 26), quando explica que as nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, e que sujeito não é nada mais que um instrumento das memórias do grupo, mesmo quando lembra individualmente. Ou seja, para que uma memória das práticas culturais seja mantida na comunidade, há a necessidade de que alguém a continue e mantenha, levando aos outros, assim, a importância da cultura e do patrimônio local. Busca-se, assim,

evitar a permanência dos esquecimentos, apagamentos das práticas e características culturais comuns entre os moradores.

> [...] nós tivemos um choque cultural na década de 1980 com a abertura da Rio / Santos começa a chegar gente aqui. Eu me lembro que quando eu estava diretor do CIEPE os garotos não queriam ser chamados de caiçaras eles... eu me lembro... aqui a gente, todo mundo andava a descalço na década de 1979 você ainda deve ter pego isso, hoje Maria Isabel anda descalço, Eli Rame que anda descalço a gente só lavava os pés na hora de dormir. Então de repente começam a chegar outros valores ham... música diferente que a gente dançava a ciranda, as festas era a ciranda né, aí começa a chegar outros tipos de músicas, aí a garotada principalmente os mais jovens começam a se retrair e não querem mais aquela cultura que eles tinham. Então deu um tranco assim, ai nós começamos a tentar entender dentro do CIEPE que na época... eu posso falar pelo CIEPE porque na época eu estava diretor, porque que estava acontecendo isso e o que que nós poderíamos fazer dentro da educação com o jovem para transformar isso. Ai nós começamos, um grupo de senhoras aqui é... começaram ham... ir duas vezes por semana no CIEPE ensinar a incentivar a garotada a voltar a dançar ciranda, obviamente eles não iriam só aprender e gostar eles precisavam ter alguma coisa a mais, ai nós fizemos contato com vários hotéis e os turistas chegavam, principalmente na época o Canoas que recebia muito grupo assim e eles eram contratados para dançar a ciranda, ai eles começaram a ganhar um dinheirinho e começaram a incentivar. Alguns anos depois um grupo de jovens também criou a Ciranda Elétrica, então deu um baque grande assim porque os mais antigos "não... que absurdo colocar guitarra, colocar n instrumentos de elétrica, eletrônicos" né "isso não pode" a gente tentou explicar que... que a raiz é que era importante porque o tempo né, a cultura ela é efêmera, ela é mutável então o que tava acontecendo de se perder algumas características culturais era justamente outros povos trazendo ham... A cultura aqui dentro então criavam um choque que a gente precisava fazer com que eles entendessem a importância, eu na época na direção eu me lembro que eu falava muito "gente" até um pouco de preconceito, mas eu dizia assim "vocês já viram excursão na baixada fluminense?" Ai eles "não, não" então "porque será que as pessoas do mundo inteiro vêm aqui? " Ainda falava mais assim, eu me lembro que eu falava assim "Coca-Cola a gente toma no mundo inteiro e café do caldo de cana a gente só toma em Paraty" então a gente sempre pegando para levantar a autoestima deles né... Ham... E daí esse grupo criou a Ciranda Elétrica e daí é uma novidade também para os jovens lógico aí eles voltam a dançar sabe. Então através da educação foi tento um resgate desses valores culturais né. Obviamente os mais antigos reagem de uma outra forma não é, mas depois foi criado também dentro das linhas transversais da educação... Na educação através de lei a obrigatoriedade da educação patrimonial que a gente entendia que tinha que mostrar que, a gente até fala assim... Para explicar para um garoto assim o que que é patrimônio né:
>
> **AB:** Qual o seu patrimônio?
> **Garoto caiçara:** Ah eu não sei, não sei.
> **AB:** Mas o que que você gosta?
> **Garoto caiçara:** Ah, a minha bola de futebol.
> **AB:** Ah então ela é sua?
> **Garoto caiçara:** É.
> **AB:** Então é seu patrimônio, você não gosta dela? É seu patrimônio, quando a gente gosta, a gente tem um patrimônio cuida dele. Você gostaria que chegasse um outro moleque e enfiasse uma faca e furava, não. Então Paraty é o seu patrimônio ela não é do prefeito, não é do vereador, não é do diretor, não é do professor, ela é de vocês, então vocês têm que se apropriar disso.
> [...]
> Então acho que a gente foi trabalhando isso com ele, não é, se você ver quebrar uma lixeira denuncie porque estão estragando um patrimônio que é seu, é um valor seu. Foi difícil, mas a gente conseguiu trabalhar dessa forma com ele para que ele

> entendesse o patrimônio, conhecesse esse patrimônio não é. Hoje eu estava conversando com ele, as reuniões da UNESCO nós fizemos em todas as comunidades, aí teve... Nossa dá para escrever um livro porque pintava histórias assim, o primeiro morador, na época, que já não está mais vivo, na época do patrimônio... Bairro Patrimônio, como é que ele se mudou para lá? Como é que ele começou aquele bairro? Entendeu. Então ham... E assim a gente foi fazendo... Mostra para as pessoas que eles têm que ter um pertencimento, porque o que é da gente, a gente gosta, ninguém tira da gente, certo. [AB, 2019].

A importância do patrimônio cultural passa também pela ação de cada morador, como também destaca Barbosa [2019], que continua ativo convocando aqueles que cruzam seu caminho para também seguir este exemplo – cuidar, preservar, conservar, etc.

> Então hoje, às vezes até eles fazem coisas erradas, como eu fui diretor, professor um monte de coisa então eu conheço a molecada toda, as vezes eu vejo um meio chapado no festival da cachaça fazendo uma desordem "poxa vida hem, você não está amando mais a nossa cidade, você ta destruindo um lampião desses. Esse lampião faz parte está dentro da história sua que não é de ninguém, ninguém inventou é sua" sabe. "O professor desculpa, desculpa" sabe ficou até..., mas eu acho que eles têm esse conhecimento eu sinto muito, por exemplo, o museu de artes sacras aqui ao lado, é um museu, a ideia que a gente tem de museu é uma coisa estática, aqui é um museu interativo porque todas as festas religiosas, cada festa... Cada igreja dessas quatro igrejas era cuidada por uma irmandade e as festas são eles que fazem também junto com os festeiros lógicos, mas terminou agora a festa da Nossa Senhora dos Remédios que é a padroeira. Então no dia da procissão dela os organizadores junto com os representantes daquela comunidade da igreja vem aqui na caixa forte pega todas as joias (...) lá tem joias maravilhosas e o pessoal pega brincos de brilhante, broxes e colar o que tem, quer colocar na santa pode sair na rua e nunca aconteceu nada, porque a comunidade sabe que aquilo é dela, **o olho está assim ó**, se alguém se atrever a fazer alguma coisa né. [AB, 2019].

E assim como se faz necessário uma educação patrimonial com o morador, o turista também precisa ter um entendimento, um zelo pelo patrimônio, seja ele material ou natural.

> ...eu me lembro que morei uma época dentro do Centro Histórico naquele sobrado... O Sandi, Hotel Sandi... Bem em frente ao restaurante do Sandi tem um sobradão é o único que tem xxx no quarto e janela e eu morei ali muito tempo. Então a gente ouvia histórias ali se passando na rua, porque ali era um ponto, o point, uma encruzilhada ali e a gente via as pessoas que cuidavam e as pessoas que não cuidavam, então eu acho que passar para as pessoas a importância desse pertencimento é que mantem a cultura viva né.

Essa cultura viva está presente nos costumes, nas práticas cotidianas, nos saberes e fazeres das comunidades, assim como na gastronomia. E, com o tempo, algumas dessas práticas foram se perdendo, tornando a cidade cara e o turismo interno inacessível para o morador.

> A gente vê, por exemplo, transformações que eu vejo aqui as vezes me assusta a quantidade de Saveiro [escuna] para duzentos lugares, trezentos lugares. Na época da gente era só o pá, pá, pá só esses barquinhos que a gente saía para passear, parava nos restaurantezinhos de ilhas costeiras né, comia aquela comidinha caiçara, hoje

> não, os veleiros cobram barato a passagem, mas param em lugar que não tem nada, foram matando aos poucos muitos restaurantes desses que a gente frequentava não existem mais, porque eles... aí a comida deles é caríssima mas não tem outra opção o cara tem que comer ali e cada vez vai aumentando, não existe um controle eu acho que Paraty já tinha que ter uma coisa tipo Bonito, tipo lá em cima Fernando de Noronha... Porque a gente ta aqui [com os colegas no IHAP] a gente vê passar aqui de manhã cedo eu fico apavorado a quantidade de gente com cooler, com funk tocando alto e vai para lá sai pro mar e volta de tarde e vai embora, não quer saber se aqui tem um Centro Histórico, tem uma história sabe. Eu sou guia de turismo também por isso que eu sou chato assim (*risos*) [...] [AB, 2019].

Barbosa continua a fala perguntando se conheço Luís Perequê[227], compositor, um grande talento, artista, muito conectado, praticamente um embaixador da cultura caiçara. Com ele, Barbosa uniu esforços na tentativa de defender a cultura na cidade, assim como na costeira se defende o camarão em um período do primeiro semestre do ano, para garantir uma produção cultural também saudável para o morador e para os turistas.

> "Um compositor e tudo não é, o Luis já há um tempo atrás que nós fizemos um trabalho até para o Ministério do Turismo que Paraty foi classificada como referência do turismo cultural no Brasil e a gente teve que fazer um dossiê, preparar um dossiê também, ele dizia assim, a preocupação dele era a seguinte, a gente como tem defesa do camarão, outros tem defesa da sardinha que a gente tinha que ter uma defesa cultural aqui também então na época a gente parasse tudo porque se não vai virar na Bahia né, que os capoeiristas assim eles é dão piruetas e a hora que viram a cara e esticam a mão né, pedindo dinheiro. O medo da gente é... Que essa vulnerabilidade da cultura acabe nisso porque muita coisa que está chegando aqui é um turismo que não é o que a gente... É o que a gente nunca quis sabe, não é problema só de elitismo não, porque Paraty tem uma característica que tem que ter cuidado com ela porque eu me lembro acho que em meados, no final da década de... Eu acho que foi de 1990, meados da década de 1990 que houve uma invasão aqui de ônibus que foi uma loucura, ônibus de turismo esses bate, volta né, que eles iam até Angra normalmente ou Itaguaí ai houve um breque lá em Angra que havia acontecido alguma coisa, que eles começaram a vir para cá, chegou um final de semana que tinha mais de cem ônibus aqui. Eles subiram no Morro do Forte que é um morro assim super bonito você subindo devagarzinho e os caras desciam com bromélias assim embaixo do braço eles depredaram lá. Ai o seu Claudio fez a lei e começou a cobrar ônus aí afugentou um pouco. Mas, não é esse turismo que a gente quer, a gente quer o turismo que venha para cá que queira conhecer a cidade, conhecer a nossa história, saber dos valores, por que Paraty. Ai também pensou-se na década de 1980 nós criamos um calendário bem diversificado e com a divulgação também antes, em novembro já sai o calendário para as agências também poderem se programar né, e é um calendário turístico cultural muito rico porque até as festas religiosas nossas elas são turísticas também, a festa do Divino, por exemplo, já é Patrimônio Imaterial Nacional. Agora estamos preparando o dossiê da ciranda caiçara também... Então essa é a preocupação que a gente tem que venham para cá, mas que venham buscando a cultura, até o festival da cachaça que todo mundo crítica, mas quando criamos esse festival a ideia era que se mostrasse a cultura da cachaça, não sei se você sabe, mas a nossa cachaça é a única no Brasil que tem a IG,

[227] Cantor, compositor e violonista, Luís Perequê é também um mobilizador cultural em Paraty. Criou o movimento Defeso Cultural, apoiado pelo músico Gilberto Gil, que trabalha pelo fortalecimento da cultura popular e caiçara da cidade, em suas manifestações tanto tradicionais quanto contemporâneas. É também fundador do Silo Cultural, centro de referência de pesquisa e valorização da cultura paratiense. – Fonte: http://mapadecultura.com.br/manchete/luis-pereque - Acesso em: 12 Jul. 2023.

> identidade geográfica, tem um histórico né, então era isso que a gente queria mostrar, mas infelizmente as coisas, o capitalismo tem disso também o econômico se sobrepõe" [AB, 2019].

A situação é delicada, pois a maior parte da economia de Paraty está centrada no turismo, tornou-se dependente dele para sobreviver, mas o turismo em excesso coloca em risco o patrimônio material e natural da cidade. Barbosa [2019] relata que "não era o que as instituições municipais queriam, mas foi necessário criar alguns ordenamentos", assim como adotaram outros municípios da Costa Verde. E acredita que, após o trabalho realizado para superar o choque cultural, "o paratiense hoje ele tem orgulho de ser paratiense, de ser caiçara, você vê os jovens falarem "eu sou caiçara" sabe assim quando está paquerando as meninas "eu sou caiçara, eu sou nativo". Superaram o sentimento de "estar total ou parcialmente deslocados em toda parte, não estar totalmente em lugar algum" (BAUMAN, 2005, p. 19). Fica implícito que hoje os jovens caiçaras tem satisfação, e entenderam que ser diferente, ser original é o que está em evidência e já fazem questão de ostentar a sua identidade. As diferenças em suas atitudes e comportamentos, que antes eram refreadas, moderadas, e hoje, como caiçara, já fazem questão de reforçar e torná-las mais explícitas (BAUMAN, 2005).

As entrevistas, embora tivessem uma sequência de questões para guiar a relação entre pesquisador e colaboradores, fluiu livremente, permitindo aos colaboradores uma liberdade de desviarem-se / excederem-se, construindo uma narrativa, além das questões propostas e da mesma forma natural que em raros momentos saíram da pauta, retornarem. Em outras palavras "a narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória" (DELGADO, 2003, p. 22). Essa flexibilidade, essa força que a narrativa ganhou, por se deixar fluir, surpreendeu, principalmente por estas terem sido as primeiras experiências com essa metodologia. O fato de procurar não engessar as entrevistas – e não interromper o interlocutor - permitiu descobrir muito além das expectativas.

7.2 - O guia de turismo

Em setembro de 2019 foi realizada também uma entrevista de profundidade com o guia de turismo Gabriel Toledo Pires, do qual já havia contratado os serviços como Guia em 2018, primeiro para poder chegar na Trilha dos Guaianases, e depois para a organização de um City Tour com o objetivo de escutar mais sobre a influência maçônica na construção da

cidade e outras tantas histórias e memórias sobre o Centro Histórico. A segunda parte do nosso encontro foi no entorno das fotografias produzidas na saída a campo de caráter documental em 2018. Gabriel Toledo, 36 anos, natural de Belo Horizonte, bacharel em turismo, profissão: guia de turismo. Toledo [como prefere ser chamado] e sua mãe vieram morar em Paraty quando ele ainda era recém nascido e foram residir na Ponte Branca, bairro afastado da cidade e próximo do Caminho do Ouro. Ele conta que há trinta anos atrás "era só a família mesmo, a rua, a vendinha e mais nada".

E quando completou dez anos, "arredondando um pouco", foi para Belo Horizonte para poder morar com seu pai, voltando a frequentar Paraty apenas no período de férias. O pai morou em Paraty um ano no máximo, depois voltou para Belo Horizonte. A mãe ficou, conheceu o seu padrasto, o Timo, com quem teve os seus novos irmãos e em Paraty ele ficou a infância inteira, *"cresceu tranquilo lá na cachoeira"*, conta ele. Além da mãe que mora em Paraty, tem a sua irmã, o padrasto também com quem continua tendo uma relação muito próxima, o irmão da sua mãe que também mudou-se para Paraty há quinze anos atrás e que é dono do restaurante Caminho do Ouro, onde, segundo Toledo e a irmã Sâmia Klink: *"é bom de comer lá"*. Pesquisando descobri que o estabelecimento trata-se de uma das maiores referências gastronômicas na cidade. Quando o questionei se já havia feito muitas amizades por aqui, Toledo [2019] responde que por estar na cidade desde criança, as pessoas o consideram paratiense... "Não me veem como alguém de fora". O início da nossa conversa versou sobre o seu movimento Belo Horizonte – Paraty e como surgiu o seu interesse pelo turismo.

> Na verdade eu vim morar com a minha mãe ao longo desses muitos anos que ela residiu por aqui, por seis meses, foi uma decisão vou morar com a minha mãe por seis meses. Nesses seis meses aconteceu esse curso de guia de turismo aqui em Paraty e aí um dos organizadores falou **"faz esse curso aí"** eu falei vou ficar seis meses aqui então acabei pegando o curso. Voltei para Belo Horizonte seis meses depois e quando eu fui escolher a faculdade para fazer eu sempre quis sair de Belo Horizonte e sabia que tinha hotéis em todos os lugares do mundo aí eu falei se eu fizer uma graduação que eu possa me virar em qualquer lugar que eu esteja, inclusive Paraty eu vou me dar bem. E aí optei pelo turismo e pela hotelaria e acabei voltando para Paraty. [GT, 2019].

Além de já tomar um bom tempo na vida para ser um guia de turismo e participar do IHAP, Toledo [2019] ainda é vice-presidente da Associação dos Jipeiros de Paraty, conselheiro do Conselho Municipal de Turismo, onde já foi presidente nos últimos dois anos, e também é conselheiro do Parque Nacional da Serra da Bocaina. E no Sebrae é parceiro de vários projetos relacionados com o turismo de Paraty. No período que tinha Jipe, estava

sempre junto com os outros guias da Associação dos Jipeiros, pois o COMTUR impacta diretamente no turismo, trabalhando dentro do parque, ouvindo as demandas, se envolvendo... E reforça: "e me envolvo mesmo por serem associações e instituições, então não tem muito do poder público envolvido" [GT, 2019], o que considera um ponto positivo.

"A dedicação em termos de horas semanais pro turismo é *"full time""* ele responde quando questionado. Mas sorri quando diz que "agora que eu tenho a Olívia [sua filha], um pouco menos, mas, é *full time* a hora que tocar o telefone é a hora que eu estou trabalhando". Na sequência da entrevista Toledo [2019] descreve o seu olhar sobre o turismo e a cultura c o que ele considera turismo cultural dentro do contexto de Paraty, apontando entre o brasileiro e o estrangeiro, quem mais consome ou absorve esse turismo cultural.

> O lado cultural acho que se resume bem ao Centro Histórico, é esse link né, com o Caminho do Ouro que vai para Minas Gerais que vai para São Paulo então, tem aquela questão cultural que é das comunidades tradicionais também, que é um pouco, olhando mais para dentro da cultura e olhando mais para fora são os caminhos que saem daqui e tudo encontrando aqui em Paraty. Eu acho que é essa conjunção né da cultura externa e dessa interna os povos que aqui viveram desde os índios até a gente e essa questão desse link com Minas Gerais e com São Paulo. Acho que isso é bem a cultura aqui de Paraty. [...] O estrangeiro sem dúvida... Ele consome essa cultura né o brasileiro muito menos 80%, 85% vai ser estrangeiro, e dentro dessa percentagem de brasileiros você pode colocar as crianças que vem não por opção própria, vem porque a escola traz para fazer o Caminho do Ouro então elas vão estar ali, vão estar consumindo, vão estar prestando a atenção não pelos mesmos motivos dos estrangeiros, mas, vão estar ali colocando uma porcentagem dos brasileiros ai mas, é pouco sem dúvida. [...] O Turismo Cultural é exatamente essa busca né pelo visitante de chegar aqui e optar em não fazer turismo de saveiro e escunas e optar por consumir aquilo que a cidade tem de informação, de história, de cultura propriamente dita. Então eu acho que turismo cultural é isso, esse click no visitante de falar opa eu preciso entender o que aconteceu nesse lugar e não só vir aproveitar né. Pode ser aproveitado sim, mas, eu acho que o city tour ou o Caminho do Ouro sempre tem um lugar na programação. [GT, 2019].

Toledo define o seu ponto de vista sobre o tão esperado título da UNESCO, que Paraty ganhou e as consequências para o Turismo Cultural. E assim como Barbosa [2019], avalia o excesso de movimento de turistas pela cidade.

> Eu acho, sinceramente que a gente não está preparado, entendeu? Na questão da infraestrutura para poder receber visitantes da UNESCO em Paraty. Eu acho que a gente tinha que resolver vários problemas antes de tentar esse título, acho que teve uma vontade política muito grande é um valor, vem um valor muito grande pra Paraty, mas não sei se a gente está preparado estruturalmente para isso a questão do esgoto, a questão dos hospitais, a questão do transporte público, a questão de segurança acho que tem um monte de coisa aí que tem que melhorar para poder receber o pessoal da UNESCO aqui. Mas, a ideia pelo visto foi de se conseguir o título agora, se consegue também linhas de investimentos para poder resolver esses problemas que eu acabei de citar. Então, ótimo né é um tiro no sentido certo vamos

> que vamos. Fico feliz vai dar notoriedade, deu notoriedade a Lagoa da Pampulha em Belo Horizonte, lá falou que aumentou em cinquenta mil o número de visitantes, se aumentar a metade disso aqui para Paraty a cidade explode, acaba a luz (*risos*) não vai ter... Vai acabar a comida, vai dar problema entendeu, vai acabar o dinheiro no caixa porque não estamos preparados para um fluxo muito grande. É como eu vejo. [...] Sobre o volume de turistas em trânsito... Assusta, com certeza! Ainda mais dependendo muito do perfil dele se for um bum de visitantes perfil FLIP a gente está supertranquilo entendeu, porque é um cara que vai consumir cultura, é o cara que... Entendeu, é o perfil FLIP. Mas, se for um perfil mais Festival da Cachaça, por exemplo, aí você vai ver que ele vai ser mais aquele dey use[228], o cara que vai trazer tudo não vai consumir muito na cidade, então tem diferentes tipos de excedentes de turismo, tem aquele que é o positivo né que a gente quer e o outro que acaba não deixando nada na cidade que vive do turismo. Então é delicado encontrar esse equilíbrio pode ter certeza, não é fácil. O que Paraty tenta fazer é de certa forma subir o preço né, para poder inibir a presença de quem ele quer, mas quando você sobe o preço e a qualidade não acompanha a subida do preço a pessoa vem paga caro né, acha que vai... A expectativa aumenta e acaba não recebendo, então pode ser um problema no futuro. [*risos*]. [GT, 2019].

Agora com as fotografias do Caminho do Ouro sobre a mesa, seguindo os fundamentos de Spini (1982), Luisi (1982, 2019) e também recomendação de Guran (2020) sobre retornar a campo, contatar com os sujeitos da pesquisa, expor o material fotográfico produzido, com o intuito de provocar outras reflexões, no propósito de contextualizar a importância do lugar, para a cultura de Paraty, questionei se ele lembrava do que conversávamos quando estávamos no momento da foto. "Nessa daqui, responde Toledo, parece ser o Juçara né, que é a palmeira que dá o açaí, que dá o palmito, então certamente estávamos falando dos filhotinhos dele que cai a semente, que vem a água, lava, enterra e acaba brotando um tanto de palmito, certamente é isso." Perfeito! E esta outra?, indaguei. Gabriel, analisando a foto, diz que "essa daqui é o bebezinho e esse daqui depois que já deu o fruto todo, essa pequena protuberância tem um açaízinho colado e aqui eu falo que eles conectam todos eles para fazer jogo americano, lustre todo revestido com essa fibra da floresta. Uma dessas fibras aí que dá para utilizar para um monte de coisa é do palmito" [GT, 2019].

E sobre a importância do Caminho do Ouro, Toledo [2019] constrói uma narrativa histórica marcando a passagem de um ciclo ao outro – ouro, cana, café, cachaça, turismo – a qual aconteceu de forma gradativa, mas ainda assim juntando-se os ciclos uns aos outros, "tudo junto" como refere.

[228] Literalmente, o que Toledo se refere, é aquele viajante/turista que usufrui dos patrimônios da cidade durante o dia, trazendo os seus mantimentos e bebidas e parte antes do anoitecer sem dar nenhum retorno ao município.

> É o caminho mostra a importância de Paraty né, dentro da história do Brasil na minha opinião é... antes de encontrar o ouro qual o grande investimento, entre aspas, tinha acontecido na colônia de certa forma né, o que que aconteceu com a descoberta do ouro foi, esse investimento de fazer a primeira conexão né da praia setecentos quilômetros até Ouro Preto para poder escoar esse ouro e Paraty está bem nesse miolo do começo da história do Brasil, entre aspas, por que o ouro só foi em 1700, mas, é o primeiro bum que acontece e a gente está relacionado com isso dês desse primeiro momento do Brasil de forma geral conecta a gente a todo o resto da história dali para frente. Então, ainda mais a cidade sendo um porto né, tudo era mais relacionado ao mar, o comércio era tudo pelo mar então a importância era muito maior, chega um ponto na história que Paraty vai ser o segundo maior porto do Brasil, sendo menor só do que o do Rio de Janeiro. Então a gente ter isso né aqui! [risos] Acontecendo a tanto tempo isso me pega demais né, é desde o começo mesmo se olhar para a Europa né, você está sabendo melhor do que eu, são cidades com dois mil anos e a gente tem aqui em Paraty entendeu 350 e ainda fica feliz [risos] então é, eu acho bem legal estar desde o começo tudo que veio depois Paraty já existia e de certa forma já estava envolvido no ciclo da cachaça né que vem na sequência, no ciclo do café que vem e na atualidade ciclo do turismo. Está tudo junto. [GT, 2019].

Para que seja possível hoje conhecer e percorrer o Caminho, foram necessárias outras intervenções que datam de cerca de 20 anos atrás, com a sua "redescoberta". São investimentos dos quais alguns perduram até a atualidade para que seja possível praticar a trilha com segurança e a orientação de um guia.

> Olha eu acredito que daquele jeito que a gente passou né aberto deve ter de 15 a 20 anos, daquele jeito foi uma competição de bicicletas que passou por um trecho cavou os guias perceberam acharam o caminho, foram ao Sebrae, o Sebrae financiou né, essa aquilo que a gente passou e a partir de então a gente teve ali um museu, teve ali peças encontradas, teve ali todo um momento né colocação do totem tudo mais mas isso se perdeu ao longo, clássico Brasil né, isso se perdeu ao longo de 15 anos a escola o teto já está caindo, os degraus a gente teve a oportunidade de ver como eles estão, então requer investimento mas isso não acontece. Tem associação de guias de Paraty da qual eu sou presidente e todo mundo que faz aquele trajeto uma parte do pagamento vai para o seu Américo, e o seu Américo é o guardião do caminho ele que está lá fazendo manutenção, limpando fazendo o que precisa fazer pra gente poder passar com os visitantes. [GT, 2019].

O Caminho do Ouro em Paraty, além de estar bastante preservado, se encontra envolto pela exuberância da Mata Atlântica do Parque Nacional da Serra da Bocaina, uma biodiversidade deslumbrante. [Re]descobrir a Trilha Guaianá, conforme descreve Ribas (2003), significa explorar o imaginário das relações entre o passado e o presente das populações pré-colombianas e da colonização europeia; significa experimentar um percurso de ritmos e referências espaciais dissonantes com a experiência de vida contemporânea. Como aponta Ribas (2003, p. 11), "os primeiros habitantes do Brasil, nômades por natureza, circulavam por uma vasta trama de trilhas que cortava o atual território brasileiro de ponta a

ponta". Nos primórdios o movimento nesses caminhos, estavam relacionados com a caça, o trânsito entre as aldeias e a migração das populações. Mais tarde após a chegada dos portugueses, os três motivos principais dos movimentos de penetração por estas trilhas, como narra Ribas (2003, p. 11), eram "a busca de mão de obra escrava, o desejo de manter o gado longe das plantações de cana-de-açúcar do litoral e a procura por metais preciosos". Segundo o autor, destes movimentos, acredita-se que o mais significativo, aquele que indiscutivelmente revolucionou a imagem do país "foi a corrida para o interior provocada pela descoberta do ouro no sertão dos Cataguás, no atual Estado de Minas Gerais" (RIBAS, 2003, p. 11). A possibilidade de experienciar este trecho do Caminho Velho é poder vivenciar momentos da história da Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty, que por sua vez retrata os períodos importantes, da história do Brasil, como o ciclo do ouro, cana do açúcar, café e um momento triste como o do tráfico de índios e homens negros escravizados[229].

7.3 - Uma caiçara do Pouso da Cajaíba

Em busca de continuar pontuando o trânsito dos seus moradores, a cultura e o trabalho no Centro Histórico de Paraty, conversei com Graça Nascimento Braga, 46 anos, paratiense, profissão: Desenhista Técnica e Assistente Social. Sobre a sua trajetória de vida e familiar, conta que nasceu numa praia chamada Pouso da Cajaíba, na Enseada da Cajaíba, local onde se concentram mais 18 comunidades tradicionais e só possui acesso marítimo com distância de 2h e meia de traineira [embarcação de pesca comum na região], e 45 minutos de lanchinha.

> Por 9 anos vivi na região dos Lagos, na cidade de Cabo Frio. Sai aos 8 anos do Pouso da Cajaiba junto com meus pais e minha irmã mais velha, Cirlene, que agora está com 49 anos. Nossas férias anuais passávamos no Pouso da Cajaíba. [...] Meu pai, Valdir Viturino Braga tem 71 anos, pesca desde os 10 anos, nasceu no Pouso da Cajaíba, filho de Maria Joaquina de Xavier de Sousa e de Domingos Victorino Braga. Os tataravós do meu pai deram início a comunidade, de acordo com as escrituras que temos de mais de 250 anos. Atualmente, meu pai tem barco de pescar camarão e fica 5 dias no mar retornando nas sextas-feiras. Nas férias anuais ele transporta turistas numa lanchinha para o Pouso. Minha mãe, Alaíde do Nascimento Braga, tem 68 anos, costureira. Nasceu no Pouso também, filha de Maria Antônia da Conceição e de Nestor Luiz do Nascimento. O sobrenome da minha avó bem como de diversas pessoas de Paraty eram alterados durante o registro feito pelas paróquias, infelizmente. Como ela entre outros foram registrados na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, no Paraty Mirim, recebeu esse sobrenome. No entanto, o correto seria ela receber o sobre nome dos pais: Paula Costa e Manoel Luiz Magno.

[229] Esse tema foi mais discutido em parceria com o Prof. Dr. Lucas Graeff, no ensaio visual A CULTURA NA TRILHA DOS GUAIANÁS - Uma Inspiração Etnofotográfica no Caminho do Ouro, publicado na Revista Iluminuras / UFRGS, em 2020 - https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/101035.

> Quando retornamos de Cabo Frio, mãe se dedicou ao trabalho em pousada como camareira por alguns anos até engravidar tardiamente da minha irmã Natalia. Há quase 20 anos trabalha como cozinheira no restaurante da minha prima na Praia do Pouso, onde vive com meu pai durante 3 a 4 meses ao ano, pois é o momento em que ela aluga a casa do Pouso e trabalha. O restante do ano mora em Paraty. [GB, 2019/2020].

É interessante observar nas histórias os movimentos familiares dos moradores de Paraty, os quais muitas vezes também, de algum modo, sofreram apagamentos, como do nome, por exemplo. Era uma prática comum das igrejas em Paraty, assim como em outros lugares do país. E, também, a construção das narrativas traz a afirmação dos fazeres e saberes, da bagagem cultural de seus ancestrais e sua importância para a vida afetiva desses moradores. Segundo a perspectiva de Braga [2020], "cultura está na prática diária dos saberes familiares e comunitários: alimentação; conversas; religiosidade; trabalho; linguagens (dialetos) que vivenciamos aqui; vestimentas; passeios; tipos de literatura".

> Meus avós foram primordiais na construção afetiva da minha vida. As conversas, os saberes da roça como plantar, colher, cozinhar em fogo a lenha, as etapas de produção da farinha de mandioca, da pesca de "cerco", dos doces, da conservação dos alimentos in natura, da divisão e troca de alimentos etc. Das contações de histórias, mitos locais, verdades locais etc. Das fotografias antigas, documentos e objetos.
> Aos 32 anos conheci Cintia Amorim Assis, psicóloga. Junto com ela e outros amigos dela pude aprender o que era Sistema de Garantia dos Direitos Humanos. Então, larguei arquitetura e fiz Serviço Social. Até hoje atuo nas duas áreas, mas tenho paixão pelas pesquisas históricas. Essas pessoas foram Cenise Monte, psicóloga em SP e atuante na Defesa da infância. Foi coordenadora do UNICEF/SP. Fazíamos parte, até pouco tempo, da diretoria do Conselho de Direitos da Criança e do Adolescente de Paraty e Cenise vinha duas ou três vezes ao ano nos oferecer capacitação. Conseguimos criar a Casa de Passagem para crianças vítimas de maus tratos, abandono e exploração sexual. Por meio da Cintia tive acesso a outra realidade de Paraty, que não é nada boa" [GB, 2019/2020].

Uma de suas ocupações concentra-se na defesa e garantia dos direitos humanos, sobretudo da infância e juventude paratienses. Assim, Graça menciona o cenário difícil de outra face da cidade, onde impera a violência. Dialogando com essas questões, o estudo aprofundado sobre o tema violência e juventude, de Corrêa (2021), mostra essa situação com mais detalhes. A autora cita diferentes iniciativas no sentido de proteger a adolescência e juventude em Paraty, as quais, pode-se afirmar, assim como a ação de Graça [2020], busca cuidar de crianças vítimas de violências que, na maioria dos casos, inicia dentro de casa, sendo praticada por membros de confiança da família.

Assim como Barbosa [2019], Braga [2020] também relata onde trabalhava antes e por que decidiu trabalhar no IHAP.

> O IHAP precisava de mim e eu dele, pois há anos eu tentava acesso aos documentos para pesquisas sobre minha família. Eu tenho prazer em cuidar do ambiente e dos acervos valiosos, além de recepcionar os visitantes que, para mim, se torna uma grandiosa troca de saberes. Por meio dos conhecidos, eu insisto na busca por

> recursos financeiros para reforma do imóvel do IHAP. [...] Fiquei pouco tempo, um ano, como voluntária. E as horas de trabalho dependia muito dos eventos na cidade. Normalmente eram 7h/dia. Durante eventos, até 10h/dia. Meu objetivo continua sendo a busca por recursos para salvar o IHAP e seus acervos. Antes do IHAP trabalhei por 10 anos e meio na prefeitura como Desenhista Técnica e como representante no Sistema de Garantia dos Direitos Humanos, ocupando conselhos etc. [GB, 2019/2020].

E ao descrever o mercado de trabalho para quem mora em Paraty, explica que "existe trabalho, porém de forma bastante exploradora. Remuneração baixa; carga horária pesada, chegando a 15h diárias". E vê a Rua do Comércio "como a mais sociável da cidade. É o ponto de encontro de pessoas de diversas cidades, países e etnias. É um pequeno mundo onde artistas podem expor seus trabalhos, mesmo não tendo características paratienses. É o encontro das artes diversas do mundo todo. Índios, peruanos, argentinos, caiçaras, paulistanos". E sobre a conquista do título de Patrimônio Mundial pela UNESCO, poder gerar alguma mudança em relação a cultura e o trabalho ou se é algo benéfico em outros aspectos para os moradores de Paraty, pelo seu olhar, "não muda muito para quem trabalha na ponta do turismo: garçons, marinheiros, camareira etc. O que muda, na verdade, é que, Paraty como Patrimônio Mundial, se torna mais uma forma dos empresários usarem o título para atrair turistas" [GB, 2020].

7.4 - O Fotógrafo e *videomaker*

O quarto colaborador foi meu colega no *workshop* [Re]Memória, ministrado por Andreas Valentin no PEF2019. Em uma conversa sobre um determinado panorama de Paraty a frase *"Paraty tem 60,9 assassinados para cada 100 mil habitantes...",* imediatamente me levou a conhecer o morador Wanderson Santos que, assim como outros jovens moradores, descruzaram os braços e buscam fazer a diferença e algo pela cidade. E quando indagado pelos presentes [durante uma oficina onde éramos colegas] se tratava-se *"daqueles bairros periféricos",* ele respondeu *"sim, dos periféricos paratienses"*. Mas, alinhado ao meu pensamento, como já mencionei antes, trata-se *"de uma periferia não muito distante"* das correntes que cercam o Centro Histórico. Principalmente se compararmos a área urbana da pequena Paraty com as cidades metropolitanas. Assim, Wanderson Gabriel da Silva Santos, de 27 anos, paulista de Pindamonhangaba e morador de Paraty desde 2005, que além de trabalhar atualmente como agente de combate a endemias pela Secretaria de Saúde do Município, e fotografar, usa do seu tempo livre dedicando-se em projetos sociais.

> Um deles é o documentário sobre a história de vida de alguns jovens moradores pela perspectiva de suas mães. Como é o processo da reestruturação familiar nos bairros periféricos paratienses" [diante do contexto do tráfico]. Projeto que vai "mexer um pouco com a questão da memória, fotografias antigas... Uma ideia que tem em média 3 anos, mas que o grupo começou a amadurecer a partir do 2º semestre de 2019, com o incentivo do SESC. E paralela a produção do documentário, buscamos levar algum entretenimento para as comunidades mais carentes da cidade. [WGSS, 2019].

O grupo, ele e mais dois moradores, estão conseguindo estruturar o projeto, contando com a parceria de algumas pessoas e também de estabelecimentos comerciais da cidade, como padarias e óticas: "E tudo mais para a gente está conseguindo juntar o material necessário para estar efetuando a manutenção destas memórias, pra gente não é tão grande né escala do projeto mas poucas pessoas que a gente consegue abranger tá sendo bem gratificante" [WGSS, 2019]. Segundo Assmann (2011, p. 19-20), "vivemos em um tempo em que a memória se tornou, como nunca antes, um fator de discussão pública. Apela-se à recordação para curar, para acusar, para justificar". Pela definição da autora, recordar tornou-se parte essencial não só para a possibilidade de gerar conflito, mas para a criação de uma identidade individual e/ou coletiva (ASSMANN, 2011).

Novamente percebe-se a preocupação de alguns moradores com a situação da segurança e das políticas públicas que envolvam a infância e a juventude paratiense. Santos [2019], no decorrer da conversa, também conta que mora em um bairro vizinho do bairro Caboclo. E é bem possível que o um familiar seu, de 90 anos, tenha conhecido os meus familiares.

7.5 - O caiçara cirandeiro

Às18h de uma quarta-feira de setembro de 2021, em uma das minhas esquinas favoritas para um café... Um final de tarde com chuva, muita chuva...

"Lá [no bairro Caboclo] tinha a casa desse senhor Benedito Gervázio que era onde acontecia os melhores bailes daquela região ali". Então, deixa eu te mostrar aqui [as foto do bairro Caboclo em 1979], ele era o meu padrinho (*risos*). E assim começou a conversa com Fernando Albino Alcântara, 24 anos, paratiense, o mais jovem caiçara cirandeiro de Paraty, estudante de artes visuais e recepcionista no SESC Paraty. Quanto a sua religião, conta que "faz parte do catolicismo popular aquele que não faz parte da igreja, nossa missão é da porta da igreja para fora. Dentro desse caso, estudar as Folias do Divino, Folias de Reis... A parte

profana e sagrada também que a folia do divino é como se fosse uma oração cantada né" [FAA, 2021].

Contei a ele que em 1979 eu cheguei a passar uma ou duas noites lá no bairro Caboclo, na casa do Benedito Gervázio, e que só não fiquei mais porque os borrachudos me devoraram (*risos*), eu tive que voltar para a cidade. E que fora as picadas [algumas levaram meses para sanarem], foi um encontro bem emocionante, porque ele não se lembrava mais de mim e depois eu era pequeno quando parti junto com a minha família para o sul. Eu comentei com o Tio Dito, "eu sou um dos filhos da Floripes e do Avelino". E ele exclamou: "filho da Floripes nossa, um deles é meu afilhado!". "Pois sou eu", respondi (*risos*), foi muito bacana. E agora, para a pesquisa, eu não esperava encontrar gente mais próxima, mas lá no final do bairro Caboclo ainda tem quem conheceu os meus familiares. Das irmãs da minha mãe, a que mora mais perto está em Mangaratiba, as outras moram no Rio, São Paulo... E eventualmente a gente fez conexão pelo *WhatsApp,* para tirar algumas dúvidas para a pesquisa, elas têm em média os seus oitenta e pouco anos e são mais rápidas que eu no *WhatsApp* (*risos*).

> Eu vi que você colocou uma foto uma vez no face de um cara... com o café... É ele? [FAA, 2021].

Sim... É ele, o senhorzinho espalhando o café sobre uma grande pedra, tio Dito

> É legal porque não existe nenhum registro de foto dele, eu não achei ainda, depois eu vou salvar essa foto sua. [FAA, 2021].

E aproveitando que falávamos de meus familiares, questiono como é que nasceu o "Fernando Cirandeiro", de quem foi herdado esse dom. Então soube que Alcântara foi um dos jovens que teve interesse em produzir as memórias de antigos cirandeiros e passou a incentivar outros jovens para a mesma prática.

> Eu cresci aqui dentro do Centro Histórico, minha família é uma família tradicional de caiçaras, a parte materna Araújo Albino vem da Praia do Sono e Mamanguá e a parte paterna família Ramiro de Alcântara. Meu avô era o Décio Ramiro, um comerciante aqui do Centro Histórico e os filhos do Décio, meu pai é caçula, o Dorival. Tem o Cizinho que é o ceramista, Daltinho e Decinho era bons jogadores de futebol, deve ter jogado com seu pai também na época.. E crescemos aqui mesmo nessa região a família tem artistas, ceramistas e músicos mas, não cirandeiros. Cirandeiro foi a partir dessa vivência mesmo minha com os mestres, meu pai sempre levou a gente para acompanhar as festas, eu como sempre morei aqui tudo passava ali na minha rua. Então eu cresci inserido nesse contexto brincando aqui na praça da matriz e no beco do propósito, onde tem a capelinha de Santa Cruz comecei a dançar a ciranda nos festejos tradicionais. Quando eu tinha meus 15, 16 anos eu já dançava ali com o grupo dos coroas e ai comprei um pandeirinho para aprender a tocar, e aprendi a tocar o pandeiro, ai fui me interessando a cantar os versos também, me juntei com outros jovens aqui do município para a gente formar um grupo de ciranda

> tradicional que a gente estava sentindo essa necessidade, alguns jovens estavam interessados na ciranda tradicional. E aí montamos o grupo e também começamos a participar da folia do Divino, Folia de São Benedito e Folia de Reis e seguimos mantendo a música caiçara em Paraty. [...]Tem o fandango caiçara de Ubatuba até o Paraná, mas aqui em Paraty a gente se reconhece como ciranda caiçara que é uma manifestação que a gente entende que são irmãs, vieram junto no mesmo barco. [FAA, 2021].

Desde que comecei a pesquisar sobre Paraty tenho procurado ler os livros publicados pelos historiadores, memorialistas e trabalhos acadêmicos pelos mais diversos vieses, ora pelo patrimônio, ora pela fotografia, memória e biodiversidade. E quando passei a acompanhar as redes sociais sobre a cidade percebi em algumas publicações e nos respectivos comentários, uma narrativa que é recorrente também nos livros, que o paratiense está cada vez mais longe do seu lugar/espaço, cada vez está mais distante das suas terras, indo trabalhar em outras localidades ou se mudando definitivamente do seu território. O motivo...

> Isso. Os loteamentos que estão sendo feitos em Paraty têm um valor muito alto, o caiçara não consegue comprar terreno ali acaba sendo pessoas que vêm de outros municípios, e o paratiense vai comprar nos bairros mais periféricos. [...] Eu estou estudando em EAD justamente para não sair aqui de Paraty porque a gente está nesse momento de transição, os mestres estão partindo e precisamos absorver este conhecimento. [...] Esses últimos dez anos que eu estou focado na ciranda, na cultura de Paraty, foi o tempo de uma formação, que talvez, se eu tivesse saído para fora para estudar ficado lá esses cinco anos eu ia perder muitas vivencias, perdemos muitos mestres, Amélio Vaz, Ditinho Canoeiro, João Paciência, Julinho, entre tantos outros mestres que deixaram poucos discípulos. [FAA, 2021].

A partir da resposta do colaborador percebe-se não só o trânsito ou movimento geográfico desses mestres cirandeiros, como também a partida deste mundo, o que representa um perigo para esta cultura que está ficando sem aprendizes e sucessores que poderão levar adiante o seu legado. Ainda não há muita sensibilidade para a cultura local por parte dos jovens que muitas vezes têm em casa esse patrimônio imaterial do qual podem apropriar-se e fazer fruir os fazeres, os saberes e a arte dos seus ancestrais.

> Paraty com o título de Patrimônio Mundial, atraiu o olhar das instituições para o território, valorizando o caiçara, o quilombola, o indígena, para dar sentido ao título que Paraty conquistou. [...] Alguns jovens ainda não tiveram a sensibilidade para enxergar a cultura local com o devido valor, sendo que muitos tem mestras e mestres dentro da própria casa um avô que é pescador, uma avó que é benzedeira que foi parteira, ao mesmo tempo que está longe está tão perto o mestre está ali dentro da casa dele, um tio que faz pipa, que faz pião, e esta dentro da casa dessas pessoas só basta abrir o olho dessa juventude para enxergar que tudo isso é nossa arte. [FAA, 2021].

Dentre as barreiras que o jovem encontra para se aproximar da cultura local, atualmente, encontra-se a perda de seu território e de seus ancestrais. Assim, os conflitos pela

posse e retomada de seus bens tomam um lugar muito maior do que a absorção da cultura de sua comunidade.

> Muitas famílias que sofreram especulação imobiliária, ficaram vulneráveis na cidade, por exemplo, em comunidades caiçaras da costeira, tinha famílias que moravam lá na década de 1970/80,90, um avô, com filhos e netos venderam sua posse por um valor baixo e vieram para a cidade, este caiçara, os filhos e netos foram morar em comunidades distintas, os netos passaram a brigar entre si porque um é de um grupo e o outro de outra. Crianças que sempre brincaram junto lá na roça hoje em dia, jovens, não se falam. O próprio neto daquele mestre, daquela mestra estão brigando por interesses que eles mesmo desconhecem... [FAA, 2021].

O trabalho então seria o de valorização dos mestres, desde o espaço para a prática de sua cultura, até econômica e financeiramente, pois são guardiões que vivem, não raramente, em situação de vida precária. E também o de transmitir, continuamente, a cultura aos mais novos. Coloca-se a importância do tempo da passagem, o tempo histórico e o tempo geracional, como para Muxel (2022, p. 233), em que há "encontro entre ao menos dois tempos geracionais diferentes que se sucedem, e entre outros, o de seus pais e o seu próprio". Então, mesmo que essa transmissão venha de outros membros da comunidade e não de seus pais ou avós, as crianças e jovens paratienses podem ter contato com a cultura que pertence aos seus ancestrais. No entanto, um dos desafios para executar esta e outras ações, encontra-se em não deixar que a cultura seja institucionalizada para servir ao interesse apenas de um lado.

> Os nossos mestres estão ali nessas comunidades, fazendo canoa, costurando redes, e nós sempre procuramos estar aprendendo, pois enquanto estão trabalhando, eles estão criando versos e repassando conhecimento através de uma simples conversa. [...] Não é difícil de atrair as crianças e os jovens para a cultura popular o que é necessário é inserir os mestres em atividades efetivas, remuneradas, de transmissão de saberes.[...] Contribuir, e isso tem custos... "Tem custos, instrumentos de mestres, arrebenta uma corda ali e é tudo pago com o dinheiro da aposentadoria deles mesmos. Por isso a ideia de fazer esses bailes caiçaras no Beco do Propósito e nas comunidades. Este é um momento de respiro para a cultura, é um momento que vai todos os cirandeiros e cirandeiras, independente de grupos vão sentar para tocar junto. O baile caiçara é um momento onde existe todo mundo se divertindo como era antigamente. A gente precisa desses momentos. [FAA, 2021].

A resposta do colaborador leva para a importância de uma constante produção de memórias que pode começar com a juventude paratiense e estender-se aos mais antigos, aqueles que os educaram para a cultura e a arte, neste caso a ciranda, os instrumentos, a dança, os versos, a gastronomia, entre outros. Tudo isso está aos poucos sendo perdido. "A gente volta para Paraty da década de 1970 né, a gente fala assim um baile desse você volta num baile de roça lá do bairro Caboclo você vai se sentir lá na sua infância..." [FAA, 2021]. Moradores como Alcântara "não se permitem esquecer a memória cultural de seus ancestrais"

(BERND, 2021, p. 83), podendo-se afirmar que atua como um memorialista geracional, esforçando-se também em preservar essas memórias.

Algo importante no relato é que trazer para o núcleo urbano seria interessante, até para quem vem de fora e não tem acesso seja pelo acesso/distância ou por falta de informação. O que eu percebo por vir acompanhando as redes sociais desde 2018/2019, é que em outros lugares acontece com mais frequência encontros com cirandeiros, mas no Centro Histórico não me lembro de ter visto.

> O Verino é o grande cirandeiro do Centro Histórico ai, ele andava nas ruas todos os dias tocando. Uma dessas suas viagens em Paraty você já deve ter visto dois coroas aqui no centro tocando. [...] E vou indicar você para conversar também com o seu Verino... Verino cirandeiro que ele tem várias histórias também com o Benedito Gervazio é interessante você conversar com ele. [...] Tem conversa ai para uma vida toda. [FAA, 2021].

Em setembro de 2022, numa quarta-feira a noite, pude contemplar um grupo de cirandeiros tocando e cantando. Começaram na Casa da Cultura e foram rumo a Praça da Matriz. A paisagem do Centro Histórico transformou-se com a presença da ciranda. A sonoridade da rabeca, do pandeiro e do violão de dez cordas do Zé Malvão [o primo Malvão], ecoaram por suas ruas. E quanto mais estreitas as ruas e mais altos os casarios, pareciam ecoar mais alto também as vozes dos cirandeiros. Devido à chuva que antecedeu esse momento, havia um brilho no calçamento pé-de-moleque. É possível afirmar, pelo olhar poético de Collot (2015), que "essa paisagem não saberia se reduzir a um puro espetáculo [ela é mais do que isto]. Ela se oferece igualmente aos outros sentidos, e diz respeito ao sujeito, por inteiro, corpo e alma. Ela não se dá somente a ver, mas a ser sentida e vivenciada". O brilho da luz do calçamento contornando os corpos dos cirandeiros, os ruídos e o colorido dos casarios emoldurados pela escuridão da noite, "todas essas sensações se comunicam entre elas por sinestesia e suscitam emoções, estimulam sentimentos e despertam lembranças" (COLLOT, 2015, p. 20).

7.6 - A caiçara atriz

Quinta-feira, 15h, a chuva deu uma trégua... Em companhia da minha consorte saí do container e cruzei o Perequê-Açu para uma conversa com Bianca Nascimento Lopes Martins, de nome artístico Bianca Paraty, 25 anos, paratiense. É caiçara, atriz e tem uma companhia de

teatro. E quanto a sua religião “no momento está sendo a capoeira”. O norte da nossa conversa é a questão da cultura e do patrimônio, mas não sem antes conhecer um pouco da história da sua família.

> É... A família Alvarenga... É até bem conhecida, inclusive já teve uma fábrica de cachaça. Alvarenga na fazenda Itatinga foi lá que minha avó cresceu, viveu ali com A Fazenda, com cachoeira, com a produção de cachaça. Mas também fazendo tudo sem entender o que poderia ser sabe, é… sem ter essa importância, porque antigamente, por exemplo, vender cachaça era coisa de vagabundo, assim como trabalhar com teatro, com a capoeira, tocar ciranda. É… e aí manter isso sempre foi muito difícil. Mas aí minha avó é da Itatinga, da fazenda, junto com tudo isso que eu falei, né? De andar de cavalo, de ir a cavalo pro Sono, por exemplo, ela tem essas histórias de que já foi. De ir nos bailes de antigamente, né? E dançar as chibas e ir escondida também, ela conta até uma história que para ir pro Sono… Tinha muito baile no Sono. Tem muita história. E dessa participação delas, né? De trabalhar desde cedo assim, de ter que assumir uma responsabilidade muito grande desde cedo, não só ali, né, junto do pai, trabalhando, mexendo ali em roça. E ao mesmo tempo, tendo que vir para a cidade estudar. Eu acho que foi um dos obstáculos maiores assim porque a roça começou só ficar final de semana, por exemplo, porque tinha que dar um jeito de ficar na cidade para poder ter uma escola e aqui em Paraty eu acho que foi ter ensino médio… Para quando que foi? Eu não lembro o ano, mas até então você tinha até tipo sétima, quinta série. Você tinha que viajar para poder estudar fora. A escola eu acho que era até onde é ali a Pousada do Ouro. E… e aí no mais… e muita gente não tinha essa oportunidade, né? E aí sem essa oportunidade não valorizava o que tinha, porque qualquer um que vinha e oferecendo uma grana a galera vendia. Então, isso que aconteceu com a minha avó, mas a minha avó, apesar de ser mulher, ter três filhos e o marido ter ido embora muito cedo por conta da bebida. Ela conseguiu manter o patrimônio. É uma das que mais tem casa ali na Patitiba, por exemplo (*risos*). E vive hoje desses aluguéis assim, mas o maior patrimônio da Itatinga, ela já não tem mais, sabe? Sabe… o outro patrimônio também que ela tinha em frente à praia já não tem mais, porque não se tinha essa valorização. Vendia ali, comprava uma casa na Patitiba, na Ilha, na Mangueira, então… E com a família materna… A família materna é de dentro do Centro Histórico mesmo. Nasceu ali nas pedras, cresceu ali, já morou em várias casas. Mas é… não é tão distante da família paterna, não se tinha conhecimento. Quem vinha era bonzinho. Então a gente deixava a pessoa cuidar da casa. Quando via a pessoa já estava a dona, já estava com uma arma apontada, né, para você dizendo que já não era seu. E aí foi-se perdendo muitas terras assim, teve muitas brigas, nosso poeta Zé Kleber morreu numa disputa assim, né, defendendo o território. E minha avó conta né, boiava vários corpos assim nas cachoeiras que ela via descendo. Então era ou você sedia e ficava vivo, ou você lutava e ficava morto. Então muito disso se perdeu e aí eu, eu lembro que sobrou, né? Sobrou a casa que ela tinha, que era a que pegava né, da Rua Fresca e antigamente não… Não tinha casa de frente para o mar, não é? Não, não se tinha essa importância. As casas de frente ali para o mar eram fundos, nem porta tinha quase. E aí tinha um casarão que pegava, não é? De uma rua, a Rua Fresca. E aí morava a família inteira, ali, até que casou, morou o marido, meu avô, que era da Praia Grande, ficou junto ali também, só que ao mesmo tempo, ia muito pescar e aí quem assumia era a mulher. E vinha muita gente para cá, né? Quando vinha era a mulher só que estava em casa, então imagina também como… como que era a situação, não é? Então, até que no tempo, junto ao Collor e a cobrança do IPHAN, minha avó vendeu, comprou a casa na Patitiba também, tudo mangue ali, né? Mudaram para lá. E aí veio o plano Collor na época e ela só conseguiu comprar ali, ela... Ela fala que fez duas compras no Rio de Janeiro de compras de mercado do mês e foi o que rendeu a casa dela do Centro Histórico. [BNLM, 2021].

Então, por uma casa do Centro Histórico, troca-se tudo que se tem. E essa foi a situação de muitos moradores, como já relatado por outros colaboradores anteriormente. Sãos

os trânsitos e movimentos da costeira para os bairros periféricos, do Centro Histórico para os outros bairros, inclusive na zona rural, muitas vezes necessários para que se possa sobreviver na cidade. Talvez por isso também a necessidade de trocar o nome das pessoas na época, na tentativa de suavizar as dificuldades pelas quais iriam passar dentro da cidade. Mas esta é só uma reflexão, uma entre tantas possibilidades.

Também, neste cenário, a importância das paróquias como reguladoras das práticas locais que guiavam também a cultura. Assim a cultura dialoga com outras práticas, a exemplo das motivadas pela fé.

> A minha avó materna, já deu aula de artes né, na escola que era ali no na Pousada do Ouro. Já trabalhou em casa limpando, trabalhou no posto, dando vacina muitos anos. E hoje em dia ela tem história para dar e vender assim, foi a primeira senhora se vestir de São Benedito aqui na cidade, por uma promessa que ela fez, né? Então ela é muito devota. Ela fez essa promessa por conta da minha tia, que teve uma crise, acho que foi de asma. Aí ela prometeu que ia sair vestida de Santo, aí costurou a roupa que ela também é costureira... O padre não gostou muito na época, até fez a pergunta para ela, Maria, você não sabe que o São Benedito é homem? Ela ainda diz né, poxa, padre, na hora do desespero, nem sabia lá que sexo tinha. Eu vou sair pronto. Saiu a vó, tá curada, ela doou a roupa para igreja e no ano seguinte já tinha um senhorzinho negro vestindo a roupa de São Benedito. E aí são muitas histórias, né? Família vive tudo isso, todo esse cultural, mas é simples, porque é o modo de vida, não é nada diferente" [BNLM, 2021].

O que se vê hoje, tanto na área urbana como na zona da costeira e na zona rural, são as regulações que acontecem por parte de outras linhas do catolicismo, interferindo inclusive nas práticas dos fazeres e saberes das comunidades tradicionais. "Com o seu crescimento, as instituições pentecostais também ganharam "poder" dentro das comunidades, e acabam fazendo o papel de mediadores entre a comunidade e o estado e absorvendo inclusive outras funções que deveriam ser do estado" (CORRÊA, 2021, p. 72).

Pergunto até que ponto as comunidades periféricas e tradicionais têm acesso à cultura em Paraty; mas antes, peço me conte o que começou primeiro em sua vida, se foi a capoeira ou o teatro.

> Então, na verdade eu cresci cercada de projetos sociais aqui na cidade, então o meu início foi com um que eu ainda não falei. Foi a vela. Eu comecei velejando, foi a minha, o meu grupão fora da escola assim, e aí eu iniciei com eles. É… Hoje em dia eu voltei depois de 10 anos. [...] Depois eu conheci a capoeira. E aí fiquei na capoeira também. É… viajei bastante com a capoeira, assim como a vela, né? Nas competições, então foi um outro olhar também para o para os lugares de fora e a cabeça foi abrindo, né? Que a gente vive aqui e a tradição tem dois lados, né o lado bom e o lado ruim. E aí eu fui criando, acho que minha própria personalidade. E por último, mais para adolescência que eu conheci a ciranda. Eu não tenho nenhum parente cirandeiro assim, mas minha avó, por exemplo, sempre cantou. É… "Maria põe o barco na água" né, que não é só daqui de Paraty, é uma cantiga do Brasil

> inteiro. E… mas eu não tinha noção do que é que era… Eu fazia todas essas coisas e estava envolvida nesse cultural, a ciranda chegou tarde assim, poderia ter chego muito antes. Mas eu não tinha esse saber de valorização e do que era… eu só mesmo fazia, não sabia nem que poderia ser uma profissão. E aí fui fazendo. [...] Não dava para ficar aqui fazendo isso, porque ao mesmo tempo eu tinha vergonha na escola, por exemplo, eu não… não comentava, não, não falava que eu fazia, né, que eu tocava que eu cantava ou… Ou que eu velejava, não sei o que é que tinha ali, mas era muita vergonha e queria sair da cidade. Acho que todo adolescente passou por essa fase aqui em Paraty, de querer sair, de não gostar. E aí eu saí, tive essa oportunidade, mas antes de sair eu trabalhei muito. Trabalhei muito no Centro Histórico. Então eu, desde antes de ser maior de idade, eu já vendia cachaça (*risos*). Eu já estava ajudando em passeio turístico. Eu já estava dentro de pousada, é. Desde de limpar casa, de fazer tudo. E até que isso foi revoltando assim, porque eu percebi que essa valorização com a ciranda, com a capoeira e com a vela, dentro da cidade não existia. Então não dava para ficar aqui fazendo isso. E eu já não aguentava mais trabalhar em balcão. E… não era a minha praia, então eu tive a oportunidade, primeira oportunidade que eu tive para sair, eu fui. E eu indico isso para todo mundo, que eu acho que viajar é a melhor coisa que você faz assim, você aprende, eu acho que mais do que qualquer faculdade, do que qualquer ensino. Era a prática na vivência com outras pessoas. Se está buscando aqui com o seu trabalho e eu fui, não fui tão distante assim. Eu fui pro Rio de Janeiro, né? Três horas e meia de carro. Fui porque eu tinha uma tia, essa tia me deu casa, eu comecei a conhecer o teatro. Conheci o teatro aqui em Paraty, mas foi assim, né? Conheci três dias, e o teatro foi embora e aí eu falei, gente, ficava então isso… Isso vinha revoltando também, por que não tinha aqui e o que é que faltava para ter? [BNLM, 2021].

Percebe-se, com a resposta da colaboradora, uma ressonância com a fala de Alcântara [2021], quando afirma que não há valorização da cultura local na cidade, sendo necessário um movimento, um trânsito, para trazer de outros lugares. E, mais ainda, sendo necessário criar meios de valorizá-la para que se possa ter mais acesso.

Outro ponto importante é o projeto municipal que envolve a formação técnica e profissionalizante dentro da cidade, que está ainda em andamento. As iniciativas de ministrar cursos e oficinas, sem apoio institucional, ainda acaba partindo dos próprios jovens que investem seu tempo em favor da cultura local. Estes são os que ainda guardam a esperança de que mudanças aconteçam para o setor.

> Eu tive aula até no Amok Teatro[230], e eles usam as máscaras, então isso eu já fazia também. Olha, eu nem sabia a utilidade. Depois eu vi que a máscara de papel machê que eu fazia com facilidade em casa e que a cola que eu preparava com facilidade, dava para virar um material de trabalho, de estudo, sabe, e de ensino. Então eu me revoltei, larguei tudo aqui, o meu trabalho que eu estava fazendo e fui embora. Isso novinha ainda também, estava comecei a trabalhar, 14 e aí… com 18 eu já estava… tive a oportunidade de ir, e fui. Aí lá eu foquei no teatro, só que dentro do teatro eu levava a ciranda. Eu levava os versos, eu levava musicalidade, eu levava capoeira… Eu levava até a vela (*risos*). E… e eu vi que dava para juntar todos esses

[230] Dirigido por Ana Teixeira e Stephane Brodt, o Amok Teatro desde sua fundação em 1998, vem construindo uma sólida trajetória artística, marcada por uma pesquisa contínua sobre a arte do ator e sobre as linguagens da cena. Além dos espetáculos, o Amok Teatro desenvolve uma intensa atividade pedagógica com ênfase na formação de atores, tendo constituído um método próprio de trabalho, difundido no Brasil e no estrangeiro. A companhia tem sede fixa no Rio de Janeiro desde 2003. Fonte: https://www.amokteatro.com.br/home - Acesso em: 12 Jul. 2023.

> universos e eu não precisava largar o teatro, porque também não dá pra gente fazer tudo né. A minha mãe sempre me disse, Olha, você vai ficar fazendo tudo, você vai acabar sem nada. E eu achei um lugar onde eu podia fazer tudo, e estar focada em um lugar. Que era o teatro. Então eu comecei a estudar lá. Procurei escolas técnicas, pude pagar por essa escola, pude sair, tive essa oportunidade, tive muita ajuda nesse caminho, até que apertou né… um pouco antes da pandemia, já estava dando apertadinha. Eu voltei e assim, né, como vários conhecidos que tem aqui na cidade, a gente volta, a gente tem esperança de… Pegar o nosso lugar assim e trabalhar com o que a gente foi aprender. E como, né, toda a pessoa que vai e que volta enfrenta muita dificuldade, né? E agora eu estou nessa linha assim… De trabalhar só com a cultura na cidade... [...] Mas eu acho que essas pessoas que estão voltando e tiveram oportunidade de sair, abrir os olhos, elas estão vindo também para tomar conta, sabe… pra levar isso para a frente, para isso acontecer. Então eu tô meio que nesse barco aqui. É, estou podendo contribuir com a vela. Que eu cresci fazendo, né, gratuito, projeto social, tô podendo contribuir com a capoeira, com a ciranda. E nisso tudo dentro do teatro e aqui na cidade. Então a minha missão por aqui, por agora é estar com essa representatividade forte assim de levar o teatro como a cultura e o património daqui também, que também tem história. E trazer a cultura e o patrimônio para dentro do que eu faço. E aí, com as máscaras de papel machê, com a ciranda, com as histórias, né? Da minha avó, da minha tia, do meu primo, do meu tio, do meu avô, que eu não conheci, mas que eu ouvi pela minha avó. Juntando tudo isso, eu consigo pegar a pesca no mar. É preciso aprender. Eu consigo aprender né, o dialeto caiçara. E consigo ter esse material, né? Esse estudo e tentando não sair daqui, né de novo. Se for sair só para passear assim (*risos*), mas para voltar aí para tentar agregar, porque eu acho que a gente está caminhando também. A cidade, ela está caminhando... eu acho que ela está aprendendo e eu sinto que a gente tem uma vergonha de admitir isso. Sabe, a gente está aprendendo, é… está aprendendo a fazer edital. É o primeiro que teve ano passado, 2020 na pandemia. É aprendendo a não viver só do passado, mas viver do cultural vivo que existe. Então é, estou nesse barco aí também (*risos*). [BNLM, 2021].

Considerando a relação das comunidades tradicionais, que estão mais afastadas, em relação ao meio urbano, e das festas e dos festivais, pergunto se esses moradores chegam a aproveitar e usufruir desses eventos, se chegam a ter acesso e como a colaboradora percebe isto.

> Então… Aí, eu sou do tipo de pessoa... Na verdade, eu já fui uma pessoa que… Já fui pra manifestação, sabe, já levantei uma bandeira forte, só que hoje em dia eu larguei mão de tudo isso. Eu sou mais eu, sabe? (*risos*) E aí eu me faço a pergunta, o quanto que eu ajudo para a sociedade, e aí você me fazendo essa pergunta me fez refletir uma outra pergunta. Que é a seguinte. Por exemplo, quando esses eventos eles foram feitos aqui, eles não foram feitos pensando numa comunidade geral, eles foram feitos pensando num cenário, num cenário turístico. Né? Paraty, sempre foi porta de entrada para o exterior, por exemplo. Então aqui é um lugar perfeito para receber turista. Só que tem um porém, né, ao mesmo tempo que aqui é o lugar e o cenário perfeito para receber turista e… É o que a gente vive hoje, né? E sobrevive, pelo menos a porcentagem maior, aqui também tem um povo que vive… Que vive (*risos*). Então Paraty não é uma casa de passagem, por exemplo, somente para isso, eu acho que essa ficha foi caindo conforme os eventos foram acontecendo, sabe? Mas ao mesmo tempo eu faço a pergunta, né, qual é a obrigação de você fazer um evento no lugar e tem que falar específico de uma cultura do lugar? Porque tem disso também, não necessariamente é uma obrigação, não sei. Eu teria que estudar para saber. Só que ao mesmo tempo, né, Paraty ganhou o título em 2019, de sítio misto né, Patrimônio da Humanidade, junto com a Ilha Grande, pela UNESCO e só tem 38 países no mundo. Se eu não me engano. No Brasil só tem aqui que pega, né, a Baía de Ilha Grande, Paraty, e um pouquinho de

> Ubatuba. Então… A gente começou a perceber que o que a gente fazia era cultura. E que a cultura é trabalho (*risos*). Então a partir disso, vieram a… Começaram a… Vir as perguntas, né? De poxa, por que que não sou eu que posso fazer uma apresentação? Poxa! Mas por que é que não sou eu que posso ir e cantar? Porque é que tem que sempre ter esse profissional que vem de um lugar diferente para fazer? E foi bom acontecer isso porque isso foi o… o ato que fez com que a gente parasse e pensasse pelo menos quem só estava aqui e não pôde sair da cidade para perceber isso em outros lugares. É… E a partir disso vem esses questionamentos. Hoje isto está muito mais forte porque a costeira, ela não está isolada. Muita gente da costeira hoje está na cidade, sabe? Está na Patitiba, está na Mangueira e eu reforço falar, né, está na Ilha das Cobras. Então isso está mais acessível. A gente tem luz na costeira, a gente tem televisão na costeira. A gente já não tem um dialeto tão tradicional porque acontece. O mundo está mudando. A Internet está chegando em todos os lugares. E existe sim uma parte que ainda resiste para se manter isso. Só que de uma outra forma, levando isso pra escola, levando isso para uma apresentação, levando isso, sabe por uma festa, por um festejo. Porque o ato de se viver totalmente, isso… Não, não dá mais. É uma forma diferente. Mas, ao mesmo tempo isso não está errado. Então a partir de tudo isso que a gente teve acesso, a gente começa a questionar poxa, tem esse evento aqui, fala sobre isso, por que a gente não está lá nele? Está tem esse outro evento aqui que fala sobre isso, mas ao mesmo tempo por que a gente não cria o nosso próprio evento e sai disso tudo? (*risos*). E qual é o acolhimento sobre isso também né, será que a gente vai ter? E nesse momento eu penso que é que a gente está na nessa linha de ter esse entendimento de estar pertencente a esses espaços por conta dos títulos e do próprio evento mesmo, que veio e fez a gente olhar para isso. E ao mesmo tempo de qual a necessidade de estar nesses espaços e não nós próprios, criarmos o nosso. A gente tem cineasta caiçara, a gente tem RAP indígena, a gente tem sabe? Tem um RAP quilombola agora que saiu, tem, aqui em Paraty, tem um cineasta quilombola, tem de tudo sabe, a gente próprio pode fazer tudo isso. [BNLM, 2021].

Compreendo, com esta resposta, que as comunidades, que pelo olhar de Bauman (2003, p. 7), deveria ser "aquele lugar cálido, confortável e aconchegante", estão buscando criar os seus próprios espaços, que por sua vez geram os seus próprios talentos, por não contarem com apoio e a valorização de seus fazeres e saberes para contribuir com a identidade e a cultura do lugar e da cidade. Essa busca constante pela identidade, mesmo que eventualmente não seja um objetivo consciente, como Bauman (2005, p. 21) afirma que deve ser, "com um propósito, em vez de um fator predefinido", vem a colaborar com a formação da identidade dos bairros e daqueles que o habitam, mas atento à análise de Woodward (2008, p.14), que "a identidade está vinculada também a condições sociais e materiais".

> [...] mas pelo menos trazendo para mim, né, pro meu olhar de 25 anos e de trabalhar com o que eu trabalho, hoje, por exemplo, eu tento fazer o meu. Ser a minha própria empresária, por exemplo, então a partir disso, eu não preciso ficar sempre sabe, ali insistindo então em um lugar que talvez não é para eu estar. Eu estava no meu próprio lugar, criando o meu próprio lugar, criando o meu próprio método, então eu sou esse tipo de pessoa. E… mas já me revoltei também já várias vezes. Hoje eu estou tranquila quanto a isso, eu quero fazer o meu próprio negócio, por isso que eu fundei a minha própria companhia de teatro. [...] Então, para o ano que vem, eu sei que está vindo um festival. Que se chama Festival Caiçara Peixe com Banana[231] e o

[231] 1º Festival Caiçara Peixe com Banana vai valorizar as comunidades tradicionais de Paraty (abcdoabc.com.br).

> foco principal deste festival é todas as atrações serem locais. Até mesmo a parte de produção de direção. De tudo desde do faxineiro até a pessoa que vai estar fazendo a produção artística do evento até o próprio contratado ser local. Mas ó, uma observação disso que você pontuou nessa sua pergunta, quem perde eu acho que é quem não chama a gente também (*risos*) [BNLM, 2021].

Os espaços de trabalho em Paraty, além dos relacionados com o turismo, são poucos, o ideal é então o morador empreender e criar o seu. Mas além desses desafios relacionados à cultura, também há os que se relacionam com a segurança da cidade, como já apontado por outro colaborador. O ambiente da Ilha das Cobras e da Mangueira, os dois bairros que estão separados da cidade pelo aeroporto, e que são considerados bairros em situação de vulnerabilidade social.

> É, eu moro, alguns dizem que é a Ilha das Cobras. Eu afirmo que é a Patitiba, mas é o campo que divide os dois, o campo de aviação que tem, é o campo de aviação que tem a Praça da Paz e um outro campo de aviação que aí é o de aviação mesmo, né? ...no final do aeroporto, então. Porque aí pega a Praça da Paz, pega ali a Mangueira, a Ilha, a [nova] passarela né, onde dá, da Ilha para o Centro Histórico. Tô ali. E nisso. Pois, eu cresci ali também né? E eu fico me perguntando, poxa, eu cresci ali, consegui fazer tantos projetos sociais, mas tantos projetos sociais fora dali. Né, eu… O bom daqui é que a gente tem essa oportunidade de sair sozinha e de andar livremente. Sempre teve, né? Agora que está um pouco complicado. Mas eu cresci assim e sempre saindo dali para ir fazer essas atividades, então eu saía do meu bairro, ia para um outro bairro para fazer capoeira, saía do meu bairro para outro bairro para fazer o iatismo. Saía do meu bairro e ia pro outro bairro para fazer a ciranda. E ao mesmo tempo eu estava ali jogando bola, soltando pipa, e brincando com a molecada. E eu… Essa gente cresceu junto, mas essa relação ficou estranha, conforme a gente foi crescendo, porque eu percebia que a vibe de um já tinha mudado, o outro já estava… Mas, ao mesmo tempo eu estava ali, via as coisas e também não tinha noção de que era, né, não.. Não tinha noção, do que era uma droga, não tinha noção do que era… E isso acontecia, mas a gente não… Continuava ali brincando, né? Envolvido. Eu não sei o que é que aconteceu, acho que foram os astros da cultura mesmo, que me puxou para o cultural, para eu não ver nada disso. Mas é muito triste, né, porque a gente tem uma cidade que está crescendo cada vez crescendo mais, mas ao mesmo tempo… Ainda é uma cidade pequena. Os bairros são pequenos, então você tem uma via fácil de se chegar de saber o nome ali da rua, quem está morando, fazer um mapeamento. Hoje a gente tem espaços né, com quadras nesses lugares, mas a movimentação cultural e até mesmo de esporte que é levada para esses lugares não acontece. Então quando eu cresci que eu percebi, ah por isso que eu saia daqui pra ir fazer tal coisa lá. Por isso que eu quero sair daqui, por exemplo, quando eu me apresentei no SESC da Santa Rita foi uma vitória para a família inteira. E foi lindo porque a gente mesmo quer sair dali para estar em outro lugar, por exemplo, sair dali para estar dentro do Centro Histórico. Isso é lindo para a gente, mas aí começam as perguntas, né, até que ponto a gente faz algo lindo aqui dentro também? Até que ponto, né? A gente tenta trazer algo bonito aqui para dentro, para não precisar sair, precisar sair sim, por uma vontade própria, mas por, ai, porque só tem ali. E é delicado, é… A gente vê meninos ali morrendo e até matando. Meninos e isso vem acontecendo, vem sendo normal, porque muita coisa não é falada, sabe? A gente não pode falar. Porque a exposição é muito grande, a cidade pequena, o inferno é maior. Mas é muito triste, de estar na porta com a minha avó e rolar, sabe, um tiroteio e aí ninguém sabe atirar direito também, então a bala vai pegar em qualquer lugar. Aí entra correndo com a minha avó, com meu cachorro, com a minha gata para dentro de casa... E, ao mesmo tempo, você fica muito chateada porque nada está sendo feito vindo de um poder

> maior, porque você sozinha ali? Nessa situação específica, se você se envolver, você também está ferrado, então… Mas é, e eu acho que agora com a mídia social, né, e com a exposição que Paraty está tendo, isso está vindo a ser mais preocupante. Então, por exemplo, a situação que aconteceu no Sono, né, que foi recente do casal, né, que acabou sendo agredido, a moça até violentada, isso percorreu no mundo inteiro. A gente teve o caso da menina, né, que foi assassinada, foi esquartejada, sabe, por meninos! Dentro de um barco, da nossa costeira, ali no nosso mar! Isso está chegando já no mundo inteiro. É uma pena que precisou chegar no mundo inteiro para se preocuparem com isso, sabe, uma pena, porque isso podia ter se feito antes. [BNLM, 2021].

As cenas de violência relatadas por Martins [2021], correspondem com o que é escutado nas praças, na fila do supermercado, do hospital ou visto na própria mídia. A falta de assistência a esses bairros no passado, que hoje se encontram em situação vulnerabilidade, deixou a situação incontrolável. Os moradores buscam forças, para perseverar e viver, diante de uma juventude que parece ter apagado do seu passado a afetividade pelo seu próximo e pelo espaço de origem. As práticas entre os vizinhos, o direito de ir e vir, de estar na rua, conversar, brincar, são questões que devido a falta de segurança estão se perdendo não só no Centro Histórico como havia percebido, mas também e com muito mais ênfase nos bairros periféricos.

> Por exemplo, na minha rua a gente ficava muito sentada, conversando, brincava. Hoje em dia já não… Não dá para brincar porque um passa de moto e não respeita a criança que está brincando, outro… E essa criança que passa de moto… Esse menino, né, que passa de moto, era a mesma criança que estava ali brincando, sabe, comigo! E hoje em dia ele passa e já não respeita a criança que está brincando, passando por essa fase. [...] E aí, tem a questão da politicagem, mas tem a religião também no meio que vem junto. E tem essa falta, de tempo, também, de valorização. [BNLM, 2021].

A influência da religião nos bairros, ao mesmo tempo que procuram ordenar o comportamento dos jovens próximos do tráfico, influenciam nas práticas culturais herdadas dos seus ancestrais, como também relata Malvar [2021], mais adiante. E a liberdade de escolha, seja no viés da arte ou da cultura, sofre interferência ora pelo tráfico, ora pela religião. No final do nosso encontro, conversamos sobre o fato de eu antes de ser Pires também era Nascimento, que então tínhamos ambos o Nascimento no sobrenome, no que prontamente respondeu, que assim como apontou Graça [2020], tratava-se de uma interferência da igreja, que trocava, "tirava até o próprio sobrenome da identidade", por outros, como Alcântara, Nascimento... Pela perspectiva de Woodward (2008, p. 8), "o que é visto como sendo a mesma coisa e o que é visto como sendo diferente nas identidades", por exemplo, os nomes originais destas famílias? "Quem são os incluídos e quem são os

excluídos?" Por isso é comum acontecer de alguns moradores, que embora tenham o mesmo sobrenome, podem não ter qualquer parentesco.

7.7 - A carioca da gema atriz

Devido ao fato da Wanessa Malvar Leite da Silva estar na capital no período programado para a entrevista, o nosso encontro foi remoto. O seu nome artístico, Wanessa Malvar, 26 quase 27 anos, carioca, filha de cariocas, e neta [por parte de pai] de um avô pernambucano, e bisneta de uma avó indígena, por parte de mãe, neta de um avô capixaba e de uma avó carioca e bisneta de um espanhol. *"Então tem uma mistura aí bem euro afro índio né como diz o Luís Perequê lá na música dele. É... no meu sangue"* comenta Malvar (2021), nascida e criada até os 23, 24 anos, no Rio de Janeiro. Em uma conversa preliminar, contou que transitou pelo Curso de Engenharia Civil da UFRJ, depois pela FAU, e quando estava indo para o quinto período de arquitetura e urbanismo começou a fazer a Escola de Atores Wolf Maya. Na mesma época iniciou uma oficina com o Amir Haddad e aí ficou no seu grupo, o Tá na Rua por 5 anos, e no trânsito dessa revolução trancou a faculdade e não voltou mais, até ir morar em Paraty.

> Conheci a Bianca lá na escola do Wolf, a gente se identificou em linguagem, em trabalho... Eu fiz assistência de direção do espetáculo de formatura dela e aí ela foi chamada para fazer a inauguração do Cinema na Praça em 2018, e aí na verdade eu acabei ajudando ela né ali a fazer, por ter sido assistente, ajudando ali, na adaptação porque ela transformou um monólogo em uma performance e ela sozinha, então... E aí ali foi mais ou menos começou assim o nosso trabalho juntas né, enquanto as duas... E a gente entende que ali foi o primeiro trabalho né da companhia enquanto ainda não era a companhia que só veio em 2019 com o nome com trabalho assim né de fato vamos dizer, mas o trabalho já vinha sendo construído. [WMLS, 2021].

Malvar [2021] narrou que na sua busca por uma linguagem de teatro e seus interesses neste universo, vivenciou o teatro de máscaras, o teatro de sombras e paralelo com essa linguagem mais rígida, mais técnica teve também a sua grande escola aquela que foi a sua verdadeira faculdade, a vivência de cinco anos no Grupo Tá na Rua. E depois... "de viver e beber ali da fonte do Amir Haddad, um teatro de rua feito na rua, uma linguagem que mistura um Carnaval, o próprio teatro popular e trabalha muito a questão da cultura popular e do resgate da sua própria ancestralidade". O seu movimento, esse trânsito da capital carioca para

Paraty, deu-se devido a uma oportunidade de trabalhar com a cultura em uma nova parceria com Bianca Paraty.

> [...] eu fiquei lá até ir para Paraty na verdade né é quando surgiu a oportunidade de dar aulas lá e a gente já tinha iniciado a companhia e aí foi assim que eu acabei indo, então Paraty é um lugar que existe muita cultura popular e muita cultura popular tradicional né é e conhecendo assim não é tendo proximidade com uma moradora que, por influência da família e a sua própria inquietação sempre teve interesse em saber né sobre a sua cultura e a cultura da sua cidade então eu conheci Paraty através dos olhos de uma paratiense que se importa com isso né então eu tive acesso à ciranda, hoje eu também sei tocar enfim cantar ciranda não só porque a gente utiliza nos nossos espetáculos mas porque também é uma coisa que me interessa, eu já conhecia ciranda de outros lugares, o bumba meu boi de outro né, do Maranhão, enfim... Interesse pelo contato com o Tá na Rua, tudo isso que eu já comentei então é e a própria tradição né do teatro de máscaras é uma tradição de um teatro popular né é de rua também Commedia dell'Arte as máscaras balinesas que também eu tive contato através da Fabianna de Melo e Souza que a Bianca também teve então foi mais um ponto de convergência aí da nossa formação e que também entra no nosso trabalho então estar em Paraty e não ter contato e não colocar isso no trabalho seria meio esquizofrênico assim da minha parte artística porque faz parte da minha formação não necessariamente a cultura de Paraty mas a identidade nacional de uma forma geral né que né volto aí a falar do Tá na Rua, é impossível não falar, o Amir Haddad tem essa coisa muito forte com o Rio né a gente é tem a sede na Lapa mas ainda assim é um grupo que fala do Brasil né que tem identidade do Brasil então apesar dele ser um grupo carioca de ter ali as raízes muito fortes, o samba, a malandragem, é estar na Lapa ele é um grupo de muitas cores né porque assim como como a cultura brasileira então é isso basicamente até agora. [WMLS, 2021].

Questionada sobre como vê ou percebe o interesse, o entrosamento dos moradores dos bairros periféricos, pelo teatro, o acesso, o interesse em participar, a colaboradora destaca, mais uma vez, a falta de valorização da cultura local, além de outras questões importantes.

> É... Eu acho que Paraty não é muito diferente do resto do Brasil assim nesse sentido né eu acho que quando você é... Na verdade eu acho que tirando as suas particularidades né... (pausa – caiu a conexão) Paraty não é muito diferente não é, do o resto do Brasil assim eu acho que quando a gente vai para um espaço menor a gente vê o micro do macro né e apesar de Paraty ter as suas é particularidades, peculiaridades né porque enfim tem várias questões aí que rondam a cidade de Paraty o que é uma loucura mas ao mesmo tempo eu não acredito que seja diferente assim do que a gente encontra em qualquer lugar não é não faz parte da cultura brasileira esse incentivo a você buscar a sua própria identidade né, a gente não tem essa valorização é de ir atrás do que acontece nos bairros, do que acontece é da nossa cidade, o que que está gerando de cultura ou qual é a cultura né é de onde vem o samba, de onde vem maracatu né enfim, várias manifestações que que acontecem né e que são nossas e que que dizem quem somos, a gente não tem esse incentivo então é eu acho que somado a isso é as

condições que a gente tem hoje de acesso vamos dizer assim né, eu acho que a internet ela trouxe uma além dela ter aumentado a globalização né enfim que é muito bom. [...] Eu acho que é uma coisa que faz parte do moderno né eu não vou dizer contemporâneo porque o conceito de moderno contemporâneo vem muito do Amir, e eu acho que isso tem muito do moderno assim então acho que são essas duas coisas né a falta de incentivo para esse tipo de desenvolvimento de olhar né, de desenvolver nosso olhar para esses lugares e buscar essas coisas pra esse lugar de cultura e... E o acesso nesse lugar de facilidade de um computador de um celular e do que isso acaba tornando mais interessante do como as pessoas cada vez... Estão se distanciando mais é... Desse contato é... Ao vivo, como as pessoas estão com cada vez mais dificuldades de comunicação não é, de se comunicar, de saber se expressar, então eu acho que isso acontece em qualquer lugar, e aí também entra uma outra questão é... Política e social e aí eu estou falando política pelo meu entendimento de política também que é vida em sociedade, não é não é nenhum partido nada do tipo, não é politicagem é realmente vida em sociedade que é essa desvalorização né e essa falta de olhar pra periferia né, o que é uma outra esquizofrenia porque muitas das culturas populares né, ou se não a maioria, brasileira né, veio da periferia né, dessa, são revoluções nessa maneira dessas pessoas criarem voz dentro da dentro do esquema social né das cidades então eu vejo que não existe um conforto dessas pessoas chegarem até esses lugares, porque ainda estão em pontos privilegiados né, então voltando para Paraty, as coisas acontecem no Centro Histórico ou no Caborê né, você não vê nada acontecendo na Ilha das Cobras você não vê né nada acontecendo na costeira né, no Corisco, no Corumbê, no Condado né, as coisas não vão até lá e então existe essa barreira, existe esse lugar de você limitar o acesso das pessoas, de você não colocá-las como parte integrante da cidade né, como se elas não fossem parte integrante da cidade não fossem vistas né e aí você vai tirando até um pouco da condição humana dessas pessoas também né, em um certo ponto e aí elas não se sentem... "Ah, o que está acontecendo lá não é para mim, a programação do SESC não é para mim, Paraty em Foco não é para mim, o Bourbon não é para mim" e de fato não é, né, é para turista é para atrair coisas mas poderia ser né e também é, não é mas também é, então acho que são todas essas é coisas que que fazem com que esse acesso, esse interesse seja dificultado assim e não chegue né não chegue não seja chamado então eu penso que a periferia e aí de Paraty que foi uma periferia que promoveu a ciranda né que e manteve a ciranda construiu toda a sua história uma periferia que deu o título à cidade né é uma periferia que infelizmente hoje não tenho incentivo de manutenção e aí por uma outra questão muito delicada e perigosa de se dizer é que é religião, a entrada da igreja de cunho é evangélico né o catolicismo também evangélico mas esse que a gente entende como evangélico né tem entrado nas costeiras nessas comunidades que são mais afastadas e terem modificado né a maneira de viver e de pensar e de ideologia dessas pessoas, isso tudo faz com que você é... Vá perdendo né esse lugar de cultura de perpetuação de manutenção, então acho que são... Nunca é um fator só né nunca é uma coisa só mas eu entendo que que aí são várias coisas né, assim como aqui como se você for nas favelas muitas pessoas que antes eram grandes sambistas, pandeiristas, autores, poetas... Enfim chorinhos e tudo mais hoje em dia não nem tem mais pandeiro nem toca mais um bandolim sabe porque virou algo proibido assim, então eu penso isso assim eu vejo isso e em maior escala porque a cidade é menor e porque tem essa questão do patrimônio né, a questão do patrimônio ela é um excelente exemplo assim dessa relação entre o que é a cultura né, o que é o verdadeiro patrimônio que são coisas que a gente questiona no nosso

> trabalho né, é inclusive era sua primeira pesquisa é exatamente o que a gente, a nossa inquietação assim coisas que eu via que a Bianca comentava e não sabia muito bem é organizar né e eu vindo de fora é... Tendo todo esse contato né buscando isso a gente conversava muito sobre isso né Quem é... Quem é né, não é o que é, quem é o verdadeiro patrimônio da humanidade? Porque no final das contas é sobre isso, a cultura não é um pandeiro, não é a música em si, é a pessoa né o ser humano ali é o artista é o cirandeiro que toca o pandeiro, a viola e canta e criou aqueles versos então é como que você é... E aí Paraty né você tem que manter o título você pode perder ele a qualquer momento né então como que é essa relação também né o que é politicagem o que realmente é incentivo é enfim várias outras várias outras coisas mas a questão da periferia eu enxergo como algo como um problema nacional assim, infelizmente [WMLS, 2021].

Algumas questões expostas por Malvar [2021], foram recorrentes em outras entrevistas efetuadas, inclusive em conversas/escutas não oficiais. E muito da fala da colaboradora, acontece também em outras cidades do Litoral Fluminense, e quanto menor forem, mais visíveis ficam. Nas grandes cidades a maioria das vezes, algumas pessoas não fazem questão de tomar conhecimento de que existe uma periferia. Por já ter documentado festivais de Teatro de Rua, onde se começou levar os espetáculos para a periferia deu pra perceber que houve uma mudança. E é muito interessante, quando você está do lado de fora das apresentações, observando e fotografando os atores, mas observando e fotografando também a reação do público e é incrível ver os olhos brilhando... É muito emocionante... E as crianças querendo participar... E a crianças dando pitaco nos espetáculos... E geralmente no entorno deste público, estavam também aqueles jovens que estão envolvidos, trabalhando para o tráfico que opera na comunidade, onde em segundos, a alegria o sorriso substitui o semblante pesado. Isso é maravilhoso e poderoso, é preciso que aconteça mais vezes, pois como venho presenciando as expressões culturais e artísticas tem esse poder de tocar as mentes e os corações mais endurecidos, podendo sensibilizar inclusive os mais vulneráveis.

Indagada sobre o que poderia melhorar em Paraty, Malvar [2021], argumenta “que não existe perfeição, que a gente tem que estar sempre em evolução, sempre buscando evoluir”. A colaboradora, acredita que a deficiência está em não sabermos olhar mais para o outro em termos de política mesmo de vida em sociedade. Malvar [2021], acredita “que a gente está perdendo é cada vez mais esse conceito de social sabe está muito na rede social e está perdendo o social mesmo de não saber se comunicar mais de usar as pessoas...”

7.8 - Três desabafos

Além das entrevistas concretizadas, outras que estavam agendadas não puderam acontecer, ou por questões com agenda ou por outras razões. Também ocorreu de algumas serem efetuadas, mas dias depois foi solicitado que fossem excluídas dos meus arquivos, porque se expressar livremente em Paraty ainda é algo arriscado para alguns moradores. Talvez porque ainda seja muito forte na cidade histórica a velha maneira de se fazer política e também pelo temor das facções que, literalmente, gerenciam o tráfico nos bairros periféricos. Segundo identificou Corrêa (2021, p. 79), "a violência só foi vista pelo poder público, depois que extrapolou e ultrapassou a barreira física e imaginária [o aeroporto que separa os Bairros Ilha das Cobras e Mangueira] e somente assim, a questão da violência em Paraty começou a ser pensada e as políticas em relação a isso começaram a ser construídas". Enquanto a violência entre os adolescentes e os jovens permanecia além da "barreira física e imaginária" mencionadas por Corrêa (2021), ou seja, o aeroporto que separa os Bairros Ilha das Cobras e Mangueira, assim como das correntes que cercam o Centro Histórico, a questão da segurança no município parecia estar sobre controle.

Dentre as mais de quinhentas *prints* que salvei das sete redes sociais que escolhi acompanhar durante o período da pesquisa[232], com mais ênfase na vigência da pandemia de COVID-19, três se destacaram. A primeira, de Ana Paula Serpa Corrêa que trata sobre a questão da xenofobia em Paraty; a segunda, de Graça Braga, alusiva à tragédia de abril de 2022, onde um deslizamento de terra soterrou a casa de pau a pique onde vivia Lucimar[233] e os seus sete filhos; e a terceira de Alan Richer, por praticamente sintetizar muitas das outras questões e desabafos dos moradores fixos e também dos sazonais, os veranistas. Para todas as três publicações selecionei apenas um dos muitos comentários que receberam; e para manter o sigilo dos autores os nomes foram substituídos por letras e números aleatórios.

[232] Cerca de 200 prints alusivas aos bairros Patitiba, Ilha das Cobras e Mangueira eu prometi para a minha terceira orientadora analisar só depois de finalizado o Doutorado.

[233] "Lucimar era uma mulher batalhadora, que sozinha cuidava de todos os seus filhos. Guerreira, forte, pescadora, nativa de Ponta Negra. Uma mãe que fazia de tudo pelos filhos. Uma típica mulher caiçara". É assim que Cauê Villela, presidente da Associação de Moradores da comunidade de Ponta Negra, descreve a amiga Lucimar de Jesus Campo, que morreu neste sábado (2), junto com seis de seus sete filhos, com idades entre 2 e 17 anos, durante um deslizamento de terra que soterrou a casa de pau a pique onde vivia. As mortes de Lucimar e dos filhos João, de 2 anos, Estevão, de 5 anos, Yasmin, de 8 anos, Jasmin, de 10 anos, Luciano, de 15 anos e Lucimara, de 17 anos, foram confirmadas pela prefeitura de Paraty [o sétimo filho, não resistiu e também veio a falecer no hospital] – Fonte: https://encurtador.com.br/dfgiU – Acesso em: 17 Jul. 2023.

7.8.1 – Xenofobia

Vocês sabiam que em Paraty, os que não são nascidos aqui sofrem xenofobia? Sim, esse é um discurso muito comum, de boa parte da população, feito até por parte dos líderes governantes, políticos da cidade. Já ouvi diversas vezes isso, acompanho também os discursos feitos pelo *Facebook*, é, Muito comum. Alguns deles foram direcionados a mim, o último ocorreu hoje. Existe uma página que podemos discorrer sobre os serviços oferecidos dos setores públicos e privados da cidade, e ontem eu fiz uma postagem relacionada a ineficiência dos serviços da unidade da Unimed em Paraty. Muitas pessoas foram na publicação e reclamaram da mesma coisa. Muitos dos serviços, públicos e privados da cidade possuem o mesmo problema, e quem não tem condições de ir a outra cidade resolver problemas diversos, ficam a mercê das condições precárias que a cidade oferece. Paraty é estruturada para turistas, não para moradores, os serviços básicos sempre estão em colapso. Pouquíssimos são os serviços que realmente funcionam, são acompanhados devidamente como precisa ser, e são resolvidos. Hoje uma pessoa foi na postagem defender a Unimed, que ele diz não ter acesso, e me xingou, mandou eu sair da cidade porque Paraty não aceita gentalha como eu (*risos*). Isso realmente é bem comum, até o prefeito desqualifica "forasteiros" (como ele nos chama nas lives) porque segundo a concepção deles, não devemos questionar, criticar, pedir melhorias... [Ana Paula Serpa Corrêa, Fevereiro 2022].

Comentário: "Creio que são questões profundas que exigiriam um estudo sociológico, antropológico. Porque os locais também sofreram muito nas mãos de gente inescrupulosa que chegou aqui a partir da construção da BR. Grilagem pesada, enganação, falsas expectativas do turismo gerar riqueza, renda e bem estar social, acordos espúrios entre políticos, grandes empresários com as bênçãos do judiciário etc. Não é privilégio de Paraty. Todo sul e sudeste pratica xenofobia contra nordestinos, por exemplo lembrando que Paraty é quase uma província ainda. Somos apenas 50 mil habitantes. Mas o combate à estes preconceitos é necessário. Todos somos cidadãos desta terra" [XYZ1].

7.8.2 - Lucimar e os seus sete filhos

O que representa a Lucimar, a mulher que vivia com sete filhos num único cômodo? Representa não só uma catástrofe climática ambiental! Representa o fracasso de toda sociedade paratiense. Representa o fracasso do Sistema de Garantia. Todos nós falhamos: empresários, prefeitos, secretários, vereadores, diretores, profissionais, conselhos, institutos, companhias, ONG'S, observatórios, associações, Condomínio Laranjeiras e seus condôminos, INEA, IBAMA, OTSS, Fórum de Comunidades Tradicionais, juízes, ministério público, defensoria, igrejas. Somos todos responsáveis. São muitas "Lucimares" presentes no território de Paraty. Existem outras histórias parecidas de mães que pedem ajuda, que não têm moradia digna e segura. A Lucimar é a verdadeira "cara" de Paraty! A cara da impunidade, da falta de prioridade, do desinteresse pelas crianças e suas mães. A Lucimar não deve jamais ser esquecida! Devemos identificar outras "Lucimares" e evitar outras tragédias. Ou, pelo menos, oferecer um pouco mais de dignidade! Sinto tristeza e vergonha! Perdão Lucimar! [BRAGA, Graça. Abril 2022].

Comentário: "Enquanto houver este descaso da sociedade e de todos haverá tragédias como está. Não nos desculpemos com a figura da natureza. Porque que o

pobre vai morar onde acha um lugarzinho que pode se alojar, por que é ali que sobrou! Muitas vezes sabendo ou não do perigo que corre . Mas é como do para a sociedade, se alojarem como podem, mas não arrumar um lugar ou poder ajudar num lugar com dignidade" [XYZ3].

7.8.3 - Sonhar é possível

Paraty é uma potência natural para sonhos que para muitos podem parecer impossíveis. Eu passei a me reconhecer como uma função protetora dessa terra, quando amadureci a noção da história de minha família e das raízes culturais desse lugar. A partir disso e de minha necessidade de cuidar da natureza e de detalhes que transformaram a intervenção humana no Planeta numa ameaça grave à nossa própria existência, iniciei um processo de busca por soluções que possam manter nosso paraíso protegido e as raízes de nossa cultura preservadas, sem abandonar a modernidade. Em meus sonhos, que permanecerão muito vivos enquanto estiver respirando nesse corpo por aqui, visualizei investimentos em fontes de energia sustentável; grandes hortas comunitárias cuidadas pelos moradores dos bairros; avanço de pesquisas e informação para a população sobre plantas alimentícias e cogumelos de nossa mata; projetos para identificação e preservação da fauna local; cooperativas de produção de alimentos de base nas comunidades; salvaguarda das técnicas de artesanato e saberes ancestrais passados aos mais jovens; coleta e reciclagem que funcionem de fato; formação em turismo de base comunitária; conscientização em turismo ecológico; rigidez com as liberações ambientais na especulação imobiliária; um centro universitário com valores voltados à cultura local e, diversas outras ações, que são sim, possíveis. Um mapeamento geológico que ajude a manter preservada a natureza e as vidas dos que aqui estão, sem destruição das margens dos rios e construções em suas margens destruídas. Existe o mundo inteiro, um país verde sendo devastado, mas por onde podemos começar, senão por onde vivemos? Paraty é modelo para o mundo todo, porque não pode começar uma revolução ecológica e humanista como exemplo e inspiração? Pode parecer algo distante, baboseira para quem só vê Paraty como um lugar a ser explorado, mas para o caiçara moderno, que se mantém atualizado, é a base para um mundo justo e inteligente, que não destrua nossa cultura, que sempre manteve preservada nossa natureza exuberante. Paraty ainda tem um volume de população que pode ser controlado, sem bairros inteiros sendo construídos sem planejamento adequado e aterrando nossos mangues e matas. Ainda não temos saneamento básico, mas as ruas são asfaltadas e reformuladas de tempos em tempos. Os esgotos ainda são despejados nos nossos rios enquanto as pessoas desinformadas, ou não, ainda se banham nas praias do Pontal e Jabaquara e nas águas dos rios. Vão fingindo um progresso de estrutura material construído como castelos de cartas, e o que faz real diferença vai se perdendo nas almas matriarcas que se vão a cada temporada. E quando o caiçara fala o que pensa, é atacado por discursos de quem não tem noção da história e valores que movem o fundo do coração de quem só quer permanecer em seu território e não ver sucumbir a natureza e os costumes da própria terra. Se vier, venha pra respeitar e preservar! Falo de sonhos utópicos distantes da realidade? Acredito que apenas para aqueles que vivem sua própria utopia e acreditam na realidade imposta por um sistema ultrapassado, que individualiza uma espécie antes coletiva, autossuficiente. É isso que o caiçara já foi e poucos ainda conseguem ser; "autossuficientes", minha família já foi cem por cento. Para quê será usada a evolução e a inteligência humana em plena década de 20, século XXI, senão para agir e acreditar numa herança justa para nossos filhos e filhas? O que somos nós sem sonhar no melhor, sem agir pela certeza daquilo em que acreditamos? E você? No que você acredita? [RICHER, Alan. – Abril 2022].

Comentário: "Briguei com gente poderosa de Paraty, pela especulação imobiliária que aterra mangue e faz loteamento, para quem quer tomar posse ate do mar! Briguei pelas coisas erradas, imorais que vi. Fui intimidada a ponto de ter que me

> mudar da minha casa, na beira do Perequê-Açu, Centro Histórico. Pode contar comigo, amo Paraty e jamais vou desistir de protege-la" [XYZ7].

7.9 - Ajustando o foco

A Bela Adormecida
Quando a sonhar me vejo na cidade
A bela adormecida ao pé do mar
E bebo a tarde e sinto a madrugada
E a noite de permeio é só luar.

É sol e mar, é praia e serenata
São pedras ladrilhando a minha rua
O mar passeia solitário na calçada
Espelhando a luz cheia nos beirais e nas sacadas!

Vida! Como é boa para a gente viver
Amo! Como é bom a gente amar aqui
Na praça, no cais, na praia...
Tudo isso é Paraty... É Paraty, é Paraty![234]

Antes de chegar no capítulo final, não poderia "esquecer de lembrar" do poeta maior, o paratiense José Kleber. Um artista nato, que pelo olhar de Freire (2012): não aproveitou integralmente a sua genialidade e [ao passo que] tinha um amor à cidade natal quão grande era a sua inteligência[235]. Em tudo o que multiartista fazia, Paraty era a razão maior. Pelo olhar dos amigos e familiares: vítima de um ato de extrema violência (uma mistura de ignorância, maldade, ganância e desamor). E, pelo ponto de vista de colaboradores entrevistados: morreu na defesa de suas terras.

Ao longo desta pesquisa, analisando algumas questões, através das narrativas dos trabalhos acadêmicos, das obras dos historiadores e memorialistas, bem como das suas eventuais publicações [desabafos] pelas redes sociais, passei a perceber que Paraty possui mais de uma face, que o turista apaixonado conhece ou acha que conhece. Durante o processo de escrita, foi doloroso, mas foi preciso desconstruir o meu olhar romantizado sobre a minha caríssima cidade. Hoje uma boa parcela da população é composta por aqueles que chegaram, acreditando no seu potencial, trabalharam e investiram o seu tempo e capital para

[234] A marcha-rancho, de autoria do poeta José Kleber, considerada hino extra-oficial e popular da cidade, também costuma ser executada, nas festas cívicas e populares (MELLO, 2009, p. 17).
[235] Ator, pintor, advogado, promotor de justiça, cantor, compositor, poeta, autor dos livros: Praia do Sono e Vertentes do Paraíso. Nasceu em Paraty, em 30 de junho de 1932 e faleceu em 7 de fevereiro de 1989, depois de eleito vereador (FREIRE, 2012, p. 152).

materializarem os seus sonhos, pagaram impostos, alguns geraram trabalho e emprego, mas se eventualmente resolvessem analisar algum serviço, seja ele público ou privado, foram e continuam sendo advertidos de forma preconceituosa e pejorativa de que são “de fora” ou que são “forasteiros”, e por isso não têm o direito de reclamar.

É provável que existam exceções entre os turistas ou mesmo moradores sazonais/veranistas que nem estejam interessados em saber das questões sociais da cidade, assim como nos traz Toledo [2019], sobre os turistas ou excursionistas que cruzam pelo Centro Histórico rumo às praias e não fazem questão de saber da história e da memória da cidade. Barbosa [2019] ainda frisou que, em prol do patrimônio Material e Natural, foi necessário criar novos ordenamentos para procurar conter o volume excessivo de turistas na cidade. Pois “[...] a gente vê passar aqui de manhã cedo [frente ao IHAP] eu fico apavorado a quantidade de gente e vai para lá sai pro mar e volta de tarde e vai embora, não quer saber se aqui tem um Centro Histórico, tem uma história sabe...” [BARBOSA, 2019]. Esse trânsito, como narrei na apresentação da cidade, começou após a conclusão das obras das estradas Paraty-Cunha e da Rio-Santos. Começou aí, o trânsito, o movimento de pessoas, tanto externo como interno.

Contemplando o seu patrimônio imaterial, a sua cultura, se em pouco tempo de pesquisa, de vivência, consegui absorver um pouquinho de conhecimento dos mestres e griôs durante as visitas às comunidades, o que dirá daqueles que passam as semanas, meses ou anos, próximo deles, isso quando não acontece de morarem sobre o mesmo teto em que se dá origem a certos fazeres e saberes das comunidades tradicionais. É como nos apresenta Alcântara [2021], “os mestres estão nas comunidades, fazendo canoa, costurando redes, e nós sempre procuramos estar ali aprendendo, pois enquanto estão trabalhando, eles estão criando versos e repassando conhecimento através de uma simples conversa”.

A possibilidade de acesso destas comunidades tradicionais aos produtos culturais oferecidos pela Casa da Cultura, SESC e outras instituições existem, pois as suas atividades são abertas ao público interno da cidade do mesmo modo que o externo. Só que percebo, pelo material coletado, em relação a uma parcela do público interno, nos bairros periféricos por exemplo, é preciso um trabalho intensivo para que os seus moradores se sintam pertencentes a estas instituições [ao Centro Histórico e à própria cidade com os seus títulos] para que a fronteira social possa ser superada. Talvez para o público interno seja necessário buscar uma linguagem menos erudita, para que a recorrente fala... “isso não é para mim”... possa ser superada. E ficar atento, com esse “ah, o que está acontecendo lá não é para mim...”, pois como apresenta Malvar [2021], “de fato não é, é para turista, é para atrair coisas mas poderia

ser né e também é, não é mas também é". Semelhante a estas colocações, Martins [2021] afirma "quando esses eventos eles foram feitos, eles não foram feitos pensando numa comunidade geral, eles foram feitos pensando num cenário, num cenário turístico". Barbosa [2019] descreve bem a fala do representante da UNESCO: "vocês têm que encontrar a alma de Paraty" ou seja, inserir nesse patrimônio misto que é o material e o natural, "a presença do ser humano, o homem interagindo com essa natureza".

Não é um ou dois moradores, são muitos que se manifestam diariamente nas redes sociais, e alguns desabafos são fervorosos e eloquentes, sobre a Paraty que o turista não vê. Os desabafos são muitos, pois quando você apresenta nas palavras e/ou nas imagens aquilo de bom que você quer vender ou convencer [o outro] de um lugar, mas que pelo desabafo recorrente dos moradores percebe-se que existe uma dissonância, cria-se uma ruptura nas narrativas. Os moradores paratienses, em boa parte, temem a exposição ao falar porque há retaliações de todos os tipos, e se é um paratiano, sem raízes, sem família na cidade, a situação tende a ser pior.

Pela perspectiva de Woodward (2008), embora paratienses e paratianos partilhem, em alguns momentos, do mesmo lugar e dos diversos aspectos da cultura do território em suas vidas cotidianas, para alguns antigos [e novos também] são moradores totalmente diferentes. Seguindo pelo pensamento do autor, mesmo que com o passar do tempo os produtos das experiências vividas, dos fazeres e saberes da vida cotidiana que paratienses e paratianos que vivem pela cidade apresentem resultados comuns, em algum momento poderá ser apontada a diferença, de uma forma cruel e xenofóbica. Não só os fatos compartilhados por Corrêa [2022], mas uma parcela do que foi analisado nas redes sociais apontam nessa direção, como concluo dialogando com Woodward (2008, p. 9), "mostrando que a identidade é relacional [...] e que a diferença é sustentada pela exclusão".

Um contrassenso ou no mínimo para nos fazer refletir sobre essas manifestações xenofóbicas é o depoimento da colaboradora Guida Gerosa [2022]. Trata-se sobre o ciclo do turismo trazer "um novo grupo de pessoas para a cidade e isso modifica bastante a sociedade". Mas o movimento humano entre lugares no Brasil, ocorre desde o seu descobrimento, reconhece essa moradora. Conta também, por exemplo, que na sua "árvore genealógica tem uma sextavó que saiu de Paraty e se casou em São Sebastião. E para somar ao seu pensamento, relata que com a pandemia de COVID-19, muitos ex-turistas vieram morar em Paraty, fato que transformou sensivelmente a sociedade. Mas, a colaboradora considera que "o pertencimento a algum lugar é um sentimento que parte de dentro de cada pessoa. Pois tem gente que mesmo paratiense de avô, bisavô e trisavô, não sente o amor pela

terra. Enquanto outros, recém chegados, se sentem filhos da terra" [GEROSA, 2022]. Esse depoimento vai ao encontro das narrativas dos colabores paratianos que participaram desse trabalho, o devotamento a memória e a paisagem cultural da cidade é algo que não encontrei em alguns paratienses contatados.

O que representa a Lucimar, a mulher que vivia com os seus sete filhos num único cômodo, questiona Braga [2022], pois ela representa não só a catástrofe ambiental, mas o fracasso de toda sociedade paratiense, como surtiu nos comentários. Segundo Woodward (2008, p. 18), "pode se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído". Lucimar era uma guerreira, uma mulher caiçara, representante de um patrimônio imaterial, literalmente sem maquiagem, que foi se alojar com os seus sete filhos, num lugar que era a sobra da sociedade paratiense. Infelizmente, Lucimar só passou a ser preferida para representar a imagem do caiçara frente à mídia ou para as instituições nacionais e internacionais depois de sua morte.

A afirmação de Toledo [2019] é a mesma que está engasgada em muitos... "Paraty não está preparada, na questão da infraestrutura para poder receber visitantes da UNESCO em Paraty" ...pois é necessário resolver alguns problemas básicos como um sistema de esgoto mais eficiente, mais hospitais, um transporte público sério e comprometido com a comunidade. E a questão do social e da segurança, que me parece ser o mais preocupante e que afeta também cidades vizinhas da Costa Verde, até com uma gravidade maior. Os relatos de Braga [2019] da sua vivência na Casa de Passagem para crianças vítimas de maus tratos, abandono e exploração sexual; e de Santos [2019] apontando que "Paraty tem 60,9 assassinados para cada 100 mil habitantes... Na capital, a taxa é de 13,1..."[236], apresentam esse outro ângulo nada bom de Paraty, que carece de atenção. Questões que atingem não só "os bairros periféricos", mas alinhado ao meu pensamento, como já mencionei em um capítulo anterior, trata-se "de uma periferia não muito distante" [SANTOS, 2019]. E nesta contemporaneidade, "vida em sociedade é essa desvalorização, essa falta de olhar pra periferia" [MALVAR, 2021]. Eu, por já ter vivenciado o verão paratiense, incluiria também, um abastecimento de água e energia elétrica mais eficazes. Será que é preciso intervir mais

[236] O que Santos [2019] aponta, são dados, de 2014, que estão no Mapa da Violência 2016. O estudo, que sempre utiliza números de dois anos antes, é publicado desde 1998 e mostra a evolução das taxas de mortalidade nos estados e municípios brasileiros com mais de dez mil habitantes. É feito graças a uma parceria entre UNESCO, Ministério da Justiça, Ministério da Saúde e Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) – Fonte: https://oglobo.globo.com/rio/guerra-do-trafico-faz-paraty-ter-maior-taxa-de-mortes-no-estado-1-20175874 - Acesso: em 14 jul. 2023.

efetivamente sobre as empresas terceirizadas responsáveis por esses serviços? Será que é possível se fazer isso?

Na visão de mais de um dos colaboradores entrevistados, foi admirável a vontade política pela conquista do tão sonhado título, praticamente duas décadas de empenho, mas a cidade precisa melhorar em alguns quesitos para poder manter o valor do título concedido pela UNESCO. E os quesitos citados atingem de alguma forma a sua essência, a sua alma: o povo. Paraty depois de mais de 80 anos totalmente abandonada (SOUZA, 2008) ou parcialmente isolada (FREIRE, 2002), com a abertura da Paraty-Cunha, na década de 1960, mas com mais ênfase da Rio-Santos, em 1976, como identifica Barbosa [2019], "começaram as especulações imobiliárias e também a grilagem de terra", e pelo visto elas não pararam mais. Os documentários produzidos relatam que as questões judiciais em busca do direito de ir e vir de algumas comunidades tradicionais são pauta nos tribunais há quase quarenta anos. Uma briga desigual, que em algumas comunidades caiçaras se iniciou armada pelo lado do opressor, com agressão física, estupro e com uma crueldade moral que se arrasta até os dias de hoje. Principalmente na zona da costeira, na cobiçada Costa Verde, a grilagem e a especulação imobiliária, dividiram famílias e comunidades. Algumas dessas rupturas foram causadas por discordarem das decisões dos líderes das comunidades e outras por medo dos jagunços armados, como apresenta as narrativas dos documentários "Vento Contra"[237] e "Trindade para Trindadeiros"[238], da mesma forma que os que ficavam para lutar legalmente por suas terras esbarravam em um judiciário, como foi evidenciado nos depoimentos não era muito comprometido com o morador. Contemplando "a palavra comunidade", segundo Bauman (2003, p. 9), ela deveria "evocar tudo aquilo que sentimos falta e que precisamos para viver seguros e confiantes". Mas lamentavelmente é algo que não parece estar ao alcance de todos os caiçaras de Paraty. Diante deste movimento, trânsito, como apontou Alcântara [2021], diversas famílias provenientes da costeira que sofreram com a especulação imobiliária, ficaram vulneráveis nos bairros periféricos do núcleo urbano. As novas gerações cresceram, algumas divididas pelos bairros Ilha das Cobras e Parque da Mangueira e hoje brigam entre si, por defenderem os interesses das facções rivais, que eles próprios devem desconhecer. Segundo afirma Corrêa [2023], ainda hoje existe morador, que continua perdendo a sua terra, como é o caso de uma agricultora que atua na feira ecológica.

[237] https://www.youtube.com/watch?v=AEIdstzzQ8E - Filme em Super 8 de 1978, realizado por Salo Felzen e Adriana Mattoso no auge da luta pelos direitos dos Trindadeiros. - Acesso em 25 jul. 2023.
[238] https://www.youtube.com/watch?v=Y7DCHywoyKM - Filme em Super 8 de 1978, realizado por Salo Felzen e Adriana Mattoso no auge da luta pelos direitos dos Trindadeiros. - Acesso em 25 jul. 2023.

Conforme relata Malvar [2021], em Paraty “uma outra questão muito delicada e perigosa de se falar é religião”, pois ao mesmo tempo que a igreja evangélica entra nos bairros periféricos da zona urbana, na rural e também nas comunidades da costeira, procurando, entre outras demandas, desviar o jovem da criminalidade, ela causa um outro choque cultural nos moradores das comunidades tradicionais ou que são oriundos destas [Ilha das Cobras, Mangueira, Patitiba...]. Pois pelo prisma dos pastores, por exemplo, participar de uma ciranda, dançar, tocar uma rabeca, pandeiro... Cirandar, não é uma boa coisa, uma coisa de Deus. O que acaba radicalmente “modificando a maneira de viver e de pensar e de ideologia” dos caiçaras, fazendo com que ele vá perdendo esse lugar de cultura de perpetuação de manutenção de suas tradições e memórias, “porque virou algo proibido assim” [MALVAR, 2021].

É como Barbosa [2019] deixa evidente na sua fala, as comunidades tendem a perder a sua cultura, se não houver uma educação de valorização dos “meus bens” ou do “patrimônio da minha cidade”. A competição diária com a cultura externa, com os mobiles, afastam a juventude da sua própria arte e cultura. Se os seus fazeres e saberes não são valorizados, a cultura do outro pode acabar os seduzindo. Fazer ou costurar uma rede com o griô da sua comunidade, fazer uma canoa caiçara, aprender a tocar uma rabeca, um pandeiro é assegurar que a cultura da sua comunidade vai continuar perpetuando... É gostar, amar a identidade da sua família, as tradições do seu território... É valorizar a memória afetiva... Da mesma forma que Braga [2019] nos afirmou: o quanto os seus ancestrais foram primordiais na construção afetiva da sua vida, desde as conversas, os fazeres e saberes, as contações de histórias, os mitos e as verdades populares do lugar. As comunidades indígenas, caiçaras e quilombolas em Paraty, possuem suas identidades naturalmente marcadas pelas diferenças. Mas pelo prisma Woodward (2008, p. 10), parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares e em momentos particulares”. Para Bauman (2003, p. 10), “pelo privilégio de viver em comunidade há um preço a pagar – e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada de “autonomia”, direito à “autoafirmação” e a “identidade”. Pelo olhar do autor, qualquer que seja a nossa escolha, ganhamos alguma coisa e perdemos outra.

Assim como aconteceu na década de 1980, segundo Barbosa [2019], que a rede hoteleira e outras instituições possam continuar incentivando, contratando os jovens para dançar/tocar uma ciranda, não só para firmarem a sua identidade caiçara, neste processo de movimento, trânsito das comunidades de origem, para aquelas em que seus ancestrais passaram a viver desde os anos 1960, mas também para eles começarem a ganhar um cachê

justo e se sentirem motivados. É preciso continuar trabalhando "a autoestima deles" como afirma Barbosa [2019]. Mas se faz necessário um retorno financeiro, que possibilite esses jovens [e não só eles, mas os pais as mães], poderem entrar em um mercado e comprarem no mínimo o básico para a sobrevivência, ou entrarem em qualquer outro estabelecimento comercial e poderem consumir com dignidade.

O desejo dos que acreditam no potencial da cidade, é que a relação Paraty – Patrimônio Misto pela UNESCO, com a cultura, continue sendo encarada como fundamental por todos. "A coexistência dela e que ela se preserve, continue cuidando das suas manifestações culturais da sua cultura enfim [mostrando] que ela está viva", aponta Barbosa [2019]. Que possa sempre haver pessoas empenhadas como na década de 1980, a fim de ensinar os jovens caiçaras a superar o choque cultural, que devido a abertura da Rio-Santos [e antes também pela Paraty-Cunha], como relata Barbosa [2019], onde/quando *"os garotos não queriam ser chamados de caiçaras",* não queriam mais andar descalços, algo que era uma prática nesse período [como eu de fato presenciei em 1979].

Na cultura e na educação, Paraty é uma cidade em plena transição. Embora estejam surgindo os polos EAD, "ainda não há uma Universidade, assim como carece de uma escola de profissionalização, uma escola técnica", conforme mencionou Martins [2021].

Este ano, de 2023, parece responder a algumas das questões formuladas pelos colaboradores entrevistados nesse capítulo. Em março aconteceu a aula inaugural do curso Jovem Aprendiz, na Casa da Juventude (CAJU). Na ocasião os secretários defenderam que "tudo só foi possível porque sempre os jovens estiveram do lado lutando para que acontecesse". O intuito da turma piloto, do Jovem Aprendiz, é de capacitar 25 jovens para o 1º emprego, e o projeto é uma parceria entre o Instituto Colibri e a Prefeitura de Paraty, por meio da Coordenadoria de Juventude. "O Instituto Colibri oferece projetos sociais com atividades voltadas às crianças, adolescentes e jovens em situações de vulnerabilidade socioeconômica" (CORRÊA, 2021, p. 23).

E no mês de abril foi inaugurado o Centro Poliesportivo da Mangueira, um belo e acolhedor empreendimento que segundo o secretário da Cultura Zé Sérgio Barros, "já está modificando a rotina da comunidade da Mangueira por meio das práticas esportivas". Ainda em abril também se concretizou no bairro Patitiba, junto à nova sede da Secretaria de Cultura, o Centro de Pesquisa e Documentação de Paraty (CPDOC), instituição direcionada, sobretudo, para o arquivamento e registro de peças com valor sociocultural. O espaço é mais um equipamento público integrado à Secretaria de Cultura. A visitação é pública e gratuita. O projeto terá coordenação da servidora Dora Castro.

Sobre a carência de "uma escola de profissionalização, uma escola técnica" citada por Martins [2021], pelo que venho acompanhando nas redes sociais da Prefeitura e de suas respectivas Secretarias, em breve estará sanada quando as obras do Centro de Formação de Economia Criativa (CEFEC) – a primeira escola técnica e profissionalizante de Paraty[239], no Bairro Parque Ipê, estiver concluída (Figura 42). O que oportunizará novas possibilidades para os jovens moradores, sem precisar saírem para as capitais dos estados vizinhos de forma definitiva ou mesmo que temporária, quando estiverem em busca de conhecimento. E também, quem sabe, de não precisarem se submeter a trabalhos com uma "remuneração baixa; carga horária pesada, chegando até 15h diárias" como nos apontou Braga [2019].

Figura 42 - Centro de Formação de Economia Criativa (CEFEC)



Fonte: tribunalivrejornal.com.br/prefeitura[240]

O projeto do CEFEC que, nas palavras do secretário de cultura Zé Sérgio Barros e do prefeito Luciano Vidal, para ser aprovado e sair do papel teve que enfrentar muito conflito, tentativa de suborno aos políticos que deveriam apoiar o projeto, discussões, brigas na Câmara dos Vereadores e até esforço de embargo à obra pela oposição. Muitos foram contra o projeto da escola desde a gestão municipal anterior, relata o ex-prefeito Cassé. Parafraseando as falas dos políticos presentes, no dia do lançamento da pedra fundamental desta importante obra, ficou claro que um dos motivos foram os empresários que detêm o poder econômico, que já estão com as suas vidas plenamente organizadas, que financiam os estudos dos seus filhos fora de Paraty e até no exterior, e não têm interesse na evolução do jovem,

[239] Nesta Escola Técnica e Profissionalizante haverá cursos voltados para variadas áreas, como: Gastronomia; Mecânica; Turismo; Línguas; Hotelaria; Operador de Som e Luz; Empreendedorismo; Multimídia, Tecnologia, Games e Robótica; *Design*; Moda; Artesanato; Produção e Gestão Cultural; Artes Marciais; Capoeira; Dança e Teatro; DJ e *Webdesign*. A co-criação do projeto desta escola foi construído junto com os jovens da cidade, ainda na gestão do prefeito Cassé e da Secretaria de Cultura Cristina Maseda em 2016 e mantido pelo atual do prefeito Vidal e Secretário de Cultura Zé Sérgio.

[240] Fonte: Edições Nº 248 e 326 - tribunalivrejornal.com.br/prefeitura – Acesso em: 10 set. 2023.

principalmente do jovem das comunidades mais frágeis. Como aponta o vereador Lucas Cordeiro, foi necessário muito amor, dedicação e principalmente acreditar na possível transformação destes jovens, para não recuar ou desistir da obra. Foi necessário também os jovens participarem, irem para as ruas e para as redes sociais lutarem pelo projeto, uma briga, para que os jovens tenham formação de qualidade dentro da cidade[241]. Segundo Corrêa (2021),

> no final do ano de 2019, aconteceu a última reunião para dialogar com a juventude, com o objetivo de dar satisfações sobre o processo de licitações para o início da obra do CEFEC, mas logo depois, antes do início das obras, o processo foi embargado, após uma ação dos representantes do bairro onde a escola iria ser instalada. [...] Depois do embargo a prefeitura cercou com tapumes de madeira. [...] Durante as campanhas da eleição municipal do ano de 2020 esse tema foi bastante usado pelos políticos, seja os que apoiavam a construção ou pelos que eram contra. Os que apoiavam sensibilizavam os eleitores que eram a favor e os que não apoiavam sensibilizavam os eleitores que eram contra a construção. E os conflitos que surgiram nos debates sobre o tema, geraram votos para os candidatos. No dia 05/11/2020, na 7ª Câmara Cível, o Desembargador Ricardo Couto de Castro, anulou o embargo do CEFEC. (CORRÊA, 2021, p. 88-89).

Conforme Corrêa (2021) identificou em uma das entrevistas que fez, o autor do processo à Associação de Desenvolvimento Comunitário de Paraty - Setor Sul, recorreu na justiça, na Câmara, procurando embargar a obra, porque os residentes e empresários do bairro não aceitam, pois, segundo eles, vai gerar tumulto e depreciar o local.

Em agosto de 2023, um momento histórico para a cidade de Paraty, é confirmada a chegada do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Conforme classifica Zé Sérgio Barros, secretário de cultura, "um passo importante para o presente e o futuro da nossa gente. O IFRJ traz para Paraty cursos e qualificações que o estado do Rio já conhece e respeita". Segundo o secretário, as aulas começam em outubro deste ano, na Escola Municipal Professora Pequenina Calixto. E na sequência, será a vez da escola técnica (CEFEC) abrigar e dar continuidade nas capacitações [BARROS, 2023].

Outra obra, que no meu olhar poderá ajudar a mudar a perspectiva dos jovens em relação à cultura, memória e o patrimônio e começar a superar o "isso não é para mim", é a instalação do Centro Cultural Casa da Ilha, na Ilha das Cobras, segundo bairro mais populoso da cidade e uma das áreas com índices de vulnerabilidade social. Segundo divulgação [pelas redes sociais] do secretário da cultura Zé Sérgio Barros, "a construção está avançada e a pretensão é de entregar para a população ainda este ano". O secretário também aponta que "a

[241] Fonte: Prefeitura Municipal de Paraty / Secretaria de Cultura - Live CEFEC - Escola Técnica - https://www.facebook.com/prefeituradeparaty/videos/754837035203611/ - Acesso em 21 mai. 2021.

Casa da Ilha terá quatro salas multiuso, espaços de convivência e uma cozinha industrial, ou seja, [o bairro, a cidade ganharão mais] ambientes voltados para a oferta de cursos e de qualificação profissional e pedagógica a variados públicos" [BARROS, 2023][242]. Segundo comunicação da PMP, o Centro Cultural Casa da Ilha unido ao Centro de Formação e Economia Criativa (Cefec), oferecerão aos jovens qualificações sob demanda e sem engessar a grade de ensino[243].

O Primo Malvão, Zé Malvão [o mestre violeiro], que mora "aqui pra baixo, há vinte e nove, trinta anos" [referindo-se ao bairro Ilha das Cobras, pois "lá para cima" seria o Caboclo, lembra que antes nas imediações onde hoje é o novo Cais de Pesca e Mercado de Peixe "era um manguezal só". Em relação ao saneamento, aponta que "todo final de ano e Carnaval falta água aqui também". Quanto à Covid, afirma que "não dá para facilitar não", conta que "dois colegas cirandeiros morreram". Preocupado, relembra do primeiro, "falei com ele numa semana lá na Rodoviária, estava bom, tranquilo, na outra semana foi para o hospital, dois dias depois morreu. O outro passou mal no dia do aniversário, levaram para o hospital e na outra semana morreu". Quanto à vida artística, afirma que falta divulgação da ciranda como uma manifestação cultural popular. E faz sentido, pois no decorrer dos sete períodos das saídas a campo concluídas, não vou dizer todas, mas quase todas as apresentações que presenciei dos grupos cirandeiros, estavam atreladas a algum outro evento, como um produto responsável pela abertura ou pelo encerramento. Sonho ainda poder ver em Paraty um [novo] lugar de referência popular para a ciranda, como foi a casa do padrinho, Tio Dito, o Dito da Viola no bairro Caboclo, onde periodicamente as pessoas iam chegando de mansinho, alguns com os seus instrumentos, outros trazendo muitas vezes o pouco que tinham pra comer e beber em suas casas, e compartilhando sobre a mesinha quadrada, coberta com uma toalha xadrez. Compartilhando afeto, causos e memórias. Em torno de um fogão a lenha, e sobre ele um bule de água fervendo [do estilo que o padrinho tinha e no qual preparava o melhor café preto que já tomei na minha vida], sem agenda ou roteiro, sem hora certa para terminar. Hoje, dialogando através de Gondar (2005), pelo olhar que tenho do presente, essas memórias atemporais colaboram para uma reconstrução do passado do bairro Caboclo, como lugar e território.

[242] O Centro Cultural Casa da Ilha é outro equipamento público da Secretaria de Cultura; O mesmo endereço também vai abrigar a Associação de Moradores da Ilha das Cobras, estreitando demandas junto ao Poder Público. Fonte: Redes Sociais da Secretaria de Cultura e do secretario Zé Sérgio Barros. – Acesso: 15 jul. 2023.

[243] Fonte: https://tribunalivrejornal.com.br/prefeitura-investira-r-700-mil-em-novo-centro-cultural-na-ilha-das-cobras/ - Acesso em: 15 jul. 2023.

Muitos mestres, assim como possíveis herdeiros, de alguma forma já partiram, e se as instituições culturais não despertarem [em tempo] no jovem caiçara a vontade de preservar as tradições dos seus ancestrais, é uma cultura que tende a se extinguir. As gerações mudam, assim como os seus interesses, “com a recordação que se esvai, o distanciamento não só aumenta, também se altera sua qualidade. Em breve, somente os documentos falarão, carregados de imagens, filmes e memórias” (ASSMANN, 2011, p. 18), sobre o passado de experiências dos ancestrais. O mencionado “choque cultural” citado por Barbosa [2019] ocorrido nos anos 1970/80, permitiu ao caiçara descobrir que fora dali há um vasto campo de oportunidades, ao passo que para usufruir desse universo é preciso que os seus fazeres e saberes sejam reconhecidos financeiramente. Se tal fato não acontece, é normal que qualquer ser humano procure migrar... É como afirma Martins [2021] “acho que todo adolescente passou por essa fase aqui em Paraty, de querer sair...” da cidade para buscar outros conhecimentos e/ou outras oportunidades.

E em relação ao saneamento a prefeitura de Paraty avança com o projeto de uma Estação de Tratamento de Esgoto (ETE) (Figura 43 e 44) da malha urbana do município. Diante dos dados coletados nestes quatro anos, a nova ETE representa um grande avanço no saneamento da cidade.

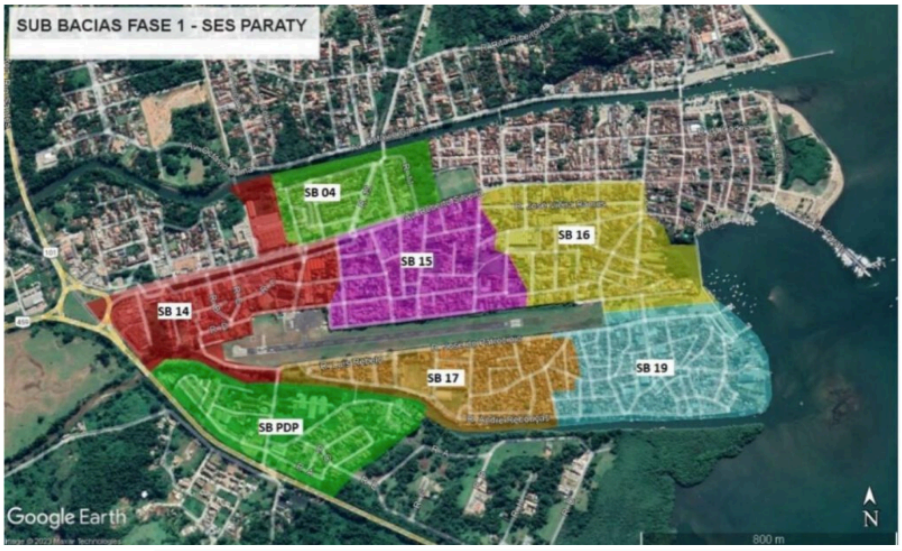
Figura 43 – Nova Estação de Tratamento de Esgoto (ETE)



Fonte: tribunalivrejornal.com.br/prefeitura

Segundo a prefeitura, a estação modular de tratamento de esgoto será erguida no entorno do trevo da cidade e a instituição estima que em torno de 15 mil pessoas serão beneficiadas com essa obra de esgotamento sanitário e saneamento básico na área urbana.

Figura 44 – As áreas alcançadas pela fase 1 do saneamento



Fonte: tribunalivrejornal.com.br/prefeitura [244]

Certas lembranças que rememoro das saídas a campo resultam da minha memória individual, pois parte realizei sozinho. Contudo, como nos aponta Bernd (2013), ao parafrasear Émile Durkheim[245], é preciso considerar que em campo me encontrei com os meus colaboradores que me concederam entrevistas, visitei lugares de memória, adquiri e li os livros dos historiadores e memorialistas, somados ainda aos quadros sociais que compartilhei com outras pessoas que diretamente ou indiretamente colaboraram para a produção de outras/novas reflexões, fazendo dessa pesquisa constituir-se também de uma memória coletiva (BERND, 2013).

"A memória social, produto do entrecruzamento de diversas disciplinas, não constitui um território unívoco, mas um território polissêmico" (GONDAR, p. 1, 2008). Segundo a autora, a memória social foi cunhada por Halbwachs para se distinguir do campo da memória individual. E seguindo a sua perspectiva, cada pensador, conforme o campo em que atue, terá uma resposta para defini-la, pois a memória possibilita múltiplos sentidos (GONDAR, 2008).

Então, as recordações dos colaboradores, a soma dos seus olhares sobre a perspectiva dos respectivos grupos os quais integram, independente se são paratienses ou paratianos, formam aqui a memória coletiva, pois vendo através do pensamento de Halbwachs (2006), um colaborador ou um ex-morador isolado, não formaria uma lembrança, ele precisa de outros moradores como testemunho. E pelo olhar de Pollak (1992), a formação destas

244 Fonte: https://tribunalivrejornal.com.br/prefeitura-avanca-com-projeto-de-saneamento-na-area-urbana-de-paraty/ - Acesso em: 10 set. 2023.
245 Respeitado sociólogo que inspirou Maurice Halbwachs (BERND, 2013, p. 49 e 50).

lembranças [principalmente pensando na tensão do que é se expressar em Paraty, ora grande ora pequena cidade], apontam a existência de memórias hegemônicas e que podem ser analisadas pelas instituições como subversivas, revolucionárias. Considerando o ponto de vista do autor, reconheço e compreendo a necessidade e o esforço de alguns colaboradores em negociar o que vai ser narrado de suas memórias. Inclusive, desistir parcialmente ou totalmente de sua oralidade para não ser punido pelas instituições locais.

Encerro esse capítulo contemplando a frase que nasceu de um diálogo de Malvar [2021] uma paratiana, com Martins [2021], uma paratiense: “Quem é... Não o que é... Quem é o verdadeiro patrimônio da humanidade? Porque no final das contas é sobre isso, a cultura não é um pandeiro, não é a música em si, é a pessoa, é o ser humano ali, é o artista é o cirandeiro que toca o pandeiro, a viola e canta e criou aqueles versos...”. Então faz sentido, ao mesmo tempo em que requer atenção, o slogan dos 356 ou 363 anos, como prefere Diuner Mello [2023]:

PARATY ... SEU POVO SEU MAIOR PATRIMÔNIO.

8 – CONTEMPLAÇÕES IMPERMANENTES DE UM #ETERNOAPRENDIZ

Paraty "a bela adormecida" de José Kleber, está num acordar permanente, e esta é uma das certezas desta pesquisa. E na medida em que me apego a novos autores, sinto a necessidade natural de me desapegar temporariamente de outros. E do desejo de chamar os griôs indígenas, caiçaras e quilombolas e invocar teóricos, como Barthes, Dubois, Flusser e Collier Jr., para contemplar e tomar um café com caldo de cana em Paraty enquanto dialogamos. Procuro aprender mais sobre a busca de uma essência na fotografia com Samain, assim como particularidades de todas as ciências que procurei aplicar nesta pesquisa. Em alguns momentos, procurei trazer para dialogar com o meu objeto de pesquisa Georges Didi-Huberman, Peter Burke e Vilém Flusser. E só não o fiz com mais veemência porque acredito que suas obras merecem mais atenção, assim como poder me fazer entender ao procurar explicar as respectivas ideias desses autores. Talvez, em futuros artigos e ensaios e trabalhando de forma isolada com esses autores, eu tenha melhor êxito.

No viés de reorganizar a pesquisa apresentada na qualificação, ancorei o trabalho em três eixos teóricos, os quais permeiam o texto, sem a criação de capítulos teóricos específicos. Destes, o primeiro: a Fotografia Documental articulada com o fazer etnográfico, que fez surgir a etnofotografia e a fotoetnografia. O segundo é: patrimônio cultural, onde, por um olhar cartográfico, apresento o Centro Histórico de Paraty, e o terceiro: memória de fazeres e saberes e a paisagem cultural tanto do Centro Histórico quanto do bairro Caboclo na zona rural. As primeiras narrativas foram construídas com fotografias do meu acervo pessoal de 1979, 1991 e as obtidas durante o período de inspiração e mais as fotos capturadas com a minha Câmera DSLR Nikon D610 FX 24.3MP nas sete saídas a campo para a pesquisa. A escolha de não utilizar registros feitos com o *smartphone*, ainda que tenham ajudado a rememorar as saídas a campo, se deu para garantir uniformidade estética. Os únicos registros constante na Tese via *smartphone* são de eventuais fotos de bastidores/*making of*. Aponto que as narrativas fotográficas serviram como suporte para discutir diversos aspectos do patrimônio cultural, da paisagem cultural e para a reconstrução da memória, mostrando a relevância da Fotografia Documental como ferramenta de pesquisa.

Algumas fotografias, principalmente as de 1979, tornaram-se emblemáticas ao serem publicadas nas redes sociais, que envolvem Paraty e a sua vizinhança, principalmente no Grupo do *Facebook* "Paraty antiga e os seus moradores". Pois para muitos moradores algumas fotografias, principalmente aquelas que apresentavam moradores há 40 anos atrás, eram muito representativas / simbólicas por trazerem amigos, colegas de trabalho, isto quando

não se tratava deles próprios quando crianças ou da casa onde os seus ancestrais moraram, no que era e no que a casa se transformou. As fotografias geram histórias e servem de gatilhos de memórias, e essas antigas fotografias tornaram-se ferramentas eficientes para o surgimento e afinamento das lembranças dos moradores via redes sociais, principalmente durante o período da pandemia.

Inspirando-me no decorrer do trabalho com a Fotografia Documental, procurei abordar sobre o patrimônio cultural e a paisagem cultural paratiense, problematizando algumas questões relacionadas a algumas fronteiras estabelecidas, as quais transformaram significativamente o panorama social e cultural da malha urbana de Paraty. Também foram mostrados, de forma breve, acontecimentos e aspectos históricos que marcaram a importância da Trilha dos Guaianases, hoje Caminho do Ouro e outras paisagens culturais para os paratienses e paratianos. E a pesquisa tratou também sobre aspectos relacionados à linguagem fotográfica, quando busquei apresentar a minha metodologia aplicada para o ato fotográfico, com o propósito de fazer da fotografia uma ferramenta mais eficaz para preservar a memória e o patrimônio. Nesse contexto de metodologia fotográfica, uma futura publicação apresentará um maior detalhamento já construído deste ponto, com vistas a apoiar futuros pesquisadores.

Ao rever os apontamentos do meu diário de campo, os roteiros planejados para cada saída a campo, os áudios das entrevistas... Percebo a existência de no mínimo três Paraty[s], dentro de Paraty... Aquela para o turista ver, a cidade do morador e a Paraty do morador sazonal, de finais de semana e feriados. E que em todas elas encontram-se paratienses e paratianos, com diferentes graus de sincero interesse pela cidade, que amam e se importam com os acontecimentos da cidade e aqueles que não veem e/ou não querem ver nada, além daquilo que consideram belo. E conforme foi apresentado, existe uma parcela de moradores/empresários que não estão preocupados com o crescimento e desenvolvimento de todos os seus moradores, principalmente os jovens dos bairros mais sensíveis.[246] E estão dispostos inclusive a tentar subornar os políticos locais para que os seus desejos se realizem, conforme a nova gestão municipal desabafou em público. Estes que são contra, não querem que esses jovens sequer circulem pelos bairros mais nobres, pois [infelizmente] para alguns moradores/empresários o pobre só deve circular nesses locais para servir de mão de obra, que deve ser barata e desqualificada. Sem direito a educação/conhecimento para não questionarem e nem desejarem serem pessoas melhores.

[246] Fonte: Corrêa [2023].

É igualmente preocupante o desabafo de profissionais da educação e da cultura, sobre a retaliação das instituições governamentais e privadas, por se manifestarem pelos seus direitos e/ou por cobrar melhorias em prol da comunidade. Manifestações que, eventualmente, não passam de cobranças nas redes sociais por questões como: saneamento básico, esgoto sanitário e distribuição de uma água bem tratada. A questão da falta de segurança, da violência principalmente contra as mulheres que [por exemplo], quando procuram através do Observatório de Feminicídio[247] da cidade, irem de forma pacífica em busca de seus direitos, além de não serem atendidas são recebidas a tiros de fuzil por um escrivão da 167ª Delegacia Policial[248], na Costa Verde, instituição que deveria atendê-las e dar-lhes proteção.

Observo que, não apenas o turista ou o morador sazonal, mas também alguns moradores fixos, desconhecem o panorama da educação, mercado de trabalho, saúde e segurança da cidade onde vivem. Outras sabem, mas preferem negar ou não se envolver, pois Paraty, infelizmente, para algumas questões fundamentais, ainda é uma cidade sob censura, silenciada, através de ameaças e perseguições, pelas mais diferentes esferas, principalmente se tratarem-se de paratianos sem familiares para os apoiarem/ampararem.

Mesmo com o cenário de insegurança no meio urbano que foi se enraizando durante as saídas a campo, na prática do ato fotográfico, tentei contemplar e documentar mediante a construção de novas escolhas visuais, uma forma diferente de ver as belezas das paisagens culturais que muitos já viram. Em campo, se fez necessário muita convicção e repetir diante do espelho: "eu sou fotógrafo", como se fosse um mantra. Para não me deixar influenciar com a situação de apreensão e poder chegar em determinados lugares empunhando a câmera na mão ou no pescoço e não na mochila, mesmo que em prontidão.

Então, no decorrer desta pesquisa, as narrativas sobre a relação desse movimento/trânsito dos moradores, principalmente o interno, com a especulação imobiliária e a grilagem foram surgindo naturalmente. As questões sobre segurança e a violência na cidade não estavam nos meus objetivos. Inclusive, desconhecia essa fragilidade na cidade. Assim como desconhecia que em gestões anteriores faltou uma atenção mais equânime, tanto do poder público como do judiciário, às comunidades caiçaras. Embora outras pesquisas apontem também questões como educação, saneamento básico e saúde, a maioria das fontes em algum momento convergia para o tema da especulação imobiliária e da segurança,

[247] Fonte: https://paraty.rj.leg.br/site/wp-content/uploads/2021/08/projeto_lei_022_2021219.pdf - Acesso em 31 jul. 2023.
[248] Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=LrFm5CENnP8 - Acesso em 31 jul. 2023.

identificando a segunda como a maior fragilidade de Paraty, assim como de outras cidades da Costa Verde.

Ao acompanhar Paraty pelas redes sociais analisadas percebo como foi tenso o início da atual gestão municipal com sua imposição por um novo ordenamento visual na cidade, um processo de "higienização" que atingiu algumas referências da paisagem do Centro Histórico, que resultou na retirada do Sebo Cultural[249] e dos artistas e artesãos indígenas, caiçaras e quilombolas[250]. Felizmente [procurando olhar de forma imparcial sobre quem está certo ou errado], houve depois uma flexibilização para ambos os casos. E percebo também, que depois de décadas de discussão, parecem estar surgindo soluções para outras importantes questões. Uma delas, mesmo que seja parcial, trata-se do quesito acessibilidade para as ruas de calçamento pé de moleque, possibilitando que todos possam ter o direito de transitar tranquilamente pelo Centro Histórico.

Outra satisfação foi ver o Rio Perequê-Açu sendo mais bem tratado pelos moradores, com eventuais mutirões em canoas e caiaques para recolher o lixo de suas águas. Quanto à educação, tanto técnico como profissionalizante, estão ganhando mais atenção pelas instituições municipais com a construção da nova escola técnica municipal, o CEFEC. Este será a primeira escola técnica gerida pela prefeitura na região da Costa Verde. Outra surpresa foi perceber que o ensino superior através de Polos em EAD também estão chegando na cidade, assim como a chegada do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) em 2023, em Paraty. Quanto à saúde, a ampliação do Hospital Municipal Hugo Miranda e a restauração do prédio histórico da Santa Casa de Misericórdia de Paraty. E no que diz respeito ao saneamento a prefeitura investe no projeto da Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), o que reflete um grande benefício para o morador e para o turista.

Não é algo simples a vida em Paraty, para quem não tem ou que tem poucos recursos. Fator este recorrente em cidades turísticas/históricas do litoral fluminense e paulista. É importante frisar, para quem vai a primeira vez, que embora haja sua harmonia e beleza peculiar [reconstruída e restaurada diariamente], o Centro Histórico é apenas uma pequena fração dos 924,296 km do município e segundo os colaboradores entrevistados e acompanhamento nos desabafos por parte dos seus 44.175[251] moradores nas redes sociais a cidade carece do básico. E também que, o processo de gentrificação que iniciou com a redescoberta da cidade, reflexo das novas estradas: na década de 1960, com a RJ-165 Paraty-

[249] Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=QyEJIsW1h-0 - Acesso em 31 jul. 2023.
[250] Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=ZpCWc_6MtX0 - Acesso em 31 jul. 2023.
[251] Fonte: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/paraty.html - Acesso em 30 mar. 2023.

Cunha e com mais ênfase na década de 1970, com a BR-101 Rio-Santos, quando então o Turismo passou a ser a principal economia da cidade, perdurando até os dias atuais, assim como a pressão provocada pela especulação imobiliária, sobre certas comunidades tradicionais caiçaras.

Apresentei nesta pesquisa através dos atos de ver, escutar e contemplar alguns dos seus moradores, Paraty, uma cidade do litoral fluminense, sendo mais pontual da cobiçada Costa Verde, que em 28 de fevereiro de 2023 completou 356 anos de histórias. E que em 2019, depois de tantos outros títulos, tornou-se Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Na sequência apresentei o bairro Caboclo, um dos seus bairros. O território onde nasceram e viveram os meus bisavós, avós, minha mãe, maior parte dos meus irmãos e eu. A busca pela identidade da cidade e do bairro do bairro Caboclo, ou seja, da nossa identidade, na busca da preservação dos fazeres e saberes herdados dos pais de nossos pais, bens intangíveis, uma rica herança de histórias e memórias de comportamentos, gestos, sons, ritmos, aromas, sabores e sentimentos, continua. Um lugar com fronteiras borradas, para alguns pelo esquecimento ou pelo silêncio para outros. Procuro mostrar através das falas dos meus colaboradores, a cultura tradicional de uma pequena comunidade que ainda possuía na primeira metade do século XX em uma de suas áreas o entorno de dez famílias. Onde alguns colaboradores entrevistados desconhecem as suas origens, a formação de sua própria identidade, por falta de documentos e transmissão de memórias. O que me faz pensar que nem todos os antigos [talvez devido a outra prioridade: sobreviver], falavam das memórias dos seus antigos. Então, para se poder afirmar sobre a sua forma de viver no século XX, em um espaço onde ora parecia uma aldeia, ora parecia um quilombo, se fez necessário usar da memória coletiva de parentes e amigos destes. As histórias de luta destas famílias, para a sua sobrevivência na zona rural, se entremeiam com a identidade de outras comunidades caiçaras da zona da costeira e até mesmo em alguns aspectos [comportamento, culinária, moradia...] com indígenas e quilombolas. A transformação social ocasionada pela gentrificação e especulação imobiliária, que se percebeu no bairro Caboclo, é recorrente em outros bairros, com mais ou menos intensidade. Assim, através destas metamorfoses, foram se redesenhando na escrita o seu patrimônio imaterial e as suas memórias. Desde as primeiras entrevistas com os ex-moradores do bairro Caboclo, percebo que o grande desafio é enfrentar o ímpeto/vontade de querer esquecer ou ser indiferente, devido, por exemplo a dor que causa ou que retorna ao narrar certos episódios do passado.

E através das lembranças individuais e do conjunto das representações e dos conhecimentos do passado de cada colaborador, alusivos ao bairro Caboclo e mesmo aqueles

lugares que estão além do seu território, como a própria antiga cidade, constituem a memória social do grupo/comunidade que lá viveram e compartilharam os seus fazeres e saberes, as suas práticas diárias e coletivas.

O amor pela cidade não deixou a pesquisa se tornar uma paixão cega, a ponto de impedir de perceber que Paraty desde o final do século XX precisa de cuidados, diferentes de quando isolada, alguns bem urgentes, assim como outras cidades do litoral fluminense e paulista, principalmente as turísticas e patrimonializadas, onde algumas questões apontadas aqui são bem mais graves. Mesmo que em certo mês uma pessoa perca a vida em Paraty, e numa única noite o triplo de pessoas percam a vida na cidade vizinha, quem estará no foco das atenções e dos holofotes geralmente será Paraty[252].

Mas como não é possível dar conta de tantas questões, nem mesmo em uma tese, concentro-me em registrar tudo que for prudente neste momento, para futuras pesquisas, quanto às transformações que a pesquisa sofreu, mas que também eu sofri durante o tempo que dediquei a esta investigação. Por exemplo, desde o conhecimento que passei a desenvolver como fotógrafo a partir de 1979. A execução desse trabalho é fruto de uma longa relação com a Fotografia Documental, amadurecendo, sempre na condição de um eterno aprendiz, mesmo quando professor. E a intenção de produzi-la no PPG de Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle está relacionado com a característica interdisciplinar que esse PPG apresenta, o que me possibilitou cruzar e fazer dialogar outros novos e valiosos conhecimentos com a minha fotografia.

O meu olhar apaixonado, constituído também de novos saberes e das aulas presenciais e/ou remotas, das leituras realizadas [e consciente da necessidade de tantas outras por fazer ou refazer], sobre os conceitos de patrimônio cultural e paisagem cultural, entre-lugar, gentrificação, território/desterritorialização e mais as diferentes possibilidades de se pensar memória. Somando as novas lentes, aos artefatos, literaturas e material empírico coletados ao longo deste projeto e das narrativas produzidas inspiradas na soma da etnografia com a Fotografia Documental, já na ocasião das primeiras saídas a campo, percebo que é possível pesquisar Paraty por diversos prismas. Algo que é fantástico e tentador, ao mesmo tempo que é perigoso, pois tratando-se de Paraty, abre-se um leque de possibilidades de caminhos e descaminhos a trilhar. Reconheço então a necessidade de mais foco, disciplina e

[252] Comunicação oral – A caminho de Mangaratiba, saindo de Angra dos Reis de transporte público, em conversa com uma senhora, moradora de Angra, escuto o relato que, como resultado de confronto em uma noite uma comunidade amanheceu com 22 corpos enfileirados na rua. Procurei localizar no Google o evento em questão, embora tenha ficado perplexo com o nível da violência na cidade vizinha, mas não localizei notícias relatando acima de 3 mortes naquela semana.

especialmente a prática do desapego, para não desviar-me de uma das questões sobre que esta pesquisa se propõe [o que nas fotografias não é possível ver, no contexto de divulgação da cidade de Paraty nas mídias impressas e eletrônicas]: se, diante do movimento/trânsito provocado pelo ciclo do turismo, os moradores (paratienses ou paratianos) ainda podem se considerar sujeitos da sua cidade. Pois a cada novo período experienciando Paraty, a sua cultura, os seus patrimônios materiais, imateriais e naturais preservados, são estabelecidos contatos com novos moradores, onde percebi por exemplo que em alguns territórios até o seu direito de ir e vir em vias públicas apresenta-se comprometido, seja pela especulação imobiliária, gentrificação ou pela falta de segurança. Questões como estas os dossiês analisados não apresentam.

Os sete momentos de imersão fizeram surgir diferentes colaboradores, com suas histórias, memórias e saber escutá-los fez gerar outras novas possibilidades para a pesquisa. São indígenas, caiçaras e quilombolas, que com os seus fazeres e saberes geram uma atmosfera de cultura sutilmente em movimento, por estarem em contato com outros sujeitos e o com o próprio estrangeiro que se territorializou, que adotou a cidade, fato que – como foi apresentado – vem acontecendo desde a construção das duas novas estradas e o início do ciclo do turismo.

E neste processo de contemplar Paraty e pesquisar a própria cidade, pela qual se tem muito afeto, é um desafio, quando se precisa mas é impossível ser imparcial. Para ampliar a minha contemplação, passei a fazer uma busca intensa de publicações acadêmicas. No início cheguei a olhar trabalhos de outras áreas [biologia, geografia, geologia...], por que em algum momento eles traziam também informações sobre o patrimônio imaterial e natural de Paraty, apontando nas entrelinhas as riquezas de sua biodiversidade. Paralelo a essa busca, cheguei também aos documentos instituições [dossiês, relatórios...]. Durante a situação da pandemia de COVID-19, comecei a filtrar alguns temas, buscando pesquisas que envolvessem a cidade com a fotografia, o patrimônio cultural, paisagem cultural e a memória. Para contemplar o quesito memória, uma vez que começaram a ficar lacunas sem respostas, recorri a uma busca pelas redes sociais de Paraty pelas obras dos historiadores e memorialistas paratienses e daqueles que aqui nesta pesquisa [como já havia alertado] carinhosamente chamaria de paratianos, adotaram e fizeram dela o seu lar, e que às vezes têm pela cidade um afeto maior que alguns nativos. Recebi muitas indicações de autores que dedicaram o seu tempo para documentar a cidade através de livros, artigos, poemas, aquarelas, bico de pena e fotografias. Consegui adquirir algumas obras recomendadas, e outras não devido aos seus altos valores,

como foi com a obra PARATY E A MAÇONARIA[253] do memorialista Diuner Mello, que só existia naquele momento, em todo o Brasil, em um único exemplar disponível para a venda em um sebo de São Paulo.

Não bastando as obras citadas, dei continuidade às entrevistas semiestruturadas, onde passei a perceber que após a sua redescoberta na segunda metade do século XX, a criação das novas estradas, foram os primeiros motivos para o movimento/trânsito observado. As entrevistas vieram na verdade atestar as belezas, mas também as fragilidades do seu patrimônio cultural e da sua paisagem cultural.

Então, ao escutar paratienses ou paratianos, o que percebo, pelos comentários, é que da cidade histórica, alguns querem apenas sugar as suas riquezas, não estão nem um pouco preocupados com o elemento principal da sua paisagem cultural: as suas comunidades tradicionais e os bairros mais vulneráveis socioeconomicamente. Que em 2018 [no início da pesquisa], eram apontados dois, fosse em textos acadêmicos, mídia ou pelos moradores: Ilha das Cobras e Mangueira. E, desde 2021, pelas mesmas fontes, já totalizam em cinco, com o ingresso dos bairros Pantanal, Condado e Chácara.

Escutar o outro [os outros], foi essencial, pois me fez perceber, por exemplo, que nem tudo que está estampado/gravado nas paredes dos casarios, assim como escrito/descrito nos dossiês ou nas obras que narram Paraty, pode ser tomado já no primeiro olhar como certo ou verdadeiro, absoluto. E sim, se faz necessário dar atenção e a execução de pesquisas mais apuradas, principalmente quando a cidade carece de documentos mais antigos ou quando as decisões do que lembrar ou esquecer são tomadas por instituições que exercem seu poder e pouco são questionadas.

As saídas a campo realizadas em 2018 e 2019 no Centro Histórico já apontaram, por exemplo, a exuberância do seu patrimônio material e imaterial, que a Rua do Comércio vem sendo dividida principalmente nos horários e nos dias de maior movimento de turistas, principalmente por indígenas das aldeias locais e de outros estados. E também, embora de forma tímida, por caiçaras e quilombolas, assim como por outros sujeitos: artesãos, músicos, atores, etc, brasileiros e também estrangeiros, que estão em trânsito ou que também estão começando a fazer de Paraty a sua cidade, o seu novo lar. Entretanto, Paraty não termina nas correntes que dividem o Centro Histórico da área urbana. Além delas encontram-se os outros bairros, alguns mais vulneráveis, onde vivem desde a segunda metade do século XX, uma parcela de uma das comunidades tradicionais, os caiçaras, que foram pressionados a saírem

[253] PARATY E A MAÇONARIA - A presença da maçonaria em Paraty seus sinais e símbolos na arquitetura e urbanismo – Diuner Mello - Litteris Editora - 2006.

do convívio direto com o mar e a roça, devido a grilagem de terras, especulação imobiliária e dos primeiros e radicais decretos ambientais. E somando a estes fatores, desde o início do século XXI, os jovens caiçaras são obrigados a conviverem diariamente com a violência das facções criminosas oriundas da metrópole carioca. Racializados, estes jovens são vítimas do processo social, cultural e econômico que atinge a cidade desde o início ciclo do turismo. E devido aos conflitos entre as facções, alguns tombam pelas ruas antes mesmo de atingirem a maioridade. Também, infelizmente, na pressão pelo domínio dos espaços culturais públicos nos bairros periféricos, alguns líderes de "movimentos sociais" possuem dificuldades de ter uma agenda, pois estão sendo assassinados pelo tráfico[254], como aconteceu com o filho do Daniel De Jesus Lima, proprietário do Sebo Cultural Paraty.

Fora da malha urbana, a união e o coletivo, independente do poder público, têm sido estratégia importante para a comunidade caiçara em Trindade para superarem as adversidades e as ameaças eventualmente sofridas devido as suas terras. E no Quilombo do Campinho da Independência, a organização e a manutenção de memórias podem gerar renda, além de levar às futuras gerações os seus fazeres e saberes, símbolos de sua resistência.

O planejamento no diário de campo para 2020 para fazer uma imersão em Paraty, com o objetivo de retornar aos espaços já visitados, conhecer outras comunidades caiçaras, foram adiados para o segundo semestre de 2021, devido à pandemia de COVID-19, mas com esse impedimento foi inevitável conhecer e agregar novas metodologias. E tentar de maneira isolada a organizar e/ou reorganizar o trabalho e o próprio ato fotográfico, de forma que me possibilitassem dar continuidade à pesquisa até que fosse possível retornar com segurança a Paraty.

Em 2023, no final da sétima saída a campo me perguntava: como seria uma das formas ideais de se fazer uma pesquisa em Paraty: para os que vem de longe como eu, uma passagem só de ida para a cidade, ter uma bicicleta e um barco [conforme já mencionei] ou um barqueiro a disposição além de um orçamento mais generoso. Fechar a conta na pousada ou *hostel* e comprar a passagem de volta para a cidade de origem, só quando terminar de cumprir todos os itens programados do roteiro no diário de campo. É preciso considerar, que tempo e dinheiro, são duas questões importantes a se colocar na balança na hora de se pesquisar uma cidade histórica [principalmente quando ela está geograficamente distante], para se evitar imprevistos, sejam eles financeiros ou pandêmicos.

[254] Alusivo à Aula N.15 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Participação e insurgências: qual agenda de pesquisa sobre movimentos sociais?, com os Professores: FEDOZZI, Luciano Joel; JUNIOR, Orlando Santos. Em 15 jan. 2021.

Embora, alguns dos resultados colhidos vieram justo de imprevistos ou do acaso, embora eu não acredite no acaso. Assim, procurando uma coisa, respirei e acabei achando outra, o que considerei produtivo para a pesquisa. Deixando-me aberto para uma experiência sensível, posso contemplar algo inusitado podendo trazer maior encantamento e riqueza de detalhes para a narrativa. Afinal de contas, trata-se do meu ponto de vista, resultado da minha experiência afetiva de contemplar [ver, escutar, fotografar, escrever...].

Durante as saídas a campo a rede de contatos deixou de estar apenas no âmbito do virtual das redes sociais [devido à pandemia] e voltou para o presencial, a ponto de alguns que participaram remotamente desta pesquisa através de suas falas, depoimentos e contribuições me reconhecerem pelas ruas do Centro Histórico e bairros de Paraty, presencialmente. E a participação frequente nos grupos e comunidades alusivas a Paraty nas redes sociais, deu-me uma sensação de pertencimento, mesmo estando na maior parte do tempo tão distante fisicamente. Poder acompanhar a vida social, religiosa, política... dos moradores, sejam eles paratienses ou paratianos, colaborou também para perceber outros cenários da cidade, algumas bem distantes do que é divulgado na mídia.

Pude perceber, por exemplo, que a Costa Verde, no contexto de Paraty, Angra dos Reis e Mangaratiba, passa por uma metamorfose desde os anos 1960/70, com a Paraty-Cunha e depois a Rio-Santos. E o poder público parece ficar de mãos atadas. E parte dos problemas, não solucionados, vão passando de uma gestão a outra, enquanto as licenças ambientais simplificadas se espalham pela cidade, o número de condomínios de luxo, as mansões com os seus iates e helicópteros aumentam e vão soterrando as paisagens rurais e costeiras originalmente caiçaras. As estradas enriquecem a vida urbana ao mesmo tempo que podem dividir ou até mesmo apagar histórias e memórias, e quando mal projetadas, colocam em risco o meio ambiente e a vida humana. Na Costa Verde, parece que sempre se dá um jeito quando é derrubar a Mata Atlântica para construir casas de alto padrão; já para plantar, visando a própria subsistência – o que sempre foi a prática durante muitas gerações – tem os seus [penosos] limites à moral e ao bolso das comunidades tradicionais. Como acontece com a comunidade caiçara da Laranjeira, onde o poder dos que lideram o PIB no Brasil há mais ou menos 50 anos parece superar as leis, permitindo cercar/isolar parte de um lugar, até o acesso à praia, torná-la privada, inibindo o ir e vir das pessoas. Tal ação vem permitindo seguranças armados constranger e humilhar aqueles que precisam chegar ao mar, para irem em busca do seu sustento, como sempre foi há mais de cinco gerações.

No início da segunda metade do século XX as estradas trouxeram o turismo, com ele o interesse por aquisições de terras e imóveis cresceram. E a partir desse momento, conforme já

citado, Paraty começou gradativamente a perder a sua independência para esse que seria o seu novo ciclo econômico. A situação da cidade passou a melhorar na mesma velocidade em que ficava mais dependente e menos autônoma. Percebo que para os empresários e para quem trabalha como autônomo, que um final de semana ou um feriado com chuva, por exemplo, passou a ser motivo para gerar uma grande preocupação, pois mesmo que o turista não se preocupe com as intempéries, estas poderiam deixar as estradas, que eram inicialmente precárias, intransitáveis ou ainda causar acidentes piores/irreversíveis. Com o novo ciclo, como aponta, a cidade desaprendeu a viver por conta própria.

E agora no século XXI, uma das discussões em Paraty é que desde 1980 a questão ecologia entrou com força total, mas pelo que percebi, através de documentários e textos acadêmicos, no início ainda não havia uma conscientização da importância do homem e das comunidades tradicionais permanecerem fazendo parte da paisagem. No desenrolar da pesquisa, por ficar envolvido com os fazeres e saberes e sensibilizado com as lutas das comunidades tradicionais foi preciso fazê-los presentes de alguma forma neste trabalho. O que parecia ser um chamado natural, para procurar entender o espírito de Paraty na construção da sua história. Após uma conversa na Ilha do Araújo com Almir Tã, o griô da comunidade, onde o mesmo esclarece-me que eu/minha família: "éramos todos caiçaras". Pela maneira como que se constituiu a nossa família e a forma como vivíamos, assim como os nossos ancestrais.

Também, apresentar Paraty usando de uma cartografia, tornou-se esclarecedor, primeiro para pontuar que a essência de Paraty não se resume nas belíssimas edificações do seu Centro Histórico - como se fosse uma lição que em 1979 tivesse ficado pendente e agora eu mesmo deveria internalizar. Que Paraty contemplada como "patrimônio cultural é formada por bens de natureza material e imaterial"[255]. E estes estão conectados, pois a alma de Paraty está nos seus moradores, nas suas comunidades tradicionais (indígenas, caiçaras e quilombolas)[256], assim como o Patrimônio Cultural e Natural também dialogam através das práticas culturais e da sensibilidade dos seus moradores. Ao caminhar por Paraty é possível contemplar esses dois conceitos, Patrimônio Cultural e Natural, se conectarem/dialogarem, seja nos artesanatos ou na gastronomia produzidos por suas comunidades, que residem e

[255] Fonte: Portaria Nº 127, de 30 de Abril de 2009 - http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_127_de_30_de_Abril_de_2009.pdf - Acesso em: 04 mar. 2023.

[256] Respeitando a "ordem cronológica: indígenas, caiçaras e quilombolas. Ou seja primeiro eram os índios, chegaram os portugueses e unindo-se aos índios surgiu o caiçara e por fim vieram o negros [escravizados] e os quilombos" (MELLO, 2022).

resistem seja no Centro Histórico ou nas suas comunidades espalhadas pelo seu vasto território.

Este é o tipo de pesquisa que parece não ter um fim. A começar pela própria organização do acervo fotográfico, que após ter participado do *workshop* com o fotógrafo italiano Emídio Luisi, estão sendo totalmente reorganizados com base na metodologia da etnofotografia, além de me provocar a repensar em todo o meu acervo fotográfico. Embora seja um trabalho que vai durar alguns meses, na hora da busca por uma imagem específica para criar uma narrativa, este trabalho anterior acaba facilitando. É todo um processo de produção, analiso fotografias, organizo álbuns fotográficos digitais, onde conjunto de imagens geram narrativas que produzem memórias. Calculo que os registros capturados nas saídas a campo, das 33 quadras do Centro Histórico, malha urbana, zona da costeira e rural, com ênfase na Ilha do Araújo, Trilha dos Guaianases e no bairro Caboclo, já somam em média 21.500 fotografias. Isso sem contabilizar as imagens de bastidores/*making of* documentadas com o *smartphone* ou o *tablet*.

E neste processo impermanente, sempre pensando contemplar, escutar e em fazer novas fotos ou repetir algumas dentro de uma melhor composição, em uma outra estação do ano onde a natureza me responderá com outras cores, ou dentro de um horário de luz mais adequado para obter outras sombras, brilhos e contrastes.

Mesmo com esse volume de fotografias, os resultados alcançados até o momento são instigantes/provocadores para outros retornos e para concretizar o desejo de fazer uma imersão em Paraty, para a realização de outras pesquisas/contemplações sobre o patrimônio cultural e a paisagem cultural da cidade histórica e do comportamento da sua alma: os moradores. Para captar / constatar e confirmar outras histórias e mitos dentro do Centro Histórico, como da maçonaria, dos templos e das festas religiosas. E principalmente além das fronteiras, das correntes onde encontram-se os patrimônios imateriais e naturais. Retornar a Aldeia Itaxim Guarani M'Biá em Paraty Mirim e ao Quilombo do Campinho da Independência para poder vivenciar de perto as culturas destas etnias e toda a atmosfera da Mata Atlântica nas imediações destas comunidades. Encontrar outras comunidades caiçaras[257] envoltas pelos patrimônios naturais. E mesmo sonhar, em conhecer e documentar, outros trechos do Caminho do Ouro[258]. Mas antes, de começar a efetivar estes sonhos, preciso voltar ao bairro Caboclo e aos territórios próximos, para desvendar se a história do "Morro do

[257] Praia do Sono, Praia Grande do Cajaíba, Calhaus, Itanema, Martins de Sá e Pouso da Cajaíba.
[258] Ouro Preto (antiga Vila Rica) – São Bartolomeu; Tiradentes – São João del-Rei; São João del-Rei e São Sebastião da Vitória.

Quilombo" tem alguma relação com o "Quilombo de Paraty". Ir atrás das primeiras pistas recebidas (in box), uma vez que após a provocação realizada [literalmente em público] nos grupos de Paraty, houve apenas um grande vazio/silêncio como resposta. Hoje, parte do que se narra do Quilombo do Campinho poderia ser também a história do bairro Caboclo visto em um espelho, um duplo com algumas memórias muito próximas. Se de fato houve um quilombo entre 1750 e 1813 onde o seu território se conectava através de trilhas do bairro Caboclo até as Fazendas Bananal e Bom Retiro é algo que merece ser melhor analisado/pesquisado. Em 2018 foi surreal saber [e ter a sensação] que nas terras onde se nasce, em que se dá os primeiros passos e que também se aprende a correr de pés descalços, até por desconhecer o que era sapato, que hoje [pela imposição de alguns moradores] para entrar precisa-se de autorização e justificar por que se quer entrar. Querem tirar o direito de ir e vir, privatizando vias que são públicas como acontece no Condomínio Laranjeiras e inclusive no Centro Histórico, na Rua/Beco do Buraco Quente.

Muitos foram os frutos que colhi nesta caminhada, aquelas memórias que eu ou os colaboradores escolhemos guardar na memória e os esquecimentos guardados nas nossas gavetas. Durante a pré-análise destas narrativas, creio que o meu [re]Nascimento começou quando eu tinha 19 anos, ao voltar a Paraty e ao bairro Caboclo. As cores do Centro Histórico, ainda com alguns aspectos da cidade antiga, os cheiros da costeira e do bairro Caboclo e as sonoridades que captei seguem vivos em minha memória.

Reforço aqui o desejo, após o processo desta pesquisa chegar ao seu final, que será de doar uma seleção do acervo fotográfico para o IPHAN e a Biblioteca Municipal de Paraty, de forma que amanhã outros possam ter acesso a sua cultura, o seu patrimônio, através de um outro olhar. Em concordância com esse pensamento, pretendo realizar e doar também uma mostra fotográfica ao IHAP, de forma que não só paratienses e paratianos, mas o turista que cruza pela instituição rumo ao Cais do Porto [Turístico], possam constatar que o patrimônio de Paraty não se resume no Centro Histórico ou nas praias e ilhas. E claro, atender o convite da Prof.ª Dr.ª Angelina Accetta Rojas de expor na Galeria de Arte La Salle no Rio de Janeiro, onde planejo apresentar Paraty, utilizando como corpus documental, narrativas ou painéis inspirados na obra Atlas Mnemosyne do artista alemão Aby Warburg[259]. Para tanto, pretendo aplicar a inspiração de Warburg, primeiro com as fotografias de 1979 e 1991 e, com mais

[259] Sugerido na qualificação pelo Prof. Cesar Vieira (UFRGS): formato/exposição Atlas Mnemosyne: de Aby Warburg: - https://www.youtube.com/watch?v=ob6M6ESLoww&list=PLvvpxc5iZC-427PDpfxsLH8CTlprAW5fJ - Acesso em: 21 abr. 2022.

fôlego, com as fotografias produzidas no período da pesquisa, com ênfase no Centro Histórico e nas comunidades tradicionais da zona rural e da costeira.

E com o olhar e o foco mais apurado, constituído das novas lentes/saberes inspirados nos conhecimentos adquirido através do PPGMSBC, procurar por exemplo: em uma nova aproximação delinear o[s] primeiro[s] bairro[s] da antiga cidade; ou poder experienciar a vida caiçara nas outras comunidades tradicionais [para poder vivenciar em detalhes as culturas destas etnias e toda a atmosfera da Mata Atlântica nos seus entornos]; ou mesmo fazer um recorte mais afinado dos trabalhadores [indígenas, caiçaras, quilombolas, estrangeiros...] que procuram fazer das ruas do Centro Histórico [não só da Rua do Comércio] o seu lócus de trabalho. Cartografar a localização destes moradores de Paraty, que nasceram aqui ou que chegaram depois para colaborar direta ou indiretamente na valorização do patrimônio cultural e da memória ou para somar no ciclo do turismo de Paraty.

Paraty | Artefatos Culturais, 2017 - 2023





E por serem os atos de ver, escutar, contemplar, fotografar e escrever – o urbano, o rural e a costeira e os seus respectivos sujeitos - questões tão frágeis e singulares é que são deixados abertos, realizar um outro olhar e ver Paraty, os seus sujeitos, os seus artefatos culturais, os seus caminhos e descaminhos. E trazer novas perspectivas para poder melhor perceber que a cultura híbrida da cidade é uma via de tantas outras possibilidades.

Tudo isso é Paraty!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz E.R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim /** Luiz Eduardo Robinson Achutti. **-** Porto Alegre / RS - Editora, UFRGS/ Tomo Editorial, 2004.

ACHUTTI, Luiz E.R. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. **-** Porto Alegre / RS - Editora, UFRGS/Tomo Editorial, 1997.

ACHUTTI, Luiz E.R. **Projeto Percurso do Artista**: Achutti. Porto Alegre / RS - Editora, UFRGS, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** – Chapecó: Argos Editora da Unochapecó, 2009.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho.** Coleção Primeiros Passos. Editora brasiliense. 1999.

ALMEIDA, Karolyny de Oliveira; ALVES, Ana Elisabeth Santos. **A memória do trabalho nas romarias de Bom Jesus da Lapa e as pessoas que vivem da venda de artigos religiosos:** algumas considerações. Artigo. 2012.

ANDRADE, Rosane. **Fotografia e antropologia**: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ANG, Tom. **O Fotógrafo Completo.** São Paulo: Editora Europa, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural / Aleida Assmann; tradução: Paulo Soethe. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AXER, Stéphanie. Turismo Cultural: O Município de Paraty e a Flip. **Revista Itinerarium**, v. 2. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 2009.

BARBOSA, Diego Santos. **Entre o Religioso e o Secular**: O Estudo dos Símbolos e dos Ritos Na Festa do Divino Espírito Santo em Paraty – Rj - Universidade Federal de Juiz de Fora. 2016.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; SILVA, Fábio Hebert da. O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano. Porto Alegre: Sulina, 2016.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória, Experiência e Narrativa - **Iluminuras, v.12, n. 29, p. 4-17**, jul./dez. 2011. Porto Alegre: UFRGS.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia - Lisboa: Edições 70, 2013.

BASTOS, Ana Rita. A fotografia como retrato da sociedade**.** Sociologia. **Revista da Faculdade de Letras de Porto** , v. 28 , Porto, 2014.

BATISTA, Fabiano Eloy Atílio (Org.). **Arte: multiculturalismo e diversidade cultural 2**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021. Disponível em: https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/55428. Aceso em: 03 dez. 2023.

BAUDELAIRE, Charles. **O público moderno e a fotografia**: Carta ao Sr. Diretor da Revue française sobre o Salão de 1859. Disponível em: <http://www.entler.com.br/textos/baudelaire2.html>. Acesso em: 23 nov. 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade e busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura / Walter Benjamin; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 7ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 1987.

BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (Orgs). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura** / – 2. Ed. – Canoas, RS : Ed. Unilasalle, 2017.

BERND, Zilá. Estratégias Memoriais na Sociedade Contemporânea. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes [et al.] (orgs.). **Memória Social - Questões teóricas e metodológicas.** Canoas, RS: Ed. UniLaSalle, 2013. (Série Memória e Patrimônio – Nº5).

BERND, Zilá. O caçador furtivo e o memorialista intergeracional: a literatura quebequense entre a apropriação do lugar e a preservação da memória ancestral. In: BARZOTTO, Leoné Astride; CARRIZO, Silvina (orgs.). **Filiações e afiliações interamericanas**: legados familiares, étnicos e nacionais. Porto Alegre: Editora Letra 1, 2021.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORJA, J.; CASTELLS, M. Local y global. La gestión de las ciudades en la era de la información. United Nations for Human Settlements (Habitat). Madrid: Taurus/Pensamiento, 1997.

BONI, Paulo; MORESCHI, Bruna. **Fotoetnografia**: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. Doc On-line, Londrina, n.03, p.137-157, 2007. Disponível em: http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAnqsAF/fotoetnografia-a-importancia-fotografia-resgate-etnografico - Acesso em: 22 nov. 2019.

BRESSON, Henri Cartier. **O imaginário segundo a natureza.** Portugal: Editora Gustavo Gili, SL, 2004.

BRESSON, Henri Cartier. O instante decisivo. Tradução livre e informal do inglês por Paulo Thiago de Mello de trecho do livro **The Decisive Moment**, New York, 1952. Copyright 1952 Cartier-Bresson, Verve and Simon and Schuster Disponível em: <http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-o-instante- decisivo.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BRITO, Sara Godoy. **Um estudo sobre a Fotografia Documental**: pensando e repensando conceitos a partir da aplicação de cores na fotografia contemporânea. Departamento de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** São Paulo: Editora Contexto, 2018.

CARROLL, Henry. **Leia Isto Se Quer Tirar Fotos Incríveis**. Tradução: Edson Furmankiewicz. 1 Ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural**: conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte; IEDS, 2009.

CHAGAS, Juarez. – **A morte e as suas representações.** São Paulo: Paco Editorial, 2018.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** Tradução de Luciano Vieira Machado. 3.ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo, Editora Unesp, Estação Liberdade, 2001.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. **Os Arquitetos da Memória**. Capítulo 3 – A Proteção Institucionalizada - Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

COLLIER JUNIOR, John. **Antropologia visual**: a fotografia como método de pesquisa. Tradução: Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

COLLOT, Michel. **Poesia, Paisagem e Sensação - Poetry, Landscape And Sensation** - Rev. de Letras – Nº 34 - Vol. (1) - jan./jun. – 2015.

CORRÊA, Ana Paula Serpa. **Juventude e violência: cenários turísticos e políticos de Paraty**. 2021. 103f (Dissertação de Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2021.

COSTA, Samuel. Artigo publicado na edição de Nº 22 do Jornal "A Razão", p. 1 e 3, em 29 de Outubro de 1922.

COSTA, Samuel. **Paraty no Anno da Independência**: outros textos e outros poemas / Samuel Costa; seleção e organização de Diuner Mello. – Rio de Janeiro: Litteris Ed.:, 2000.

COTRIM, Cássio Ramiro Mohallem. **Villa de Paraty.** Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2012.

CURY, Isabelle. O CAIÇARA DE PARATY | Documentário realizado em 2002 pela Prefeitura de Paraty com o apoio do Consulado Americano. Direção: Nena Gama. https://www.youtube.com/watch?v=wN4cV992kYE - 2002.

CULTURA PARATY. **#culturaparaty** no *Facebook*. Disponível em: https://www.facebook.com/hashtag/culturaparaty. Acesso em: 30 jul. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1 - Editora 34, 1ª Ed. 1995. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2009. v.1.

DELPHIM, Carlos Fernando. Entrevista com o Arquiteto Carlos Fernando Delphim – Técnico em Patrimônio Natural do IPHAN, 2010 – Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=YmBB4FDx31I - Acesso em: Set. de 2020.

DELGADO, Lucilia A. N. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) - Conferência de Abertura – 2003.

Didi-Huberman, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Editora 34, 2010

Didi-Huberman, Georges. **Quando as imagens tomam posição.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

DOURADO, Flávia. **Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro**. Entrevista com Aleida e Jan Assmann publicada originalmente em 23/05/2013, última modificação em 12/02/2016. Instituo de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural. Acesso em: abr. 2023.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papirus Editora, 1990.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papirus Editora, 1998.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **Iluminuras**, v.4, n.7, Porto Alegre, 2003.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia da e na cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ENES, E. N. S.; BICALHO, M. G. P. Desterritorialização/reterritorialização: processos vivenciados por professoras de uma escola de Educação Especial no contexto da educação inclusiva. **Educação em Revista**, v. 30, n. 1, p. 189–214, mar. 2014.

FLUSSER, Vilem. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREEMAN, Michael. **100 E UM CONSIGLIO PER IL FOTOGRAFO**. Ed. Logos - Modena, 2012.

FREIRE, José Carlos de O. **Crônicas de Paraty (Zezito).** 2ª edição. Petrópolis / Rio de Janeiro: Sumaúma Editora e Gráfica, 2002.

FREIRE, Zezito. **Paraty no Século XX.** Rio de Janeiro: Caravansari, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio Histórico e Cultural.** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES – FUNARTE. Ministério da Cultura. Dicionário Técnico da Fotografia Clássica. **Fotografia.** Disponível em: https://sistema.funarte.gov.br/dicionariofotografia/index.php?termo=fotografia&inicial=. Acesso em: 14 out. 2020.

GIBSON, David. **Manual do fotógrafo de rua.** Tradução: Edson Furmankiewicz. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, pág. 20-29, 1995. Disponível em: < http://www.spell.org.br/documentos/ver/12736/pesquisa-qualitativa--tipos-fundamentais>. Acesso em: 23 out. 2020.

GONDAR, Jô. : Quatro Proposições sobre Memória Social, in: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

GONDAR, Jô. **Memória Individual, Memória Coletiva, Memória Social**. UNIRIO - Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 08, número 13 – Rio de Janeiro, 2008.

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar.** Abertura do II Reunião de Antropologia do Mercosul, Uruguai. 1997.

GURAN, Milton. **Linguagem Fotográfica e Informação** / Milton Guran. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

GURAN, Milton. **Linguagem Fotográfica e Informação**. Dissertação. Brasília: UNB, 1991.

GURAN, Milton. **Linguagem Fotográfica e Informação.** Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

GURAN, Milton. *Workshop*: **Novo documentarismo -** Imersão Fotográfica Paris-Champagne. Milton Guran, Jean-Luc Monterosso e Cristianne Rodrigues. França. 2012.

GURAN, Milton. Curso de curta duração: FOTOGRAFANDO O OUTRO PARA SE VER MAIS DE PERTO. (Carga horária: 8h; Palavras-chave: Antropologia Visual, Fotografia Documental, Patrimônio Cultural, Etnografia). Ateliê Oriente / Rio de Janeiro, 2020.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. Departamento de Geografia Universidade Federal Fluminense. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF** - v. 4, n. 7 - 2002.

HACKING, Juliet (Editora Geral) *et al*. **Tudo Sobre Fotografia.** Tradução de Fabiano Morais, Fernanda Abreu e Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar in FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de literatura e Cultura.** 2 ed., Niterói: EDUFF, Juiz de Fora: ED.UFJF, 2012.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela Pesquisa Performativa. **Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**, v. 3 n. 1, pág. 41-53, 2015.

HUMBERTO, Luis. **Fotografia universos & arrabaldes.** Rio de Janeiro: FUNARTE, Núcleo de Fotografia, 1983.

IBGE. Biblioteca. **Município: Paraty**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=31756&view=detalhes. Acesso em: 15 fev. 2020.

IBGE. Brasil. Rio de Janeiro. Paraty. **Panorama**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paraty/panorama. Acesso em: 14 mai. 2018.

ICOMOS. https://www.icomos.org/en - Acesso em: 05 dez. 2023.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **Caminho Velho**. Disponível em: https://institutoestradareal.com.br/caminhos/caminho-velho/. Acesso em: 23 out. 2020.

INSTITUTO ESTRADA REAL. **A Estrada Real**. Disponível em: https://institutoestradareal.com.br/estrada-real/. Acesso em: 22 nov. 2019.

IPHAN. **Paraty e Ilha Grande (RJ) recebem título de Patrimônio Mundial da UNESCO**. Publicado originalmente em 04 de julho de 2019. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5164/paraty-e-ilha-grande-rj-ganham-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco. Acesso em: 30 jul. 2020.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano. Porto Alegre: Sulina, 2016.

KODAMA, Kaori; PIMENTA, Tânia Salgado; BASTOS, Francisco Inácio; BELLIDO, Jaime Gregorio. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856): uma análise preliminar. **Hist. cienc. Saude** - Manguinhos vol.19 supl.1 Rio de Janeiro Dec. 2012.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2º Ed. São Paulo: Ateliê Editorial. Cotia, SP, 2001.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico.** SAMAIN – 2ª ed. – São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac São Paulo, p. 39-45, 2005.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia**: O Efêmero e o Perpétuo. Ateliê Editoral. Cotia, SP, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Ateliê Editoral. Cotia, SP, 1999.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

KOZINETS, Robert V. '**On Netnography**: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture', in Joseph Alba and Wesley Hu- tchinson (eds), advan ces in Consumer Research, Volume 25. Provo, UT: Association for Consume r Research. pp. 366-71. 1998.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: Realizando Pesquisa Etnográfica Online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRAUSS, Rosalind; LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEÃO, Flávio; FREIRE, Lúcio Gama. **Mucungo, a História da Cachaça em Paraty.** Cidade, Ed. Autor, 2021.

LISSOVSKY, Mauricio. 10 proposições acerca do future da fotografia e dos fotógrafos do future. **Revista FACOM**, n. 23, 10 semestre, p. 4-15, 2011.

LUISI, Emídio – MUSEU DA IMAGEM E DO SOM / INSTITUTO ITALIANO DI CULTURA. **Antropologia visual**: a fotografia. São Paulo, 1982.

LUISI, Emidio. Entrevista. MUSEU DA IMAGEM E DO SOM / INSTITUTO ITALIANO DI CULTURA. **Antropologia visual: a fotografia.** São Paulo, 1982.

LUISI, Emidio. *Workshop* **A FOTOGRAFIA COMO MEMÓRIA DO INSTANTE TRANSITÓRIO.** Festival Internacional de Fotografia - PEF - Paraty / RJ, 2019.

MAGALHÃES, Angela; PEREGRINO, Nadja - **Fotografia no Brasil**: um olhar das origens ao contemporâneo – Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

MAIA, Thereza e Tom. **Paraty: encantos & malassombras: guia cultural, história, festas, folclore.** Ilustrações de Tom Maia. – Guaratinguetá, SP: Edição dos Autores, 2ª edição, 2018.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. **Paraty para ti** / Thereza e Tom Maia. 1 ed. – Lorena, SP: Stiliano, 2000.

MAIA, Thereza Regina de Camargo. **Paraty religião & folclore.** Ilustrações de Tom Maia, 2ª ed., revista e ampliada, Rio de Janeiro, Arte & Cultura (LTC Editora S/A), 1976.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários (Tese de Doutorado) - ECA-USP - Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - 2002.

MAUAD, Ana Maria. Prática fotográfica e a experiência histórica – um balanço de tendências e posições em debate. **Revista INTERIM**, Curitiba, 2011.

MAUAD, Ana. **Através da Imagem**: Fotografia e História Interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n °. 2, 1996, 2006.

MAUAD, Ana. **Fotograficamente, Rio e seus temas** [livro eletrônico] / Ana Maria Mauad (org). Niterói, RJ: PPG História – LABHOI – UFF/FAPERJ, 2016.

MECARELLI, Giancarlo. **Comunicação Oral.** Paraty, PEF2017, 2018 e 2019.

MELLO, Diuner. **Paraty no Anno da Independência**: outros textos e outros poemas / Samuel Costa; seleção e organização de Diuner Mello. – Rio de Janeiro: Litteris Ed.:, 2000.

MELLO, Diuner. **Paraty Estudante.** Instituto Histórico e Artístico de Paraty e Prefeitura Municipal de Paraty – Gráfica Freitas: Angra dos Reis / RJ, 2009.

MELLO, Diuner. **Paraty Roteiro do Visitante.** Instituto Histórico e Artístico de Paraty e Prefeitura Municipal de Paraty – 3ª Edição - Gráfica Servgraf: Paraty / RJ, 2011.

MENDES, Luís Felipe Gonçalves. **Leituras sobre a cidade** - As Novas Formas de Gentrificação – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa - Revista Cidades, Volume 12, Número 20, 2015.

MIMOFESTIVAL.COM. Disponível em: https://mimofestival.com/brasil/paraty/ - Acesso em: 25 jul. 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Paraty é a cidade brasileira que mais evoluiu em economia local, revela estudo**. Publicado originalmente em 9 de dezembro de 2015. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticia/paraty-e-a-cidade-brasileira-que-mais-evoluiu-em-economia-localc-revela-estudo. Acesso em: 23 out. 2020.

MORAES, Camila. **Quando as luzes se apagam em Paraty**. El País, Paraty, 5 jul. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais. com/brasil/2015/07/04/politica/1436039196_544016.html>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MUXEL, Anne. Tempo, Memória e Transmissão. In: RODET, Chantal (dir.) **La transmission dans la famille:** secrets, fictions et idéaux. Paris: Harmattan, 2003. p. 147-157. Tradução feita por Zilá Bernd (PPG - Memória Social e Bens Culturais - Universidade La Salle), com autorização da autora Anne Muxel em e-mail enviado em 17/09/2021. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes [et al.] (orgs.). Canoas, RS: Ed. UniLaSalle, 2022. (Série Memória e Patrimônio Nº12).

NOGARA, Paulo. O CAIÇARA DE PARATY | Documentário realizado em 2002 pela Prefeitura de Paraty com o apoio do Consulado Americano. Direção: Nena Gama. https://www.youtube.com/watch?v=wN4cV992kYE - Acesso em: 31 mar. 2018.

ONUMA, Fernanda Mitsue Soares; MISOCZKY, Maria Ceci Araújo. **Uma reflexão sobre a noção de desterritorialização identitária e suas implicações para políticas de acolhida de refugiados**. XXXVI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro – 22 a 26 de setembro de 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT) - **Código de Ética** – Santiago / Chile: 1999.

PAES, Maria Tereza Duarte – Resgate. **Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v.23, n.30, p. 105-118, jul./dez. 2015.

PARATY.COM.BR. **Capela de Santa Cruz da Generosa**. Disponível em: http://www.paraty.com.br/capela_generosa.asp. Acesso em: 25 jun. 2020.

PARATY.COM.BR. **Centro Histórico de Paraty**. Disponível em: http://www.paraty.com.br/centro_historico.asp. Acesso em: 24 jun. 2018.

PARATY.COM.BR. **Corpus Christi em Paraty**. Disponível em: http://www.paraty.com.br/feriados/corpus_christi/. Acesso em: 23 out. 2020.

PARATY.COM.BR. **Festa do Divino de Paraty**. Disponível em: http://www.paraty.com.br/feriados/festadodivino.asp. Acesso em: 23 out. 2020.

PARATY.COM.BR. **Semana Santa em Paraty**. Disponível em: http://www.paraty.com.br/feriados/semanasanta/. Acesso em: 23 out. 2020.

PARATY.COM.BR. **Igrejas de Paraty**. disponível em: http://www.paraty.com.br/igrejas.asp. Acesso em: 23 out. 2020.

PARATYTV. **O Caiçara de Paraty**. Publicado originalmente no *Youtube* em 14 de março de 2016. Documentário realizado em 2002 pela Prefeitura de Paraty com o apoio do Consulado Americano. Direção: Nena Gama. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wN4cV992kYE. Acesso em: 31 mar. 2018.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. Disponível em: http://www.igrejaparati.com.br/nossa_par%C3%B3quia_monumentos_religiosos.htm- Acesso em: 25 out. 2020.

PATRIMÔNIO EM FOCO. **Compartilhando a História da Costa verde**. Disponível em: https://patrimonioemfoco.blogspot.com/2019/08/capela-da-santa-cruz-da-generosa-paraty.html?spref=fb. Acesso em: 25 jun. 2020.

PEF – **Festival Internacional de Fotografia**. Disponível em: https://www.pefparatyemfoco.com.br. Acesso em: 29 set. 2020.

PEF – Festival Internacional de Fotografia. **Ação Social**. Disponível em: https://www.pefparatyemfoco.com.br/acao-social. Acesso em: 16 jul. 2020.

PEF – Festival Internacional de Fotografia. **Histórico**. Disponível em: https://www.pefparatyemfoco.com.br/historico. Acesso em: 16 jul. 2020.

PEF – Festival Internacional de Fotografia. Disponível em: https://www.pefparatyemfoco.com.br/. Acesso em: 17 ago. 2023.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PARATY - **Inventário Turístico Volume I** – Aspectos Gerais – Gestão: José Cláudio de Araújo, Paraty, RJ, 2003.

POL – PARATYONLINE.COM. **Confira a programação completa do aniversário de Paraty.** Disponível em: http://www.paratyonline.com/jornal/2012/02/confira-a-programacao-do-aniversario-de-paraty/. Acesso em: 22 nov. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK. Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. Secretaria Executiva de Governo. Comissão Permanente Pró Sítio Do Patrimônio Mundial De Paraty. Dossiê: **O caminho do ouro em Paraty e sua paisagem** - a importância do reconhecimento de Paraty como Sítio do Patrimônio Mundial da UNESCO. Paraty / RJ, 11 de setembro de 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. Secretarias. **Secretaria de Cultura**. Disponível em: https://www.paraty.rj.gov.br/o-governo/secretarias/secretaria-municipal-de-cultura. Acesso em: 13 mai. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. **Paraty Ilha Grande Cultura e Biodiversidade** - DOSSIÊ. Brasil / Paraty, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. SECRETARIA DE TURISMO E CULTURA. **Plano Diretor de Desenvolvimento Turístico do Município de Paraty**. Inventário Turístico. Volume I – Aspectos Gerais. Paraty, 2003. Disponível em: www.cepa.tur.br/comtursap/PDT%20Paraty.pdf. Acesso em: 12 fev. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. Home. **Paraty – Patrimônio Mundial**. Disponível em: http://www.paraty.rj.gov.br/paraty-patrimonio-mundial. Acesso em: 16 jul. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARATY. A cidade. **Sobre a cidade**. Disponível em: https://www.paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre. Acesso em: 14 mai. 2018.

PRICE, Derrick. Observadores e observados – a fotografia em todas as paradas. *In:* WELLS, Liz. ***Photography – A critical Introduction***. Tradução: Rui Cezar dos Santos. Londres: Routledge, 1997. Título original: *Surveyors and surveyed – photography out and about.*

PRIESTER, Mariana Freitas. APROPRIAÇÕES E PERCEPÇÕES SOBRE O BAIRRO HISTÓRICO DE PARATY / RJ - **Revista CPC**, São Paulo, n.22, p.118-144, jul./dez. 2016.

PRIESTER, Mariana Freitas; THOMPSON, Analucia. O bairro histórico de Paraty - Autenticidade, homogeneidade e integridade. **Revista Arquitextos**. Vitruvius. 199.05 patrimônio, ano 17, dez. 2016. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.199/6350.

RAMECK, M. J. S.; MELLO, D. **Roteiro documental do acervo público de Paraty Séculos XVIII, XIX, XX**. Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP). Paraty: Editora de Paraty, 2011.

RECUERO, Raquel. **Comunidades em Redes Sociais na Internet:** Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com, 2006, 334 f. Tese de doutorado em Comunicação e Informação, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Cidadania. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Prefeitura Municipal de Paraty. Prefeitura Municipal de Angra dos Reis. **Paraty e Ilha Grande:** Cultura e Biodiversidade. Disponível em: http://paraty.rj.gov.br/conteudo/downloads/paraty-patrimonio-da-humanidade/PARATY-CUL-BIO-POR.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.

REVISTA MEMÓRIA E LINGUAGENS CULTURAIS. Disponível em: https://www.unilasalle.edu.br/canoas/mais/revista-memoria-e-linguagens-culturais. Acesso em: 18 out. 2020.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN. In: _____. (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

RIBAS, Marcos Caetano. **A história do caminho do ouro em Paraty**. Paraty: Contest Produções Culturais, 2003.

RIBAS, Marcos Caetano. **DESCAMINHOS** – Estórias do Caminho do Ouro / Paraty. 2ª ed. – São Paulo : Estação Liberdade. 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **Iluminuras, v. 4, n. 7, 2003.** Porto Alegre: UFRGS.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de Rua**: Estudo de Antropologia Urbana. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

RUBIM, Antônio Albino. **Curso SESC de Gestão Cultural**. 2016 – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8utvyjKFE6w. Acesso em: 28 Set. 2020.

SAMAIN, Etienne (Org,). **O fotográfico**. São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac São Paulo, 2005.

SEBRAE/RJ. Plano Estratégico de Turismo de Paraty. Paraty, 2002.

SETORIAIS DE CULTURA PARATY. **Setoriais de Cultura Paraty**. Página no *Facebook* destinada a compartilhar sobre os setoriais de cultura e sua representação junto ao Conselho. Disponível em: https://www.facebook.com/Setoriais-de-Cultura-Paraty-103284644737311. Acesso em: 1 ago. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHÜTZ, Danielle. **Manual básico de conservação e restauro:** pintura sobre tela – Canoas: Ed. ULBRA, 2012.

SILVA, Charles Roberto; FELIX, Daina; SILVEIRA, Danilo; SUEYOSHI, Humberto Issao; AMALFI, Marcello; BOITO, Sofia; CERASOLI JR, Umberto; SEIXAS, Victor de (Orgs.). **Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP.** São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. v.3, n.1, 205 p. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicações e Artes/USP. Disponível em: http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/spa/Pesquisa%20performativa_%20uma%20tende%CC%82ncia%20a%20se%20bem%20discutida%20(Luiz%20Fernando%20Ramos)%205o%20SPA%20ECA%20-%20USP.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

SILVA, Jardel Sandy – III SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA POLÍTICA - Universidade Federal do Rio de Janeiro - jardelsandy@gmail.com - **REVISTA GEONORTE**, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.782-797, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da – **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 8. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVEIRA, Paulo Fernando Pires da. PA_RA_TY isolada no século XXI. **Revista da Disciplina de Oficinas de Linguagens Culturais e Suas Formas de Expressão e da Disciplina de Mobilidades Culturais.** 1º Sem. 2020. Ano 10. Nº 16. Disponível em: https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/8a4f982b556a4be4c2770daf94067581.pdf. Acesso em: 21 ago 2021.

SILVEIRA, Paulo Fernando Pires da. PARATY: ENTRE CICLOS E LUGARES. **Revista da Disciplina de Oficinas de Linguagens Culturais e Suas Formas de Expressão e da Disciplina de Mobilidades Culturais 1º e 2º Semestres**, 2019. Ano 9. Nº 15. Disponível em: https://www.unilasalle.edu.br/uploads/files/e6babe859f88dc416eee195900c56739.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVEIRA, Paulo Fernando Pires da. Paraty entre Festas e Festivais: da parceria ao marketing cultural em tempos de pandemia. **DIÁLOGO**, Canoas, n. 48, p. 01-17, dez. 2021. https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/8548. Acesso em: 20 dez. 2022.

SILVEIRA, Paulo Fernando Pires da. A Cultura na Trilha dos Guaianás - Uma Inspiração Etnofotográfica no Caminho do Ouro - **Revista Iluminuras** Nº 55 – UFRGS - 2020. - https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/101035 - Acesso em: 21 ago 2021.

SILVEIRA, Paulo Fernando Pires da. "As paixões do italiano Mecarelli: fotografia e Paraty", foi publicado no livro eletrônico **Arte, Multiculturalismo e Diversidade Cultural** – Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista - Atena Editora - https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/55428 - 2021. - Acesso em: 20 dez. 2022.

SOARES, José Claudio. O CAIÇARA DE PARATY | Documentário realizado em 2002 pela Prefeitura de Paraty com o apoio do Consulado Americano. Direção: Nena Gama. https://www.youtube.com/watch?v=wN4cV992kYE - Acesso em: 31 mar. 2018.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. **Ensaios sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Arbor, 1983.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

SOUZA, Marina de Mello. **PARATY A CIDADE E AS FESTAS** – 2ª Ed. Rio de Janeiro : Ouro sobre Azul, 2008.

SOUZA, Marina de Mello de. O CAIÇARA DE PARATY | Documentário realizado em 2002 pela Prefeitura de Paraty com o apoio do Consulado Americano. Direção: Nena Gama. https://www.youtube.com/watch?v=wN4cV992kYE - Acesso em: 31 mar. 2018.

SPINI, Sandro. Entrevista. MUSEU DA IMAGEM E DO SOM / INSTITUTO ITALIANO DI CULTURA. **Antropologia visual**: a fotografia. São Paulo, 1982.

SPINI, Sandro. LUISI, Emidio. MUSEU DA IMAGEM E DO SOM / INSTITUTO ITALIANO DI CULTURA. **Antropologia Visual**: A Fotografia. São Paulo, 1982.

STADEN, H. **Duas viagens ao Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

TAVARES, Glauco. **A prática da fotografia de rua**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. Entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano. Porto Alegre: Sulina, 2016.

TV PEF - Festival Internacional de Fotografia - Documentário por No Olhar TV. Publicado originalmente no *Youtube* em 20 out. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1QhOo7AZots&feature=youtu.be. Acesso em: 18 out. 2020.

VALENTIN, Andreas. *Workshop* **[Re]Memória.** PEF - Festival Internacional de Fotografia - Paraty / RJ, 2019.

VÁSQUEZ, Pedro Afonso – **Fotografia Escrita**: nove ensaios sobre a produção fotográfica no Brasil. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.

VÁSQUEZ, Pedro Afonso. *Workshop* online. **A Fotografia para um Novo Normal.** PEF - Festival Internacional de Fotografia - Paraty / RJ, 2020.

VERGER, Pierre. Fotografias. Catálago da exposição. Museu de Arte de São Paulo – de 19 de maio a 11 de junho de 1999.

VIEIRA, César Bastos de Mattos. **A Fotografia na Percepção da Arquitetura** – Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS - Faculdade de Arquitetura. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura. Porto Alegre / RS, 2012.

VISITE PARATY. **Calendário 2020 Turístico e Cultural**. Disponível em: http://visiteparaty.tur.br/wp-content/uploads/2020/04/estudo-caendario-2020-2-3.jpg. Acesso em: 16 jul. 2020.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** 5 ed. São Paulo: M. Fontes, 1996.

COLABORADORES

ALCÂNTARA, Fernando. **Centro Histórico - Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 27/10/2021.

ARAÚJO, José Assunção do Araújo. [o primo cirandeiro Zé Malvão]. **Ilha das Cobras – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 00/10/2021.

ARAÚJO, Laércio Domingos da Luz. [o primo Laércio]. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 31/10/2021.

BARBOSA, Amaury. [73 anos] **Paraty / RJ**. Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 17/09/2019.

BRAGA, Graça Nascimento. **Pouso da Cajaíba – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 19/10/2019.

CANANEIA, José. **Jabaquara - Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 01/03/2023.

MALVAR, Wanessa. **Paraty / RJ.** Entrevista remota concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 00/10/2021.

MARTINS, Bianca Nascimento Lopes. **Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 28/10/2021.

MELLO, Diuner. Paraty / RJ. Questionamentos diversos e remotos realizados pelo *Facebook* e *Messenger* concedidos a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 2023.

NASCIMENTO, Floripes Rosa do. [83 anos]. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 26/12/2019.

NASCIMENTO, Luís Carlos. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 24/05/2023.

NASCIMENTO, Noêmia do. [73 anos]. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 12/02/2020.

NASCIMENTO, Silvana do. [80 anos]. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 03/02/2020.

SANTOS, Wanderson Gabriel da Silva Santos. **Centro Histórico - Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira Em 19/09/2019.

SILVEIRA, Elizabete Maria Nascimento da. [64 anos]. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 28/01/2020.

SILVEIRA, Jorge Nascimento da. [67 anos]. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 12/12/2019.

SILVEIRA, José Roberto Nascimento da. [63 anos]. **Bairro Caboclo – Paraty / RJ.** Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 27/01/2020.

TOLEDO, Gabriel. [36 anos]. **Paraty / RJ**. Entrevista concedida a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 17/09/2019.

TSUKAMOTO, Kimy. Questionamento remoto realizado pelo *Facebook* e *Messenger* concedido a: Paulo Fernando Pires da Silveira em 2023.

APÊNDICE A - BREVE HISTÓRICO DA FOTOGRAFIA

Estes primeiros parágrafos destinam-se a uma brevíssima retomada histórica sobre a fotografia[260], na sequência apresento a Fotografia Documental, a função ou as características do fotógrafo documental e finalizo o capítulo onde procuro apresentar duas ciências: a etnofotografia de Spini (1982) e Luisi (1982, 2019) e a fotoetnografia de Achutti (1997, 2004), duas vertentes [vou assim chamar nesta pesquisa] da Etnografia + Fotografia Documental.

"Desenhar com luz" é o significado de fotografia, ou seja, fotografia é, basicamente, "imagem produzida pela ação da luz sobre um material fotossensível. Normalmente chamamos de fotografia as imagens produzidas com o auxílio de instrumentos ópticos"[261]. Segundo Benjamin (1994), foram muitos os pesquisadores de diversas nações e mesmo trabalhando independentemente, visavam o mesmo objetivo: fixar as imagens percebidas através da câmera escura [câmara obscura], artefato óptico que começou a ser utilizado desde o tempo de Leonardo Da Vinci no Renascimento. Após os primeiros experimentos realizados entre os séculos XVII e XVIII mediante a câmera escura, em 1826 surge a fotografia permanente, por obra do inventor francês Joseph Nicéphore Niépce[262].

Além do método concebido por Niépce e Louis Jacques Mandé Daguerre[263], a fotografia segundo Kossoy (2001), desde a sua formação, foi a consequência de inúmeros empenhos científicos, com o propósito de documentar o factual, captando um fragmento do tempo ou do 'real', de um formato confiável, visando geralmente um processo de documentação. Entre tantos pioneiros encontram-se nomes como William Henry Fox

---

[260] Para tanto, serão mobilizados estudos de teóricos clássicos e contemporâneos como John Collier Jr., Roland Barthes, Boris Kossoy, Susan Sontag, Milton Guran, entre outros. Este início é importante para tratar, posteriormente, duas de suas vertentes: a etnofotografia de Sandro Spini (1982) e Emídio Luisi (1982, 2019) e a fotoetnografia de Luiz Eduardo Robison Achutti (1997, 2004) e as diferentes abordagens teóricas sobre o tema. Então, na transição entre capítulos, são retomados alguns aspectos teóricos relacionando-os ao objeto desta pesquisa, Paraty, no Rio de Janeiro, com Walter Benjamin, Georges Didi-Huberman entre outros autores.

[261] VASQUEZ, Pedro Karp. Dicionário técnico da fotografia clássica. Disponível em: https://sistema.funarte.gov.br/dicionariofotografia/index.php?termo=fotografia&inicial. Acesso em: 14 jan. 2022.

[262] Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) foi um inventor francês e um dos criadores da fotografia. Ele foi o primeiro a encontrar uma maneira de fixar uma imagem produzida por uma câmara escura (cerca de 1820), utilizando betume da Judeia como a substância fotossensível (heliografia). Fonte: https://akvis.com/pt/articles/photo-history/niepce.php. Acesso em: 28 nov. 2020.

[263] Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) era um artista francês e inventor, e um dos criadores da fotografia. Desenvolveu (com a ajuda dos experimentos de Nièpce) o primeiro método prático relevante fotografia - daguerrótipo (1839). Fonte: https://akvis.com/pt/articles/photo-history/niepce.php. Acesso em: 28 nov. 2020.

Talbot[264] e o inglês Frederick Scott Archer[265]. Depois de 1839, quando a notícia de que já era viável reter a imagem observada no interior da câmera obscura[266], - um dos principais elementos do processo fotográfico - entendia-se conforme afirma Hacking (2012), que a criatividade humana rompia as suas fronteiras. Desde a sua divulgação oficial na Academia de Ciências de Paris, a fotografia, segundo Achutti (2004, p. 98), passou a assumir a "mágica" tarefa de guardar os traços da existência humana na forma do retrato, tarefa herdada dos pintores.

A fotografia é fruto de muitas descobertas, e poderia inclusive tecer este cenário pela história "do nosso francês", Hercule Florence[267], como na *Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil*[268], obra de Kossoy (1976). De acordo com Mauad (1996, p. 2), o surgimento da fotografia data de 1830 e é o resultado da união entre o engenho, a técnica e a oportunidade, dado que "Niépce e Daguerre - dois nomes que se ligaram por interesses comuns, mas com objetivos diversos - são exemplos claros desta união". Assim como afirma Dubois (1990, p. 129), a imagem fotográfica foi fruto da combinação de duas invenções precedentes e ímpares: "a primeira, puramente ótica; a outra, essencialmente química, é a descoberta da sensibilização à luz de certas substâncias à base de sais de prata".

Na fotografia tem disso: indiferente aos "objetivos diversos" apaixona-se por ela, e quando se trata de documentar patrimônios culturais, acaba se tornando um romance eterno. E foi através dessa relação de amor pela fotografia que a família real exerceu importante papel para a sua difusão pelo Brasil. É possível afirmar, segundo Vásquez (2012, p. 13-14), que o imperador Dom Pedro II foi "o primeiro fotógrafo de nacionalidade brasileira". A sua imensurável e expressiva coleção de fotografias, 25 mil imagens de fotógrafos nacionais e

---

[264] Inventor do processo negativo positivo. Fonte: Processos fotográficos históricos - Isabel Marília Peres https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6537946/mod_resource/content/1/Processos_Fotograficos_Historicos.pdf - Acesso em: 1 ago. 2023.

[265] Responsável em 1851 pela revelação em colóide, uma chapa úmida de vidro que produzia melhores imagens. Fonte: Processos fotográficos históricos - Isabel Marília Peres https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6537946/mod_resource/content/1/Processos_Fotograficos_Historicos.pdf - Acesso em: 1 ago. 2023.

[266] Ou câmara obscura, um dos elementos fundamentais na descoberta da fotografia, inventada por Aristóteles, no Século IV a.C. Um equipamento de desenho que projetava o que o artista via numa superfície a partir da qual ele poderia copiar a cena. - Fonte: Tudo Sobre Fotografia – Juliet Hacking (2012, p. 8 e 18).

[267] A história da fotografia no Brasil começou a se desenhar em 1833, seis anos antes do anúncio oficial da descoberta da fotografia na França. Hercules Florence (1804-1879) foi definitivamente um precursor. Aos 29 anos este jovem francês radicado no Brasil realizava na Villa de São Carlos, hoje Campinas (SP), experiências pioneiras com o processo fotográfico, que reiterava a sua busca por configurar uma visão do mundo (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p. 17).

[268] O material serviu de base para a publicação, em 1976, do livro Hercule Florence: a Descoberta Isolada da Fotografia no Brasil, de Kossoy. No mesmo ano, as experiências de Florence foram fielmente repetidas no renomado Rochester Institute of Technology, em Nova York, que reconheceu a veracidade química do processo fotográfico inventado pelo francês. Fonte: https://www.itaucultural.org.br/a-historia-da-fotografia-seria-mal-contada-nao-fosse-boris-kossoy - Acesso em: 29 out. 2020.

internacionais renomados, foi doada por ele à Biblioteca Nacional. Distante do tempo, mas não do espaço, em Paraty vive Dom João Henrique de Orleans e Bragança, bisneto da princesa Isabel, que herdou esse amor pela ecologia e fotografia, principalmente pela fotografia da natureza e do povo brasileiro, aos quais faz tributo através de seus livros[269] (VÁSQUEZ, 2012).

A fotografia surge no século XIX - momento em que o furor como forma de expressão artística é o realismo - e se desenvolve paralela a um cenário de pleno crescimento dos espaços urbanos das metrópoles, das sociedades industriais, do aprimoramento da ciência e de grandes revoluções e conflitos bélicos. Nasceu como espelho do 'real' (DUBOIS, 1990), por ser transparente e exata (ROUILLÉ, 2005), a fotografia, nos seus primórdios, foi considerada "a imitação mais perfeita da realidade". Hoje, a fotografia não continua sendo vista como espelho do 'real'. Ao longo da história, algumas fotografias chegaram a servir para frear ou colocar limites em algumas narrativas, pois aos olhos do senso comum, elas não podiam mentir. "A fotografia era a prova indubitável daquilo que era mostrado". Ou pelo menos do fragmento que foi pré-selecionado, enquadrado e fotografado. E no decorrer dos séculos verifica-se que "ela já passou a ser vista como a transformação do real, que ela podia ser um instrumento de transposição, de análise e de interpretação do real" (DUBOIS, 1990, p. 26 e 36). E recebeu naturalmente a incumbência de documentar [uma representação] da 'realidade' [pelo ponto de vista do fotógrafo] e ser a prova indubitável de que os eventos dos séculos seguintes, estavam acontecendo (DUBOIS, 1990). Inclusive Baudelaire (1859), crítico implacável da fotografia, já discursava: "que ela [a fotografia] salve do esquecimento as ruínas decadentes, os livros, as estampas e os manuscritos que o tempo devora, as coisas preciosas cuja forma irá desaparecer e que pedem um lugar no arquivo de nossa memória..." [270]. Embora fosse contra a fotografia como arte, o autor a defendia como importante ferramenta para manutenção de nossas memórias.

Já por um outro prisma, para Vilém Flusser (2002), as fotografias foram inventadas, no século XIX, com o intuito de tornar novamente encantadores os textos. Isso ainda que seus inventores, no fervor das descobertas, não tenham se dado conta, afirma o autor. Segundo Peter Burke (2004), os historiadores tinham a propensão a considerar as imagens produzidas pelos fotógrafos, apenas como simples ilustrações, reproduzindo-as sem considerações nos periódicos.

---

[269] Campos de altitude (1989), Floresta da Tijuca (1992) e Rio Imperial (1988), Trajano (1990), e Piauí: luz do mar e do sertão (2006).

[270] BAUDELAIRE, Charles. O público moderno e a fotografia: Carta ao Sr. Diretor da Revue française sobre o Salão de 1859. Disponível em: <http://www.entler.com.br/textos/baudelaire2.html>. Acesso em: 13 fev. 2023.

"A máquina pode ser regida pelas leis da ótica e da química" (DUBOIS, 1990, p. 32), mas não o ato de olhar e ver, pois é através de todos os filtros colecionados por quem faz a diferença no momento de fotografar, em que o dedo dispara o obturador, que se constrói uma imagem, uma representação de um fragmento qualquer do nosso ciclo de vida.

Pelo olhar de Burke (2004), eventualmente, os fotógrafos foram muito além da simples decisão do que fotografar. No início da segunda metade do século XIX, os fotógrafos produziam nas paisagens as cenas dizendo às pessoas onde elas deveriam se posicionar e como se comportar. Seguindo a perspectiva do autor, isso acontece até hoje nas fotografias de grupo. No entendimento de Burke [e de outros autores], alguns fotógrafos interferiram mais do que outros para arrumar os artefatos e as pessoas em cena. Margaret Bourke-White, Dorothea Lange e Robert Capa são apenas alguns exemplos de fotógrafos profissionais que tiveram suas fotografias contestadas devido às intervenções. E que por esta razão neste período passou-se a argumentar que "fotografias nunca são evidência da história: elas próprias são a história" (BURKE, 2004, p. 28). Desde os primórdios da sua existência a fotografia foi vista como um novo meio de comunicação, uma forma de auxiliar à história [e outras tantas ciências]. "O problema, para os historiadores, é saber se e até que ponto pode-se confiar nessas imagens. [Pois] se tem dito com frequência que "a câmera nunca mente" (BURKE, 2004, p. 25). Porém, conforme a epígrafe usada por Burke: "as fotografias não mentem, mas mentirosos podem fotografar", de autoria de Lewis Hine [fotógrafo e sociólogo estadunidense pioneiro da Fotografia Documental].

Na sua origem a câmera fotográfica era vista como uma "invenção diabólica", considerada como um "projeto sacrílego" (BENJAMIN, 1994, p. 92), e foi seriamente questionada junto à comunidade artística - se era um engenho capaz de expressar as sensações artísticas através do olhar do fotógrafo que a operava ou se era apenas um instrumento mecânico. Para Flusser (2002, p. 13), as "imagens tradicionais [desenhos ou pinturas rupestres] precedem os textos por milhares de anos" e segundo o autor "as imagens técnicas [aquelas produzidas por aparelhos/câmeras] sucedem aos textos altamente evoluídos", às ciências exatas. Pela perspectiva de Flusser, a imagem técnica [a fotografia] que já foi o resultado de muita pesquisa científica, hoje, quando contemplada, possibilita a reflexão e a produção de novos textos e conceitos por diferentes ciências.

Com isto, reforça Achutti (2004, p. 99), "ela passou também a ser utilizada [...] nas ciências humanas, tendo o francês Pierre Verger, que se radicou no Brasil, como uma de suas figuras centrais". Samain (2005, p. 14), enfatiza as colocações de Achutti ao reafirmar os "discursos sobre seus estilos, seus gêneros, seus possíveis usos; os discursos daqueles que a

faziam e debates que essa imagem suscitava [também] nos meios artísticos. O seu realismo impressionava e, geralmente, imperava". Não é de hoje que precisamos concordar com as palavras do caríssimo Luiz Carlos Felizardo (2005), que "é preciso chegar à compreensão da fotografia como um meio de amplas possibilidades, receptiva a uma farta gama de intenções e que não se esgota na transcrição do real". E também com as de Flusser (2002, p. 16), quando este afirma que a produção da "imagem técnica [a fotografia] não visa modificar o mundo lá fora, mas os nossos conceitos em relação ao mundo" em que transitamos, atuando como ferramenta para nos orientar.

A invenção da fotografia e sua inserção à imprensa foi aos poucos transformando a conexão do homem com a imagem (GURAN, 1992; ACHUTTI, 2004). Nas primeiras décadas do século XX foi a vez da imprensa consumir em grande escala a fotografia, período que cresceu também a demanda por fotojornalistas e principalmente por câmeras mais compactas e de simples manejo. Exemplo deste momento são as câmeras *Leica*[271], marca alemã, que se ressaltam no setor fotográfico. E conforme aponta Mauad (2011, p. 4), foi "a partir dos anos 1930, com a modernização técnica da imprensa, [que] destaca-se o papel desempenhado pelo Fotojornalismo, e suas agências internacionais". Hoje, quando penso em *Leica*, é inevitável não relembrar os renomados fotógrafos que a adotaram: o francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004), um talento da imagem que iluminou/motivou incontáveis fotógrafos, pela potência de suas imagens e também pelos seus pensamentos; o húngaro Robert Capa (1913-1954) e o polonês David Seymour (1911-1956). Hoje, parte da história e das memórias que conhecemos do século XX, podem ser narradas pelas imagens produzidas por Bresson, Capa, Seymour e outros nomes que apresento no decorrer desta pesquisa.

[271] A *Leica* I foi a primeira câmera de 33 mm portátil no mercado, com o lançamento comercial em 1924. A primeira lente intercambiável da Leica I foi feita em 1930, com a base em uma rosca de 39 mm de diâmetro. Assim, além da lente original de 50 mm, estavam disponíveis no mercado para a Leica I a grande angular de 35 mm e uma teleobjetiva de 135 mm. Essas opções, aliadas ao equipamento leve e portátil fizeram sucesso principalmente no mundo do Fotojornalismo. Apenas dois anos depois, em 1932, a estimativa da fábrica da Leica era de que 90 mil câmeras já estavam em uso em toda a Europa.

APÊNDICE B - A FOTOGRAFIA DOCUMENTAL EM QUESTÃO

A palavra documento vem do latim documentum[272], que significa demonstrar, ensinar. "Qualquer objeto que tenha valor documental (desenhos, escritos, fotografias, gravações, filmes etc.), que sirva para comprovar algum acontecimento, fato, algo que foi dito etc" (DICIONÁRIO CALDAS AULETE).

Quanto à expressão "Fotografia Documental", segundo Burke,

> passou a ser utilizada na década de 1930 nos Estados Unidos (logo após a expressão "filme documentário"), para se referir a cenas do cotidiano de pessoas comuns, especialmente os pobres, como vistos, por exemplo, através das lentes de Jacob Riis (1849-1914), Dorothea Lange (1895-1965) e Lewis Hine (1874-1940), que estudou sociologia na Universidade de Colúmbia e denominava seu trabalho de "Fotografia Social. (BURKE, 2004, p. 26).

Assim, inúmeros outros fotógrafos passaram também a se dedicar à nova tarefa, registrando as condições de vida nos EUA. Pelo olhar do Burke (2004), do trabalho documental realizados por Riis, Lange e Hine, pode-se traduzir algum pensamento e/ou vínculo sobre o panorama político e social de suas respectivas fotografias. "Elas foram feitas como publicidade para campanhas de reforma social, [...] daí seu foco, por exemplo, no trabalho infantil, em acidentes de trabalho e na vida em cortiços" (BURKE, 2004, p. 27).

No princípio do século XX, de acordo com Achutti (1997, p. 15 e 23), "começavam a surgir novos teóricos com novos propósitos para explicar as diferenças entre as várias culturas humanas". Conta ainda Achutti (1997) que, paralelamente, também no mesmo período, surgia a fotografia de documentação, como foi chamada nos Estados Unidos, que consistia em uma técnica para buscar evidências que pudessem documentar a vida social americana.

De maneira branda ou crítica, "a Fotografia Documental visa registrar, com discernimento, o cotidiano existencial dos povos – onde quer que vivam – para revelar [uma representação da] real natureza da sociedade humana" (ANG, 2010, p. 211). Uma narrativa fotográfica, por sua vez, tem a propriedade de conservar-se na mente e gerar um frenesi de emoções. Assim, o uso de um conjunto de imagens como documentos colabora para que fatos extraordinários, ou mesmo do cotidiano, não caiam no esquecimento e permaneçam na memória das pessoas, na manifestação do visual ou no jogo do esvaziamento, como nos apresenta Didi-Huberman.

---

[272] Fonte: Dicionário Online - Dicionário Caldas Aulete - Significado de documento.

> Perseverante como a memória, perseverante como um destino em obra. Obrigando-nos a admitir que a imagem só poderia ser pensada radicalmente para além do princípio usual de historicidade. Pois o anacronismo essencial implicado por essa dialética faz da memória, não uma instância que retém – que sabe o que acumula -, mas uma instância que perde: ela joga porque sabe, em primeiro lugar, que jamais saberá por inteiro o que acumula. Por isso ela se torna a operação mesma de um desejo, isto é, um repor em jogo perpétuo, "vivo" (quero dizer inquieto), da perda. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 115).

Acredito que trabalhar somando olhares sobre uma ou um conjunto de imagens, talvez seja uma forma de amenizar o anacronismo apontado por Didi-Huberman (2010), mas quanto ao desafio impermanente da perda, penso já ser inerente ao ser humano. A fotografia ou coleção de fotografias capturadas, dentro de um projeto documental, associada a questões científicas, mesmo tratando-se de um recorte, além de ser um testemunho da história, é uma evidência da existência de algo ou alguém, uma representação de um cenário (BRITO, 2013), mas este é apenas um dos primeiros momentos da pesquisa. Supõe-se que a 'realidade' e a transparência retratada, conforme a intimidade do fotógrafo sobre o tema, é a sua interpretação acerca do momento presente, por exemplo, de alguma comunidade tradicional ou contemporânea.

> A função documental da fotografia evoluiu muito desde a sua origem até os novos dias. Associada inicialmente às grandes expedições, a fotografia constitui um novo instrumento na descoberta do mundo; posteriormente, devido ao avanço da tecnologia, a máquina fotográfica tornou-se num instrumento de informação visual e atualmente contribui para a compreensão de muitos acontecimentos. (BASTOS, p. 7 , 2014).

Com a evolução das tecnologias e das técnicas fotográficas e da sua aplicação como documento, a fotografia passa a agregar artefatos e cenários cotidianos em suas reproduções, passando a comprovar e evocar eventos. Desde a entrada do Séc. XXI observa-se a crescente utilização da Fotografia Documental no *desenvolvimento e execução de projetos* para publicações de livros e exposições fotográficas tradicionais (fotografias impressas) ou de exposições multimídias (foto, filme e som), mesmo por pesquisadores que não se intitulam fotógrafos. Editais como os publicados pelo Instituto Moreira Salles (IMS)[273], Museu da Imagem e do Som (MIS)[274] e outras instituições públicas e privadas focadas na educação e na cultura, concedem bolsas para a elaboração e execução de projetos, seguindo uma rotina participativa, investigativa, criativa e crítica. Assim, o trabalho executado pode inserir o sujeito / a comunidade fotografada e os receptores em seus respectivos ambientes, avaliando

[273] Fonte: https://ims.com.br/
[274] Fonte: https://www.mis-sp.org.br/

criticamente – cada um com os seus filtros - a forma e o conteúdo, deixando evidente a função da Fotografia Documental.

APÊNDICE C - O FOTÓGRAFO DOCUMENTAL

> "É através da imagem do outro que cheguei a me conhecer e a entender o amor que nutro pela vida; a angústia de poder penetrar e captar o ser no seu íntimo; uma imagem que acaba por se refletir em mim"
> (Claudia Andujar).

O meu interesse pela Fotografia Documental iniciou em 2001, com o trabalho documental A HERANÇA INDÍGENA NO RIO GRANDE DO SUL, produzido para a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Embora tenha realizado outros trabalhos autorais nos anos seguintes, o interesse começou a amadurecer em 2012, com as experiências imersivas com Milton Guran e Jean-Luc Monterosso na ocasião em que discutiam este segmento e o "novo documentarismo". Desde então passei a observar outros profissionais que atuam ou atuaram em projetos etnográficos em solo brasileiro: o fotógrafo húngaro Thomas Farkas (1924-2011), os franceses Marcel Gautherot (1910-1996) e Pierre Verger (1902-1996), a suíça Claudia Andujar (1931), a inglesa Maureen Bisilliat (1931), Milton Guran (1948), o espanhol Miguel Rio Branco (1946), Mario Cravo Neto (1947-2009) e Luiz Braga (1956). E mais recentemente, ao ingressar no PPG em Memória Social e Bens Culturais, o encontro com os italianos Luisi e Spini (1982), além de Collier Jr (1973) e o reencontro com Achutti (1997, 2004) e outros nomes que no processo da pesquisa fui aproximando a este grupo para dialogarem com meu tema. E é a partir destes fotógrafos e/ou teóricos que reuni um conjunto de apontamentos sobre o trabalho de campo do pesquisador, os quais listo a seguir.

Antes de qualquer coisa, o fotógrafo documental planeja os aspectos éticos, morais, os direitos de imagem de sua pesquisa, principalmente quando se pretende expor e/ou comercializar as fotografias onde apareçam claramente sujeitos ou grupos de pessoas de uma comunidade tradicional, por exemplo. O ideal, o correto é que se tenha autorização dos pesquisados para isso. E uma atitude ética ou moral, no caso de comercialização das imagens, seria inclusive prever um retorno, uma porcentagem para todos os envolvidos. Além das questões legais, existem os valores culturais dos povos estudados, pois alguns desaprovam fotografias por relações míticas, medo, relações mágicas e fantasiosas caso a sua imagem seja capturada por uma câmera (GURAN, 2020). Se ainda nos dias de hoje, dentro de um meio urbano, nos sentimos incomodados quando alguém inesperadamente nos aponta uma câmera,

imagine o estranhamento que pode causar o mesmo ato em comunidades mais remotas onde a fotografia ainda não faz parte do seu cotidiano.

Também, é imperativo que o Fotógrafo Documental presencie e observe, sendo incumbido de relatar as ocorrências, preferencialmente buscando o tema/caso planejado ou os acasos que lhe forem naturalmente apresentados, sejam eles de cunho ambiental, social, político, religioso, etc. Sugere-se que narre algum tema, mas de preferência com uma investigação/levantamento antecipado do assunto, para a concepção de uma estratégia de aproximação, permitindo uma forma mais efetiva de relacionar-se com o sujeito ou grupos a serem pesquisados. Que procure controlar a ansiedade e ter sensibilidade de não chegar em um ambiente e já sair fotografando antes mesmo de fazer um primeiro contato e dialogar com o sujeito ou grupo pesquisado (GURAN, 2012 e 2020). Desta forma penso que o fotógrafo criará, durante o processo que virá depois, uma relação de trocas de experiências sobre o tema estudado (fazeres e saberes). Isto é o que foi vivenciado em campo em algumas comunidades tradicionais em Paraty no processo desta pesquisa. O fotógrafo documental precisa dessa relação, preferencialmente de forma imersiva, para poder pensar na construção da imagem, já que ele precisa compreender de forma mais ampla o assunto: focando a fotografia não apenas como um objeto [uma imagem] mas, sim a fotografia como uma forma [um processo] de olhar e pensar (SAMAIN, 2005). Trata-se do dilema do que é visível de um jogo de evidências, como nos apresenta Didi-Huberman:

> O ato de dar a ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do "dom visual" para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Todo olho traz consigo sua névoa, além das informações de que poderia num certo momento julgar-se o detentor. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 77).

Neste processo ou ato de aprender ou assimilar não basta olhar, é preciso procurar dissipar a "sua névoa" para poder ver, contemplar. Depois, sugere-se ao fotógrafo documental ter um olhar investigativo, fazendo suas interrogações e utilizando suas próprias formas para se relacionar com o outro, transmitindo a sua representação da 'realidade' para a foto. Assim, o fotógrafo observa, compreende, interpreta e retrata as questões humanas e suas características culturais, procurando alcançar uma reprodução da vida social, expondo seus próprios sentimentos e suas ideias através das imagens, sob forma de sequência, utilizadas de forma narrativa visual.

No entanto, outros estudiosos sugerem que o fotógrafo não possa envolver-se emocionalmente e nem ter uma opinião acerca do assunto fotografado, mantendo-se neutro

para não acabar traduzindo a sua visão sobre o acontecimento. Neste caso, sugere-se habilidades de reação, previsão e ação para registrar de forma rápida o ocorrido naquele exato momento, para assim não perder o foco. Neste sentido percebo que, para mim, foi impossível não me envolver com o meio estudado, principalmente quando sou um fotógrafo/pesquisador nativo de meu lócus de investigação.

Embora a câmera seja um ponto de contemplação, como destaca Susan Sontag (2004) o ato de fotografar é mais do que um olhar passivo:

> [...] Tirar uma foto é ter um interesse pelas coisas como elas são, pela permanência do status quo (pelo menos enquanto for necessário para tirar uma "boa" foto), é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar. (SONTAG, 2004, p. 22-23).

Considerando estas primeiras observações e o olhar de Sontag (2004), caminhar e fotografar pelo Centro Histórico de Paraty não se traduz em determo-nos somente na harmonia e beleza de seu conjunto arquitetônico, no colorido e *design* diversificado de suas portas e janelas, nos curiosos símbolos maçônicos, nas edificações que possuem duas numerações e nas ruas que tiveram os seus nomes reformulados. Mas, também, no sistema de esgoto de algumas ruas que se mistura com a maré que banha a cidade, no odor que isto provoca somando-se ao aroma das delícias gastronômicas, com a pichação nos muros próximos do IPHAN, com a falta de água na cidade nos períodos de cidade lotada, com a truculência e o negacionismo de seus políticos que acabam sucumbindo pelo COVID-19 na cidade vizinha pela falta de estrutura do hospital local e com os homicídios e latrocínios que as autoridades locais já não conseguem manter além das correntes que separam o Centro Histórico dos demais bairros. Por este prisma, fotografar e/ou narrar determinados temas, resulta do que acreditamos e escolhemos ser digno de conservação[275], restauração[276] e rememoração em nossa pesquisa/projeto. Somando a perspectiva de Eckert e Rocha (2003), caminhar pela cidade ou mesmo por um determinado bairro, aizar um percurso sem compromisso, sem trilhas definidas, nos permitirá vivenciar/contemplar mais o lugar do qual buscamos saber / conhecer. É ficarmos abertos, sem pré-conceitos, pois como enfatizam

[275] "São intervenções e operações técnicas feitas diretamente na estrutura do bem cultural com o objetivo de retardar os processos gerais de degradação sofridos pelo objeto de arte. O ato de conservar impõe ao objeto de arte ações de menor complexidade do que as de restauro, mas merece igual atenção e muita técnica. Ações de conservação dificilmente alteram a aparência do objeto. São divididas em conservação preventiva e conservação curativa" (SCHÜTZ, 2012).

[276] "Consiste em um tratamento profundo e, por vezes, com alto potencial de risco, em função da complexidade dos procedimentos empregados sobrea a obra. Em geral, os profissionais de restauração realizam exames profundos sobre as condições gerais da obra, tendo em vista qye, em diversas situações, as intervenções mais agressivas podem ser substituídas por outras que ofereçam métodos de menor poder invasivo, como é o caso das ações de conservação [...]" (SCHÜTZ, 2012).

Eckert e Rocha (2003, p. 1), "a cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência".

Também, a utilização de recursos técnicos na pré ou na pós produção das fotografias, pode vir a alterar a observação e a interpretação do contexto do artefato, sujeito ou comunidade pesquisado. Seja por razões estéticas, comerciais, políticas, culturais ou qualquer outra, sugere-se que os fotógrafos-pesquisadores evitem metamorfosear a 'realidade' (LUISI, 2019). Neste sentido, o fotógrafo documental pode denunciar, questionar, sugerir, analisar através de suas imagens, mas não subtrair fragmentos do passado de uma fotografia e/ou criar uma nova interpretação do cenário registrado. Sobre observar e/ou imaginar, Didi-Huberman (2017) já afirmava,

> Alguém que esquece o passado não poderá lhe escapar": isso significa que uma política do presente, ainda que seja construção do futuro, não poderia desconsiderar o passado que ela repete ou recalca (os dois muitas vezes juntos). Ora, as imagens formam, do mesmo modo que a linguagem, superfícies de inscrição privilegiadas para esses complexos processos memoriais. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 37).

Então, que o fotógrafo documentarista assuma o compromisso de ser um intermediário entre o passado, presente e o futuro, priorizando as relações entre os signos fotográfico e textual e interessado em enfatizar o papel crucial exercido pela cultura do olhar na tentativa de interpretar a 'realidade' pela sua perspectiva (LUISI, 2019). Que tenha o compromisso de eternizar um momento, em ver algo e passar para a fotografia, pensando em como as pessoas irão interpretá-la. Que reflita sobre a assimilação do conteúdo de uma fotografia, que pode ser compreendida de várias maneiras, já que cada receptor também a lê conforme os seus filtros culturais. Que veja despido de qualquer preconceito, pois isso limita a sua visão e a de inúmeras pessoas.

Outra observação sugere que o documentarismo fotográfico tem como competências estabelecer um tripé entre política, poético e estético através do olhar daquele que vê na fotografia sua linguagem. Discutir, debater, confrontar conceitos e ideias. Guran (2012) sugere rever o que já foi produzido em material foto documental e documental nas diversas mídias (literatura, cinema, vídeo, etc.) e assim entender a lógica da produção documental clássica e contemporânea para buscar um diferencial em suas produções fotográficas.

Saber olhar e ver, ter um olhar contemplativo e uma estética mais apurada são atributos que também o ajudarão a interpretar e produzir um trabalho documental com objetividade, transmitindo credibilidade e com uma validade atemporal, que poderá talvez – ao ser revelada/manifestada - influenciar uma determinada situação, seja ela de ordem social,

política, religiosa, etc, de um grupo ou de uma comunidade retratada. Na visão de Samain (2005, p. 14), "a imagem fotográfica foi, desde que surgiu, o ponto para onde convergiram múltiplos discursos: discurso técnico, estético, literário, filosófico, psicanalítico, semiológico, sociológico...". Com o avanço e o aperfeiçoamento da fotografia, naturalmente passou a ser empregada para fins de representação e análise no meio de diversas ciências, contribuindo para exteriorizar particularidades históricas e teóricas, sendo peça fundamental na construção de memórias. Collier Jr. (1973, p. 6) considera que "assim como o gravador, [a fotografia] documenta mecanicamente, mas a sua mecânica não limita, necessariamente, a sensibilidade do observador humano – ela é um instrumento que exige extrema seletividade".

A mente e o coração do fotógrafo documental geralmente apontam para projetos independentes, sem apoios [tanto material quanto humano]. E, não raramente, esta não é a sua principal ocupação profissional. Entretanto, dependendo do tema escolhido, ele pode ser o solitário mais acompanhado de todos, a medida em que são seus acompanhantes o mundo e seus ângulos, conforme forem as suas escolhas na busca por documentar fotograficamente. E embora possa eventualmente viver fotografando por este mundo afora, sem equipe, sem verba, ele vive a vida com o compromisso de construir narrativas, sobre a sua perspectiva, do mundo [artefatos, paisagens culturais, etc] e do comportamento humano.

No entanto, de acordo com uma antiga questão filosófica, segundo Vieira (2012, p. 255), "nunca se pode afirmar como os objetos 'realmente são'. A 'realidade', o mundo 'real', então, nunca são compreendidos de forma total. As representações deste universo são sempre elaboradas via perceptos". E pelo olhar do autor, a produção ou concepção destas representações acontece através das divergências entre as interpretações/perspectivas dos fotógrafos/pesquisadores quando em campo e que são nomeadas de ilusões (VIEIRA, 2012).

Assim, o Fotógrafo Documental é muito rico, pois capta, guarda e carrega sempre consigo a memória dos seus e do seu tempo. Não fotografa apenas por ser o certo ou o errado, o belo ou feio, mas documenta para construir outros documentos de seu tempo e espaço, ou de um espaço e tempo específico.

No entanto, permanecer em campo, em Paraty por tempo mais prolongado, como três meses ou mais tempo, o que seria o mínimo ideal, requereria um aporte financeiro muito grande para dar conta de todas as necessidades envolvidas no processo, pois como apresento nos relatos das saídas a campo [uma fragilidade e imprevisto do processo de pesquisa], na oferta de produtos e serviços a cidade não distingue morador de turista ou pesquisador.

Como se pode perceber, a Fotografia Documental evidencia múltiplas faces. E como os estudos que tratam de suas correlatas discute-se, na próxima seção, a Etnofotografia e a

Fotoetnografia, a partir do conceito de Etnografia, que como esclarece Boni e Moreschi (2007), trata-se de um tipo singular de ciência que estuda de uma determinada cultura, sociedade ou comunidade, as suas características antropológicas, sociais e culturais. E, acrescento, através de ver, escutar, sentir e ler, que fazem parte desse processo que visa produzir significados através da contemplação.

APÊNDICE D - 1982 E 2019, A ETNOFOTOGRAFIA NO BRASIL

A Etnofotografia chegou no Brasil em 1982, quando o Museu de Imagem e do Som de São Paulo, onde foi o primeiro Curso de Etnofotografia, e o Instituto Italiano de Cultura trouxeram ao país o arquiteto e fotógrafo italiano Sandro Spini. Durante a formação, que durou um ano e resultou em uma exposição e na publicação do livro Trabalho etnofotográfico de uma pesquisa urbana, Sandro Spini teve como assistente Emídio Luisi, também italiano, que já residia no Brasil e que logo em seguida começou a aplicar a Etnofotografia como ferramenta em suas pesquisas[277] em solo brasileiro (BONI; MORESCHI, 2007).

Sandro Spini já se ocupava com entusiasmo da Etnofotografia desde 1970, mas começou a desenvolver seriamente a ciência após o contato com o antropólogo e professor americano John Collier Jr. em um Congresso de Antropologia, fato que ocorreu em 1973 na cidade de Chicago. Collier Jr. foi um dos primeiros líderes nos campos da antropologia visual e antropologia aplicada, inspirando seguidores. Naquele mesmo ano, ao retornar à Itália, Spini começou a desenvolver um interesse científico pela etnofotografia. Desde então, seguindo a escola de Collier Jr., Spini procurou formar equipes/convênios para os seus trabalhos etnofotográficos, com a participação também de outros especialistas como antropólogos, fotógrafos, etnólogos e arquitetos.

Para Spini (1982) quem vai se dedicar a esta ciência não poderá ser exclusivamente um fotógrafo, mas terá que, preferencialmente, ter se não uma formação, um olhar pelo viés da etnografia, e pelo menos um conhecimento aprofundado da região onde vai trabalhar. Porque o problema aí é exatamente esse, que a fotografia produzida em campo tem que ser interpretada para que se torne um documento. Segundo conceitua o fotógrafo italiano Emidio Luisi (2019), é um trabalho "que corresponde à valorização da imagem etnográfica como uma ferramenta que possui linguagem própria, e que utiliza dados da linguagem fotográfica", para poder amparar a análise de inúmeras questões, como arte, cultura, religião e comportamento humano de uma comunidade.

Durante ou no final do processo, sempre que houver condições, o ideal é que as populações ou as regiões pesquisadas recebam algum retorno direto desse trabalho, por exemplo: uma exposição fotográfica, ou, quando for fora do ambiente urbano, que seja levado o material produzido e que seja discutido com toda a comunidade. Em síntese, alguma atividade que possa provocar pensamentos, reflexões sobre a própria cultura. Em seus

[277] A primeira dela foi Ue'Paesá: 120 anos de migração italiana no Brasil, resultado de 15 anos de pesquisa e 10 mil imagens (BONI; MORESCHI, 2007, p. 152-153).

projetos etnofotográficos, muito antes do advento da fotografia digital, Spini e sua equipe utilizaram em campo Câmeras *Polaroid*, justamente pra dar uma satisfação imediata à população, explicando o que estavam fazendo e o que pretendiam fazer com o material produzido/coletado. A finalidade de usar uma Câmera *Polaroid*, embora possa acontecer conforme o método de cada fotógrafo, não é de presentear o sujeito ou a comunidade analisada com a fotografia produzida. A Câmera *Polaroid* passa a ter a função de instrumento de pesquisa também, buscando mais participação e engajamento de todos os envolvidos no processo. Esta urgência em imediatamente oferecer um retorno visual à comunidade está relacionado com a construção de memórias para a posteridade. Depois de analisar a transcrição do áudio do curso de etnofotografia promovido pelo Museu da Imagem e do Som (MIS), pode-se dizer que uma das funções desta ciência seria ajudar as pessoas pesquisadas "a viverem melhor; num certo sentido, o retorno é justamente deixar para a população uma memória do que são as suas tradições, que pouco a pouco tendem a desaparecer" (SPINI; LUISI, 1982).

Ao discorrer sobre o método de trabalho utilizado, do ponto de vista etnográfico, Luisi (1982, 2019), vê que enquanto fotógrafo ele pode ter uma visão da fotografia como registro e como documento. Então ele vai passar como fotógrafo o seu ponto de vista daquilo que melhor representaria o tema que está registrando. Assim, na falta de um conhecimento aprofundado da região onde vai pesquisar, o ideal seria estar, inicialmente, no mínimo munido de um mapa da região e trabalhar em equipe, com arquitetos, antropólogos, etnógrafos, geógrafos, historiadores, memorialistas... pois esta interdisciplinaridade pode gerar uma troca e uma riqueza de informações (SPINI; LUISI, 1982). No processo da etnofotografia encontra-se a soma dos conhecimentos de todos os profissionais envolvidos. Os múltiplos olhares em campo, além de possibilitar melhores resultados, ajudarão a organizar uma agenda/um roteiro do passo a passo, que poderão suprir a falta de conhecimento do lócus do estudo, se o pesquisador não é um nativo.

> A gente vai in loco, então, primeiro estuda-se as ruas ou uma rua que possa ser a mais característica do bairro, vamos estudar o ponto de vista de arquitetura da fachada das casas, do comércio, os interiores (ver nas casas quais os elementos que foram conservados e quais os que foram radicalmente modificados e quais os que permaneceram mais ou menos), as pessoas que trabalham nesse comércio e também o ponto de vista humano. Vamos trabalhar documentando os gestos, as expressões das pessoas, dos objetos também que existem no interior dos estabelecimentos, vamos fotografar e/ou reproduzir os documentos que encontrarmos das pessoas ou famílias ou do próprio comércio. E vamos trabalhar também com a parte da origem das famílias, porque o interesse nessa rua porque determinados sujeitos foram parar nesta rua é uma coisa que pode ser analisada / discutida. Fatores estes que somados nos mostrarão a cultura do local. Podemos também fazer um recorte, focando em

> apenas uma casa da rua escolhida inicialmente, onde esta tem todo um contexto, uma razão de ser, uma razão de existir na comunidade. Então, obviamente, o trabalho etnofotográfico não limita-se a fotografar apenas casa, mas todo o seu entorno, os vários aspectos da comunidade que estão ligados à existência da casa escolhida. (LUISI, 1982, 2019).

As expertises vão colaborar para compreendermos que a etnofotografia não necessita de uma zona urbana para acontecer (SPINI, LUISI, 1982). Tomando Paraty como objeto de estudo, por exemplo, pode-se levar, transpor a ideia desta ciência também para captar as especificidades culturais, sociais, religiosas, seja do seu Centro Histórico, dos bairros periféricos da sua malha urbana ou das zonas rurais ou costeiras. Tanto Spini como Luisi consideram a etnofotografia como uma ciência que tira a fotografia da condição de ser apenas um complemento do texto, a sua função é trabalhar junto do mesmo. Uma disciplina a parte, que se comporta independente de forma autônoma dentro do contexto de pesquisas / trabalhos de equipe, embora sempre coligadas [durante e/ou depois do ato fotográfico], por exemplo: com museólogos, linguistas, sociólogos, antropólogos, podendo gerar como resultados publicações de artigos independentes com temas variados, para cada uma dessas disciplinas.

Em um trabalho em campo onde a equipe se reduz ao fotógrafo, a decisão do que documentar e que dados serão coletados é apenas dele, mas ao retornar, os materiais produzidos podem ser submetidos, por exemplo, para edição e/ou análise por um orientador. É como se houvesse um texto esperando por um conjunto de imagens, para dialogar / discutir de igual para igual (SPINI, 1982; LUISI, 2019). No caso desta pesquisa não serão consultados outros especialistas para realizar a análise sugerida pelos autores, além das entrevistas de profundidade, sendo o subsídio maior o da Fotografia Documental e uma inspiração que transita inicialmente pelos conceitos da etnofotografia, mas também da fotoetnografia.

APÊNDICE E - 1997 E 2004, A FOTOETNOGRAFIA

Nesta seção, abordo a fotoetnografia. Para tanto, valho-me dos livros *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho* (1997) e *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim* (2004), ambos de autoria de Luiz Eduardo Robinson Achutti, fotógrafo, professor, antropólogo e idealizador desta ciência.

O fotoetnógrafo, assim como o etnógrafo, pode realizar um trabalho de pesquisa interpretativa para mostrar a singularidade cultural de um determinado grupo social. Faz parte da sua metodologia quando em campo a escolha da câmera, o tipo de objetiva, a sensibilidade, a velocidade, o diafragma, assim como, ao interpretar o seu objeto de estudo no momento do ato fotográfico, o enquadramento que se julga ser o mais adequado, fazendo escolhas do que mostrar e o que não mostrar. Mas diante do purismo técnico, não esquecer que o foco é o seu o objeto de pesquisa. O fotógrafo, lançando mão das técnicas da sua profissão, somadas aos recursos metodológicos da pesquisa, também pode traçar um quadro de práticas, de crenças e valores culturais que em um primeiro momento podem parecer estranhos a outros olhos. O fotógrafo também estabelece uma comunicação sincera e verdadeira com os indivíduos pesquisados, para descobrir as preciosidades de seus modos de vida, e assim ver e pensar o outro ao mesmo tempo em que vê e pensa a si mesmo (ACHUTTI, 2004). Seu trabalho não fica restrito apenas à fotografia, a compreensão de sua linguagem e as técnicas empregadas nos registros desse outro, mas expande-se para contemplar mais detalhes, histórias e particularidades de sua vida e de seus comportamentos. O etnógrafo/fotógrafo deve, portanto, retornar a campo repetidas vezes, até impregnar-se do universo do seu objeto de pesquisa (ACHUTTI, 2004, p. 113). No processo desta pesquisa, a fotografia revelou-se uma excelente auxiliar para o diário de campo, um componente essencial para a coleta de dados próprios da cultura material e imaterial das comunidades tradicionais paratienses, tal como para Achutti (2004).

Para a pesquisa este trabalho, que é sem dúvida complexo, alia-se à escrita que irá, mais do que interpretar as imagens captadas, fazer um esforço na tentativa de narrar o outro do modo menos invasivo possível, o que às vezes é bem difícil, visto que, como já aponta Candau (2011), sempre corremos o risco de equívocos e generalizações quando narramos as lembranças do outro. Sempre pode haver confusão entre o a evocação transcrita e as lembranças propriamente ditas oralmente narradas. Então, ciente dessas questões, o fotoetnógrafo busca fazer as associações que mais fazem sentido para a sua pesquisa e para o texto que está escrevendo.

Além disso, é importante não utilizar as fotografias de forma isolada, mas devem ser objeto de construções sob forma de sequências e de associações de imagens, tendo por objetivo treinar o leitor a praticar outras associações para nelas encontrar significação (ACHUTTI, 2004, p. 95-96). A proposta através da fotoetnografia, é a aplicação da fotografia como linguagem, na qual ela ganha a mesma importância que as palavras (ACHUTTI, 1997, 2004).

Achutti, trazendo Verger (1999), lembra que "a fotografia permite ver aquilo que não se tem tempo de ver, porque ela fixa o instante. Eu diria ainda mais, ela memoriza, ela é a memória..." (2004, p. 109). Uma narrativa fotoetnográfica deve ser valorizada, contemplada, saboreada lentamente com tempo e emoção todo o seu conjunto de fotografias.

> A linguagem escrita que mais se aproxima da fotografia é a poesia; com ambas se expressam ideias sobre o mundo, na maioria das vezes, de forma simbólica e metafórica. Ambas, fotografia e poesia, precisam da sensibilidade do leitor/espectador e de sua capacidade de lidar com as imagens mentais que povoam a sua memória. (ACHUTTI, 2004, p. 109-110).

Um dos maiores desafios neste caminho metodológico é investigar de formas a transpor a barreira da fotografia como ferramenta de pesquisa ao pensar em termos de seu potencial narrativo, como já apontou Achutti (2004) ao afirmar que Collier Jr, por exemplo, em seu estudo sobre a antropologia visual, ainda não o havia feito. E quando Achutti (2004) afirma isso não pretende fazer uma crítica a Collier Jr, mas sim compreender que na contemporaneidade já é possível ao pesquisador avançar mais em estudos sobre a fotografia e a Fotografia Documental.

E, mais do que isso, "a fotografia vai além do complemento ao texto", pode ser independente, como defendem Achutti (1997, 2004) e Spini (1982, 2019), sendo possível executar este trabalho de outras formas, como eu planejei apresentar. Afinal, não devemos esquecer da concepção expandida de Guran (1992, p. 6-7) que a fotografia, em relação à memória e à escrita, comporta "inventariar cenários, eventos e circunstâncias com muito mais precisão e abrangência [...] abrindo novas perspectivas de absorção e compreensão de um fato".

APÊNDICE F – SÍMBOLOS DE PARATY

No mar, em algumas grandes embarcações ou em terra, em instituições públicas e algumas privadas, é comum ver estampados alguns dos símbolos oficiais de Paraty: o Brasão de Armas[278] (Figura 45), assim como a bandeira do município de Paraty (Figura 46), que trazem em sua simbologia a representação de alguns dos seus patrimônios através dos séculos, desde os seus primeiros habitantes, os indígenas Guaianases até meados do século XX. Em uma primeira leitura do brasão, pelo pensamento de Mello (2009, p. 15), trata-se de "um escudo português, esquartelado, lembrando a origem lusitana do Brasil". Criado pela Lei Nº 259, de 30 de Novembro de 1960, possui a seguinte descrição heráldica:

> O escudo do brasão está divido em quatro partes. Na primeira, em cor dourada, há um cocar de penas sobre duas flechas cruzadas. Na segunda, em vermelho, um antigo carimbo na forma elíptica com o brasão de armas de Portugal, ladeado pela palavra "Remédios", no sentido vertical, sendo metade de cada lado. Na terceira parte, em dourado, o contorno do município, tendo como fundo a esquerda um campo na cor prata, e a direita, com fundo azul, o mar e um peixe na cor prata. Na quarta parte, o por menor de uma casa colonial, mostrando um beiral, tudo prateado sobre um campo azul, tendo à direita a contorno de uma árvore. Na parte de fora do escudo, há do lado esquerdo um galho de café, e do lado direito uma haste de cana, ambos na cor verde. Abaixo do escudo, unindo o café e a cana, há uma faixa vermelha com os seguintes dizeres na cor prata: "1660 - Paraty - 1844". Acima do escudo há uma coroa formada de pedras com cinco torres, na cor prata, representando a cidade, tendo ao centro uma Flor de Liz, na cor dourada com fundo vermelho. (PARATY.RJ.GOV)[279].

[278] O elucidário do brasão é o seguinte: A palavra em português lembra a origem lusitana de nossa Pátria e o santo padroeiro da cidade. O cocar e as duas setas lembram que os índios foram os primeiros habitantes da região. O carimbo era usado no tempo colonial para autenticar a documentação de atos governo municipal, sob a invocação de N. S. dos Remédios, protetora dos munícipes, desde 1646. O peixe simboliza a piscosa e alentada orla marítima, uma das muitas riquezas regional. O beiral é uma esplendorosa característica do velho casario, cuja autenticidade e beleza arquitetônica levaram o governo federal a elevar a cidade de Parati à dignidade de Monumento Nacional. O café e a cana são riquezas naturais, desde longa data, sendo que a segunda proporcionou a fabricação de aguardente, a melhor e a mais reputada do Brasil. A Flor de Liz recorda que o orago da cidade é N. S. dos Remédios. A data 1660 foi quando o povoado foi elevada à categoria de vila e, 1844 foi a data em que adquiriu foro de cidade. As cores representam os seguintes adjetivos: dourado: força / prata: candura / vermelho: intrepidez / azul: serenidade / verde: abundância. – Fonte: Mello (2009 e 2011).

[279] Fonte: http://paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre - Acesso em: 02 jul. 2020.

Figura 45 – Brasão de Paraty.



Fonte: PARATY.RJ.GOV – Acesso em: 04 jul. 2020.

Em 1997, foi criada a Bandeira de Paraty, pela iniciativa e perseverança da professora Geisa Panaro Ramiro. A bandeira que no mesmo formato das bandeiras oficiais (Figura 5), é composta de três faixas verticais, com as três cores tradicionais que ha séculos ornamentam a maioria das casas do Centro Histórico, que são: vermelho, branco e azul. Aprovada por unanimidade pela Câmara Municipal, o prefeito sanciona a Lei Nº 373, de 2 de Agosto de 1967. A bandeira carrega no centro, sobre a faixa de cor branca, o Brasão de Arma do município de Paraty (MELLO, 2009; FREIRE, 2012).

> Na faixa vermelha ao lado do mastro, uma estrela maior simbolizando o Primeiro Distrito, e na azul duas estrelas menores, simbolizando o segundo e Terceiro Distrito, As estrelas serão colocadas em forma triangular, lembrando a grande influencia que a maçonaria exerceu na história do município. (PARATY.RJ.GOV)[280].

Figura 46 – Bandeira de Paraty.



Fonte: PARATY.RJ.GOV – Acesso em: 04 jul. 2020.

[280] Fonte: http://paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre - Acesso em: 02 jul. 2020.

Nestes dois símbolos da cidade encontram-se tributos/representações aos primeiros habitantes, os índios Guainás conhecidos também por Guaianases (do tupi antigo Gûaîanã) que sofreram um apagamento ainda no processo de desenvolvimento da Villa de Paraty. Há também, nas cores e nas formas, o reconhecimento da presença da maçonaria na sua construção. A produção do café e da cana de açúcar, agricultura de subsistência das comunidades indígenas, quilombolas e caiçaras. E duas datas significativas, a primeira quando o povoado foi elevado à categoria de vila e, a segunda data em que adquiriu foro de cidade[281]. Embora o memorialista não concorde, Mello (2009, p. 17)[282] aponta que, "em 1967, uma lei municipal alterou a [primeira] data para 1667, data oficial de elevação a vila". Mesmo com a divergência das datas, ambos os símbolos representam a identidade de Paraty, sua história, seus valores, suas conquistas e outros fatores e sentimentos de seus moradores ao mesmo tempo que simbolizam e consagram alguns dos seus patrimônios culturais.

[281] Fonte: http://paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre - Acesso em: 02 jul. 2020.
[282] A Lei nº 259, de 30.11.1960 que criou o Brasão da Armas do Município de Paraty tem no "Listão vermelho" sob o brasão, as datas de 1660 – "recorda a sua criação à vila" e "1844 à categoria de cidade. (MELLO, 2022).

APÊNDICE G – PARATII, UMA VILLA PAULISTA

Vale recordar que, na segunda década do século XVIII, a Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii foi anexada à Capitania de São Paulo e tendo sido esta província criada, emancipada do governo do Rio de Janeiro, entraram ambas as províncias numa controvérsia a respeito de julgar a qual dos governos pertencia a Villa de Paratii, e o conflito durou desde 1720 até 06 de janeiro de 1726, quando D. Pedro II, por Carta Régia, decidiu que ficaria para o Rio de Janeiro ao separar Paraty da Capitania de São Paulo (MAIA, 1976).

Figura 47 – Paraty uma cidade Paulista.



Fonte: Acervo do Museu Paulista da USP.[283]

Embora alguns moradores e memorialistas aleguem uma divergência na data, geograficamente assim ficou o desenho do mapa (Figura 8), durante o período em que a Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii foi anexada à Capitania de São Paulo. Em 1960 a comunicação com a serra já era possível através de automóveis, ônibus, mas com as cidades

[283]Arquivo : Mapa Geral do Estado de S. Paulo Reproduzido da Comissão Geográfica e Geológica do Estado (Plano de Viação) - 2, Acervo do Museu Paulista da USP - Acesso em: 19 set. 2023.

fluminenses vizinhas, ainda só era possível se chegar pelo mar. O que, segundo Souza (2008), chegou a gerar novamente um mobilização para que Paraty retornasse a incorporar o Estado de São Paulo, como tinha ocorrido de 1723 à 1727.

APÊNDICE H - SANTOS & SANTAS DE PARATY

Figura 48 – São Roque.

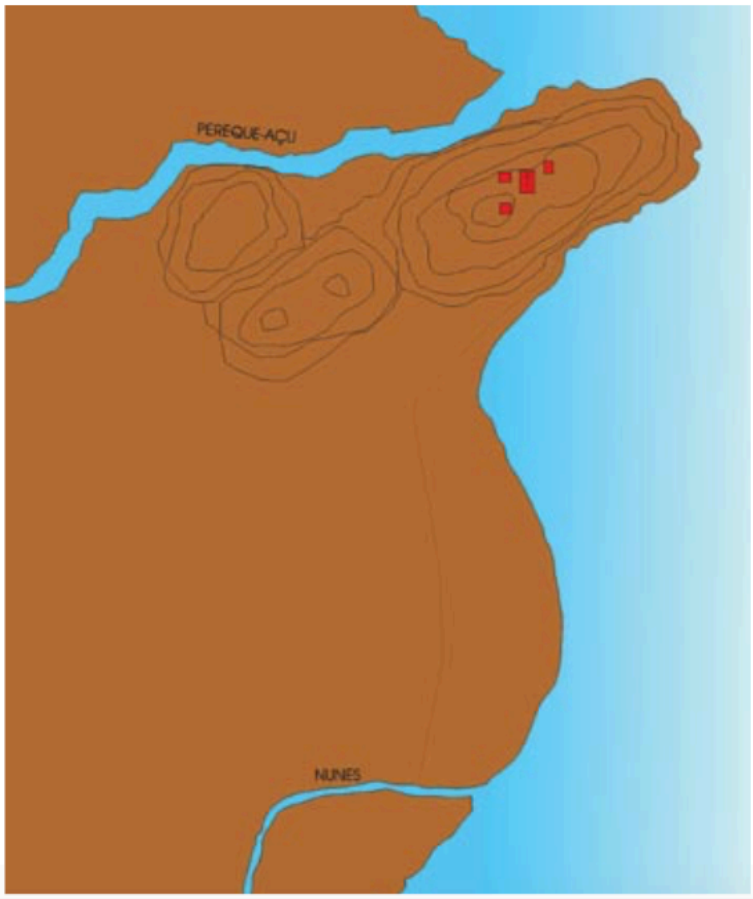


Fonte: https://igrejadoscapuchinhos.org.br [284]

Conforme já mencionado, com base nas obras dos memorialistas [285], muitos acontecimentos moldaram a história de Paraty, de 16 de agosto de 1531, dia de São Roque, data provável do nascimento do primeiro povoado ou meados de 1540 / 1560, quando surgem outras narrativas mesmo que não oficiais sobre a existência de um núcleo devoto a São Roque no Morro da Vila Velha [hoje Morro do Forte] até 28 de fevereiro de 1667, quando por carta Regia de Dom Afonso VI, foi criada a freguesia com a denominação de Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii. Desde o seu princípio, Santos e Santas, com os seus templos, povoam o imaginário da sua população, compondo o seu riquíssimo patrimônio material com os seus templos e o patrimônio imaterial com as suas crendices e liturgias.

[284] Fonte: https://igrejadoscapuchinhos.org.br/santo-do-dia-16-de-agosto-sao-roque/ - Acesso em: 27 Out. 2020.
[285] Freire (2012), Maia (1976) e Mello (2009).

Figura 49 – Simulação - Vila de São Roque, 1630/40.



Fonte: Dossiê - O Caminho do Ouro em Paraty e sua paisagem, 2007.

Falar das igrejas de Paraty é falar do seu patrimônio material e imaterial também. Desde a sua origem que Paraty é uma cidade convencionalmente católica, planejando e celebrando cerca de 23 festas de caráter religioso anualmente [BARBOSA, 2019]. As quatro igrejas edificadas no Centro Histórico de Paraty apresentam a forte influência religiosa, especificamente católica, vinda de Portugal. Como aconteceu em outras cidades brasileiras, "as primeiras ordens religiosas que se estabeleceram" acabaram herdando de seus países de origem "um impressionante legado"[286]. E a influência vai além das linhas arquitetônicas, mas também das festas tradicionais como: Festa do Divino, Corpus Christi, Festa de Nossa Senhora dos Remédios, de Nossa Senhora do Rosário, etc[287]. As igrejas em Paraty, quando construídas (Quadro 3), foram sendo destinadas a um respectivo grupo da população: senhoras aristocratas, escravos, homens pardos libertos, etc.

[286] http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/34/fototeca-igrejas - Acesso em: 27 Out. 2020.
[287] Fonte: http://www.igrejaparati.com.br; http://www.paraty.com.br/igrejas.asp - Acesso em: 23 Out. 2020.

Quadro 3 – Templos de Paraty

1646 – Erguida (a primeira construção) da capela dedicada a Nossa Senhora dos Remédios, de taipa;
1667 – Fundação de Paraty, em torno à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios, sua padroeira;
1668 - Início da construção da 2ª Igreja Matriz;
1702 – Cemitério de Gavetas, o primeiro cemitério de Gavetas do Brasil;
1712 - Término da construção da 2ª capela de N. S. dos Remédios, de pedra e cal;
1720 - Construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Paraty – Mirim[288];
1722 - Edificada pelos pardos libertos a Igreja de Santa Rita de Cássia;
1725 – Edificada pelos escravos a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito;
1787 a 1873 - Período da construção da atual Matriz de Nossa Senhora dos Remédios;
1800 - Construção da Capela dedicada a Nossa Senhora das Dores;
1863 – Igreja da Matriz foi reconstruída;
1901 - Capela da Santa Cruz de Gragoatá ou Capela da Generosa, como é popularmente conhecida.

Quadro cronológico elaborado, com base nas seguintes fontes:
Prefeitura Municipal de Paraty / Secretaria de Cultura e IPHAN.

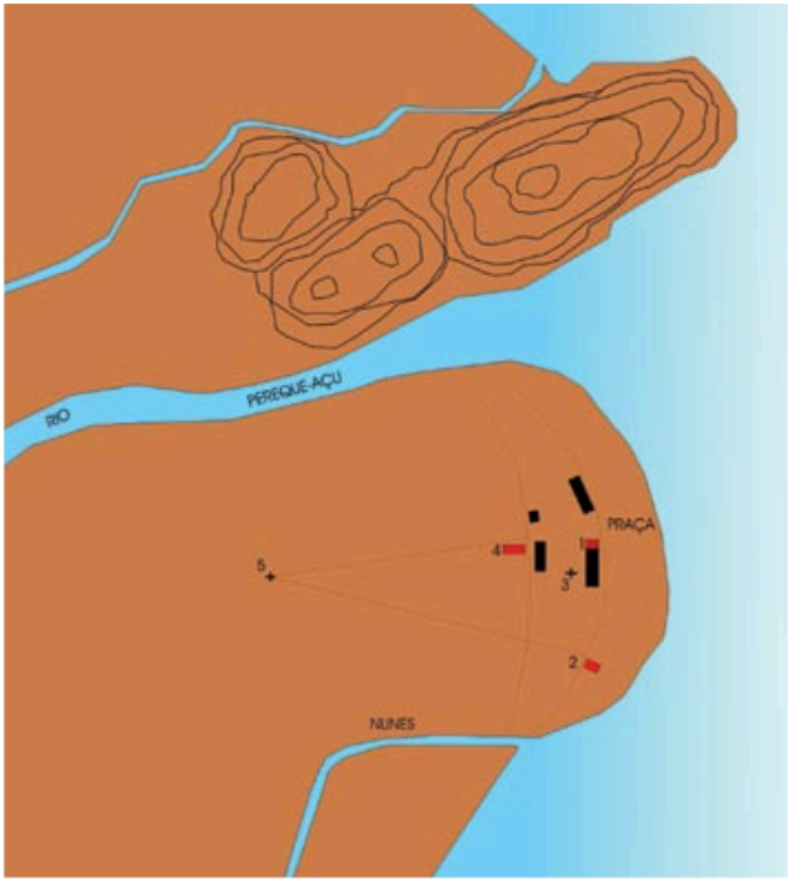
Dentro da malha urbana da antiga cidade, hoje Centro Histórico, um dos belos patrimônios de Paraty, o templo dedicado a Nossa Senhora dos Remédios[289] é um belo exemplar de arquitetura religiosa do século XVIII, e encontra-se situado na Praça da Matriz, à margem direita do Rio Perequê-Açu. Onde começou o novo núcleo, a Vila de Nossa Senhora dos Remédios. Desde meados do século XX, "a igreja destina seu espaço a dois usos distintos: a celebração de cultos católicos e a instalação da Pinacoteca de Paraty na torre esquerda do prédio e no corredor superior correspondente"[290].

[288] Paraty-Mirim possui a primeira igreja fundada pelos colonizadores e já foi um importante empório comercial. Hoje, resta apenas a igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição, cercada por ruínas. – Fonte: Prefeitura de Paraty / Secretaria de Cultura.

[289] Sendo a maior igreja de Paraty, foi – em outros tempos - o templo da burguesia branca, em virtude da discriminação frequentemente encontrada nas cidades ricas da época. - Fonte: www.igrejaparati.com.br - Acesso em: 25 Out. 2020.

[290] Fonte: https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/paraty - Acesso em: 21 Out. 2020.

Figura 50 – Simulação – Vila de Nossa Senhora dos Remédios, 1730/40.



Fonte: Dossiê - O Caminho do Ouro em Paraty e sua paisagem, 2007.

Em uma ocasião durante uma das saídas a campo, quando aberta ao público, um canto gregoriano ecoava pelo seu amplo espaço. E a Igreja de Nossa Senhora do Rosário[291], única onde era permitida a entrada dos africanos escravizados, encontra-se no entroncamento de dois importantes eixos: Rua Samuel Costa com Rua do Comércio [Rua Tenente Francisco Antônio].

> Erigida em princípios do século XVIII (1722), foi reedificada aproximadamente em 1757. A Igreja de N. S. do Rosário, anteriormente N. S. do Rosário e São Benedito, foi construída por iniciativa dos irmãos Manuel e Pedro dos Santos, auxiliando nessa obra os pretos de Paraty. As irmandades de São Benedito dos Homens Pretos e a de N. S. do Rosário foram fundadas por volta de 1750[292].

[291] Anteriormente N. S. do Rosário e São Benedito. - Fonte: PARATY.COM – Acesso em: 23 Out. 2020.
[292] Fonte: http://www.igrejaparati.com.br - Acesso em: 23 Out. 2020.

Em um dos extremos do Centro Histórico encontra-se situada a Igreja de Santa Rita[293], no chamado Largo da Santa Rita, nas proximidades do Cais do Porto. Fazem parte do seu entorno o prédio da antiga Casa da Cadeia hoje sede do IHAP e, enquanto ambiente natural, a Baía de Paraty. Anexo à igreja, do lado direito do corpo principal, encontra-se o Cemitério da Irmandade de Santa Rita dos Pardos em estilos de catacumbas. "O primeiro cemitério de gavetas do país" [TOLEDO, 2018]. Ao lado esquerdo é possível visualizar a edificação que abrigava o antigo mercado negreiro. No extremo oposto, encontra-se situada na Rua Fresca frente à Baía de Paraty, a Igreja Nossa Senhora das Dores, próximo à foz do Rio Perequê-Açu. Do seu lado esquerdo avista-se a Santa Casa de Misericórdia, e mais ao longe, a Praia do Pontal. A Rua Fresca é a primeira rua a ser avistada pelos viajantes e/ou turistas, quando esses chegam em Paraty pelo mar. Nesta rua se destaca, além da Igreja, a única edificação residencial construída de frente para o mar, o sobrado do Príncipe Dom João de Orleans e Bragança. "A Capelinha das Dores foi a igreja da elite branca de Paraty" [TOLEDO, 2018][294].

Nestes templos acontecem as mais importantes festas religiosas de Paraty: a Festa do Divino, a Festa e Procissão marítima de São Pedro, Corpus Christi, a Festa de Santa Rita, a Festa de N.S. dos Remédios - Padroeira da Cidade - e a Semana Santa. "Um dos pontos altos da Semana Santa é a Procissão do Fogaréu (ou da Prisão) da qual, no início, somente homens participavam, sendo as mulheres proibidas até de vê-la pelas janelas"[295].

> Comemorações da Semana Santa na cidade histórica de Paraty mantêm tradições que datam dos séculos XVII e XVIII, ocasião em que podem ser admiradas imagens e peças sacras com mais de 300 anos de existência. Essas peças, que se encontram sob a tutela do IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ficam guardadas todo o ano no cofre do Museu de Arte Sacra de Paraty, na igreja de Santa Rita[296].

De acordo com Barbosa em Paraty (2016, p. 14), "nos últimos anos as festas religiosas e populares, passaram a serem vistas como elementos estratégicos do turismo e foram incorporadas ao calendário de eventos culturais da cidade". Seguindo a proposição do autor "as festas são momentos de (re)encontro, de afirmação da identidade e do sentido de pertencimento" (BARBOSA, 2016, p. 13),". Talvez seja por isso que em dia de festa e/ou festival a energia de Paraty seja tão intensa. O que se observou também, com os colaboradores entrevistados, é que todas as festas/manifestações religiosas (procissões,

[293] Em virtude da demolição da antiga matriz, a Igreja de Santa Rita constitui-se a mais antiga edificação religiosa da cidade. - Fonte: www.igrejaparati.com.br - Acesso em: 25 out. 2020.
[294] Consta que esta Irmandade era extremamente discriminadora em termos raciais, não permitindo o ingresso de negros ou mulatos. - Fonte: www.igrejaparati.com.br - Acesso em: 25 out. 2020.
[295] Fonte: http://www.igrejaparati.com.br; http://www.paraty.com.br/igrejas.asp - Acesso em: 25 out. 2020.
[296] Fonte: www.igrejaparati.com.br - Acesso em: 25 out. 2020.

celebrações...) são preservadas, tanto pelas suas respectivas paróquias quanto pelo povo paratiense. Raras sofreram alguma adaptação. Um exemplo é a Procissão do Encontro, que acontece na própria Sexta-Feira Santa. Nesse evento, seis monumentos[297], patrimônios de Paraty, de grande valor histórico podem ser vistos na Sexta-Feira Santa: Os Passos da Paixão, pequenos altares embutidos em paredes de sobrados, que são abertos apenas uma vez por ano. Incorporado aos monumentos, tem-se todo acervo correspondente ao Museu de Arte Sacra de Paraty. O Museu de Arte Sacra foi criado em 1978 e opera nas dependências da Igreja de Santa Rita dos Mulatos, por intermédio de articulação firmada com o Ministério de Educação e Cultura (MEC). O seu diversificado e incalculável acervo integra relevantes relíquias/utensílios histórico-religiosas, que integram a Liturgia Católica, preciosidades dos séculos XVIII e XIX[298].

Segundo Maia (1976, p. 32), "essas igrejas, cada qual com suas irmandades, mantinham até o século XIX, uma rigorosa divisão, não propriamente racial, mas "de cor", com cemitérios próprios, para ali enterrarem-se os "irmãos em irmandade" e "em cor"". Em síntese ao descrito acima e indo ao encontro aos apontamentos da autora: "a Matriz de Nossa Senhora dos Remédios era a igreja da burguesia branca. A Igreja do Rosário era a dos escravos, a de Santa Rita acolhia os "pardos forros". Já a de Nossa Senhora das Dores, era frequentada pela elite local" (MAIA, 1976, p. 32).

As egrégoras dos interiores dos templos desde sempre foi motivo de muita contemplação, tornando difícil explicar o que atraiu primeiro: os seus espaços / as suas linhas, desde as mais impactantes às minimalistas ou as suas sonoridades, orações, cantos, mantras. Apresentei nesta seção uma narrativa concisa dos principais templos católicos do município, síntese de um ensaio visual em construção, intitulado "Santos e Santas de Paraty", onde evidencio alguns templos do Centro Histórico e outros além de suas correntes, incluindo as suas imediações, que acabam servindo de extensão para as suas liturgias e festas religiosas.

[297] Três na rua do Comércio, dois na rua Dona Geralda e um na lateral da igreja de Santa Rita. - Fonte: www.igrejaparati.com.br - Acesso em: 25 out. 2020.
[298] Fonte: www.igrejaparati.com.br - Acesso em: 25 out. 2020.

APÊNDICE I – PARATY, ENTRE O MAR, AS MATAS E A CULTURA

Alguns patrimônios materiais e imateriais de Paraty se estendem além das correntes que isolam o Centro Histórico dos 925,392 KM² do município[299]. Onde encontram-se, incontáveis rios que nascem nas regiões mais montanhosas, alguns cortam as trilhas na mata e desembocam no mar. Que, segundo Mello (2009, p. 6), "os mais importantes por seu volume d'agua ou extensão são: Mambucaba, Taquari, Graúna, Perequê-Açu, Mateus Nunes, dos Meros e Pedras Azuis. Formam estes rios várias cachoeiras [de águas cristalinas e reconfortantes] das quais se destacam: do Funil, do Iriri, da Pedra Branca, dos Penhas e do Corisco". E como foi possível constatar, uma fauna e flora fascinantes, praias paradisíacas, ilhas belíssimas, algumas bem próximas do continente, outras um pouco mais isoladas e as comunidades indígenas, caiçaras e quilombolas, vivendo e experienciando as suas respectivas riquezas culturais e imagéticas. E segundo Mello (2009, p. 9), até meados de 2010, havia três Reservas Indígenas: "a Aldeia Araponga, na localidade da Forquilha, a Aldeia do Paraty Mirim e a do Rio Pequeno". Mello (2009), frisa que são indígenas oriundos do sul do país, da etnia Tupi-Guarani, que chegaram em Paraty no início da década de 1990. E pertencem ao grupo Mbyá e se auto denominam "Nhandeva", que traduzindo quer dizer: "gente nossa" ou "verdadeiro guarani". Na Aldeia de Paraty Mirim foi possível dialogar com um indígena, que tinha no colo o filho caçula e mais dois em sua volta, que trajava uma camiseta de futebol do Sport Club Internacional de Porto Alegre, e feliz se intitulava colorado.

Em Paraty é possível observar, em dias de eventos culturais principalmente, o reflexo da grande diversidade cultural presente no nosso país. Felizmente a existência de órgãos de proteção e preservação do patrimônio brasileiro desde o século passado contribuíram para a existência de diversos sítios urbanos tombados, como "às cidades mineiras, Ouro Preto e Tiradentes[300], filhas da mesma história" (PAES, 2015), tombadas no final da década de 1930. Estes sítios guardam importantes registros materiais de organizações sociais, econômicas e políticas pretéritas.

> Nas últimas décadas, a prática preservacionista brasileira tem dado sinais de seu dinamismo, acompanhando as discussões travadas nas ciências sociais e em órgãos internacionais de preservação do patrimônio. Ao passo que, no caso de Paraty, as transformações no trato com as atribuições de valor para patrimônio, fazem com que a cidade tenha sua imagem e seus valores constantemente discutidos e repensados. (SILVA, 2013, p.795).

[299] Fonte: http://paraty.rj.gov.br/a-cidade/sobre. - Acesso: 04 jul. 2020.

[300] Tiradentes, MG: conjunto urbano / arquitetônico e urbanístico, tombado em 1938 - Fonte: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista_bens_tombados_processos_andamento_2018. - Acesso: 24 jun. 2018.

É compreensível que esta constante preocupação com a preservação do patrimônio acabasse refletindo no turismo, entusiasmando a cidade e trazendo novas possibilidades para a população local, tanto cultural quanto economicamente. Entretanto, executados historicamente pelos estados, a área da preservação do patrimônio se desenvolve de maneira desigual nos diversos cenários nacionais e segundo Castriota (2009, p. 65), "as suas políticas trabalham na dialética lembrar-esquecer: para se criar uma memória nacional privilegiam-se certos aspectos em detrimento de outros, iluminam-se certos momentos da história, enquanto outros permanecem na obscuridade". Assim como pode acontecer quando se elege uma determinada comunidade tradicional e deixa outras existentes em um território na sombra.

Hoje, apesar da recuperação, o Centro Histórico permanece fragmentado em edificações públicas, residenciais, comerciais e mistas, mas que motivados pela entrada do turismo, tiveram os preços de suas mercadorias e serviços elevados de forma desproporcional à condição dos moradores do município. Assim, para uma boa parte dos sujeitos paratienses, tornou-se somente uma área onde ele tem o seu ofício ou para um eventual entretenimento em algum dia da semana ou no decorrer de eventos culturais ou religiosos. Na visão de Paes (2015, p. 113), "há uma mudança funcional e simbólica nos usos do sítio histórico, que deixa evidente os contrastes entre a qualidade de vida no turístico Centro Histórico e aquela ocorrida na Ilha das Cobras ou Mangueira, bairros precários onde vive a população local de baixa renda". Como é possível visualizar a pista do aeroporto da cidade, vista do alto (Figura 51), serve literalmente como uma linha divisória. Abaixo da linha, na margem, encontram-se os bairros citados; e acima ficam os outros bairros e o Centro Histórico, onde em muitas de suas ruas é visível a fronteira social. Seguindo com o pensamento de Paes (2015) a cidade fragmentada é um cenário complexo de contornar.

Figura 51 – Paraty / RJ – Malha Urbana, Centro Histórico e a Mata Atlântica



Fonte: https://journals.openedition.org/viatourism/docannexe/image/670/img-3.jpg

Acesso em: 04 dez. 2020

Segundo o memorialista paratiense Mello (2009), a área periférica no meio urbano onde está localizado o bairro Ilha das Cobras é consequência da abertura de um novo leito para o Rio Matheus Nunes [antes conhecido como Patitiba], por determinação do Padre Hélio Bernardo Pires, no meados do Século XX.

> Era inicialmente uma área alagadiça onde as cobras, trazidas pelas frequentes enchentes ficavam. Tinha por limites, de um lado o novo leito do Rio Matheus Nunes, de outro o mar e nos outros dois um canal que partia do Rio Nunes, em diagonal, para o mar. Daí o seu nome de "Ilha", pois ficava realmente separada do continente. (...) Com a abertura da Estrada Paraty-Cunha, na década de 1950[301], e o início do que se chama "Ciclo do Turismo", muitas famílias começaram a vir da zona rural e costeira para a cidade à procura de emprego e renda. Não tendo onde morar, instalaram-se nesta área, então sem proprietário conhecido. Tempos depois, surgiu o Dr. Felipe Tortorella com título de propriedade da área, já então razoavelmente povoada. A disputa entre os posseiros/moradores e o proprietário durou alguns anos e resultou na aquisição da citada área por parte da Prefeitura Municipal, que assim regularizou aquela situação de conflito. (MELLO, 2009, p. 73-74).

[301] Em 1950 – Abertura da Estrada Paraty-Cunha, seguindo paralelamente o traçado do Caminho Velho do Ouro, ligando a cidade de Paraty ao Vale do Paraíba (Guaratinguetá). (MELLO, 2009, p. 31).

Para Freire (2012), o início dos bairros Ilha das Cobras e Mangueira, começou quando a Chácara da Sinhá Madureira, então de propriedade do médico Felipe Tortella, recebeu os primeiro posseiros. Embora o questionamento na justiça, "Dr. Felipe" não quis usar da força policial para retirar os posseiros. Ainda na evolução desordenada dos dois bairros, nos anos de 1970, com a construção da BR-101 a Estrada Rio-Santos, assim como aconteceu no Quilombo do Campinho da Independência, Jabaquara, bairro Caboclo e muitas outras propriedades na zona rural e costeira foram fragmentadas pela nova rodovia. Segundo Mello (2009), os seus proprietários deveriam ser restituídos sob o tocante, mas

> aconteceu que a maioria dos moradores ocupava as terras rurais e costeiras sem qualquer título legal de propriedade e assim, não podendo provar o domínio da terra, não podiam receber o pagamento pelas terras desapropriadas. Sem ter onde morar ou plantar, vieram para a cidade e passaram a residir naquele local, em casas miseráveis, construindo uma verdadeira favela. Na área junto mar se instalaram os oriundo da região costeira do município, que tinham na pesca seu principal trabalho e estavam mais acostumados a conviver com o mar, suas enchentes e marés. Lá continuaram suas atividades pesqueiras, a construção de canoas caiçaras e instalaram estaleiros para a construção e reformas de embarcações. Com o crescimento da população, o canal que separava a ilha da terra firme foi sendo aterrado por seus moradores e pela municipalidade, resultando não ser mais hoje uma ilha, guardando somente o seu nome de origem. (MELLO, 2009, p. 74).

Hoje, trata-se de um dos bairros mais populosos e o seu aspecto de favela está se diluindo. Em setembro de 2018, caminhando pelo bairro, observei que entre o desordenamento das primeiras e pequenas casas térreas e até sobradadas, já existe o investimento em boas residências, num comércio diversificado, com pousadas, restaurantes e escola. As ruas por onde trilhei eram pavimentadas e tinham iluminação pública e saneamento básico, coleta de lixo e é atendida por abastecimento d'água. Embora não tenha passado por muito, fui informado da existência de um grande número de templos evangélicos e uma igreja católica. Segundo Mello (2009), o bairro vizinho o Parque da Mangueira,

> é a continuação natural da expansão do bairro da Ilha das Cobras, mesmo antes de ser aterrado o canal que os separava. Limita-se de um lado com a Ilha das Cobras, na Rua Central, e de outro com loteamento Portão de Ferro, com o campo de pouso e o Rio Matheus Nunes. A intensa ocupação deste bairro aconteceu pelas mesmas razões que na Ilha das Cobras. É hoje, provavelmente, o bairro mais populoso da cidade, possuindo excelente comércio e serviços, ruas pavimentadas, rede de iluminação elétrica e água. Nele está situada a maior e mais importante escola municipal – a Escola da Mangueira. (MELLO, 2009, 75).

Contam moradores e outros memorialistas, que o Parque da Mangueira recebeu esse nome, por causa de uma grande e velha mangueira, preservada e bem cuidada pela comunidade (MELLO, 2009).

Bem mais distante do Centro Histórico, no 2º Distrito de Paraty, na década de 1950, de acordo com Freire (2012), Gibrail Núbile Tannus adquiriu de Theophilo Rameck a Fazenda Santa Maria, situada no Mamanguá.

> As famílias de pescadores residentes da localidade do Sono não admitiram a extensão da fazenda até a localidade onde há anos viviam. Liderados por Lourival Valentim dos Santos, não aceitaram nenhum dos acordos propostos, situação que continua indefinida. No entanto, o doutor Gibrail continuou adquirindo propriedades na região litorânea sul do município. Também por essa época, Jamil Klink, pai do navegador Amir Klink, adquiriu a propriedade denominado Sertão da Praia Grande ou Sertão do Saco Grande, com terras que vão do mar até Graúna e Idaiatiba, a primeira de outras que fez. Com essas aquisições, as terras, que já eram pouco produtivas, passaram a nada produzir. (FREIRE, 2012, p. 123).

Esta foi outra das causas de aumentar tão rapidamente a população da periferia do núcleo urbano, pois foi para onde se transferia os moradores das comunidades tradicionais que residiam nas propriedades negociadas, algumas sob pressão e com medo, abandonaram os seus territórios, como fica evidente nas entrevistas cedidas durante nos documentários gravados nas terras que pertenceram aos seus ancestrais. Tendo em vista as colocações de Enes e Bicalho (2014, p. 192) o território "é visto como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho".

> Ao pensar o conceito de território para analisar uma realidade educacional, destacamos que esse conceito abriga relações entre pares que se mostram opostos e complementares e que são convidados a coexistirem e influenciarem-se mutuamente: materialidade e imaterialidade, complexidade e unicidade, diversidade e identidade, inclusão e exclusão, espaço e tempo, global e local, urbano e rural, indivíduo e sociedade (ENES; BICALHO, 2014, p. 193)

Segundo Freire (2012), no mesmo período, "a Empresa Paraty Desenvolvimento Turístico S/A, formada pelas multinacionais Brascan e Adela, adquiriu a Fazenda Laranjeiras [...], dando início às construções do Condomínio Laranjeiras" (FREIRE, 2012, p. 157). Pelo olhar do autor, trata-se do único empreendimento do gênero que vingou em Paraty, pelo motivo das leis de proteção ambiental ainda estarem por ser regulamentadas. Menciona também que os seus antigos moradores foram favorecidos, recebendo casas de alvenaria, em terras doadas por escritura pública (FREIRE, 2012).

Mas é importante mencionar que até hoje, quarenta anos depois, ainda existe conflitos entre o condomínio e a comunidade caiçara. Questão embora fartamente registrada com documentários, reportagens e inúmeros depoimentos, mostram que o fundamental, o direito de ir e vir do caiçara – no seu tempo, que é o tempo impermanente da natureza – não é respeitada.

Da sua área de 930,7 km² Paraty, segundo Mello (2009, p. 9 e 10), "aproximadamente 80% da área do Município é ocupada por unidades de conservação ambiental". Na Paraty como paisagem cultural, encontram-se: o fascinante Parque Nacional da Serra da Bocaina, Parque Estadual do Paraty Mirim, Área de Proteção Ambiental Cairuçu, Reserva Ecológica Estadual da Juatinga, Área de Proteção Ambiental da Baía de Paraty, Estação Ecológica Tamoios e APA das Praias de São Gonçalo e São Gonçalinho.

Edificada de forma estratégica a 268 km da capital de São Paulo e 258 km da capital Rio de Janeiro (Figura 18), Paraty tornou-se um refúgio perfeito entre a Serra do Mar e o Atlântico, dentro de um trecho preservado de Mata Atlântica que se estende desde Ubatuba até Angra dos Reis. Um espaço paradisíaco repleto de histórias, memórias e lendas singulares, por onde já circulou ouro, cana, café e africanos escravizados, e hoje é o turismo e os eventos culturais as principais fontes de sua economia[302]. Acredita-se que um dos fatores que leva alguns turistas a se encantarem pela cidade histórica é justamente o respeito pela sua diversidade cultural, reflexo de que há no munícipio uma ação democrática, que não permite que seja determinada uma educação/cultura oficial, mas que exista sim respeito e autonomia dos diversos setores e suas dinâmicas específicas (RUBIM, 2016).

Figura 52 – Paraty e a Mata Atlântica / entre as metrópoles: Rio de Janeiro e São Paulo



Fonte: https://journals.openedition.org/viatourism/docannexe/image/670/img-1.png

Acesso em: 04 dez. 2020.

[302] Em 2015, foi reconhecida como a cidade brasileira que mais evoluiu em temas como monitoramento e economia local, que valeram duas premiações em novo estudo de competitividade do Ministério do Turismo, em parceria com o Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas. Fonte: http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5753-paraty-%C3%A9-a-cidade-brasileira-que-mais-evoluiu-em-economia-local,-revela-estudo.html - Acesso em: 23 out. 2020.

Desde 1945, Paraty o município fluminense que já foi um dos principais portos de troca de mercadorias no Brasil entre o século XVII e XIX, vem colecionando diferentes títulos que somam e ampliam a sua "indiscutível relevância histórica, social e econômica da cultura" (DOSSIÊ, 2019, p. 5). Após passar por um isolamento involuntário de quase cem anos, e foi devido justo a esta incoerência, que o ambiente arquitetônico urbano da cidade de valor notável, a encantadora beleza natural, bem como os seus bens imateriais, fazeres e saberes se salvaguardaram[303], preservando sua cultura. E, ao se pensar cultura em Paraty, é bom recordar que até o ano de 2009, o município possuía apenas uma secretaria que compartilhava as pastas de Turismo e Cultura. Como resultado principal de duas Conferências Municipais de Cultura, em 2008 e 2009, foi instituída em 2010 a Secretaria Municipal de Cultura e desde então aderiu ao Sistema Nacional de Cultura[304].

De acordo com Delphim (2010), "você tem, por exemplo, a divisão de patrimônio cultural e natural. Tudo que é natural é cultural, porque somente a cultura humana sabe reconhecer o que é a natureza, somente o homem sabe ler os testemunhos da natureza". Como acontece nas comunidades tradicionais caiçaras de Paraty, geralmente um pescador diante do mar, vai saber identificar o tempo, o melhor clima e horário para pescar um determinado peixe ou na floresta, a melhor madeira para fazer um artesanato ou construir uma canoa. "E reciprocamente tudo o que é cultural tem sua fundamentação na natureza, seja como fonte de inspiração para um quadro, para uma obra de literatura, seja como matéria-prima, pois tudo que o homem fabrica vem da natureza, o barro, a pedra, a madeira" (DELPHIM, 2010).

Hoje a cidade de Paraty é sinônimo de "cultura e biodiversidade"[305] e desde 2019 é o primeiro sítio misto do Brasil na lista do Patrimônio Mundial Reconhecido pela UNESCO. Segundo Mello (2009, p. 5), "a Mata Atlântica, que recobre a Serra do Mar no Município, é considerada Reserva da Biosfera pela UNESCO". É pela preservação do bioma da Mata Atlântica que rodeia as águas calmas da baía da Ilha Grande, somados à cultura das comunidades tradicionais que

> permanecem autênticos, com suas referências culturais associadas aos saberes, às celebrações, às formas de expressão e aos locais onde essas práticas ocorrerem. A relação dos caiçaras com o mar e a pesca artesanal, a cultura afro-brasileira presente no dia-a-dia dos quilombos, bem como os guaranis e sua cosmologia, seus rituais e a manutenção da língua tupi-guarani. (DOSSIÊ, 2019, p. 6).

[303] Fonte: Plano Estratégico do Turismo de Paraty 2002 – SEBRAE/RJ.
[304] Fonte: https://www.facebook.com/hashtag/culturaparaty. Acesso em: 30 jul. 2020.
[305] "Paraty: Cultura e Biodiversidade" é o título do dossiê de candidatura entregue à UNESCO. Documenta, na região, a coexistência da cultura viva e ancestral em um ambiente natural exuberante. Fonte: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5151/paraty-e-ilha-grande-rj-podem-se-tornar-o-proximo-patrimonio-mundial-brasileiro - Acesso em: 8 ago. 2023.

As exceções são os condomínios de luxo, que ignoraram que há cinco/seis gerações, comunidades tradicionais que já viviam da terra, mas principalmente da pesca, e cercaram a praia, dificultando o acesso dos caiçaras de chegarem livremente ao mar, sem o constrangimento de serem fichados e conduzidos por seguranças. Fora estes, todos os demais coabitam em equilíbrio e coesos com uma biodiversidade rica e exuberante, preservando tradições e costumes que são considerados importantes na cultura local. O sítio misto Paraty e Ilha Grande Cultura e Biodiversidade,

> [...] abriga duas Terras Indígenas, dois Territórios Quilombolas e 28 comunidades caiçaras, que vivem da relação com a natureza, da pesca artesanal e do manejo sustentável de espécies da biodiversidade. Essas comunidades tradicionais mantêm os modos de vida de seus antepassados, preservando a maior parte de suas relações culturais como, ritos, festivais e religiões, cujos elementos tangíveis e intangíveis contribuem para a caracterização do sistema cultural e a relação de seu modo de vida com o ambiente natural (DOSSIÊ, 2019 p. 11)[306].

Também é o registro arqueológico do apoderamento humano sobre o território que através de tempos preserva sua importância histórica como elemento de ligação entre as capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (PARATY.RJ.GOV)[307]. Conheça o sítio misto:

> **Serra da Bocaina:** ali se pode percorrer parte do Caminho do Ouro, observar a rica biodiversidade e apreciar a vista da baía da Ilha Grande a partir da Pedra da Macela; **Parque Estadual da Ilha Grande:** encontra-se uma variedade de oficinas líticas, vestígios de indígenas pré-históricos, que usavam rochas para polir e afiar seus instrumentos de pedra; **Reserva Biológica da Praia do Sul:** tem sua paisagem marcada pela tradicional canoa caiçara e praias bem preservadas; **Área de Proteção Ambiental de Cairuçu:** tem como principais atrativos praias e ilhas, o Saco do Mamanguá, cultura caiçara quilombola e indígena, além do sítio histórico de Paraty-Mirim;
> **Centro Histórico de Paraty:** palco de muitos festejos tradicionais, como a Festa do Divino Espírito Santo; **Morro da Vila Velha:** onde fica o forte e Museu do Defensor Perpétuo. (http://portal.iphan.gov.br/)[308]

Embora haja essa tentativa de preservação, o entendimento de cultura hoje é mais profuso que só aquilo que compreendia segundo Canclini (2007), o "entretenimento dominical, atividade de ócio ou recreio espiritual para trabalhadores cansados". Ou, ainda,

---

[306] http://paraty.rj.gov.br/conteudo/downloads/paraty-patrimonio-da-humanidade/PARATY-CUL-BIO-POR.pdf. Acesso em: 31 jul. 2020.
[307] Fonte: http://www.paraty.rj.gov.br/paraty-patrimonio-mundial. Acesso em: 16 jul. 2020.
[308] Fonte: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5151/paraty-e-ilha-grande-rj-podem-se-tornar-o-proximo-patrimonio-mundial-brasileiro - Acesso em: 8 ago. 2023.

hipoteticamente, como pensa Hall (1997), "como a incorporação do 'melhor do que foi pensado e dito' em uma sociedade" ou, ainda, como "a soma de grandes ideias, como representadas nos clássicos trabalhos de literatura, pintura, música e filosofia – a 'alta cultura' de uma era". Em Paraty, muitas instituições, algumas não governamentais destinam suas agendas à cultura. Entre elas, há algumas que se destacam:

> o Instituto Histórico e Artístico de Paraty, mantenedor da Biblioteca Municipal, do Arquivo Histórico do município e da Pinacoteca Marino Gouveia, que exibe valioso e importante acervo de artes plásticas; a Associação Paraty Cultural, administradora da Casa da Cultura; a Associação Casa Azul, organizadora da Festa Literária Internacional de Paraty; o Grupo Contadores de História, proprietário do Teatro Espaço com espetáculos de teatro de bonecos; O Silo Cultural José Kleber e a Associação Nhandeva (MELLO, 2009, p. 7).

Pelo prisma de Chagas (2018, p. 34), ao tomar o Calendário de Eventos Turísticos e Culturais de Paraty como exemplo, "entendemos por cultura um conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização". Os seus costumes, a sua dança, a cachaça, a gastronomia típica, a fotografia, a ciranda caiçara, o teatro, a força de suas festas religiosas, a forma de falar e pensar... O seu artesanato (indígena, caiçara, quilombola...), enfim, todos os fazeres e saberes da comunidade paratiense. No entanto, lembrando o que afirma Bauman (2012, p. 43), a sociedade e a cultura, assim como a linguagem, mantêm sua distinção – sua "identidade"-, mas ela nunca é a "mesma" por muito tempo, ela permanece pela mudança. Articulando com o pensamento de Bauman (2012), destaco a ciranda caiçara, por exemplo, um dos patrimônios imateriais de Paraty, que ganhou uma releitura através de um grupo de músicos, filhos e netos de cirandeiros: a ciranda elétrica[309]. Em um momento que é vista por alguns apenas como apresentação folclórica a Ciranda Elétrica parece ter vindo criar um equilíbrio uma vez que a maioria das pessoas nas festas de junho e julho principalmente, gostam de dançar outros ritmos (SOUZA, 2008). Devido o que eu presenciei na Ilha do Araújo e no Centro Histórico, durante as festividades de São Pedro e São Paulo em 2022, acredito que a afirmação de Souza (2008), deva se referir a eventos que envolva mais o público externo "os de fora", como se referem alguns moradores.

Lamentavelmente, assim como acontece em incontáveis cidades brasileiras, alguns eventos culturais produzidos em Paraty têm padecido restrições no orçamento, por causa da carência de patrocinadores, comprometendo o orçamento de muitas famílias, que dependem apenas do turismo. É como aponta Rubim (2016) "determinadas manifestações culturais têm

[309] Fonte: https://www.facebook.com/ciranda.eletrica. Acesso em: 30 jul. 2020.

dificuldades de sobreviver apenas na lógica de mercado, então o Estado tem um papel fundamental com estas, de garantir a diversidade e pluralidade das manifestações culturais da sociedade". No caso de Paraty, mesmo em um formato reduzido, alguns eventos continuam acontecendo e tendo a atenção de um público bem específico.

A cidade patrimônio é "palco de eventos e de tradições da cultura popular", e como é possível constatar no Calendário de Eventos Turísticos e Culturais de Paraty (Tabela 2), todo mês a cidade "é marcada como um espaço de constante movimento".[310] Isso que no calendário municipal não constam alguns outros eventos culturais e religiosos praticados paralelamente pelas comunidades tradicionais [indígenas, caiçaras e quilombolas] que tanto acrescentam a sua diversidade cultural. No seu Calendário Turístico e Cultural percebe-se a pluralidade da cultura da cidade: nos eventos tradicionais, como a Festa do Divino e demais festas religiosas, Carnaval e Festival da Cachaça; FLIP, PEF, Bourbon Festival, Festival Varilux de Cinema, entre outros; e entrelaçados a estes:

> a tradição da ciranda caiçara, do artesanato, da culinária e da cachaça quanto os novos grupos musicais em todos os gêneros, os ateliês de arte contemporânea e a gastronomia reinterpretando receitas ancestrais com produtos locais da agricultura familiar (SECRETARIA DE CULTURA DE PARATY: 2010 – 2020).

Em uma segunda conversa [desta vez remoto, devido a pandemia de COVID-19] com Barbosa[311] [2020], diretor do IHAP (Instituto Histórico e Artísitico de Paraty), constatou-se que o Calendário Turístico e Cultural (Tabela 3) foi criado oficialmente em 2001, com o objetivo de desenvolver o turismo na região de Paraty, que depois dos três ciclos econômicos, do contrabando de negros africanos escravizados - outro fator que acaba ficando nas entrelinhas em alguns livros de história - e a libertação dos escravizados em 1888, a cidade ficara isolada por quase um século. E com a abertura da estrada Rio - Santos, a BR 101, em 1976, foram precisos novos ordenamentos em vários setores, pois iniciou-se no litoral fluminense um período de especulação imobiliária e paralelamente a isso o advento do turismo. No princípio a maior parte da iniciativa era por conta da Prefeitura e com contribuição da Associação Comercial e Industrial de Paraty (ACIP). Alguns planos para a expansão do turismo foram realizados, mas foi em meados de 2012, com o patrocínio do Mitur, que aconteceu um programa para afirmar Paraty como referência de turismo cultural. O objetivo era elaborar um plano com mais consistência e uma marca oficial para a cidade:

[310] Fonte: https://www.flip.org.br/pontos-de-interesse/. Acesso em: 28 jul. 2020.
[311] BARBOSA, Amaury. (Instituto Histórico e Artístico de Paraty). **Comunicação Remota.** Paraty, 2020.

PARATY, CULTURA EM VERDE E AZUL, autoria de Kico Farkas. Foi um ano de reuniões, seminários, que pela primeira vez reuniu o poder público, empresários e a sociedade civil. Desde então houve uma parceria, ainda que a desejar, do público e do privado [BARBOSA, 2020].

Tabela 3 – Calendário de Eventos Turísticos e Culturais de Paraty[312]

Janeiro	Folia de Reis Viva Verão - Apresentações Musicais
Fevereiro	SESC Verão Viva Verão - Apresentações Musicais Festa de Yemanjá Pré-Carnaval Festejos do Mar Carnaval 28 - Aniversário de Paraty
Março	Passeio Ciclístico Rio Sul Toca Raul Fest Juá Bossa Instrumental Paraty
Abril	Bossa Instrumental Paraty Semana Santa Encontro de Ceramistas de Paraty Mostra Maré Cheia de Cinema Bourbon Festival Paraty UB 515
Maio	Circuito Cervejeiro Encontro de Numismática de Paraty Meia Maratona de Paraty Festa do Divino Espírito Santo
Junho	Festa do Divino Espírito Santo Paraty Yoga Festival Circuito SESC Jazz & Blues Paraty Circuito de Festas Juninas Corpus Christi Festival do Camarão Mostra Dança e Arte Paraty Festa de São Pedro e São Paulo
Julho	Festa de São Pedro e São Paulo Encontro Internacional de Flautistas Swimrun Brasil Circuito de Festas Juninas Festa de Santa Rita Flip Preta Bourbon Festival Paraty [Jazz]
Agosto	Real MTB Oficina de Ideias & Marcha para Jesus Festival da Cachaça, Cultura e Sabores de Paraty Encontro Internacional de Aquarelistas de Paraty Festa de Nossa Senhora dos Remédios
Setembro	Paraty em Foco – Festival Internacional de Fotografia Festival de Banana e Produtos de Nossa Terra Paraty Brazil by UTMB Festival Aves de Paraty Encontro SESC Cinema de Animação
Outubro	Festival Gastrocriativo de Paraty Paraty Moto Brasil

[312] Alguns eventos aparecem em duas vezes por estarem no momento de transição dos respectivos meses ou por serem eventos sazonais.

	Travessia Serra do Mar Oktoberfest Paraty MIMO Festival Paraty
Novembro	Gastronômica do Mar Festa de São Benedito e N. S. do Rosário ÀWA - Festival SESC de Cultura Negra Encontro da Cultura Negra Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)
Dezembro	Remada Ecológica Paraty Trail Run Abertura Natal Luz e Música Celebração Dia da Bíblia Natal Reveillon

Tabela elaborada com base nas seguintes fontes:
Prefeitura Municipal de Paraty / Secretaria da Cultura e www.paraty.com.br[313]

Em campo, pode-se constatar que em 2018 e 2019 o investimento em projetos culturais por parte das instituições começou a decrescer. Nas observações feitas em festas e festivais, desde meados de 2017, grandes instituições que patrocinavam periodicamente um enorme número de eventos em todo o país, começaram a retrair sensivelmente essa modalidade de investimento. Embora questões políticas tenham influenciado para a eficácia das leis de incentivo à cultura, a situação se agravou nos últimos anos, o que pode ter influenciado na decisão das instituições de não investir em cultura como instrumento de comunicação com o seu público. Um exemplo, as estas dificuldades criadas pela imposição de restrições ao financiamento de atividades culturais em todo o país, e mesmo com a Prefeitura de Paraty mantendo o seu tradicional apoio, os organizadores do Mimo Festival informaram que, diante da falta de patrocinadores, foi necessário cancelar a edição de 2019. No referido ano, uma Festa Latina substituiu o MIMO no calendário cultural e nas praças do município (VAIPARATY.COM.BR)[314].

Entre os principais eventos de Paraty estão as festas católicas, uma tradição centenária, como a Semana Santa, a Festa do Divino Espírito Santo e Corpus Christi. No segmento da música: o Bourbon Festival, evento dedicado ao jazz, blues, soul e R&B, é organizado pela casa de jazz paulistana Bourbon Street Music Club. Geralmente nos meses de julho costuma acontecer possivelmente o evento mais famoso do calendário paratiense, a FLIP, reunindo relevantes escritores e intelectuais brasileiros e do exterior, que proporcionam discussões sobre literatura e outros temas, como teatro, cinema e ciência. No decorrer das edições, para

[313] Fonte: https://paraty.com.br/calendario-turistico-cultural-paraty-2023/. Acesso: 02 jul. 2023.
[314] Fonte: https://mimofestival.com/brasil/paraty/ e http://www.paraty.com.br/noticiasparaty.asp?id=9788. Acesso em: 25 jul. 2020.

contemplar as ações que relacionam literatura infanto juvenil, performance, debates, artes cênicas e visuais acabaram sendo agregados à programação produtos como: a "Flipinha, FlipZona e FlipMais"[315]. A FLIP que desde Julho de 2021, já era Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado do Rio de Janeiro, em novembro de 2022 foi reconhecida como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial de Paraty.

Em agosto, é o momento do Festival da Cachaça, uma das iguarias mais representativas de Paraty desde o século XVI e XVII, no final da era do ouro. Por meados de 1700, chegaram a funcionar no município mais de 100 alambiques de aguardente. A produção da cachaça artesanal paratiense era tão prestigiada que a palavra "paraty" era sinônimo de cachaça no tempo do Império. Hoje, apenas 6 estão em funcionamento, mantendo toda a sua produção de forma artesanal e abertos à visitação. Em 1982 aconteceu a primeira Festa da Pinga de Paraty. Atualmente, além dos alambiques[316] mais consagrados do território, o Festival da Cachaça, Cultura e Sabores de Paraty contém shows gratuitos e barracas com diversos pratos típicos da gastronomia local.

Desde 2013 acontece, nos meses de setembro, o Mimo Festival Paraty, festival de música, com inúmeros shows ocupando as igrejas, ruas e as praças da cidade. Todas as atividades são abertas ao público. Além dos shows musicais, a programação é composta por "filmes, *workshops*, palestras, exposições de arte e eventos de poesia"[317]. Em muitos eventos, as seis praças existentes nos limites do Centro Histórico, aprimoram o seu uso, servindo como espaços de autonomia, pontos de encontro de paratienses, guias e turistas, verdadeiras ante salas de entrada e saída, em contraponto as ruas internas que possuem um fluxo constante de pessoas e as ruas externas de veículos (SIPA, 2003).

> A praça de Santa Rita, pontuada pelo edifício da Casa da Cadeia (hoje IAHP) e pela Igreja de Santa Rita, é um local único na cidade e uma "imagem-postal" recorrente. [...] A Praça do Mercado, atual Praça da Bandeira, ou Praça do Porto, [...] com um dos seus lados aberto sobre o mar. É um importante espaço de circulação [de turistas]. A praça da Capelinha, onde se encontra a Igreja de Nossa Senhora das Dores [...] É das mais pequenas e abrindo sobre o mangue. A Praça do Chafariz constitui um espaço de reserva, antes da principal das duas entradas por via terrestre para o "Bairro Histórico", operando a transição desta zona com a cidade nova. Constitui um ponto de encontro e aqui se localizam alguns serviços de apoio ao turismo. [...] O Largo do Rosário é o segundo espaço público sem frentes ribeirinhas ou marítimas e tem a particularidade de se localizar nas traseiras da igreja homónima, facto invulgar no urbanismo colonial português. Uma justificação

[315] Fonte: https://www.flip.org.br/. Acesso em: 28 jul. 2020.
[316] O clima, o solo e a geografia de Paraty são ideais para o plantio de cana de açúcar. Isso transformou a cidade no maior centro produtor da bebida durante os períodos colonial e imperial. Em 1820, mais de 150 alambiques distribuídos pela região forneciam a bebida. Fonte: www.flip.org.br/pontos-de-interesse/. Acesso em: 28 jul. 2020.
[317] Fonte: https://mimofestival.com/brasil/mimo-festival/. Acesso em: 25 jul. 2020.

> possível pode residir na sua utilização por homens negros, não devendo estes reunir-se numa das principais ruas da cidade (Rua do Comércio), mas sim na retaguarda do edifício. (SIPA, 2003).

A Praça da Bandeira, que eu tanto fotografei em 1979, desde os séculos passados, vem sendo um importante espaço de circulação, uma vez que ali antigamente se encontram infraestruturas como o mercado de peixe e o porto marítimo, onde se registrou até o século XIX, uma intensa atividade comercial e hoje por ser uma área de manifestações artísticas, culturais, religiosas e de um acentuado trânsito de turismo. A praça da Capelinha, é o lugar preferido do grupo de Maracatu que existe na cidade para fazer os seus ensaios e guarda um cenário bucólico, afetivo quando os moradores da casa ao lado da capela colocam as suas cadeiras na rua para conversar, um costume dos antigos moradores em Paraty. E o recanto preferido dos amantes da fotografia e da natureza, para se contemplar o nascer do sol.

O PEF, tradicionalmente promovido em setembro, é um dos principais festivais internacionais de fotografia do país. O evento conta com debates, projeções, *workshops* e exposições em galerias e principalmente pelas praças e ruas da cidade, reunindo fotógrafos e artistas visuais do Brasil e do exterior. Por esta razão e por ter sido uma das razões que inspirou essa pesquisa em 2018, escrevi um capítulo de livro[318], sobre algumas edições do evento onde Mecarelli[319] [2020] enfatiza durante entrevista a importância para a grandeza de um evento cultural a necessidade – além dos apoios – de patrocinadores.

[318] Capítulo de Livro - "As paixões do italiano Mecarelli: fotografia e Paraty", foi publicado no livro eletrônico Arte, Multiculturalismo e Diversidade Cultural – Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista - https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/55428 - 2021.
[319] MECARELLI, Giancarlo. Entrevista concedida durante a pandemia de COVID-19 - Em: 2021.

APÊNDICE J - A PRIMEIRA PROCISSÃO

Paraty, 29 junho, dia do Santo. No meio da tarde estou de volta à vida caiçara da Ilha do Araújo, para documentar a Festa de São Pedro e São Paulo que vem acontecendo desde o ano de 1963, quando se ergueu a pequena igreja na Praia do Pontal da Ilha do Araújo, tendo por orago São Pedro e São Paulo (MAIA, 1976). Às 16h00, saio da pousada Tubarão e pela trilha que costeia a ilha e vou para a Praia do Pontal de onde saíra uma pequena procissão nas imediações da ilha só de canoas caiçaras, esta que teve a sua tradição recuperada nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia de COVID-19, o evento acontece de forma mais modesta, com os moradores da ilha resgatando esse antigo costume no dia dedicado aos santos, com a participação de muitos pescadores, alguns acompanhados de suas famílias em seus barcos ornamentados. Às16h30 começam a chegar os primeiros moradores na ponta do cais do Pontal. Logo em frente está o pai da Vivi Pereira. É o primeiro a aparecer com a sua canoa enfeitada, trazendo a imagem do São Pedro. O mestre Tã faz os últimos ajustes em sua canoa, estabilizando a imagem de São Paulo. Eder Costa, na margem da Praia do Pontal segura a Canoa e a mão de sua esposa, que está prestes a dar à luz, para que possa embarcar com segurança. Na medida em que outras famílias vão chegando, alguns, acompanhados de suas crianças, já vão alinhando as suas canoas no comando do festeiro. No trajeto da procissão, avançando no mar, mas com uma tranquila visibilidade tanto da ilha como do continente, ao som de cânticos, o padre Milton Fontoneli faz a benção dos anzóis e no final Celebração da Palavra e Ladainha.

Durante toda procissão, do alto do barco onde peguei uma carona, foi possível observar esse veículo do caiçara, a canoa, um equipamento precioso e venerado, essencial para a subsistência de inúmeras famílias na comunidade. Desde antigamente, esta que é um dos principais símbolos da cultura caiçara já era "construída artesanalmente do tronco de uma única árvore de guapuruvu, ingá amarelo ou tarumã", transformando-o manualmente em canoa, através de golpes de um machado grande e um enxó[320]. Na ilha tem o mestre Clóvis, que além da canoa, também faz "o puçá, um dos equipamentos mais caiçara que tem" [REMÉDIOS, 2022]. Um processo que leva em torno de 20 dias para ficar pronto. A canoa caiçara, a embarcação de um pau só, principal ferramenta do pescador, tornou-se um patrimônio cultural e devem existir uns nove mestres canoeiros vivos em Paraty. Desde o início do século XXI, o conceito de Patrimônio ampliou-se para a expressão Patrimônio

[320] Instrumento composto por um cabo curto e curvo uma chapa de aço cortante – Fonte: Santos Cardoso, Cecília Mónica (2019). *Entalhes com tradição - Marcenaria e ofícios similares em Gondomar, vol II* (PDF). Porto: Universidade do Porto. p. 109. 193 páginas – Acesso em: 28 jul. 2022.

Cultural, enfocando a criação humana das mais diversas ordens, emocional, intelectual e material, produções que proporcionem o entendimento do homem sobre ele mesmo e tudo ao seu entorno [COSTA, 2003].

O retorno para o cais do Pontal aconteceu às 17h45, os participantes se alinharam na ponta do cais, os pescadores/caiçaras assumiram a frente, ao lado das jovens que seguravam o estandarte e deu-se sequência ao cortejo, levando as imagens para o interior da Igreja, onde começaria a acontecer a missa. Os alimentos trazidos como oferendas pelos moradores são condicionados em um grande cesto de vime, para posteriormente serem ofertados às comunidades carentes. Um fato peculiar, no final da liturgia em homenagem aos Santos, foi a renovação dos votos de casamento de um casal da comunidade vizinha. A liturgia e a animação da festa ficou por conta da própria comunidade São Pedro e São Paulo da Ilha do Araújo.

Ilha do Araújo, 29 de junho de 2022 | A Primeira Procissão.










APÊNDICE K - A SEGUNDA PROCISSÃO

Ilha do Araújo, sábado, 2 de julho, às 18h45, alguns moradores chegavam à Igreja, e às 19h10 atracavam no cais os barcos com os vizinhos da comunidade da Praia Grande, pois eram eles que iriam conduzir a novena com a Celebração da Palavra e Ladainha desta última noite. As crianças brincavam frente ao templo. Era um momento de reencontro de amigos, parentes e de comunidades vizinhas. A imagem de Nossa Senhora estava do lado esquerdo de quem entra na igreja, ao lado de São Paulo, aquele que carrega a espada e São Pedro, a chave [me esclareceu Edinho, o festeiro]. As falas são divididas entre os membros de ambas as comunidades. Adultos, crianças, jovens, todos participam, seja nas leituras ou no momento de cantar. A noite avança e o coroinha menor boceja. Para não cochilar devido o cansaço e cair durante a liturgia, fico em pé do lado esquerdo da igreja, próximo uma janela. Do Restaurante da Rosa, sinto o cheiro de alho, antes os ruídos de uma panela que esteva sendo limpa. Mais distante, próximo do trapiche, risos e alegrias... No interior do Templo, o perdão, as palavras que lembram Paulo o soldado ferrenho, que de perseguidor tornou-se um protetor. No decorrer da liturgia uma homenagem ao mestre Zezinho, Praia Grande se vê como filha do mestre Zezinho e do Seu Edinho da Comunidade. Lá fora é hora de ciranda elétrica, deve haver em torno de umas trezentas pessoas. Não me demorei, devo ter acompanhado a alegria da ciranda por uns trinta minutos e depois na escuridão da noite segui a trilha que me conduziria até o outro lado da Ilha na Pousada Tubarão.

Na tradicional procissão marítima, a condução das imagens de São Pedro e São Paulo parte primeiro a pé da Igreja Matriz no Centro Histórico, rumo ao Cais e depois por mar até a Ilha do Araújo. Esse momento na verdade marca o dia final de uma intensa programação que iniciou na quinta-feira anterior com o Levantamento do Mastro em frente à Igreja, prosseguindo nas noites seguintes a novena com a Celebração da Palavra e Ladainha, conduzidas por outras comunidades.

Ilha do Araújo, domingo, 3 de julho, 08h30. Enquanto aguardava o café da manhã na pousada, aproveitei para fotografar na ponta do cais o barco Tainha que estava sendo decorado pela família e vizinhos. Nesse tempo, um rapaz se aproximou com sua mala pelo lado de fora da varanda do restaurante e começou a puxar conversa, mostrando-se bem chateado por terem cancelado por mensagem de *WhatsApp* um trabalho de jardinagem que havia sido contratado a fazer em uma residência de veraneio do outro lado da ilha e que já começado a fazer no dia anterior e que levaria mais dois dias. Ele desconhecia que hoje não teria o barco que diariamente faz a travessia, seguiu a minha recomendação e foi até o cais da

Praia do Pontal em busca de uma carona. Seguiu a trilha, carregando a sua pesada mala. Embora eu tenha acordado cedo e chegado na hora informada, perdi a carona no barco que conduziria alguns membros da comunidade para o Centro Histórico, pois resolveram sair mais cedo. Por sua vez, o referido rapaz, também. Tenso, pois não me passava pela minha mente, a possibilidade de não conseguir fotografar a procissão marítima depois de todo o investimento aplicado. Eram 09h20, quando retornamos para o outro cais, onde já estávamos, na expectativa de conseguir uma carona no barco Tainha. Me apresentei a esposa do condutor e ela prontamente agilizou o meu pedido de carona a ele, a qual foi aprovada. A decoração do barco e a animação dos envolvidos eram dignos de premiação. Quando em alto mar, aproximam-se outros barcos de tamanhos e estilos diversos, barcos de turismo, outros de pesca, quase todos decorados. E num deles estava o querido jovem Pedro, muito animado. Aproximando-se de Paraty é possível avistar aquela paisagem recorrente nos cartões postais, os casarios e as Igrejas nos limites Norte e Sul do Centro Histórico. Muitas outras embarcações enfeitadas aguardando na baía, desde escunas, lanchas, caiaques e canoas caiçaras. Aproveitei que o nosso barco resolveu atracar e acabei descendo e trocando, corri e arrisquei conquistar um lugar no barco que estava quase saindo e que carregaria as imagens dos dois Santos, o Padre Jairo e parte dos organizadores, além dos moradores e turistas que já estavam todos acomodados. Depois de ter corrido o risco de não fotografar nada da procissão marítima, estava eu ali, bem na proa do barco, literalmente segurando as imagens dos Santos. No trajeto da procissão, acredito que em dois terços do percurso acontece a Bênção dos Anzóis, missa feita em pleno mar, a Ladainha de São Pedro, o Hino dos pescadores, para se ter pesca o ano todo [REMÉDIOS, 2022]. A Raquele, menina caiçara que segurava os anzóis sobre uma almofada eu já conhecia da vila de pescadores e entrou também na minha lista de "fotos pedidas". Após, a benção, os anzóis são jogados ao mar. É um momento singular. Fiz amizade com o Seu Marcos, um caiçara que usava uma camiseta do Flamengo e que ajudou a embarcar e desembarcar as imagens dos Santos.

O apoio da Marinha e da Defesa Civil, no percurso e na chegada na Ilha do Araújo, foi fundamental. O início do cortejo em terra, contou com a presença do Prefeito Luciano de Oliveira Vidal, alguns Secretários e Vereadores. No interior da Igreja a missa, os cânticos, música... Lá fora, o grupo da Ciranda Elétrica afina os instrumentos. Após uma longa e fervorosa fala das autoridades locais, forma-se uma grande roda de ciranda e a festa começa. Como diz a tradição caiçara: "...primeiro a gratidão, a festa depois...".

Depois do almoço, com comidas típicas, muitas crianças brincam livres, rolam na grama, correm entre as barracas. Já são quase duas horas e a ciranda prossegue, não tem

classe social, cor, religião, a ciranda agrega todos os paratienses, paratianos, pescadores, caiçaras e os muitos “de fora” que vão chegando. E no cais é possível ver surgindo mais gente, grupos de escuna, famílias de balsas ou canoas caiçara. Tem aqueles que chegam e consomem o que é vendido no restaurante ou nas barracas, outros trazem o seu isopor ou a sua sacola com comida e bebida. Há também, os que vem de fora para aproveitar o movimento e o transporte gratuito para vender o seu artesanato na ilha. Esta tradicional procissão marítima, sinaliza o décimo dia de liturgia e animação, onde a cada noite uma comunidade vizinha participa assumindo a administração da Celebração da Palavra e Ladainha. Consta também na programação cultural do nono dia um intenso evento esportivo que começa desde o início da manhã, entre as atividades está a popular corrida de canoa caiçara.

Ilha do Araújo, 3 de julho de 2022 | A Segunda Procissão
















APÊNDICE L - DEPOIS DA SÉTIMA SAÍDA A CAMPO

Os retornos ao Sul, após cada saída, seja de ônibus ou avião, nem sempre foram uma viagem tranquila, eventualmente algum passageiro que se excedeu, em outra foi a natureza que não conseguiu contornar os abusos que o ser humano fez no meio ambiente e que acabou provocando desabamentos, acidentes graves e mortes . E aí no meio desses tristes eventos deparamo-nos, por exemplo, com o desabafo pelas redes sociais de membros da cidade vizinha de Paraty, de que, na visão de certos políticos "investir em prevenção e conservação de estradas não dá votos".

A questão da segurança ou a falta dela, não era uma das prioridades desta pesquisa, mas tornou-se tão recorrente, que apresentei alguns dados em meu ensaio "Entre as Metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo existe uma Villa chamada Paraty"[321] (Figuras 54 e 55). Desenvolvido em 2021 e publicado como capítulo de livro em 2022, onde narro o contexto da formação dos dois bairros mais sensíveis/vulneráveis e o movimento/trânsito dos seus respectivos moradores pelo olhar de outros autores. Ensaio, do qual transcrevo aqui, alguns parágrafos:

Assim como ocorreu nas últimas décadas do século XX, dentro das regiões metropolitanas, uma dispersão implodindo o urbano e "conformando novas configurações espaciais" (LENCIONI; TUNES; BARTHOLOMEU; BÓGUS, 2020)[322], aconteceu também nas pequenas cidades como Paraty. Com o reflexo da construção das novas estradas, dos primeiros títulos de tombamento e decretos ambientais, o novo período econômico está sendo responsável pelo processo de urbanização do município carioca, ocasionando perdas e ganhos para o meio ambiente e para as comunidades tradicionais. Um dos exemplos mais visíveis fica à esquerda do Centro Histórico, depois da pista do aeroporto, onde estão os bairros vizinhos Ilha das Cobras e Parque da Mangueira, os mais novos e populosos de Paraty. Neste resultado da organização social do território, uma ordem urbana onde, embora exista uma

[321] Capítulo de Livro: "ENTRE AS METRÓPOLES DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO EXISTE UMA VILLA CHAMADA PARATY" – Organizadores: Luciano Chinda Doarte; Felipe Augusto Tkac / GEPPC - Instituto Memória Editora – Curitiba / PR – 2022. (Artigo desenvolvido para a disciplina do Observatório das Metrópoles - AS METRÓPOLES E A ORDEM URBANA BRASILEIRA: os desafios do direito à cidade do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro). - https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/55428 - 2021.

[322] Alusivo à Aula N.3 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL – Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: A Megarregião Rio de Janeiro - São Paulo, com os Professores: Sandra Lencioni; Regina Helena Tunes; Matheus Cavalcanti Bartholomeu e Lúcia Maria Machado Bógus. Em 9 out. 2020.

proximidade territorial, é visível a distância social (RIBEIRO, 2021)[323]. Os dois bairros que foram criados na década de 1970, são o reflexo das novas estradas e também de decretos ambientais, que removeram algumas comunidades tradicionais de suas vilas e ilhas. Proibidos de praticarem as suas agriculturas de subsistência, muitos caiçaras venderam as suas terras e mudaram-se para a periferia de Paraty. E nas cidades brasileiras, metrópoles ou não, "a periferia geralmente tem cor" (HOLANDA, 2020)[324], sendo que em Paraty, com o seu novo período econômico, o direito à cidade também passou a ter cor e condição econômica. E neste ambiente urbano, a pista do aeroporto traça uma linha – nada imaginária – servindo de camuflagem ao fazer uma "organização social do território", onde as "desigualdades" e a "não inclusão" são omitidas aos olhos dos turistas (RIBEIRO, 2021).

Além do "problema grave de assoreamento", lembrado por Garcia e Dedecca (2012, p. 12) é preciso lembrar também que depois do ano de 2008, após a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) na metrópole do Rio de Janeiro, a dominação exercida por dois grupos organizados do narcotráfico atingiu os bairros Ilha das Cobras e o Parque da Mangueira, colocando o município no mapa da violência do Rio de Janeiro.[325] Mesmo com a influência dos campos de petróleo[326] no litoral fluminense e as cadeias produtivas por elas geradas no seu entorno[327], o turismo ainda é responsável em média por 70% da economia do município, mas além da esperança, trouxe a cidade, o choque cultural (no comportamento, na música, na moda...), e em cinco décadas a população triplicou, trazendo à Paraty: a grilagem, "a gentrificação, a periferização / o avanço da especulação imobiliária (Figura 53), o risco da degradação dos espaços verdes" (CLEMENTINO, RIBEIRO; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2020)[328] e na última década a violência (Figura 45 e 46).

---

[323] Alusivo à Aula N.14 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Direito à Cidade, Inflexão ultraliberal e Financeirização: outra ordem urbana?, com o Professor: Luiz Cesar Ribeiro. Em 8 jan. 2021.

[324] Alusivo à Aula N.7 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Mobilidade Urbana, Desigualdade e Direito à Cidade, com o Professor: Frederico Rosa Borges de Holanda. Em 6 nov. 2020.

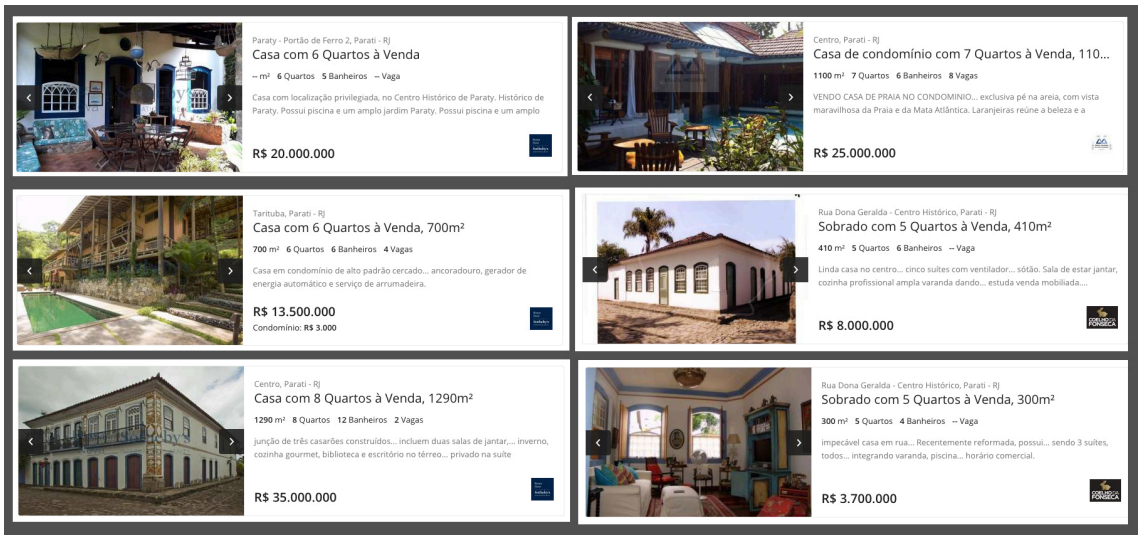
[325] Paraty, com seus [aproximados] 40.000 habitantes[325], aparece no Mapa da Violência 2015 como a segunda cidade mais violenta do Rio de Janeiro, atrás de Cabo Frio. Apesar de pequena, a cidade vive uma rixa entre grupos de traficantes de drogas instalados em seus dois bairros mais carentes e violentos – Ilha das Cobras [controlado pelo Comando Vermelho] e Mangueira [pelo Terceiro Comando] – que em grande parte justifica a violência expressa na taxa, este ano, de 43,9 óbitos por 100.000 habitantes. (MORAES, 2015, p. 11). [Grifo do autor].

[326] Fonte: http://www.petroleo.rj.gov.br/index.php/home-mainmenu-1/102-campos-quissama-e-parati-poderao-aumentar-a-arrecadacao-de-royalties-com-a-descoberta-da-repsol - Acesso em: 13 dez. 2020.

[327] Alusivo a Aula N.3 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: A Megarregião Rio de Janeiro - São Paulo, em 9 out. 2020.

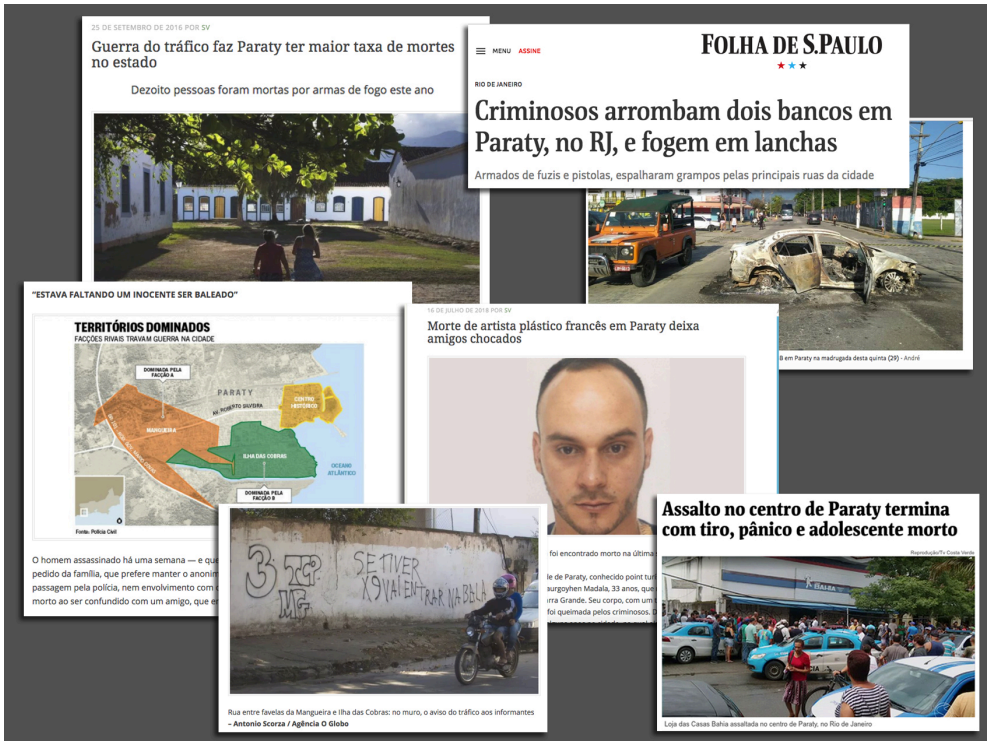
[328] Alusivo à Aula N.4 do Observatório das Metrópoles - IPPUR/UFRJ - DISCIPLINA COLABORATIVA E INSTITUCIONAL - Cidade, Cidadania e Política I e II. Tema: Economia Metropolitana e Desenvolvimento

Figura 53 – Paraty / Rio de Janeiro – Setor imobiliário.



Arte/composição: Fernando Pires – 2020

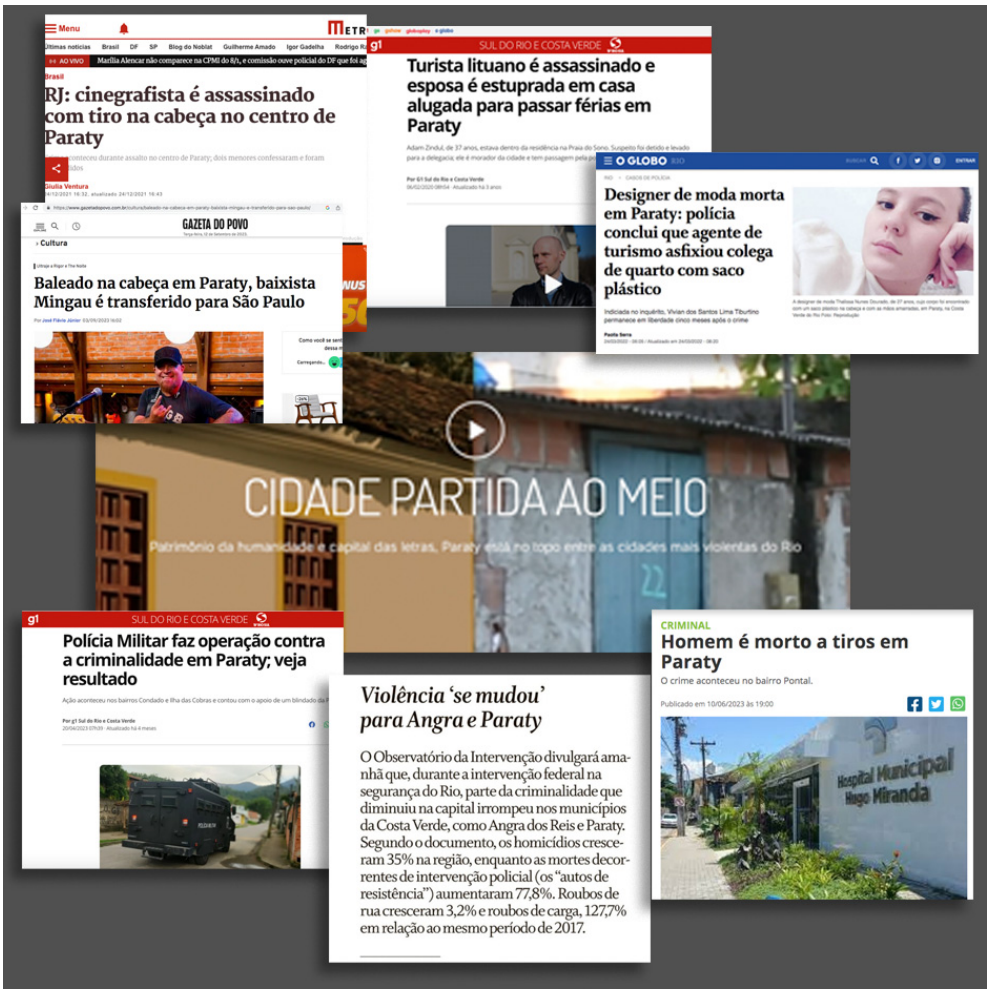
Figura 54 – Paraty / Rio de Janeiro – Segurança Pública



Arte/composição: Fernando Pires – 2020

Regional, com os Professores: Maria do Livramento Miranda Clementino; Marcelo Gomes Ribeiro; André Mourthé de Oliveira; Juliana Bacelar de Araújo. Em 16 out. 2020.

Figura 55 – Paraty / Rio de Janeiro – Segurança Pública



Arte/composição: Fernando Pires – 2022/2023

No período da última saída a campo, praticamente encerrando a coleta de dados, me deparo com a pesquisa de Corrêa (2021), onde a autora [também colaboradora] que trabalha com aquilo que o turista não vê, esclarece alguns pontos sobre os "de fora": sim, a xenofobia em Paraty existe, mas precisamos também analisar que no caso dos jovens das comunidades vulneráveis, por existir uma dificuldade de se qualificarem para empregos, que sejam além do turismo, ao concorrerem com os "de fora", geralmente perdem as oportunidades, por estes serem mais qualificados, e acabam ficando com os melhores cargos e remunerações. Então, pela análise de Corrêa [2023], é normal as comunidades mais sensíveis se fecharem para os "de fora" ou "forasteiros", como alguns moradores, inclusive políticos, costumam se referir aqueles que não são nascidos na cidade [reforçando a discriminação], pois estes, segundo a autora, geralmente são percebidos como risco iminente. É importante somar a esse panorama que Corrêa [2023] apresenta, todas as ameaças que os pais e os avós destes jovens sofreram,

quando tiveram que resistir em suas comunidades tradicionais, aos “de fora/forasteiros”, para não perderem as suas terras e a própria vida.

APÊNDICE M - ENTREVISTA 1

Com membros do Grupo do *Facebook*: Paraty Uma Foto Por Dia.

- O que representa / o que significa para o Maçom e para a Loja Maçônica saber da influência desta Instituição na construção da história de Paraty, como patrimônio material e imaterial?
- Quais são para você os indícios / símbolos maçônicos mais relevantes encontrados hoje no Centro Histórico de Paraty?
- O primeiro padroeiro de Paraty foi São Roque, um santo místico esotérico. Este fato tem alguma relação com a presença maçônica em Paraty no Século XVIII?
- Como é o relacionamento da Maçonaria com a Paraty do Séc. XXI?

APÊNDICE N - ENTREVISTA 2

Com os moradores paratienses e paratianos.

- Nome completo?
- Idade
- Natural de onde?
- Estado civil?
- Qual a sua Formação? E... Profissão?
- Porque optou morar em Paraty?
- Fale-me sobre trabalhar com o IHAP / Turismo...
- Dentro da paisagem de Paraty o que você considera que é cultura?
- O paratiense ou aquele que adotou a cidade
- Vamos conversar um pouquinho da trajetória de vida e familiar.
- Você passou a infância e a adolescência na sua cidade natal?
- Bom desde bebê viveu sempre aqui? Em algum momento saiu de Paraty?
- Fale-me dos seus pais... Eles nasceram em? Em que eles trabalhavam?
- Já fez bastante amizades por aqui?
- Bom você já falou da tua formação bacharel em turismo, né. Bom aqui sobre a questão de decisão, sobre como surgiu esse interesse pelo turismo.
- A tua dedicação assim em termos de horas semanais com a tua profissão?
- Relacionando agora um pouquinho assim do turismo e a questão da cultura. O que tu considera em Paraty assim o que que é cultura assim dentro desse contesto de Paraty assim para ti?
- Durante esse tempo que tu trabalha como guia assim, você vê o turista / o estrangeiro tu acha que ele pensa assim também ou eles não pensam nada?
- Quando você voltou para a tua cidade natal / você sentiu, uma vez que já estava acostumado com Paraty tu sentiu uma diferença cultural?
- E me fala assim um pouco voltando a questão do turismo e juntando agora a questão do turismo, o que que é turismo cultural para você?
- O que mais você faz?
- Uma última questão assim agora como é que tu vê assim a questão do turismo, do turismo cultural, com Paraty tendo ganho o tão esperado título da UNESCO?
- Não assusta esse volume de turistas na cidade assim?

APÊNDICE O - ENTREVISTA 3

Com os moradores do Bairro Caboclo antes do Ciclo do Turismo.

Olá! Tudo bem com você? Recentemente estive gravando uma entrevista com a Dona Flor para um artigo que estou escrevendo sobre o bairro Caboclo e preciso da sua ajuda para completar o contexto ... Então se você pudesse responder algumas questões ficaria muito agradecido:

- O que era o bairro Caboclo?
- Quem moravam no bairro Caboclo (Índios, Negros, Brancos, Caiçaras...)?
- Quantas famílias (+/-) moravam no bairro Caboclo? Quantas (+/-) casas haviam no bairro Caboclo?
- Como eram estas casas?
- Tinha Luz?
- Tinha Água?
- Como era o trabalho no bairro Caboclo / em que se trabalhava?
- Como era o lazer no bairro Caboclo / o que tinha (atividades) para se fazer no bairro Caboclo?
- Quais são as suas principais memórias sobre o bairro/território do bairro Caboclo?
- (Muito importante) Você lembra em que ano você e a sua família saíram do bairro Caboclo?
- (Muito importante) E por qual motivo saíram do bairro Caboclo?